

*Fulton J.
Sheen*

VIDA DE CRISTO





Título original: *Life of Christ*

Copyright © Espólio de Fulton J. Sheen/The Society for the Propagation of the Faith/www.missio.org

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela PETRA EDITORIAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

PETRA EDITORIAL

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Imagem de capa: NAYPONG/THINKSTOCK

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S545v Sheen, Fulton J., 1895-1979

2. ed. Vida de cristo [recurso eletrônico], volumes 1 e 2 / tradução Márcia Xavier de Brito ,
William Campos da Cruz. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Petra, 2018.
recurso digital

Tradução de: *Life of Christ*

Formato: ebook

Requisitos do sistema: Adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788582781500 (recurso eletrônico)

1. Jesus Cristo - Biografia. 2. Livros eletrônicos. I. Brito, Márcia Xavier de. II. Cruz,
William Campos da. III. Título.

18-52082

CDD: 232.9
CDU: 27-312

SUMÁRIO

Volume I

Prefácio à nova edição

Introdução à nova edição

Dedicatória

Prefácio

1. A única pessoa já preanunciada
2. O início da vida de Cristo
3. Três caminhos alternativos à Cruz
4. O Cordeiro de Deus
5. O início da “hora”
6. O templo do Seu corpo
7. Nicodemos, a serpente e a cruz
8. Salvador do mundo
9. O primeiro anúncio público de Sua morte
10. A escolha dos 12
11. As bem-aventuranças
12. O intruso que era uma mulher

13. O homem que perdeu a cabeça
14. O pão da vida
15. A recusa a ser um rei de pão
16. Pureza e propriedade
17. O testemunho do Senhor acerca de Si mesmo
18. Transfiguração
19. As três discussões
20. A tentativa de prisão durante a Festa dos Tabernáculos
21. Somente o inocente pode condenar
22. O bom pastor
23. O Filho do Homem
24. César ou Deus
25. Ainda não é chegada a hora
26. A flecha mais poderosa na aljava divina
27. Mais que um Mestre
28. Os pagãos e a Cruz

Volume II

29. A crescente oposição
30. A raposa e as galinhas
31. A ressurreição que prepara Sua morte
32. A mulher que pressentiu a morte do Senhor

33. A entrada em Jerusalém
34. A visita dos gregos
35. O filho do rei marcado para a morte
36. A Última Ceia
37. O servo dos servos
38. Judas
39. A despedida do amante divino
40. A oração do Senhor ao Pai
41. A agonia no jardim
42. O beijo peçonhento
43. O julgamento religioso
44. As negações de Pedro
45. O julgamento perante Pilatos
46. No rodapé da lista
47. O segundo julgamento perante Pilatos
48. A crucifixão
49. As sete palavras do alto da Cruz
50. Sete palavras à Cruz
51. O véu do templo se rasgou
52. A perfuração de Seu lado
53. Os amigos noturnos de Jesus
54. A ferida mais grave da terra — O túmulo vazio
55. As portas estão fechadas
56. Dedos, mãos e pregos

57. O amor como condição de autoridade

58. O mandato divino

59. A última aparição em Jerusalém

60. Penitência

61. A Ascensão

62. Cristo assume um novo corpo



*Fulton J.
Sheen*

VIDA DE CRISTO

Volume

·I·

TRADUÇÃO
*Márcia Xavier de Brito
William Campos
da Cruz*

petra

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

A reedição da obra clássica *Vida de Cristo*, do Arcebispo Sheen, traz de volta lembranças de sessenta anos atrás, quando as ruas de qualquer cidade ou vila católica ficavam absolutamente vazias aos domingos às duas da tarde. Quando criança, eu costumava olhar para fora a fim de ver se encontrava alguém, porque um silêncio sinistro caía sobre toda a comunidade. Todos estavam ouvindo o Arcebispo Sheen no rádio. Mais tarde, quando passou também para a televisão, tornou-se com certeza o pregador católico mais popular na história da Igreja americana. Ele também atacava implacavelmente o comunismo bolchevique e a psicanálise freudiana. Muitas pessoas na comunidade intelectual consideravam isso algo divertido, mas ambos os movimentos, poderosos desde então, foram para a lata de lixo da história.

As lindas meditações do Arcebispo Sheen a respeito da vida de Cristo, no entanto, estão recebendo uma nova edição. Por quê? Porque, embora não ignorasse a erudição bíblica contemporânea e, de fato, contasse com a orientação do conhecido acadêmico biblicista Monsenhor Myles Bourke, ainda assim não fez crítica bíblica. Ele deu vida à narrativa do Evangelho para o leitor individual. Eis a teologia bíblica popular em sua melhor forma.

Em seu livro recente, *Jesus de Nazaré*, o Papa Bento XVI proclamou um retorno à teologia bíblica e deu um exemplo poderoso disso em seus próprios escritos. A reedição de *Vida de Cristo* do Arcebispo Sheen é, portanto, extremamente oportuna. Parece-me precisamente este o tipo de escrito que o papa espera, a fim de restaurar a devoção a Cristo. O Santo Padre tem dito que, como resultado do uso exclusivo de certas formas de crítica bíblica, a figura de Jesus tem se tornado para muitas pessoas cada vez mais remota. Isso é uma tragédia. Ele identifica a “amizade íntima com Jesus” como o fundamento “do qual tudo depende” no cristianismo.

Pouquíssimas pessoas nos tempos modernos deram maior contribuição à vida católica ou incentivaram e lideraram o caminho rumo à amizade íntima com Jesus Cristo do que o Arcebispo Sheen.

Vida de Cristo, do Arcebispo Sheen, podia ser um volume para acompanhar *Jesus de Nazaré*, do Papa Bento XVI.

Padre Benedict J. Groeschel, C.F.R.

INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO

Sem dúvida, Jesus Cristo é a pessoa mais impressionante da história humana. Tão impressionante que o mundo ocidental tradicionalmente divide os séculos em dois períodos, tomando como base o ano de Seu nascimento: a.C. (antes de Cristo) e A.D. (*Anno Domini*, do latim “ano do Senhor”).

Por séculos, muitos escreveram biografias maravilhosas de Jesus, mas apenas algumas podem ser comparadas à do Arcebispo Fulton J. Sheen. Muitos abordam os escritos acerca de Jesus de maneira intelectual, tentando captar o conteúdo teológico e o significado de sua vida, e isso é bom. Outros a têm abordado com o desejo adicional de propagar esses ensinamentos, e isso é ainda melhor. Por fim, alguns têm abordado a vida de Cristo a fim de viver plenamente sua mensagem de salvação, e isso, sim, é o que há de melhor. Sem dúvida, o Arcebispo Sheen pertencia a este último grupo. Talvez não se possa dar melhor recomendação para defender o valor de um livro religioso do que mencionar aqueles que o leriam. O Missionário das Irmãs da Caridade me contou que Madre Teresa de Calcutá sempre tinha consigo uma cópia de *Vida de Cristo!*

Como o Arcebispo Sheen veio a escrever um livro tão maravilhoso que inspirou e enriqueceu a vida de tantos? Ele sem dúvida era um indivíduo muito talentoso. Sua capacidade intelectual era extraordinária, embora jamais tenha feito nenhuma tentativa de parecer erudito. Além disso, tendo doutorado em Teologia, foi o primeiro americano a obter o prestigioso grau de *agrégé* da Universidade de Louvain, na Bélgica. Saiu-se tão bem nos exaustivos exames que ofereceram um jantar em sua homenagem — nessa ocasião, algo digno de nota aconteceu. Se alguém tão somente passasse no exame de *agrégé*, servia-se água na refeição; se fosse um pouco melhor, servia-se cerveja; se a pessoa fosse muito bem, bebia-se vinho. A bebida escolhida na ceia de celebração do jovem Padre Sheen foi champanhe! Ele continuou a receber muitos outros prêmios

notáveis e títulos honoríficos ao longo de toda a vida, incluindo o importante prêmio Cardinal Mercier Prize for International Philosophy.

O arcebispo também tinha o dom para se comunicar com as pessoas. Outro grande evangelista americano, Billy Graham, chamou-o certa vez de “o grande comunicador”. Ele não só manteve por aproximadamente vinte anos uma atenta audiência de cerca de quatro milhões de pessoas com seu programa de rádio semanal, *The Catholic Hour* [A hora católica], mas alcançou um sucesso notável com sua série televisiva *Life is Worth Living* [A vida vale a pena]. Seu programa ao vivo durava meia hora e era intencionalmente colocado no mesmo horário do programa daquele que era chamado “Mr. Television”, Milton Berle. Aqueles que haviam convidado o Arcebispo Sheen para apresentar seu programa de televisão não podiam imaginar que ele se sairia tão bem contra Milton Berle. Todavia, em seis meses, naquela primeira meia hora, mais pessoas estavam assistindo ao programa do arcebispo do que ao de Milton Berle. O arcebispo enfim atingiu um público estimado de cerca de trinta milhões de espectadores. Ele chegou até mesmo a ganhar um Emmy, em 1952, como “a personalidade mais marcante da televisão”. Na cerimônia de premiação, muitos antes dele agradeciam a seus produtores, diretores e roteiristas. Quando recebeu o Emmy, o arcebispo observou espirituosamente: “Gostaria de agradecer aos meus roteiristas: Mateus, Marcos, Lucas e João!”.

Talvez a qualidade que torna *Vida de Cristo* do Arcebispo Sheen tão excepcional seja o fato de que ele era um homem com reputação de grande santidade. Uma coisa é compreender a vida e a mensagem de uma pessoa, outra é ser capaz de transmiti-la aos demais; porém, é extremamente significativo alguém conseguir viver essa mensagem, sobretudo com tanta notoriedade. Este é precisamente o motivo por que se tem promovido a ideia de uma possível santificação da vida do Arcebispo Sheen na Igreja Católica Romana. Os santos são homens e mulheres que imitaram Jesus Cristo e viveram a mensagem de Seu Evangelho em grau heroico. Os santos conseguiram conhecer o Evangelho desde dentro, por assim dizer, e não meramente como observadores externos.

Pessoas que leram *Vida de Cristo* ao longo dos anos com frequência comentam que há algo poderoso em suas palavras! Como uma semente enterrada no solo, as palavras acerca da vida e da mensagem de Jesus lançaram raízes em muitas mentes e corações, além de darem muitos frutos. Certa vez, o arcebispo disse às pessoas que o proclamavam um orador e escritor muito

talentoso que o verdadeiro poder de suas palavras e de sua atratividade vinha das horas de oração, especialmente diante de Jesus no Santíssimo Sacramento. Não há dúvida de que muitas pessoas ainda se inspiram quando leem e meditam os grandes *insights* que o arcebispo teve a respeito de quem é a pessoa de Jesus e de como Ele afeta nossas vidas.

Para concluir, gostaria de compartilhar um incidente que aconteceu já no fim da vida do Arcebispo Sheen. Em 3 de outubro de 1979, o Papa João Paulo II estava fazendo sua primeira visita aos Estados Unidos. Ele chegou a Nova York e foi recebido pelo Cardeal Terence Cooke, arcebispo de Nova York, que acompanhou o papa até a Catedral de St. Patrick. Quando o Santo Padre chegou ao santuário, parou e olhou ao redor. Então, voltou-se para o Cardeal Cooke e perguntou: “Onde está o Arcebispo Sheen?”. O cardeal teve de enviar seu secretário para encontrar o arcebispo, que estava voltando da *Mary Chapel*, nos fundos da catedral. O Santo Padre esperava imóvel. As pessoas se perguntavam o que estava acontecendo para causar o aparente atraso. Por fim, o Arcebispo Sheen surgiu. Quando as pessoas perceberam que o papa estivera esperando o arcebispo, levantaram-se e ovacionaram o Arcebispo Sheen por sete minutos. Afinal de contas, aqui estava o homem que tinha sido a voz da Igreja Católica nos Estados Unidos por cerca de trinta anos. O Papa João Paulo II se aproximou e abraçou o arcebispo, já bem debilitado pela idade e pela doença. O Santo Padre disse-lhe: “Você escreveu e falou bem do Senhor Jesus! Você tem sido um filho leal da Igreja”. Essas palavras poderosas certamente se aplicam ao livro *Vida de Cristo*, do Arcebispo Sheen.

Regozijo-me em ver que este verdadeiro clássico cristão, escrito por alguém que pode um dia vir a ser proclamado santo da Igreja Católica, seja reimpresso. Tenho certeza de que este livro trará recompensas a cada um que o ler. Como diria o arcebispo, DEUS AMA VOCÊ.

Padre Andrew Apostoli, C.F.R.
Vice-postulador, Causa da Canonização do Arcebispo Fulton J. Sheen.

*Dedicado
em afeição filial
a Maria,
três vezes autora.*

*Primeiro como a mãe que deu ao Filho do Deus Vivo um corpo
com o qual Ele tomou a culpa humana e retribuiu a morte com a
vida.*

*Depois, como autora dessas palavras acerca do Verbo, pois somente
nas horas sombrias, quando o sofrimento se misturou à tinta, ela
fez o escritor ver o Cristo e o crucifixo.*

*E, por fim, como autora com o Espírito de Cristo no coração de
cada leitor, atuando em cada página como a doce incendiária
daquele amor que nos é insuficiente em Todo o Amor.*

PREFÁCIO

Satanás pode se apresentar sob muitos disfarces, até semelhante a Cristo, e no fim do mundo aparecerá como benfeitor e filantropo — mas Satanás nunca apareceu nem nunca aparecerá com cicatrizes. Somente o amor celestial pode mostrar as marcas da maior dádiva de amor numa noite para sempre no passado. Na verdade, há apenas duas filosofias de vida: uma é primeiro o banquete, depois a dor de cabeça; a outra é primeiro o jejum, depois o banquete. Prazeres adiados embalados pelo sacrifício sempre são mais doces e duradouros. Os antigos ensinavam que qualquer prosperidade ou sucesso desfrutado sem sofrimento desagrada aos deuses. Lucrécio fala de um rei egípcio que abdicou da relação com o amigo Polícrates, o tirano de Samos, porque sua prosperidade não tinha defeito algum, “algo de amargo que brota em meio a uma fonte de doçura”.

O cristianismo, diferentemente de todas as demais religiões do mundo, começa com catástrofe e derrota. Religiões alegres e inspirações psicológicas entram em colapso e definham na adversidade. A vida do fundador do cristianismo, no entanto, tendo começado com a cruz, termina com o sepulcro vazio e a vitória.

A vida de Cristo difere de todas as outras vidas em muitos aspectos, três dos quais podem ser mencionados:

1. A cruz estava no fim de sua vida no tempo, mas no início, na intenção e no propósito de sua vinda. Assim, Seus biógrafos, que foram martirizados no testemunho da verdade que escreveram, dedicaram um terço dos três primeiros Evangelhos e um quarto do quarto Evangelho aos eventos de Sua Paixão e Ressurreição.

2. Assim como o homem não provém inteiramente da natureza, pois o homem com sua mente tem um quê misterioso que não está contido em seus antecedentes químicos e biológicos, assim também Cristo não provém inteiramente da humanidade.

3. Seu legado não foi uma ética ou uma coleção de preceitos morais, nem tampouco um despertar para o pecado social porque os homens não ouviriam sobre o pecado pessoal; foi o confronto da culpa humana com o amor perdoador de Deus. E, para Deus, custou algo.

Odiar o pecado, amar pecadores; condenar o comunismo, amar os comunistas; rejeitar a heresia e amar os heréticos; receber os errados de volta no tesouro de Seu coração, mas jamais o erro no tesouro de Sua sabedoria; perdoar pecadores a quem a sociedade já condenou, mas ser intolerante com aqueles que pecaram e não foram descobertos; Ele reservou suas explosões mais acerbadas para aqueles que eram pecadores e negavam o pecado, que eram culpados e diziam ter apenas um complexo. Então, aquele que chora em silêncio na presença do pranto humano e de um sepulcro aberto deu passagem a explosões irrestritas de luto, conforme Ele contemplava a morte e a derrocada daqueles que têm um câncer moral e se recusam a usar o remédio que Ele comprou com um preço mais alto do que o sangue de touros e bodes.

O mundo moderno nega a culpa pessoal e admite apenas crimes sociais, não há lugar para o arrependimento pessoal, mas apenas para reformas públicas, Cristo foi separado de Sua cruz; o noivo e a noiva foram apartados. O que Deus uniu, os homens separaram. Como resultado, à esquerda está a cruz; à direita, o Cristo. Cada um tem esperado novos parceiros que os tomará num tipo de segunda união adúltera. Surge o comunismo e toma a cruz sem significado; a civilização ocidental pós-cristã escolhe o Cristo incólume.

O comunismo escolheu a cruz no sentido de que trouxe de volta a um mundo egoísta um senso de disciplina, abnegação, rendição, trabalho duro, estudo e dedicação a objetivos supraindividuais. Mas a cruz sem Cristo é sacrifício sem amor. Consequentemente, o comunismo produziu uma sociedade autoritária, cruel, opressora da liberdade humana, repleta de campos de concentração, pelotões de extermínio e lavagens cerebrais.

A civilização ocidental pós-cristã tomou o Cristo sem a cruz. Mas um Cristo sem um sacrifício que reconcilia o mundo com Deus é um pregador itinerante barato, feminizado, sem cor, que merece ser popular por Seu grande Sermão da Montanha, mas também merece a impopularidade pelo que disse sobre sua divindade, de um lado, e sobre divórcio, juízo e inferno do outro. Este Cristo sentimental é um mosaico de milhares de lugares-comuns, sustentados às vezes por etimologistas acadêmicos incapazes de ver a Palavra pelas letras, ou distorcido além do reconhecimento pessoal por um princípio dogmático de que algo que é Divino deve necessariamente ser um mito. Sem cruz, Ele não se torna nada senão um precursor provocante da democracia ou um humanista que ensinava a fraternidade sem lágrimas.

O problema agora é: será que a cruz, que o comunismo tomou em suas mãos, encontrará o Cristo antes que o Cristo sentimental do mundo ocidental encontre a cruz? É nossa convicção que a Rússia encontrará o Cristo antes que o mundo ocidental reúna Cristo com sua cruz redentora.

Para aqueles que procuram uma vida de Cristo estritamente cronológica num cenário geográfico, recomendamos a de Giuseppe Ricciotti, *The Life of Christ* (Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1954), como a melhor. Em nossa obra não há preocupação com a crítica bíblica, em parte porque esta já foi tratada adequadamente por Ricciotti, Grandmaison, Lagrange e outros, e porque nenhuma teoria crítica perdura muito mais que uma geração. Um Bauer dá passagem a um Strauss; um Strauss a um Wellhausen; um Wellhausen a um Harnack e a um Renan; ambos a um Schweitzer e um Loisy. Quando estas últimas teorias perderam o apoio popular, vieram Schimdt, Bultmann, Albertz, Betram e outros. Os leitores que acompanharam as refutações críticas e científicas de Bultmann feitas por Leopoldy Malevez, René Marlé e outros, sabem que elas já estão perdendo apoio popular entre os eruditos bíblicos. No entanto, embora o autor de uma Vida de Cristo não mencione nenhum dos escritores ou teorias acima, conhecê-los é um pré-requisito da escrita. Nenhuma forma de crítica, mesmo a de um Strauss, deixa de aprofundar o conhecimento daqueles que devem primeiro conhecer os Evangelhos técnica e criticamente antes que possam dar um tratamento adequado à Vida de Cristo.

Das muitas traduções das escrituras, escolhemos a tradução Knox como a melhor, usando a versão Rheims Douay em bem poucos trechos. Burns & Washbourne, Ltd., e Sheed e Ward, Inc., prontamente permitiram o uso da tradução Knox.

Os erros do autor multiplicar-se-iam sem a assistência editorial tão fraternalmente oferecida pelo Reverendíssimo Monsenhor Edward T. O'Meara, D.D., e pelo Reverendo Joseph Havey.

O acadêmico e erudito bíblico Reverendo Myles Bourke fez a leitura final do manuscrito, salvando o autor do constrangimento de alguns erros, e o leitor do problema de corrigi-los.

Agradecemos também ao Reverendo Herman D'Souza por sua ajuda na correção das provas.

Vida de Cristo levou muitos anos para ser escrito. Mas a compreensão profunda da unidade de Cristo e sua cruz veio quando Cristo manteve o autor bem perto de sua cruz, nas horas escuras e dolorosas. O conhecimento vem dos livros; da penetração de um mistério, do sofrimento. Espera-se que a doce intimidade com o Cristo crucificado, que trouxe o juízo, irrompa dessas páginas, dando ao leitor aquela paz que só Deus pode trazer às almas e as ilumine para ver que todo pranto é, na verdade, a “sombra de Sua mão carinhosamente estendida”.

A ÚNICA PESSOA JÁ PREANUNCIADA

A história está repleta de homens que alegaram ter vindo de Deus, ou que eram deuses ou que portavam mensagens divinas — Buda, Maomé, Confúcio, Cristo, Lao-Tsé e milhares de outros até a pessoa que, hoje mesmo, fundou uma nova religião. Cada um deles tem o direito de ser ouvido e levado em consideração. No entanto, como é necessário um parâmetro externo e fora daquilo que está sendo mensurado, alguns testes permanentes devem estar disponíveis para todos os homens, de todas as civilizações e em todas as épocas, pelos quais se possa decidir se algum desses requerentes, ou todos eles, tem fundamento no que alegam. Esses testes são de dois tipos: *razão* e *história*. Razão porque todos a têm, mesmo os que não têm fé; história, porque todos nela vivem e devem saber algo a seu respeito.

A razão prescreve que, se algum desses homens verdadeiramente veio de Deus, o mínimo que Deus poderia fazer para amparar essa alegação seria preanunciar sua vinda. Os fabricantes de automóvel anunciam aos consumidores quando chegará um novo modelo. Se Deus enviou alguém de sua parte, ou se Ele Próprio veio com uma mensagem de importância vital para todos os homens, pareceria razoável que, primeiro, Ele deixasse os homens saber quando o seu mensageiro viria, onde nasceria e onde viveria, que doutrina ensinaria, que inimigos faria, que programa adotaria para o futuro e de que maneira morreria. À medida que o mensageiro se conformasse a esses anúncios, poderíamos julgar a validade de sua alegação.

A razão também nos assegura que, se Deus não fez isso, então, nada impediria que qualquer impostor aparecesse na história e dissesse: “Venho de Deus” ou “Um anjo apareceu para mim no deserto e deixou-me esta mensagem”. Em casos como esse, não existiria um modo objetivo, histórico, de

testar o mensageiro. Para isso, haveria apenas a sua palavra e, é claro, ele poderia estar errado.

Se um visitante de um país estrangeiro chegasse a Washington e dissesse ser diplomata, o governo pedir-lhe-ia o passaporte e outros documentos que atestassem que ele representava determinado governo. Os documentos precisariam ter data anterior à sua chegada. Se tais provas de identificação são pedidas a representantes de outros países, a razão certamente deverá exigi-las de mensageiros que alegam ter vindo de Deus. Para cada motivo do requerente, a razão pergunta: “Que registro havia antes de seu nascimento de que você viria?”.

Com esse teste podemos avaliar os requerentes. (E, nesse estágio preliminar, Cristo não é maior que os outros.) Sócrates não teve ninguém para predizer-lhe o nascimento. Ninguém preanunciou Buda e sua mensagem ou disse o dia em que se sentaria debaixo da árvore. Confúcio não teve registrado o nome da mãe e o local de nascimento, nem isso fora dado aos homens séculos antes que ele aparecesse, de modo que, quando surgisse, os homens soubessem que era um mensageiro de Deus. Entretanto, com Cristo foi diferente. Por conta das profecias do Antigo Testamento, Sua vinda era esperada. Não existiam profecias a respeito de Buda, Confúcio, Lao-Tsé, Maomé ou qualquer outro; mas existiam profecias a respeito de Cristo. Os outros simplesmente vieram e disseram: “Eis-me aqui, acreditem em mim”. Eram, portanto, apenas homens entre homens, e não o divino no humano. Só Cristo cruzou essa linha, ao dizer: “Buscai os escritos do povo judeu e a história narrada pelos babilônios, persas, gregos e romanos”. (Por ora, os escritos pagãos e até o Antigo Testamento podem ser considerados apenas como documentos históricos, não como obras inspiradas.)

É verdade que as profecias do Antigo Testamento podem ser mais bem compreendidas à luz de seu cumprimento. A linguagem da profecia não tem a exatidão da matemática. Ainda assim, se examinarmos cuidadosamente as várias correntes messiânicas no Antigo Testamento e compararmos o quadro resultante com a vida e a obra de Cristo, podemos duvidar de que as antigas profecias apontam para Jesus e para o Reino que ele instituiu? A promessa de Deus aos patriarcas de que por intermédio deles as nações da terra seriam abençoadas; a profecia de que a tribo de Judá seria a maior entre as outras tribos hebraicas até a vinda daquele a quem todas as nações obedeceriam; o fato estranho, mas inegável, de que na Bíblia dos judeus de Alexandria, a

Septuaginta, encontramos profetizado de maneira clara o nascimento *virginal* do Messias; a profecia de Isaías 53 a respeito do sofredor paciente, o Servo do Senhor, que entregaria sua vida como oferta expiatória pelas ofensas do povo; as perspectivas do Reino glorioso, eterno, da casa de Davi — em quem, senão em Cristo, essas profecias são cumpridas? Do ponto de vista estritamente histórico, há uma singularidade que põe o Cristo à parte dos fundadores de todas as outras religiões. E, uma vez que o cumprimento dessas profecias ocorreu historicamente na pessoa do Cristo, não só cessaram todas as profecias em Israel, mas houve a suspensão dos sacrifícios quando o verdadeiro Cordeiro Pascal foi imolado.

Voltemos ao testemunho pagão. Tácito, ao falar para os antigos romanos, disse: “As pessoas, em geral, são convencidas pela fé nas antigas profecias de que o Oriente deve triunfar e que da Judeia há de vir o Mestre e o Senhor do mundo”. Suetônio, no relato sobre a vida de Vespasiano, descreve, da seguinte maneira, a tradição romana: “Era crença antiga e invariável em todo o Oriente que, por profecias indubitavelmente acertadas, os judeus fossem alcançar o poder supremo”.

A China tinha a mesma expectativa, mas, por estar do outro lado do mundo, acreditava que o grande Homem Sábio nasceria no *Ocidente*. Os *Anais do Império Celestial* apresentam a seguinte afirmação:

No vigésimo quarto ano de Zhou-Wang, da dinastia de Zhou, no oitavo dia da quarta lua, apareceu no Sudoeste uma luz que iluminou o palácio do rei. O monarca, atingido por seu esplendor, interrogou os sábios. Apresentaram-lhe livros em que esse prodígio significava o aparecimento de um grande Santo do Ocidente, cuja religião seria introduzida em seu país.

Os gregos O esperavam, pois Ésquilo, em seu *Prometeu*, seis séculos antes da Sua vinda, escreveu: “Não tentes de modo algum dissuadir-te desta maldição até que Deus surja, para aceitar sobre a própria cabeça o suplício de teus pecados”.

Como os magos do Oriente sabiam a respeito de sua vinda? Provavelmente, por conta das muitas profecias que circulavam pelo mundo dos

judeus, bem como pela profecia feita para os gentios por Daniel, séculos antes de Seu nascimento.

Cícero, depois de relatar os dizeres dos oráculos antigos e das sibilas sobre um “rei a quem devemos reconhecer para sermos salvos”, perguntou, com esperança: “A que homem e a qual período temporal essas profecias se referem?”. A quarta écloga de Virgílio relatou a mesma tradição ancestral e falava de uma mulher casta, sorrindo para seu menino infante, que poria fim à era do ferro.¹

Suetônio citou um autor contemporâneo a fim de demonstrar que os romanos tinham grande temor do rei que governaria o mundo, de modo que ordenaram que todas as crianças nascidas naquele ano fossem mortas — uma ordem que não foi cumprida, exceto por Herodes.

Não só os judeus esperavam o nascimento de um Grande Rei, um Homem Sábio e um Salvador, mas Platão e Sócrates também falavam de um Logos e de um Sábio Universal “ainda por vir”. Confúcio mencionava “o Santo”; as sibilas, “um Rei Universal”; o dramaturgo grego, um salvador e redentor para libertar o homem da “maldição primordial”. Todos esses estavam no lado gentílico da expectativa. O que põe o Cristo à parte de todos os homens é que, em primeiro lugar, Ele era esperado; mesmo os gentios ansiavam por um libertador ou um redentor. Só este fato O distingue de todos os outros líderes religiosos.

Uma segunda distinção é que, uma vez surgido, Ele afetou a história com tamanho impacto que a dividiu em dois períodos: um antes e outro depois de Sua vinda. Buda não fez isso, nem tampouco nenhum outro grande filósofo indiano. Mesmo aqueles que negam Deus devem datar seus ataques a Ele com A. D. ou algo assim muitos anos após sua vinda.

Um terceiro fato que O aparta de todos os outros é este: *qualquer outra pessoa que já veio a este mundo veio para viver. Ele veio para morrer*. A morte foi a pedra de tropeço de Sócrates — interrompeu seu magistério. Entretanto, para Cristo, a morte era a meta e o cumprimento de sua vida, o ouro que buscava. Poucas de suas palavras ou ações são inteligíveis sem referência à cruz. Apresentou-Se como salvador e não simplesmente como Mestre. Não significava nada ensinar os homens a serem bons, a menos que também lhes desse o poder de serem bons, após resgatá-los da desilusão da culpa.

A história de toda vida humana começa com o nascimento e termina com a morte. Na Pessoa de Cristo, contudo, *a morte veio primeiro e a vida, por*

último. A Escritura descreve-o como “o cordeiro imolado desde a fundação do mundo” (Apocalipse 13,8). Foi imolado intencionalmente pelo primeiro pecado e revolta contra Deus. Não tanto que Seu nascimento tenha lançado sombra em Sua vida e, deste modo, o levado à morte; ao contrário, em primeiro lugar estava a cruz e, esta, de trás, lançou sombra até o nascimento. Foi a única vida no mundo vivida de trás para a frente. Como a flor na parede fendida fala do poeta da natureza, e como o átomo é a miniatura do sistema solar, da mesma maneira, Seu nascimento fala do mistério do patíbulo. Foi do sabido ao conhecido, da razão de sua vinda manifestada no nome de “Jesus” ou “Salvador” até o cumprimento de sua vinda, a saber, até a morte na cruz.

João nos dá Sua pré-história eterna; Mateus, Sua pré-história temporal por intermédio da genealogia. É muito significativo que tantos de Seus ancestrais temporais estivessem relacionados a pecadores e estrangeiros! Essas máculas no brasão de sua linhagem humana sugerem o compadecimento da Aliança para com os pecadores e para aqueles alheios a ela. Ambos esses aspectos de Sua compaixão seriam, posteriormente, lançados contra Ele como acusações: “amigo de pecadores”, “é um samaritano”. A sombra de um passado maculado, todavia, prediz o futuro amor pelos que trazem a mácula. Nascido de uma mulher, era um homem e podia ser um com toda a humanidade; nascido de uma virgem, que foi coberta pelo Espírito Santo e “cheia de graça”, também estava fora daquela corrente de pecado que infectou todos os homens.

Nota

1 | Na tradução para o português do texto latino: “*Casta Lucina, assiste ao recém-nado,/ sob quem no mundo a férrea gente acaba*”. VIRGÍLIO, *Bucólicas*, Polion, IV Écloga. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Unicamp, 2008, v. 9-10, p. 87. (N. T.)

O INÍCIO DA VIDA DE CRISTO

Um quarto fato distintivo é que Ele não se adequa, como outros mestres mundiais, à categoria estabelecida de *homem bom*. Homens bons não mentem. Mas, se Cristo não era de maneira alguma quem disse que era, isto é, o Filho do Deus vivo, o Verbo de Deus encarnado, então não podia ser “só um homem bom”; era um patife, um mentiroso, um charlatão e o maior enganador que já viveu. Se não era quem disse que era, o Cristo, o Filho de Deus, então era o anticristo! Se era apenas um homem, então não era um homem “bom”.

No entanto, ele não era só um homem. Ele nos teria feito adorá-Lo ou desprezá-Lo — desprezá-Lo como um homem comum ou adorá-Lo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta é a alternativa que Ele apresenta. Pode acontecer de os comunistas, que são tão anticristãos, estarem mais próximos Dele do que aqueles que O veem como um sentimentalista e um vago reformador moral. Os comunistas ao menos concluíram que, se Ele ganha, eles perdem; os outros têm medo de considerá-Lo vencedor ou perdedor, porque não estão prontos para cumprir as exigências morais que esta vitória imporia a suas almas.

Se é o que alegava ser, um salvador, um redentor, temos então um Cristo viril e um líder digno de seguir nestes tempos terríveis; Aquele que entrará na brecha da morte, do pecado devastador, da tristeza e do desespero; um líder por quem podemos nos sacrificar por inteiro sem perder, mas ganhando a liberdade, a quem podemos amar até a morte. Precisamos de um Cristo hoje que crie laços e expulse compradores e vendedores de nossos novos templos; que amaldiçoe a figueira infrutífera; que fale de cruces e sacrifícios e cuja voz seja como a de um mar tempestuoso. Ele não nos permitirá escolher entre Suas palavras, descartando as mais difíceis e aceitando as que agradam nossa

imaginação. Precisamos de um Cristo que restaure a indignação moral, que nos faça odiar o mal com intensidade apaixonada e amar o bem a ponto de sorver a morte como água.

A ANUNCIAÇÃO

Todas as civilizações têm a tradição de uma era de ouro no passado. Um registro judaico mais preciso fala da saída de um estado de inocência e felicidade por meio de uma mulher que tentou um homem. Se uma mulher desempenhou este papel na queda da humanidade, ela não deveria também desempenhar um papel importante em sua restauração? E, se havia um Paraíso perdido em que as primeiras núpcias do homem e da mulher foram celebradas, não poderia haver um novo Paraíso em que as núpcias de Deus e do homem seriam celebradas?

Na plenitude do tempo, um anjo de luz desceu do grande trono de luz a uma virgem prostrada em oração para perguntar-lhe se estava disposta a dar a Deus uma natureza humana. A resposta dela foi que “não conhecia homem algum” e que, portanto, não podia ser a mãe do “Esperado das Nações”.

Jamais pode haver nascimento sem amor. Neste ponto, a virgem estava certa. A geração de uma nova vida requer o fogo do amor. Mas, além da paixão humana que gera vida, há a “paixão impassível e a tranquilidade frenética”² do Espírito Santo; e foi isso que cobriu a mulher e gerou nela o Emanuel ou “Deus conosco”. No momento em que Maria pronuncia o *Fiat*, ou “faça-se”, aconteceu algo maior que o *Fiat lux* (haja luz) da criação; pois a luz que agora se fazia não era o sol, mas o Filho de Deus em carne. Ao pronunciar o *Fiat*, Maria aceitou a plenitude da feminilidade, isto é, ser a portadora do dom de Deus para a humanidade. Há uma receptividade passiva em que a mulher diz *Fiat* ao cosmos, enquanto compartilha seu ritmo; *Fiat* ao amor de um homem, enquanto o recebe; e o *Fiat* a Deus, enquanto recebe o Espírito.

Nem sempre as crianças vêm ao mundo como resultado de um inconfundível ato de amor entre um homem e uma mulher. Embora o amor entre os dois seja desejado, o fruto do amor — a criança — não é desejado da mesma maneira que o amor de um pelo outro. Há um elemento indeterminado no amor humano. Os pais não sabem se o filho será menino ou menina, nem o momento exato de seu nascimento, pois a concepção se perde

em alguma noite de amor desconhecida. Os filhos mais tarde são aceitos e amados pelos pais, mas nunca diretamente gerados pela vontade deles. Na Anunciação, contudo, o Filho não foi aceito de nenhum modo imprevisto; o *Filho foi desejado*. Houve colaboração entre uma mulher e o Espírito do Amor Divino. O consentimento foi voluntário sob o *Fiat*; a cooperação física foi livremente oferecida pela mesma palavra. Outras mães se tornaram conscientes da maternidade por meio das mudanças físicas por que passaram; Maria se tornou consciente por meio de uma mudança espiritual realizada pelo Espírito Santo. Ela provavelmente recebeu um êxtase espiritual muito maior do que o que foi dado a qualquer homem ou mulher em seu ato de amor unificante.

Assim como a queda foi um ato livre, também a Redenção havia de ser livre. O que se chama de Anunciação era, na verdade, Deus pedindo o livre consentimento de uma criatura para ajudá-lo a se incorporar na humanidade.

Suponha que um músico de uma orquestra toque deliberadamente uma nota errada. O maestro é competente, a música tem a partitura correta e é fácil de tocar, mas o músico ainda exerce sua liberdade ao introduzir uma dissonância que de imediato se propaga no espaço. O regente tem duas opções: ordenar que a seleção seja tocada outra vez ou ignorar a dissonância. Em essência, não importa o que faça, pois aquela nota falsa está se propagando no espaço a uma frequência de mais de mil hertz; e, quanto mais durar, mais haverá dissonância no universo.

Há um modo de restaurar a harmonia no mundo? Só se pode fazer isso vindo da eternidade e parando a nota em seu voo frenético. Mas ainda será uma nota falsa? A desarmonia só pode ser destruída com uma condição. Se aquela nota tornar-se a primeira nota de uma nova melodia, então ela se tornará harmoniosa.

Foi exatamente o que aconteceu quando Cristo nasceu. Uma nota falsa de dissonância moral introduzida pelo primeiro homem infectou toda a humanidade. Deus podia tê-la ignorado, mas, para ele, fazer isso teria sido uma violação da justiça, o que, evidentemente, é impensável. O que ele fez, portanto, foi pedir que a mulher, representante da humanidade, livremente lhe desse uma natureza humana com a qual Ele começaria uma nova humanidade. Assim como houve uma velha humanidade em Adão, também haveria uma nova humanidade em Cristo, que era Deus feito homem por meio da livre ação de uma mãe humana. Quando o anjo apareceu a Maria, Deus estava anunciando seu amor por toda a nova humanidade. Era o início de uma nova

terra, e Maria tornou-se um “Paraíso cercado de carne a ser cultivado pelo novo Adão”. Assim como no primeiro jardim Eva trouxe a destruição, também no jardim de seu ventre Maria traria a redenção.

Nos nove meses que Ele esteve na barriga dela, todo o alimento, o trigo, as uvas que ela comia serviam como um tipo de Eucaristia natural, passando para aquele que, mais tarde, viria a declarar ser o Pão e o Vinho da vida. Ao fim dos nove meses, o lugar adequado para que nascesse era Belém, que quer dizer “Casa do Pão”. Mais tarde, Ele diria:

Porque o pão de Deus é o pão que desce do céu
e dá vida ao mundo.
(São João 6,33)

Eu sou o pão da vida:
aquele que vem a mim não terá fome.
(São João 6,35)

Quando o Menino Deus foi concebido, a humanidade de Maria deu-lhe mãos e pés, olhos e orelhas, e um corpo com o qual viria a sofrer. Assim como as pétalas de uma rosa se fecham depois do orvalho como para absorver-lhe as energias, também Maria, como rosa mística, fechou-se sobre aquele que o Antigo Testamento descrevera como o orvalho que desce sobre a terra. Quando enfim ela deu-o à luz, era como se um grande cibório tivesse sido aberto, e ela segurava nos braços o convidado que também era o anfitrião do mundo, como que a dizer: “Vejam, este é o cordeiro de Deus; vejam, este é aquele que tira o pecado do mundo”.

A VISITAÇÃO

Maria recebeu um sinal de que conceberia por obra do Espírito Santo. Sua prima Isabel já havia concebido um filho na velhice e estava então no sexto mês da gravidez. Maria, guardando em si o Segredo Divino, viajou vários dias de Nazaré até a cidade de Hebrom, que, segundo a tradição, repousava sobre as

cinzas dos fundadores do povo de Deus — Abraão, Isaac e Jacó. Isabel, de algum modo misterioso, soube que Maria trazia consigo o Messias. Perguntou ela:

Donde me vem esta honra de vir a mim
a mãe de meu Senhor?
(São Lucas 1,43)

Esta saudação veio da mãe do arauto à mãe do Rei cujo caminho o emissário estava destinado a preparar. João Batista, ainda no ventre materno, com base no testemunho de sua mãe Isabel, saltou de alegria com a mãe que levava Cristo à sua casa.

A resposta de Maria a esta saudação é o chamado *Magnificat*, um cântico de alegria que celebra o que Deus havia feito em seu favor. Ela rememorou toda a história, voltando até a Abraão; viu a ação de Deus preparada para este momento de geração em geração, e também olhou para um futuro indefinido quando todos os povos e todas as gerações a chamariam “Bem-aventurada”. O Messias de Israel estava a caminho, e Deus estava prestes a se manifestar na terra e em carne. Ela até profetizou as qualidades do filho que estava por nascer como cheio de justiça e graça. Seu poema termina ao aclamar a revolução que ele inauguraria com a humilhação dos poderosos e a exaltação dos humildes.

A PRÉ-HISTÓRIA DE CRISTO

O Senhor que nasceria de Maria é a única pessoa no mundo que já teve uma pré-história; uma pré-história a ser estudada não no barro primordial e nas selvas, mas no seio do Pai Eterno. Embora tenha aparecido como o Homem da Caverna em Belém, pois nascera num estábulo escavado na rocha, Seu princípio no tempo como homem não teve princípio na atemporalidade da eternidade como Deus. Só aos poucos Ele revelou sua divindade; e isso não se deu porque Ele cresceu na consciência da divindade; devia-se, antes, à Sua intenção de revelar lentamente o propósito de Sua vinda.

São João, no início de seu Evangelho, narra a pré-história do Filho de Deus:

No princípio era o Verbo,
e o Verbo estava junto de Deus
e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio junto de Deus.
Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito.
(São João 1,1-3)

“No princípio era o Verbo.” O que quer que haja no mundo, é feito segundo o pensamento de Deus, pois todas as coisas pressupõem pensamento. Cada pássaro, cada flor, cada árvore foi feita conforme uma ideia existente na mente divina. Os filósofos gregos defendiam que esse pensamento era abstrato. Ora, o Pensamento ou Palavra de Deus revelou-se como Pessoal. Sabedoria revestida de personalidade. Antes de sua existência terrena, Jesus Cristo é eternamente Deus, a Sabedoria, o Pensamento do Pai. Em sua existência terrena, é aquele Pensamento ou Palavra de Deus que fala aos homens. As palavras dos homens se extinguem depois de concebidas e pronunciadas, mas a Palavra de Deus é eternamente pronunciada e jamais pode cessar de ser pronunciada. Por Sua Palavra, o Pai Eterno imprime tudo que entende, tudo que sabe. À medida que a mente mantém diálogo consigo mesma por meio do pensamento, vê e conhece o mundo por intermédio deste pensamento, então o Pai vê a si mesmo, como em espelho, na Pessoa de Sua Palavra. A inteligência finita precisa de muitas palavras para expressar ideias; mas Deus fala de uma vez por todas em si mesmo — uma única Palavra que atinge o abismo de todas as coisas que são conhecidas e que se podem conhecer. Nessa Palavra de Deus estão escondidos todos os tesouros da sabedoria, todos os segredos da ciência, todos os projetos dos artistas, todo o conhecimento da humanidade. E este conhecimento, comparado à Palavra, é apenas um balbucio impotente.

Na atemporalidade da eternidade, a Palavra estava com Deus. Mas houve um momento no tempo em que Ele não apareceu da divindade, visto que houve um momento em que um pensamento na mente do homem ainda não havia sido pronunciado. Assim como o sol nunca fica sem brilho, também o Pai nunca fica sem o Filho; e assim como o pensador nunca fica sem pensamento, também, em grau infinito, a Mente Divina nunca fica sem sua Palavra. Deus não passou eras infinitas em sublime atividade solitária. Ele tinha uma Palavra consigo igual a si mesmo.

Tudo foi feito por ele,
e sem ele nada foi feito.
Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens.
A luz resplandece nas trevas,
e as trevas não a compreenderam.
(São João 1,3-5)

Tudo no espaço e no tempo existe por causa do Poder criativo de Deus. A matéria não é eterna; o universo tem por trás de si uma Personalidade inteligente, um Arquiteto, um Construtor, um Sustentador. A criação é obra de Deus. O escultor trabalha sobre o mármore, o pintor sobre a tela, o mecânico sobre a matéria, mas nenhum deles pode criar esses materiais. Eles criam novas combinações com coisas existentes — nada além disso. A criação pertence tão somente a Deus.

Deus escreve Seu nome na alma de cada homem. A razão e a consciência são Deus em nós na ordem natural. Os Pais da Igreja estavam acostumados a falar da sabedoria de Platão e Aristóteles como o Cristo inconsciente em nós. Os homens são como muitos livros publicados pela imprensa Divina, e se nada mais for escrito neles, ao menos o nome do Autor estará permanentemente gravado na capa. Deus é como a marca-d'água no papel, sobre a qual se pode escrever sem que ela seja apagada.

BELÉM

César Augusto, o guarda-livros do mundo, encontrava-se em seu palácio ao lado de Tibério. Diante dele estava disposto um mapa intitulado *Orbis Terrarum, Imperium Romanum*. Ele estava prestes a emitir uma ordem de recenseamento a todo o mundo, pois todas as nações do mundo civilizado estavam sujeitas a Roma. Havia uma só capital neste mundo: Roma; havia uma só língua oficial: o latim; um só senhor: César. Partiu a ordem a cada posto avançado, a cada sátrapa e governador: todo cidadão romano deve estar arrolado em sua própria cidade. Nas margens do império, na pequena vila de Nazaré, soldados fixaram nas paredes a ordem para que todos os cidadãos se registrassem na cidade de origem de sua família.

José, o carpinteiro, um obscuro descendente do grande rei Davi, foi por isso obrigado a se registrar em Belém, a cidade de Davi. De acordo com o édito, Maria e José partiram da vila de Nazaré para a vila de Belém, que ficava a mais ou menos oito quilômetros do outro lado de Jerusalém. Quinhentos anos antes o profeta Miqueias profetizara acerca dessa pequena vila:

E tu, Belém, terra de Judá,
não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá,
porque de ti sairá o chefe
que governará Israel, meu povo.
(São Mateus 2,6)

José estava cheio de expectativa quando entrou na cidade de sua família e estava plenamente convencido de que não teria dificuldade para encontrar hospedagem para Maria, sobretudo por causa da situação em que se encontrava. José foi de casa em casa e encontrou-as todas lotadas. Procurou em vão um lugar em que Ele, Aquele a quem pertencem a terra e o céu, pudesse nascer. Será que o criador não encontraria lugar na criação? José subiu um monte íngreme até uma luz tênue que balançava numa corda à porta. Era a hospedaria da vila. Ali, mais que em todos os outros lugares, certamente encontraria abrigo. Havia lugar na hospedaria para soldados de Roma que tinham brutalmente subjugado o povo judeu; havia lugar para as filhas de ricos mercadores do Oriente; havia lugar para aqueles vestidos com trajes finos que viviam nas casas do rei; na verdade, havia lugar para qualquer um que tivesse dinheiro para dar ao estalajadeiro; mas não havia lugar para Aquele que veio ser a Hospedaria de todo coração sem teto no mundo. Quando finalmente os anais da história estiverem preenchidos até as últimas palavras no tempo, a linha mais triste de todas será: “Não havia lugar na hospedaria”.

Lá fora, na encosta da montanha, havia uma estrebaria numa gruta, aonde os pastores às vezes levavam seu rebanho em tempos de tempestade, José e Maria enfim encontraram abrigo. Ali, num lugar tranquilo, no desamparo solitário de uma gruta fria e castigada pelo vento; ali, num rincão do mundo, Aquele que nasceu sem mãe no céu nasce sem pai na terra.

De cada criança que nasce no mundo, os amigos dizem que se parece com a mãe. Esta foi a primeira vez na história em que alguém podia dizer que a mãe se parecia com o Filho. Este é o lindo paradoxo do Menino que fez Sua mãe; a mãe também era só uma criança. Também era a primeira vez na história deste mundo que alguém podia pensar no céu como um lugar que não fosse “ainda mais acima”; quando o Filho estava nos braços dela, Maria baixou os olhos ao céu.

No lugar mais imundo do mundo, um estábulo, nasceu a Pureza. Ele, que mais tarde seria abatido por homens agindo como animais, nasceu entre animais. Ele, que chamaria a Si mesmo de “o pão vivo que desceu do céu”, foi posto numa manjedoura, literalmente, um lugar de comer. Séculos antes, os judeus tinham adorado ao bezerro de ouro; os gregos, ao asno. Os homens prostravam-se diante deles como diante de Deus. O bezerro e o asno agora estavam presentes para fazer sua reparação inocente, prostrando-se diante de seu Deus.

Não havia lugar na hospedaria, mas havia lugar no estábulo. A hospedaria é o lugar da assembleia da opinião pública, o ponto central dos humores do mundo, a reunião do mundanismo, o lugar de ajuntamento dos populares e famosos. Mas o estábulo é um lugar para os proscritos, para os ignorados, para os esquecidos. O mundo pode ter esperado que o Filho de Deus nascesse — se é que tinha de nascer — numa hospedaria. Um estábulo seria o último lugar no mundo onde alguém procuraria por ele. *A divindade sempre está onde menos se espera.*

Nenhuma mente mundana jamais teria desconfiado de que Aquele que podia fazer o sol aquecer a terra um dia precisaria de um boi e um asno para aquecê-lo com seu hálito; que Aquele que, na linguagem das Escrituras, podia atar os laços das Plêiades, teria seu lugar de nascimento ditado por um recenseamento imperial; que Aquele de cujas mãos vieram planetas e mundos um dia teria bracinhos minúsculos incapazes de tocar na cabeça dos animais ao seu redor; que os pés que pisaram os montes eternos um dia seriam frágeis demais para andar; que a Palavra Eterna seria muda; que a Onipotência estaria envolta em faixas; que a Salvação repousaria numa manjedoura; que o pássaro que construiu o ninho seria chocado nele — ninguém jamais teria sequer suspeitado que a vinda de Deus a esta terra seria assim tão desamparada. E que é justamente por isso que tantos O deixam passar. *A divindade sempre está onde menos se espera.*

Se o artista está à vontade em seu estúdio porque as pinturas são a criação de sua própria mente; se o escultor está à vontade entre suas estátuas porque elas são a obra de suas mãos; se o lavrador está à vontade entre suas vinhas porque ele as plantou; e se o pai está à vontade entre os filhos porque são seus, então, certamente, argumenta o mundo, Aquele que fez o mundo também estaria à vontade nele. Ele haveria de vir ao mundo como o artista vai ao seu estúdio, e o pai à sua casa; mas, para o Criador vir às suas criaturas e ser ignorado por elas, para Deus vir entre os seus e não ser recebido por eles; para Deus ser um desabrigado mesmo em casa — isso só podia significar uma coisa à mente mundana: que o bebê não era Deus de maneira alguma. E é exatamente por isso que o deixam passar. *A divindade sempre está onde menos se espera.*

O Filho de Deus feito homem foi convidado a entrar em seu próprio mundo pela porta dos fundos. Exilado desta terra, nasceu sob a terra, em certo sentido, o primeiro homem das cavernas na história registrada. Lá, ele sacudiu a terra até aos seus fundamentos. Porque nasceu numa gruta, todos que desejassem vê-lo haveriam de inclinar-se. Inclinar-se é a marca da humildade. O orgulho se recusa a dobrar-se e, portanto, deixaram passar a Divindade. Aqueles, entretanto, que dobraram o ego e entraram descobriram que não estão de modo algum numa caverna, mas num universo novo onde está um bebê no colo da mãe, equilibrando o mundo em Seus dedos.

A manjedoura e a Cruz, portanto, são as duas extremidades da vida do Salvador! Ele aceitou a manjedoura porque não havia lugar na hospedaria; aceitou a Cruz porque os homens disseram: “Não teremos este Homem como nosso rei”. Repudiado na entrada, rejeitado na saída, foi posto num estábulo de estranhos no princípio, e num túmulo de estranhos ao final. Um boi e um asno rodeavam seu berço em Belém; dois ladrões ladeavam sua Cruz no Calvário. Ele foi envolto por faixas no sepulcro — faixas que simbolizavam as limitações impostas à Sua Divindade quando assumiu a forma humana.

Os pastores que cuidavam do rebanho nas redondezas ouviram dos anjos:

Isto vos servirá de sinal:
achareis um recém-nascido envolto em faixas
e posto numa manjedoura.
(São Lucas 2,12)

Ele já estava carregando a Cruz — a única que um bebê podia carregar, a cruz da pobreza, do exílio e da limitação. Seu intento sacrificial já brilhava na mensagem que os anjos cantavam nos montes de Belém:

Hoje vos nasceu na Cidade de Davi
um Salvador,
que é o Cristo Senhor.
(São Lucas 2,11)

A avareza já estava sendo desafiada pela pobreza, enquanto o orgulho era confrontado com a humilhação de um estábulo. As ataduras do poder divino, que não precisa aceitar limites, geralmente são um tributo grande demais para mentes que pensam apenas em poder. Não podem entender a ideia de condescendência divina, ou do “homem rico que se torna pobre para que, por sua pobreza, sejamos ricos”. Os homens não terão maior sinal da Divindade do que a ausência do poder como o esperam — o espetáculo do bebê que disse que viria sobre as nuvens do céu, agora envolto em faixas na terra.

Ele, a Quem os anjos chamam “o Filho do Altíssimo”, desceu sobre o pó da terra da qual todos nasceram, para ser um com o homem fraco e caído em todas as coisas, exceto o pecado. E são as faixas que constituem seu “sinal”. Se Aquele que é a Onipotência tivesse vindo com trovões, não teria havido nenhum sinal. Não há sinal a menos que aconteça algo contrário à natureza. O brilho do sol não é um sinal, mas um eclipse o é. Ele disse que, no último dia, sua vinda seria proclamada por “sinais do sol”, talvez a extinção da luz. Em Belém, o Menino Deus entrou num eclipse, de modo que só a humildade de espírito podia reconhecê-lo.

Só dois tipos de pessoas encontraram o bebê: os pastores e os sábios; os simples e os instruídos; aqueles que sabiam que nada sabiam e aqueles que sabiam que não sabiam tudo. Ele nunca é visto pelo homem de um livro só; tampouco pelo homem que pensa que sabe. Nem mesmo Deus pode dizer algo ao orgulhoso! Só o humilde pode encontrar Deus!

Como diz Caryll Houselander: “Belém é a representação do Calvário assim como o floco de neve é a representação do universo”. Essa mesma ideia é expressa pelo poeta que disse que, se conhecesse em todos os detalhes a flor

numa parede rachada, ele saberia “o que é Deus e o que é o homem”. Os cientistas dizem-nos que o átomo contém em si o mistério do sistema solar.

Não era o nascimento que projetava sombra sobre sua Vida e assim o levava à morte; era, antes, a Cruz que estava lá desde o início, e esta lançava sua sombra retroativamente ao nascimento. Mortais comuns vão do conhecido ao desconhecido submetendo-se a forças além do controle; desse modo, podemos falar de suas “tragédias”. Ele, no entanto, saiu do conhecido para o conhecido, da razão de sua vinda, a saber, ser “Jesus” ou “Salvador”, para o cumprimento de sua vinda, a saber, a morte na Cruz. Portanto, não houve tragédia em sua vida; pois tragédia supõe o imprevisível, o imponderável, o fatalístico. A vida moderna é trágica quando há trevas espirituais e culpa irredimível. Contudo, para o Menino Cristo não havia forças incontrolláveis; nenhuma submissão a correntes fatalísticas das quais não houvesse escape; mas havia um “inscape” — a manjedoura microcós mica que resumia, como um átomo, a Cruz macrocós mica do Gólgota.

No primeiro advento, tomou o nome de Jesus, ou “Salvador”; somente no segundo advento tomará o nome de “Juiz”. Jesus não era um nome que Ele tinha antes de assumir a natureza humana; refere-se, propriamente, àquele que estava unido à Sua Divindade, não àquele que existia desde toda a eternidade. Alguns dizem “Jesus ensinou” como diriam “Platão ensinou”, sem pensar nem uma única vez que Seu nome quer dizer “Salvador do pecado”. Uma vez que recebeu este nome, o Calvário se tornou inteiramente parte dele. A sombra da cruz que recaiu sobre o berço foi coberta pelo nome. Esta era “a obra de meu Pai”; tudo o mais lhe seria secundário.

A PRÉ-HISTÓRIA AGORA É HISTÓRIA

“O Verbo se fez carne.” A Natureza Divina, que era pura e santa, entrou como princípio renovador na linha corrompida da raça de Adão, sem ser afetada pela corrupção. Pelo nascimento virginal, Jesus Cristo se tornou atuante na história humana sem se sujeitar ao mal que nela há.

E o Verbo se fez carne
e habitou entre nós,

e vimos sua glória,
a glória que o Filho único
recebe do seu Pai,
cheio de graça e de verdade.
(São João 1,14)

Belém se tornou uma ponte entre o céu e a terra; Deus e o homem encontram-se aqui e olham um ao outro face a face. Para tomar a carne humana, o Pai preparou-a, o Espírito formou-a, e o Filho assumiu-a. Aquele que tinha a geração eterna no seio do Pai agora tinha uma geração no tempo. Aquele que teve o nascimento em Belém veio a nascer no coração dos homens. Pois que proveito teria se nascesse mil vezes em Belém a menos que nascesse novamente no homem?

Mas a todos aqueles que o receberam,
aos que creem no seu nome,
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.
(São João 1,12)

Agora o homem não precisa esconder-se de Deus como o fez Adão; pois Ele pode ser visto por intermédio da natureza humana de Cristo. Cristo não obtém perfeição alguma ao tornar-se homem, nem tampouco perde algo do que tinha como Deus. Havia a onipotência de Deus no mover de seu braço, o amor infinito de Deus nas batidas de seu coração humano, e a compaixão imensurável de Deus pelos pecadores em seus olhos. Deus está agora manifesto em carne; é a isso que chamamos Encarnação. Toda a gama de atributos divinos de poder, bondade, justiça, amor e beleza estavam nele. E, quando Nosso Divino Senhor agia e falava, Deus em sua perfeita natureza se fazia manifesto àqueles que O viam, ouviam e tocavam. Como mais tarde disse a Filipe:

Aquele que me viu, viu também o Pai.
(São João 14,9)

Nenhum homem pode amar algo a menos que o possa abraçar, e o cosmos é grande e volumoso demais. Entretanto, uma vez que Deus se fez bebê e foi envolto em faixas e deitado numa manjedoura, os homens podem dizer: “Este é Emanuel, este é Deus conosco”. Quando desceu à fragilidade da natureza humana e ergueu-a à prerrogativa incomparável da união consigo mesmo, a natureza humana foi dignificada. Essa união era tão real que todos os Seus atos e palavras, todas as Suas agonias e lágrimas, todos os Seus pensamentos e raciocínios, decisões e emoções, embora propriamente humanas, eram ao mesmo tempo atos e palavras, agonias e lágrimas, pensamentos e raciocínios, decisões e emoções do Eterno Filho de Deus.

O que os homens chamam de Encarnação é a união de duas naturezas, a Divina e a humana, em uma única Pessoa que governa a ambas. Isso não é difícil de entender, pois o que é o homem senão uma amostra, em nível imensuravelmente baixo, de uma união de duas substâncias totalmente diferentes, uma material e outra imaterial; uma o corpo, a outra, a alma, sob a regência de uma única personalidade humana? O que mais dista entre si do que os poderes e capacidades da carne e do espírito? Antes desta união, como seria difícil até mesmo conceber um momento em que corpo e alma estariam unidos numa única personalidade. Que estejam tão unidos é uma experiência evidente a qualquer mortal, e ainda assim é uma experiência da qual o homem não se admira por causa de sua familiaridade.

Deus, que une corpo e alma numa personalidade humana, não obstante a diferença de natureza, decerto podia viabilizar a união de um corpo humano e uma alma humana com Sua Divindade sob o controle de Sua Pessoa Eterna. É isso que se quer dizer com:

E o Verbo se fez carne
e habitou entre nós.
(São João 1,14)

A Pessoa que assumiu a natureza humana não foi criada, como é o caso de todas as demais pessoas. Sua Pessoa era a Palavra preexistente, ou *Lógos*. Sua natureza humana, por outro lado, derivava da conceição miraculosa por Maria, em que a sombra divina do Espírito e o *Fiat* humano, ou o consentimento da

mulher, misturaram-se tão lindamente. Este é o início da nova humanidade a partir do material da raça decaída. Quando o Verbo se fez carne, isso não queria dizer que ocorreu alguma mudança na Palavra Divina. O que aconteceu não foi tanto a conversão da divindade em carne, mas a incorporação da humanidade em Deus.

Havia continuidade com a raça decaída do homem por meio da humanidade tomada a partir de Maria; havia descontinuidade porque a Pessoa de Cristo é o *Lógos* preexistente. Cristo, desse modo, literalmente se torna o segundo Adão, o Homem por quem a raça humana começa de novo. Seu ensino centrava-se na incorporação da natureza humana em Si, segundo o modo como a natureza humana que Ele tomou de Maria estava unida à Palavra Eterna.

É difícil para um ser humano compreender a humildade que estava envolvida no ato de o Verbo fazer-se carne. Imaginemos que fosse possível uma pessoa despir-se do próprio corpo, e então enviar sua alma ao corpo de uma serpente. Seguir-se-ia uma dupla humilhação: primeiro, aceitar as limitações de um organismo serpentino, sabendo o tempo todo que sua mente era superior, e que as presas não podiam articular de maneira adequada pensamentos que nenhuma serpente jamais teve. A segunda humilhação seria, como resultado desse “esvaziamento de si”, ser forçada a viver na companhia de serpentes. Tudo isso, no entanto, é nada em comparação ao esvaziamento de Deus, pelo qual Ele assumiu a forma de homem e aceitou as limitações da humanidade, como fome e perseguição; tampouco foi trivial para a Sabedoria de Deus condenar-se à associação com pobres pescadores que sabiam tão pouco. Mas esta humilhação que começou em Belém quando Ele foi concebido pela Virgem Maria era só a primeira de muitas, para contrabalançar o orgulho do homem, até a humilhação final da morte na Cruz. Não houvesse Cruz, não haveria manjedoura; não houvesse cravos, não haveria feno. Ele, todavia, não podia *ensinar* a lição da Cruz como salário do pecado; Ele tinha de *tomá-la*. Deus Pai não poupou Seu Filho — pois Ele amava a humanidade. Era este o segredo envolto em faixas.

O NOME “JESUS”

O nome “Jesus” era bem comum entre os Judeus. No original hebraico, era “Josué”. O anjo contou a José a respeito de Maria:

Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus,
porque ele salvará o seu povo de seus pecados.
(São Mateus 1,21)

A primeira indicação da natureza de sua missão na terra não menciona seu magistério; pois o ensino seria ineficaz, a menos que primeiro houvesse salvação.

Ao mesmo tempo, foi-lhe dado outro nome, a saber, “Emanuel”.

Eis que a Virgem conceberá
e dará à luz um filho,
que se chamará Emanuel,
que significa: Deus conosco.
(São Mateus 1,23)

Esse nome foi tirado da profecia de Isaías e afirmava algo além da presença divina; junto com o nome “Jesus”, significava a presença divina que liberta e salva. O anjo também disse a Maria:

Eis que conceberás e darás à luz um filho,
e lhe porás o nome de Jesus.
Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo,
e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi;
e reinará eternamente na casa de Jacó,
o seu reino não terá fim.
(São Lucas 1,31-33)

O título “Filho do Altíssimo” era exatamente o mesmo que fora dado ao Redentor pelo espírito maligno que possuía o jovem gadareno. Deste modo, o

anjo caído confessava que Ele era aquilo que o anjo não caído dissera dele:

Que queres de mim, Jesus,
Filho do Deus Altíssimo?
(São Marcos 5,7)

A salvação prometida pelo nome “Jesus” não é salvação social, mas espiritual. Ele não salvaria as pessoas necessariamente da pobreza, mas as salvaria dos pecados. Destruir o pecado é extirpar as primeiras causas da pobreza. O nome “Jesus” trouxe de volta a memória de seu grande líder, que conduziu Israel a descansar na terra prometida. O fato de ter sido prefigurado por Josué indica que ele tinha as qualidades marciais necessárias à vitória final contra o mal, que viria da aceitação alegre do sofrimento, da coragem resoluta, da determinação da vontade e da devoção inabalável à ordem do Pai.

O povo escravizado sob jugo romano estava buscando libertação; assim, sentiram que qualquer cumprimento profético do antigo Josué teria algo que ver com política. Mais tarde, o povo lhe perguntaria quando viria a libertá-los do poder de César. Mas aqui, bem no início de sua vida, o Soldado Divino afirmava por intermédio de um anjo que tinha vindo para vencer um inimigo maior que César. Ainda tinham de dar a César o que era de César; sua missão era libertá-los de uma servidão ainda maior, isto é, a servidão do pecado. Em toda a Sua vida, as pessoas continuavam a materializar a concepção de salvação, pensando que libertação deveria ser interpretada em termos políticos. O nome “Jesus”, ou Salvador, não lhe foi dado após ter realizado a salvação, mas no momento mesmo em que foi concebido no ventre da mãe. O fundamento da salvação estava na eternidade, não no tempo.

“PRIMOGÊNITO”

E deu à luz seu filho primogênito.
(São Lucas 2,7)

O termo “primogênito” não significava que Nossa Senhora havia de ter outros filhos segundo a carne. Sempre houve uma posição de honra atribuída na lei ao primogênito, mesmo se não houvesse outros filhos. Aqui, Lucas pode muito bem ter empregado o termo tendo em vista o relato que faria mais tarde da Mãe Bendita, apresentando o Filho no templo como “filho primogênito”. Os outros irmãos de Nosso Senhor mencionados por Lucas não eram filhos de Maria; eram ou meios-irmãos, filhos de José de um possível casamento anterior, ou ainda primos dele. Maria não teve outros filhos. “Primogênito”, no entanto, podia significar a relação de Nossa Senhora com os demais filhos que ela teria segundo o Espírito. Nesse sentido, o Filho Divino chamou João de “filho” dela aos pés da Cruz (São João 19,26). Espiritualmente, João era “o segundo filho”. São Paulo mais tarde usou o termo “primogênito” para fazer um paralelo entre a Geração Eterna de Nosso Senhor como o Único Primogênito do Pai. Foi só a Seu Filho Divino que Deus disse:

Tu és meu Filho;

eu hoje te gerei.

[E também]: Eu serei seu Pai

e ele será meu Filho.

E novamente, ao introduzir o seu Primogênito na terra, diz:

Todos os anjos de Deus o adorem.

(Hebreus 1,5-6)

A GENEALOGIA DE CRISTO

Embora sua natureza divina fosse desde a eternidade, Sua natureza humana tinha um pano de fundo judaico. O sangue que corria em Suas veias era da casa real de Davi por meio de Sua mãe, que, embora pobre, pertencia à linhagem do grande rei. Seus contemporâneos chamavam-no “filho de Davi”. O povo jamais teria consentido em considerar como Messias nenhum pretendente que não cumprisse esta condição indispensável. Tampouco Nosso Bendito Senhor jamais negou Sua origem davídica. Ele só afirmou que sua afiliação davídica não explicava as relações que tinha com o Pai em Sua Personalidade Divina.

As palavras que abrem o Evangelho de Mateus sugerem a gênese de Nosso Senhor. O Antigo Testamento começa com a gênese do céu e da terra, quando Deus criou todas as coisas. A genealogia que é apresentada sugere que Cristo era “um Segundo Homem”, e não meramente um dos muitos descendentes de Adão. Lucas, que dirigia seu Evangelho aos gentios, remontou a genealogia de Nosso Senhor até o primeiro homem, mas Mateus, que dirigia seu Evangelho aos judeus, o apresenta como “Filho de Davi e Filho de Abraão”. A diferença na genealogia de Lucas e de Mateus se deve ao fato de que Lucas, escrevendo aos gentios, teve o cuidado de mostrar uma descendência natural; enquanto Mateus, que escrevia aos judeus, toca o natural depois do tempo de Davi, a fim de deixar claro aos judeus que Nosso Senhor era herdeiro do Reino de Davi.

Lucas está preocupado com o Filho do Homem; Mateus, com o Rei de Israel. Assim, Mateus abre seu Evangelho:

Genealogia de Jesus Cristo,
filho de Davi, filho de Abraão.
(São Mateus 1,1)

Mateus retrata a genealogia de Abraão até Nosso Senhor passando por três ciclos de 14 gerações. Isso, contudo, não representa uma genealogia completa. São mencionados 14 de Abraão a Davi, 14 de Davi ao cativo babilônico, e 14 do cativo babilônico até Nosso Bendito Senhor. A genealogia vai além do pano de fundo hebraico para incluir alguns não judeus. Pode ter havido uma boa razão para isso, bem como para a inclusão de outros que não tinham as melhores reputações do mundo. Uma destas foi Raabe, que era estrangeira e pecadora; outra foi Rute, uma estrangeira acolhida na nação; uma terceira era a pecadora Betsabé, cujo pecado com Davi cobriu de vergonha a linhagem real. Por que haveria manchas no brasão real, tais como Betsabé, cuja pureza feminina estava maculada; e Rute, que, embora moralmente boa, representava a introdução de sangue estrangeiro no grupo? Possivelmente, a fim de indicar o relacionamento de Cristo com o maculado e com o pecaminoso, com prostitutas e pecadores, e até mesmo com gentios que foram incluídos em sua mensagem e redenção.

Em algumas traduções das Escrituras, a palavra usada para descrever a genealogia é “geração”: por exemplo, “Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó”; em outras traduções, há a expressão “foi o pai de”, como, por exemplo, “Jeconias foi o pai de Salatiel”. A tradução não é sem importância; o que ela mostra é que essa expressão monótona é usada ao longo de 41 gerações. Mas é omitida quando se atinge a 42ª geração. Por quê? Por causa do nascimento virginal de Jesus.

Jacó gerou José, esposo de Maria,
da qual nasceu Jesus,
que é chamado Cristo.
(São Mateus 1,16)

Mateus, ao desenhar a genealogia, sabia que Nosso Senhor não era Filho de José. Assim, já nas primeiras páginas do Evangelho, Nosso Senhor é apresentado como ligado ao povo que, no entanto, não o gerou totalmente. Que ingressou no povo era óbvio; contudo, dele se distinguia.

Se havia uma sugestão do nascimento virginal na genealogia de Mateus, então dele havia uma sugestão na genealogia de Lucas. Em Mateus, José não é descrito como tendo gerado Nosso Senhor, e, em Lucas, diz-se de Nosso Senhor:

Era tido por filho de José.
(São Lucas 3,23)

Ele queria dizer que Nosso Senhor era popularmente reconhecido como Filho de José. Combinando as duas genealogias: em Mateus, Nosso Senhor é o Filho de Davi e Abraão; em Lucas, Ele é o Filho de Adão e a semente da mulher que Deus prometera que esmagaria a cabeça da serpente. Homens imorais, por Providência Divina, tornam-se instrumentos de Sua ação; Davi, que assassinou Urias, é, no entanto, o canal pelo qual o sangue de Abraão flui até o sangue de Maria. Havia pecadores na árvore genealógica, e Ele pareceria o

maior pecador de todos quando fosse levado à árvore genealógica da Cruz, fazendo dos homens filhos adotivos do Pai Celestial.

CIRCUNCISÃO

Completados que foram os oito dias
para ser circuncidado o menino,
foi-lhe posto o nome de Jesus,
como lhe tinha chamado o anjo,
antes de ser concebido no seio materno.
(São Lucas 2,21)

A circuncisão, que se deu no oitavo dia, era o símbolo da aliança entre Deus, Abraão e sua semente. A circuncisão pressupunha que a pessoa circuncidada era um pecador. O bebê estava agora assumindo o lugar do pecador — algo que teria de fazer por toda a sua vida. A circuncisão era um sinal e uma marca do pertencimento ao povo de Israel. O mero nascimento humano não introduzia a criança no corpo do povo escolhido de Deus. Outro rito era requerido, conforme registrado no livro de Gênesis:

Deus disse ainda a Abraão:
“Tu, porém, guardarás a minha aliança,
tu e tua posteridade nas gerações futuras.
Eis o pacto que faço entre mim e vós,
e teus descendentes,
e que tereis de guardar:
Todo homem, entre vós, será circuncidado.
(Gênesis 17,9-11)

A circuncisão no Antigo Testamento era uma prefiguração do batismo no Novo Testamento. Ambos simbolizam uma renúncia da carne e seus pecados. A primeira era feita por uma ferida no corpo; o segundo, por uma limpeza da alma. A primeira incorporava a criança ao povo de Israel; o segundo

incorporava a criança ao povo da nova Israel ou a Igreja. O termo “circuncisão” foi usado posteriormente nas Escrituras para revelar o significado espiritual de aplicar a Cruz à carne por meio da autodisciplina. Moisés, no livro de Deuteronômio, claramente falou da circuncisão do coração. Jeremias também empregou a mesma expressão. Santo Estevão, em seu último discurso antes de ser morto, disse aos ouvintes que eram incircuncisos de coração e ouvidos. Ao submeter-se a esse rito, pelo qual não precisava ter passado, pois não tinha pecado, o Filho de Deus cumpriu as exigências de sua nação, assim como estava guardando todas as outras regras hebraicas. Ele guardava a Páscoa; guardava o sábado; ia às celebrações; obedeceu à lei, até que chegou o momento em que a cumpriria ao realizar e espiritualizar suas prefigurações obscuras da dispensação de Deus.

Na circuncisão do Menino Deus havia uma sugestão obscura e uma alusão ao Calvário, no derramamento precoce do sangue. A sombra da Cruz já estava pairando sobre um menino de oito dias de idade. Ele teria sete derramamentos de sangue dos quais este foi o primeiro; os seguintes foram: a agonia no jardim, a flagelação, a coroa de espinhos, o caminho da Cruz, a crucifixação e a perfuração da lateral de Seu corpo. Mas, onde quer que houvesse uma indicação do Calvário, haveria também algum sinal da glória; e foi no momento em que participava do Calvário ao derramar Seu sangue que Lhe foi concedido o nome de Jesus.

Um menino de apenas oito dias já estava começando o derramamento de sangue que cumpriria Sua perfeita humanidade. O berço estava tingido de carmesim, uma marca do Calvário. O Precioso Sangue estava começando sua longa peregrinação. Na oitava de Seu nascimento, Cristo obedeceu à lei de que Ele Mesmo era o autor, uma lei que havia de encontrar sua aplicação última Nele. Houve pecado no sangue humano, e agora o sangue já estava sendo derramado para eliminar o pecado. Assim como o Oriente contempla no pôr do sol as cores do Ocidente, também a circuncisão reflete o Calvário.

Ele havia de começar a redimir tudo de uma vez? A Cruz não podia esperar? Haverá muito tempo para ela. Vindo diretamente dos braços do Pai para os de Sua mãe terrena, ele é carregado nos braços dela até seu primeiro calvário. Muitos anos depois, ele será tomado dos braços dela mais uma vez, depois das lesões da carne na Cruz, quando a obra do Pai é consumada.

APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

Em Belém, Ele foi um exílio; na circuncisão, um salvador antecipado; agora, na apresentação, tornou-se um sinal a ser contraditado. Assim como Jesus foi circuncidado, Maria foi purificada, embora Ele não precisasse de circuncisão porque era Deus, e ela não precisasse de purificação porque concebeu sem pecado.

Concluídos os dias da sua purificação
segundo a Lei de Moisés,
levaram-no a Jerusalém
para o apresentar ao Senhor.
(São Lucas 2,22)

O fato do pecado na natureza humana é ressaltado não apenas pela necessidade de dor permanente para expiá-lo na circuncisão, mas também na necessidade de purificação. Desde que Israel fora liberto da servidão no Egito, depois que os primogênitos dos egípcios foram mortos, os primogênitos dos judeus sempre foram considerados como dedicados a Deus. Quarenta dias depois de Seu nascimento, que era o momento indicado para um menino, segundo a lei, Jesus foi levado ao templo. O êxodo decretou que o primogênito pertencia a Deus. No livro de Números, a tribo de Levi foi reservada para a função sacerdotal, e esta dedicação sacerdotal era compreendida como um substituto do sacrifício do primogênito, um rito que jamais foi praticado. Entretanto, quando o Menino Deus foi levado ao templo por Maria, a lei da consagração do primogênito foi observada em sua plenitude, pois a dedicação da criança ao Pai foi absoluta, e O levaria à Cruz.

Há aqui outro exemplo de como Deus em forma humana partilhava a pobreza da humanidade. As tradicionais ofertas de purificação eram um cordeiro e uma rola se os pais fossem ricos; e um par de rolas ou dois pombinhos, se fossem pobres. A mãe que trouxe o Cordeiro de Deus ao mundo não tinha um cordeiro para oferecer — exceto o próprio Cordeiro de Deus. Deus foi apresentado no templo com quarenta dias de idade. Cerca de trinta anos mais tarde, Ele reivindicaria o templo e o usaria como símbolo de

Seu corpo em que habitava a plenitude da divindade. Aqui não era só o primogênito de Maria que era apresentado, mas o do Pai Eterno. Como o único gerado do Pai, era agora apresentado como o primogênito de uma humanidade restaurada. Uma nova raça começou nele.

O caráter do homem no templo, cujo nome era Simeão e que recebeu o menino, é descrito simplesmente assim:

Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão.
Este homem, justo e piedoso,
esperava a consolação de Israel.
(São Lucas 2,25)

Foi-lhe revelado pelo Espírito Santo:

Que não morreria sem
primeiro ver o Cristo do Senhor.
(São Lucas 2,26)

Suas palavras parecem sugerir que, tão logo visse o Cristo, o aguilhão da morte o tocara. O ancião, tomando o Menino nos braços, exclamou com alegria:

Agora, Senhor, deixai o vosso servo ir em paz,
segundo a vossa palavra. Porque os meus olhos
viram a vossa salvação que preparastes
diante de todos os povos,
como luz para iluminar as nações,
e para a glória de vosso povo de Israel.
(São Lucas 2,29-32)

Simeão era como uma sentinela a quem Deus tinha enviado para vigiar a Luz. Quando a Luz finalmente apareceu, ele já estava pronto para cantar seu

Nunc Dimittis. Em um menino pobre levado por um povo pobre a fazer uma oferta pobre, Simeão descobriu as riquezas do mundo. Enquanto segurava o menino nos braços, esse ancião não era como o idoso de que Horácio fala. Ele não olha para trás, mas para a frente, e não só para o futuro de seu próprio povo, mas para o futuro de todos os gentios de todas as tribos e nações da terra. Um ancião no crepúsculo da vida falava da aurora do mundo; no entardecer da vida, falava da promessa de um novo dia. Ele tinha visto o messias antes, pela fé; agora seus olhos podiam fechar-se, pois não havia nada mais lindo que contemplar com reverência. Algumas flores só se abrem à noite. O que ele tinha visto agora era “Salvação” — não salvação da pobreza, mas salvação do pecado.

O hino de Simeão foi um ato de adoração. Há três atos de adoração descritos no início da vida do Menino Deus. Os pastores O adoraram; Simeão e Ana, a profetisa, O adoraram; e os magos pagãos também O adoraram. O cântico de Simeão foi como o ocaso em que uma sombra anuncia uma substância. Foi o primeiro hino dos homens na vida de Cristo. Simeão, enquanto se dirigia a Maria e José, não se dirigiu ao Menino. Não teria sido adequado dar sua bênção ao Filho do Altíssimo. O Menino os abençoou; mas ele não abençoou o menino.

Depois do hino de louvor, dirigiu-se apenas à mãe; Simeão sabia que ela, e não José, era parente do bebê em seus braços. Viu, além disso, que tristezas estavam reservadas a ela, e não a José. Simeão disse:

Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda
e de soerguimento para muitos homens em Israel,
e a ser um sinal que provocará contradições.
(São Lucas 2,34)

Foi como se toda a história do Menino Deus tivesse passando diante dos olhos do ancião. Cada detalhe da profecia tinha de cumprir-se na vida do bebê. Aqui estava um fato da Cruz, afirmado mesmo antes que os bracinhos do bebê pudessem esticar-se o bastante para formar uma cruz. A Menino criaria um conflito terrível entre bem e mal, tirando as máscaras de um e outro, provocando assim um terrível ódio. Ele seria uma pedra de tropeço, uma

espada que separaria o mal do bem, e uma pedra angular que revelaria as motivações e as intenções dos corações humanos. Os homens já não seriam os mesmos, uma vez que tivessem ouvido Seu nome e aprendido de Sua vida. Seriam impelidos ou a aceitá-Lo ou a rejeitá-Lo. Quanto a Ele, não haveria algo como meio-termo: só aceitação ou rejeição, ressurreição ou morte. Ele faria, por Sua própria natureza, os homens revelarem suas atitudes secretas diante de Deus. Sua missão não seria levar as almas ao juízo, mas redimi-las; e, ainda assim, porque suas almas eram pecaminosas, alguns homens detestariam sua vinda.

Daí em diante Seu destino seria encontrar oposição fanática da humanidade, mesmo até a própria morte, e isso envolveria Maria em sofrimentos terríveis. O anjo lhe tinha dito: “Bendita sois vós entre as mulheres”, e Simeão estava agora lhe dizendo que em sua bem-aventurança ela seria a *Mater Dolorosa*. Uma das penas do pecado original era que a mulher com dores daria à luz; Simeão agora estava dizendo que ela continuaria a viver em dores por causa do Menino. Se Ele havia de ser o Homem das Dores, ela seria a Mãe das Dores. Uma madona sem sofrimento de um Cristo sofredor seria uma madona sem amor. Uma vez que Cristo amou a humanidade de tal maneira que quis morrer para expiar-lhe a culpa, então Ele também quis que Sua mãe estivesse envolta com as faixas da própria aflição.

A partir do momento em que ouviu as palavras de Simeão, ela jamais voltou a erguer as mãos do menino sem ver nelas a sombra dos cravos; cada pôr do sol seria uma imagem vermelho-sangue de Sua Paixão. Simeão estava jogando fora a bainha que escondia o futuro dos olhos humanos, e deixando a lâmina do sofrimento do mundo reluzir diante dos olhos de Maria. Cada pulsação que ela sentia nos punhos da criança seria como um eco das marteladas que estavam por vir. Se Ele estava dedicado à salvação pelo sofrimento, ela também estava. Mal esta jovem vida lançou-se ao mar, Simeão, como um velho marinheiro, falou de naufrágio. O cálice de amargor do Pai ainda não tinha chegado aos lábios do bebê, e, no entanto, a espada foi mostrada à sua mãe.

Quanto mais Cristo se aproxima de um coração, mais este se torna consciente de sua culpa; então pedirá misericórdia e encontrará paz, ou se voltará contra Cristo porque ainda não está pronto a renunciar ao pecado. Assim, ele separará o bom do mau, o joio do trigo. A reação do homem à

presença divina será o teste: ou desafiará toda a oposição da natureza egoísta ou a estimulará numa regeneração e ressurreição.

Simeão estava praticamente chamando-O de “Perturbador Divino”, que incitaria os corações humanos ao bem ou ao mal. Uma vez confrontado com Ele, subscreveriam ou à luz ou às trevas. Diante de todos os outros, podiam ser “tolerantes”; mas Sua Presença revela que seu coração há de ser ou solo fértil ou terreno rochoso. Ele não pode chegar aos corações sem esclarecê-los e dividi-los; uma vez em Sua Presença, um coração descobre tanto os pensamentos sobre a bondade quanto sobre Deus.

Isso jamais seria assim se Ele fosse só um mestre humanitário. Simeão sabia disso muito bem, e disse à mãe de Nosso Senhor que o Filho haveria de sofrer porque Sua vida seria muito oposta às máximas complacentes pelas quais a maioria dos homens leva a vida. Ele agiria em uma alma de uma forma, e noutra de forma diversa, como o sol brilha sobre a cera e a amolece, e brilha sobre o barro e o endurece. Como a Luz do Mundo, Ele seria uma alegria para os bons e amantes da luz, mas seria como um holofote penetrante para aqueles que eram maus e preferiam viver nas trevas. A semente é a mesma, mas o solo é diferente, e cada solo será julgado pelo modo como reage à semente. A vontade de salvar de Cristo está limitada pela reação livre de cada alma a aceitar ou rejeitar. Era isso que Simeão queria dizer com as seguintes palavras:

A fim de serem revelados
os pensamentos de muitos corações.
(São Lucas 2,35)

Uma fábula oriental fala de um espelho mágico que continuava claro quando o bom olhava para ele, e ficava embaçado quando o impuro o olhava. Assim, o proprietário sempre podia contar o caráter daqueles que o usavam. Simeão estava contando à mãe do Menino que o Filho seria como esse espelho: os homens o amariam ou o odiariam, conforme o próprio reflexo. Uma luz que cai numa chapa fotográfica sensível registra uma mudança química que não pode ser obliterada. Simeão estava falando que a Luz desse bebê incidindo sobre judeu e gentio estamparia em cada um o vestígio indelével de Sua Presença.

Simeão também disse que o bebê revelaria as verdadeiras intenções dos homens. Ele colocaria à prova os pensamentos de todos que havia de encontrar. Pilatos contemporeizaria e então esmoreceria; Herodes dissimularia; Judas estaria inclinado a um tipo de segurança social avara; Nicodemos esgueirar-se-ia na escuridão para encontrar a luz; cobradores de impostos tornar-se-iam honestos; prostitutas, puras; jovens ricos rejeitariam Sua pobreza; pródigos voltariam para casa; Pedro arrepender-se-ia; um apóstolo enforcar-se-ia. Desde aquele dia, Ele continua a ser um sinal a ser contraditado. Era natural, portanto, que morresse num pedaço de madeira em que uma viga contradizia a outra. A haste vertical da vontade de Deus é negada pela trave horizontal da vontade humana que se opõe. Assim como a circuncisão apontava para o derramamento de sangue, a purificação prenunciava a crucifixão.

Depois de dizer que Ele era um sinal a ser contraditado, Simeão voltou-se à mãe, acrescentando:

E uma espada transpassará a tua alma.
(São Lucas 2,35)

Foi-lhe dito que Jesus seria rejeitado pelo mundo e que, com a crucifixão do Filho, se daria a própria transfixação. Como o Menino queria para Si a cruz, também queria para ela a espada de dor. Se Ele escolheu ser o Homem das Dores, também escolheu que ela fosse uma Mãe das Dores! Nem sempre Deus poupa os bons da aflição. O Pai não poupou o Filho, e o Filho não poupou a mãe. Com sua Paixão, deve haver a compaixão dela. Um Cristo sem sofrimento que não pagasse livremente a dívida da culpa humana seria reduzido ao nível de um guia ético; e uma mãe que não compartilhasse dos sofrimentos do Filho seria indigna de seu grande papel.

Simeão não só desembainhou a espada; também contou a ela aonde a Providência haveria de conduzi-la. Mais tarde, o Menino diria: “Vim trazer a espada”. Simeão disse que ela a sentiria no coração quando o Filho fosse erguido no sinal de contradição e ela ficaria aos pés da Cruz transfixada pela dor. A lança que perfuraria fisicamente a lateral do corpo do Filho misticamente lhe perfuraria o coração. O bebê veio para morrer, não para viver, pois seu nome era “Salvador”.

OS MAGOS E A MATANÇA DOS INOCENTES

Simeão tinha previsto que o Menino Deus seria uma Luz para os gentios. Eles já estavam em marcha. Em Seu nascimento, estariam os magos, ou os cientistas do Oriente; em Sua morte, estariam os gregos, ou os filósofos do Ocidente. O salmista tinha predito que os reis do Oriente viriam adorar Emanuel. Seguindo uma estrela, vieram a Jerusalém e perguntaram a Herodes onde nascera o Rei.

Eis que magos vieram do oriente a Jerusalém.
Perguntaram eles:
Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?
Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.
(São Mateus 2,1-2)

Foi uma estrela que os conduziu. Deus falou aos gentios por meio da natureza e dos filósofos; aos judeus, por meio das profecias. Era chegado o momento oportuno para a vinda do Messias, e todo o mundo sabia disso. Embora fossem astrólogos, o pequeno traço de verdade em seu conhecimento das estrelas conduziu-os até a Estrela de Jacó, assim como o “Deus desconhecido” dos atenienses mais tarde seria o pretexto para que Paulo pregasse a eles o Deus que não conheciam, mas vagamente desejavam. Embora vindos de uma terra que adorava as estrelas, abandonaram aquela religião quando se prostraram e adoraram Aquele que fez as estrelas. Os gentios, no cumprimento das profecias de Isaías e Jeremias, “vieram a Ele dos confins da terra”. A Estrela, que desaparecera durante o interrogatório de Herodes, reapareceu e finalmente permaneceu onde o Menino nasceu.

A aparição daquela estrela
os encheu de profunda alegria.
Entrando na casa,
acharam o menino com Maria, sua mãe.
Prostrando-se diante dele, o adoraram.
Depois, abrindo seus tesouros,
ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra.

(São Mateus 2,10-11)

Isaías tinha profetizado:

Serás invadida por uma multidão de camelos,
pelos dromedários de Madiã e de Efá;
virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso,
e publicando os louvores do Senhor.
(Isaías 60,6)

Trouxeram três presentes: ouro, para honrar-Lhe a realeza; incenso, para honrar-Lhe a divindade; e mirra, para honrar-Lhe a humanidade que estava destinada à morte. A mirra foi usada em Seu sepultamento. A manjedoura e a cruz estão relacionadas novamente, pois há mirra em ambas.

Quando os magos vieram do Oriente trazendo os presentes para o bebê, Herodes, o Grande, soube que tinha chegado o tempo do nascimento do Rei anunciado claramente aos judeus e vagamente percebido nas aspirações dos gentios. Contudo, como todo homem de mente carnal, ele carecia de senso espiritual, e, portanto, entendeu que decerto o Rei seria um político. Ele perguntou onde o Cristo havia de nascer. Os principais sacerdotes e sábios disseram-lhe: “Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta”. Herodes disse que queria adorar o bebê. Suas ações, no entanto, provaram o que realmente pretendia: “Se este é o Messias, tenho de matá-Lo”.

Vendo, então, Herodes que tinha sido enganado pelos magos,
ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus
arredores
todos os meninos de dois anos para baixo,
conforme o tempo exato que havia indagado dos magos.
(São Mateus 2,16)

Herodes será eternamente o modelo daqueles que fazem perguntas acerca da religião, mas que nunca agem corretamente com base no conhecimento

adquirido. Como o locutor dos trens, conhecem todas as estações, mas nunca viajam. O conhecimento meramente intelectual é sem valor, a menos que seja acompanhado pela submissão da vontade e pela ação correta.

Totalitários gostam de dizer que o cristianismo é o inimigo do Estado — uma forma eufemística de dizer: um inimigo deles mesmos. Herodes foi o primeiro totalitário nesse sentido; achava que Cristo seria seu inimigo antes que tivesse completado dois anos. Podia um bebê nascido sob a terra numa gruta abalar potentados e reis? Podia Ele, que ainda não tinha *demos* ou pessoas seguindo-O, ser um inimigo perigoso dos *demos-cratos* ou da democracia, o governo do povo? Nenhum bebê meramente humano podia provocar tal violência do Estado. O czar não temia Stálin, o filho de um sapateiro, quando este tinha dois anos; não mandou o filho do sapateiro e sua mãe para o exílio por temer que um dia viesse a ser uma ameaça para o mundo. Da mesma maneira, nenhuma espada foi erguida sobre a cabeça do menino Hitler, nem o governo se moveu contra Mao Tsé-Tung enquanto este ainda estava nas fraldas por temer que ele um dia levaria a China à foice assassina. Por que, então, os soldados foram chamados contra o bebê? Certamente há de ter sido porque aqueles que têm o espírito do mundo escondem ódio instintivo e inveja do Deus que reina sobre corações humanos. O ódio que o segundo Herodes mostraria por Cristo em Sua morte teve prólogo no ódio de seu pai, Herodes, o Grande, pelo Cristo ainda bebê.

Herodes temia que Aquele que veio trazer uma coroa celestial iria roubar-lhe a coroa fajuta. Fingiu que queria levar presentes, mas o único presente que queria levar era a morte. Homens maus, às vezes, escondem os maus desígnios sob a aparência de religião: “Sou religioso, mas...”. Homens podem fazer perguntas acerca de Jesus por duas razões — para adorar ou para causar dano. Alguns até mesmo fazem uso da religião para os maus desígnios, como Herodes fez uso dos Sábios. Perguntas sobre religião não produzem os mesmos resultados em todos os corações. *O que* os homens perguntam sobre a divindade nunca é tão importante quanto *por que* perguntam.

Antes que Cristo tivesse dois anos, houve um derramamento de sangue por Sua causa. Foi o primeiro atentado à Sua vida. Uma espada para o bebê; pedras para o homem; a cruz no final. Foi assim que os dele O receberam. Belém era a aurora do Calvário. A lei do sacrifício que sopraria em torno Dele e dos apóstolos e em torno de tantos de seus seguidores nos séculos por vir começou a obra ao arrebatrar jovens vidas que são efusivamente comemoradas

na Festividade dos Santos Inocentes. Uma cruz invertida para Pedro, um empurrão de um campanário para Tiago, uma punhalada para Bartolomeu, um caldeirão de óleo seguido de uma longa espera para João, uma espada para Paulo, e muitas espadas para os bebês inocentes de Belém. “O mundo vos odiará”, prometeu Cristo a todos que receberam o Seu selo. Esses inocentes morreram pelo Rei que nunca conheceram. Como cordeirinhos, morreram por causa do Cordeiro, os protótipos de uma longa procissão de mártires — essas crianças que nunca lutaram, mas foram coroadas. Na circuncisão, Ele derramou o próprio sangue; agora, Sua vinda anunciava o derramamento de sangue de outros por causa Dele. Assim como a circuncisão foi a marca da Antiga Lei, também a perseguição seria a marca da Nova Lei. “Por minha causa sereis odiados”, disse Ele aos apóstolos. Tudo em torno Dele falava de sua morte, pois este era o propósito de Sua vinda. A própria entrada do estábulo onde nasceu estava marcada com sangue, como nos umbrais dos judeus no Egito. Cordeiros inocentes na Páscoa sangraram por Ele durante séculos; agora crianças inocentes sem mácula, cordeirinhos humanos, por Ele sangram.

Mas Deus advertiu os sábios a não voltar a Herodes e eles

voltaram para sua terra por outro caminho.
(São Mateus 2,12)

Ninguém que encontra Cristo de boa vontade volta pelo mesmo caminho que veio. Confundido no propósito de matar o Divino, o tirano enfurecido ordenou a matança indiscriminada de todos os meninos com menos de dois anos. Há mais de uma forma de praticar o controle de natalidade.

Maria já estava preparada para a Cruz na vida do bebê, mas José, movendo-se num nível mais baixo de consciência, precisou da revelação de um anjo, que lhe disse para levar o menino e a mãe para o Egito.

Levanta-te, toma o menino e sua mãe
e foge para o Egito;
fica lá até que eu te avise,
porque Herodes vai procurar o menino para o matar.
José levantou-se durante a noite,

tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito.
Ali permaneceu até a morte de Herodes.
(São Mateus 2,13-15)

O exílio tinha de ser a sina do Salvador, de outro modo milhões de exílios de terras perseguidas estariam sem um Deus que compreendesse a agonia da falta de abrigo e da fuga desesperada. Por Sua presença no Egito, o Bebê Salvador consagrou uma terra que tinha sido o inimigo tradicional de seu próprio povo, e assim deu esperança a outras terras que mais tarde o rejeitariam. O êxodo foi revertido, visto que o Menino Deus fez do Egito morada temporária. Maria agora cantava como Miriã o fizera (Êxodo 15,20), enquanto um segundo José guardava o Pão Vivo para os corações humanos famintos. O assassinato dos inocentes promovido por Herodes relembra a matança das crianças judias levada a cabo pelo Faraó; e o que aconteceu quando Herodes morreu lembrou o Êxodo original. Quando Herodes, o Grande, morreu, um anjo mapeou o caminho de José, fazendo-o voltar à Galileia. Ele foi e se estabeleceu ali em cumprimento do que havia sido dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno”.

Após terem observado tudo
segundo a lei do Senhor,
voltaram para a Galileia,
à sua cidade de Nazaré.
(São Lucas 2,39)

O termo “Nazareno” tinha significado pejorativo. O vilarejo estava à margem das principais estradas ao pé das montanhas; abrigada entre colinas, estava fora do alcance dos mercadores da Grécia, das legiões de Roma e das viagens dos sofisticados. Não é mencionado na geografia antiga. Merecia seu nome, pois era só um “*netzer*”, um ramo que cresce no tronco da árvore. Séculos antes, Isaías tinha predito que um “ramo”, ou um “broto”, ou um “*netzer*”, cresceria das raízes do país; pareceria de pequeno valor e muitos o desprezariam, mas enfim teria domínio sobre toda a terra. O fato de Cristo ter fixado residência num vilarejo menosprezado prefigurava a obscuridade e

ignomínia que cairiam sobre ele e seus seguidores. O nome “Nazaré” seria cravado em Sua cabeça como “sinal de contradição”, como um repúdio sarcástico de Suas pretensões. Antes disso, quando Filipe disse a Natanael:

Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei
e que os profetas anunciaram:
é Jesus de Nazaré, filho de José.
(São João 1,45)

Natanael retorquiria:

Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?
(São João 1,46)

Às vezes, pensam que as grandes cidades contêm toda a sabedoria, enquanto as cidades pequenas são vistas como retrógradas e atrasadas. Cristo escolheu a insignificante Belém para a glória de Seu nascimento; a ridícula Nazaré para Sua juventude; mas a gloriosa e cosmopolita Jerusalém para a ignomínia de Sua morte. “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?” não é senão o prelúdio de: “Pode algo remível vir de um homem que morre numa cruz?”.

Nazaré seria para Ele um lugar de humilhação, um campo de treinamento para o Gólgota. Nazaré estava na Galileia, e toda a Galileia era uma região menosprezada aos olhos do povo mais refinado de Judá. O sotaque galileu era considerado rude e grosseiro, tanto que, quando Pedro negou Nosso Senhor, a criada lembrou-o de que seu sotaque o traía; tinha estado com o Galileu. Ninguém procuraria, portanto, um mestre na Galileia; e, todavia, a Luz do Mundo era o Galileu. Deus escolheu as coisas tolas do mundo para confundir as sábias e orgulhosas. Natanael simplesmente deu vazão a um preconceito mau, provavelmente tão velho quanto a própria humanidade; as pessoas e a capacidade de ensinar são julgadas pelos lugares de onde vêm. A sabedoria mundana vem de onde esperamos, dos *best-sellers*, das “marcas-padrão” e das universidades. A sabedoria divina vem das regiões mais insuspeitas, das quais o

mundo escarnece. A ignomínia de Nazaré recairia sobre Ele mais tarde. Seus ouvintes o ridicularizariam:

Este homem não fez estudos.
Donde lhe vem, pois,
este conhecimento das Escrituras?
(São João 7,15)

Embora esse fosse um reconhecimento relutante de Sua instrução, era também um desdém por sua origem “matuta”... Como Ele sabia? Nem suspeitavam da resposta verdadeira; a saber, que além do conhecimento de Seu intelecto humano, tinha a sabedoria que não se aprende na escola, nem se estuda por si mesma, e nem mesmo Deus ensina, no sentido de que os profetas eram instruídos por Deus. Ele foi educado pela mãe e aprendeu na sinagoga do vilarejo; mas os segredos de Seu conhecimento devem ser encontrados na união com o Pai Celestial.

OBEDIÊNCIA E O MENINO NO TEMPLO

Na primeira Páscoa após Jesus ter completado 12 anos, Seus pais o levaram para Jerusalém com outros homens de Nazaré. A lei exigia o comparecimento de todos os homens judeus em três grandes festas: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Quando o Menino Deus subiu ao templo, provavelmente, seguiu, como de costume, todas as prescrições da lei judaica. Aos três anos, foi-lhe dada uma veste de borlas;³ aos cinco, aprendeu, sob a direção da mãe, partes da lei que eram escritas em rolos de pergaminho; aos 12, começou a usar os filactérios⁴ que os judeus sempre colocam para recitar as preces diárias. Levou vários dias para viajar nas estradas estreitas entre Nazaré e a Cidade Sagrada. Como todos os peregrinos, a sagrada família provavelmente cantou os salmos processionais durante a jornada, cantando o Salmo 122 (121) quando avistaram as muralhas do templo pela primeira vez.

José deve ter ido ao templo para matar o cordeiro pascal. Já que o menino estava na idade legal para as cerimônias do templo, deve ter assistido o sangue do cordeiro se esvaír da ferida e ser aspergido aos pés do altar nas quatro

direções da terra. A cruz estava, mais uma vez, diante de Seus olhos. O menino também viu a carcaça do cordeiro ser preparada para a ceia. Isso foi feito, segundo a lei, transpassando dois espetos de madeira pelo corpo, um através do peito e outro através das patas dianteiras, de modo que o cordeiro parecia estar em uma cruz.

Após cumprir os rituais, os homens e as mulheres partiam em caravanas separadas, para se encontrarem novamente à noite. Entretanto, o Menino Jesus, sem que os pais soubessem, ficou para trás, em Jerusalém. Eles, acreditando que o Menino estava entre os companheiros de viagem, percorreram um dia inteiro de jornada antes de dar falta dele. Foi assim que Jesus foi “perdido” por três dias. Ao longo de toda a Sua infância houve uma conversa de “contradição”, “espadas”, “de não ter lugar”, “exílio”, “matança” e nesse momento houve a “perda”. Naqueles três dias, Maria veio a conhecer um dos efeitos do pecado, a saber, a perda de Deus. Embora fosse sem pecado, mesmo assim ela conheceu os temores e a solidão, as trevas e o isolamento que todo pecador experimenta quando perde Deus. Foi uma espécie de esconde-esconde glorificado. Ele era dela; por isso ela O procurou. Estava nos afazeres da redenção, por isso Ele a deixou e foi para o templo. Ela tivera sua *noite escura* do corpo no Egito; teria agora a *noite escura* da alma em Jerusalém. As mães devem ser treinadas para suportar cruces. Não só o seu corpo, mas a sua alma, tiveram de pagar muito caro pelo privilégio de ser Sua mãe. Mais tarde, ela sofreria uma perda de outros três dias — da Sexta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa. Essa primeira perda foi parte de sua preparação.

Cristo sempre é encontrado em lugares inesperados; em uma manjedoura pelos magos; em uma cidadezinha, desprezado até mesmo pelos apóstolos. Seus pais agora O encontraram inesperadamente no templo. Tinham se passado três dias até que O encontrassem, exatamente como seriam três dias até Maria O encontrar de novo após o Calvário. O templo exercia grande fascínio sobre Ele, já que era uma pequena ilustração ou modelo do paraíso; a casa do Pai era Seu lar e Ele se sentia em casa.

Havia uma escola no templo, em que ensinavam a uma série de rabinos; o gentil Hillel talvez ainda estivesse vivo e deve ter estado presente no templo para ingressar na conversa com o Menino Deus. O filho de Hillel, o rabino Simeão e mesmo seu bisneto, Gamaliel, futuro mestre de São Paulo, devem ter estado nesse grupo — apesar de Gamaliel, na época, ter quase a mesma idade do Menino Deus. Anás acabara de ser indicado como sumo sacerdote e, por

certo, deveria ter ouvido algo a respeito do Menino Deus, se é que não estava presente.

Foi nessa escola de rabinos que Maria e José O encontraram.

Três dias depois o acharam no templo,
sentado no meio dos doutores,
ouvindo-os e interrogando-os.
Todos os que o ouviam
estavam maravilhados da sabedoria
de suas respostas.
(São Lucas 2,46-47)

O fato de Ele estar sentado em meio aos doutores indicava que O receberam não só como aprendiz, mas como professor. Há uma restrição manifestada no Evangelho a respeito dessa cena que contrasta fortemente com certos escritos apócrifos. O Evangelho de São Tomé, que é do século II e não é um evangelho aceito, descreve Nosso Senhor, nessa ocasião, como professor. Um evangelho árabe de um período posterior, na verdade, faz as instruções tocarem em Metafísica e Astronomia. Os Evangelhos revelados, contudo, sempre demonstram forte restrição a ponto de atenuar o relato da vida de Nosso Senhor.

Quando eles o viram, ficaram admirados.
(São Lucas 2,48)

Provavelmente ficaram espantados por conta do ensinamento que apresentava. O salmista sugerira que Ele possuía mais compreensão que os Seus mestres porque os testemunhos de Deus eram o Seu estudo. O espanto também pode ter vindo do fato de que, às vezes, é difícil para uma mãe perceber que o filho rapidamente se tornou homem e assevera seu propósito individual na vida.

Em uma terra onde a autoridade do pai era suprema, não foi José, o pai adotivo, mas Maria quem falou:

Meu filho, que nos fizeste?!
Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura,
cheios de aflição.
(São Lucas 2,48)

O nascimento virginal estava sugerido no seu questionamento. A pergunta indicava que a ênfase estava mais no fato de Ele ser o filho *dela* do que no fato de Ele também ser o Filho de Deus. Essa distinção é mais enfatizada por ela acrescentar uma nota sobre a paternidade, ao dizer “teu pai e eu”.

O Menino Deus respondeu fazendo uma distinção entre aquele a quem honrava como pai na terra e o Pai Eterno. Essa resposta afirmou uma separação de vias; mas isso não diminuiu o dever filial devido a Maria e a José, pois Ele se lhes sujeitou de novo imediatamente, mas de maneira decisiva colocou-os em segundo lugar.

Essas são as primeiras palavras de Jesus registradas nos Evangelhos e aparecem em forma de pergunta:

Por que me procuráveis?
Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?
(São Lucas 2,49)

Essa é uma referência evidente às palavras de Maria: “teu pai e eu”. Quando disse que Sua mãe deveria saber que Ele se ocupava das coisas do Pai, estava, evidentemente, se referindo àquilo que ela aprendera na Anunciação quando o anjo lhe disse:

O Espírito Santo descera sobre ti,
e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra.
Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus.
(São Lucas 1,35)

O relacionamento com a própria mãe seria evidenciado na festa de casamento em Caná; aqui estabeleceu a natureza de Seu relacionamento com o pai adotivo. Ele rejeitou a paternidade física ao reivindicar a paternidade divina do Pai Celestial. Em Caná, diria à mãe:

Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou.
(São João 2,4)

Na ocasião, insinuava outra maternidade que não a da carne, assim como agora sugeria outra paternidade que não aquela exercida por José. Nunca mais José aparece nos Evangelhos.

No templo, Nosso Senhor se apartou do direito de Seu pai adotivo, assim como, mais tarde, em Caná, se apartaria dos direitos de Sua mãe. A missão suprema era ser um salvador; mas, naquele momento, isso incluía obedecer aos guardiões terrenos. O menino sugeria que havia algo na história que deveria ser conhecido pelo pai adotivo e pela mãe, algo que justificasse estar onde estava e tolher-lhes a aflição. Foi por isso que perguntou: “Por que me procuráveis?”, e acrescentou: “Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?”. Estava a dizer que deveria estar no templo do próprio Pai. Esse foi o primeiro dos muitos “deveres” que Nosso Senhor pronunciou durante a vida para indicar que estava sob um mandado, sujeito a ser um resgate. O próprio fato de Ele ter associado a expressão “devo” ao Pai Celestial significa que Sua filiação encerrava obediência. Aos 12 anos de idade se enredava em algo que seria aborrecido para Sua natureza humana, mas toda a Sua natureza estava inclinada a realizar um “dever” divino.

Se existe alguma coisa que descarta a falsa suposição de que sua consciência de uma união com o Pai se desenvolveu aos poucos, é nesse texto em que Ele, como um menino de 12 anos, alude à sua origem misteriosa e à personagem adotiva de Seu pai, bem como à unidade perfeitamente consciente com a divindade; as limitações divinas que lhe influenciaram a vida já eram percebidas por ele de modo profundo. Com frequência, usa a palavra “dever”.

Devo pregar o Reino de Deus.
Devo habitar na tua casa.

- Devo* fazer as obras daquele que me enviou.
O Filho do Homem *deve* sofrer muitas coisas.
O Filho do Homem *deve* ser erguido.
O Filho do Homem *deve* sofrer para ingressar na sua glória.
O Filho do Homem *deve* ressuscitar.

Ele sempre falou como alguém que estava sob ordens. Livre das coações da hereditariedade, das circunstâncias e da família, esse menino de 12 anos disse estar vinculado a uma missão celestial. Por esse motivo, perguntou por que o procuravam. Surpreendeu-se que qualquer outra explicação diferente de estar obedecendo à vontade do Pai lhes tenha ocorrido. O imperativo do Amor Divino estava manifestado nesse “dever”. Não existe diferença fundamental entre o Menino no templo e o Homem que disse que “deveria ser erguido” na cruz. Teria de morrer porque queria salvar. Sua obediência filial ao Pai coincidiu com Sua piedade para com os homens. Não seria uma tragédia, visto que “o Filho do Homem deveria ressuscitar depois de três dias”. Seu plano era revelado aos poucos às mentes dos homens; mas não havia revelação gradual em Sua mente, nenhuma nova compreensão de por que deveria vir.

As coisas do Pai ao fim dos três dias no templo não eram diferentes das coisas do Pai ao fim de três dias na sepultura. Como todos os outros incidentes na infância, esse testemunhou a missão na Cruz. Todos os homens nascem para viver; Ele nasceu para fazer as coisas do Pai, que era morrer e, assim, salvar. Essas primeiras palavras registradas pareciam os brotos de uma flor de maracujá. No domingo de Páscoa, Maria O encontraria novamente no templo — o templo de Seu corpo glorioso.

A espada já viera a Maria antes da Cruz ter chegado ao Filho, pois ela já sentira a separação cortante. Na Cruz, iria, em Sua natureza humana, proferir o brado da Sua maior agonia, “Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?”. Entretanto, Maria o proferira enquanto Ele ainda era menino, perdido no templo. As dores da alma mais penetrantes são as que Deus impõe, como Jesus impôs essa à mãe. As criaturas podem ferir umas às outras somente no exterior, mas a chama purificadora de Deus pode penetrar na alma como uma espada de dois gumes. Ambas as naturezas Dele a ensinavam a se preparar para a vida de sofrimentos: a natureza humana, ao esconder a beleza de Sua face durante aqueles três dias, melhor dizendo, três noites; a natureza divina, ao

proclamar que o Pai o enviara à terra para fazer as coisas do céu, que era abrir os céus à humanidade ao pagar a dívida pelos pecados dos homens.

NAZARÉ

Esse é o único incidente de Sua infância contado nas Escrituras. Pelos próximos 18 anos Ele permaneceu em Nazaré.

Em seguida, desceu com eles a Nazaré
e lhes era submisso.
Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.
E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça,
diante de Deus e dos homens.
(São Lucas 2,51-52)

Se já existiu um filho de quem se poderia esperar que alegasse independência pessoal (especialmente depois da potente afirmação no templo), esse era Ele. E, ainda assim, para santificar e exemplificar a obediência humana e para compensar a desobediência dos homens, viveu sob um teto humilde, obediente aos pais. Nos 18 anos sem intercorrências, consertou os telhados planos das casas de Nazaré e as carroças dos agricultores. Todas as tarefas desprezíveis e insignificantes eram parte das coisas do Pai. A evolução humana do Deus-Homem se deu no vilarejo de maneira tão natural que nem mesmo os habitantes da cidade estavam conscientes da grandeza Daquele que habitava no meio deles. Era, de fato, um “rebaixamento”, no sentido de que, para Ele, era espírito de sacrifício e abnegação submeter-se às próprias criaturas. Evidentemente, Ele seguiu o ofício de carpinteiro, pois, 18 anos depois, as pessoas da cidade perguntariam:

Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria [...]?
(São Marcos 6,3)

Justino Mártir, com base na tradição, diz que, durante esse período, Nosso Senhor fez arados e jugos e ensinou a justiça aos homens pelos frutos de Seu trabalho pacífico.

O crescer em sabedoria que é dito do Menino Deus não foi, como vimos, um crescer na consciência de divindade. Visto que era homem, estava sujeito a todas as leis que regulam o crescimento humano; por ter inteligência e vontade humanas, era natural que essas faculdades se manifestassem de maneira humana. No desenvolver do conhecimento experimental, a influência do ambiente há de ser especialmente notada. Muitas das comparações que utilizava nas parábolas foram tomadas do mundo em que vivera. Foi por intermédio da influência dos pais que aprendeu a língua comum, o aramaico, e, sem dúvida, aprendeu também a língua litúrgica, o hebraico. É bastante provável que tenha aprendido grego, já que era falado, até certo ponto, na Galileia e, aparentemente, também era a língua de dois de seus parentes, Tiago Menor e Judas, que depois escreveram epístolas em grego.

Ele também aprendeu o ofício da carpintaria, que resultou em um desenvolvimento maior do intelecto humano. Mais tarde, recebeu o título de rabi por causa do profundo conhecimento das Escrituras e da lei. Com frequência iniciava discussões com as palavras “não lestes”, demonstrando, assim, Seu conhecimento das Escrituras. Sua família, a sinagoga, os arredores e a própria natureza — tudo contribuía um pouco com sua inteligência e vontade humanas. Possuía tanto um intelecto humano como uma vontade humana. Sem o primeiro, não poderia ter crescido no conhecimento experimental humano; sem a segunda, não poderia ter sido obediente a uma vontade superior. Ademais, ambos eram essenciais a Ele como homem. Desenvolvera o conhecimento como homem; como Deus, foi além do conhecimento humano. Isso é o que João descreve como o “Verbo”, que significa a sabedoria, o pensamento ou a inteligência de Deus.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus
e o Verbo era Deus.

Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.

(São João 1,1.3.14)

As relações profundas que tinha com o Pai do Céu não eram apenas provenientes da oração e da meditação; essas, qualquer ser humano pode estabelecer. Elas provinham, antes, da identidade de natureza com a divindade.

Visto que o pecado mais comum da humanidade é o orgulho ou a exaltação do ego, era conveniente que, em expiação por esse orgulho, Cristo praticasse a obediência. Não era como quem é obediente por conta de uma recompensa ou para fortalecer o caráter futuro; ao contrário, sendo o Filho, já desfrutava da plenitude do amor do Pai. Foi dessa mesma plenitude que fluiu uma rendição infantil à vontade do Pai. Apresentou isso como causa da rendição à cruz. Mais ou menos uma hora antes de ingressar na agonia do Jardim das Oliveiras, diria:

O mundo, porém, deve saber que amo o Pai
e procedo como o Pai me ordenou.
(São João 14,31)

Os únicos atos registrados da infância de Cristo são os de obediência — obediência ao Pai Celestial e aos pais terrenos. O fundamento da obediência para o homem, ensinou, é a obediência a Deus. Os anciãos que não servem a Deus descobrem que os jovens não lhes servem. Toda a vida de Cristo foi submissão. Submeteu-Se ao batismo de João, embora não necessitasse; submeteu-Se ao imposto do templo, embora, como Filho do Pai, fosse isento; e pediu aos próprios seguidores que se submetessem a César. O Calvário projetou Sua sombra sobre Belém, de modo que agora obscureceu os anos de obediência em Nazaré. Ao sujeitar-se às criaturas, conquanto fosse Deus, preparou-se para a obediência final — obediência à humilhação na cruz.

Pelos 18 anos seguintes, depois da perda de três dias, Ele, que fez o universo, exerceu o papel de carpinteiro em um vilarejo, um operário da madeira. Os pregos e as vigas transversais, tão familiares na oficina, tornaram-se, mais tarde, os instrumentos de sua tortura; e Ele mesmo seria pregado a um pedaço de madeira. Poderíamos pensar por que essa longa preparação para um ministério tão breve de três anos. O motivo pode muito bem ser que Ele esperara até que a natureza humana que assumira tivesse crescido em anos para atingir a perfeição plena, de modo que oferecesse o sacrifício perfeito ao Pai

Celestial. O agricultor espera até que o trigo esteja maduro antes de ceifá-lo e submetê-lo ao moinho. Da mesma maneira, Jesus esperaria até que Sua natureza humana tivesse alcançado as mais perfeitas proporções e o auge da beleza antes de entregá-la ao martelo dos crucificadores e à foice daqueles que ceifariam o pão vivo dos céus. Um cordeiro recém-nascido nunca foi dado em sacrifício, nem o primeiro rubor da rosa colhido para homenagear um amigo. Cada coisa tem a sua hora de perfeição. Já que ele era o cordeiro que podia estabelecer a hora do próprio sacrifício, já que era a rosa que podia escolher o momento do corte, esperou pacientemente, com humildade e obediência, enquanto crescia em anos, graça e sabedoria diante de Deus e dos homens. Então, diria: “Eis a tua hora”. Desse modo, o melhor trigo e o vinho mais tinto se tornariam os elementos mais dignos de sacrifício.

JOÃO BATISTA

O silêncio terrível de trinta anos foi interrompido somente pela breve cena no templo. Chegava o momento de sair da vida privada para a pública. Porque o acontecimento estremeceria o mundo, Lucas relaciona o aparecimento do precursor de Nosso Senhor, João Batista, com o reinado do tirano Tibério, o governante de Roma. Plínio, que posteriormente escreveria como historiador romano a respeito de Cristo, era, nesse momento, uma criança de quatro anos de idade; Vespasiano, que mais tarde conquistaria Jerusalém com seu filho Tito, tinha 19 anos. Um dos casamentos mais importantes em Roma na época foi o da filha de Germânico, que nove anos depois daria à luz o grande perseguidor dos seguidores de Cristo, Nero. Em meio a essa paz romana relativa

veio a palavra do Senhor no deserto a João,
filho de Zacarias.
(São Lucas 3,2)

João vivia em solidão no deserto, vestido de pelo de camelo com um cinturão de couro na cintura. Sua alimentação consistia em gafanhotos e mel silvestre. Sua veste, provavelmente, buscava assemelhar-se com a de Elias, em

cujo espírito João deveria ir diante de Cristo. Já que pregava a mortificação, também a praticava. Se tinha de preparar as veredas para Cristo, também deveria evocar uma consciência penitente do pecado. João era um asceta severo, movido por uma convicção profunda do pecado no mundo. O âmago de sua mensagem para soldados, funcionários públicos, fazendeiros e qualquer um que o ouvisse era “arrependei-vos”. A primeira nota de advertência no Novo Testamento diz a todos os homens que mudem. Os saduceus deveriam abandonar as coisas mundanas; os fariseus, a hipocrisia e a dissimulação; todos que vão ao Cristo devem arrepender-se.

Com o país sob o tacão romano, um caminho mais certo para a popularidade de João seria prometer que aquele que estava por vir, aquele que anunciava, seria um libertador político. Esse teria sido o caminho humano; mas, em vez de uma convocação, João acenou para uma reparação dos pecados. E os que alegavam descender de Abraão não deveriam se gloriar disso, porque, se Deus desejasse, poderia fazer surgir filhos de Abraão das próprias pedras.

Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira iminente?
Fazei, pois, uma conversão realmente frutuosa
e não comeceis a dizer: Temos Abraão por pai.
Pois vos digo: Deus tem poder para
destas pedras suscitar filhos a Abraão.
(São Lucas 3,7-8)

Muitos séculos antes, Isaías previu que o Messias seria precedido por um mensageiro.

Eis que envio o meu anjo diante de ti:
ele preparará o teu caminho.
Uma voz clama no deserto:
Traçai o caminho do Senhor,
aplanai as suas veredas.
(São Marcos 1,2-3)

Cerca de trezentos anos depois de Isaías, o profeta Malaquias profetizou que o arauto que Isaías prometera viria no espírito de Elias.

Vou mandar-vos o profeta Elias.
(Malaquias 3,23)

Agora, séculos depois, apareceu no deserto esse grande homem, levando o mesmo tipo de vida de Elias.

Em todos os países, quando o chefe de governo deseja visitar outro governo, envia mensageiros “antes dele”. Do mesmo modo, João Batista foi enviado para preparar o caminho do Cristo, para anunciar as condições de seu reino e governo. João, apesar das profecias que fizeram a seu respeito, recusou-se a dizer que era o Messias, e disse ser apenas:

Eu sou a voz que clama no deserto.
(São João 1,23)

Mesmo antes de se encontrar com o Messias, que era seu primo, anunciou a superioridade de Cristo:

Depois de mim vem outro mais poderoso do que eu,
ante o qual não sou digno de me prostrar
para desatar-lhe a correia do calçado.
(São Marcos 1,7)

João se considerava indigno de desatar as correias das sandálias de Nosso Senhor, mas Jesus o superaria em humildade ao lavar os pés dos apóstolos. A grandiosidade de João consistia no fato de que, a ele, foi dado o privilégio de correr na frente da carruagem do rei e bradar: “Cristo veio”.

João utilizou símbolos e palavras. O principal símbolo da remissão dos pecados era a purificação pela água. João fora batizado no rio Jordão, como sinal de arrependimento, mas sabia que seu batismo não regenerava nem

despertava a alma morta. Foi por isso que contrastou o seu batismo com o que Cristo, mais tarde, conferiria, ao falar deste, e disse:

Ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo.
(São Mateus 3,11)

No dia em que João e Jesus se encontraram no rio Jordão, algo dentro de João despertou uma humildade profunda e muitíssimo reverente. João sentiu a necessidade de um redentor, mas, quando Nosso Senhor pediu-lhe que O batizasse, João ficou relutante em fazê-lo. Imediatamente reconheceu a incongruência de submeter Nosso Senhor a um rito que professava o arrependimento e prometia expurgo:

Eu devo ser batizado por ti e tu vens a mim!
(São Mateus 3,14)

Como poderia batizar Aquele que não tem pecado? A recusa de batizar Jesus era o reconhecimento da ausência de pecado.

Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por agora,
pois convém cumpramos a justiça completa.
(São Mateus 3,15)

O objetivo do batismo de Jesus foi o mesmo do nascimento, a saber, identificar-se com a humanidade pecadora. Isaías não previra que Ele se deixaria “colocar entre os criminosos” (Isaías 53,12)? Com efeito, Nosso Senhor estava a dizer: “Sofro isso para que se cumpra; não vos parece apropriado, mas, em verdade, está em completa harmonia com o propósito de minha vinda”. Cristo não estava como pessoa privada, mas como representante da humanidade pecadora, embora Ele mesmo não tivesse pecado.

Todo israelita que chegava a João fazia uma confissão dos pecados. É evidente que Nosso Senhor não fez confissão alguma, e o próprio João admitiu

que não tinha necessidade de fazê-la. Não tinha pecados de que se arrepender e nenhum pecado a ser expiado. Entretanto, ao mesmo tempo, identificava-se com os pecadores. Quando foi até o rio Jordão para ser batizado, fez-se um com os pecadores. O inocente pode partilhar os fardos dos pecadores. Se um marido é culpado de um crime, é inútil dizer à mulher que não se preocupe com isso ou que isso não lhe diz respeito. É igualmente absurdo dizer que Nosso Senhor não deveria ser batizado porque não tinha culpa pessoal. Se tinha de se identificar com a humanidade, tanto assim que se denominou “Filho do Homem”, então tinha de partilhar a culpa da humanidade. E esse foi o significado do batismo feito por João.

Muitos anos antes, Ele dissera que deveria estar prestes a realizar as coisas do Pai; agora começava a revelar quais seriam os assuntos do Pai: a salvação da humanidade. Expressava o relacionamento com seu povo, em cujo nome fora enviado. No templo, aos 12 anos, a ênfase estivera em Sua origem; agora, no Jordão, era a natureza de Sua missão. No templo, falara do mandato divino. Sob as mãos purificadoras de João, tornou clara Sua unidade com os homens.

Mais tarde, diria Nosso Senhor Santíssimo:

A lei e os profetas duraram até João.
(São Lucas 16,16)

Indicava que os longos séculos foram testemunha fiel da vinda do Messias, mas, naquele momento, fora virada uma nova página, fora escrito um novo capítulo. De agora em diante, Ele se amalgamaria com o povo pecador. Empenhar-se-ia, dali em diante, a viver e exercer o ministério entre as vítimas do pecado; a ser traído nas mãos dos pecadores e a ser acusado de pecado, embora soubesse não ter pecado. Assim como foi circuncidado na infância, como se Sua natureza fosse pecadora, do mesmo modo, agora, seria batizado, ainda que não precisasse de purificação.

Havia três ritos no Antigo Testamento que eram uma espécie de batismo. O primeiro era um “batismo” de água. Moisés levou Aarão e seu filho às portas do tabernáculo e os banhou com água. Isso foi seguido por um “batismo” de óleo quando Moisés derramou óleo sobre a cabeça de Aarão para santificá-lo. O “batismo” final foi de sangue. Moisés tomou o sangue do cordeiro da

consagração e o derramou sobre o ouvido direito de Aarão, sobre o polegar da mão direita e sobre o dedão de seu pé direito. Esse ritual sugeria uma consagração gradual. Esses batismos teriam a contrapartida no Jordão, na Transfiguração e no Calvário.

O batismo do Jordão foi o prelúdio do batismo que mencionaria depois, o batismo da Paixão. Posteriormente, por duas vezes, viria a referir-se ao Seu batismo. A primeira vez foi quando Tiago e João perguntaram-Lhe se poderiam sentar ao lado Dele no Reino. Em resposta, perguntou-lhes se estavam prontos para ser batizados com o batismo que Ele receberia. Assim, o batismo pela água antecipava o de sangue. O rio Jordão fluiu para os rios escarlates do Calvário. A segunda vez que se referiu ao batismo foi ao dizer aos apóstolos:

Mas devo ser batizado num batismo;
e quanto anseio até que ele se cumpra!
(São Lucas 12,50)

Nas águas do Jordão, identificou-se com os pecadores; no batismo de Sua morte, suportaria todo o peso dos pecados. No Antigo Testamento, o salmista fala de “entrar em águas profundas” como um símbolo do sofrimento que é, obviamente, a mesma imagem. Há conveniência em descrever a agonia e a morte como uma espécie de batismo.

A cruz deveria estar vindo ao pensamento, agora, com vivacidade cada vez maior. Não havia uma reflexão posterior em seu pensar. Esteve temporariamente imerso nas águas do Jordão apenas para emergir de novo. Da mesma maneira, seria imerso pela morte na cruz e o enterro no sepulcro apenas para emergir triunfante na ressurreição. Proclamara a missão dada pelo Pai aos 12 anos; agora, preparava-se para a oblação.

Depois que Jesus foi batizado, saiu logo da água.
Eis que os céus se abriram e viu descer sobre ele,
em forma de pomba, o Espírito de Deus.
E do céu baixou uma voz:
Eis meu Filho muito amado em quem ponho minha afeição.

(São Mateus 3,16)

A humanidade sagrada de Cristo era o elo entre o céu e a terra. A voz dos céus que O declarou Filho muito amado do Pai Eterno não anunciava um fato novo ou uma nova filiação de Nosso Senhor. Simplesmente, fazia uma declaração solene daquela filiação, existente desde a eternidade, mas que agora começava a se manifestar em público como mediador entre Deus e o homem. O apreço do Pai, no original em grego, é registrado no tempo verbal aoristo,⁵ para denotar o ato eterno de contemplação amorosa com que o Pai olha para o Filho.

O Cristo que saiu das águas, como a terra saiu da água na criação e depois do dilúvio, como Moisés e seu povo saíram das águas do Mar Vermelho, foi agora glorificado pelo Espírito Santo aparecendo na forma de uma pomba. O Espírito de Deus nunca aparece na forma de uma pomba em nenhum outro lugar a não ser aqui. O Livro do Levítico menciona oferendas que eram feitas segundo a posição econômica e social do doador. Um homem que pudesse dispor traria um boi e um homem pobre ofereceria um cordeiro; porém, o mais pobre de todos tinha o privilégio de levar pombinhas. Quando a mãe de Nosso Senhor o levou ao templo, sua oferta foi uma pomba. A pomba era o símbolo da gentileza e da paz, mas, sobretudo, era o tipo de sacrifício possível para as pessoas mais pobres. Sempre que um hebreu pensava em um cordeiro ou uma pomba, imediatamente pensava em um sacrifício pelo pecado. Assim, o Espírito descendo sobre Nosso Senhor foi para eles um símbolo de submissão ao sacrifício. Cristo já tinha se unido, simbolicamente, ao homem no batismo, em antecipação à submersão nas águas do sofrimento, mas, agora, também foi coroado, dedicado e consagrado àquele sacrifício pela vinda do Espírito. As águas do Jordão se uniram aos homens, o Espírito o coroou e o consagrou ao sacrifício, a voz atestou que o Seu sacrifício seria agradável ao Pai Eterno.

As sementes da doutrina da Santíssima Trindade que foram plantadas no Antigo Testamento começaram, nesse momento, a se desenvolver. Elas se tornariam mais claras com o passar do tempo: o Pai, o Criador; o Filho, o Redentor; e o Espírito Santo, o Santificador. Aqui, as próprias palavras ditas pelo Pai —, “Eis meu Filho” — foram endereçadas profeticamente ao Messias, milhares de anos antes, no Salmo 2.

Tu és meu filho, eu hoje te gerei.
(Salmos 2,7)

Nosso Senhor diria a Nicodemos, mais tarde:

Em verdade, em verdade te digo:
quem não renascer da água e do Espírito
não poderá entrar no Reino de Deus.
(São Marcos 3,5)

O batismo do Jordão encerra a vida privada de Nosso Senhor e dá início ao Seu ministério público. Imergira nas águas conhecido pela maioria dos homens somente como o filho de Maria; saiu pronto para revelar-se como era desde toda a eternidade, o Filho de Deus. Era o Filho de Deus, semelhante a todos os homens, exceto no pecado. O Espírito O ungira não só para ensinar, mas para redimir.

Notas

2 | Alusão aos versos do poeta e místico inglês Francis Thompson (1859-1907). (N. T.)

3 | Indumentária conhecida no judaísmo como *talit catan* e ornada de borlas ou franjas (*tsitsit*), segundo o prescrito no Livro dos Números 15,37-40 que tinha por objetivo fazer com que o cidadão israelita viesse a se lembrar da Lei de Moisés e guardar os seus mandamentos. (N. T.)

4 | Pequenas caixas de couro quadrangulares, contendo cédulas de pergaminho com passagens bíblicas, que os judeus trazem atadas, uma na testa e uma no braço esquerdo, durante a oração da manhã dos dias úteis. (N. T.)

5 | *Aoristos* em grego quer dizer “sem limite”. É um tempo verbal que indica um passado indefinido, indeterminado. Nas línguas comuns modernas não existe esse tempo verbal. (N. T.)

3

TRÊS CAMINHOS ALTERNATIVOS À CRUZ

Imediatamente após o batismo, Nosso Senhor saiu em retiro. O deserto seria Sua escola, assim como o fora a escola de Moisés e de Elias. O retiro é uma preparação para a ação. Mais tarde, teria o mesmo propósito para Paulo. Toda consolação humana foi deixada para trás “em companhia dos animais selvagens”. E, por quarenta dias, nada comeu.

Já que o propósito de Sua vinda era lutar contra as forças do mal, Seu primeiro encontro não foi uma contenda com um mestre humano, mas uma disputa com o próprio príncipe do mal.

Em seguida, Jesus foi conduzido pelo Espírito
ao deserto para ser tentado pelo demônio.
(São Mateus 4,1)

A tentação era uma preparação negativa para o Seu ministério, assim como o batismo fora uma preparação positiva. No batismo, recebera o Espírito e a confirmação de Sua missão; nas tentações, recebeu o fortalecimento que advém diretamente da provação e do teste. Há uma lei inscrita em todo o universo segundo a qual ninguém será coroado a menos que, primeiro, tenha lutado. Nenhum resplendor de mérito se detém sobre os que não lutam. *Icebergs* que flutuam nas correntes frias do Norte não exigem nossa atenção respeitosa somente por serem *icebergs*; mas, se flutuassem nas cálidas correntes do Golfo sem se dissolver, nos causariam admiração e espanto. Poderia ser dito, se o fizessem de propósito, que tinham energia moral.

A única maneira que alguém tem de provar amor é por um ato de escolha; meras palavras não são o bastante. Por isso, a provação original dada ao homem foi, novamente, dada a todos os homens; até mesmo os anjos passaram por uma provação. O gelo não merece crédito por ser frio; nem o fogo, por ser quente. Só os que têm a possibilidade de escolha podem ser louvados por seus atos. É pela tentação e pelo esforço que são reveladas as profundezas do caráter. Diz a Escritura:

Feliz o homem que suporta a tentação.
Porque, depois de sofrer a provação,
Receberá a coroa da vida que
Deus prometeu aos que O amam.
(São Tiago 1,12)

As defesas da alma se veem na versão mais forte quando o mal resistido também é forte. A presença da tentação não necessariamente sugere imperfeição moral da parte daquele que é tentado. Nesse caso, Nosso Senhor não poderia ter sido tentado de modo algum. Uma tendência íntima para o mal, como o homem tem, não é, necessariamente, uma condição para uma investida da tentação. A tentação de Nosso Senhor veio de fora, e não do íntimo, como a nossa muitas vezes provém. O que estava em jogo na provação de Nosso Senhor não era a perversão de apetites naturais para os quais é tentado o restante dos homens; era um apelo para Nosso Senhor desconsiderar Sua missão divina e Sua obra messiânica. A tentação que vem do exterior não necessariamente enfraquece o caráter; de fato, quando vencida, oferece oportunidade de aumentar a santidade. Se deveria ser o homem-modelo, Ele teria de nos ensinar como conquistar a santidade superando a tentação.

De fato, por ter ele mesmo
suportado tribulações,
está em condição de vir em auxílio
dos que são atribulados.
(Hebreus 2,18)

Isso é ilustrado pela personagem de Ângelo na peça *Medida por medida*:

Mas uma coisa, Escalo, é ser tentado,
Outra é cair.
(Shakespeare, *Medida por medida*, Ato II, cena I)

O tentador era pecaminoso, mas Aquele que foi tentado era inocente. Toda a história do mundo gira em torno de duas pessoas, Adão e Cristo. A Adão foi dado um posto para preservar, mas ele fracassou. Portanto, sua perda foi a perda da humanidade, pois ele era o cabeça. Quando um governante declara guerra, os cidadãos também declaram guerra, embora eles mesmos não façam uma declaração explícita. Quando Adão declarou guerra a Deus, o homem também declarou guerra.

Ora, com Cristo, tudo estava novamente em jogo. Repetiu-se a tentação de Adão. Se Deus não tivesse tomado sobre si a natureza humana, não teria sido tentado. Ainda que Suas naturezas divina e humana estivessem unidas em uma pessoa, a natureza divina não foi diminuída por Sua humanidade, nem a humanidade desproporcionalmente engolida pela união com a divindade. Porque tinha uma natureza humana, Ele podia ser tentado. Se tinha de ser semelhante a nós em todas as coisas, teria de passar pela experiência humana de resistir à tentação. É por isso que, na Epístola aos Hebreus, somos lembrados de como Ele estava intimamente ligado à humanidade em Suas provações:

Porque não temos nele um pontífice incapaz
de compadecer-se das nossas fraquezas.
Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós,
com exceção do pecado.
(Hebreus 4,15)

É parte da disciplina de Deus fazer com que os amados se aperfeiçoem pela provação e pelo sofrimento. Somente ao carregar a cruz, a pessoa pode chegar à ressurreição. Foi exatamente essa parte da missão de Nosso Senhor que o demônio atacou. As tentações se destinavam a desviar Nosso Senhor de Sua

obra de salvação pelo sacrifício. Em vez da cruz como meio de ganhar as almas dos homens, Satanás sugeriu três caminhos alternativos de popularização: um deles econômico, outro baseado em maravilhas e, um terceiro, político. Poucas pessoas, nos dias de hoje, acreditam no demônio, o que muito lhe convém. Ele sempre ajuda a divulgar as notícias da própria morte. A essência de Deus é ser, e Ele se define como: “Sou aquele que é”. A essência do demônio é a mentira, e ele se define como: “Sou quem não sou”. Satanás tem poucos problemas com os que não acreditam nele: já estão do seu lado.

As tentações do homem são bem fáceis de analisar porque sempre recaem em uma das três categorias: pertencem à carne (luxúria e gula), à mente (orgulho e inveja), ou ao amor idolátrico às coisas (cobiça). Embora o homem seja golpeado toda a vida por esses três tipos de tentação, elas variam em intensidade de época para época. É durante a juventude que o homem é mais tentado contra a pureza e inclinado aos pecados da carne; na meia idade, a carne é menos imperativa e as tentações da mente começam a predominar, por exemplo, o orgulho e o desejo de poder; no outono da vida, as tentações da avareza estão suscetíveis de afirmação. Ao ver que o fim da vida se aproxima, o homem se esforça para banir as dúvidas a respeito da segurança eterna ou salvação, ao acumular os bens da terra e redobrar a segurança econômica. É uma experiência psicológica comum que aqueles que experimentaram a luxúria na juventude sejam, muitas vezes, os que pecam por avareza na velhice.

Homens bons não são tentados da mesma maneira que homens maus, e o Filho de Deus, que se tornou homem, não foi tentado da mesma maneira que um homem bom. As tentações de um alcoólatra “que volta a seu vômito”, como dizem as Escrituras, não são as mesmas que as tentações de um santo ao orgulho, embora não sejam menos reais.

Para compreender as tentações de Cristo, devemos recordar que no batismo de João, quando Ele, que não tinha pecados, identificou-se com os pecadores, os céus se abriram e o Pai Celeste declarou Cristo Seu Filho Bem-amado. Então, Nosso Senhor subiu para uma montanha e jejuou por quarenta dias, após os quais, diz o Evangelho, “Jesus teve fome” — uma afirmação representativa. Satanás o tentou fingindo ajudá-lo a encontrar uma resposta à questão: Como cumprir da melhor maneira Seu grande destino entre os homens? O problema era conquistar os homens. Mas como? Satanás tinha uma sugestão satânica, a saber, evitar o problema moral da culpa e a necessidade de expiação e concentrar-se puramente em fatores mundanos. Todas as três

tentações buscavam dissuadir Nosso Senhor da cruz e, portanto, da redenção. Pedro, mais tarde, tentaria Nosso Senhor da mesma maneira e, por essa razão, foi chamado de “Satanás”.

O corpo humano, que Jesus tomou para Si, não foi para a inércia, mas para a batalha. Satanás viu em Jesus um ser humano extraordinário e suspeitava que fosse o Messias, o Filho de Deus. Por isso iniciou cada uma das tentações com a condicional “se”. Caso tivesse certeza de que falava com Deus, na verdade, não teria experimentado tentá-lo. No entanto, se Nosso Senhor fosse simplesmente um homem que Deus escolhera para a obra de salvação, então faria tudo o que estivesse em seu poder para levá-Lo a vias que o fizessem lidar com os pecados da humanidade diversos dos caminhos que o próprio Deus escolheria.

A PRIMEIRA TENTAÇÃO

Ao saber que Nosso Senhor estava com fome, Satanás apontou para algumas pedrinhas negras que pareciam broas de pão e disse:

Se és Filho de Deus,
ordena que estas pedras se tornem pães.
(São Mateus 4,3)

A primeira tentação de Nosso Senhor era a de se transformar em uma espécie de reformador social e, no deserto, dar pão às multidões que nada podiam encontrar senão pedras. A visão de melhoria social sem a regeneração espiritual constituiu uma tentação a que muitos homens importantes na história sucumbiram por completo. Mas, para Jesus, esse não seria um serviço adequado ao Pai; há necessidades mais profundas no homem do que de trigo sovado; e há alegrias maiores que um estômago cheio.

O espírito maligno estava a dizer: “Principia com o econômico! Esquece o pecado!”. Ainda diz isso hoje com palavras diferentes: “Meu comissário vai às salas de aula e pede às crianças que rezem a Deus pelo pão. E, quando as preces não são atendidas, meu comissário as alimenta. O ditador dá o pão; Deus não,

porque Deus não existe, não existe alma; existe somente o corpo, o prazer, o sexo, o animal e, quando morremos, este é o fim”.

Satanás estava tentando fazer Nosso Senhor sentir o terrível contraste entre a grandeza divina que Ele afirmava e a verdadeira destituição. O Maligno O tentava a rejeitar as ignomínias da natureza humana, as provações e a fome e a usar o poder divino, se realmente o possuísse, para salvar a própria natureza humana e também conquistar as multidões. Assim, suplicava a Nosso Senhor que parasse de agir como homem e, em nome do homem, usasse Seus poderes sobrenaturais para dar alívio e conforto à Sua natureza humana e desobrigar-se da provação. O que poderia ser mais insensato para Deus que sentir fome, uma vez que já colocara uma mesa miraculosa para Moisés e seu povo no deserto? João dissera que Ele poderia fazer os filhos de Abraão brotar das próprias pedras; por que, então, Ele não as poderia transformar em pão para si mesmo? A necessidade era real; o poder, se era Deus, também era real; por que, então, estava submetendo Sua natureza humana a todos os males e sofrimentos dos quais a humanidade é herdeira? Por que Deus estava aceitando tamanha humilhação somente para redimir as próprias criaturas? “Se és o Filho de Deus, como alegas ser, e estás aqui para desfazer a destruição forjada pelo pecado, então, salva-te a ti mesmo.” Esse era exatamente o mesmo tipo de tentação que os homens lhe lançariam na hora da crucifixão.

Se és o Filho de Deus,
desce da cruz!
(São Mateus 27,40)

A resposta de Nosso Senhor foi que, mesmo ao aceitar a natureza humana com todas as falhas, provações e espírito de sacrifício, não obstante, não estava sem o auxílio divino.

Está escrito: Não só de pão vive o homem,
mas de toda palavra que sai da boca de Deus.
(São Mateus 4,4)

As palavras que citou foram tiradas do relato do Antigo Testamento da refeição miraculosa dada aos judeus no deserto, quando o maná lhes caiu do céu. Jesus recusou-se a satisfazer a ardente curiosidade de Satanás de saber se era ou não o Filho de Deus; mas afirmou que Deus pode alimentar os homens com algo maior do que o pão. Nosso Senhor não usou poderes milagrosos para conseguir alimento para Si, como não usaria, mais tarde, poderes miraculosos para descer da cruz. Os homens de todas as épocas teriam fome, e Ele não se dissociaria do rebanho faminto. Tornara-se homem e estava disposto a se submeter a todos os males do homem até que, por fim, o momento de glória chegasse.

Nosso Senhor não negou que os homens devessem ser alimentados ou que a justiça social devesse ser pregada; mas afirmou que essas coisas não vêm em primeiro lugar. Estava, com efeito, dizendo a Satanás: “Tentaste-Me com uma religião que aliviaria a carência, queres que Eu seja um padeiro e não um salvador; que Eu seja um reformador social, e não um redentor. Estás tentando para afastar-Me da Cruz, sugerindo que Eu seja um reles líder do povo, enchendo-lhes os estômagos e não as almas. Deverias ter-Me feito começar com um esteio e não com ele findar; tu me farias levar abundância exterior e não santidade interior. Tu e teus seguidores materialistas dizem: ‘Só de pão vive o homem’, Eu, porém, te digo, ‘Nem só de pão’. Deve haver pão, mas lembra-te: até o poder de alimentar do pão provém de mim. O pão, sem mim, pode fazer mal ao homem; e não há verdadeira segurança longe da Palavra de Deus. Se der somente pão, então o homem nada mais é que um animal, e os cães também poderiam chegar primeiro ao Meu banquete. Aqueles que creem em Mim devem permanecer firmes nessa fé, mesmo quando famintos e fracos; mesmo quando aprisionados e flagelados.

“Conheço a fome humana! Eu mesmo fiquei sem alimento por quarenta dias. No entanto, recuso-me a me tornar um mero reformador social que só serve ao estômago. Não podes dizer que não me preocupo com a justiça social, pois sinto, neste momento, a fome do mundo. Sou um com cada pobre, com cada membro faminto da raça humana. Eis porque jejei: para que nunca possam dizer que Deus não conhece a fome. Vai-te embora, Satanás! Não sou somente um assistente social que nunca passou fome, mas Aquele que diz: ‘Rejeito qualquer plano que prometa tornar os homens mais ricos sem torná-los mais santos’. Lembra-te! Eu, que digo ‘Nem só de pão’, não experimentei o pão por quarenta dias!”

A SEGUNDA TENTAÇÃO

Satanás, ao falhar em desviar Nosso Senhor da Cruz e da redenção para transformá-lo em um “comissário comunista” que nada promete a não ser pão, agora volta o ataque diretamente à alma. Vendo que Nosso Senhor se recusou a subscrever a crença de que o homem é um animal ou um simples estômago, Satanás, agora, O tentou com o orgulho e o egoísmo. Satanás exibiu seu próprio tipo de vaidade ao levá-Lo a um pináculo do templo muito alto e impressionante, dizendo:

Se és Filho de Deus, lança-te abaixo.

Então, continuou a citar as Escrituras:

Pois está escrito: Ele deu a seus anjos
ordens a teu respeito;
proteger-te-ão com as mãos, com cuidado,
para não machucares o teu pé em alguma pedra.
(São Mateus 4,6)

Satanás estava, neste momento, a dizer: “Por que tomar o caminho mais longo e tedioso para conquistar a humanidade ao derramar Seu sangue, ao ser elevado em uma cruz, ao ser rejeitado e desprezado, quando podes tomar um atalho, realizando um prodígio? Já afirmastes Tua confiança em Deus. Muito bem! Se realmente crês em Deus, desafio-Te a fazer algo heroico! Prova Tua fé, não a lutar no Calvário em obediência à vontade de Deus, mas ao lançar-Te daqui abaixo. Nunca conquistarás o povo para Ti ao pregar verdades sublimes do alto dos campanários, dos pináculos e dos crucifixos. As massas não Te seguirão; são muito inferiores. Em vez disso, reveste-Te de prodígios. Lança-Te do pináculo e, então, para momentos antes de alcançar o chão; isso é algo que elas conseguem apreciar. O povo quer o espetacular, não o divino. As pessoas estão sempre entediadas! Alivia a monotonia de suas vidas e estimula os espíritos cansados, mas deixa suas consciências culpadas em paz!”.

A segunda tentação era esquecer a Cruz e substituí-la por uma demonstração fácil de poder, que faria com que todos acreditassem Nele de imediato. Ao ouvir Nosso Senhor citar as Escrituras, Satanás também a cita nesse momento. O Salvador dissera, em resposta à primeira tentação, que Deus poderia Lhe dar o pão, caso pedisse, mas Ele não pediria se isso significasse uma renúncia à Sua missão divina. Satanás retrucou que, se Nosso Senhor realmente acreditasse tanto assim no Pai, deveria dar provas com um feito ousado e dar ao Pai a oportunidade de protegê-lo. No deserto não havia ninguém para vê-Lo realizar o milagre de transformar pedras em pão; mas em uma grande cidade havia muitos espectadores. Se fosse um Messias, o povo deveria ser conquistado, e o que poderia conquistá-los mais depressa que uma demonstração de feitos maravilhosos?

A verdade que responderia essa tentação era que a fé em Deus nunca deve contradizer a razão. O risco irrazoável nunca foi certeza da proteção divina. Satanás queria que Deus Pai fizesse algo por Nosso Senhor que o próprio Cristo se recusasse a fazer por Si mesmo; ou seja, torná-lo um objeto de cuidados especiais isento da obediência às leis naturais, que já eram as leis de Deus. No entanto, Nosso Senhor, que veio para nos apresentar o Pai, sabia que o Pai não era apenas uma providência mecânica, impessoal, que protegeria qualquer um, mesmo alguém que se entregara à missão divinamente prescrita para conquistar a multidão. A resposta de Nosso Senhor à segunda tentação foi:

Também está escrito:
Não tentarás o Senhor teu Deus.
(São Mateus 4,7)

Nosso Senhor Abençoado sofreria a mesma tentação posteriormente, na vida pública, quando a multidão o cercou exigindo um milagre, qualquer milagre, somente para provar Seus poderes e facilitar a crença.

Afluía o povo e ele continuou:
Esta geração é uma geração perversa;
pede um sinal.

(São Lucas 11,29)

Se Jesus tivesse demonstrado tais sinais, certamente teria todos os homens atrás de Si; contudo, de que adiantaria se o pecado ainda estivesse em suas almas?

Em resposta às demandas modernas por sinais e prodígios, Nosso Senhor diria: “Repetis a tentação de Satanás sempre que admirais as maravilhas da ciência e vos esqueceis de que sou o autor do universo e de sua ciência. Vós, cientistas, sois os revisores, mas não os autores do Livro da Natureza; podeis ver e examinar a obra de minhas mãos, mas vós mesmos não podeis criar um átomo. Tentareis fazer-Me provar a Minha onipotência por testes sem sentido; já me sacastes relógios e dissestes: ‘desafio-Te a matar-me em cinco minutos’. Não sabeis que tenho piedade dos tolos? Vós me tentais após terdes destruído voluntariamente vossas cidades com bombas e ao bradar: ‘Por que Deus não põe fim nesta guerra?’ Vós me tentais ao dizer que não tenho poder, a menos que o demonstre estar à vossa disposição. Isso, caso lembrásseis, foi exatamente como Satanás Me tentou no deserto.

“Sei que nunca tive muitos seguidores nas grandiosas eminências da verdade divina; quase não tive a *intelligentsia*. Recuso-me a realizar façanhas para conquistá-los, posto que não seriam realmente conquistados dessa maneira. Só atraio realmente os homens para mim quando sou visto na Cruz; é pelo sacrifício, e não pelos prodígios que devo fazer-me atrair. Devo conquistar seguidores, não com tubos de testes, mas com meu sangue; não com o poder material, mas com amor; não com pirotécnicas celestiais, mas com o direito de usar a razão e o livre arbítrio. Nenhum sinal será dado a esta geração a não ser o sinal de Jonas, ou seja, o sinal de alguém que se ergue das profundezas, não de alguém que se lança de pináculos.

“Quero que os homens creiam em Mim, mesmo quando não os protejo; não abrirei as portas da prisão onde está encarcerado Meu rebanho; não obstarei a foice vermelha ou os leões imperiais de Roma; não impedirei o martelo rubro que golpeia as portas de Meu tabernáculo; quero Meus missionários e mártires amando-Me na prisão e na morte, assim como os amei em meu próprio sofrimento. Nunca operei milagres para salvar a mim mesmo! Farei poucos milagres até mesmo para os meus santos. Retira-te, Satanás! Não tentai o Senhor, teu Deus”.

A TERCEIRA TENTAÇÃO

A última investida aconteceu no alto da montanha. Foi a terceira tentativa de desviá-Lo da Cruz, desta vez, ao alegar a coexistência do bem e do mal. Ele viera para instituir um reino sobre a terra ao agir como o cordeiro a ser sacrificado. Por que não poderia escolher um modo mais rápido de instituir Seu reino, ao criar um tratado que Lhe daria tudo o que desejasse, isto é, o mundo, mas sem a Cruz?

O demônio levou-o em seguida a um alto monte e mostrou-lhe num só momento todos os reinos da Terra, e disse-lhe: Dar-te-ei todo este poder e a glória desses reinos, porque me foram dados, e dou-os a quem quero. Portanto, se te prostrares diante de mim, tudo será teu.
(São Lucas 4,5-7)

As palavras de Satanás parecem, de fato, muito atrevidas. Os reinos do mundo realmente lhe foram entregues? Nosso Senhor chamou Satanás de “príncipe do mundo”, mas não foi Deus quem lhe deu nenhum dos reinos do mundo; a humanidade o fizera, pelo pecado. Entretanto, ainda que Satanás governasse, por assim dizer, os reinos da terra por consenso popular, não estava em seu poder dá-los a quem quer que lhe aprouvesse. Satanás estava mentindo para, mais uma vez, tentar Nosso Senhor a evitar a Cruz por um caminho alternativo. Oferecia a Nosso Senhor o mundo sob uma condição: que ele adorasse Satanás. A adoração, é claro, sugere serviço. O serviço seria o seguinte: já que o reino do mundo estava sob o poder do pecado, o novo reino que Nosso Senhor instituisse deveria ser somente uma continuação do antigo reino. Em suma, poderia possuir a terra, desde que promettesse não a transformar. Poderia ter a humanidade, desde que promettesse não a redimir. Era a espécie de tentação que Nosso Senhor enfrentaria mais tarde, quando o povo tentou torná-Lo rei na terra.

Jesus, percebendo que queriam arrebatá-Lo
e fazê-Lo rei,

tornou a retirar-se sozinho para o monte.
(São João 6,15)

E, diante de Pilatos, Jesus disse que instituiria outro reino, mas que não seria um dos reinos oferecidos por Satanás. Quando Pilatos lhe perguntou “És tu o rei dos judeus?”,

respondeu Jesus: O meu Reino não é deste mundo.
Seo meu Reino fosse deste mundo,
os meus súditos certamente teriam pelejado
para que eu não fosse entregue aos judeus.
Maso meu Reino não é deste mundo.
(São Joao 18,36)

O reino que Satanás ofereceu era deste mundo, e não o do Espírito. Ainda seria um reino de maldades, e os corações dos súditos não seriam regenerados. Realmente, Satanás estava a dizer: “Vieste, Ó Cristo, para conquistar o mundo, mas o mundo já é meu; eu To darei caso Tu transijas e me adores. Esquece Tua cruz, Teu reino dos céus. Se queres este mundo, ele está a Teus pés. Serás aclamado com as hosanas mais sonoras que Jerusalém jamais cantou para seus reis; e serás poupado das dores e dos pesares da cruz da contradição”.

Nosso Senhor, sabendo que esses reinos só poderiam ser conquistados por Seu sofrimento e morte, disse a Satanás:

Para trás, Satanás, pois está escrito:
Adorarás o Senhor teu Deus,
e só a ele servirás.
(São Mateus 4,10)

Podemos conjecturar como essas palavras puras, firmes, devem ter soado a Satanás: “Satanás, queres adoração, mas adorar-te é servir-te e servir-te é escravidão. Não quero o teu mundo, visto que traz o fardo terrível da culpa. Em todos os reinos que reivindicas como teus, os corações dos cidadãos ainda

anseiam por algo que tu não lhes podes dar, a saber, paz na alma e um amor desinteressado. Não quero teu mundo, que tu mesmo não possuis.

“Também sou um revolucionário, como cantou Minha mãe no *Magnificat*. Revolto-me contra ti, o príncipe do mundo. No entanto, Minha revolução não é pela espada empunhada para conquistar pela força, mas pela espada apontada para dentro, contra o pecado e contra todas as coisas que geram guerras entre os homens. Primeiro vencerei o mal nos corações dos homens e, depois, conquistarei o mundo. Conquistarei teu mundo ao penetrar nos corações de teus fiscais de impostos desonestos, teus juízes falsos, teus comissários e lhes redimirei da culpa e do pecado. Eu os enviarei purificados de volta às suas profissões. Eu lhes direi que de nada adianta ganhar todo o mundo se perderem suas almas imortais. Por hora, podes manter teus reinos. Melhor perder todos os teus reinos, até mesmo todo o mundo, que perder uma única alma! Os reinos do mundo devem ser elevados ao Reino de Deus; o Reino de Deus não será arrastado ao nível dos reinos deste mundo. Tudo o que desejo desta terra é um local grande o bastante para erigir uma cruz; ali deixarei que me desfraldes diante das encruzilhadas de teu mundo! Deixarei que me crave com pregos em nome das cidades de Jerusalém, Atenas e Roma, mas ressuscitarei dos mortos, e tu descobrirás que o que parecia ter conquistado foi esmagado, enquanto Eu marchar vitorioso nas asas da alvorada! Satanás, o que pedes de mim é que me torne o Anticristo. Diante desse pedido blasfemo, a paciência deve dar lugar à justa ira. ‘*Vade retro*, Satanás!’”.

Nosso Senhor desceu daquela montanha tão pobre quanto subira. Ao findar a vida terrena e ressuscitar dos mortos, falaria aos apóstolos em outro monte:

Os 11 discípulos foram para a Galileia,
para a montanha que Jesus lhes tinha designado.
Quando o viram, adoraram-no;
entretanto, alguns hesitavam ainda.
Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse:
Toda autoridade me foi dada no Céu e na Terra.
Ide, pois, e ensinai a todas as nações;
batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi.

Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.
(São Mateus 28,16-20)

4

O CORDEIRO DE DEUS

Agora que dominara a tentação suprema de se tornar o rei dos homens por encher suas barrigas, por arrebatá-los com maravilhas científicas e por fazer um acordo político com o príncipe das trevas, Nosso Senhor estava pronto para pôr-Se diante do mundo como a vítima sacrificial pelo pecado. Após o longo jejum e a provação, vieram anjos e O auxiliaram. Depois disso, retornou ao rio Jordão e misturou-Se, sem ser notado por um tempo, à multidão que cercava João Batista. No dia anterior, João falara de Nosso Senhor para uma delegação de sacerdotes e levitas do templo de Jerusalém que vieram perguntar-lhe: “Quem és?”. Sabiam que chegara o tempo oportuno para a vinda do Cristo ou do Messias, daí a pergunta objetiva. João disse-lhes, todavia, que “não era o Cristo”. Era simplesmente uma voz a pregar a Palavra. Assim como Cristo recusou títulos exteriores de poder, João também recusou os títulos que os fariseus estavam dispostos a conferir-lhe, mesmo o maior de todos, de que era o enviado de Deus.

No dia seguinte, Nosso Senhor estava no meio da multidão e João O viu ao longe. Imediatamente, João retomou a herança simbólica e profética dos judeus, conhecida por todos os ouvintes.

Eis o Cordeiro de Deus,
que tira o pecado do mundo.
(São João 1,29)

João afirmava que não devemos buscar primeiro um mestre, um doador de preceitos morais ou um operador de milagres. Devemos, em primeiro lugar,

olhar para Aquele que foi nomeado como sacrifício pelos pecados do mundo. A Páscoa se aproximava e as estradas estavam repletas de pessoas conduzindo ou levando ao templo cordeiros de um ano de idade para o sacrifício. À plena visão daqueles cordeiros, João indicou o Cordeiro que, quando sacrificado, poria fim a todos os sacrifícios no templo porque tiraria os pecados do mundo.

João era a voz de despedida do Antigo Testamento, em que o cordeiro exercia um papel importante. No Gênesis encontramos Abel oferecendo um cordeiro, o primogênito do rebanho, em sacrifício de sangue para a expiação do pecado. Posteriormente, Deus pediu a Abraão que sacrificasse seu filho Isaac — um símbolo profético do Pai do Céu a sacrificar o próprio Filho. Quando Isaac perguntou “onde está a ovelha para o holocausto?”, Abraão respondeu:

Deus providenciará ele mesmo
uma ovelha para o holocausto, meu filho.
(Gênesis 22,8)

A resposta à pergunta “Onde está a ovelha para o holocausto?” feita no início do Gênesis era, agora, respondida por João, o Batista, ao apontar para o Cristo e dizer: “Eis o Cordeiro de Deus”. Deus, por fim, providenciara um cordeiro. A cruz que fora defendida no deserto durante as tentações agora se apresentava no Jordão.

Todas as famílias procuravam ter o próprio cordeiro pascal e, aqueles que no momento levavam seus cordeiros para Jerusalém, onde o Cordeiro de Deus disse que seria sacrificado, sabiam que o cordeiro era um símbolo da libertação de Israel da escravidão política do Egito. João dizia que o cordeiro também era um símbolo de libertação da escravidão espiritual do pecado.

O cordeiro viria na forma de um homem, pois o profeta Isaías anunciara:

Foi maltratado e resignou-se;
não abriu a boca, como um cordeiro
que se conduz ao matadouro,
e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.
(Ele não abriu a boca.)
(Isaías 53,7)

Com frequência, o cordeiro era usado como sacrifício devido à sua inocência e brandura; portanto, foi o emblema mais apropriado ao caráter do Messias. O fato de João Batista chamá-Lo de Cordeiro de Deus é bastante significativo. Ele não era nem o cordeiro do povo, nem o cordeiro dos judeus, nem o cordeiro de algum dono humano, mas o Cordeiro de Deus. Quando, por fim, o Cordeiro foi sacrificado, não foi por ser a vítima daqueles que eram mais fortes do que Ele, mas, antes, porque cumpria voluntariamente Seu dever de amar os pecadores. Não foi o homem que ofereceu esse sacrifício, embora tenha sido o homem quem matou a vítima; foi Deus que deu a Si mesmo.

Pedro, que era discípulo de João e que provavelmente estava lá nesse dia, mais tarde, esclareceria o sentido de “Cordeiro”, ao escrever:

Porque vós sabeis que não é por bens perecíveis,
como a prata e o ouro,
que tendes sido resgatados da vossa vã maneira de viver,
recebida por tradição de vossos pais,
mas pelo precioso sangue de Cristo,
o Cordeiro imaculado e sem defeito algum,
aquele que foi predestinado antes da criação do mundo.
(1 São Pedro 1,18-19)

Depois da Ressurreição e da Ascensão, o apóstolo Filipe encontrou um mensageiro da rainha da Etiópia. O mensageiro estivera lendo uma passagem do profeta Isaías que anunciava o Cordeiro:

Como ovelha, foi levado ao matadouro;
e como cordeiro mudo diante do que o tosquia,
ele não abriu a sua boca.
(Atos dos Apóstolos 8,32)

Filipe explicou-lhe que esse Cordeiro acabara de ser sacrificado, ressuscitara dos mortos e ascendera aos céus. São João, o Evangelista, que também estava no rio Jordão naquele dia (pois era um dos discípulos de João

Batista), mais tarde esteve aos pés da Cruz quando o Cordeiro foi sacrificado. Anos depois, escreveu que o Cordeiro morto no Calvário foi, por intenção, morto desde o princípio do mundo. A Cruz não foi acrescentada mais tarde.

Desde a origem do mundo
no livro da vida do Cordeiro imolado.
(Apocalipse 13,8)

Isso significa que o Cordeiro foi morto, por assim dizer, por decreto divino desde toda a eternidade, ainda que a realização temporal tivesse de aguardar o Calvário. Sua morte estava de acordo com o plano eterno e a intenção determinada de Deus. O princípio do amor que se autossacrifica, contudo, era eterno. A redenção estava na mente de Deus antes de ser instituída a fundação do mundo. Aquele que estava fora do tempo viu, da eternidade, a queda dos homens no pecado e os viu ser redimidos. A própria terra seria palco de um grande acontecimento. O cordeiro era o tipo primordial eterno de todo sacrifício. Quando chegou a hora da Cruz e o centurião traspassou a lança na lateral do corpo de Nosso Senhor, então se cumpriu a profecia do Antigo Testamento.

Farão lamentações sobre aquele que traspassaram.
(Zacarias 12,10)

A expressão que João Batista utilizou para descrever como o Cordeiro de Deus “tiraria” os pecados do mundo encontra paralelo em hebraico e em grego; o Levítico narra que

o bode levará, pois, sobre si,
todas as iniquidades deles para uma terra selvagem.
Quando o bode tiver sido mandado para o deserto.
(Levítico 16,22)

Assim como o bode expiatório em que foram depositados os pecados foi conduzido para fora da cidade, do mesmo modo, o Cordeiro de Deus que realmente tirou os pecados do mundo seria conduzido para fora de Jerusalém.

Dessa maneira, o cordeiro que Deus prometera dar a Abraão para o sacrifício e todos os cordeiros e bodes subsequentes oferecidos por judeus e pagãos ao longo de toda a história extraem seu valor do Cordeiro de Deus que se postou diante de João. Aqui, não foi Nosso Senhor que estava profetizando a Cruz; antes, era o Antigo Testamento, por intermédio de João, que O declarava o sacrifício divinamente escolhido pelos pecados e o único a redimir a culpa humana.

Os israelitas há muito haviam percebido que o perdão dos pecados estava, de algum modo, relacionado a oferendas sacrificiais; portanto, vieram a supor que havia alguma virtude intrínseca na vítima. O pecado estava no sangue; por isso o sangue tinha de ser derramado. Não é de admirar, então, que quando a Vítima foi oferecida no Calvário e ressuscitou dos mortos, reafirmou quanto Lhe era necessário sofrer. Aplicar os méritos desse sangue redentor a nós mesmos tornou-se o tema do Novo Testamento. No Antigo Testamento, quando os cordeiros eram sacrificados, parte do sangue era aspergido sobre as pessoas. Quando o Cordeiro de Deus veio a ser sacrificado, alguns perguntaram novamente pela aspersão do sangue, de maneira horrivelmente irônica!

Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!
(São Mateus 27,25)

No entanto, milhões de outros também encontrariam a glória por causa da aspersão do sangue do Cordeiro. João Evangelista, posteriormente, O descreveu em termos de glória eterna.

Na minha visão ouvi também, ao redor do trono,
dos animais e dos anciãos, a voz de muitos anjos,
em número de miríades de miríades e de milhares de milhares,
bradando em alta voz:
Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder,

a riqueza, a sabedoria, a força, a glória, a honra e o louvor.
E todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra
e no mar,
e tudo que contêm, eu as ouvi clamar: Àquele que se assenta no
trono e ao Cordeiro,
louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos.
E os quatro animais diziam:
Amém! Os anciãos prostravam-se e adoravam.
(Apocalipse 5,11-14)

5

O INÍCIO DA “HORA”

Ao longo de todo o Evangelho sempre há um aviso, como um trovão, da Cruz, acompanhado de um lampejo da glória da Ressurreição. Sempre que se aproxima a sombra do sofrimento redentor, há também a luz da liberdade espiritual que virá depois. O contraponto de alegria e sofrimento na vida de Cristo é encontrado novamente no primeiro milagre que ocorreu no vilarejo de Caná. Faz parte do padrão: Ele, que veio para pregar a crucifixão da carne licenciosa, deveria começar a vida pública comparecendo a uma festa de casamento.

No Antigo Testamento, a relação entre Deus e Israel foi comparada à relação entre o noivo e a noiva. Nosso Senhor sugeriu que a mesma relação existiria, dali em diante, entre Ele e a nova Israel espiritual, que estava para fundar. Ele seria o noivo, Sua Igreja seria a noiva. E desde que veio instituir esse tipo de união entre Si e a humanidade redimida, era conveniente que começasse Seu magistério público participando de um casamento. São Paulo não introduzia uma ideia nova ao escrever, mais tarde, aos Efésios, que a união entre um homem e uma mulher era o símbolo da união de Cristo e com a Igreja.

Maridos, amai as vossas mulheres,
como Cristo amou a Igreja
e se entregou por ela.
(Efésios 5,25)

Uma festa de casamento é uma ocasião de muita alegria; o vinho é servido como símbolo dessa alegria. Na festa de Caná, que tinha tal importância simbólica, a Cruz não lançou sua sombra sobre a alegria; ao contrário, o júbilo veio em primeiro lugar e, então, a Cruz. No entanto, uma vez acabado o contentamento, a sombra da Cruz lançou-se sobre a celebração.

Nosso Senhor já havia sido confirmado como o Cordeiro de Deus no rio Jordão. Ele também escolhera cinco discípulos entre os seguidores de João Batista: João, o Evangelista, André, Pedro, Filipe e Natanael. Estes, levou consigo para a festa de casamento, que já estava acontecendo e que ao todo, durou vários dias. Naquela época, os pais da noiva tinham encargos muito maiores que os de hoje. As comemorações e as despesas podiam perdurar por oito dias. Um dos motivos prováveis para escassear o vinho foi Nosso Senhor ter levado muitos convivas que não haviam sido convidados. Desde a grande agitação no rio Jordão, em que o céu se abriu para afirmar que Ele era o filho de Deus, Sua presença atraía centenas de seguidores dispersos, que também compareceram à festa. Foi ao casamento não só como o carpinteiro do vilarejo, mas como o Cristo ou o Messias. Antes de as comemorações chegarem ao fim, seria revelado que Ele tinha um encontro com a Cruz.

Maria, Sua mãe santíssima, estava presente na celebração. Essa foi a única ocasião na vida de Nosso Senhor em que Maria é mencionada antes de seu filho. Maria deveria ser o instrumento do primeiro milagre, ou sinal, de que Ele era quem dizia ser, o Filho de Deus. Ela já havia sido um instrumento para a santificação de João Batista no ventre de sua mãe: agora, por meio da intercessão dela, soou a trombeta para a longa sucessão de milagres — uma intercessão tão potente que inspirou espíritos em todas as épocas a invocar seu nome para outros milagres de natureza e graça.

João, o evangelista, que já fora escolhido para ser discípulo, estava presente na festa e foi testemunha ocular e auditiva daquilo que Maria fez em Caná. Também estava com ela aos pés da Cruz e registrou ambos os acontecimentos fidedignamente em seu Evangelho. No templo e no rio Jordão, Nosso Senhor recebeu a bênção de Seu Pai e a sanção para iniciar a obra de redenção. Em Caná, recebeu o assentimento da progenitora humana. Mais tarde, no terrível isolamento do Calvário, viria um momento tenebroso em que o Pai parecia tê-Lo abandonado e Ele citaria o salmo que começa da seguinte maneira:

Meu Deus, meu Deus,
por que me abandonastes?
(Salmo 21,2)

Viria outro momento em que parecia afastar-se da mãe:

Mulher, eis aí teu filho.
(São João 19,26)

Quando o vinho acabou em Caná, é interessante notar que Maria estava mais preocupada com os convidados do que com o servente, pois foi ela, e não ele, quem reparou a necessidade de vinho. Maria voltou-se para seu Divino Filho em perfeito espírito de oração. Confiando plenamente Nele e acreditando em Sua misericórdia, ela disse:

Eles já não têm vinho.
(São João 2,3)

Não foi um pedido pessoal; ela já era a mediadora para todos os que buscavam a plenitude da felicidade. Nunca foi apenas uma espectadora, mas uma partícipe plena, disposta a envolver-se nas necessidades dos outros. A mãe usou o poder especial que tinha como mãe sobre o filho, um poder gerado pelo amor mútuo. Ele respondeu-lhe com aparente hesitação:

Mulher, que tenho eu e tu com isso?
Ainda não chegou a minha hora.
(São João 2,4)⁶

Primeiro, consideremos as palavras: “que tenho eu e tu com isso”. Essa é uma expressão hebraica de difícil tradução. São João a traduziu de maneira bem literal em grego e a Vulgata preservou essa literalidade em *Quid mihi et tibi*, que significa, “que a mim e a ti?”. As palavras “com isso” não constam da

expressão original, foram acrescentadas à tradução para tornar a ideia mais compreensível. Ronald Knox fez uma tradução livre: “Por que me incomodas com isso?”.⁷

Para compreender de maneira mais integral o que Ele queria dizer, consideremos as palavras “Ainda não chegou a minha hora”. A “hora”, obviamente, se refere à Cruz. Sempre que a palavra “hora” é empregada no Novo Testamento, é utilizada em relação à Sua Paixão, morte e glória. Referências a essa “hora” ocorrem sete vezes somente no Evangelho de São João, algumas das quais destacamos aqui:

Procuraram prendê-lo,
mas ninguém Lhe deitou as mãos,
porque ainda não era chegada a Sua hora.
(São João 7,30)

Estas palavras proferiu Jesus ensinando no templo,
junto aos cofres de esmola.
Mas ninguém O prendeu,
porque ainda não era chegada a sua hora.
(São João 8,20)

Respondeu-lhes Jesus:
É chegada a hora para o Filho do Homem ser glorificado.
(São João 12,23)

Presentemente, a minha alma está perturbada.
Mas que direi?...
Pai, salva-me desta hora...
Mas é exatamente para isso que vim a esta hora.
(São João 12,27)

Eis que vem a hora, e ela já veio,
em que sereis espalhados, cada um para o seu lado,

e me deixareis sozinho.
Mas não estou só,
porque o Pai está comigo.
(São João 16,32)

Jesus afirmou essas coisas e depois,
levantando os olhos ao céu, disse:
Pai, é chegada a hora.
Glorifica teu Filho, para que teu Filho glorifique a ti.
(São João 17,1)

A “hora”, portanto, referia-se à glorificação por meio da crucifixão, Ressurreição e Ascensão. Em Caná, Nosso Senhor se referia ao Calvário e dizia que o tempo determinado para o início de Sua obra ainda não estava próximo. Sua mãe Lhe pedia um milagre; e Ele indicava que um milagre que funcionasse como sinal da própria divindade seria o início de Sua morte. No momento em que se apresentasse diante dos homens como Filho de Deus, atrairia para Si o ódio, pois o mal pode tolerar a mediocridade, mas não a suprema bondade. O milagre que ela solicitava seria inconfundivelmente relacionado à Sua redenção.

Houve, na vida de Cristo, duas ocasiões em que Sua natureza humana pareceu demonstrar uma indisposição para assumir o destino de sofrimento. No Jardim das Oliveiras, pediu ao Pai que, se possível, afastasse o cálice de aflição. Entretanto, após, de imediato, ter aquiescido à vontade do Pai, disse: “Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (São Lucas 22,42). A mesma relutância aparente também foi manifestada diante da vontade de Sua mãe. Caná foi um ensaio para o Gólgota. Não questionava a sensatez de iniciar a vida pública e de morrer naquele determinado tempo; ao contrário, era uma questão de submeter a natureza humana relutante à obediência à Cruz. Existe um paralelismo impressionante entre o apelo do Pai para a morte pública e o apelo da mãe para a vida pública. A obediência triunfou em ambos os casos. Em Caná, a água foi transformada em vinho; no Calvário, o vinho foi transformado em sangue.

Dizia à mãe que o que ela pedia, praticamente, era pronunciar Sua sentença de morte. Poucas são as mães que mandam os filhos para os campos

de batalha, mas eis aqui uma que estava, na verdade, apressando o momento do conflito mortal do filho com as forças do mal. Caso concordasse com o pedido, daria início à hora de Sua morte e glorificação. Iria para a cruz com uma dupla incumbência: uma do Pai dos Céus e outra, de Sua mãe na terra.

Tão logo consentiu em dar início à Sua “hora”, começou a dizer, de imediato, que dali em diante as relações com a mãe mudariam. Até então, durante a vida oculta, ela fora conhecida como a mãe de Jesus. No entanto, no momento em que Ele dava início à obra de redenção, ela não seria mais tão somente Sua mãe, mas também a mãe de toda a irmandade dos homens que Ele redimiria. Para indicar esse novo relacionamento, dirigia-Se a ela, agora, não como “mãe”, mas como a “mãe universal” ou “mulher”. Que tom teriam essas palavras para as pessoas que viviam à luz do Antigo Testamento? Quando Adão pecou, Deus falou a Satanás e predisse que poria inimizade entre sua semente e “a mulher”, pois o bem teria uma descendência assim como o mal. O mundo não teria apenas a Cidade do Homem que Satanás reivindicava ser sua, mas teria também a Cidade de Deus. A “mulher” trazia uma semente e era o seu princípio que estava presente naquele momento no casamento de Caná, a semente que cairia no solo e morreria, e então faria brotar uma vida nova.

No momento em que a “hora” começou, ela tornou-se “a mulher”; também teria outros filhos, não segundo a carne, mas segundo o Espírito. Ele deveria ser o novo Adão, o fundador de uma humanidade redimida, ela seria a nova Eva e a mãe da nova humanidade. Como Nosso Senhor era um homem, ela era Sua mãe; e como era um salvador, ela também era a mãe de todos aqueles que Ele salvaria. João, que estava presente no casamento, também esteve presente no clímax da “hora” no Calvário. Ouviu Nosso Senhor, do alto da Cruz, chamá-la de “mulher” e depois dizer-lhe: “Eis aí teu filho” (São João 19,26). Era como se ele, João, fosse agora o símbolo da nova família de Maria. Quando trouxe dos mortos o filho da viúva de Naim (São Lucas 7,11-17), Nosso Senhor disse: “entregue-o à sua mãe”. Na Cruz, consolou a própria mãe ao dar-lhe outro filho, João, e com ele, toda a humanidade redimida.

Na Ressurreição, entregou-se a Si próprio novamente para ela, a fim de demonstrar que, embora tivesse ganhado novos filhos, ela não O perdera. Em Caná, a profecia que Simeão fizera a Maria no templo foi confirmada: doravante, o que quer que envolvesse seu Filho, também a envolveria; o que quer que acontecesse a Ele, aconteceria a ela. Se Ele estava destinado a ir para a cruz, ela também iria; e se, naquele momento, Ele começaria a vida pública,

então ela começaria uma nova vida também, não mais somente como mãe de Jesus, mas como mãe de todos aqueles que Jesus, o Salvador, redimiria. Ele chamava a Si mesmo de “o Filho do Homem”, um título que abarcava toda a humanidade; ela, dali em diante, seria a “Mãe dos Homens”. Assim como ela estava ao lado do Filho ao dar início à Sua “hora”, igualmente estaria ao lado dele no fim. Ao retirá-Lo do templo, quando era um menino de 12 anos, o fez porque percebia que Sua “hora” ainda não havia chegado; Ele a obedeceu na ocasião e retornou com ela para Nazaré. Agora, disse-lhe que ainda não era chegada a Sua “hora”, mas ela suplicou-Lhe que a começasse, e Ele obedeceu. Em Caná, ela O deu aos pecadores como Salvador; na Cruz, Ele a entregou como refúgio para os pecadores.

Quando Jesus sugeriu que Seu primeiro milagre o levaria, infalivelmente, à Cruz e à morte e que ela se tornaria, dali em diante a mãe das dores, Maria voltou-se no mesmo instante aos serventes e disse:

Fazei o que ele vos disser.
(São João 2,5)

Que discurso maravilhoso! Maria nunca volta a falar novamente nas Escrituras. Ela falou por sete vezes, mas agora Cristo se apresentara, como o Sol, no auge do esplendor de Sua divindade. Nossa Senhora foi, voluntariamente, eclipsada como a Lua, assim como, mais tarde, João a descreveu.

As seis talhas de pedra foram cheias, perfazendo um total aproximado de 455 litros, e, no belo linguajar de Richard Crashaw,⁸ “as águas inconscientes viram seu Deus e coraram”. O primeiro milagre foi algo como a própria criação; realizado pelo poder da “Palavra”. O vinho que Jesus criou era tão bom que o noivo foi repreendido pelo chefe dos serventes com as seguintes palavras:

É costume servir primeiro o vinho bom e,
depois, quando os convidados já estão quase embriagados,
servir o menos bom.
Mas tu guardaste o vinho melhor até agora.
(São João 2,10)

É verdade que o melhor vinho estava guardado. Até o momento da revelação, o pior vinho foram os profetas, os juízes e os reis, Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Josué — todos eram como a água aguardando o milagre do Esperado das Nações. O mundo, em geral, oferece primeiro os prazeres; depois, chegam as escórias e as amarguras. Cristo, contudo, reverteu a ordem e nos deu o banquete após o jejum. A Ressurreição após a crucifixão, a alegria do Domingo de Páscoa após o pesar da Sexta-Feira Santa.

Este foi o primeiro milagre de Jesus;
realizou-o em Caná da Galileia.
Manifestou a sua glória,
e os seus discípulos creram nele.
(São João 2,11)

A cruz está em todo lugar. Quando um homem abre seus braços em descanso, inconscientemente, forma a imagem da razão da vinda do Filho do Homem. Da mesma maneira, também em Caná, a sombra da Cruz foi lançada através de uma “mulher” e o primeiro soar da “hora” pareceu um sino de execução. Em todos os outros incidentes de Sua vida, a Cruz veio em primeiro lugar, depois a alegria. Em Caná, contudo, foi a alegria das núpcias que veio em primeiro lugar — as núpcias do noivo e da noiva da humanidade redimida; só depois disso somos recordados de que a Cruz é a condição de tal enlevo.

Assim, aquilo que Jesus fez na festa de casamento não o fez no deserto. Realizou, com o olhar plenamente fixado no homem, o que recusara realizar diante de Satanás. Satanás pediu-Lhe que transformasse pedras em pão, para que se tornasse um Messias econômico; sua mãe pediu-Lhe que transformasse água em vinho para que se tornasse um Salvador. Satanás O tentou para que se *livrasse da morte*; Maria O “tentou” para a morte e ressurreição. Satanás tentou *desviá-Lo da Cruz*; Maria enviou-Lhe *na direção* dela. Mais tarde, Ele tomaria o pão que Satanás disse ser necessário ao homem e o vinho que Sua mãe disse ser necessário aos convivas do casamento e os transformaria no memorial de Sua Paixão e morte. Então, pediria que os homens renovassem esse memorial até “a consumação do mundo”. A antífona de Sua vinda continua a soar: *Todos os outros vieram ao mundo para viver, Ele veio ao mundo para morrer.*

Notas

6 | Neste trecho não utilizamos a versão da Bíblia Ave Maria, visto ser uma tradução simplificada, o que impediria traduzir o comentário do Cardeal Sheen a seguir. (N. T.)

7 | No início de 1936, o Padre Ronald Knox (1888-1957) retraduziu sozinho para o inglês a Vulgata Latina. Conhecida como *Knox Bible*, sua versão foi muito divulgada nos países de língua inglesa. No original de Knox para o inglês: “*Why dost thou trouble me with that?*”. (N. T.)

8 | Richard Crashaw (1613-1649) foi um poeta inglês convertido do anglicanismo ao catolicismo e um dos principais nomes da poesia metafísica inglesa do século XVII. (N. T.)

6

O TEMPLO DO SEU CORPO

O templo é um local em que Deus habita. Onde, então, estava o verdadeiro templo de Deus? Era o grande templo de Jerusalém, com toda a grandiosidade material, o verdadeiro templo? A resposta a essa pergunta deveria parecer óbvia aos judeus; mas Nosso Senhor estava prestes a sugerir que havia outro templo. Os peregrinos encaminhavam-se a Jerusalém para a festa da Páscoa e, entre eles, estava Nosso Senhor e os primeiros discípulos, após uma breve estada em Cafarnaum. O templo era realmente um lugar magnífico, em especial desde que Herodes quase completara sua reconstrução e o adornara. Um ano depois, os próprios apóstolos, no Monte das Oliveiras, ficaram tão chocados com a aparência reluzente do templo, ao brilhar no sol da manhã, que pediram a Nosso Senhor que olhasse para ele e admirasse sua beleza.

Naturalmente, era um problema de todos que chegavam para oferecer sacrifício conseguir os materiais e depois, também, as vítimas sacrificiais, que tinham de ser testadas e julgadas segundo os padrões levíticos. Consequentemente, havia um mercado próspero de animais sacrificiais de todos os níveis. Aos poucos, os vendedores de ovelhas e pombas foram se aproximando cada vez mais do templo, sufocando as alamedas que levavam até ali, até que alguns deles, em particular os filhos de Anás, na verdade, acabaram ganhando acesso para a entrada do pórtico de Salomão, onde vendiam pombas, gado e faziam câmbio de dinheiro. Cada visitante das celebrações era obrigado a dar meio *shekel* para ajudar a pagar os gastos do templo; já que nenhuma moeda estrangeira era aceita, os filhos de Anás, como nos diz Flávio Josefo, negociavam o câmbio das moedas, provavelmente a taxas mais altas. Um par de rolas era vendido, à época, por uma moeda de ouro, que em moeda americana estaria valendo cerca de \$2.50.⁹ Esse abuso, no entanto, foi corrigido pelo neto

do grande Hillel, que reduziu o preço em um quinto do descrito acima. Todos os tipos de moedas de Tiro, da Síria, do Egito, da Grécia e de Roma circulavam no templo, o que levava a fomentar um mercado negro entre os cambistas. A situação era ruim o bastante para Cristo chamar o templo de “covil de ladrões” (São Mateus 21,13): de fato, o próprio Talmud recriminava firmemente os que corrompiam esse local sagrado.

Houve um interesse considerável entre os peregrinos quando Nosso Senhor ingressou pela primeira vez no recinto sagrado. Essa foi tanto Sua primeira aparição pública diante da nação como Sua primeira visita ao templo como Messias. Já operara o primeiro milagre em Caná; agora vinha à casa do Pai reivindicar um direito filial. Nosso Senhor Santíssimo, ao encontrar-se nesse cenário incongruente, onde as preces se misturavam às ofertas blasfemas dos mercadores e onde o tilintar das moedas harmonizava com o zurrar do gado, encheu-se de zelo pela casa do Pai. Com alguns pedaços de corda que lá estavam, provavelmente usadas como coleiras para o gado, fez um pequeno açoite. Com isso começou a remover o gado e os aproveitadores. A impopularidade dos exploradores e o medo do escândalo público, talvez, os tenha feito evitar qualquer resistência ao Salvador. Seguiu-se uma cena bárbara: o gado correndo para cima e para baixo, e os cambistas agarrando quantas moedas podiam, enquanto o Salvador virava as mesas. Ele abriu as gaiolas dos pombos e os libertou.

Tirai isto daqui e não façais da casa de meu Pai
uma casa de negociantes.
(São João 2,16)

Mesmo os mais próximos devem ter se espantado ao vê-Lo com azorrague em riste e olhos faiscantes, lançando-Se ao encontro dos homens e dos animais, enquanto dizia:

A minha casa chamar-se-á
casa de oração para todas as nações?
Mas vós fizestes dela
um covil de ladrões.

(São Marcos 11,17)

Lembraram-se então os seus discípulos
do que está escrito:

O zelo da tua casa me consome.

(São João 2,17)

A parte do templo da qual Nosso Senhor retirou os comerciantes era conhecida como Pórtico de Salomão, a lateral leste do Pátio dos Gentios. Essa parte deve ter servido como símbolo para demonstrar que todas as nações do mundo eram bem-vindas; mas os mercadores a estavam corrompendo. Agora, Nosso Senhor deixava claro que o templo era para todas as nações, não só para Jerusalém; era uma casa de oração para os homens sábios, assim como para os pastores, para as missões estrangeiras, bem como para as missões domésticas.

Chamou o templo de “a casa de meu Pai”, afirmando neste mesmo momento Seu relacionamento filial com o Pai Celestial. Aqueles que foram removidos do templo não puseram as mãos Nele, nem O reprovaram como se tivesse feito algo errado. Simplesmente pediram um sinal ou uma garantia que justificasse a atitude. Ao permanecer de pé, em dignidade solitária, entre as moedas espalhadas e o gado a correr, com pombos voando para lá e para cá, eles Lhe perguntaram:

Que sinal nos apresentas tu,
para procederes deste modo?

(São João 2,18)

Estavam aturdidos por Sua capacidade de justa indignação (que era o outro lado do caráter de portador da alegria manifestada em Caná) e pediram um sinal. Já lhes tinha dado um sinal de que era Deus, pois lhes disse que tinham profanado *a casa de Seu Pai*. Pedir outro sinal era como pedir luz para ver a luz. Entretanto, Ele lhes deu um segundo sinal:

Destruí vós este templo,

e eu o reerguerei em três dias.
(São João 2,19)

As pessoas que ouviram essas palavras nunca mais as esqueceram. Três anos depois, no julgamento, eles as trariam de volta, de maneira um tanto distorcida, acusando-O de dizer:

Eu destruirei este templo, feito por mãos de homens,
e em três dias edificarei outro,
que não será feito por mãos de homens.
(São Marcos 14,58)

Recordaram Suas palavras, mais uma vez, enquanto Ele pendia na Cruz:

Tu que destróis o templo
e o reedificas em três dias,
salva-Te a Ti mesmo!
Desce da cruz!
(São Marcos 15,29-30)

Ainda estavam assombrados por Suas palavras quando pediram a Pilatos para precaver-se na guarda da tumba. Entenderam, na ocasião, que Ele Se referira não só ao templo de pedra, mas ao Seu corpo.

Senhor, nós nos lembramos de que aquele impostor disse,
enquanto vivia:
Depois de três dias ressuscitarei.
Ordena, pois, que seu sepulcro seja guardado até o terceiro dia.
Os seus discípulos poderiam vir roubar o corpo.
(São Mateus 27,63-64)

O tema do templo ecoou mais uma vez no julgamento e no martírio de Estêvão, quando os perseguidores o acusaram:

Esse homem não cessa de proferir palavras
contra o lugar santo e contra a lei.
(Atos dos Apóstolos 6,13)

Jesus, na verdade, estava vencendo um desafio quando lhes disse: “destruirei!”. Ele não disse: “Se vós destruídes...”. Estava desafiando-os de maneira direta a testar Seu poder real e sacerdotal por uma crucifixão, e Ele lhes responderia com a Ressurreição.

É importante notar que, no original grego do Evangelho, Nosso Senhor não emprega a palavra *hieron*, que era o substantivo grego comum para templo, mas, antes, emprega *naos*, que significa o Santo dos Santos do templo. Com efeito, estava a dizer: “O templo é o lugar onde Deus habita. Vós profanastes o antigo templo; mas agora existe outro templo. Destruí esse novo templo, ao me crucificar, e, em três dias, ressuscitarei novamente. Ainda que destruais Meu corpo, que é a casa de Meu pai, pela Minha Ressurreição darei a posse do novo templo a todas as nações”. É muito provável que Nosso Senhor Santíssimo tivesse apontado para o próprio corpo quando falou dessa maneira. Templos podem ser construídos de carne e osso, assim como de pedra e madeira. O corpo de Cristo era um templo porque a plenitude de Deus Nele morava. Aqueles que O desafiaram, de imediato, responderam, perguntando:

Em 46 anos foi edificado este templo,
e tu hás de levantá-lo em três dias?!
(São João 2,20)

Deveriam estar se referindo ao templo de Zorobabel, que levara 46 anos para ser construído. Foi no início no primeiro ano de reinado de Ciro, em 559 a.C. e completado em 513 a.C., no nono ano do reinado de Dario. Também é possível que estivessem se referindo às alterações de Herodes, que talvez ocorressem há 46 anos naquele momento. As alterações tiveram início por

volta de 20 a.C. e não foram completadas até 63 A.D. No entanto, como escreveu João:

Mas ele falava do templo do seu corpo.
Depois que ressurgiu dos mortos,
os seus discípulos lembraram-se destas palavras
e creram na Escritura e na palavra de Jesus.
(São João 2,21-22)

O primeiro templo de Jerusalém estava associado aos grandes reis, como Davi, que o projetou, e Salomão, que o construiu. O segundo templo recordava os grandes líderes do retorno do cativeiro; esse templo restaurado com sua magnificência dispendiosa estava relacionado à casa real de Herodes. Todas essas sombras de templos deveriam ser superadas pelo verdadeiro Templo, que destruiriam na Sexta-Feira Santa. No momento em que este foi destruído, o véu que pendia diante do Santo dos Santos seria rasgado de cima a baixo; e o véu de sua carne também seria rasgado, revelando o verdadeiro Santo dos Santos, o Sagrado Coração de seu Filho.

Ele usaria a mesma figura do templo em outra ocasião, ao falar aos fariseus:

Ora, eu vos declaro que aqui está
quem é maior que o templo.
(São Mateus 12,6)

Foi assim que Ele respondeu ao pedido de um sinal. O sinal havia de ser Sua morte e Ressurreição. Mais tarde, prometeria aos fariseus o mesmo sinal, sob o símbolo de Jonas. Sua autoridade não seria provada somente pela morte, seria provada pela morte e Ressurreição. A morte seria provocada pelo coração maligno do homem e pela própria disposição de Jesus; a Ressurreição, apenas pelo poder onipotente de Deus.

Nesse momento, Ele chamava o templo de casa do Pai. Quando foi deixado lá, três anos depois, não o chamava mais de casa do Pai, porque as

pessoas O haviam rejeitado; ao contrário, disse:

Pois bem, a vossa casa vos é deixada deserta.
(São Mateus 23,38)

Não era mais a casa de seu Pai, era a casa deles. O templo terreno deixou de ser o lugar onde Deus habita ao se tornar o centro de interesses mercenários. Sem Jesus, não era, de modo algum, um templo.

Aqui como alhures, Nosso Senhor provava ser, Ele mesmo, o único que veio ao mundo para morrer. A Cruz não era algo que vinha ao fim de Sua vida; era algo que pendia sobre Ele desde o início. Disse-lhes: “Destruí”; e eles Lhe disseram: “Crucifica-o”. Nenhum templo jamais foi destruído de modo tão sistemático quanto Seu corpo. A abóbada do Templo, Sua frente, foi coroada de espinhos; as fundações, seus sagrados pés, foram perfuradas por pregos; os transeptos, suas mãos, foram estendidos em forma de cruz; o coração do Santo dos Santos foi transpassado por uma lança.

Satanás o tentou com um sacrifício aparente ao pedir-Lhe que se lançasse do pináculo do templo. Nosso Senhor rejeitou essa forma de sacrifício espetacular. Entretanto, quando aqueles que poluíram a casa de Seu Pai pediram um sinal, Ele lhes ofereceu um sinal de tipo diferente, o de Seu sacrifício na Cruz. Satanás pediu a Jesus que se humilhasse; agora, Nosso Senhor Santíssimo dizia que, de fato, seria humilhado pela infâmia da morte. Seu sacrifício, contudo, não seria uma peça de exibicionismo sem sentido, mas um ato de auto-humilhação redentora. Satanás propôs que Ele expusesse Seu Templo à possível ruína por exibicionismo, por ostentação, mas Nosso Senhor expôs o templo de Seu corpo a certa ruína pela salvação e expiação. Em Caná, disse que ia ao encontro de Sua “hora”; no templo, disse que a hora da Cruz levaria à sua Ressurreição. Sua vida pública cumpriria o padrão dessas profecias.

Nota

9 | Em valores atualizados, \$2.50 dólares no ano em que foi escrito o livro (1958) equivalem hoje (2017) a \$8.50. (N. T.)

NICODEMOS, A SERPENTE E A CRUZ

Jesus não deu muito destaque ao fato de não ser bem recebido no templo que era a casa de Seu Pai. O templo terreno desapareceria, e Ele, o verdadeiro templo em que Deus habitava, surgiria, novamente, em glória. Naquele momento, limitou-Se a provar que era o Messias pregando e operando milagres. Durante esses poucos dias, fez muito mais milagres do que foi registrado; e o Evangelho afirma que muitos, ao ver os milagres que Ele fazia, creram Nele. Um dos membros do Sinédrio admitiu não só que os milagres eram autênticos, mas também que Deus estava com Ele e operava tais sinais.

Havia um homem entre os fariseus,
chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.
(São João 3,1)

Segundo todos os padrões do mundo, Nicodemos pode ser descrito como um homem sábio. Era versado nas Escrituras, um homem religioso, visto que pertencia a uma das facções religiosas, os fariseus, que insistiam nas minúcias dos rituais exteriores. No entanto, Nicodemos não era, ao menos no início, um homem destemido, pois escolheu falar com Nosso Senhor Santíssimo no momento em que o manto das trevas o escondia dos olhos dos homens.

Nicodemos é a “personagem noturna” do Evangelho, pois sempre que o encontramos, está escuro. Essa primeira visita é, sem dúvida, descrita como noturna. Mais tarde, à noite, como membro do Sinédrio, foi ele quem falou em defesa de Nosso Senhor, ao dizer que nenhum homem deveria ser julgado

antes de uma audiência. Na Sexta-Feira Santa, na noite após a crucifixão, José de Arimateia veio e

Acompanhou-o Nicodemos
(aquele que anteriormente fora de noite ter com Jesus),
levando umas cem libras de uma mistura de mirra e aloés.
(São João 19,39)

Apesar de existirem impedimentos sociais que desencorajavam a demonstração de qualquer interesse em Nosso Senhor, ele, mesmo assim, foi vê-Lo quando Jesus estava em Jerusalém para a Páscoa. Veio fazer reverência a Cristo e aprendeu, rapidamente, que esse tipo de reverência não bastava. Nicodemos disse-Lhe:

Rabi, sabemos que és um Mestre vindo de Deus.
Ninguém pode fazer esses milagres que fazes,
se Deus não estiver com ele.
(São João 3,2)

Entretanto, embora tenha visto milagres, Nicodemos não estava pronto para confessar a divindade Daquele que os operara. Ainda estava um pouco reticente, pois disfarçou sua personalidade sob o uso de um “nós” oficial. Esse é um truque que, às vezes, os intelectuais usam para fugir da responsabilidade pessoal; quer sugerir que, se uma mudança é necessária, deve ser para a sociedade em geral, em vez de ser para os próprios corações. Mais tarde, durante essa conversa noturna, Nosso Senhor repreendeu Nicodemos como “mestre” por ainda ignorar muitas profecias. Nisso, Nosso Senhor também mostrava ser mestre. No entanto, antes do amanhecer, no curso da longa discussão, Nosso Senhor proclamou que, embora fosse um mestre, não era apenas isso; era, primeiro e antes de mais nada, um Redentor. Afirmou que, não só a verdade humana na razão, mas um renascimento da alma, adquirido por Sua morte, era essencial para alguém se tornar um com Ele. Nicodemos

começou chamando-O de mestre; ao final desse encontro, Nosso Senhor Se proclamara um Salvador.

A Cruz refletia-se por sobre todos os incidentes de Sua vida; ela nunca brilhou com tamanho fulgor para quem conhecia o Antigo Testamento como naquela noite. Esse fariseu pensava que Jesus era apenas um mestre, um Rabi, mas descobriu, no final, que havia cura naquilo que sempre foi tido, até então, como maldição; a saber, a crucifixão.

Nosso Senhor, em resposta, pediu-lhe que deixasse a ordem mundana.

Em verdade, em verdade te digo:
quem não nascer de novo
não poderá ver o Reino de Deus.
(São João 3,3)

A ideia que prevalecia no início da discussão entre Nicodemos e Nosso Senhor era a da vida espiritual ser diferente da vida física ou intelectual. A diferença entre a vida espiritual e a física, Jesus lhe dizia, era maior que a existente entre um cristal e uma célula viva. A vida espiritual não é um impulso vindo de baixo; é um dom vindo do alto. Um homem não se torna realmente menos egoísta e adquire uma mentalidade mais livre até que se torne um seguidor de Cristo. Deve haver um novo nascimento gerado do alto. Toda pessoa no mundo tem um primeiro nascimento na carne, mas Jesus disse que um segundo nascimento do alto seria necessário para a vida espiritual. É tão necessário que um homem “não pode”, sem isso, entrar no Reino de Deus. Ele não disse “não irá”, pois, a impossibilidade é real. Assim como uma pessoa não pode levar uma vida física a menos que nasça, da mesma maneira ninguém pode levar uma vida divina a menos que nasça de Deus. O primeiro nascimento nos faz filhos de nossos pais, o segundo nos faz filhos de Deus. A ênfase não é no autodesenvolvimento, mas na regeneração; não na melhoria de nosso estado atual, mas na mudança completa de nosso estado.

Vencido pela grandeza da ideia que lhe foi sugerida, Nicodemos pediu mais esclarecimentos. Podia compreender um homem *ser* o que é, mas não podia compreender um homem *se tornar* aquilo que não é. Nicodemos

compreendia redecorar o homem velho, mas não criar um homem completamente novo. Daí a pergunta:

Como pode um homem renascer, sendo velho?
Porventura pode tornar a entrar no seio de sua mãe
e nascer pela segunda vez?
(São João 3,4)

Nicodemos não negava a doutrina do renascimento. Era um literalista; duvidava da precisão do termo “nascer”. Nosso Senhor respondeu a essa dificuldade:

Em verdade, em verdade te digo:
quem não renascer da água e do Espírito
não poderá entrar no Reino de Deus.
O que nasceu da carne é carne,
e o que nasceu do Espírito é espírito.
Não te maravilhes de que eu te tenha dito:
Necessário vos é nascer de novo.
(São João 3,5-7)

A percepção de Nicodemos era inadequada. Só se aplicava à esfera carnal. Nicodemos não podia entrar no ventre de sua mãe uma segunda vez para nascer. Entretanto, o que era impossível à carne, era possível ao espírito. Nicodemos esperava instrução e ensinamento, mas, em vez disso, foram-lhe oferecidos regeneração e renascimento. O Reino de Deus foi apresentado como uma nova criação. Quando sai do ventre da mãe, o homem é apenas uma *criatura* de Deus, como uma mesa é a criação, em grau menor, do carpinteiro. Nenhum homem na ordem natural pode chamar Deus de “Pai”: para fazer isso, o homem teria de se tornar algo que não é. Deve, por dom divino, partilhar da natureza de Deus, como atualmente partilha da natureza de seus pais. O homem faz o que lhe é diferente; mas gera o que é semelhante. Um artista pinta um retrato, mas esse retrato é diferente dele em natureza; uma mãe

gera uma criança, e a criança é-lhe semelhante em natureza. Nosso Senhor sugere aqui que, acima da ordem dos feitos e da criação, está a ordem da geração, regeneração e renascimento pela qual Deus se torna nosso Pai.

É evidente que Nicodemos estava alarmado com essa abordagem puramente intelectual da religião, visto que Nosso Senhor lhe disse: “Não te maravilhes de que eu te tenha dito” (São João 3,7). Nicodemos conjecturava como poderia ser produzido esse efeito de regeneração. Nosso Senhor explicou que Nicodemos não compreendia esse segundo nascimento porque ignorava a obra do Espírito Santo. Poucos instantes depois, Jesus sugeriu que Sua morte reconciliaria a humanidade com o Pai, de modo que a humanidade seria regenerada pela ação do Espírito Santo. O novo nascimento que Nosso Senhor sugeriu escaparia aos sentidos e é conhecido somente pelos efeitos na alma.

Nosso Senhor empregou uma ilustração desse mistério: “Não podes compreender o sopro do vento, mas tu obedeces sua lei e, assim, aproveita sua força; assim também acontece com o Espírito. Obedece a lei do vento e ele encherá tuas velas e te levará para a frente. Obedece a lei do Espírito e conhecerás um novo nascimento. Não proteles o relacionamento com essa lei apenas porque não podes penetrar intelectualmente nesse mistério”.

O vento sopra onde quer;
ouves-lhe o ruído, mas não sabes de onde vem,
nem para onde vai.
Assim acontece com aquele que nasceu do Espírito.
(São João 3,8)

O Espírito de Deus é livre e sempre age livremente. Seus movimentos não podem ser antecipados por nenhum cálculo humano. Não podemos dizer quando a graça está por vir ou como agirá na alma; se virá como resultado da aversão ao pecado ou do anseio por um bem maior. A voz do Espírito está dentro da alma; a paz que ela traz, a luz que derrama e a força que dá estão inegavelmente ali. A regeneração do homem não é diretamente discernível ao olho humano.

Embora fosse um erudito sofisticado, Nicodemos estava, mesmo assim, perplexo pela sublimidade da doutrina que ouvia Daquele que era chamado de

Mestre. Seu interesse como fariseu não estava na santidade pessoal, mas na glória de um reino terreno. Nesse momento, faz a pergunta:

Como se pode fazer isso?
(São João 3,9)

Nicodemos percebeu que a vida divina no homem não é apenas uma questão de *ser*; também encerra o problema do *tornar-se*, por intermédio de um poder que não está no homem, mas somente no próprio Deus.

Nosso Senhor explicou que Seu ensinamento era algo que nenhum mero ser humano jamais poderia ter pensado. Era, portanto, uma desculpa para a ignorância do fariseu. Afinal, nenhum homem jamais subiu aos céus para aprender os segredos celestiais e, então, retornou à terra para dar-lhes a conhecer. O único que poderia conhecê-los era Aquele que descera dos céus, Aquele que, como Deus, se fizera homem e agora falava a Nicodemos. Nosso Senhor, pela primeira vez, referiu-Se a Si mesmo como o Filho do Homem. Ao mesmo tempo, sugeria que era alguma coisa mais que isso, que também era o único divino Filho unigênito do Pai Celestial. Estava, na verdade, afirmando as naturezas divina e humana.

Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu,
o Filho do Homem que está no céu.
(São João 3,13)

Essa não foi a única vez que Nosso Senhor falou de Sua nova Ascensão aos céus ou referiu-Se ao fato de que tinha vindo dos céus. Para um dos apóstolos, disse:

Em verdade, em verdade vos digo:
vereis o céu aberto e os anjos de Deus
subindo e descendo sobre o Filho do Homem.
(São João 1,51)

Pois desci do céu não para fazer a minha vontade,
mas a vontade daquele que me enviou.
(São João 6,38)

Aquele que vem de cima é superior a todos.
Aquele que vem da terra é terreno
e fala de coisas terrenas.
Aquele que vem do céu é superior a todos.
(São João 3,31)

Porventura não é ele Jesus,
o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?
Como, pois, diz ele: Desci do céu?
(São João 6,42)

Que será, quando virdes subir o Filho do Homem
para onde ele estava antes?
(São João 6,62)

Nosso Senhor nunca falou de Sua divindade ou de Sua glória ressuscitada sem trazer à baila a ignomínia da Cruz. Às vezes, falava primeiro da glória, como fazia naquele momento com Nicodemos, mas a crucifixão tinha de ser a condição. Nosso Senhor viveu tanto a vida celestial quanto a vida terrena; uma vida celestial como Filho de Deus, uma vida terrena como Filho do Homem. Ainda que continuasse a ser um com o Pai do céu, deu-Se aos homens na terra. A Nicodemos, afirmou que a condição da qual dependia a salvação dos homens seria a própria Paixão e morte. Deixou isso claro ao se referir à prefiguração da Cruz mais famosa do Antigo Testamento.

Como Moisés levantou a serpente no deserto,
assim deve ser levantado o Filho do Homem,
para que todo homem que nele crer
tenha a vida eterna.

(São João 3,14-15)

O Livro dos Números relata que, quando o povo murmurou, rebelde, contra Deus, foi punido com a praga de serpentes ferozes, de maneira que muitos perderam a vida. Quando se arrependeram, Moisés ouviu de Deus que fizesse uma serpente de bronze e a erguesse como sinal, e todos os picados pela serpente que olhassem para aquele sinal seriam curados. Nosso Senhor Santíssimo agora declarava que Ele seria erguido, como a serpente o fora. Do mesmo modo como a serpente de bronze tinha a aparência de uma serpente e, ainda assim, faltava-lhe o veneno, Ele também, quando fosse erguido no lenho da Cruz, teria a aparência de um pecador e, ainda assim, não teria pecado. Assim como todos os que olharam para a serpente de bronze foram curados das picadas, também todos os que olhassem para Ele com amor e fé seriam curados da picada da serpente do mal.

Não bastava que o Filho do Homem descesse dos céus e aparecesse como Filho do Homem, pois assim teria sido apenas um grande mestre e um grande exemplo, mas não um Redentor. Para Ele era mais importante cumprir o propósito de Sua vinda, redimir o homem do pecado enquanto mantivesse a semelhança com a carne humana. Os Mestres mudam os homens com suas vidas; Nosso Senhor Santíssimo mudaria os homens com Sua morte. O veneno do ódio, da sensualidade e da inveja que está no coração dos homens não pode ser curado apenas por sábias exortações e reformas sociais. O preço do pecado é a morte e, portanto, a expiação do pecado teria de ser pela morte. Assim como nos sacrifícios antigos o fogo queimava de maneira simbólica o pecado imputado juntamente com a vítima, do mesmo modo, na Cruz, os pecados do mundo seriam descartados pelo sofrimento de Cristo, pois Ele seria erguido como sacerdote e prostrado como vítima.

Os dois maiores estandartes já desfraldados foram a serpente e o Salvador. E, ainda assim, há uma diferença infinita entre eles. O teatro de um foi o deserto, e a audiência, poucos milhares de israelitas; o teatro do outro foi o universo, e a audiência, toda a humanidade. De um adveio a cura do corpo, a ser desfeita em breve, mais uma vez, pela morte; do outro jorrou a cura da alma, até a vida eterna. E, mesmo assim, um é a prefiguração do outro.

Entretanto, embora Ele tenha vindo para morrer, insistiu no fato de que a morte seria voluntária, não por ser demasiado fraco para se defender dos

inimigos. A única causa de Sua morte seria o amor; como disse a Nicodemos:

Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo,
que lhe deu seu Filho único,
para que todo o que nele crer não pereça,
mas tenha a vida eterna
(São João 3,16)

Nessa noite, quando um ancião veio ter com o mestre divino que assombrou o mundo com milagres, Nosso Senhor contou a história de Sua vida. Foi uma vida que não começou em Belém, mas que existiu desde sempre na divindade. Ele era o Filho de Deus que se tornou Filho do Homem, porque o Pai O enviou na missão de redimir o homem por amor.

Se há algo que um bom mestre deseja, é uma vida longa para tornar conhecido seu ensinamento e adquirir sabedoria e experiência. A morte é sempre uma tragédia para um grande mestre. Quando foi dado a Sócrates o suco de cicuta, sua mensagem foi, de uma vez por todas, rompida. A morte foi uma pedra de tropeço para Buda e seu ensinamento das oito vias. O último suspiro de Lao-Tsé cerrou a cortina de sua doutrina no que se referia ao *Tao* ou ao “nada fazer” contra a autodeterminação agressiva. Sócrates ensinara que o pecado era devido à ignorância e que, portanto, o conhecimento tornaria o mundo bom e perfeito. Os mestres orientais se preocupavam com o homem ficar enredado em alguma grande roda do destino. Daí a recomendação de Buda de que o homem fosse ensinado a esmagar os desejos e, assim, encontrar a paz. Quando Buda morreu, aos oitenta anos, não apontou para si, mas para a lei que tinha deixado. A morte de Confúcio estancou seus ensinamentos morais sobre como aperfeiçoar o Estado por intermédio de relações gentis recíprocas entre o príncipe e o súdito, o pai e o filho, entre irmãos, marido e mulher, e entre amigos.

Na conversa com Nicodemos, Nosso Senhor proclamou a Si mesmo como a Luz do Mundo. No entanto, a parte mais surpreendente de Seu ensinamento era dizer que ninguém O compreenderia enquanto estivesse vivo, e que Sua morte e Ressurreição seriam essenciais para essa compreensão. Nenhum outro mestre no mundo jamais disse que sofreria uma morte violenta

para esclarecer seu ensinamento. Eis um mestre que tornou Seu ensino secundário a ponto de afirmar que o único caminho possível para atrair os homens a si *não era sua doutrina, nem aquilo que disse, mas sua crucifixão.*

Quando tiverdes levantado o Filho do Homem,
então conhecereis quem sou.
(São João 8,28)

Não disse que o que compreenderiam seria o ensinamento; antes, alcançariam Sua personalidade. Somente então entenderiam, após enviá-Lo à morte, que Ele falava a verdade. Sua morte, portanto, em vez de ser o final de uma série de derrotas, seria um sucesso glorioso, o auge de Sua missão na terra.

Por isso, a grande diferença das estátuas e pinturas de Buda e de Cristo. Buda está sempre sentado, de olhos fechados, mãos entrelaçando o corpo roliço. Cristo nunca está sentado; está sempre erguido e entronizado. Sua pessoa e morte estão no centro e na alma de Sua lição. A Cruz, e tudo o que ela encerra, é, mais uma vez, central em Sua vida.

8

SALVADOR DO MUNDO

De depois de purificar o templo, operar milagres em Jerusalém e dizer a Nicodemos que viera para morrer por aqueles que foram picados pela serpente do pecado, Nosso Senhor saiu de Jerusalém, que O rejeitara, e foi à “Galileia dos gentios”. O caminho mais comum entre a Judeia, no sul, e a Galileia, ao norte, era por Pereia. Os judeus tomavam esse caminho para evitar passar pela terra dos samaritanos. Nosso Senhor, entretanto, não o tomou. Declarou que o templo era para todas as nações e foi chamado a ministrar a todos os povos e raças.

Ora, devia passar por Samaria.
(São João 4,4)

O Evangelho fala de Sua morte e redenção como um “dever”. O que acontecera em Samaria estava relacionado àquela ordem — de que devia oferecer Sua vida vicariamente pela humanidade.

Separando as duas províncias, Judeia e Galileia, havia uma faixa de terra habitada por uma raça mestiça meio estrangeira, os samaritanos. Entre eles e os judeus, havia uma hostilidade já antiga. Os samaritanos eram uma raça híbrida, formada séculos antes, quando os israelitas foram levados cativos. Os assírios enviaram alguns de seu próprio povo para misturar-se com eles, criando assim uma nova raça. Os primeiros colonizadores de Samaria trouxeram consigo a idolatria, mas, posteriormente, houve a introdução de um judaísmo espúrio. Os samaritanos aceitaram os cinco livros de Moisés e alguns dos profetas; mas todos os outros livros históricos foram rejeitados porque recontavam a história

dos judeus, a quem eles desprezavam. A adoração deles era feita num templo no Monte Gerizim.

Nenhum judeu jamais pronunciava a palavra “samaritano”, de tão abominável que era. Assim, quando perguntaram ao doutor da lei quem era o próximo, ele usou um circunlóquio.¹⁰ Por outro lado, o termo mais ofensivo que os judeus podiam aplicar a alguém era chamá-lo “samaritano”, como certa vez chamaram Nosso Senhor, que ignorou a provocação (João 8,48). Mais tarde, no entanto, na história do Bom Samaritano, o próprio Jesus representou a Si mesmo como um “certo samaritano”, indicando a humilhação e o escárnio lançados sobre Ele em Sua vinda à terra.

Nosso Bendito Senhor não evitou essas pessoas. O Criador de todos os mundos precisava passar pela casa da humanidade “estrangeira” em Seu caminho ao trono celestial. Um Amor Soberano pôs esta necessidade sobre Ele. Era meio-dia, e Nosso Bendito Senhor estava “cansado de Sua jornada”; então, sentou-se próximo à fonte de Jacó. No entanto, junto com esta fraqueza, apareceu ali Sua onisciência, quando Ele leu o coração de uma mulher. Cristo estava cansado com o trabalho, não do trabalho. As duas maiores conversões que Nosso Bendito Senhor já fez, a mulher siro-fenícia e esta mulher, ambas se deram quando Ele estava cansado. Quando parecia mais inadequado para realizar os negócios do Pai, fazia-o mais efetivamente. São Paulo foi levado do trabalho para a prisão; mas converteu alguns dos carcereiros e escreveu suas epístolas. A disposição do coração sempre cria as próprias oportunidades.

Veio uma mulher da Samaria tirar água.
(São João 4,7)

Era incomum que uma mulher no Oriente viesse no calor do dia retirar água. A razão para esse comportamento incomum será descoberta um pouco mais tarde. Nada em sentido terreno era mais fortuito do que uma mulher levando um jarro de água a um poço; ainda assim, foi uma dessas providências cotidianas de Deus, que ajudam a desvendar o enigma de uma alma. Ela não sabia do grande favor que estava à sua espreita. Ele estava lá primeiro. Como escreveu Isaías:

Mantive-me à disposição das pessoas que não me consultavam.
(Isaías 65,1)

Foi Nosso Senhor quem encontrou Zaqueu, não Zaqueu a Ele; Paulo também foi encontrado quando não estava procurando seu Senhor. O poder de atração do Mestre Divino foi enfatizado mais tarde:

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair.
(São João 6,44)

Conforme enchia o jarro, ela já devia ter tentado evitar Nosso Bendito Senhor, pois reconhecera Nele a fisionomia de um judeu, com quem os samaritanos nada tinham em comum. Mas, para sua surpresa, o estrangeiro ao lado do poço dirigiu-se a ela com um pedido:

Dá-me de beber.
(São João 4,7)

Sempre que queria fazer um favor, Nosso Senhor começava pedindo um. Ele não começou com uma reprovação, mas com um pedido. Sua primeira palavra foi “Dá-me!”. Sempre deve haver um esvaziamento do humano antes que possa haver um preenchimento com o divino, assim como o divino esvaziou-se a Si mesmo para preencher-se do humano. A água, um assunto proeminente nos pensamentos dela, tornou-se o denominador comum entre o sem pecado e a pecadora.

Sendo tu judeu, como pedes de beber a mim, que sou samaritana!
(São João 4,9)

Nesta longa conversa entre os dois, havia uma progressão do desenvolvimento espiritual que enfim culminou com ela vindo ao

conhecimento de Cristo, o Salvador. Com a compreensão imperfeita do princípio, olhou para Ele com desdém como membro de certa raça ou povo. À primeira vista, Ele era só “um judeu”. A resposta de Nosso Senhor sugeria que realmente não era o recebedor, mas o doador. Ela errara ao pensar que Ele estava precisando de ajuda, quando, na verdade, era ela que precisava Dele.

Se conhecesses o dom de Deus,
e quem é que te diz:
Dá-me de beber,
certamente lhe pedirias tu mesma
e ele te daria uma água viva.
(São João 4,10)

Ele apresentou a Si mesmo sob a imagem da água, como um pouco mais tarde, quando os homens pediriam pão para comer, Ele se apresentaria sob a aparência de pão. Embora falasse de Si como o dom de Deus, a mulher via Nele apenas um homem de outra raça cansado da viagem. Seus olhos não podiam ver além da aparência externa até a natureza divina santificada no interior. Ela via o judeu, mas não o Filho de Deus; o homem fatigado, mas não o descanso das almas fatigadas; o peregrino sedento, mas não Aquele que podia saciar a sede do mundo. A pena daqueles que vivem demasiado próximos da carne é jamais compreenderem o espiritual. O respeito dela por ele, todavia, só aumenta quando ela diz:

Senhor, não tens com que tirá-la, e o poço é fundo...
donde tens, pois, essa água viva?
És, porventura, [um homem] maior do que o nosso pai Jacó,
que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu
e também os seus filhos e os seus rebanhos?
(São João 4,11-12)

Ele agora já não foi chamado “judeu”, mas “homem”. A mulher desconfiava, embora não compreendesse bem as palavras Dele, que Ele, sendo

judeu, estava desdenhando as tradições do povo dela. Ele respondeu que era maior que Jacó:

Todo aquele que beber desta água
tornará a ter sede,
mas o que beber da água que eu lhe der
jamais terá sede.
Mas a água que eu lhe der
virá a ser nele fonte de água,
que jorrará até a vida eterna.
(São João 4,13-14)

Aqui estava Sua filosofia de vida. Toda satisfação humana dos desejos do corpo e da alma têm um defeito; não se satisfazem para sempre. Servem apenas para aplacar a necessidade presente; mas nunca a extinguem. O desejo sempre brota novamente. As águas que o mundo dá voltam à terra outra vez; mas a água da vida que Ele dá é um impulso sobrenatural e impele em direção ao próprio céu.

Nosso Bendito Senhor não tentou desapropriar as cisternas rotas do mundo sem oferecer algo melhor. Ele não condenou os rios terrenos nem os proibiu; só disse que, se ela se limitasse aos poços da felicidade humana, jamais seria plenamente satisfeita.

Ela não conseguia entender a graça ou o poder celestial sob a analogia da água para o corpo; pois havia muito ela saciara a sede nas águas turvas da gratificação sensual. Ela prossegue:

Senhor, dá-me desta água,
para eu já não ter sede
nem vir aqui tirá-la!
(São João 4,15)

Ela já não o chama “judeu” nem “homem”, mas “Senhor”. Ainda havia confusão na mente da mulher, pois imaginava que a promessa Dele a isentaria

do enfado de ir até o poço. Nosso Senhor falou do alto do entendimento espiritual; a mulher, das profundezas do conhecimento sensível. As janelas de sua alma tinham se tornado sujas com o pecado, de modo que ela não podia ver o significado espiritual no universo material.

Nosso Bendito Senhor, vendo que ela não compreendia a lição espiritual, agora pôs em evidência o motivo por que ela não entendia o que Ele queria dizer: a vida dela era imoral. Penetrou na consciência dela com uma mudança brusca de assunto:

Vai, chama teu marido e volta cá.

(São João 4,16)

Ele pretendia suscitar nela o sentimento de vergonha e pecado. “Vai..., vem... *Vai* e encara a verdade da vida que vives; *vem* e recebe as águas da vida”. A mulher respondeu:

Não tenho marido.

(São João 4,17)

Esta foi uma confissão honesta e verdadeira até então; mas não foi longe o bastante. Ela pedira água viva, mas não sabia ainda que o poço deve primeiro ser cavado. Na profundidade do espírito da mulher havia a potência para o dom Dele; mas as águas da graça não podiam fluir por causa das rochas duras do pecado, das muitas camadas de transgressão, os hábitos terríveis como solo argiloso, e os diversos depósitos de pensamentos carnavais. Tudo isso tinha de ser escavado antes que se pudesse ter água viva. O pecado tinha de ser confessado antes que se pudesse obter a salvação. A consciência precisa vir à tona. Com a habilidade de mestre, Nosso Senhor estava expondo a ela toda a conduta devassa e, como o clarão de um relâmpago, despertando nela o senso de culpa na consciência.

Nosso Senhor respondeu:

Tens razão em dizer que não tens marido.

(São João 4,17)

Ele louvou a confissão honesta da mulher. Um médico de almas pouco habilidoso provavelmente teria repreendido a mulher com severidade por ter ocultado a verdade. Nosso Senhor, ao contrário, disse “Tens razão”. Mas então prosseguiu:

Tiveste cinco maridos,
e o que agora tens não é teu.
Nisto disseste a verdade.
(São João 4,18)

O homem com quem ela estava morando não era seu marido; ela havia caído tão fundo na degradação que não passou pela sanção jurídica do casamento pela qual, em outros tempos, teria passado.

A mulher sentiu que Nosso Senhor estava “intrometendo-se”. Ele estava sondando-lhe a moral e o comportamento e concluindo que não podia receber o dom que Ele tinha a dar por causa de seu modo de vida. Ela então fez o que milhões de pessoas fazem quando a religião exige uma reforma de conduta: *mudou de assunto*. Ela estava disposta a fazer da religião objeto de discussão, mas não queria fazer dela uma questão de decisão. Nosso Bendito Senhor tinha trazido à tona o assunto sobre a ordem moral, isto é, o modo como ela se conduzia pessoalmente diante de Deus e de sua consciência. Para evitar o problema moral, ela primeiro tentou a lisonja, depois incluiu um problema especulativo:

Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que és profeta!
(São João 4,19)

Ela, que a princípio o tinha chamado “judeu”, depois “homem” e, em seguida, “senhor”, agora o chamava “profeta”. Ela levou a discussão sobre religião para um plano puramente intelectual, a fim de que pudesse não ser afetada moralmente. E acrescentou:

Nossos pais adoraram neste monte,
mas vós dizeis que é em Jerusalém
que se deve adorar.
(São João 4,20)

A mulher fez uma tentativa estranha de sair daquela situação embaraçosa. Tentou colocar uma pista falsa na estrada ao trazer à pauta a velha disputa religiosa. Os judeus adoravam em Jerusalém; os samaritanos no Monte Gerizim. Ela tentou esquivar-se da flecha dirigida a sua consciência ao introduzir um assunto especulativo. Isso distrairia a alma dela de seu mal.

Mas Ele respondeu:

Mulher, acredita-me, vem a hora
em que não adorareis o Pai,
nem neste monte nem em Jerusalém.
Vós adorais o que não conheceis,
nós adoramos o que conhecemos,
porque a salvação vem dos judeus.
Mas vem a hora, e já chegou,
em que os verdadeiros adoradores
hão de adorar o Pai em espírito e verdade,
e são esses adoradores que o Pai deseja.
Deus é espírito, e os seus adoradores
devem adorá-lo em espírito e verdade.
(São João 4,21-24)

Ele estava contando que as discussões locais extinguir-se-iam em breve. A controvérsia entre Jerusalém e Samaria seria superada; pois, como predissera Simeão, Ele seria a Luz dos Gentios. Nosso Senhor, entretanto, reconheceu os judeus ao dizer:

Porque a salvação vem dos judeus.
(São João 4,22)

De fato, o Messias, o Filho de Deus e Salvador, surgiria de entre eles e não dos samaritanos. “Salvação” equivale ao Salvador, pois Simeão, enquanto segurava o bebê, declarou que seus olhos tinham visto “Salvação”. Israel era o canal pelo qual a salvação de Deus seria transmitida ao mundo. Era a árvore que tinha sido regada por séculos, e que agora tinha dado uma flor perfeita: o Messias e Salvador.

As palavras de Nosso Senhor levaram a pobre pecadora a águas mais profundas do que ela podia vencer, e transportaram-na a um reino de verdades grandes demais para seu entendimento. No entanto, uma coisa que Ele disse, sobre uma hora por vir em que haveria verdadeira adoração ao Pai, ela entendeu vagamente, pois os próprios samaritanos tinham alguma crença no Messias. Ela respondeu:

Sei que deve vir o Messias (que se chama Cristo);
quando, pois, vier,
ele nos fará conhecer todas as coisas.
(São João 4,25)

Ela ainda não lhe dera o título de “Messias”, mas faria o reconhecimento em um instante. Os samaritanos conheciam o Antigo Testamento o suficiente para saber que Deus enviaria seu Ungido; mas, em sua religião pervertida, Ele era meramente um profeta, assim como para os judeus, em seu entendimento pervertido, era um rei político. A declaração dela equivalia a dizer que ela esperava o Prometido de Deus. Em resposta à fé frágil, Nosso Senhor respondeu:

Sou eu, quem fala contigo.
(São João 4,26)

Estava resolvido agora; a adoração já não deveria centrar-se em Jerusalém nem no Monte Gerizim, mas no próprio Cristo.

Neste momento, os discípulos voltaram da cidade, depois que a mulher deixara o poço. Mas, em sua empolgação, ela esqueceu o jarro de água. A água

podia ser pega em qualquer momento. Agindo impulsivamente, ela correu à cidade para contar aos homens:

Vinde e vede um homem
que me contou tudo o que tenho feito.
Não seria ele, porventura, o Cristo?
(São João 4,29)

Aqui estava o novo título dado a Nosso Senhor. Agora Ele era o “Cristo”. Ela começou com um convite urgente. A mulher não dizia que Ele lhe tinha dito tudo que se relacionava à adoração a Deus; mas todas as coisas que ela tinha feito, até mesmo as próprias faltas que preferiria esconder. O sol não brilha antes de nascer; o fogo não arde antes de acender-se; assim também a graça age quando a alma coopera. Ela se tornou uma das primeiras missionárias domésticas na história do cristianismo.

Essa mulher contou o que esperariam que escondesse. Ela foi buscar água e, quando encontrou o Verdadeiro Poço, deixou para trás o jarro com água assim como os apóstolos abandonaram as redes.

Nosso Senhor, também, nessa ocasião, esqueceu Sua fome, e quando os apóstolos O instaram a comer, disse-lhes que tinham uma comida que eles não conheciam (São João 4,34).

Vale notar que a mulher samaritana contou aos homens de seu encontro com Cristo. Pode muito bem ter acontecido que as mulheres na cidade não quisessem associar-se a ela. É por isso que foi ao poço ao meio-dia; as outras iam no frescor da manhã ou à noite. Aparentemente porque as mulheres tinham-na marginalizado, ela transmitiu a mensagem primeiro aos homens. E evidentemente fez um trabalho bem feito na vila, pois o Evangelho nos diz:

Muitos foram os samaritanos daquela cidade
que creram nele por causa da palavra da mulher,
que lhes declarara: Ele me disse tudo quanto tenho feito.
(São João 4,39)

A mulher não disse “Acreditai no que digo”; antes, disse-lhes: “Vinde e vede”. Façam uma investigação; deixem de preconceito. Seu modo sincero convenceu os homens. Poucas horas mais tarde, ela correu ao poço novamente, com os homens atrás dela; mas dessa vez com um propósito diferente — ela buscava a salvação.

Assim, quando os samaritanos foram ter com ele,
pediram que ficasse com eles.
Ele permaneceu ali dois dias.
Ainda muitos outros creram nele
por causa das suas palavras.
(São João 4,40-41)

Depois de ver Nosso Senhor, disseram à mulher:

Já não é por causa da tua declaração que cremos,
mas nós mesmos ouvimos e sabemos
ser este verdadeiramente o Salvador do mundo.
(São João 4,42)

Essa foi a primeira vez que a frase “Salvador do mundo” foi usada para descrever Nosso Senhor. O crescimento espiritual da mulher agora estava completo. No início, Cristo era para ela um “judeu”; depois, um “homem”; em seguida, “senhor”; então, um “profeta”; depois, “o Messias” e, enfim, “o Salvador do mundo” e “redentor do pecado”. A conversão pode ser rápida para alguns, mas não estava completa nessa mulher até que ela viu que Nosso Senhor não veio para salvar justos, mas pecadores. Nenhum milagre físico foi realizado; nenhuma cura, nenhum cego voltou a enxergar. A maravilha deu-se em uma alma pecaminosa. Da libertação do pecado veio o título mais glorioso. A Cruz não foi mencionada, mas Aquele que seria levado ao madeiro estava claramente mencionado: “Salvador do mundo”. A Cruz estava com Ele por toda parte bem antes de ser pregado nela.

Em contraste com essa mulher estavam os fariseus. Eles negavam o pecado, mas tinham todos os efeitos do pecado: terror, angústia, medo, infelicidade e vazio; ao negar a causa, tornavam a cura impossível. Se os famintos negam a fome, quem será o portador do pão? Se os pecadores negam o pecado e a culpa, quem lhes será o Salvador? Desses fariseus presunçosos e orgulhos, disse Nosso Senhor:

Não são os homens de boa saúde que necessitam de médico.
(São Lucas 5,31)

O mundo é constituído por duas classes de pessoas: aqueles que encontraram a Deus, e aqueles que O estão procurando — sedentos, famintos, ávidos! E os grandes pecadores chegam mais perto Dele do que os intelectuais orgulhosos! O orgulho intumesce e infla o ego; pecadores contumazes são deprimidos, diminuídos, vazios. Portanto, têm lugar para Deus. Deus prefere pecadores amorosos a “santos” sem amor. O amor pode ser treinado; o orgulho, não. O homem que pensa que sabe raramente encontrará a verdade; o homem que sabe que é um pecador miserável e infeliz, como a mulher do poço, está mais perto da paz, da alegria e da salvação do que imagina.

Milhões de pessoas neste mundo têm graça *branca* nas almas; sentem a presença divina. Milhões de outras têm a graça *negra*; não sentem a presença de Deus, mas Sua *ausência*. A mulher samaritana, que primeiro sentiu sua ausência, veio a sentir Sua presença. Mas se ela jamais tivesse pecado, jamais teria chamado Cristo de “Salvador”. Ele não veio com um livro na mão apenas para ler àqueles que quisessem ser ensinados; Ele fez mais: veio com sangue em Seu corpo para derramá-lo como pagamento completo de uma dívida que o homem jamais poderia pagar.

Nota

10 | No final parábola do “bom samaritano” (Lucas 10,29-37), a resposta à pergunta “Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?” não foi um simples “o samaritano”, mas, justamente, o circunlóquio a que o autor faz referência: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. (N. T.)

O PRIMEIRO ANÚNCIO PÚBLICO DE SUA MORTE

A história de todo homem é contada por dois breves momentos: a data de nascimento e data de falecimento. Na vida de apenas uma pessoa que viveu nesta terra, a morte veio em primeiro lugar, no sentido de que morrer era a razão de sua vinda. Como diz Robert Browning:

Creio que este é o sinal autêntico e o selo
Da divindade; que sempre se enche de contente
E mais contente, até o contentamento florescer, irromper
Em furor para sofrer pela humanidade.¹¹

Apesar de ter vindo para morrer, não veio por causa da morte. Por isso, sempre que há um sofrimento, uma morte ou mesmo quando é mencionada uma humilhação, há sempre o contraponto da glória, da vitória ou da exaltação. A divindade reluz sempre que a sua natureza humana é humilhada. A relação intrínseca perpassa toda a sua vida. Se nasceu de uma donzela humilde em um estábulo, havia anjos dos céus para anunciar Sua glória; se Ele Se rebaixou à companhia de um boi e um asno em uma manjedoura, havia uma estrela brilhante para guiar os gentios até Ele como um rei; se teve fome e foi tentado no deserto, havia anjos para O assistir; se se verteu Seu sangue no Getsêmani, foi porque o Pai Celeste estendeu-Lhe o cálice; se foi preso porque chegara a Sua hora, havia 12 legiões de anjos para liberá-Lo caso não desejasse oferecer a vida pelos homens; se Se humilhou como pecador para receber o batismo de João, havia a voz do céu para proclamar a glória do Filho Eterno que não precisava de purificação; se havia cidadãos para rejeitá-Lo e lançá-Lo

de um penhasco, havia o poder divino para andar entre eles ileso; se foi pregado a uma cruz, havia o sol para esconder a face envergonhado e a terra para estremecer em revolta ao que as criaturas fizeram com seu criador; se foi posto no sepulcro, havia anjos para proclamar Sua Ressurreição.

O que torna a vida de Cristo única é Ele ter condicionado a instituição de Seu Reino na terra e no céu ao sofrimento e à morte. Sua vitória sobre o mal, ao absorver o pior que o mal poderia fazer, tinha, para ele, um caráter representativo e secundário. Citando Isaías, disse que viria a ser “contado entre os malfeitores” (Isaías 53,12). Entretanto, sua vitória sobre a morte, por intermédio da Cruz, passaria para os homens que reproduziriam a experiência de carregar a cruz em suas vidas.

A Cruz estava em todos os lugares da vida de Cristo. Não podia falar abertamente a esse respeito, pois, quando o fez, mesmo os amigos mais próximos, os apóstolos, não captaram o significado. O primeiro anúncio público de que veio para morrer foi instigado pelos fariseus ao discutirem com ele a questão do jejum. Os fariseus haviam reclamado com os discípulos que Nosso Senhor comia e bebia com companhias muito questionáveis. Ao se afiliarem, no momento, às práticas de jejum de João Batista, reclamaram que Nosso Senhor e os discípulos estavam comendo, ao passo que os discípulos de João jejuavam. Uma pessoa devota em Israel jejuava duas vezes na semana, a saber, às segundas e sextas-feiras, que criam ser os dias em que Moisés subiu ao Monte Sinai. Aparentemente, Nosso Senhor não estava jejuando com os discípulos da mesma maneira que João Batista jejuava. Isso foi o bastante para que, mais tarde, os fariseus o chamassem de glutão e beberrão. A resposta que Nosso Bendito Senhor deu à pergunta de por que os discípulos não jejuavam foi muito mais profunda do que aparenta à primeira vista.

Podem porventura jejuar os convidados das núpcias,
enquanto está com eles o esposo?
Enquanto têm consigo o esposo,
não lhes é possível jejuar.
(São Marcos 2,19)

Ele denominava-se “o esposo”. Os fariseus, que conheciam bem o Antigo Testamento, estavam familiarizados com essa ideia. A relação entre Deus e Israel sempre foi a do esposo e a da esposa. Sete séculos antes, o profeta Oseias ouviu Deus falar a Israel:

Desposar-te-ei para sempre,
desposar-te-ei conforme a justiça e o direito,
com benevolência e ternura.
Desposar-te-ei com fidelidade,
e conhecerás o Senhor.
(Oseias 2,21-22)

A profecia de Isaías, entre outros, também falava da relação entre Deus e Israel em termos de esposo e esposa:

Pois teu esposo é o teu Criador:
chama-se o Senhor dos exércitos;
teu Redentor é o Santo de Israel:
chama-se o Deus de toda a terra.
(Isaías 54,5)

Os ouvintes sabiam o que estava a dizer, que Ele era Deus; ele era o senhor a quem Israel desposara. Tomou o lugar do Deus do Antigo Testamento, reivindicando os mesmos direitos e privilégios. Nosso Senhor fez outras referências a Si mesmo como esposo na parábola do banquete para o filho do rei (São Mateus 22,1-14) e na parábola das dez virgens em que o esposo que vinha era Ele mesmo (São Mateus 25,1-13). João Batista, antes, quando viu Nosso Senhor, também reconheceu o Cristo sob a personagem do esposo do Antigo Testamento:

Eu não sou o Cristo, mas fui enviado diante dele.
Aquele que tem a esposa é o esposo.
O amigo do esposo, porém,

que está presente e o ouve,
regozija-se sobremodo com a voz do esposo.
Nisso consiste a minha alegria, que agora se completa.
(São João 3,28-29)

João era o único amigo do esposo, o “padrinho” das núpcias ou o precursor do Messias. No entanto, o próprio Cristo era o noivo porque, ao tomar a natureza humana em Belém sem nunca ter sido uma pessoa, potencialmente desposou toda a humanidade. Até a hora em que o pecado seria derrotado e o esposo tomaria como noiva a humanidade regenerada, ou a Igreja, João prepararia as núpcias. Mais tarde, Paulo, ao descrever-se como quem desempenhava um papel como o de João Batista, salvo que o papel seria em relação à Igreja de Corinto, disse:

Eu vos consagro um carinho e amor santo,
porque vos desposei com um esposo único
e vos apresentei a Cristo como virgem pura.
(2 Coríntios 11,2)

A antiga Israel que era a noiva tornar-se-ia a nova Israel, ou a Igreja, e, no fim dos tempos, as núpcias gloriosas entre o esposo e a esposa seriam celebradas nos céus:

Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória,
porque se aproximam as núpcias do Cordeiro.
Sua Esposa está preparada.
Foi-lhe dado revestir-se de linho puríssimo e resplandecente.
(Pois o linho são as boas obras dos santos).
(Apocalipse 19,7-8)

A resposta à pergunta dos fariseus era que os discípulos de Nosso Senhor não jejuavam porque não estavam tristes: de fato, estavam felizes, porque Deus andava sobre a terra com eles. Enquanto estava com eles, só poderia haver

alegria. Entretanto, nem sempre seria assim sobre a terra. Ele veio para morrer. Mais uma vez, há uma conexão inseparável entre a Cruz e a glória. Então, começou a falar de sua morte.

Dias virão, porém, em que o esposo lhes será tirado,
e então jejuarão.
(São Marcos 2,20)

O esposo será crucificado; ele travará guerra contra as forças do mal e então reclamará por sua noiva. Da alegria da festa passariam à tristeza melancólica do jejum, quando o esposo seria ferido.

Esse foi o primeiro anúncio público de Sua morte. Seu propósito primário ao responder aos fariseus não era enfatizar a prática do jejum, mas anunciar a aniquilação do noivo. Sugeriu, além disso, que Sua morte não seria um golpe do destino, mas uma parte essencial de sua missão. No momento em que Nosso Senhor Bendito falava da alegria de uma festa de casamento, olhou para baixo, para o abismo de sua Cruz, e viu-se pendido ali. A sombra da Cruz nunca o deixou, nem mesmo quando se rejubilava como esposo. A Sexta-Feira Santa e a Páscoa uniam-se novamente, mas de modo reverso. Era a partir da alegria que Ele olhava para a Cruz no primeiro anúncio de Si mesmo como o esposo.

Nota

11 | No original: "I think this is the authentic sign and seal/ Of godship; that it ever waxes glad/ And more glad, until gladness blossoms, bursts/ Into a rage to suffer for mankind."
(N. T.)

A ESCOLHA DOS 12

O grande mandamento de Nosso Senhor era: “Segue-me!”. Ao chamar os outros para Si, introduziu a ideia de que o homem deve ter responsabilidade sobre o outro. Era um prolongamento do princípio de Sua encarnação: aquele que é Deus ensinaria, redimiria e santificaria por meio da natureza humana que recebera de Maria. Entretanto, Ele trabalharia também por meio de outras naturezas humanas, a começar por aqueles 12 primeiros a quem chamou para ser Seus seguidores. Não era aos anjos que cabia a administração dos homens: o governo do Pai seria posto nas mãos de seres humanos. Esse é o significado do chamado apostólico dos 12.

Há quem se impressione com o objetivo gigantesco que Ele propôs a Seus seguidores: a conquista moral do mundo inteiro; estes haveriam de ser “a luz do mundo”, o “sal da terra” e a “cidade que não pode ser ocultada”. Ele chamou homens simples para assumir uma visão quase cósmica da missão, pois sobre eles Cristo edificaria Seu Reino. Essas luzes escolhidas teriam de lançar os raios sobre o resto da humanidade, em todas as nações.

No ensaio *Os doze homens*, a respeito do sistema jurídico britânico, G. K. Chesterton escreveu:

Sempre que quer catalogar uma biblioteca, ou descobrir um sistema solar, ou qualquer outra trivialidade dessas, nossa civilização usa seus especialistas. Mas, quando deseja que algo realmente sério seja feito, ela reúne 12 homens comuns. A mesma coisa foi feita, se bem me lembro, pelo fundador do cristianismo.¹²

É evidente que, desde o início, Nosso Bendito Senhor pretendia estender Seu magistério, Seu reino e Sua própria vida “até a consumação do mundo”; mas, para fazer isso, teve de chamar um conjunto de homens a quem transmitiria certos poderes que trouxera consigo para a terra. Esse grupo não seria uma organização social, como um clube, unido apenas por prazer e conveniência; tampouco seria uma organização política, reunida por interesses materiais em comum; seria uma organização verdadeiramente espiritual, o cimento daquilo que seria caridade, amor e posse de Seu Espírito. Se a sociedade ou Corpo Místico que Nosso Senhor queria fundar havia de ter continuidade, precisaria de um cabeça e de membros. Se era uma videira, como Ele declarou em uma das parábolas, precisaria de trabalhadores; se era uma rede, precisaria de pescadores; se era um campo, precisaria de ceifeiros; se era um rebanho ou um bando, precisaria de pastores.

Naqueles dias, Jesus retirou-se a uma montanha para rezar,
e passou aí toda a noite orando a Deus.

Ao amanhecer, chamou os seus discípulos

e escolheu 12 dentre eles que chamou de apóstolos:

Simão, a quem deu o sobrenome de Pedro; André, seu irmão;

Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé,

Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado Zelador;

Judas, irmão de Tiago; e Judas Iscariotes, aquele que foi o traidor.

(São Lucas 6,12)

Ele escolheu passar a noite anterior em oração no monte, para que aqueles que estivessem no coração do Pai estivessem também no Dele. Quando raiou o dia, desceu para onde os discípulos estavam reunidos e, um por um, chamou aqueles a quem tinha escolhido. Pedro é o mais conhecido. Pedro é mencionado 195 vezes; os demais apóstolos, 130 vezes. O segundo apóstolo mais mencionado, depois de Pedro, é João, a quem há 29 referências. O nome original de Pedro era Simão, mas foi mudado por Nosso Bendito Senhor para Cefas. Quando foi levado a Nosso Senhor:

[...] Jesus, fixando nele o olhar, disse:
Tu és Simão, filho de João;
serás chamado Cefas (que quer dizer pedra).
(São João 1,42)

A palavra Cefas quer dizer “rocha”; não compreendemos bem o espírito dessa mudança [na versão] em inglês porque Pedro, o nome próprio, não é a mesma palavra que “rocha”.¹³ As palavras eram idênticas no aramaico falado por Nosso Senhor, assim como em francês, em que o nome próprio Pierre é o mesmo que *pierre*, ou pedra. Na Escritura, sempre que Deus mudou o nome de um homem, foi para elevá-lo a uma dignidade mais alta e a um papel na comunidade a que pertencia. Nosso Senhor estava dizendo a Pedro: “És impulsivo, volúvel e indigno de confiança, mas um dia tudo isso vai mudar; serás chamado por um nome que ninguém ousaria dar-te — Homem Pedra”. Sempre que o chamam Simão nos Evangelhos, é um lembrete da humanidade não inspirada e não regenerada do apóstolo; por exemplo, quando ele estava dormindo no jardim, Nosso Senhor dirigiu-Se a ele:

Simão, dormes?
(São Marcos 14,37)

Pedro tinha, por natureza, grandes qualidades de liderança. Por exemplo, depois da Ressurreição, quando disse “Vou pescar”, os outros apóstolos o seguiram (São João 21,3). Sua coragem moral se manifestou quando deixou os negócios e a própria casa para seguir o Mestre; essa mesma coragem, expressa impetuosamente, o fez decepar a orelha de Malco, quando os líderes foram prender Nosso Senhor. Ele também era prepotente, pois jurou que, embora os outros pudessem vir a trair o Mestre, ele jamais o faria. Tinha um profundo senso de pecado e rogou ao Senhor que se afastasse dele porque era indigno (São Lucas 5,8). Suas faltas faziam dele mais querido. Ele estava profundamente ligado a seu Mestre Divino. Quando os outros discípulos saíram, sustentou que não havia mais ninguém a que podiam recorrer (São João 6,66-68). Era corajoso, pois deixou a esposa e os negócios para seguir Nosso Senhor. A favor de todas as sogras, deve-se dizer que Pedro não mostrou

nenhum pesar quando Nosso Senhor curou a dele de uma doença grave. Pedro era impulsivo ao extremo, mais guiado pelo sentimento que pela razão. Queria andar sobre as águas e, uma vez que recebeu a capacidade, ficou apavorado e gritou de medo — ele, um homem do mar. Era um homem empático, brandindo espadas, praguejando, protestando contra o Salvador lavar-lhe os pés; embora nomeado cabeça da Igreja, não tinha nada da ambição de Tiago ou João. Mas, pelo poder de seu Mestre Divino, esse homem impetuoso, fluído como a água, tornou-se a rocha sobre a qual Cristo edificou Sua Igreja. O Divino Salvador constantemente Se unia mediante as palavras com o Pai Celestial; mas o único ser humano a quem Ele já Se associou e falou de Si e dele como um “nós”, foi Pedro. A partir daquele dia, Pedro e seus sucessores sempre usaram “nós” para indicar a unidade entre o cabeça invisível da Igreja e sua cabeça visível. Esse mesmo Pedro, no entanto, que sempre está tentando Nosso Senhor a afastar-Se da Cruz, prova ser uma rocha de fidelidade, pois, mais tarde em sua vida, o tema constante de suas cartas foi a Cruz de Cristo.

Pelo contrário, alegrai-vos
em ser participantes dos sofrimentos de Cristo,
para que vos possais alegrar e exultar
no dia em que for manifestada sua glória.
(1 São Pedro 4,13)

André, o irmão de Pedro, é mencionado oito vezes no Novo Testamento. Depois de ser chamado de suas redes e barcos para ser “pescador de homens” com o irmão Pedro, André é visto na multiplicação dos pães que alimentaram cinco mil pessoas, dizendo a Nosso Senhor que havia um garoto presente com cinco pães e dois peixes. Já no fim do magistério público, André é visto novamente quando alguns gentios, provavelmente gregos, vieram a Filipe e pediram para ver Nosso Senhor. Filipe, então, consultou André e ambos foram ao Senhor. No primeiro encontro de André e Nosso Bendito Senhor, Jesus perguntou-lhe:

Que procurais?
(São João 1,38)

André tinha sido amigo de João Batista. Quando encontrou Nosso Senhor, de quem João Batista falava, imediatamente foi e contou a Pedro que encontrara o Messias. Sempre se fala de André como o irmão de Simão Pedro. Ele era um “apresentador”, porque apresentou o irmão Pedro a Nosso Senhor; apresentou o rapaz com os pães e peixes a Nosso Senhor; e, por fim, com Filipe, chegou a apresentar os gregos a Nosso Senhor. Quando se trata de dispensar alguns benefícios do Senhor ou trazer outros ao Senhor, Filipe e André são mencionados juntos. André era mais calado, sendo ofuscado pelo irmão Pedro, mas aparentemente jamais teve ciúmes. Houve lugar para a inveja quando Pedro, Tiago e João foram escolhidos nas três ocasiões de intimidade com o Mestre Divino, mas aceitou a posição humilde; bastava-lhe ter encontrado a Cristo.

Assim como Pedro e André, Tiago e João eram irmãos e pescadores. Trabalhavam juntos para o pai, Zebedeu. A Salomé, sua mãe, aparentemente não faltava ambição; pois foi ela que, um dia, pensando que o Reino que Nosso Bendito Senhor viera estabelecer seria sem Cruz, pediu que os dois filhos se sentassem um à direita e o outro à esquerda de Nosso Senhor em Seu Reino (São Mateus 20,20-21). Num gesto louvável, entretanto, deve-se acrescentar que a encontramos novamente no Calvário, aos pés da Cruz. Nosso Bendito Senhor deu aos filhos dela um apelido — Boanerges, ou “filhos do trovão”. Isso aconteceu quando os samaritanos recusaram-se a receber Nosso Bendito Senhor porque Ele Se encaminhava para Jerusalém e para a morte. Os dois apóstolos, descobrindo isso, manifestaram a Nosso Senhor sua intolerância:

Senhor, queres que mandemos que desça fogo do céu
e os consuma? Jesus voltou-se e repreendeu-os severamente.
[Não sabeis de que espírito sois animados.
O Filho do Homem não veio para perder as vidas dos homens,
mas para salvá-las.]
(São Lucas 9,54-56)

Os dois “filhos do trovão” não deixaram de beber profundamente do cálice do sofrimento. João mais tarde foi mergulhado em óleo fervente, ao qual

sobreviveu apenas por milagre. Tiago foi o primeiro dos apóstolos a sofrer martírio por Cristo. João descreveu-se a si mesmo como “o discípulo a quem Jesus amava”, e a ele foi atribuído o cuidado da mãe de Nosso Senhor depois da crucifixão. João era conhecido do sumo sacerdote provavelmente por causa de seu refinamento cultural que justificava o nome, que, no hebraico original, significa “preferido de Deus”. Seu Evangelho revelou-o verdadeiramente como uma águia que planava nos céus a fim de compreender os mistérios da Palavra. Ninguém entendeu melhor o coração de Cristo; ninguém penetrou mais profundamente no significado de Suas palavras. Ele também era o único dos apóstolos a ser encontrado aos pés de Cristo; é aquele que diz que “Jesus chorou” (São João 11,35) e define, no Novo Testamento, Deus como “Amor”. Tiago, seu irmão, que é chamado “maior”, pertencia, junto com Pedro e João, ao “comitê especial” que testemunhou a transfiguração (São Mateus 17), a ressurreição da filha de Jairo (São Mateus 9,18-26; São Lucas 8,40-56; e São Marcos 5,21-43) e a agonia do Getsêmani (São Marcos 14).

O apóstolo Filipe veio de Betsaida e era conterrâneo de André e Pedro. Filipe era um pesquisador curioso; e sua pesquisa foi coroada pela alegria da descoberta quando encontrou o Cristo.

Filipe encontra Natanael e diz-lhe:
Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei
e que os profetas anunciaram:
é Jesus de Nazaré, filho de José.
Respondeu-lhe Natanael: Pode, porventura,
vir coisa boa de Nazaré?
Filipe retrucou: Vem e vê.
(São João 1,45-46)

Filipe recusou toda controvérsia com um homem que era tão preconceituoso que não podia acreditar que um profeta pudesse sair de um vilarejo desprezado. Filipe não é visto novamente até a multiplicação de pães e peixes, e de novo estava pesquisando:

Duzentos denários de pão não lhes bastam, para que cada um receba um pedaço.
(São João 6,7)

Filipe fez uma última pesquisa na noite da Última Ceia, quando pediu a Nosso Senhor que lhe mostrasse o Pai.

Filipe levou Bartolomeu, ou Natanael, como também era chamado, até Nosso Bendito Senhor. Tão logo o viu, Nosso Divino Salvador leu-lhe a alma e descreveu-o do seguinte modo:

Eis um verdadeiro israelita,
no qual não há falsidade.
Natanael pergunta-lhe:
Donde me conheces?
Respondeu Jesus:
Antes que Filipe te chamasse,
eu te vi quando estavas debaixo da figueira.
(São João 1,47-48)

Então Natanael respondeu:

Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel.
Jesus replicou-lhe: Porque eu te disse
que te vi debaixo da figueira, crês!
Verás coisas maiores do que esta.
E ajuntou: Em verdade, em verdade vos digo:
vereis o céu aberto e os anjos de Deus
subindo e descendo sobre o Filho do Homem.
(São João 1,49-51)

Quando Nosso Senhor disse-lhe que o vira debaixo da figueira, Bartolomeu estava disposto a afirmar imediatamente que Cristo era o Filho de Deus. Seu primeiro contato com Nosso Senhor já tinha acendido nele a chama

da fé, mas Nosso Senhor rapidamente assegurou-lhe que haveria experiências maiores à espera; em particular, a grande visão que tivera Jacó cumprir-se-ia Nele.

Nosso Senhor disse que Natanael pertencia ao verdadeiro Israel. Israel era o nome dado a Jacó. Este, no entanto, era muito astuto e cheio de malícia. Natanael é caracterizado como verdadeiro israelita, ou sem malícia. Aconteceu uma mudança repentina do plural para o singular quando Nosso Senhor diz: “vereis os Céus abertos”; Jacó tinha visto os céus abertos e anjos subindo e descendo na escada, levando as coisas dos homens para Deus e as coisas de Deus para os homens (Gênesis 28,10-17). Jesus estava dizendo agora a Natanael que ele veria coisas ainda maiores. A sugestão era que o próprio Jesus seria dali por diante o Mediador entre o céu e a terra, entre Deus e o homem. Nele, todo o trânsito entre tempo e eternidade encontrar-se-ia como numa encruzilhada.

Essa profecia de Nosso Senhor a Bartolomeu mostra que a Encarnação do Filho de Deus seria a base da comunhão entre o homem e Deus. Natanael chamou-O “o Filho de Deus”; Nosso Senhor chamou a Si mesmo de “Filho do Homem”: “Filho de Deus” porque é eternamente divino; “Filho do Homem” porque está relacionado humildemente a toda a humanidade. Esse título, usado em estreita relação com outro título que fora dado a Nosso Senhor, isto é, “Rei de Israel”, ainda levava consigo um significado messiânico; mas agora tirado do contexto limitado de um povo e uma raça e levado à esfera da humanidade universal.

De Mateus ou Levi, o Publicano, há um registro de seu chamado e de como respondeu a ele. A grande e imperecível glória de Mateus é seu Evangelho. Mateus era um publicano sob o governo de Herodes, um vassalo de Roma. Um publicano era alguém que vendia o próprio povo e coletava impostos para o invasor, retendo para si uma grande porcentagem. Muito compreensivelmente, porque um publicano era um tipo de Quisling,¹⁴ ele era desprezado pelos colegas; ainda assim, sabia, ao mesmo tempo, que tinha, por trás, o poder e a autoridade jurídica do governo romano. O lugar específico em que encontramos Mateus pela primeira vez é à beira do lago, próximo de Cafarnaum, onde estava coletando impostos. Seu chamado exigiu que fosse cuidadoso no registro dos relatos. A submissão ao Salvador foi imediata. Diz o Evangelho:

Partindo dali, Jesus viu um homem chamado Mateus,
que estava sentado no posto do pagamento das taxas.
Disse-lhe: Segue-me. O homem levantou-se e o seguiu.
(São Mateus 9,9)

Aquele que tinha sido rico agora não teria nada além de pobreza e perseguição; e, ainda assim, aceitou esta condição já no primeiro chamado. “Vem”, diz o Salvador a um homem desprezado, e este O segue imediatamente. Sua resposta era ainda mais notável porque estivera imerso num negócio que atraía sobretudo pessoas inescrupulosas e antiéticas. Já era muito ruim o tributo de reverência de Israel ser coletado por um romano, mas ser coletado por um judeu era fazer deste o mais desprezível dos homens. E, ainda assim, este Quisling que perdera o direito a todo o amor do país, e que sufocara a virtude do patriotismo em sua avidez por dinheiro, acabou por tornar-se um dos mais patriotas de seu povo. O Evangelho que escreveu pode ser descrito como o evangelho do patriotismo. Centenas de vezes em seu Evangelho, volta à história do passado, citando Isaías, Jeremias, Miqueias, Davi, Daniel e todos os profetas; depois de acumular citações uma sobre a outra num grande argumento cumulativo, diz a seu povo: “Esta é a glória de Israel, esta é nossa esperança, geramos o Filho do Deus Vivo; demos ao mundo o Messias”. Seu país, que outrora nada significava para ele, tornou-se, em seu Evangelho, algo da mais alta importância. Ele estava se declarando um filho de Israel, pronto para despejar abundantemente sobre sua terra todo o seu louvor. Assim como os homens amam a Deus, também amarão seu país.

Tomé era o pessimista dos apóstolos, e provavelmente o pessimismo tinha algo a ver com seu ceticismo. Quando Nosso Senhor tentou consolar os apóstolos, na noite da Última Ceia, garantindo-lhes que lhes prepararia o caminho para o céu, Tomé respondeu dizendo que queria acreditar, mas não conseguia. Mais tarde, quando chegou a Nosso Senhor a notícia de que Lázaro estava morto:

A isso Tomé, chamado Dídimo,
disse aos seus discípulos:
Vamos também nós, para morrermos com ele.

(São João 11,16)

Tomé era chamado Dídimo, que é simplesmente a tradução grega de um nome hebraico que significa “gêmeo”; Tomé era gêmeo em outro sentido, pois nele viviam lado a lado os gêmeos da incredulidade e da fé, cada um lutando por predominar. Havia fé, porque cria que era melhor morrer com o Senhor do que abandoná-Lo; havia incredulidade, pois não podia deixar de acreditar que a morte seria o fim de qualquer obra que o Senhor pretendesse realizar.

Crisóstomo diz que Tomé mal se aventurava a ir com Jesus além da cidade vizinha de Betânia, no entanto, após o Pentecostes, ele viajaria sem Nosso Senhor à longínqua Índia para difundir a Fé; até hoje, os fiéis na Índia ainda chamam-se a si mesmos “Cristãos de São Tomé”.

Dois dos apóstolos eram parentes de Nosso Senhor, a saber, Tiago e Judas. São chamados de “irmãos” do Senhor, mas em aramaico e em hebraico esta palavra amiúde quer dizer primos ou parentes distantes. Sabemos que Maria não teve outros filhos além de Jesus. A frase “queridos irmãos”, como tão frequentemente usada no púlpito, não indica que todos os membros da congregação tenham a mesma mãe. A Escritura usa com frequência “irmãos” em sentido amplo. Por exemplo, Ló é chamado “irmão” de Abraão, quando na verdade era sobrinho (cf. Gênesis 14,14-16; 12,5); Labão é chamado “irmão” de Jacó, mas era tio (cf. Gênesis 28:5; 29:5). Os filhos de Oziel e Aarão, os filhos de Cis e as filhas de Elieser são chamados irmãos, mas eram primos. E assim também era o que acontecia com os “irmãos” de Nosso Senhor. Esses dois apóstolos, Tiago Menor e Judas, eram provavelmente os filhos de Cleofas, que era casado com a irmã de Nossa Senhora.

Judas teve três nomes. Tendo o mesmo nome que Judas, o traidor, sempre é descrito negativamente, como “não o Iscariotes”. Na noite da Última Ceia, ele questionou Nosso Senhor acerca do Espírito Santo, ou como Ele estaria invisível e mesmo assim se manifestaria depois da Ressurreição. Sempre houve à espreita na mente de muitos dos apóstolos um desejo de ver algum grande resplendor da glória messiânica que abriria olhos aos cegos e capturaria cada inteligência.

Pergunta-lhe Judas, não o Iscariotes:

Senhor, por que razão hás de
manifestar-te a nós e não ao mundo?
(São João 14,22)

A resposta de Nosso Senhor a Judas foi que, quando nosso amor responsivo se funde em obediência, então Deus faz morada em nós. Mais tarde, Judas, às vezes chamado Tadeu, escreveu uma Epístola que começa com palavras que refletem a resposta que recebeu na noite da Quinta-Feira Santa:

Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago,
aos eleitos bem-amados em Deus Pai
e reservados para Jesus Cristo.
Que a misericórdia, a paz e o amor
se realizem em vós copiosamente.
(São Judas 1,1-3)

Outro apóstolo era Tiago, o Justo, também chamado Tiago, o Menor, para distinguir-se do filho de Zebedeu. Sabemos que ele tinha uma boa mãe, pois era uma das mulheres que estavam ao pé da Cruz. Como seu irmão Judas, escreveu uma Epístola dirigida às 12 tribos da dispersão, ou seja, aos judeus cristãos que estavam espalhados por todo o mundo romano. Começava assim:

Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo,
às 12 tribos da dispersão, saúde!
(São Tiago 1,1)

Tiago, que como todos os demais apóstolos não entendeu a Cruz quando Nosso Senhor a previu, mais tarde, também como os outros, veio a fazer da cruz uma condição de glória:

Considerai que é suma alegria, meus irmãos,
quando passais por diversas provações, [...]

Feliz o homem que suporta a tentação.
Porque, depois de sofrer a provação,
receberá a coroa da vida
que Deus prometeu aos que o amam.
(São Tiago 1,2,12)

Simão, o Zelador, é um dos 12 apóstolos a respeito do qual menos temos informações. Seu nome aramaico, que quer dizer “zelador”, sugere que era partidário de uma seita que usaria violência para vencer a opressão estrangeira. Este nome lhe tinha sido dado antes de sua conversão. Ele pertencia a um bando de patriotas que eram tão zelosos para vencer a lei romana que se rebelaram contra César. Talvez o Senhor o tenha escolhido por causa de seu entusiasmo de corpo e alma por uma causa; mas um Niágara de purificação seria necessário antes que pudesse compreender o Reino levando em consideração a Cruz em lugar da espada. Imaginem Simão, o Zelador, um apóstolo com Mateus, o Publicano! Um era nacionalista ao extremo, o outro era por profissão um real traidor do próprio povo. E ainda assim ambos foram feitos apóstolos por Cristo, e mais tarde ambos seriam mártires pelo Reino. O décimo segundo apóstolo era Judas, “o filho da perdição”, que seria o traidor.

O número 12 é simbólico. O livro do Apocalipse fala dos 12 fundamentos da Igreja. Havia 12 patriarcas no Antigo Testamento, e 12 tribos em Israel; houve 12 espiões que exploraram a terra prometida; havia 12 pedras no peitoral do sumo sacerdote; quando Judas desertou, um décimo segundo apóstolo teve de ser nomeado. Na maior parte das vezes, os apóstolos são mencionados nos Evangelhos como “os Doze”, título atribuído a eles 32 vezes. Ao escolher estes 12, era evidente que Nosso Senhor estava preparando-os para uma obra depois de Sua Ascensão; que o Reino que Ele veio fundar não era só invisível, mas também visível; não só divino, mas também humano. Mas tinham muito a aprender antes que pudessem ser os 12 portões do Reino de Deus. A primeira lição seriam as bem-aventuranças.

Notas

12 | Este ensaio foi publicado em português na seguinte edição: G. K. Chesterton, *Tremendas trivialidades*. Trad. Mateus Leme. Campinas: Ecclesiae, 2014. (N. T.)

13 | No original, “Peter” e “rock”. Em português, o efeito se manifesta de modo mais claro no jogo de palavras Pedro/pedra. (N. T.)

14 | Vidkun Quisling (1887-1945) foi um oficial militar e político norueguês que chefiou nominalmente o governo da Noruega como Ministro-Presidente depois de o país ter sido ocupado pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. (N. T.)

AS BEM-AVENTURANÇAS

Dois montes estão relacionados ao primeiro e ao segundo ato num drama em dois atos: o monte das bem-aventuranças e o monte do Calvário. Ele, que subiu o primeiro para pregar as bem-aventuranças devia, necessariamente, subir o segundo para pôr em prática o que pregou. Os precipitados sempre dizem que o Sermão da Montanha constitui a “essência do cristianismo”. No entanto, deixemos qualquer homem pôr em prática essas beatitudes na própria vida e ele, também, atrairá para si a ira do mundo. O Sermão da Montanha não pode ser apartado de Sua crucificação, como o dia não pode ser separado da noite. No dia em que Nosso Senhor ensinou as bem-aventuranças, assinou a própria sentença de morte. O som dos pregos e dos martelos transpassando a carne humana eram ecos provenientes do lado da montanha de onde disse aos homens como serem felizes ou abençoados. Todos querem ser felizes; mas os caminhos dele eram opostos aos caminhos do mundo.

Uma via para fazer inimigos é desafiar o espírito do mundo. O mundo tem um espírito, como cada época tem um espírito. Há certos pressupostos não analisados que regem a conduta do mundo. Qualquer um que desafie essas máximas mundanas, tais como, “você só vive uma vez”, “obtenha da vida o máximo proveito possível”, “quem saberá disso?”, “o que é o sexo senão o prazer?” é obrigado a se tornar impopular.

Nas beatitudes, Nosso Divino Senhor toma os oito inconsistentes termos do mundo — “segurança”, “vingança”, “riso”, “popularidade”, “ficar quites”, “sexo”, “poder armado” e “conforto” — e os vira de ponta-cabeça. Para aqueles que dizem “Você não pode ser feliz até que seja rico”, ele diz “Bem-aventurados os pobres de espírito”. Para os que dizem “Não deixe que ele saia ileso disso”, ele diz “Bem-aventurados os pacientes”. Para os que dizem “Ria e o mundo rirá

contigo”, ele diz “Bem-aventurados os que choram”. Para os que dizem “Se a natureza lhe deu instintos sexuais, você deve dar-lhes livre expressão, de outro modo, ficará frustrado”, ele diz “Bem-aventurados os puros de coração”. Para os que dizem “Busque ser popular e bem conhecido”, ele diz “Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de Mim”. Para os que dizem “Em tempos de paz, prepare-se para a guerra”, ele diz “Bem-aventurados os mansos”.

Os clichés baratos em torno dos quais são escritos filmes e romances, ele menospreza. Propõe incinerar o que os idolatram; dominar os instintos sexuais errantes em vez de permitir que nos tornem homens-escravos; domar as conquistas econômicas em vez de fazer a felicidade consistir em uma abundância de coisas externas à alma. Todas as falsas bem-aventuranças que tornam a felicidade dependente da autoexpressão, da licenciosidade, de ter um momento feliz ou “coma, beba e seja feliz pois amanhã você morrerá”, ele despreza, porque trazem desordens mentais, infelicidade, falsas esperanças, temores e angústias.

Os que fogem do impacto das beatitudes dizem que Nosso Senhor foi uma criatura de Seu tempo, mas não do nosso, e, por isso, Suas palavras não se aplicam a nós. Ele não era uma criatura de Seu tempo nem de tempo algum, mas nós somos! Maomé pertenceu a seu tempo, por isso disse que um homem podia ter concubinas além de quatro esposas ao mesmo tempo. Maomé pertenceu até mesmo ao nosso tempo, pois os modernos dizem que um homem pode ter muitas mulheres, se as têm uma atrás da outra. Entretanto, Nosso Senhor não pertence a Sua época, nem mesmo à nossa. Unir-se a uma época é ser viúvo na próxima. Por que não servia a época alguma, foi o modelo para todas as épocas. Nunca empregou uma expressão que datasse a ordem social em que viveu; Seu Evangelho não era mais fácil então do que o é agora. Como expôs:

Pois em verdade vos digo:
passará o céu e a terra,
antes que desapareça um jota,
um traço da lei.
(São Mateus 5,18)

A chave para o Sermão da Montanha é o modo como o Senhor usa duas expressões: uma delas é “Ouvistes o que foi dito”, e a outra era a palavra breve e enfática “porém”. Retomava o que os humanos ouviram por séculos e ainda ouvem dos reformadores éticos — todas as regras, códigos e preceitos que são meias medidas entre instinto e razão, entre costumes locais e os ideais mais elevados. Quando ele disse: “Ouvistes o que foi dito”, incluía a lei mosaica, Buda e as oito vias, Confúcio e as regras para se tornar um cavalheiro, Aristóteles e a felicidade natural, a amplitude dos hindus e todos os grupos humanitários de nossos dias que traduzem alguns dos códigos antigos para a própria língua e chamam de novo caminho de vida. De todos esses acordos, ele disse: “Ouvistes o que foi dito”.

“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério” (São Mateus 5,27). Moisés dissera isso, as tribos pagãs sugeriram isso, os povos primitivos respeitavam isso. Então, veio a terrível e impressionante adversativa: “Eu, porém, vos digo...” “todo aquele que lançar um olhar de cobiça para uma mulher, já adulterou com ela em seu coração” (São Mateus 5,28). Nosso Senhor foi na alma, captou o pensamento e estigmatizou até mesmo o *desejo* de pecado como pecado. Se era errado fazer determinada coisa, era errado pensar a respeito dessa coisa. Ele diria: “Afastai-vos da higiene que tenta manter limpas as mãos após o roubo e os corpos livres de doença após terem-se violentado”. Ingressou nas profundezas do coração e rotulou até mesmo a intenção de pecado como pecado. Ele não esperou que a árvore do mal produzisse frutos. Evitaria a própria semeadura da semente do mal. Não esperaria até que nossos pecados ocultos se revelassem como psicoses, neuroses e compulsões. Livrava-se deles nas próprias fontes. Arrependei-vos! Purificai-vos! O mal que pode se tornar estatística e ser colocado em prisões é demasiado tarde para remediar.

Cristo afirmou que, quando um homem desposa uma mulher, casa-se com o corpo e com a alma; casa-se com a pessoa por inteiro. Se ele se cansar do corpo, não pode lançar fora o corpo e trocá-lo por outro, visto que ainda é responsável pela alma da mulher. Assim, falou: “Ouvistes o que foi dito”. Nessa expressão resumiu o jargão de toda civilização decadente. “Ouvistes o que foi dito: ‘dê-lhe carta de divórcio, Deus não espera que você viva infeliz’”; então veio a adversativa:

Eu, porém, vos digo: todo aquele que rejeita sua mulher,

a faz tornar-se adúltera, a não ser que se trate de matrimônio falso;
e todo aquele que desposa uma mulher rejeitada comete um adultério.
(São Mateus 5, 32)

O que importa se o corpo for perdido? A alma ainda está ali e isso vale mais do que a sensação que o corpo pode proporcionar, ainda mais que o próprio universo. Ele manteria puros, homem e mulher, não do contágio, mas do desejo de outro; imaginar uma traição já é, em si, traição. Então, declarou:

Não separe, pois, o homem o que Deus uniu.
(São Marcos 10,9)

Nenhum homem! Nenhum juiz! Nenhuma nação!

Depois, Cristo alcançou todas as teorias sociais que dizem que o pecado se deve ao meio: ao leite tipo B, ao número insuficiente de pistas de dança, ao gasto insuficiente de dinheiro. De tudo isso, disse: “Ouvistes que foi dito”. Então, vem a adversativa “Eu, porém, vos digo...”. Afirmou que o pecado, o egoísmo, a ganância, o adultério, o crime, o roubo, o suborno, a corrupção política — tudo isso advém do próprio homem. As ofensas resultam de nossa própria vontade e não de nossas glândulas; não podemos desculpar nossa lascívia porque nosso avô tinha complexo de Édipo ou porque herdamos o complexo de Electra de nossa avó. O pecado, disse, é transmitido à alma pelo corpo, e o corpo é movido pela vontade. Na guerra contra todas as falsas autoexpressões, ele vociferou essas recomendações de ação: “arranca-o”, “corta-a”.

Se teu olho direito é para ti causa de queda,
arranca-o e lança-o longe de ti,
porque te é preferível perder-se um só dos teus membros,
a que o teu corpo todo seja lançado na geena.
E se tua mão direita é para ti causa de queda,

corta-a e lança-a longe de ti,
porque te é preferível perder-se um só dos teus membros,
a que o teu corpo inteiro seja atirado na geena.
(São Mateus 5,29-30)

Os homens cortam as pernas e os braços para poupar o corpo da gangrena ou do veneno. No entanto, aqui, Nosso Senhor transferiu a circuncisão da carne para a circuncisão do coração e advogou deixar jorrar a seiva da luxúria e, em farrapos, as paixões devastadas, em vez de ser apartado do amor de Deus que estava nele, Cristo Jesus.

Depois, falou de vingança, ódio, violência, expressos no que todos dizem “fique quite”, “processe-o”, “Não seja bobo”. Conhecia todas elas, e disse:

Tendes ouvido o que foi dito:
Olho por olho, dente por dente.
(São Mateus 5,38)

Então vem o terrível PORÉM:

Eu, porém, vos digo: não resistais ao mau.
Se alguém te ferir a face direita,
oferece-lhe também a outra.
Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica,
cede-lhe também a capa.
Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele,
anda dois mil.
(São Mateus 5,39-41)

Por que dar a outra face? Porque o ódio se multiplica como uma semente. Se alguém pregar o ódio e a violência para uma fileira de dez homens e dizer ao primeiro para bater no segundo e, ao segundo, para golpear o terceiro, o ódio envolverá todos os dez. A única maneira de parar esse ódio é se um homem (digamos, o quinto da fila) der a outra face. Então o ódio cessa e não é

transmitido. Absorver a violência por amor ao Salvador, que absorverá o pecado e morrerá por isso. A lei cristã é que o inocente deve sofrer pelo culpado.

Assim, ele quer que acabemos com os adversários porque, quando não é oferecida resistência, o adversário é vencido por um poder moral superior; tal amor evita a infecção na ferida do ódio. Suportar por um ano o persistente que o aflige durante uma semana; escrever uma carta gentil para um homem que se refere a você com palavras obscenas; oferecer presentes a quem o rouba; nunca revidar com ódio ao que mente e diz que você é desleal com seu país ou conta uma mentira pior, que você é contra a liberdade — essas são coisas difíceis que o Cristo veio ensinar e são tão apropriadas à época Dele quanto à nossa. São apropriadas somente para os heróis, para os grandes homens, os santos, os homens e mulheres santos que serão o sal da terra, o fermento na massa, a elite em meio à turba, a espécie que transformará o mundo. Se determinadas pessoas não são dignas de ser amadas e alguém lhes dá amor, elas se tornarão dignas de amor. Por que alguém é digno de ser amado — se não é por Deus infundir Seu amor em cada um de nós?

O Sermão da Montanha se desvia muito daquilo tudo que nosso mundo valoriza, e o mundo crucificará quem quer que tente viver segundo esses valores. Por tê-los pregado, Cristo tinha de morrer. O Calvário foi o preço pago pelo Sermão da Montanha. Somente a mediocridade sobrevive. Os que chamam preto de preto e branco de branco são sentenciados por intolerância. Só sobrevive o cinza.

Deixemos Aquele que diz “bem-aventurados os pobres de espírito” vir ao mundo que acredita no primado do econômico; deixemos que fique no mercado, onde alguns homens vivem para o lucro coletivo ou onde outros homens vivem para o lucro individual e vejamos o que acontece. Será tão pobre durante a vida que não terá onde repousar a cabeça; virá o dia em que morrerá sem nada de valor econômico. Na sua última hora, estará tão empobrecido que o despirão das próprias vestes e dar-lhe-ão a tumba de um estranho para Seu sepultamento, assim como nascera no estábulo de um desconhecido.

Deixemos que venha ao mundo que proclama o evangelho do forte. Deixemos que defenda o ódio aos inimigos e condene as virtudes cristãs como virtudes “brandas”, e diga ao mundo “bem-aventurados os pacientes” e, um dia, sentirá os flagelos dos bárbaros vigorosos açoitarem Suas costas; será

golpeado na face por um punho zombeteiro durante um de Seus julgamentos; verá os homens tomarem a foice e cortar a grama de uma encosta do Calvário e, então, usar o martelo para pregá-Lo em uma cruz de modo a testar a paciência Daquele que suporta o pior que o mal tem a oferecer e que, tendo-se exaurido, poderia, por fim, voltar a amar.

Deixemos que venha ao mundo que ridiculariza a ideia do pecado como morbidez, considera a reparação das culpas passadas como um complexo de culpa, e pregue ao mundo “bem-aventurados os que choram” por seus pecados; e Ele será vendado e escarnecido como um tolo. Tomarão Seu corpo e o flagelarão até os ossos serem contados; coroarão Sua cabeça com espinhos até que comece a chorar não lágrimas salgadas, mas gotas de sangue carmesim, enquanto riem da fraqueza Daquele que não descerá da cruz.

Deixemos que venha ao mundo que nega a verdade absoluta, que diz que o certo e o errado são somente questões de ponto de vista, que devemos ter a mente aberta a respeito da virtude e do vício e deixemos que lhes diga: “bem-aventurados os que têm fome e sede de santidade”, ou seja, a busca do absoluto, a busca da verdade que “eu sou”; e eles, com suas mentes abertas, darão à multidão a escolha entre Ele e Barrabás; eles O crucificarão com os bandidos e tentarão fazer o mundo acreditar que Deus não é diferente de um punhado de ladrões, Seus companheiros na morte.

Deixemos que venha ao mundo que diz “o inferno são os outros”,¹⁵ que tudo o que se opõe a mim é nada, que só o ego importa, que minha vontade é a lei suprema, que o que decido é bom e devo esquecer-me dos outros e pensar somente em mim e diga-lhes: “bem-aventurados os misericordiosos”. Ele descobrirá que não receberá misericórdia; abrirão cinco veios de sangue em Seu corpo; porão vinagre e fel em Sua boca sedenta e, mesmo depois da morte, serão demasiado impiedosos, a ponto de introduzir uma lança em Seu Sagrado Coração.

Deixemos que venha a um mundo que tenta interpretar o homem à luz do sexo; que vê a pureza como frigidez; a castidade como sexo frustrado, o domínio próprio como anormalidade e a união entre homem e mulher até que a morte os separe como tediosa; que diz que o casamento perdura somente enquanto as glândulas funcionarem, que a pessoa pode desunir o que Deus uniu e tirar o selo daquilo que Deus selou. Que lhes diga: “bem-aventurados os puros”, e Ele se verá pendido, nu, em uma cruz; será tornado espetáculo aos

homens e aos anjos na última afirmação insana e solitária de que a pureza é anormal, que as virgens são neuróticas e que a carnalidade é o correto.

Deixemos que venha a um mundo que acredita que devemos recorrer a todo o tipo de imposturas e duplicidades para conquistá-lo, portando pombas da paz com os ventres cheios de bombas e lhes diga:¹⁶ “bem-aventurados os pacificadores” ou “bem-aventurados os que erradicam o pecado para que haja a paz” e ver-se-á cercado de homens ocupados da mais tola das guerras — a guerra contra o Filho de Deus; praticando a violência com ferros e porretes, manietes e escoriações e, então, montando guarda diante de Sua tumba de modo que Ele, que perdera a batalha, não pudesse ter sucesso.

Deixemos que venha a um mundo que acredita que toda a vida deva ser engendrada em torno de lisonjas e da capacidade de influenciar pessoas por conta da utilidade e da popularidade e Ele lhes diga: “bem-aventurados sereis quando vos odiarem, vos perseguirem e vos injuriarem” e Ele descobrirá não ter amigo algum no mundo, um pária na colina, com multidões bradando por Sua morte e a carne pendendo de Seu corpo como farrapos purpúreos.

As bem-aventuranças não podem ser consideradas de maneira isolada: não são ideais, são fatos concretos e realidades inseparáveis da Cruz do Calvário. O que Ele ensinou foi a autocrucifixão: amar os que nos odeiam; arrancar os olhos e cortar os braços para evitar o pecado; estar limpos por dentro quando as paixões clamam por satisfação externa; perdoar os que nos condenam à morte; derrotar o mal com o bem; abençoar os que nos amaldiçoam; parar de falar de liberdade até que tenhamos a justiça, a verdade e o amor de Deus em nossos corações como condições de liberdade; viver no mundo e ainda mantermos impolutos; negar-nos prazeres legítimos para melhor crucificar nosso egoísmo — tudo isso sentencia nosso velho homem, que está dentro de nós, à morte.

Aqueles que O ouviram pregar as beatitudes foram convidados a se colocar em uma cruz, a encontrar felicidade em um nível superior pela morte em uma ordem inferior, a desprezar tudo o que o mundo considera sagrado e a venerar como sagrado tudo o que o mundo considera como ideal. O paraíso é felicidade; mas é demais para o homem possuir dois paraísos, um substituto em baixo e um verdadeiro em cima. Por isso os quatro “pesares” que imediatamente acrescentou às bem-aventuranças.

Mas ai de vós, ricos, porque tendes a vossa consolação!
Ai de vós, que estais fartos, porque vireis a ter fome!
Ai de vós, que agora rides, porque gemereis e chorareis!
Ai de vós, quando vos louvarem os homens,
porque assim faziam os pais deles aos falsos profetas!
(São Lucas 6,24-26)

A crucifixão não pode estar longe quando o mestre diz “ai de vós” os ricos, os fartos, os felizes e os populares. A verdade não está só no Sermão da Montanha; está naquele que viveu o Sermão da Montanha no Gólgota. Os quatro pesares seriam condenações éticas, caso Ele não tivesse morrido cheio daquilo a que se opunham os quatro pesares: pobre, abandonado, triste e desprezado. No monte das bem-aventuranças ordenou que os homens se lançassem na cruz da autonegação; no monte do Calvário abraçou essa mesma cruz. Apesar da sombra da Cruz não se projetar sobre o local da caveira até três anos depois, ela já estava em seu coração no dia em que pregou a respeito de “como ser feliz”.

Notas

15 | Alusão à frase de Jean Paul Sartre publicada na peça *Entre quatro paredes*. (N. T.)

16 | Possível alusão ao fato de Josef Stálin ter encomendado a Pablo Picasso um quadro intitulado “A pomba da paz”. (N. T.)

O INTRUSO QUE ERA UMA MULHER

Enquanto Jesus visitava as cidades da Galileia no início de Sua vida pública e antes do irromper da hostilidade escancarada, um fararico chamado Simão convidou Nosso Senhor para jantar em sua casa. Ele ouvira a aclamação dada a Nosso Senhor pelas pessoas e estava ansioso para decidir por si mesmo se este era mesmo profeta ou mestre. Curiosamente, havia na vizinhança outra pessoa ansiosa para encontrar-se com Nosso Senhor, mas os interesses dela eram mais elevados. Tinha um peso na consciência, e queria vê-lo como salvador de sua culpa. Por maior que fosse sua vergonha, ela não permitiu que esta a impedisse, mesmo diante daqueles que a poderiam condenar. Assim, Nosso Senhor encontrava-se entre aquele que estava curioso acerca Dele como Mestre e uma penitente que O via como Salvador.

Quando Nosso Senhor chegou, houve pouco entusiasmo na acolhida de Simão, que negligenciou friamente os cumprimentos e cortesias dados a um convidado. Naquela época, entrar numa casa sem descalçar-se era mais ou menos o mesmo que entrar numa casa hoje sem tirar o chapéu. Sapatos e sandálias eram tirados à porta. O visitante sempre era saudado com um beijo no rosto pelo anfitrião com as palavras: “O Senhor seja contigo”. Então mostravam ao convidado um divã para onde um criado levava água para lavar-lhe os pés e garantir a limpeza cerimonial. Em seguida, o anfitrião, ou ao menos um dos criados, ungia a cabeça e a barba do visitante com um óleo perfumado. No caso de Nosso Bendito Senhor, não houve água para os pés cansados, nem beijo de boas-vindas no rosto, nem, tampouco, perfume para o cabelo — nada senão um gesto nada cerimonioso apontando um lugar vago à mesa. Talvez Simão soubesse que estava sendo observado por outros fariseus e, assim, negligenciou essas cortesias. Os convidados naqueles dias não se

sentavam à mesa, mas ficavam apoiados em assentos, com os pés descalços e as pernas esticadas.

O acesso à sala de jantar era muito fácil, provavelmente por causa da prevalência universal da lei da hospitalidade, tão comum entre os povos do Oriente. Enquanto a refeição estava sendo servida, aconteceu um inconveniente. Simão olhou e o que viu o enrubesceu. Ele não teria se importado se fosse com qualquer outra pessoa, mas Este homem! O que Ele pensaria dele? O intruso era uma mulher chamada Maria, uma pecadora; a profissão dela, mulher da rua. Devagar, ela atravessou o cômodo, sem arrumar os cabelos que lhe cobriam o rosto, pois funcionava como uma proteção contra o olhar do fariseu. Pôs-se aos pés de Nosso Bendito Senhor e deixou cair sobre aqueles pés que anunciavam a paz, como as primeiras gotas de chuva num verão bem quente, algumas lágrimas. Então, envergonhada do que fizera, prostrou-se, como que para esconder sua vergonha, mas a fonte de lágrimas não se acalmaria. Encorajada por não ter sido repreendida, ajoelhou-se e começou a enxugar as lágrimas dos pés do Senhor com seus cabelos longos e desgrenhados. Ungir a cabeça era o costume, mas ela não arriscaria tal honra; contudo, em sua humildade, ousaria ungir apenas os pés Dele. Tirando do véu um frasco de um perfume precioso, não o aplicou gota a gota, devagar, para indicar, pela lentidão da dádiva, a generosidade do doador. Ao contrário, ela quebrou o frasco e deu tudo, pois o amor não conhece limites. A mulher não estava pagando tributo a um sábio; estava descarregando o coração de seus pecados. Decerto, ela O tinha visto e ouvido antes e estava convencida de que, de algum modo, Ele podia dar-lhe nova esperança. Havia amor em seu atrevimento, arrependimento em suas lágrimas, sacrifício e rendição em seu unguento.

O fariseu, no entanto, estava horrorizado com o fato de que o Mestre tivesse permitido que uma mulher desonrosa das ruas se aproximasse Dele e, contrariamente a todas as tradições dos fariseus, derramasse lágrimas em Seus pés. Simão não diria as palavras em voz alta, mas simplesmente pensava consigo:

Se este homem fosse profeta,
bem saberia quem e qual é a mulher que o toca,
pois é pecadora.

(São Lucas 7,39)

Como Simão sabia que ela era uma mulher da rua? Ao julgar o outro, julgava-se a si mesmo. Aos olhos de Simão, ela era uma pecadora e sempre seria considerada uma pecadora. Para ele, havia abominação em seu toque, pecado em suas lágrimas e mentira em seu unguento. O fariseu não fazia perguntas, não se dava a esperanças. Para ele, pouco importava se foi um desejo depravado, a fome ou a lascívia dos homens que levaram a mulher à ruína. Pouco importava se ela acordava à noite por causa de sua consciência pesada e se se condenava mil vezes por fazer aquilo que sabia que não lhe traria paz. E, quanto ao Cristo, se tivesse alguma intuição acerca do caráter humano, saberia que ela era uma prostituta.

Nosso Senhor leu os pensamentos de Simão, assim como também lia um dia a alma dos vivos e dos mortos. Disse-lhe:

Simão, tenho uma coisa a dizer-te.

Disse Simão:

Diga, Mestre.

Continuou Nosso Senhor:

Um credor tinha dois devedores:
um lhe devia quinhentos denários
e o outro, cinquenta.
Não tendo eles com que pagar,
perdoou a ambos a sua dívida.
Qual deles o amará mais?
(São Lucas 7,41-42)

A história sugeria que Deus é um credor que nos confia Seus bens até que o dia determinado para o pagamento da dívida e para prestação de contas de nossa administração. Alguns têm dívidas maiores que outros; alguns, porque pecaram mais; outros, porque tiveram mais bens; alguns recebem dez talentos; outros, cinco; e outros ainda, um. Pode ser que os pecados da mulher fossem como uma dívida de quinhentos denários, enquanto a de Simão era de apenas cinquenta. Mas, no final, ambos eram devedores, e nenhum deles podia pagar a dívida. O significado da parábola é claro. Deus é o credor que confia ao homem dons de riqueza, inteligência, influência. Um dia, enfim, é determinado para o pagamento. Embora nenhum homem em justiça estrita possa pagar o que deve a Deus por causa do pecado, Deus, no entanto, está disposto a perdoar todos os devedores, grandes ou pequenos. O que custa este perdão em justiça estrita, Nosso Senhor não discute aqui. No entanto, preparou Simão para compreender que Ele tinha de vir para trazer a remissão dos pecados.

Nosso Senhor agora pergunta:

Qual deles o amará mais?

Simão respondeu: A meu ver, aquele a quem ele mais perdoou.

Jesus replicou-lhe: Julgaste bem.

E voltando-se para a mulher, disse a Simão:

Vês esta mulher? Entrei em tua casa

e não me deste água para lavar os pés;

mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés

e enxugou-os com os seus cabelos.

Não me deste o ósculo;

mas esta, desde que entrou,

não cessou de beijar-me os pés.

Não me ungieste a cabeça com óleo;

mas esta, com perfume, ungiu-me os pés.

(São Lucas 7,43-46)

O que Nosso Senhor quis dizer quando disse a Simão: “Vês esta mulher?”. Queria dizer que Simão não podia ver a mulher como realmente era, mas

apenas como ela costumava ser, ou a mulher que pensava que ela era. Simão tinha dito dentro de si que, se fosse profeta, Nosso Senhor saberia que ela era uma pecadora. Agora, Nosso Bendito Senhor invertia a sentença e perguntava a Simão: “Você está vendo esta mulher, Simão? O problema com sua tribo de pessoas metidas a santas é que vocês se julgam virtuosos, porque acham alguém que é vicioso. Vocês nunca veem. Pensam que veem, mas não veem. A culpa sempre está no próximo, nunca em vocês mesmos”.

Nosso Senhor, então, passou a descrever as cortesias comuns que Lhe tinham sido negligenciadas, mas que esta mulher demonstrou. “Ela lavou meus pés com as lágrimas”. Sem esfregar e enxaguar, a roupa que está muito suja não pode ser limpa. Quando há muita sujeira do pecado, não deve haver apenas uma lavagem; é necessário ficar de molho e ser banhada nas lágrimas da contrição. Então, ela enxugou os pés do Senhor com seu cabelo. No verdadeiro arrependimento, aquelas coisas que foram usadas a serviço do pecado convertem-se para o serviço a Deus. O melhor ornamento do corpo, no juízo do penitente, não era bom o bastante para ser empregado no mais insignificante serviço para com Nosso Bendito Senhor.

As cortesias que Simão negligenciou na ordem natural, o Divino Senhor agora contrasta com as cortesias mais elevadas da ordem da graça. As marcas de honra são então rastreadas até sua fonte, o desejo de perdão. Em toda a polidez convencional da vida, há alguma raiz de afeição e amor. Simão pensava que estava mostrando honra suficiente ao Filho do carpinteiro ao convidá-lo para comer; mas o Senhor rastreou o amor da mulher até o profundo senso de pecado perdoado que ela tinha:

Por isso te digo:
seus numerosos pecados Lhe foram perdoados,
porque ela tem demonstrado muito amor.
Mas ao que pouco se perdoa, pouco ama.
(São Lucas 7,47)

Seria um erro grosseiro deduzir que estaria tudo bem em ter pecado muito, ou ter acumulado uma dívida maior, a fim de que o pecador pudesse ser mais perdoado. Antes, a lição é que pecadores notórios têm probabilidade

muito maior de descobrir que são pecadores do que aqueles que pensam que são bons. Como num hospital, um paciente que está cheio de machucados e feridas requer mais compaixão do que outro menos machucado; assim também, entendemos que a culpa não é um obstáculo, mas um argumento em favor da graça divina. O amor desta mulher cresceu na mesma medida que sua gratidão pelo perdão. Não foi a quantidade de pecado, mas a consciência dele e da graça oferecida em seu perdão, que manifestou o grande amor desta penitente. Muito lhe foi perdoado; portanto, muito amou.

Nada põe uma pessoa em contato com outra quanto a confissão de pecado. Quando nos fala do próprio sucesso, um amigo fica a certa distância de nosso coração; quando fala de sua culpa com lágrimas, está muito perto. Na verdade, quando tem consciência do próprio pecado, a pessoa não distingue muito se seus pecados pertencem à categoria dos quinhentos ou dos cinquenta denários. São Paulo considerava-se o principal dos pecadores, mas ele não era um grande pecador senão em seu fanatismo e perseguição. Quem faz pouco caso do pecado fará pouco caso do perdão. Quem faz pouco caso de feridas realmente sérias nunca apreciará o poder do médico.

Simão tinha algo que aprender e, então, convidou um mestre; a mulher tinha algo a ser perdoado, então derramou lágrimas de contrição sobre o Divino Credor que mostrou ser-lhe o Salvador. Simão não negara a existência da culpa, mas sentia-se relativamente inocente em comparação à mulher pecadora. A culpa não é só a violação do amor; é a ferida de alguém que é amado. A seriedade do pecado aumenta conforme Cristo se aproxima. Estar perto da Cruz e sentir as agonias Daquele cuja morte era necessária para a expiação do pecado podia fazer Paulo, o fariseu dos fariseus, chamar-se a si mesmo de “o maior dos pecadores”.

A lição estava terminada e a mulher foi dispensada com as seguintes palavras:

Perdoados te são os pecados.
(São Lucas 7,48)

O homem que Simão pensava ser um mestre não estava formalizando um código; estava perdoadando pecados. Mas quem pode perdoar pecados senão

Deus? Este era o pensamento corrente entre todos à mesa:

Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer, então:
Quem é este homem que até perdoa pecados?
(São Lucas 7,49)

Esse era o questionamento de todos quando se levantaram dos assentos. Divãs voltariam como um símbolo de um mundo sem culpa 19 séculos mais tarde. Os homens se levantariam deles depois de dar suas explicações. Mas tais almas não teriam a alegria interior da mulher, que ouviu Aquele que é maior que um profeta dizer-lhe:

Tua fé te salvou; vai em paz.
(São Lucas 7,50)

A fé dela contara-lhe que Deus ama a pureza, a bondade e a santidade. E, diante dela, estava o único que podia restaurar-lhe a santidade. Mas o preço que Ele pagaria por essa paz só viria depois de uma guerra — a guerra contra o mal. O perdão que a mulher recebeu não era meramente o de ser “absolvida”; era aquele em que a própria justiça estava satisfeita. Pedro, que estava ali no jantar, mais tarde registrou o preço que foi pago:

Carregou os nossos pecados em seu corpo
sobre o madeiro [...]
Por suas chagas fomos curados.
(1 São Pedro 2,24)

Os convidados à mesa perguntavam-se como Ele podia perdoar pecados. Estavam certos — quem podia perdoar pecados senão Deus? O propósito de Sua vinda a esta terra como Filho do Homem, mais uma vez, estava revelado: seria identificado com os pecadores ao tomar-lhes a culpa; mas estaria apartado

dos pecadores ao oferecer-se a Si mesmo para a salvação deles e, portanto, podia perdoar pecados. De um lado, identificação:

E foi contado entre os malfeitores.
(São Lucas 22,37)

Do outro, separação:

Santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores.
(Hebreus 7,26)

Essas são verdades complementares. A primeira refere-se ao preço que Ele tinha de pagar para perdoar pecados, tais como os daquela mulher; a segunda, à Sua vida divina que deu aos sofrimentos um valor infinito. A mulher diante dele tinha sua dívida de pecado encoberta, mas não tinha ideia de quanto Lhe custou. Todos aqueles gestos de ternura que a mulher pecadora mostrou para com Ele, receberia novamente de outra maneira. Um beijo viria de Judas; a lavagem dos pés inverter-se-ia quando Ele mesmo tomaria uma toalha e lavaria os pés dos discípulos; e, em lugar do óleo na cabeça, haveria a coroa de espinhos quando derramasse o perfume do próprio sangue.

O HOMEM QUE PERDEU A CABEÇA

O propósito redentor de Deus vir à terra foi revelado por muitos símbolos e figuras. Um dos mais surpreendentes foi pressagiado no que aconteceria a João Batista. Embora não buscasse honras terrenas, João as recebeu; foi procurado pelo rei Herodes Antipas, filho do sanguinário Herodes, que tentara tirar a vida de Nosso Senhor quando Este ainda não tinha completado dois anos de idade. “Herodes temia João”, por saber que ele era um “homem justo e santo”. O perverso teme o bom porque o bem é uma censura constante à suas consciências. O ímpio gosta da religião da mesma maneira que gosta de leões, mortos ou enjaulados; temem a religião quando ela liberta e começa a desafiar suas consciências.

Herodes era o mundano típico que convocava os chamados “sábios de túnica” (como Félix convocou Paulo); amavam o brilhantismo, os volteios das expressões e a sabedoria abstrata, mas tão logo esses homens comessem a tornar os ensinamentos de Cristo concretos e pessoais, eram imediatamente mandados embora com as palavras “intensos demais”, “intolerantes” ou “sabia que, na verdade, ele tentou me converter?”. Herodes, que sempre buscava novos estímulos e agitações, convidou a corte para ouvir esse pregador vibrante que era moda na época. Que texto João Batista escolheria? Falaria sobre o amor fraterno (sem a paternidade de Deus), sobre a necessidade de reduzir os exércitos ou sobre a grande necessidade de uma reforma econômica na Galileia? João sabia que tudo isso era importante, mas sabia que algo era ainda mais importante; portanto, decidiu se dedicar às consciências.

Herodes, provavelmente, fitou-o com um meio-sorriso de satisfação; Herodíades, sua mulher, deve tê-lo olhado de canto de olho; os outros estavam curiosos, mas não verdadeiramente interessados. Tanto Herodes quanto

Herodíades já haviam sido casados antes. Ela, com o irmão de Herodes. Essa era uma daquelas confusões desagradáveis que se tornaram lugar-comum em uma nação que começava a apodrecer. Herodes fora casado antes com Fasélia, filha de Aretas, que o abandonou quando ele começou a envolver-se com Herodíades, esposa de seu irmão Herodes Filipe. Herodíades tinha uma filha, Salomé, do casamento com Herodes Filipe.

Se havia um assunto que, do ponto de vista mundano, João teria feito muito bem em evitar na corte, era essa situação. Entretanto, João estava inclinado a agradar a Deus, não aos homens, e resolveu falar contra a vida de luxúria. Era demasiado gentil para desculpar o pecado de Herodes, demasiado interessado na saúde moral para deixar a ferida sem exame, demasiado amoroso para ter alguma ideia senão salvar a alma de Herodes.

João seguiu o ensinamento de Nosso Senhor de que o casamento era sagrado e indissolúvel: “O que Deus uniu, nenhum homem separe”. Foi direto ao ponto com palavras claras, resolutas e bruscas. Apontou o dedo para Herodes e sua mulher, sentados em tronos de ouro, e disse:

Não te é permitido ter a mulher de teu irmão.
(São Marcos 6,18)

Herodíades estremeceu. Sabia que João estava recordando o fato de ela ter seduzido Herodes, que já estava em seu poder. Antes que João pudesse terminar a frase seguinte, foram colocadas correntes de ferro em volta de seus punhos e os guardas começaram a arrastá-lo da corte para lançá-lo em um calabouço escuro. O pregador foi aprisionado, mas suas palavras não o foram — ecoaram na consciência muito depois da voz ter sido silenciada.

Por meses João foi mantido no tenebroso calabouço de Maquero. Essa inatividade forçada o fez duvidar do Messias e do cordeiro de Deus de quem falava? Sua fé vacilou um pouco na escuridão do calabouço? Talvez ansiasse com impaciência que Deus punisse aqueles que haviam se recusado a receber sua mensagem. De qualquer modo:

E João chamou dois dos seus discípulos
e enviou-os a Jesus, perguntando:

És tu o que há de vir ou devemos esperar por outro?
(São Lucas 7,19)

O modo como João formulou a pergunta indicava que ele tinha fé tanto na grande promessa messiânica como Naquele a quem perguntava.

Quando a pergunta chegou a Nosso Senhor, Ele não a respondeu com a promessa de que João seria libertado da prisão, ou que Ele mesmo destruiria os inimigos. Respondeu apenas indicando a própria obra de cura, consolo e instrução.

Ide anunciar a João o que tendes visto e ouvido:
os cegos veem, os coxos andam,
os leprosos ficam limpos,
os surdos ouvem,
os mortos ressuscitam,
aos pobres é anunciado o Evangelho;
e bem-aventurado é aquele para quem eu não for ocasião de queda!
(São Lucas 7,22-23)

A divindade e seus caminhos sempre serão motivo para escândalo entre os homens. A pobreza e a insignificância mundana de Nosso Senhor foram a primeira objeção a seu Evangelho. Esse preconceito surgiu da própria concepção falsa do poder e da majestade de Deus, como se a realização de seus propósitos realmente dependesse dos meios que o mundo associa ao sucesso. Com efeito, Cristo dava uma resposta abrangente aos discípulos de João, apontando tanto para Suas obras e palavras como para Seus milagres e ensinamentos. Os milagres não eram somente coisas para nos maravilhar; ao contrário, eram sinais do Reino Divino de justiça e misericórdia; e o poder pelo qual Ele os efetuou seria um poder além da natureza, que podia controlar a natureza. O ensinamento, em particular, seria outra prova de Sua divindade: o pobre teria o evangelho que lhe fora proclamado.

Isso é especialmente significativo porque pobreza é outra palavra para a imperfeição e fraqueza humanas. Os fortes de corpo, os que possuem um

intelecto sagaz e os que têm os favores da terra são aqueles que recebem a recompensa neste mundo; mas o pobre e o fraco muitas vezes têm fome e sofrem. Cristo dizia que no seu reino dos céus haveria um evangelho para o pobre. Deus tem outro mundo em que repara as desigualdades deste. Enquanto ao homem rico é dito que, se desejar ir para o céu, deve dividir suas riquezas por causa do Cristo, ao pobre é dito que seu cansaço e sofrimento, sua labuta e dissabores, unidos à cruz, trariam paz interior e recompensa.

Quando os mensageiros partiram, Nosso Senhor começou a elogiar João. João o testemunhara, e Ele agora daria testemunho de João. Respondeu aos que poderiam estar julgando João pela mensagem enviada em um momento de provação. Contrastou a multidão que prestava atenção nas palavras dos mensageiros com o próprio João — a inconstância da multidão com a estabilidade do profeta. Não era João o fraco, eram os próprios corações deles. Não foi a dúvida que fez João questionar, nem o medo das consequências corporais. Utilizando três figuras de linguagem, Nosso Senhor foi em defesa de João. A primeira figura foi o junco que costumava balançar com a brisa ao longo da forte corrente do rio Jordão, onde ouviram João pregar; a segunda figura eram as vestes finas daqueles que viviam na casa de Herodes; e a terceira figura era um sinal dos céus e uma referência a todos os homens que cruzaram os portais da carne no nascimento humano.

Depois que se retiraram os mensageiros de João,
ele começou a falar de João ao povo:
Que fostes ver no deserto?
Um caniço agitado pelo vento? Mas que fostes ver?
Um homem vestido de roupas finas?
Mas os que vestem roupas preciosas
e vivem no luxo estão nos palácios dos reis.
Mas, enfim, que fostes ver? Um profeta?
Sim, digo-vos, e mais do que profeta.
Este é aquele de quem está escrito:
Eis que envio o meu mensageiro ante a tua face;
ele preparará o teu caminho diante de ti.
Pois vos digo: entre os nascidos de mulher
não há maior que João.

Entretanto, o menor no Reino de Deus é maior do que ele.
(São Lucas 7,24-28)

Por três vezes Nosso Senhor perguntou “que fostes ver?”. Esse foi o erro deles; ao professar um desejo de conhecer a vontade de Deus, estiveram realmente inclinados a visões e espetáculos ao desfrutar das maravilhas e da popularidade do mensageiro. Saíram para *ver* alguém, não para *ouvir* alguém; para satisfazer a concupiscência dos olhos, mas não para imitar a temperança e a abnegação do Batista. Nosso Senhor estava dizendo à multidão que São João não fizera essa pergunta da prisão simplesmente porque era um junco sacudido pelo vento da opinião pública ou porque era alguém que se importava com o bem-estar físico, como os cortesãos da casa de Herodes. João não era um caniço frívolo sacudido por cada rajada de aclamação popular. Fazia suas reprimendas sem temor; não era somente severo com os outros, era ainda mais severo consigo mesmo. Poderia ter morado na casa de reis e, mesmo assim, fez do deserto seu lar. Em relação a Deus, ele era um profeta e mais que um profeta — o precursor e mensageiro do Messias e do Filho de Deus.

A grandeza pode ser dividida em dois tipos: a terrena e a celestial. Se a grandeza de João tivesse sido terrena, teria vivido em palácios, as vestes teriam sido espalhafatosas e as opiniões, provavelmente, teriam sido variáveis como um junco, soprado, um dia, para uma filosofia popular e, no outro dia, para outra. No entanto, sua grandeza foi de uma ordem divina e a superioridade não foi somente em sua pessoa, mas na obra imutável e na missão de anunciar o Cordeiro de Deus.

Alguns meses depois, chegou a época de celebrar o aniversário de Herodes com uma grande festa. Para esse banquete baltasariano foram convidados todos os nobres da corte de Herodes, todos os militares e vários comensais da Galileia. Era noite, e o palácio estava suavemente iluminado. Os rostos estavam maquiados para se mostrarem melhor à encantadora e tênue luz de velas. O barulho da música, o toque das trombetas e os gritos da folia ressoavam pelo castelo de pedra de Maquero, chegando até embaixo, ao estreito e escuro calabouço onde, por dez meses, João Batista definhava. Não obstante, os convidados, provavelmente, estavam entediados com as distrações, pois nada é mais enjoativo que a alegria organizada dos saciados.

A voz de Herodes soou nesse primeiro clube noturno da era cristã, ordenando que se iniciasse uma dança sensual para estimular os espíritos enfadados. A dançarina seria Salomé, a bela jovem, filha da mulher do rei com o primeiro marido. Essa donzela, que também era descendente dos nobres Macabeus, mas que fora totalmente degradada e corrompida pela convivência da mãe degenerada, dançou até chegar ao chão. Os foliões ficaram encantados e Herodes, seguindo cada movimento gracioso, logo ficou excitado tanto pela dança quanto pelo vinho. Quando, num último lance, Salomé atirou-se em seu colo, ele abruptamente disse, irrompendo de paixão:

Pede-me o que quiseres, e eu to darei.
E jurou-lhe: Tudo o que me pedires te darei,
ainda que seja a metade do meu reino.
(São Marcos 6,22-23)

Salomé não sabia o que pedir, então, voltou-se para a mãe. Herodes já havia esquecido do desafortunado sermão de João Batista, mas uma mulher não esquece assim tão fácil. Nos dez meses em que esteve no calabouço embaixo do palácio, João esteve também na alma de Herodíades, importunando-a, perturbando seu sono, torturando sua consciência e assombrando seus sonhos. Ela resolvera, naquele momento, livrar-se dele, crendo que, se pudesse abolir esse representante moral de Deus, poderia pecar impune pelo resto de sua vida. Com uma palavra a Salomé, poderia silenciar a própria consciência e a do marido. Sussurrou a resposta no ouvido da filha. Salomé aproximou-se de Herodes. A música estridente parou; o silêncio recaiu sobre a assembleia; a comida se tornou insípida e até mesmo seus corações ficaram nauseados quando a jovem pediu a Herodes:

Dá-me aqui, neste prato,
a cabeça de João Batista.
(São Mateus 14,8)

Herodes ficou confuso por conta de sua jura. Pensou em todo o respeito do passado pelo profeta, mas, ao mesmo tempo, temia as provocações e as brincadeiras segredadas pelos convivas, caso o vissem recuar em sua promessa. Infiel a Deus, à consciência, a si mesmo e não tendo vergonha de nenhum crime, mas envergonhado pelas opiniões do público, decidiu ser fiel à sua promessa de bêbado. Acima de tudo, temia a ira de sua segunda esposa.

Herodes chamou uns poucos escravos. Acenderam as tochas. Ninguém falou ao ouvir os escravos descerem as escadas, cada vez mais fundo, enquanto o som sumia. Ouviram, então, o barulho das chaves nas portas do calabouço, o ranger das dobradiças. Houve silêncio por alguns segundos, rompido por um baque chocante; depois, a lenta marcha escadas acima, cada vez mais sonora, ritmada com o pulsar de seus corações. Os escravos se acercaram de Herodíades com o presente ensanguentado. Ela foi até Salomé, e a filha carregou o presente, cruzando a pista de dança e o deu a Herodes em uma bandeja dourada, a cabeça barbada do profeta de fogo.

Naquela noite tenebrosa, a pedido da filha de uma adúltera, Herodes assassinara o precursor de Cristo.

Depois disso, Herodes foi assombrado por temores, como Nero foi assombrado pelo fantasma de sua mãe, a quem assassinara. O Imperador Calígula não podia dormir porque era assombrado pelos rostos de suas vítimas; o historiador Suetônio diz que ele “se sentava na cama” ou, ainda, perambulava pelos longos pórticos do palácio, esperando pela chegada do dia.

Herodes, ao ouvir Nosso Diviníssimo Senhor algum tempo depois, pensou que ele fosse João Batista ressurgido dos mortos. Herodes não acreditava em vida futura, nenhum homem sensual acredita. A crença na imortalidade se esvai facilmente naqueles que vivem de maneira tal que não podem enfrentar a perspectiva de um julgamento. Uma vida futura é negada nem tanto pelo modo como a pessoa pensa, mas pelo modo como a pessoa vive. Herodes convencera-se de que a porta se fechava com a morte, mas agora, uma vez que ouvira Nosso Senhor pregar, começou a pensar que João ressuscitara dos mortos. O ceticismo nunca tem certeza, por ser mais uma pose para justificar o mau comportamento que uma posição intelectual firme. Como um saduceu, Herodes rejeitou a vida futura, mas temia, afinal de contas, sua consciência. E, ao ouvir a respeito das maravilhas e dos milagres de Nosso Senhor, “procurava ocasião de vê-lo” (São Lucas 9,9). E o viu. Menos de dois anos depois Pilatos enviaria Nosso Senhor para ele.

Herodes alegrou-se muito em ver Jesus,
pois de longo tempo desejava vê-lo,
por ter ouvido falar dele muitas coisas,
e esperava presenciar algum milagre operado por ele.
(São Lucas 23,8)

Herodes nunca vira a face de Jesus até a última hora; nunca ouvira antes a Sua voz. Quando chegou o momento, Nosso Senhor recusou-se a falar com ele.

Depois da transfiguração, os apóstolos, que viram Moisés e Elias falando com Nosso Senhor, começaram a fazer perguntas a respeito de Elias. Nosso Senhor disse-lhes que Elias já havia estado entre eles em espírito; eles o viram no habitante dos lugares desolados, o homem vestido em pele de camelo que viveu com escassez de comida. Então, arrastou a cruz diante de seus olhos novamente. Mostrou-lhes que a morte de João Batista foi a prefiguração de sua própria morte. Como as pessoas que tinham visto João não acreditaram nele, da mesma maneira não acreditariam em Nosso Senhor:

Mas eu vos digo que Elias já veio,
mas não o conheceram;
antes, fizeram com ele quanto quiseram.
Do mesmo modo farão sofrer o Filho do Homem.
(São Mateus 17,12)

Por seu comentário a respeito do destino do Batista, Jesus pressagiou o próprio sofrimento e morte. Esforçava-se para familiarizar os apóstolos com a ideia de um messias que morre, mas ao mesmo tempo conquista. Como as pessoas andaram cegas deixando de dar as boas-vindas ao Batista quando veio no espírito de um Elias penitente, da mesma maneira, o Messias lhes escaparia ao vir no meio deles como aquele que carregava as culpas e as resgatava no madeiro da cruz. Contou aos apóstolos que tal destino foi pressagiado para o Filho do Homem:

Deve padecer muito e ser desprezado.
(São Marcos 9,12)

Os salmos e os profetas aludiram ao seu sofrimento como Filho do Homem. Assim como Nosso Senhor não salvou João Batista da crueldade de Herodes, Ele não salvaria nem a si mesmo do mesmo Herodes. O arauto sofreu a sina daquele que anunciara; o mensageiro recebeu a violência porque pregara a mensagem. E, mais uma vez, o monte do Calvário olhou, dessa vez por entre os vales, para o sopé do monte da transfiguração. Tudo em Sua vida fazia referência à Cruz, até mesmo a morte violenta de João Batista.

14

O PÃO DA VIDA

Dois banquetes foram oferecidos na Galileia ao longo de um ano: um na corte de Herodes, em que João Batista pregou; o outro, ao ar livre servido por Nosso Senhor. Ele tinha atravessado o Mar da Galileia, provavelmente para evitar a fúria de Herodes, que acabara de assassinar o Batista e

Seguia-o uma grande multidão,
porque via os milagres que fazia em benefício dos enfermos.
(São João 6,2)

Os motivos para que as multidões O seguissem eram meio confusos; havia, no entanto, uma ideia crescente de que Ele era o Cristo. Todos ficaram terrivelmente decepcionados quando Jesus se retirou para a montanha com os discípulos. A carruagem do Evangelho parou um momento para um pequeno descanso dos que a conduziam. Como a Páscoa estava chegando e muitos iam a caminho de Jerusalém, a multidão avolumou-se a ponto de chegar a cinco mil homens adultos (fora as mulheres e crianças).

Porque eram muitos os que iam e vinham
e nem tinham tempo para comer.
(São Marcos 6,31)

A cidadezinha para onde se dirigiam ficava a quase dez quilômetros, por mar, de Cafarnaum. Quando Nosso Bendito Senhor saiu do barco, na praia, as

multidões estavam ali para encontrar-se com Ele. Traziam consigo os enfermos e estavam famintos em mais de um sentido. Não Lhe davam nenhum descanso, não porque cressem que era o Filho de Deus, mas porque O consideravam um mágico que podia fazer maravilhas, ou um médico que podia curar os doentes.

Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela,
porque era como ovelhas que não têm pastor.
(São Marcos 6,34)

Organizou a multidão em filas de cem e de cinquenta, encosta acima. No centro delas estava Nosso Senhor. Para testar Filipe, o Senhor perguntou:

Onde compraremos pão
para que todos estes tenham o que comer?
(São João 6,5)

Filipe fez um cálculo rápido e concluiu que seriam necessários duzentos denários para alimentar a multidão. Jesus não perguntou “Quanto dinheiro precisamos?”, mas “Onde compraremos o pão?”. Filipe devia ter respondido que Aquele que tinha ressuscitado mortos e curado enfermos podia prover o pão. Neste momento, André apontou um menino que tinha cinco pãezinhos e dois peixes. André também fez uma conta e perguntou:

[...] que é isto para tanta gente?
(São João 6,9)

No Antigo Testamento, aprazia a Deus usar coisas comuns e insignificantes para cumprir seus propósitos, como a marca no cesto do bebê que conquistou o coração da Filha de Faraó (Êxodo 2,1-10), ou a vara de Moisés que operou milagres no Egito (Êxodo 4,3; 7,10; 14,16), ou a funda de Davi, que derrotou os filisteus (1 Samuel 17,49). Como o pão agora estava

envolvido, havia mais um tipo de paralelo com os gestos que mais tarde seriam empregados na Última Ceia.

Então tomou os cinco pães e os dois peixes e,
erguendo os olhos ao céu, abençoou-os,
partiu-os e os deu a seus discípulos
[para que lhos distribuíssem,
e repartiu entre todos os dois peixes.]
(São Marcos 6,41)

Assim como um grão de trigo pouco a pouco se multiplica no solo, também os pães e os peixes, por um processo divinamente acelerado, foram multiplicados até que todos estivessem saciados. A natureza foi até onde pôde, e então Deus supriu o restante. O Senhor ordenou que os pedaços fossem recolhidos, e estes encheram 12 cestos. No cálculo dos homens, sempre há escassez; na aritmética de Deus, sempre há abundância.

O efeito do milagre na multidão foi estupendo. Ninguém negava o fato de que Cristo tinha poder divino; Ele o mostrou ao multiplicar o pão. Lembrou-lhes imediatamente de Moisés, que dera a seus antepassados o maná no deserto. E Moisés não tinha dito que era um prenúncio do Cristo ou Messias?

O Senhor, teu Deus, te suscitará dentre os teus irmãos
um profeta como eu: é a ele que deveis ouvir.
(Deuteronômio 18,15)

Se Moisés tinha autenticado ou ratificado a si mesmo por meio do pão no deserto, não seria este aquele a quem Moisés apontara, visto que ele também distribuiu o pão miraculosamente? Quem, então, podia ser-lhes um rei melhor para tirá-los do jugo romano e dar-lhes liberdade? Aqui estava um libertador, maior que Josué, e aqui estavam cinco mil homens prontos para pegar em armas; aqui estava um rei maior que Davi ou Salomão, que podia rebelar-se contra os tiranos e libertar o povo. Eles já O tinham reconhecido como profeta

e mestre; agora, proclamavam-No Rei. Mas aquele que sonda os corações sabia quanto eram mundanas as ambições que tinham para Ele:

Jesus, percebendo que queriam arrebatá-lo e fazê-lo rei,
tornou a retirar-se sozinho para o monte.
(São João 6,15)

Os homens não podiam *fazê-Lo* rei; já *nasceu* rei. Os Sábios do Oriente sabiam disso quando perguntaram:

Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?
Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.
(São Mateus 2,2)

Sua majestade viria por intermédio do “dever” divino da Cruz, e não da força popular. Essa foi a segunda vez que o Senhor declinou da coroa; a primeira foi quando Satanás ofereceu-Lhe o reino do mundo, se se prostrasse e O adorasse. “Meu Reino não é deste mundo”, viria a dizer mais tarde a Pilatos (São João 18,36). A multidão queria empurrá-Lo a um trono; no entanto, Ele não disse que seria empurrado a um trono, mas que seria “elevado”, e o trono seria a Cruz; Seu reino seria estabelecido nos corações.

Pode ter sido essa fuga do reino político o que pôs dúvidas na mente de Judas; pois foi em conexão com este milagre e com o discurso de Nosso Senhor que pela primeira vez Judas foi descrito como traidor. Visto que não aceitaria uma soberania temporal como Satanás Lhe oferecera, Nosso Senhor teve de preparar-se para ouvir mais tarde “Não outro temos rei senão César” (São João 19,15).

Nosso Senhor, sabendo o que se passava no coração da multidão, retirou-se para o monte. Nenhuma mão suja Lhe poria uma coroa na cabeça — exceto uma coroa de espinhos. Entretanto, a fim de ensinar os apóstolos que eles tampouco “gozariam” de popularidade barata, compeliu-os a tomar um barco e a ir ao outro lado do lago, uma distância de oito a dez quilômetros. E não os acompanhou.

Entre as três e seis da manhã, enquanto estavam tremendo, molhados e fatigados no barco, começou uma tempestade. Era a segunda tempestade que os pegava no lago depois de terem sido chamados a ser apóstolos; a primeira foi na ocasião de uma visita anterior de Nosso Senhor. Ambas as tempestades vieram à noite e ambas foram violentas. Deve ter sido uma tempestade particularmente forte para ter afetado esses homens cujas vidas tinham sido passadas justo naquele mar. Talvez não fosse só a tempestade no mar que os preocupasse, mas também o fato de que o Mestre tinha se recusado a ser Rei. É bem provável que também duvidassem do poder daquele que multiplicara os pães e depois os enviara para a outra margem do lago numa noite de tempestade. Se podia multiplicar o pão, por que não podia impedir tempestades?

Para eles, era tão impossível que Nosso Senhor os deixasse partir para logo depois vir ao encontro deles no meio do mar quanto se morresse para depois ressuscitar. Mas, de repente, enquanto remavam, viram o Senhor vindo até eles por sobre as águas. Ficaram com medo e agitados. Disse-lhes Jesus:

Sou eu, não temais.
Quiseram recebê-lo na barca,
mas pouco depois a barca chegou ao seu destino.
(São João 6,20-21)

A tripulação solitária não estava tão solitária quanto imaginava. O mesmo ritmo de alegria e tristeza que permeava a vida de Jesus estava presente aqui; pois foi em meio a escuridão, tempestade e perigo que Cristo veio, caminhando por sobre a crista das ondas de um mar em fúria. Agora que tinha demonstrado seu poder:

[...] aqueles que estavam na barca
prostraram-se diante dele e disseram:
Tu és verdadeiramente o Filho de Deus.
(São Mateus 14,33)

Reconheceram que Ele não era só o Messias esperado, mas também o Filho de Deus. Alguns dos homens naquele barco haviam sido discípulos de João Batista e tinham ouvido o Pai dizer durante o batismo do Senhor que este era o Filho de Deus. É também muito provável que alguns deles tenham estado presentes quando o demônio declarou que Ele era o Filho de Deus. Natanael já Lhe tinha dado este título.

Foi nessa ocasião que Pedro, quando viu Nosso Senhor e antes que este entrasse no barco, perguntou se podia andar sobre as águas e ir até Ele. O Senhor ordenou que Pedro fosse; mas, depois de alguns metros, Pedro começou a afundar. Por quê? Porque levou em conta os ventos; porque se concentrou nas dificuldades naturais; porque não confiou no poder do Mestre e não manteve os olhos Nele.

Mas, redobrando a violência do vento,
teve medo e [começou] a afundar.
(São Mateus 14,30)

Por fim, clamou ao Senhor por ajuda:

Senhor, salva-me!
No mesmo instante,
Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e lhe disse:
Homem de pouca fé, por que duvidaste?
(São Mateus 14,30-31)

Primeiro veio a libertação, depois a repreensão — e provavelmente com um sorriso no rosto e amor na voz. Esta não foi a única vez que o pobre Pedro duvidaria do Mestre a quem tanto amava. Aquele que pediu para caminhar sobre as águas a fim de aproximar-se logo do Senhor foi o mesmo que mais tarde juraria estar pronto para ir à prisão ou até mesmo para ser morto pelo mestre. Corajoso no bote, mas tímido nas águas, mais tarde seria valente na Última Ceia, mas covarde na noite do julgamento. A cena no lago era um ensaio da outra queda de Pedro.

O povo ainda estava propenso a proclamar Nosso Senhor rei quando O encontraram no dia seguinte em Cafarnaum. À pergunta deles sobre como chegara lá, a resposta foi uma reprimenda aos que pensavam que a religião tinha relação sobretudo com o pão e com a distribuição de sopa aos pobres.

Em verdade, em verdade vos digo: buscais-me,
não porque vistes os milagres,
mas porque comestes dos pães e ficastes fartos.
(São João 6,26)

Não tinham compreendido o milagre como sinal de Sua divindade; procuravam-No, mas não O viam. Já O viu em sua perda assim como em seu ganho; eles O viam apenas como um meio de saciar a fome de pão, não a fome de alma. Empolgação não é religião; se fosse, um “aleluia” no domingo poderia tornar-se um “crucifixa” na sexta-feira.

Disse-lhes então Nosso Senhor:

Trabalhai, não pela comida que perece,
mas pela que dura até a vida eterna,
que o Filho do Homem vos dará.
Pois nele Deus Pai imprimiu o seu sinal.
(São João 6,27)

O Senhor estava colocando diante deles dois tipos de pão: o que perece e o que dura até a vida eterna. Advertiu-os contra a ideia de segui-Lo como um jumento segue o senhor que segura uma cenoura. Para elevar as mentes carnis até o Alimento Eterno, sugeriu que buscassem o Pão Celestial em que o Pai imprimiu o seu sinal. O pão oriental geralmente era assinalado com a marca oficial ou o nome do padeiro. De fato, a palavra talmúdica para “padeiro” está relacionada à palavra “selo”. Assim como as hóstias usadas na Missa têm uma marca (por exemplo, um cordeiro ou uma cruz), também Nosso Senhor estava insinuando que o pão que deviam buscar era o pão confirmado pelo Pai, portanto, Ele mesmo.

Queriam uma prova de que o Pai O tinha autorizado; deu pão, sim, mas isso não era grandioso o bastante. Afinal, Moisés não tinha dado o alimento do céu? O argumento deles era: que prova tinham de que Jesus era maior que Moisés? Assim, minimizaram o milagre do dia anterior, comparando-o a Moisés, e o pão que Jesus deu ao maná do deserto. Nosso Senhor tinha alimentado a multidão apenas uma vez, e Moisés os alimentara por quarenta anos. No deserto as pessoas sempre chamaram o pão “maná”, que quer dizer “O que é isso?”. Entretanto, numa ocasião, quando menosprezaram o maná, chamaram-no “alimento miserável” (Números 21,5). Assim também agora desdenhavam dessa dádiva. Nosso Senhor aceitou o desafio; disse que o maná recebido de Moisés não era o Pão Celestial, nem tinha vindo do céu; ademais, nutria apenas uma nação e por tempo limitado. Mais importante ainda, não era Moisés quem dava o maná; era o Pai; por fim, o Pão que Ele daria duraria para a vida eterna. Quando lhes disse que o verdadeiro Pão desceu do céu, os homens pediram:

Senhor, dá-nos sempre deste pão!

E o Mestre respondeu:

Eu sou o pão da vida.
(São João 6,35)

Essa foi a terceira vez que Nosso Bendito Senhor usou um exemplo do Antigo Testamento para simbolizar a Si mesmo. A primeira foi quando Se comparou com a escada que Jacó viu, revelando-Se assim como um mediador entre o céu e a terra (São João 1,51). No discurso a Nicodemos, comparou-Se à serpente de bronze, que curaria os feridos pelo pecado e o mundo envenenado (São João 3,14). Agora, referia-Se ao maná do deserto, e declarava que Ele era o verdadeiro Pão de que o maná tinha sido apenas uma prefiguração. E diria ainda:

Eu sou a luz do mundo.

(São João 8,12)

Eu sou a porta.
(São João 10,7-9)

Eu sou o bom pastor.
(São João 10,11-14)

Eu sou a Ressurreição e a Vida.
(São João 11,25)

Eu sou o caminho, a verdade e a vida.
(São João 14,6)

Eu sou a videira verdadeira.
(São João 15,1-5)

E se declara três vezes:

O pão da vida.
(São João 6,35-41.48-51)

Mais uma vez, Ele faz a sombra da Cruz aparecer. O pão deve ser partido; e Aquele que vinha de Deus havia de ser uma vítima sacrificial para que os homens pudessem verdadeiramente alimentar-se Dele. Assim, seria um Pão que resultaria da oferta voluntária da própria carne para resgatar o mundo da servidão do pecado para a novidade da vida.

E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.

A essas palavras, os judeus começaram a discutir, dizendo:

Como pode este homem dar-nos de comer a sua carne?
Então Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo:
se não comerdes a carne do Filho do Homem,
e não beberdes o seu sangue,
não tereis a vida em vós mesmos.
(São João 6,51-53)

Jesus não só Se denominou como aquele que descera do céu, mas como aquele que tinha descido para *dar-Se*, ou morrer. Somente quando Cristo fosse morto chegariam a compreender a glória do Pão que alimenta para a eternidade. Aqui, Ele estava referindo-se a Sua morte; pois a palavra “dar” expressava o ato sacrificial. A carne e o sangue do Filho de Deus Encarnado, que seria servida na morte, tornar-se-ia a fonte da vida eterna. Quando disse “minha carne”, queria dizer que o Verbo de Deus, ou o Filho, havia assumido uma natureza humana. Contudo, somente porque essa natureza humana estaria ligada à Personalidade Divina por toda a eternidade é que Ele podia dar vida eterna àqueles que a receberam. E quando disse que daria Sua carne pela vida do mundo, a palavra grega usada queria dizer “toda a humanidade”.

Suas palavras tornaram-se mais pungentes porque esta era a época da Páscoa. Embora vissem o sangue de um modo terrível, os judeus estavam naquela época levando seus cordeiros a Jerusalém, onde o sangue seria derramado às quatro direções da terra. A estranheza da declaração acerca de dar Seu corpo e sangue diminui em contraste com o pano de fundo da Páscoa; Jesus queria dizer que a sombra do cordeiro animal estava passando e que seu lugar seria assumido pelo verdadeiro Cordeiro de Deus. Assim como tinham comunhão com a carne e o sangue do cordeiro pascal, também teriam agora comunhão com a carne e o sangue do verdadeiro Cordeiro de Deus. Aquele que nasceu em Belém, a “casa do pão”, e foi posto em uma manjedoura, um lugar para alimentar animais, seria agora, para os homens, tão inferiores a Ele, o Pão da Vida. Tudo na natureza tem de ter comunhão para viver; por meio dela, o que é inferior se transforma no que é superior: os elementos químicos em plantas, as plantas em animais, os animais no homem. E o homem? Ele não deve elevar-se pela comunhão com Aquele que “desceu” do céu para tornar o homem um participante da natureza divina? Como mediador entre Deus e o

homem, Jesus disse que, assim como Ele vivia pelo Pai, assim também deviam viver por Ele:

Assim como o Pai que me enviou vive,
e eu vivo pelo Pai,
assim também aquele que comer
a minha carne viverá por mim.
(São João 6,57)

Quão carnal era comer do maná, e quão espiritual era comer da carne de Cristo! Era muito mais íntima a vida que vinha por meio Dele do que a do bebê alimentado pela mãe. Toda mãe de criança de colo pode dizer “Coma, este é meu corpo; este é meu sangue”. Entretanto, na verdade, a comparação termina aí; pois, na relação mãe-filho, ambos estão no mesmo nível. Na relação Cristo-humanidade, a diferença é aquela de Deus e homem, céu e terra. Além disso, nenhuma mãe jamais teve de morrer e assumir uma existência gloriosa em sua natureza humana antes que pudesse alimentar seu rebento. Nosso Senhor, contudo, disse que teria de “dar” a vida antes que fosse o Pão da Vida dos crentes. As plantas que alimentam os animais não vivem em outro planeta; os animais que alimentam os homens, não vivem em outro mundo. Se Cristo, então, tinha de ser a “vida do mundo”, tinha de fazer morada entre os homens como Emanuel ou “Deus conosco”, suprindo a vida da alma assim como o pão terreno é a vida do corpo.

No entanto, a mente dos ouvintes não se elevou mais alto que o físico, pois perguntaram: Como este *homem* pode dar-nos Sua carne para comer?

Era loucura para qualquer homem oferecer sua carne para ser comida. Contudo, não foram deixados no escuro por muito tempo, pois Nosso Senhor os corrigiu, dizendo que não seria um mero homem, mas “o Filho do Homem” quem a daria. Como de costume, esse título referia-se ao sacrifício expiatório que Ele haveria de oferecer. Não era o Cristo morto quem alimentaria os discípulos, mas o Cristo glorificado nos céus, que morreu, ressurgiu dos mortos e ascendeu aos céus. O mero alimento da carne e do sangue de um homem de nada serviria; mas a Carne e o Sangue glorificados do Filho do Homem renderiam a vida eterna. Assim como o homem morreu espiritualmente ao

comer fisicamente no Jardim do Éden, também voltaria a viver espiritualmente ao comer do fruto da Árvore da Vida.

As palavras de Cristo eram demasiadamente literais, e Ele esclareceu muitíssimas interpretações falsas, pois alguns dos ouvintes declararam que a Eucaristia (ou o corpo e o sangue que daria) era um mero tipo ou símbolo, ou que seus efeitos dependiam das disposições subjetivas do recebedor. Sempre que alguém *entendia errado* o que disse, era o método de Nosso Senhor corrigir aquela incompreensão, como quando Nicodemos pensou que “nascer de novo” significava voltar ao ventre materno. No entanto, sempre que alguém entendia corretamente o que disse, mas parecia encontrar Nele algum defeito, então *repetia* o que dissera. Nesse discurso, Nosso Senhor repetiu cinco vezes o que dissera acerca de Seu corpo e sangue. O significado pleno dessas palavras não fica evidente até a noite anterior a Sua morte. No último desejo e testamento, deixou aquilo que, ao morrer, nenhum outro homem fora capaz de deixar, a saber, Seu corpo, sangue, alma e divindade, pela vida do mundo.

A RECUSA A SER UM REI DE PÃO

O anúncio da eucaristia gerou uma das maiores crises de sua vida. A promessa de dar Seu corpo, sangue, alma e divindade para as almas dos homens O fez perder muito do que ganhara. Até o momento, teve quase todos atrás de Si: primeiro, as multidões ou as pessoas comuns; depois, a elite, os intelectuais e os líderes espirituais; e, por fim, os próprios apóstolos. No entanto, essa doutrina espiritual grandiosa era demais para eles. O anúncio da eucaristia dividiu seus seguidores. Não é de espantar que haja tal divisão de seitas no cristianismo quando cada homem decide por si mesmo se aceita um segmento do círculo da verdade do Cristo ou todo o círculo. O próprio Senhor foi responsável por isso. Pediu uma grande demonstração de fé à maioria dos homens. Sua doutrina era por demais sublime. Se tivesse tido uma mentalidade um pouco mais mundana, se só tivesse permitido que Suas palavras fossem tomadas como figuras de linguagem, se fosse menos imperativo, poderia ter sido mais popular.

No entanto, ele inquietou todos os seguidores. O Calvário seria o conflito armado; esse foi o início da guerra fria. O Calvário seria a crucifixão física; essa era a crucifixão social.

Perdeu as multidões. Criou um cisma entre os discípulos; enfraqueceu até mesmo o grupo dos apóstolos.

Perdeu as multidões: as massas, em geral, só se interessam por maravilhas e segurança. Quando multiplicou os pães e peixes, ele os deixou assustados. Quando encheu-lhes a barriga, satisfaz-lhes o senso de justiça social. Esse era o tipo de rei que desejavam, um rei de pão: “Afinal, o que mais a religião tem a oferecer ao homem a não ser dar-lhe segurança social?”, pareciam perguntar. As multidões tentaram forçá-Lo a se tornar rei. Era isso que Satanás queria

também! Encher as bocas, transformar pedras em pães e prometer prosperidade — essa é a finalidade da vida da maioria dos mortais.

Entretanto, Nosso Senhor não teria um reinado com base na economia da prosperidade. Torná-Lo rei era o ofício do Pai, não deles: Seu reinado seria de corações e almas, não para saciar o trato digestivo. Assim, o Evangelho nos diz que Ele rumou para as montanhas sozinho, para escapar da falsa coroa e da espada de lata.

Como as multidões estavam próximas da salvação! Queriam vida; Ele queria dar a *vida*. A diferença estava na interpretação de vida. É ofício do Cristo conquistar seguidores por programas sociais elaborados? Essa é uma forma de vida. Ou é ofício de Cristo estar disposto a perder todos os guiados pelo estômago à custa de alcançar poucos com fé, aos quais será dado o Pão da Vida e o Vinho que fecunda as virgens? Daquele dia em diante, Cristo não conquistou mais as multidões; dentro de vinte meses, elas gritariam: “Crucifica-o”, enquanto Pilatos diria “Eis o rei dos judeus”. Cristo não pode manter todos unidos: é Sua culpa, Ele é demasiado divino, demasiado interessado nas almas, demasiado espiritual para a maioria dos homens.

Naquele dia também perdeu outro grupo: a elite, os líderes intelectuais e religiosos. Eles o aceitariam como um reformador pacífico e gentil que “não extinguirá a mecha que fumega” (Isaías 42,3), mas quando veio a dizer que daria a própria vida, de modo mais profundo do que uma mãe dá a vida a uma criança de peito, isso foi demais. Portanto, nos diz o Evangelho:

Muitos dos seus discípulos, ouvindo-o,
disseram: Isto é muito duro!
Quem o pode admitir?
(São João 6,60)

Desde então, muitos dos seus discípulos
se retiraram e já não andavam com ele.
(São João 6,66)

Nosso Senhor Santíssimo, por certo, nunca teria permitido que o deixassem caso não tivessem compreendido o que dissera, ou seja, que Ele nos

daria sua própria vida para que pudéssemos viver. Só podia ser que, compreendendo corretamente, não conseguiram engolir isso. E ele permitiu que partissem. Ao saírem, disse-lhes:

Isso vos escandaliza?

Que será, quando virdes subir o Filho do Homem
para onde ele estava antes?...

(São João 6,61-62)

É claro que isso lhes desafiou a fé. Os homens não têm raciocínio? O que ele esperava que acreditassem? Que Ele era Deus? Que toda palavra que dizia era verdade absoluta? Que ele seria capaz de dar às almas famintas a mesma vida divina que viam diante de Seus olhos naquele momento? Por que não esquecer esse Pão da Vida e torná-lo uma figura de linguagem? Assim, Nosso Senhor os viu partir, e eles nunca mais voltaram. Um dia seriam encontrados instigando as massas contra Jesus, pois ainda que não O tivessem deixado pelo mesmo motivo, concordavam que deveriam retirá-Lo do meio deles.

Cristo perdeu tanto o joio como o trigo quando falou de Si como o Pão da Vida. Agora, todavia, veio a ruptura que Lhe causou o maior dos pesares — um pesar tão grande que, mil anos antes, fora profetizado como uma das dilacerações humanas que torturariam Sua alma — a perda de Judas. Muitos ficam a imaginar por que Judas rompeu com Nosso Senhor. Imaginam que foi somente no fim da vida de Nosso Senhor e que foi somente por amor ao dinheiro que foi forçado a romper. Era, de fato, avareza, mas o Evangelho nos conta a história surpreendente de que Judas afastou-se de Nosso Senhor no dia em que este anunciou que daria a própria carne pela vida do mundo. No meio dessa longa história do Corpo e Sangue de Cristo, o Evangelho nos conta que Nosso Senhor sabia quem O trairia. Ao demonstrar a Judas que sabia, disse:

Não vos escolhi eu todos os 12?

Contudo, um de vós é um demônio!...

(São João 6,70)

Diante da promessa do Pão dos Céus, Judas despedaçou-se; e ao dar a Eucaristia na noite da Última Ceia, Judas rompeu abertamente e O traiu.

Nosso Senhor, agora, marchava praticamente sozinho. Havia apenas 120 pessoas esperando por seu Espírito no Pentecostes. Perdera todos os três tipos: viu as multidões O abandonarem, a elite partir e Judas preparar-se para traí-Lo. Dessa maneira, voltou-se àquele a quem Ele associara tão intimamente consigo, o homem cujo nome Ele mudara de Simão para Pedro, ou Rocha, e disse-lhe:

Quereis vós também retirar-vos?
Respondeu-lhe Simão Pedro:
Senhor, a quem iríamos nós?
Tu tens as palavras da vida eterna.
E nós cremos e sabemos que
tu és o Santo de Deus!
(São João 6,67-69)

O coração de Cristo, contudo, já trazia em si a Cruz. Um de seus 12 era um traidor. A elite, que estava dividida entre si, agora se uniria contra Ele. E os cinco mil que estiveram em contato com Sua mão recusaram-se a estar em contato com o Seu coração. As forças estavam convergindo para “a hora”.

PUREZA E PROPRIEDADE

No início de Sua vida pública, o objetivo de Nosso Senhor era, por meio dos milagres, dos ensinamentos e do cumprimento das profecias, vincular os apóstolos a Si mesmo a ponto de que pudessem evitar a pressão externa e a rebelião natural da carne contra Ele como Servo Sofredor. No entanto, mesmo quando se tornaram devotados a Ele e aceitaram-No como Messias e Filho de Deus, recusavam a ideia da crucifixão, mesmo quando o Senhor disse que esta seria seguida pela Ressurreição. Eram como indiozinhos, todos querendo ser o cacique. A escuridão em que sua morte os lançou era outra prova do quanto estavam pouco preparados para o escândalo da Cruz. Não é de surpreender que Nosso Senhor não tenha falado com mais frequência sobre a Cruz, pois o pouco que ouviram não quiseram ouvir ou entenderam mal.

Muitas coisas ainda tenho a dizer-vos,
mas não as podeis suportar agora.
(São João 16,12)

Para preparar-lhes a alma para a obra de Sua vida e indicar as condições sob as quais entrariam em Seu Reino, o Salvador, entre outros assuntos, estendeu-se particularmente sobre a pureza e a pobreza. Sexo desregulado podia tornar-se luxúria; desejo desregulado por propriedade podia tornar-se avareza.

PUREZA

O assunto veio à tona quando os fariseus vieram perguntar ao Senhor se era lícito ao marido repudiar a mulher por qualquer motivo. A razão por que os fariseus fizeram essa pergunta era por conta de uma discussão entre duas escolas rivais de teologia judaica, a escola de Hilel e a de Shamai. Uma escola defendia que o divórcio podia ser dado por motivos triviais; a outra exigia prova de pecado grave antes que aprovasse o divórcio. A questão era ainda mais complicada pelo fato de o divórcio naquela época estar se tornando muito comum; os romanos, que eram os senhores do país, praticavam-no aberta e flagrantemente. Além disso, Herodes, o governador do país sob o domínio de Roma, estava vivendo com a esposa do irmão e assassinara João Batista.

O Divino Salvador, em resposta à pergunta, reafirmou o que já tinha dito no Monte e que também era defendido desde o princípio quanto à relação entre marido e mulher.

Assim, já não são dois, mas uma só carne.
Portanto, não separe o homem o que Deus uniu.
(São Mateus 19,6)

Quando os discípulos ouviram os comentários de Nosso Bendito Senhor sobre esse assunto — embora alguns talvez fossem casados, incluindo Pedro, com certeza — foram ao extremo oposto e concluíram:

É melhor não se casar!
(São Mateus 19,11)

Aqui o Salvador respondeu que, porque há infidelidade em alguns casamentos, deve haver outros que equilibrem os excessos pela abnegação. Se há excessos da carne, deve haver aqueles que renunciarão até mesmo a prazeres da carne legítimos; se há desordem na busca da propriedade, deve haver alguém que voluntariamente praticará a pobreza; se há os que são orgulhosos, deve haver outros que nem sequer insistirão nos próprios direitos, mas farão reparação dos atos de orgulho por humildade.

Nosso Senhor disse aos apóstolos que, no entanto, não deviam pensar que era melhor não se casar. Ao contrário, disse Ele:

Nem todos são capazes de compreender o sentido desta palavra, mas somente aqueles a quem foi dado.
Porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães,
há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e
há eunucos que a si mesmos se fizeram
eunucos por amor do Reino dos céus.
Quem puder compreender, compreenda.
(São Mateus 19,11-12)

O celibato é recomendado como um meio mais sábio, mas não é exigido da maioria. Mais tarde, Pedro deixou a esposa para pregar o Evangelho. Quando Nosso Bendito Senhor recomendou o celibato, era bem provável que os discípulos não estivessem pensando nessa condição como algo aplicado a eles mesmos, mas, ao contrário, estavam objetando à severidade do ensino do Mestre, alegando que dissuadiria os homens de se casar. A resposta dele mostra que tinham compreendido o que o Mestre queria dizer. O erro deles estava em não perceber a que alturas sacrificiais Ele chamaria os homens por causa de Seu Reino. Aquele que fundou a sociedade e que conhecia as compulsões do instinto sexual, ainda assim abriu espaço para alguns que seriam celibatários. Alguns nascem eunucos; outros, como Orígenes, tornam-se equivocadamente eunucos; mas há uma terceira classe, aqueles que, não por um ato físico, mas por um ato de renúncia e abnegação voluntária, abrem mão do prazer da carne pelas alegrias do espírito; é a estes que chamou eunucos pelo Reino dos Céus. Mais tarde, São Paulo, ouvindo sobre essa doutrina, escreveu:

Quisera ver-vos livres de toda preocupação.
O solteiro cuida das coisas que são do Senhor,
de como agradar ao Senhor.
O casado preocupa-se com as coisas do mundo,
procurando agradar à sua esposa,
[e assim fica dividido.]

(1 Coríntios 7,32-34)

O casamento é honroso; em momento algum Nosso Senhor disse que macula o senso espiritual ou as relações do homem com Deus; mas no celibato ou na virgindade a alma o escolhe como amante exclusivo.

PROPRIEDADE

Assim como o sexo é um instinto dado por Deus para a perpetuação da raça humana, também o desejo de propriedade como um prolongamento do ego de alguém é um direito natural sancionado pela lei natural. Uma pessoa é livre interiormente porque pode chamar sua alma de sua; é livre exteriormente porque pode chamar a sua propriedade de sua. Liberdade interior baseia-se no fato de que “eu sou”; liberdade exterior baseia-se no fato de que “eu tenho”. Mas, assim como o excesso de carne produz luxúria, pois a luxúria é o sexo no lugar errado, como a sujeira é a matéria no lugar errado, também pode haver uma desordem do desejo de propriedade até tornar-se ganância, avareza e agressão capitalista.

A fim de expiar, reparar e compensar os excessos da avareza e do egoísmo, Nosso Bendito Senhor dava agora aos apóstolos uma segunda lição de autossacrifício. A ocasião da primeira lição sobre a pureza foi uma pergunta dos fariseus acerca do casamento; a ocasião da segunda foi o encontro com um jovem questionador. Nosso Senhor teve a chance de conquistá-lo como discípulo; todavia, quando falou da Cruz, perdeu-o. O jovem que veio a Ele era rico e também funcionário da sinagoga. O desejo de associar-se ao Nosso Senhor manifestou-se pelo fato de ter chegado ao Mestre correndo e de ter se prostrado a Seus pés. Não havia dúvidas quanto à retidão do jovem; sua pergunta a Nosso Senhor foi:

Mestre, que devo fazer de bom
para ter a vida eterna?
(São Mateus 19,16)

Diferentemente de Nicodemos, o jovem não procurou Jesus à noite, mas reconheceu abertamente a bondade do Mestre. Acreditava não estar muito longe da grande conquista da vida eterna; tudo de que precisava era apenas alguma instrução e esclarecimento. O Salvador apontou o fato de que os homens sabem o suficiente, mas nem sempre praticam o suficiente. E, a fim de que o jovem não repousasse em alguma ideia imperfeita de bondade, o Senhor perguntou:

Por que me chamas bom?
Só Deus é bom.
(São Marcos 10,18)

Nosso Senhor não estava fazendo objeções a ser chamado bom, mas a ser tomado meramente como um bom mestre. O jovem tinha se dirigido a Ele como um grande mestre, mas ainda homem; reconheceu a bondade, mas ainda no nível da bondade humana. Se Jesus fosse meramente um homem, o título de bondade essencial não pertenceria a Ele. Havia escondida na resposta uma afirmação de Sua divindade. Só Deus é bom. Ele estava, portanto, convidando o jovem a clamar em alta voz: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo”.

O jovem admitiu que guardava os mandamentos desde a mocidade. Com isso, Nosso Senhor fixou os olhos nele e compadeceu-Se.

Quando o jovem perguntou

Que me falta ainda?,
(São Mateus 19,20)

Nosso Senhor respondeu:

Se queres ser perfeito,
vai, vende teus bens,
dá-os aos pobres
e terás um tesouro no céu.

Depois, vem e segue-me!
(São Mateus 19,21)

Não houve nenhuma condenação da riqueza aqui, assim como não houve condenação do casamento na pergunta anterior; houve, no entanto, uma perfeição mais elevada que a humana. Como um homem pode deixar a esposa, também um homem pode deixar a propriedade. A Cruz exigiria que as almas renunciassem ao que mais amavam e se contentassem com o tesouro que vem das mãos de Deus. Alguém pode perguntar por que o Senhor pede tal sacrifício. O Salvador permitiu que Zaqueu, um coletor de impostos, preservasse metade de seus bens; José de Arimateia, depois da Crucifixão, foi descrito como rico; a propriedade de Ananias era dele mesmo; Nosso Senhor comeu na casa de amigos ricos em Betânia. Mas aqui estava uma questão de um jovem que perguntou o que ainda lhe faltava no caminho da perfeição. Quando o Senhor lhe propôs o caminho ordinário da salvação, a saber, guardar os mandamentos, o jovem não se deu por satisfeito. Buscava algo mais perfeito; no entanto, quando o perfeito lhe foi proposto, isto é, a renúncia,

O jovem foi embora muito triste,
porque possuía muitos bens.
(São Mateus 19,22)

Há dois meios de demonstrar amor por Deus, um comum e outro heroico. O comum era guardar os mandamentos; o heroico era renunciar, tomar a cruz da pobreza voluntária. A honestidade do jovem desvaneceu; manteve suas posses e perdeu Aquele que lhe daria a Cruz. Embora tenha ficado com os bens, o jovem foi descrito como indo embora “muito triste”.

Quando o jovem saiu, Nosso Senhor disse aos apóstolos:

Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os ricos! [...]
É mais fácil passar o camelo pelo fundo de uma agulha
do que entrar o rico no Reino de Deus.
(São Marcos 10,23-25)

Nosso Senhor, então, voltou-se aos discípulos, a quem chamara ao caminho perfeito, e usou esse incidente para falar-lhes sobre as virtudes da pobreza. Assim como os discípulos antes tinham se perguntado se alguém deveria casar-se, agora se perguntavam como é que alguém poderia ser salvo. Os discípulos estavam “espantados” e perguntaram:

Quem pode então salvar-se?
(São Marcos 10,26)

Poderíamos nos perguntar o que passava na cabeça de um dos discípulos que estava, mesmo naquele momento, surrupiando da bolsa destinada aos pobres. Os discípulos eram aqueles que tinham ao menos implicitamente associado as riquezas com as bênçãos dos céus, assim como na história moderna não faltou quem considerasse que o favor divino sempre era conhecido pela prosperidade econômica. O rico chegou ao topo porque Deus o abençoou, dizem, e os pobres vão para a base porque Deus não os favoreceu. Ora, dizer que a riqueza era um obstáculo para o Reino de Deus era, de outro modo, o “escândalo da Cruz”. Os apóstolos sabiam que tinham renunciado aos barcos e às redes de pesca, por menores que fossem; mas ainda não se sentiam suficientemente livres da avareza para ser salvos. Foi esse agulhão divino de sua consciência que os fez se perguntar acerca da salvação, como na noite da Última Ceia todos perguntariam: “Sou eu?”. Visto que os olhos divinos estavam fixos neles, os discípulos perguntavam-se sobre o estado de suas almas. O Mestre Divino não lhes contou que estavam sendo rigorosos no julgamento de si mesmos. Jesus respondeu à pergunta deles acerca da salvação:

Jesus olhou para eles e disse:
Aos homens isto é impossível,
mas a Deus tudo é possível.
(São Mateus 19,26)

Porque um camelo não pode passar pelo furo de uma agulha, seria muito exagerado dizer que a mesma impossibilidade se põe no caminho da salvação

do homem; pois sempre há a possibilidade divina.

Pedro, mais uma vez agindo como porta-voz dos apóstolos, pediu mais explicações desse problema econômico de renunciar à propriedade. Ele ouvira Nosso Senhor falar da grandeza da recompensa reservada àqueles que O seguissem. Sabendo que tinham deixado seus negócios no mar a fim de segui-Lo, perguntou Pedro:

Eis que deixamos tudo para te seguir.
Que haverá então para nós?
(São Mateus 19,27)

Os apóstolos, evidentemente, não tinham deixado tantos bens materiais quanto o jovem rico teria de abandonar; mas não é a quantidade a que alguém renuncia que importa, mas o fato de que terá aberto mão de tudo. A caridade deve ser medida não pelo que foi distribuído, mas pelo que foi renunciado. Aqueles que optam por Cristo devem escolhê-Lo por amor a Ele, não por causa da recompensa. Foi só depois de terem se comprometido integralmente a segui-Lo que o Senhor falou de recompensa. Ele tinha recomendado a cruz; agora, falaria da glória que seria a consequência inevitável:

Em verdade vos declaro:
no dia da renovação do mundo,
quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória,
vós, que me haveis seguido,
estareis sentados em 12 tronos
para julgar as 12 tribos de Israel.
(São Mateus 19,28)

O Senhor os convidou a olhar para a grande regeneração, para uma nova ordem divina das coisas. O Filho do Homem que teria a Cruz na terra teria a glória no céu.

Quanto a eles, haveriam de ser as pedras fundamentais dessa nova ordem. Israel tinha sido fundada a partir dos 12 filhos de Jacó; assim também a nova

ordem haveria de fundar-se nesses 12 apóstolos, que deixaram tudo por Ele. No novo Reino, uma glória peculiar lhes seria dada como patriarcas da nova ordem. João, que estava entre eles no momento, mais tarde escreveria:

A muralha da cidade tinha 12 fundamentos
com os nomes dos 12 apóstolos do Cordeiro.
(Apocalipse 21,14)

Desenvolvendo a ideia de recompensa para aqueles que renunciam a seus bens, Jesus disse:

Em verdade vos digo:
ninguém há que tenha deixado casa ou irmãos,
ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras
por causa de mim e por causa do Evangelho
que não receba, já neste século, cem vezes mais casas,
irmãos, irmãs, mães, filhos e terras,
com perseguições e no século vindouro a vida eterna.
(São Marcos 10,29-30)

A “perseguição” foi incluída entre as recompensas, não como perda, mas como ganho. A recompensa centuplicada viria nem tanto apesar da perseguição, mas por causa dela. Se fossem fiéis até a morte, receberiam a coroa da vida; pois as aflições deste mundo não hão de se comparar às alegrias por vir. Assim, o Mestre deixou a marca do Calvário na carne e nas posses deles, dizendo aos apóstolos que renunciassem àquilo que outros desejariam manter. Pedro, que perguntara o que ganharia por ter deixado os barcos, já tinha sido informado de que seria o timoneiro da barca de Pedro, ou seja, a Igreja. Pedro nunca se esqueceu daquele dia, quando Nosso Senhor falou das bênçãos e incluiu a “perseguição” como algo bom. Mais tarde, em meio a alegrias e perseguições, escreveu:

Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo,

para que vos possais alegrar e exultar
no dia em que for manifestada sua glória.
Se fordes ultrajados pelo nome de Cristo,
bem-aventurados sois vós, porque o Espírito de glória,
o Espírito de Deus repousa sobre vós.
(1 São Pedro 4,13-14)

O TESTEMUNHO DO SENHOR ACERCA DE SI MESMO

Quanto mais uma pessoa se aproxima de Deus, menos digno se sente. Uma pintura à luz de velas mostra menos defeitos que sob o brilho do sol; assim também as almas que estão a alguma distância de Deus sentem-se mais persuadidas da própria integridade moral que as muito próximas Dele. Aqueles que deixaram os holofotes e os encantamentos do mundo e, por anos, são irradiados pelo semblante do Cristo são os primeiros a reconhecerem-se sobrecarregados pelo grande fardo do pecado. São Paulo, que é tão edificante para os homens, denomina-se “o primeiro dos pecadores” (1 Timóteo 1,15). Na presença da mais santa das criaturas, a alma acusa-se e fica de coração partido com o peso das próprias faltas. Assim como os homens maus sentem mais a própria culpa diante de um bebê inocente do que em companhia daqueles que são maus como Ele, do mesmo modo, quem ama a Deus é mais profundamente afligido pela sensação da própria indignidade.

No entanto, Cristo, Nosso Senhor Bendito, que afirmou ser um com Deus, vez alguma confessou um pecado ou uma imperfeição. Vagamente, isso pode ser atribuído à aridez moral, já que sua análise do pecado nos outros era tão penetrante. Que homem há no mundo que possa postar-se corajosamente diante da multidão e dizer:

Quem de vós me acusará de pecado?
(São João 8,46)

Ainda que Nosso Senhor Santíssimo tenha se envolvido com pecadores, nunca existiu uma ínfima suspeita contra sua inocência sem mácula. Disse aos discípulos para rezar “perdoai nossas ofensas”, mas nem mesmo na última agonia teve de pronunciar tal prece. Perdoou os pecados de outrem, em *Seu* nome: “Teus pecados te são perdoados” (São Lucas 5,20) e nunca pediu perdão. Enfrentou o desafio: “Se não podeis detectar uma falha moral em meu escudo, então me creditai com a verdade”. Porque era sem pecado, afirmou sua posição de tal maneira que fazia afirmações sobre toda a humanidade, como, por exemplo, denominar-se “a Luz” de um mundo em trevas:

Eu sou a luz do mundo;
aquele que me segue
não andar  em trevas,
mas terá a luz da vida.
(São João 8,12)

Notemos, não é seu ensinamento que é a luz do mundo, mas sim Ele. Assim como só existe um sol para iluminar fisicamente o mundo, também afirmava que Ele era a única luz para o mundo espiritual; sem Ele, toda alma estaria envolvida em trevas. Assim como a poeira em um cômodo não pode ser vista até que a luz entre, igualmente, nenhum homem pode conhecer a si até que essa luz lhe mostre sua verdadeira condi o. Ele, se fosse apenas um homem bom, nunca poderia alegar ser a luz do mundo; pois a Ele se aferrariam algumas armadilhas e falhas, até da melhor natureza humana. Buda escreveu um código que disse ser útil para guiar os homens nas trevas, mas nunca alegou ser a luz do mundo. O budismo nasceu de um desgosto com o mundo, quando o filho de um príncipe deixou mulher e filho, voltando-se dos prazeres da existência para os problemas da existência. Abrasado pelas chamas do mundo e delas já enfastiado, Buda voltou-se para a  tica.

Entretanto, Nosso Senhor nunca teve esse sentimento de descontentamento. Se Ele era a luz, não era por ter se ferido tropeçando nas trevas. Maomé admitiu, ao morrer, que não era a luz do mundo, mas disse: “Temente, suplicante, buscando abrigo, fraco e necessitado de misericórdia, confesso meu pecado diante de Ti, apresentando minha súplica como o pobre

implora ao rico”. Confúcio estava tão coberto pelas trevas do pecado que nunca fez tal alegação. Ele admitiu:

Não fui capaz de praticar a virtude corretamente, não fui capaz de proclamar ou buscar corretamente o que aprendi, fui incapaz de mudar o que estava errado — esses são os meus pesares [...]. Em conhecimento, talvez, iguale-me a outros homens, mas não fui capaz de transformar a essência do que é nobre em atos.

Antes da morte, Buda disse a Ananda, o discípulo preferido: “As doutrinas e as leis, ó Ananda, que ensinei e proclamei para ti, *elas* devem ser tuas mestras quando eu te deixar”.

Nosso Senhor deixou o mundo sem nenhuma mensagem escrita. Sua doutrina era Ele mesmo. O ideal e a história identificavam-se Nele. A verdade que todos os outros mestres da ética proclamaram e a luz que trouxeram ao mundo não estavam *neles*, mas *fora* deles. Nosso Senhor Santíssimo, no entanto, identificava a sabedoria divina consigo mesmo. Foi a primeira vez na história que isso foi feito, e, desde então, jamais o foi.

Ele ampliou essa identificação de Sua personalidade com a sabedoria quando disse:

Eu sou o caminho, a verdade e a vida;
ninguém vem ao Pai senão por mim.
Se me conhecêsseis,
também certamente conheceríeis meu Pai [...].
(São João 14,6-7)

Isso equivale a dizer que sem o caminho não há como ir; sem a verdade não há conhecimento; sem a vida não há viver. O caminho se torna adorável, não quando está em códigos abstratos e mandamentos, mas quando é pessoal. Assim como Platão certa vez disse: “É difícil descobrir o pai do mundo, e quando descoberto, não pode ser comunicado”. A resposta de Nosso Senhor a

Platão teria sido que descobrir o pai do mundo é difícil, a menos que ele seja revelado pela pessoa de seu filho.

Não há tal coisa como buscar primeiro a verdade e depois achar Cristo, como tampouco há motivo para acender velas a fim de encontrar o sol. Assim como as verdades científicas nos colocam em uma relação inteligente com o cosmo e como a verdade histórica nos coloca em uma relação temporal com a ascensão e queda das civilizações, do mesmo modo Cristo nos insere em uma relação inteligente com Deus Pai, pois Ele é a única Palavra possível pela qual pode dirigir-se a um mundo de pecadores.

Todas as coisas me foram dadas por meu Pai;
ninguém conhece o Filho, senão o Pai,
e ninguém conhece o Pai, senão o Filho
e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo.
(São Mateus 11,27)

A vida reside Nele em virtude de uma comunicação eterna com o Pai. Todos os que vieram antes Dele, que virão depois Dele e que podem oferecer qualquer outra via diferente Dele mesmo Jesus compara a ladrões e salteadores da humanidade.

Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.
Todos quantos vieram antes de mim foram ladrões e
salteadores,
mas as ovelhas não os ouviram.
Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo;
tanto entrará como sairá e encontrará pastagem.
(São João 10,7-10)

Jamais alguém fez da própria personalidade condição para assegurar a paz ou a vida eterna. Nosso Senhor, no entanto, identificou a personalidade com uma porta; é o símbolo da separação por que de um lado está o mundo e, do outro, o lar; mas também é um sinal de proteção, hospitalidade e

relacionamento. Como a antiga cidade de Troia nada tinha senão um portão, da mesma maneira Nosso Senhor disse que Ele é a única porta para a salvação. Estando unida a Ele, chamou-a de lugar de encontro, onde Ele e as almas encontram-se no êxtase do amor. “Vá e venha à vontade”, parece indicar uma união tanto da vida contemplativa quanto da vida real, pois a combinação de uma união interior com Cristo está combinada, aqui, com a obediência prática em um mundo de ação.

Não só Nosso Senhor identificou toda a verdade e vida consigo mesmo, como deixou claro sua pretensão de julgar o mundo — algo que nenhum homem comum jamais faria. Disse que, como juiz de tudo, voltaria mais uma vez, sentado em um trono de glória e assistido por anjos, para julgar todos os homens segundo as suas obras. A imaginação recua ao pensar que algum ser humano fosse capaz de penetrar nas profundezas de todas as consciências, descobrir todos os motivos ocultos e julgá-los por toda a eternidade. Entretanto, esse julgamento final estava muito longe e escondido dos olhos dos homens. Haveria um símbolo ou um ensaio do juízo final que seria a destruição de Jerusalém, realizada antes do fim da geração da época de Cristo. Isso também seria um prelúdio da destruição final no fim do mundo, quando o Reino de Deus seria instituído em sua fase eterna e gloriosa. Ao falar no fim do mundo, Ele disse:

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem.
Todas as tribos da terra baterão no peito
e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu
cercado de glória e de majestade.
Ele enviará seus anjos com estridentes trombetas,
e juntarão seus escolhidos dos quatro ventos,
duma extremidade do céu à outra.
(São Mateus 24,30-31)

Quando Ele vier julgar, não será apenas a área circunscrita da terra em que trabalhou e revelou-Se; ao contrário, serão todas as nações e impérios do mundo. O momento da segunda vinda ele conhece, não como homem, mas somente como Deus. Não dirá senão, como advertência, que será súbito, como

um relâmpago. Veio como o “homem de dores”; então virá em glória. Os atributos de sua humanidade sofredora serão necessários para sua identificação. Por isso, após a Ressurreição, manteve as cicatrizes. Com Ele estarão os anjos e todas as nações serão divididas em duas classes: ovelhas e bodes. Assim como dividiu os homens na terra em duas classes, a saber, os que O odiavam e os que O amavam, assim também os dividirá então. “Eu sou o bom pastor”, disse a respeito de Si mesmo. O título Ele o reivindicaria no último dia pela separação de seu rebanho de ovelhas do rebanho de bodes.

As ovelhas ouvirão elogios pelo serviço amoroso prestado a Ele, mesmo quando tiver sido um serviço inconsciente. Há muito mais pessoas amando-o e servindo-o do que se suspeita. Parece que os mais surpresos de todos serão os assistentes sociais, que perguntarão: “Quando foi que te vimos com fome? Foi o caso nº 643?”. Os malvados, por outro lado, descobrir-se-ão recusando-O quando negarem fazer coisa alguma por seus semelhantes em nome Dele.

Quando o Filho do Homem voltar na sua glória
e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso.
Todas as nações se reunirão diante dele
e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas
dos cabritos.
Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda.
Então o Rei dirá aos que estão à direita: — Vinde, benditos de
meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a
criação do mundo,
porque tive fome e me destes de comer;
tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes;
nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e
viestes a mim.
Perguntar-lhe-ão os justos: — Senhor, quando foi que te vimos
com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber?
Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te
vestimos?
Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos
visitar?

Responderá o Rei: — Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: — Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos.

Porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber;

era peregrino e não me acolhestes;

nu e não me vestistes; enfermo e na prisão e não me visitastes.

Também estes lhe perguntarão: — Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, peregrino, nu, enfermo, ou na prisão e não te socorremos?

E ele responderá: — Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.

E estes irão para o castigo eterno, e os justos, para a vida eterna.
(São Mateus 25,31-46)

As palavras de Cristo sugerem que a filantropia tem profundezas maiores do que, em geral, pensamos. As grandes emoções de compaixão e piedade levam a Ele; existem mais ações humanas do que estão cientes aqueles que as praticam. O Senhor identificou cada ato de bondade como expressão de compaixão para com Ele mesmo. Todo o bem é feito, explícita ou implicitamente, em Seu nome, ou é recusado, explícita ou implicitamente, em seu nome. Maomé disse que tinham de ser dadas esmolas, mas não em *seu nome*. Nosso Senhor estabeleceu essa condição, mas como simples homem, isso teria sido uma bobagem. Além disso, só uma vontade onisciente poderia julgar os motivos por trás de qualquer filantropia para decidir quando foi caridade ou quando foi autoelogio. Afirmou que o faria e com finalidade tal que as repercussões seriam eternas. Ele, que era o redentor, disse que também seria o juiz. É um belo arranjo da Providência que o juiz e o redentor se encontrem na mesma pessoa.

Quando levamos em conta Suas reiteradas afirmações acerca de Sua divindade — tais como pedir-nos para amá-Lo mais que aos pais, acreditar

Nele mesmo diante da perseguição, estar prontos para o sacrifício de nossos corpos para salvar nossas almas em união com Ele —, chamá-Lo apenas de homem bom é ignorar os fatos. Nenhum homem bom é bom a menos que seja humilde; e a humildade é o reconhecimento da verdade a respeito de si mesmo. Um homem que pensa ser maior do que é na realidade não é humilde, mas um tolo fútil e presunçoso. Como alguém pode alegar prerrogativas de consciência, a respeito da história, da sociedade e do mundo e ainda afirmar que é “manso e humilde de coração”? Entretanto, ele é Deus e homem, sua linguagem é apropriada e tudo o que diz é inteligível. Se, contudo, Ele não é aquilo que diz ser, então alguns de seus ditos mais preciosos nada são exceto repentes bombásticos de autoadulação que exalam mais o espírito de Lúcifer que o espírito de um homem bom. Qual o proveito de proclamar a lei e a autorrenúncia, se Ele mesmo renuncia a verdade para dizer-se Deus? Até mesmo Seu sacrifício na Cruz se torna suspeito e coisa datada quando postos lado a lado com as ilusões de grandeza e arrogância infernal. Não poderia ser chamado nem mesmo de mestre sincero, pois nenhum mestre sincero permitiria que alguém interpretasse suas alegações de modo a compartilhar da categoria e do nome do grande Deus dos céus.

A escolha que se apresenta diante dos homens é a hipótese da insinceridade culpável ou, de fato, Ele dizia a verdade literal e, portanto, sua palavra deve ser considerada. É mais fácil acreditar que Deus realizou obras de prodígio e misericórdia na terra em Seu filho divinal do que fechar os olhos da moral para o ponto mais brilhante que encontramos na história humana e, assim, cair em desespero. Não, nenhum ser humano pode ser bom! Ele teria sido arrogante e blasfemo ao fazer tais afirmações a respeito de Si mesmo. Em vez de estar acima de Seus seguidores morais que se denominam cristãos, estaria infinitamente abaixo do nível do pior deles. É mais fácil acreditar naquilo que Ele disse a respeito de Si, a saber, que Ele é Deus, do que explicar como o mundo poderia ter aceito como modelo um mentiroso rematado, um bufão soberbo. É só porque Jesus é Deus que o caráter humano de Jesus é uma manifestação do divino.

Devemos lamentar sua loucura ou adorar sua pessoa, mas não podemos nos basear no pressuposto de que era um mestre de cultura ética. Ou alguém pode dizer com Chesterton:

Esperar que a relva secasse e os pássaros caíssem mortos da altura de seus voos, quando um aprendiz de carpinteiro em sua lenta caminhada dissesse calmamente, quase por acaso, como quem está atento a alguma outra coisa: “Antes que Abraão existisse, eu sou”.¹⁷

O sargento romano, que tinha os próprios deuses e fora endurecido pela guerra e pela morte, veio a responder durante a crucificação, quando ambas, razão e consciência, afirmaram a verdade:

Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!
(São Mateus 27,54)

Nota

17 | G. K. Chesterton, *O Homem Eterno*. Trad. Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 210. (N. T.)

TRANSFIGURAÇÃO

Três cenas importantes da vida de Nosso Senhor aconteceram nas montanhas. Em uma delas, pregou as bem-aventuranças, cuja prática seria crucificada pelo mundo; na segunda, mostrou a glória que estava além da Cruz; e, na terceira, ofereceu-Se a Si mesmo na morte como prelúdio de Sua glória e de todos os que cressem em Seu nome.

O segundo incidente ocorreu a algumas semanas, no máximo, do Calvário, quando levou consigo para a montanha Pedro, Tiago e João — Pedro, a Rocha; Tiago, destinado a ser o primeiro apóstolo mártir; e João, o visionário da glória futura do Apocalipse. Esses três estavam presentes quando Ele ressuscitou a filha de Jairo. Os três precisavam aprender a lição da Cruz e corrigir as falsas concepções do Messias. Pedro protestara veementemente contra a Cruz, enquanto Tiago e João estavam em busca do trono. Os três, mais tarde, caíam no sono no Jardim do Getsêmani durante a agonia do Senhor. Para crer no Calvário, tinham de ver a glória que brilhava para além do martírio da Cruz.

No topo da montanha, depois de orar, Jesus transfigurou-Se diante deles, quando a glória de Sua divindade reluziu através dos fios das vestes terrenas. Não era tanto uma luz que estava brilhando desde fora, mas a beleza da divindade que brilhava desde dentro. Não era a plena manifestação da divindade que nenhum homem da terra podia ver; nem era Seu corpo glorificado, pois ainda não tinha ressurgido dos mortos, mas havia ali uma manifestação da glória. Seu berço, o ofício de carpinteiro, o opróbrio suportado dos inimigos era uma humilhação; convenientemente, tinha de haver também epifanias da glória, como o cântico dos anjos em Seu nascimento e a voz do Pai durante o batismo.

Agora, enquanto se aproximava do Calvário, uma nova glória o circunda. Mais uma vez a voz o investe com os trajes do sacerdócio, para oferecer sacrifício. A glória que brilhava em torno Dele como no Templo de Deus não era algo com que Ele foi investido exteriormente, mas a expressão natural da graça inerente “daquele que desceu do Céu”. O milagre não era o brilho momentâneo em torno Dele; ao contrário, era que em todo o restante do tempo fosse reprimido. Assim como Moisés, depois de comungar com Deus, pôs um véu sobre o rosto para ocultá-lo do povo de Israel (Êxodo 34,29-35), também Cristo velou Sua glória na humanidade. Entretanto, por esse breve momento, retirou o véu, de modo que os homens podiam vê-la; a emanção desses raios era a proclamação transitória a cada olho humano do Sol da Justiça. À medida que a Cruz se aproxima, Sua glória aumenta. Assim, pode ser que a chegada do Anticristo ou a crucifixão final do bem seja precedida por uma glória extraordinária de Cristo em seus membros.

No homem, o corpo é um tipo de prisão da alma. Em Cristo, o Corpo era o Templo da Divindade. No Jardim do Éden, sabemos que o homem e a mulher estavam nus, mas não se envergonhavam. E isso porque a glória da alma antes do pecado brilhava pelo corpo e se tornava uma espécie de traje. Aqui também, na Transfiguração, a divindade brilhava através da humanidade. Isso provavelmente era muito mais natural para Cristo do que ser visto de qualquer outra forma, ou seja, sem essa glória. O resplendor teve de ser contido para ocultar a divindade que estava Nele.

Enquanto orava, transformou-se o seu rosto
e as suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura.
E eis que falavam com ele dois personagens:
eram Moisés e Elias, que apareceram envoltos em glória,
e falavam da morte dele, que se havia de cumprir em
Jerusalém.
(São Lucas 9,29-31)

O Antigo Testamento vinha encontrar-se com o Novo. Moisés, o “editor” da Lei, Elias, o chefe dos profetas — ambos foram vistos brilhando à Luz do Próprio Cristo que, como Filho de Deus, deu a Lei e enviou os profetas. O

assunto da conversa de Moisés, Elias e Cristo não foi o que tinha ensinado, mas Sua morte sacrificial; foi Seu dever como Mediador que cumpriu a Lei, os Profetas e os Decretos Eternos. Cumprida a missão deles, apontaram para Jesus a fim de verem a Redenção consumada.

Assim, Jesus manteve diante de Si o alvo de ser “contado entre os transgressores”, como profetizara Isaías. Até nesse momento de glória a Cruz é o tema do discurso com os visitantes celestiais. No entanto, era a morte vencida, o pecado expiado e o sepulcro vazio. A luz da glória que envolveu a cena era uma alegria como o “já posso morrer”, que Jacó disse ao ver José (Gênesis 46,30), ou como o *Nunc Dimittis*, que Simeão pronunciou ao ver o Menino Deus. Ésquilo, em seu Agamenon, descreve um soldado que volta à terra natal depois da Guerra de Troia e em sua alegria diz que estava pronto para morrer. Shakespeare põe essas mesmas palavras alegres na boca de Otelo depois dos perigos da viagem:

A morte, agora, para mim seria
Uma felicidade, pois tão grande
É a ventura que da alma se me apossa,
Que não pode, receio-o, reservar-me
Outra igual o futuro nebuloso.¹⁸

No caso de Nosso Senhor, foi como São Paulo disse: “Em vez de gozo que se Lhe oferecera, Ele suportou a cruz” (Hebreus 12,2).¹⁹

O que os apóstolos observaram como particularmente belo e glorificado era Seu rosto e Suas vestes — o rosto que mais tarde estaria salpicado com o sangue que escorreria de uma coroa de espinhos; e as vestes, que logo seriam trocadas por uma túnica desprezível com que Herodes O vestiria como escárnio. O tecido de luz que agora O vestia seria trocado pela nudez quando Ele fosse maltratado em outra montanha.

Enquanto os apóstolos permaneciam no que parecia ser um vestíbulo do céu, formou-se uma nuvem que os cobriu:

Falava ele ainda, quando veio
uma nuvem luminosa e os envolveu.

E daquela nuvem fez-se ouvir
uma voz que dizia:
Eis o meu Filho muito amado,
em quem pus toda minha afeição; ouvi-o.
(São Mateus 17,5)

Quando Deus faz aparecer uma nuvem, é um claro sinal de que há grilhões que o homem não ousa romper. Em Seu batismo, os céus se abriram; agora, na Transfiguração, abriram-se novamente para empossá-Lo no posto de Mediador, e para distingui-Lo de Moisés e dos profetas. Era o próprio céu que O estava enviando em missão, não a vontade pervertida dos homens. No batismo, a voz dos céus dirigia-se ao próprio Jesus; no monte da Transfiguração, dirigia-se aos discípulos. Os gritos de “Crucifica” seriam demais para os ouvidos deles se não soubessem que o Filho havia de padecer. Não era a Moisés nem a Elias que tinham de ouvir, mas àquele que aparentemente morreria como qualquer outro mestre — e, no entanto, era mais que um profeta. A voz dava testemunho da união inviolada e indivisa do Pai e do Filho; também lembrava as palavras de Moisés segundo as quais, no devido tempo, Deus suscitaria de Israel alguém como Ele, a quem haveriam de ouvir.

Os apóstolos, despertando com o esplendor do que tinham visto, encontraram seu porta-voz, como quase sempre, em Pedro.

Quando estes se apartaram de Jesus, Pedro disse:
Mestre, é bom estarmos aqui.
Podemos levantar três tendas:
uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias!...
Ele não sabia o que dizia.
(São Lucas 9,33-34)

Uma semana antes, Pedro estava tentando achar um caminho para a glória, sem Cruz. Agora pensou que a Transfiguração seria um bom atalho para a salvação por ter um Monte das Bem-Aventuranças ou um Monte da Transfiguração, sem o Monte do Calvário. Foi a segunda tentativa de Pedro de dissuadir Nosso Senhor de ir a Jerusalém para ser crucificado. Antes do

Calvário, era o porta-voz de todos aqueles que entrariam na glória sem comprá-la com renúncia e sacrifício. Pedro, em sua impetuosidade, sentiu então que a glória que Deus trouxe dos céus e que os anjos cantaram em Belém podia ser abrigada entre os homens sem uma guerra contra o pecado. Pedro esqueceu que, assim como a pomba só descansou os pés depois do dilúvio, também a verdadeira paz só viria depois da Crucifixão.

Como uma criança, Pedro tentou capitalizar e fazer permanente essa glória passageira. Para o Salvador, era uma antecipação do que estava refletido do outro lado da Cruz; para Pedro, era uma manifestação de uma glória messiânica terrena que havia de ser abrigada. O Senhor, que chamou Pedro de “Satanás” porque insistia em uma coroa sem Cruz, agora ignorava seu humanismo sem cruz, pois sabia que “Pedro não sabia o que dizia”. Depois da Ressurreição, entretanto, Pedro saberia. Então se lembraria da cena, dizendo:

Na realidade, não é baseando-nos em hábeis fábulas imaginadas

que nós vos temos feito conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo,

mas por termos visto a sua majestade com nossos próprios olhos.

Porque ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando do seio da glória magnífica lhe foi dirigida esta voz: Este é o meu Filho muito amado, em quem tenho posto todo o meu afeto.

Esta mesma voz que vinha do céu nós a ouvimos, quando estávamos com ele no monte santo.

Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a estrela da manhã se levante em vossos corações.

(2 São Pedro 1,16-19)

Notas

18 | William Shakespeare, *Teatro completo: Tragédias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Agir, p. 622. (N. T.)

19 | A autoria do livro de Hebreus é tradicionalmente atribuída a São Paulo. (N. T.)

AS TRÊS DISCUSSÕES

Um Deus-homem que sofre é um escândalo. Os homens não gostam de ouvir a respeito de seus pecados e da necessidade de expiá-los. Por isso, sempre que Jesus arrastava Sua Cruz e exibia Sua necessidade diante dos apóstolos, eles começavam a brigar com Ele ou entre si. Ainda estavam obcecados com a ideia de que o Reino seria político, e não espiritual. Se Ele iria para o Calvário, então seria melhor que “cobrassem” o mais depressa possível recompensas, postos ou privilégios que estivessem imediatamente disponíveis. Quanto mais explícita a predição de sua Cruz, mais as ambições, as invejas e animosidades aumentavam.

Nada é mais belo no caráter de Nosso Senhor do que a maneira como preparou os apóstolos para essa lição intragável de derrota aparente como condição de vitória. Como eles eram lentos para compreender a história de por que ele *deveria* sofrer! Não é de admirar que Nosso Senhor falasse abertamente, mas com raridade, de sua Cruz e Ressurreição. Pois era algo que poucos podiam entender até depois que viesse a acontecer e o Espírito de Cristo viesse aos seguidores. Muitas foram as vezes em que falou de Sua morte de maneira velada, mas houve vezes em que foi explícito sobre o propósito de Sua vinda:

1. Depois da afirmação de Pedro de sua divindade e de conferir o poder das chaves;
2. Depois de sua transfiguração a caminho de Cafarnaum;
3. Na última viagem a Jerusalém.

Mas que reações estranhas da parte dos apóstolos! Era como se pudessem, eles mesmos, resgatar dos destroços do Reino algum vestígio de poder e autoridade. Que a Cruz era a condição pela qual o Reino seria inaugurado estava muito distante de seus pensamentos.

A PRIMEIRA DISCUSSÃO: CESAREIA DE FILIPE

Quando Nosso Senhor Santíssimo chegou a essa que era a cidade mais ao norte da Terra Santa, uma cidade com população dividida entre judeus e pagãos, falou da igreja que instituiria. Entretanto, antes que o fizesse, tinha de deixar clara a forma de governo que a regeria. Essas poderiam ser três: democrática, aristocrática e teocrática. A democrática é aquela em que a autoridade e a verdade são decididas por voto ou por uma maioria aritmética; a aristocrática é aquela em que a autoridade deriva de uns poucos escolhidos; a teocrática, a que o próprio Deus oferece e guia a revelação e a verdade.

Ao apelar primeiro à democrática, perguntou aos apóstolos qual era, em geral, a opinião popular a respeito Dele. Se houvesse uma eleição ou votação com base no juízo falho dos homens, qual seria a resposta deles a essa questão?

No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?
(São Mateus 16,13)

A inabilidade dos homens para concordar a respeito de Sua divindade foi revelada na resposta:

Uns dizem que é João Batista;
outros, Elias;
outros, Jeremias
ou um dos profetas.
(São Mateus 16,14)

A opinião humana pode dar apenas opiniões conflitantes, contrárias e contraditórias. As quatro opiniões populares demonstram que Nosso Senhor

desfrutava de uma reputação ilibada entre os compatriotas, mas nenhuma delas o havia reconhecido por aquilo que Ele era. Herodes Antipas imaginava que Nosso Senhor era alguém animado pelo espírito de João Batista; outros pensavam que Ele era Elias porque subira aos céus; e outros, Jeremias, porque alguns acreditavam que Jeremias viria como o precursor do Messias.

Visto que nenhuma Igreja poderia ser instituída nesse tipo de confusão, Nosso Senhor, então, voltou-Se para a forma aristocrática de governo ao perguntar a seus eleitos, seu pequeno parlamento, o grupo dos apóstolos, o ponto de vista deles.

E vós quem dizeis que eu sou?
(São Mateus 16,15)

A pergunta era para todos os que ouviram seus ensinamentos, viram os milagres e foram agraciados até mesmo com o poder de operar milagres em outrem. Essa Câmara Alta não tinha resposta — em parte porque não concordavam entre si; em cinco minutos estariam discutindo. Judas duvidava da sagacidade financeira de Jesus; Filipe duvidava de suas relações com o Pai dos Céus; e todos, mais ou menos, esperavam por algum libertador secular que poria fim às águias ruidosas de Roma no território deles.

Então, sem pedir ou sem o consentimento dos outros, Pedro adiantou-se e deu a resposta correta e final:

Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!
(São Mateus 16,16)

Pedro confessou que Cristo era o verdadeiro Messias, enviado por Deus para revelar Sua vontade aos homens e cumprir todas as profecias e a lei. Era o Filho de Deus, gerado desde toda a eternidade, mas também o Filho do Homem gerado no tempo — verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Nosso Senhor revelou a Pedro que ele não sabia disso por si mesmo: nenhum estudo ou discernimento natural jamais poderia revelar essa grande verdade.

Feliz és, Simão, filho de Jonas,
porque não foi a carne nem o sangue
que te revelou isto,
mas meu Pai que está nos céus.
(São Mateus 16,17)

Nosso Senhor chamou-o, primeiro, pelo nome que tinha antes de ser convocado para ser apóstolo. Então, chamou-o pelo novo nome que Ele lhe deu, ou seja, Pedro, indicando que era sobre ele, a rocha, que edificaria Sua Igreja. Nosso Senhor se dirigiu a Pedro na segunda pessoa do singular para indicar que não era a confissão da divindade feita por Pedro, mas o próprio Pedro que deveria deter o primado na Igreja.

E eu te declaro: tu és Pedro,
e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja;
as portas do inferno não prevalecerão contra ela.
Eu te darei as chaves do Reino dos céus:
tudo o que ligares na terra será ligado nos céus,
e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.
(São Mateus 16,18-19)

Depois de prometer que as portas do Inferno, o erro, o mal, nunca dominariam Sua Igreja, Nosso Senhor fez a primeira de Suas confissões mais explícitas a respeito de Sua morte iminente. Já tinha dado muitas pistas veladas a respeito disso, mas os apóstolos foram lentos em reconhecer que o Messias sofreria como previra Isaías. Deixaram escapar por completo a consequência daquilo que Ele sugerira ao purificar o templo: que Ele era o templo de Deus e que o templo seria destruído. Esqueceram-se de seu ensinamento sobre a serpente erguida como uma profecia de como o Filho do Homem seria erguido na cruz. Entretanto, agora que o homem a quem escolhera como chefe de Seu corpo apostólico confessara Sua divindade, mostrou-lhes abertamente que o caminho da glória, tanto para Si como para eles, levava-os ao sofrimento e à morte.

Desde então, Jesus começou a manifestar a seus discípulos que precisava ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos,
dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas;
seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia.
(São Mateus 16,21)

Nosso Senhor não Se manifestou abertamente a respeito de Sua morte enquanto os apóstolos acreditavam que Ele era somente um homem, mas, uma vez que fora reconhecido como Deus, falou de maneira franca sobre a morte. Isso aconteceu para que Sua morte pudesse ser vista à luz apropriada, como um sacrifício em favor dos pecadores.

Mais uma vez, surgiu o misterioso “dever” que regeu Sua vida. Era a amarra forte que o unia e era feita de uma urdidura e de uma trama; por um lado, a obediência ao Pai e, por outro, o amor aos homens. Porque podia salvar, deveria morrer. O “dever” não era simplesmente uma morte, posto que imediatamente mencionou a Ressurreição no terceiro dia.

Houve uma conexão intrínseca entre a afirmação da divindade de Cristo e Sua morte e Ressurreição. No exato momento em que Cristo recebeu o mais sublime de todos os títulos e foi feita a confissão de sua mais excelsa dignidade, Ele profetizou sua maior humilhação. Ambas as naturezas de Cristo, a humana e a divina, estavam envoltas nessa predição, a saber, a do Filho do Homem que aparecera diante deles e a do Filho do Deus Vivo que acabara de ser reconhecido.

Pedro estava cheio de orgulho da autoridade que acabara de lhe ser dada, chamou Nosso Senhor à parte e começou a censurá-Lo, dizendo:

Que Deus não permita isto, Senhor!
Isto não te acontecerá!
(São Mateus 16,22)

Pedro podia aceitar a divindade de Cristo; o sofrimento, não. A pedra tornara-se pedra de tropeço; Pedro teria, por ora, um meio Cristo, o Cristo divino, mas não o Cristo redentor. Entretanto, meio Cristo não era Cristo

algum. Teria o Cristo cuja glória foi anunciada em Belém, mas não o Cristo em pleno orbe, que seria um sacrifício pelos pecados na Cruz.

Pedro pensou: se ele era o Filho de Deus, por que deveria sofrer? Satanás no monte da tentação tentou-O a fugir da Cruz prometendo popularidade por intermédio da oferta do pão, da realização de maravilhas científicas ou de tornar-se um ditador. Satanás não confessou a divindade de Cristo, já que prefaciou cada tentação com um “se” — “Se és o Filho de Deus”. Crédito seja dado a Pedro, pois confessou a divindade. Entretanto, juntamente com essa diferença, havia uma semelhança: ambos, Pedro e Satanás, tentaram Cristo a fugir de Sua Cruz e, portanto, da redenção. Não redimir estava no pensamento de Satanás; ter a coroa sem a Cruz era o espírito de Satã. Também era, contudo, o espírito de Pedro. Assim, Nosso Senhor chamou-o de Satanás:

Afasta-te, Satanás!
Tu és para mim um escândalo;
teus pensamentos não são de Deus,
mas dos homens!
(São Mateus 16,23)

Em um momento desprotegido, Pedro deixou Satanás entrar em seu coração, tornando-se uma pedra de tropeço no caminho do Calvário. Pedro acreditava ser indigno que Cristo sofresse, mas, para Nosso Senhor, tais pensamentos eram humanos, carnis e até mesmo satânicos. Somente pela iluminação divina, Pedro ou qualquer outro O reconheceriam como Filho de Deus; mas seria necessária outra iluminação divina para Pedro ou outro qualquer reconhecê-Lo como redentor. Pedro o teria tomado como mestre de ética humanitária — mas Satanás, igualmente.

Pedro nunca esqueceu essa reprimenda. Anos depois, ainda tendo em mente a ideia da pedra de tropeço, escreveu sobre os que se recusam a aceitar o sofrimento de Cristo como ele o fizera em Cesareia de Filipe:

Mas, para os incrédulos,
a pedra que os edificadores rejeitaram
tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço,

uma pedra de escândalo.
(1 São Pedro 2,7)

Está evidente que os apóstolos tiveram um porta-voz eloquente em Pedro e que estavam igualmente estarecidos com o sofrimento do mestre, visto que, depois de repreender Pedro, falou a todos os discípulos e ordenou, até à multidão, que guardassem suas palavras. Aos que, algum dia, professassem ser seus seguidores, enumerou três condições:

Se alguém me quer seguir,
renuncie-se a si mesmo,
tome a sua cruz e siga-me.
(São Marcos 8,34)

A Cruz foi o motivo de Sua vinda; agora, Ele a tornou o destino de seus seguidores. Não tornou o cristianismo fácil, pois sugeriu não só que deve existir uma renúncia voluntária de tudo o que dificulta assemelharem-se a Ele, mas também deve haver sofrimento, vergonha e morte na cruz. Não têm de alardear uma trilha de sacrifícios, mas apenas de seguir com zelo a trilha do Homem das Dores. Nenhum discípulo é chamado para uma tarefa não experimentada. Ele tomou a cruz primeiro. Somente os dispostos a ser crucificados com Ele podem ser salvos pelos méritos de Sua morte e somente os que suportam a cruz podem realmente compreendê-Lo.

Não se questionou se os homens teriam ou não o sacrifício em suas vidas; foi apenas uma questão de que vida deveriam sacrificar, a vida superior ou a inferior!

Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á;
mas quem sacrificar a sua vida
por amor de mim, salvá-la-á.
(São Lucas 9,24)

Se a vida física, natural, biológica fosse salva pelo prazer, então a vida superior do espírito estaria perdida; mas, se a vida superior do espírito fosse a escolhida para a salvação, então a vida inferior ou física tinha de ser submetida à cruz e à autodisciplina. Deve haver algumas virtudes naturais sem a cruz, mas, sem ela, nunca haverá crescimento em virtude.

Carregar a cruz, explicou então, tinha por base a permuta. Permutar indica algo que a pessoa pode passar bem sem ter. Um homem pode passar bem sem dez centavos, mas não pode passar bem sem o pão que os dez centavos podem comprar; então troca um pelo outro. Sacrifício não significa “desistir” de alguma coisa como se fosse uma perda; antes, é uma permuta: uma troca de valores inferiores por alegrias superiores. Nada, todavia, em todo o mundo vale uma alma.

Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro,
se vier a perder a sua vida?
Ou que dará o homem em troca da sua vida?
(São Marcos 8,36-37)

Nesse exato momento, os apóstolos envergonharam-se Dele porque falava de Sua derrota e morte. Advertiu a respeito de qualquer um que tivesse vergonha Dele, de suas palavras ou que O negasse em tempos de perseguição. Se fosse só um mestre, teria sido absurdo da parte Dele reivindicar que todos os homens deveriam, aberta e desavergonhadamente, confessá-Lo como Senhor e Salvador. Teria sido suficiente se declamassem um ou outro de Seus ensinamentos. Entretanto, aqui, faz disso a condição para ser salvo; que os homens, com coragem, confessem que Ele, o Filho de Deus, foi crucificado.

Porque, se nesta geração adúltera e pecadora
alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras,
também o Filho do homem se envergonhará dele,
quando vier na glória de seu Pai com os seus santos anjos.
(São Marcos 8,38)

A SEGUNDA DISCUSSÃO: CAFARNAUM

O segundo anúncio público de sua Paixão foi depois da transfiguração e da expulsão do demônio do menino. O mestre e seus apóstolos tinham se encaminhado em direção a Cafarnaum. Os muitos milagres que Nosso Senhor realizara entre Cesareia de Filipe e Cafarnaum deixaram os apóstolos muito agitados.

Todos ficaram pasmados ante a grandeza de Deus.
(São Lucas 9,43)

Os apóstolos começaram a traduzir esse poder em esperança de uma realeza terrena e uma soberania humana, apesar das lições severas que foram dadas a respeito da cruz. Esse tipo de entusiasmo religioso, que deixaria a humanidade sem redenção, Nosso Senhor desaprovou:

Como todos se admirassem de tudo o que Jesus fazia,
disse ele a seus discípulos:
Gravai nos vossos corações estas palavras:
O Filho do Homem há de ser entregue às mãos dos homens!
(São Lucas 9,43-44)

O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens,
e matá-lo-ão; e ressuscitará três dias depois de sua morte.
(São Lucas 9,31)

Nosso Senhor repetiu claramente a profecia do Calvário a fim de que, quando ela acontecesse, seus discípulos não fraquejassem na fé ou o abandonassem. As repetidas declarações também lhes asseguravam que Ele não iria para a Cruz por coação, mas como um sacrifício voluntário. A perspectiva que Nosso Senhor lhes apresentou acerca de Sua morte foi vista com aversão. Não só se recusaram a prestar atenção como até dispensaram Nosso Senhor de quaisquer perguntas a esse respeito.

Eles, porém, não entendiam esta palavra e era-lhes obscura,
de modo que não alcançaram o seu sentido;
e tinham medo de lhe perguntar a este respeito.
(São Lucas 9,45)

O segundo anúncio de sua morte e glória provocou uma segunda discussão. Ao voltar de Cafarnaum, disputavam entre si, mas não ao alcance dos ouvidos de Nosso Senhor.

Veio-lhes então o pensamento de qual deles seria o maior.
(São Lucas 9,46)

Como deve ter sido superficial a impressão que Nosso Senhor lhes causou ao falar sobre Sua morte, pois ainda se questionavam sobre a prioridade naquilo que imaginavam ser uma configuração política e econômica chamada Reino de Deus! Dos lábios do Divino Mestre ouviram alguma coisa sobre seus padecimentos, mas agora disputavam sobre classificação. Possivelmente, a posição mais alta dada a Pedro em Cesareia de Filipe intensificou a disputa; talvez, também, o fato de Pedro, Tiago e João terem sido escolhidos como testemunhas da transfiguração tenha despertado ressentimentos. De qualquer maneira, discutiam, como sempre, todas as vezes que Ele desvelava a Cruz.

Ao saber que a crise estaria próxima quando instituísse o Reino, estavam agitados pela ambição. Entretanto, Nosso Senhor sabia o que se passava no coração deles e, ao chegar na casa de Cafarnaum onde, como de costume, desfrutavam da hospitalidade, provavelmente, de Pedro:

Quando já estava em casa, Jesus perguntou-lhes:
De que faláreis pelo caminho?
Mas eles calaram-se, porque pelo caminho
havia discutido entre si qual deles seria o maior.
(São Marcos 9,33-34)

As vozes, que eram altas na estrada ao discutir, estavam agora quietas quando o mestre leu os pensamentos e as próprias consciências os acusavam. A pouca atenção que deram às Suas palavras a respeito da Cruz pode ser o motivo para não compreenderem por que Aquele, cheio do poder que viram nos milagres e na ressurreição de mortos, deveria ser aparentemente tão impotente. Por que Ele se submeteria à morte se, a qualquer momento, poderia livrar-se dela? Era um mistério que não podia ser compreendido até que se completasse e, mesmo depois de seu cumprimento, ainda permanecia um escândalo entre os judeus e os gregos que não acreditavam. Como escreveu São Paulo aos coríntios:

Os judeus pedem milagres,
os gregos reclamam a sabedoria;
mas nós pregamos Cristo crucificado,
escândalo para os judeus e loucura para os pagãos;
mas, para os eleitos — quer judeus quer gregos —,
força de Deus e sabedoria de Deus.
(1 Coríntios 1,22-24)

É evidente que o homem natural ou carnal foi orientado para recebê-Lo como Aquele que veio para trazer um código moral do tipo que pode ser exposto em exibição nos gramados das igrejas; mas tomá-Lo como Aquele que veio ao mundo como “resgate” para a humanidade requeria uma sabedoria superior, como sugeriu São Paulo:

Mas o homem natural
não aceita as coisas do Espírito de Deus,
pois para ele são loucuras.
Nem as pode compreender,
porque é pelo Espírito que se devem ponderar
(1 Coríntios 2,14)

Dessa vez, para corrigir as ideias falsas de superioridade, com grande solenidade, chamou para Si uma criança:

E, tomando um menino,
colocou-o no meio deles; abraçou-o.
(São Marcos 9,36)

Já que os apóstolos haviam discutido quem era o maior no Reino, Nosso Senhor, naquele momento, deu a resposta às suas mentes ambiciosas:

Em verdade vos declaro:
se não vos transformardes e
vos tornardes como criancinhas,
não entrareis no Reino dos céus.
Aquele que se fizer humilde como esta criança
será maior no Reino dos céus.
(São Mateus 18,3-4)

O maior de todos os discípulos seria aquele que fosse como uma criança; pois a criança figura como um representante de Deus e de Seu Divino Filho na terra. Havia nobreza em seu Reino, mas era oposta à categorização do mundo. Em seu Reino, a pessoa ascendia por afundar, aumentava por diminuir. Disse que não veio para ser servido, mas para servir. Ele próprio era a humilhação exemplificada como a que remontava às profundezas da derrota na cruz. Já que não compreendiam a cruz, ordenou-lhes que aprendessem da criança a quem abraçava de todo o coração. Os maiores são os menores e os menores são os maiores. Honra e prestígio não estão nos que se assentam à cabeceira da mesa, mas está no que se cinge com uma toalha e lava os pés dos que são seus servos. Ele, que era Deus, tornou-Se homem; Ele, que era o senhor dos céus e da terra, humilhou-Se na Cruz. Esse era um ato de humildade incomparável que deviam aprender. Se, por um momento, não pudessem aprender Dele, tinham de aprender de uma criança.

A TERCEIRA DISCUSSÃO: A CAMINHO DE JERUSALÉM

A terceira profecia clara de Nosso Senhor a respeito da Cruz que resultou em uma discussão entre os apóstolos aconteceu pouco mais de uma semana antes de ser crucificado. Estava com os apóstolos a caminho de Jerusalém pela última vez. Havia pressa em seus passos; resolução e propósito firme estavam tão estampados em Seu rosto que os apóstolos não deixaram de perceber.

Estavam a caminho de Jerusalém
e Jesus ia adiante deles.
Estavam perturbados e o seguiam com medo.
(São Marcos 10,32)

O Mestre andava bem à frente de seus apóstolos no caminho íngreme da montanha. Ficaram para trás, mergulhados em um terror incompreensível. Enquanto Ele se apressava para a cruz, havia um pensamento que predominava na mente de Cristo: a submissão voluntária ao sacrifício. De acordo com o plano do Pai, a Cruz era-Lhe necessária como um meio de dar vida aos outros. Os apóstolos, por outro lado, até o último momento, buscavam por alguma manifestação de poder que libertaria a nação da servidão política e os alçaria, pessoalmente, a certa glória e autoridade. Estavam espantados com a prontidão de Jesus para ingressar em Jerusalém, o que significava sofrimento. Sonhavam com tronos, e Ele pensava em uma cruz. Conhecendo os pensamentos, Jesus chamou os apóstolos à parte:

Eis que subimos a Jerusalém
e o Filho do homem será entregue
aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas;
condená-lo-ão à morte e entregá-lo-ão aos gentios.
Escarnecerão dele, cuspirão nele,
açoitá-lo-ão, e hão de matá-lo;
mas ao terceiro dia ele ressurgirá.
(São Marcos 10,33-34)

Mais uma vez, cobriu o fel de sua Paixão no mel da Ressurreição. O calvário não era algo diante de si que não poderia evitar e, portanto, tinha de aceitar como o papel do mártir. Havia um retroceder humano diante do sofrimento em que o mal o examinaria, mas esse retrocesso nunca se tornou um propósito. Assim como um navio pode ser jogado nas ondas enquanto mantém o equilíbrio, da mesma maneira sua natureza física podia ser lançada de um lado para o outro, enquanto subjazia fixo e inalterável o propósito do Pai. Entretanto, os apóstolos não podiam compreender uma morte tão sofrida, porque era ofertada para os outros e, ao mesmo tempo, um sacrifício expiatório pelo pecado.

Mas eles nada disto compreendiam,
e estas palavras eram-lhes um enigma
cujo sentido não podiam entender.
(São Lucas 18,34)

Como Ele, que tinha poder sobre a morte, os ventos e os mares e cuja mente podia silenciar as bocas dos fariseus, os deixaria sem conforto e os lançaria novamente no mundo por não poder resistir aos inimigos? Essa era a preocupação deles.

Assim como nas outras duas ocasiões, agora que Jesus falara novamente de sua morte, irrompeu uma nova discussão entre os apóstolos. Tiago e João, que já se tinham destacado ao ressentirem-se da rudeza dos samaritanos e ao pedir a Nosso Senhor que os destruísse, fizeram, nesse momento, um pedido. Os dois irmãos, que outrora pediram que descesse um fogo dos céus sobre os inimigos, agora pediam que lhes fosse dada uma grande vantagem. Com presunção irreverente, pediram a Nosso Senhor, imediatamente depois de este falar de sua morte, para tornar-se instrumento da própria vaidade deles.

Concede-nos que nos sentemos na tua glória,
um à tua direita e outro à tua esquerda.
(São Marcos 10,37)

Existe certo reconhecimento da autoridade de Cristo, pois sugeriam que Ele era o rei que concedia benesses, mas a concepção de Seu Reino era mundana. A influência da família e a preferência pessoal concedia altos postos em um reino secular. Tiago e João, pressupondo que o reino de Deus era mundano, pensavam que a promoção poderia ser nessas bases. No entanto, Nosso Senhor respondeu-lhes:

Não sabeis o que pedis, retorquiu Jesus.
Podeis vós beber o cálice que eu vou beber,
ou ser batizados no batismo em que eu vou ser batizado?
(São Marcos 10,38)

A outorga de honras em seu Reino não era uma questão de favoritismo, mas a incorporação da cruz. Se Ele tivesse de morrer para ascender à glória, eles também teriam de morrer para descobrir a glória. Se Ele tivesse de beber o cálice amargo para vencer o mal, eles deveriam beber desse cálice. O “cálice” foi usado aqui como um símbolo da derrota que, para Ele, seria derramado por homens infiéis. No batismo de sangue, seria totalmente imerso, mas as imagens também sugeriam purificação e ressurreição.

Em resposta à questão a respeito de beber do cálice, Tiago e João responderam, “Podemos”. Embora não compreendessem exatamente o que estavam aceitando, Nosso Senhor profetizou o cumprimento da fé deles. Tiago foi o primeiro a partilhar do batismo de sangue de Cristo, ao ser assassinado por Herodes. João, na verdade, sofreu; viveu uma vida longa de perseguições e banimentos. Após ser colocado em um caldeirão de óleo fervente, foi milagrosamente poupado e morreu em idade proecta em Patmos. Tiago tornou-se o patrono de todos os mártires vermelhos, que derramaram o sangue porque beberam do cálice do Cristo. João se tornou o símbolo do que poderia ser chamado de mártires brancos, os que suportam o sofrimento físico e, mesmo assim, morrem de morte natural.

Nessas circunstâncias, começa a discussão.

Os outros dez começaram a indignar-se contra Tiago e João.
(São Marcos 10,41)

Estavam indignados porque todos partilhavam do mesmo desejo. Nosso Senhor chamou os outros dez. Tiago e João receberam a lição, agora chegara o momento de os outros dez receberem a deles. A primeira lição foi a repetição daquilo que sugerira em Cafarnaum ao colocar uma criança no meio deles, a lição da humildade. O que devia ser-lhes ensinado nesse momento não era o que os tornaria eminentes em seu Reino, mas, antes, o sentido de eminência. Expôs o contraste entre o despotismo dos potentados terrenos e a soberania do amor no próprio Reino. Nos reinos terrenos, os que governavam, tais como reis, nobres, príncipes e presidentes, são servidos; em seu Reino, a marca da nobreza seria privilégio do serviço ou do servir.

Sabeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas e os seus intendentess exercem poder sobre elas.

Entre vós, porém, não será assim:

todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo; e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos.

(São Marcos 10,42-44)

Em Seu Reino, os mais modestos e os mais humildes serão os maiores e mais exaltados. Embora considerasse os apóstolos como reis, deveriam, apesar disso, consagrar seus direitos ao serem os menores dentre os homens.

O Salvador, contudo, não lhes deu apenas uma prescrição moral sem apontar para a própria vida como exemplo da humildade que desejava que eles tivessem. Toda a verdade era que ele veio não para ser servido, mas para servir. Na realidade, estava a dizer que era o rei e teria um Reino, mas esse Reino seria obtido de um modo diferente daqueles pelos quais os príncipes seculares consolidavam os seus. Introduziu uma relação direta entre a entrega de sua vida e a soberania espiritual que a morte adquiriria.

Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos.

(São Marcos 10,45)

Aqui, como em outros lugares, falou de Si como “vindo” ao mundo para indicar que o nascimento humano não era o começo de sua existência pessoal. Iniciou o serviço muito antes de os homens virem-no servir com compaixão e misericórdia. Seu serviço começou quando se despiu da glória celestial e cingiu-Se da carne tecida no tear de Maria.

O propósito de Sua vinda a este mundo era oferecer resgate e redenção. Se fosse simplesmente o filho de um carpinteiro, teria sido tolo de sua parte dizer que veio para servir. Uma posição servil teria sido rotina e algo comum, mas um rei tornar-se servo, Deus tornar-se homem, não era presunção, mas humildade. Havia um preço a ser pago e esse era a morte, pois o “preço do pecado é a morte”. O resgate não teria sentido se a natureza humana não estivesse em dívida. Suponhamos que um homem estivesse sentado junto a um cais, em um dia claro de verão, pescando, satisfeito. Subitamente, outro homem salta do cais e cai no rio diante Dele. Afundando pela terceira vez ao se afogar, grita para o homem no cais:

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos.
(São João 15,13)

Toda a ação teria sido bastante incompreensível, pois o homem no cais não estava em perigo e, portanto, não precisava ser resgatado. Se, no entanto, tivesse caído na água e estivesse se afogando, então, o indivíduo que deu sua vida para salvá-lo teria significado em sua morte. Se a natureza humana não tivesse recaído em pecado, a morte de Cristo seria insignificante; se não houvesse escravidão, não haveríamos de falar em resgate.

Muitos indivíduos negam responsabilidade por seus erros e pelos erros da coletividade. Por exemplo, quando existe corrupção no governo, muitas vezes os indivíduos negam estar envolvidos. Quanto menos pecados as pessoas têm, mais negam qualquer relacionamento com aqueles que são pecadores. Quase pressupõem que a responsabilidade varia em proporção direta à ausência de pecado. O argumento que apresentam é o de que já que não são responsáveis pelos erros da sociedade, não se envolvem.

Na verdade, o contrário é verdadeiro nos que são *mais* sem pecado. Quanto maior a falta de pecado, maior o senso de responsabilidade e de consciência da culpa corporativa. O homem verdadeiramente bom sente que o mundo está do jeito que está porque, de algum modo, ele não foi uma pessoa melhor. Quanto mais sensibilidade moral, maior a compaixão por aqueles que perecem sob um fardo. Isso pode se tornar tão profundo que a agonia da outra pessoa é sentida diretamente como a própria agonia. A única pessoa no mundo com olhos para ver, desejaria ser um esteio para os cegos; a única pessoa no mundo com saúde desejaria servir aos doentes.

O que é verdadeiro para o sofrimento físico, também é verdadeiro para o mal moral. Por isso, o Cristo sem pecado tomaria sobre si os males do mundo. Assim como os mais saudáveis estão mais aptos a servir aos doentes, também os mais inocentes podem expiar melhor as culpas dos outros. Um apaixonado poderia, se possível, tomar sobre si os sofrimentos da amada. A divindade toma sobre si os males morais do mundo como se fossem próprios. Sendo homem, os partilharia; sendo Deus, os redimiria.

O calvário, dizia aos apóstolos brigões, não era a interrupção das atividades de Sua vida, não era a destruição trágica e prematura de Seu plano, não era um fim imposto por forças hostis. A dádiva de Sua vida O poria fora dos padrões dos mártires pela justiça e dos patriarcas por causas gloriosas. O propósito de Sua vida, disse, era pagar um preço pela libertação dos escravos do pecado. Esse era o “dever” divino que lhe fora dado quando veio ao mundo. Sua morte seria oferecida em pagamento pelos pecados do mundo. Se os homens só estivessem no erro, poderia ter sido um mestre cercado por todos os confortos da vida e, depois de ter ensinado a teoria da dor, morreria em uma cama macia. No entanto, não teria deixado nenhuma outra mensagem, a não ser um código a ser obedecido. Todavia, se os homens estavam em pecado, sua mensagem seria “sigam-me”, para partilhar o fruto dessa redenção.

A TENTATIVA DE PRISÃO DURANTE A FESTA DOS TABERNÁCULOS

A centralidade da Cruz na vida de Jesus agora fica mais clara. Ele fez referências implícitas a ela, sob a figura de um templo e de uma serpente; e mais explicitamente quando prometeu, em Sua glória depois da Ressurreição, permitir que os homens vivessem por Seu Corpo e Sangue.

Aqui, na festa mais popular do ano, a Festa dos Tabernáculos, aconteceram duas coisas: primeiro, dirigiu a atenção à plenitude da Presença Divina, verdade e refrigério de alma que habitavam Nele. Fora Dele não havia moral, nem crença, nem saciamento da sede. Esmagou toda ilusão dos ouvintes de que estivesse pregando uma moralidade à parte Dele mesmo, uma doutrina distinta de Sua pessoa ou que uma ética superior pudesse reconciliar-se com um senso reduzido do Deus vivo. Ele os deixou saber que não era um “extra” piedoso, um apêndice ou um luxo espiritual para aqueles que citariam Suas palavras. Buda podia ser separado do budismo; mas Jesus não podia ser separado do que ensinou ou realizou mais do que um raio de sol pode existir sem o sol. Às multidões presentes na cerimônia de oito dias, explicou o significado dela: o tabernáculo, a água, as luzes. Centralizava cada uma dessas coisas em Sua pessoa, visto que afirmou ser um com Deus, um com toda a iluminação da mente, e um com toda a paz das almas sedentas. A identificação foi total: não havia Deus senão o Deus que Ele revelou, nenhuma verdade senão a Sua pessoa, nenhuma satisfação senão Nele.

O segundo efeito das palavras Dele foram violência, ressentimento e a decisão de entregá-Lo à morte. Se tivesse palavras faladas, mas não tivesse alegado ser a Palavra; se tivesse apresentado verdades apartáveis de Sua pessoa e

um consolo de alma distinto de Sua presença divina, talvez fosse menos empurrado para a Cruz. O ódio contra Ele, por parte das autoridades do templo, os fez tentar prendê-Lo duas vezes: a primeira foi na Festa dos Tabernáculos; a segunda foi no Jardim do Getsêmani. Em nenhum dos casos os oficiais puderam detê-Lo; não na Festa, porque Nosso Senhor “prende-os” com Sua presença. Tampouco no Jardim puderam detê-Lo até que se tivessem tornado impotentes. Nessa Festa, como disse, “Sua hora ainda não tinha chegado”; no Jardim, diria: “Eis a vossa hora”. Aqui, disse que era a Luz do mundo; então lhes diria que era a “hora das trevas”. Em ambos os exemplos, o Senhor não poderia ser levado até que voluntariamente Se rendesse; em ambos os exemplos, a intenção dos homens diante da bondade divina era crucificar, pois as obras das trevas não suportam a luz. A segunda prisão levou diretamente à Cruz, de modo que a primeira prisão foi um ensaio. A sombra da Cruz caía por toda parte — sobre as tendas, as fontes, os candelabros e mesmo sobre as pessoas na Festa dos Tabernáculos.

Essa era a maior de todas as Festas, uma comemoração da fuga do Egito, quando Deus conduziu o povo de Israel pelo deserto por meio de uma nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite. Como peregrinos durante aqueles quarenta anos de perambulação, os judeus viveram em tendas ou barracas que podiam facilmente ser armadas e silenciosamente desmontadas. No meio das tendas, estava o tabernáculo, que simbolizava a presença de Deus.

Essa festa, mencionada tanto em Levítico quanto em Êxodo, era celebrada na época da colheita. Embora houvesse ação de graças pela colheita, a festa estava voltada para o futuro, e por esse motivo às vezes era chamada de “hora da efusão”, simbolizando o Espírito de Deus que seria derramado sobre o povo.

Quando essa festa de oito dias começou, Nosso Senhor estava na Galileia, para onde se retirara por seis meses por causa da oposição dos líderes do templo depois da purificação do templo e do milagre em Betesda:

Por esta razão os judeus, com maior ardor,
procuravam tirar-lhe a vida,
porque não somente violava o repouso do sábado,
mas afirmava ainda que Deus era seu Pai
e se fazia igual a Deus.
(São João 5,18)

À medida que a época da festa se aproximava, Ele começou a ser importunado por parentes e colaboradores para que pensasse em divulgar mais Seu nome. Por que operar milagres na Galileia com seus vilarejos de pescadores e camponeses ignorantes, quando a cidade grande, Jerusalém, Lhe daria muito mais renome? Além disso, grandes multidões se reuniram na festa, e Ele poderia ser conhecido de todos, se tão somente fizesse algo espetacular. O isolamento é comprometedor.

Pois quem deseja ser conhecido em público
não faz coisa alguma ocultamente.
Já que fazes essas obras,
revela-te ao mundo.
(São João 7,4)

Nosso Senhor lhes respondeu:

O meu tempo ainda não chegou,
mas para vós a hora é sempre favorável.
O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me,
porque eu testemunho contra ele que as suas obras são más.
(São João 7,6-7)

Sua hora, ou a hora de Sua completa revelação, ainda não tinha chegado. Intensificando o contraste entre Si mesmo e o mundo, Jesus disse-lhes com certa ironia que as palavras, atitudes e juízos deles não estavam em suficiente desarmonia com o mundo para suscitar o ódio do mundo. Com Ele, no entanto, era diferente: Suas palavras e Sua vida já tinham provocado o ódio do mundo. Se tivesse de ir a Jerusalém, seria como o Messias e Filho de Deus e, portanto, provocaria hostilidade; contudo, se subissem como peregrinos piedosos, seria apenas para participar de uma celebração nacional. Quando falava do mundo, Nosso Senhor o entendia como feito de homens não regenerados que não aceitariam Sua graça. Aqueles irmãos de Jesus que teriam

amado a ribalta e a notoriedade eram parte de um mundo sem cruz, que não violava nenhum dos preceitos ou do espírito mundano.

Jesus estava consciente de Sua Cruz, ao passo que os demais não estavam cientes dela. Ele não subiria à cidade até que houvesse uma ordem do Pai Celestial. Satanás, anteriormente, Lhe oferecera todos os reinos do mundo e Ele os recusara. Jerusalém não seria suficiente para seduzi-Lo a exibir milagres àqueles que não acreditariam em Sua pessoa. Aqueles que sugeriam o esplendor da popularidade podiam ir além e encontrariam grande número de incrédulos como eles mesmos; eram levados pela corrente, como cepos mortos. Observe que Nosso Bendito Senhor não disse que não iria para a Festa dos Tabernáculos. O que disse foi que não iria naquele momento. A mente mundana, portanto, abandonou-O para ir à festa.

Mais tarde, decidiu ir, não como pessoa pública, mas em segredo ou incógnito. Que grande contraste entre Sua primeira visita, quando apareceu de repente no templo e expulsou os cambistas, e agora em Sua ida como peregrino anônimo! Mas todos estavam curiosos com Ele. Imediatamente tornou-Se fonte de dissensão. Aqueles que foram atraídos permaneceram quietos por temer as autoridades do templo, que já tinham tramado Sua morte.

Buscavam-no os judeus durante a festa
e perguntavam: Onde está ele?
E na multidão só se discutia a respeito dele.
Uns diziam: É homem de bem.
Outros, porém, diziam: Não é; ele seduz o povo.
Ninguém, contudo, ousava falar dele livremente
com medo dos judeus.
(São João 7,11-13)

A Festa dos Tabernáculos, como se dizia, comemorava o lugar em que a Presença Divina habitou entre os judeus durante a longa peregrinação do Egito. E agora aqui, em meio às multidões, estava a Presença Divina em Pessoa.

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.
(São João 1,14)

A palavra grega “habitar” no Evangelho podia igualmente ser traduzida por “tabernaculizar-se” e, assim, alude ao Tabernáculo colocado no centro das tendas dos israelitas. Cristo era o Tabernáculo de Deus entre os homens.

Os Targums judaicos muitas vezes substituíram pela expressão “glória do Senhor” a palavra *Shekhinah* ou “habitação”, indicando assim a permanência íntima de Deus com seu povo. Os que estavam presentes na festa lembravam que Nosso Senhor tinha chamado a Si mesmo de “Templo de Deus” e profetizado que seria destruído, mas ao terceiro dia ressurgiria novamente. Que pretendiam destruir esse Templo do Deus “tabernaculizado” entre eles era evidente, tanto que algumas das pessoas da cidade perguntaram:

Não é este aquele a quem procuram tirar a vida?
(São João 7,25)

A procissão que celebrava a festa começava no templo. Quando chegou ao tanque de Siloé, o sacerdote encheu seu jarro com a água do tanque e voltou ao templo, onde os recipientes transbordaram com o toque das trombetas em meio aos “aleluias” do povo. Estava tão associada à alegria que um dito comum dizia que “Aquele que não viu o gozo de derramar a água do tanque de Siloé nunca viu alegria em sua vida”. A cerimônia não era só um reconhecimento da graça de Deus a irrigar os campos, mas também uma comemoração da provisão milagrosa de água no deserto, que veio da rocha. No momento em que a água foi oferecida pelo sacerdote no templo, foram citadas as palavras de Isaías:

Vós tirareis com alegria
água das fontes da salvação.
(Isaías 12,3)

Nosso Senhor disse que tinha vindo não para destruir a Lei e os profetas, mas para cumpri-los, falava agora para afirmar que Ele mesmo era a substância de que esses ritos não eram senão sombras obscuras. Sua voz soou sobre o derramar das águas enquanto dizia:

Se alguém tiver sede, venha a mim e beba.
Quem crê em mim, como diz a Escritura:
Do seu interior manarão rios de água viva.
(São João 7,37-38)

Ele os estava convidando a lembrar-se das Escrituras. No Êxodo, Deus ordenou que Moisés batesse na rocha, prometendo que dali haveria de brotar água para o povo beber. Ao longo de todo o Antigo Testamento, a água foi o símbolo da bênção espiritual, particularmente em Ezequiel, em que uma fonte poderosa é descrita como a jorrar do tabernáculo do templo, curando todas as nações. A Fonte da Vida para almas sedentas, declarou agora, era Sua própria pessoa. Ele não disse: “Vinde às águas”, mas “Vinde a mim”. O Talmude perguntava sobre essa cerimônia: “Por que se chama a extração de água?”. Por causa do derramamento do Espírito Santo, conforme o que se diz: “Com alegria retirareis água das fontes da salvação”. São João explicou do mesmo modo as palavras de Nosso Senhor:

Dizia isso, referindo-se ao Espírito
que haviam de receber os que cressem nele,
pois ainda não fora dado o Espírito,
visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado.
(São João 7,39)

A satisfação em saciar a sede do coração humano estava ligada à obra do Espírito. Nosso Senhor ansiava por conceder uma bênção contínua por algo que ainda não acontecera, isto é, Seu triunfo sobre a morte e Sua Ascensão ao céu. Este dom do Espírito viria aos homens não como uma efusão mágica, mas como algo intrínseco ao Seu ato redentor e à fé Nele depositada. A presença física de Cristo sobre a terra no mandato ainda não cumprido do Pai de ser a redenção pelo pecado excluía a realização de Sua presença nas almas até depois de Sua glória e do envio de Seu Espírito.

Outro ritual vinculado à Festa dos Tabernáculos referia-se à coluna de fogo que conduzia os israelitas à noite. Para celebrar a luz que Deus era para eles, dois imensos candelabros eram acesos no átrio das mulheres; e, conforme

alguns testemunhos rabínicos, esses candelabros iluminavam toda Jerusalém. O povo também ansiara pelos tempos messiânicos quando Deus lhes acenderia uma grande luz entre as nações. A luz também significava a glória de Deus presente no templo.

Quando Nosso Bendito Senhor era um bebê no colo de Simeão, o ancião pronunciara as seguintes palavras:

[Essa é a] luz para iluminar as nações,
e para a glória de vosso povo de Israel.
(São Lucas 2,32)

Agora, como um homem crescido e pleno do esplendor dessa luz, proclamou:

Eu sou a luz do mundo;
aquele que me segue não andaré em trevas,
mas terá a luz da vida.
(São João 8,12)

Aqui fez uma alegação universal, tal como fora profetizado por Isaías, de que Ele era a Luz de todos os povos e nações. Nem todos seguiriam a Luz; alguns prefeririam andar em trevas e, portanto, odiariam a luz. Aquele que se encontrava no templo em que as luzes pouco a pouco se extinguíam proclamou a Si mesmo a Luz do Mundo. Anteriormente, chamara-Se a Si mesmo de Templo; agora, afirmava ser a Glória e a Luz desse Templo. Estava declarando-Se mais necessário à vida das almas do que a luz do sol para a vida do corpo. Não era a doutrina, nem a lei, nem os mandamentos, nem o ensino, que constituía essa luz; era Sua pessoa.

No meio da afirmação do Nosso Senhor de que Ele era o Messias, começaram algumas das medidas civis e judiciais que mais tarde culminariam na Crucifixão. Os fariseus enviaram oficiais para prender Nosso Senhor. Antes que chegassem, Nosso Senhor fez outra referência a Sua morte:

Ainda por um pouco de tempo estou convosco
e então vou para aquele que me enviou.
Buscar-me-eis sem me achar,
nem podereis ir para onde estou.
(São João 7,33-34)

Previu tudo que aconteceria. Ainda faltavam seis meses até a Páscoa; havia pouco tempo antes que cumprisse o propósito de Sua vinda. Já estavam planejando a morte Dele, mas estes planos não teriam sucesso até que Ele se entregasse voluntariamente nas mãos dos homens. Então, a porta seria fechada e o tempo da visitação estaria terminado. A separação entre eles e o Senhor não seria a distância, mas a diferença em mente e coração, que é a maior de todas as distâncias.

Os guardas que receberam as ordens de prendê-Lo voltaram ao principal dos sacerdotes e fariseus de mãos vazias. Os oficiais perguntaram-lhes:

Por que não o trouxestes?
Os guardas responderam:
Jamais homem algum falou como este homem!...
Replicaram os fariseus:
Porventura também vós fostes seduzidos?
Há, acaso, alguém dentre as autoridades ou fariseus que
acreditou nele?
Este poviléu que não conhece a lei é amaldiçoado!...
(São João 7,45-49)

Os oficiais do templo desprezavam o povo; o pressuposto era de que nenhuma pessoa vulgar pode ser piedosa. O próprio fato de os oficiais terem sentido sobre si uma impressão irresistível e se rendido às fontes de bênção do Senhor indicava o poder que tinha sobre os homens de boa vontade. A vocação de um guarda foi santificada naquele dia quando esses oficiais recusaram-se a prender o Salvador.

Plutarco, falando da extraordinária eloquência de Marco Antônio, diz que quando foram enviados soldados para matar o famoso orador, este apelou por

sua vida com tamanha eloquência que os desarmou e os levou às lágrimas. Estes guardas, no entanto, não foram vencidos pela força dos argumentos de um homem apelando por sua vida, mas ao ouvir um de seus discursos comuns que de maneira alguma se dirigia a eles. Os guardas estavam bem armados; o pregador não tinha armas e, mesmo assim, não O puderam prender. Autoridades civis nem sempre empregam os homens mais intelectuais ou espirituais para levar a cabo tais tarefas, e até mesmo esses homens enviados foram afetados pela eloquência de Jesus e provaram ser inteligentes. Os fariseus, em sua fúria, disseram aos guardas que os intelectuais não acreditavam Nele. Visto que nenhum dos fariseus cria no Senhor, nem se impressionaram com a mensagem Dele, os guardas não tinham, portanto, nenhuma razão para serem tão afetados.

Haveria outro momento, no Jardim do Getsêmani, em que os oficiais ficariam tão impressionados com Nosso Bendito Senhor que se prostrariam por terra, quando Ele dissesse que era Jesus de Nazaré. Naquela noite, agiriam livremente, porque a hora teria chegado. Mas, naquele momento, estavam impotentes.

A história da Festa dos Tabernáculos termina com as palavras “Ainda não chegara sua hora”. Havia uma hora particular para tudo que Ele havia de fazer; até mesmo Seu nascimento é descrito como a “plenitude do tempo”. Assim também a Cruz tinha Sua hora estabelecida. Cada orbe que gira na imensidão do espaço é convidado a atingir certo ponto na própria hora. Os decretos e propósitos do homem geralmente falham, mas isso não se dá com os desígnios do Todo-Poderoso. A unidade de Sua vida não estava nas obras esparsas, parábolas e discursos, mas em Sua consumação. Belém era o fundamento do Calvário e Sua glória. Os degraus principiam desde o estábulo porque nem sequer “havia lugar” para Ele; a “contradição” profetizada por Simeão era um novo degrau; a Festa dos Tabernáculos, mais um. Conhecia cada passo do caminho, pois não era simplesmente um homem fazendo quanto podia diante de Deus, mas Deus fazendo o melhor que podia pelo homem, por meio do amor revelado no sacrifício de Si mesmo.

SOMENTE O INOCENTE PODE CONDENAR

No dia seguinte à tentativa de prisão, ocorreu uma cena em que a Inocência recusou-se a condenar um pecador. Enredava-se o dilema da justiça e da misericórdia — um dilema que repousa no cerne da encarnação. Se Deus é misericordioso, não perdoará os pecadores? Se Deus é justo, não punirá ou obrigará a reparar os crimes? Por ser todo santo, deve odiar o pecado, caso contrário, não seria Bondade. No entanto, por ser todo misericordioso, não deveria, como uma espécie de avô, ser indiferente aos netos violarem os mandamentos? De um modo ou de outro, Sua morte na Cruz e Ressurreição estavam unidas na resposta a esse dilema.

Na noite anterior a essa cena, a Sagrada Escritura revela um dos contrastes mais vívidos de toda a literatura; e isso se dá em duas frases. Nosso Senhor estivera pregando durante todo o dia no templo. Ao cair da noite, o Evangelho fala primeiro dos inimigos de Nosso Senhor que o estiveram tentando e discutindo com ele:

E voltaram, cada um para sua casa.
(São João 7,53)

Entretanto, de Nosso Senhor simplesmente se diz:

Dirigiu-se Jesus para o monte das Oliveiras.
(São João 8,1)

Entre todos os que estavam no templo — amigos ou inimigos —, não havia um que não tivesse uma casa, a não ser Nosso Senhor. Na verdade, disse a respeito de si mesmo:

As raposas têm covas
e as aves do céu, ninhos,
mas o Filho do Homem
não tem onde reclinar a cabeça.
(São Lucas 9,58)

Em toda a Jerusalém, talvez Ele fosse o único homem sem casa e sem lar. Enquanto os homens partiram para suas casas a fim de tomar conselhos com os companheiros, Ele foi ao monte das Oliveiras para aconselhar-se não com a carne e o sangue, mas com Seu Pai. Sabia que em pouco tempo esse jardim seria um retiro sagrado onde suaria gotas de sangue no conflito terrível com as forças do mal. Durante a noite dormiu, no estilo oriental, em um relvado verde debaixo das oliveiras ancestrais, tão retorcidas e nodosas no ardor por crescer como se prenunciassem a tortuosa Paixão que seria a Dele.

Era época da festa dos Tabernáculos, o que acarretava não só a confluência de pessoas de todos os cantos do mundo, mas também produzia um entusiasmo generalizado, muitas preces e algum lazer. Era natural que isso degenerasse em um caso ocasional, aqui e ali, de desacato e imoralidade. É evidente que isso aconteceu. Na manhã seguinte bem cedo, assim que Nosso Senhor apareceu no templo e começou a ensinar, os escribas e os fariseus levaram a Ele uma mulher que fora descoberta cometendo adultério. Assim, estavam tão envolvidos em uma controvérsia estéril com o Messias que não tiveram escrúpulos de usar a vergonha da mulher para marcar um ponto. Aparentemente, não havia dúvidas quanto a sua culpa. A maneira indelicada, quase indecente, com que os homens contaram a história, revela que os fatos não podiam ser contestados. Disseram:

Mestre, agora mesmo esta mulher
foi apanhada em adultério.
(São João 8,4)

Pega em ação! Quanta dissimulação, quanto ardil e quanta podridão se escondem por trás dessas palavras! Os acusadores levaram-na ao meio da multidão enquanto Nosso Senhor ensinava. Os homens “santanários” que a tinham pego em ação estavam muito ansiosos para que ela fosse exibida publicamente, a ponto mesmo de interromper o discurso de Nosso Senhor Bendito. A natureza humana é vil quando alardeia e ostenta os crimes dos outros diante dos homens. É o sujo a falar do mal lavado. Alguns rostos jamais aparentam felicidade maior do que quando se regalam com um escândalo que o coração generoso encobriria e pelo qual o coração devoto faria orações. Quanto mais ignóbil e corrupto for o homem, mais pronto está a acusar os crimes dos outros. Os que querem ser tidos como homens de bom caráter, estupidamente creem que a melhor maneira de demonstrá-lo é denunciar os outros. Pessoas depravadas gostam do monopólio da depravação e, ao descobrir outros com os mesmos vícios, os condenam com uma intensidade que o bem nunca experimentou. Tudo o que se tem de fazer para informar-se dos erros dos homens é ouvir suas acusações favoritas contra os outros. Naquela época, não havia colunas de fofoca, mas havia difamadores. Arrastá-la para ser vista por toda a multidão era a maneira deles de expô-la em público. A multidão, vaiando, empurrava-a adiante; a mulher escondia o rosto nas mãos e puxava o véu sobre a cabeça para esconder a vergonha. Ao arrastar a prisioneira trêmula, expuseram-na diante dos olhos curiosos dos homens para a mais amarga degradação que qualquer mulher oriental poderia sofrer, e disseram a Nosso Senhor com falsa humildade:

Mestre, agora mesmo esta mulher foi apanhada em adultério.
Moisés mandou-nos na lei que apedrejassemos tais mulheres.
Que dizes tu a isso?
(São João 8,4-5)

Estavam certos em dizer que a lei de Moisés ordenava o apedrejamento por adultério. Nosso Senhor instintivamente discerniu o respeito fingido em chamá-lo de “mestre”. Sabia ser apenas um disfarce para os próprios desígnios funestos. Por um lado, sua alma contraía-se diante do espetáculo apresentado, pois ensinara a santidade do casamento e essa mulher a violara. Por outro lado,

sabia que os escribas e os fariseus nada viam no incidente senão a oportunidade de fazê-lo vacilar em Seu discurso. Sabia que estavam prontos para usá-la como instrumento passivo do ódio que nutriam contra Ele — não porque estivessem moralmente indignados com o pecado ou guardassem os direitos de Deus, mas somente para instigar o povo contra Ele.

Ocultava-se um artifício duplo ao apresentarem a mulher a Nosso Senhor. Primeiro, por conta do conflito entre judeus e romanos. Os romanos, que eram os conquistadores do país, reservavam-se o direito de condenar quem quer que fosse à morte. Entretanto, havia outro lado, a lei de Moisés dizia que a mulher pega em adultério devia ser apedrejada. Aqui estava o dilema em que o colocaram: se Nosso Senhor deixasse a mulher partir sem a pena de morte, estaria desobedecendo a lei de Moisés; mas, se respeitasse a lei de Moisés e dissesse que deveria ser apedrejada por conta do adultério, então estaria encorajando a desobediência à lei romana. Em ambos os casos, seria pego. O povo lhe faria oposição, pois violaria a lei mosaica, ao passo que os tribunais romanos o acusariam de violar suas leis. Era um herético com relação a Moisés ou um traidor com relação aos romanos.

Havia ainda um outro artifício na questão. Se Ele a condenaria ou a absolveria. Se a condenasse, diriam que Ele não era misericordioso; mas Ele se denominava misericordioso. Fizera refeições com publicanos e pecadores, permitira que uma mulher comum lavasse Seus pés durante a ceia; caso a condenasse, não poderia mais dizer ser “amigo dos pecadores”. Não disse Ele que:

O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.
(São Lucas 19,10)

Por outro lado, se a libertasse, então estaria agindo em contradição com a lei sagrada de Moisés, que tinha vindo cumprir. Não dissera que:

Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas.
Não vim para os abolir,
mas sim para levá-los à perfeição.

(São Mateus 5,17)

Já que dissera ser Deus, a lei de Moisés deveria derivar Dele. Se desobedecesse a lei, negaria a própria divindade. Por isso as perguntas: “Moisés mandou-nos na lei que apedrejássemos tais mulheres. Que dizes tu a isso?”.

Seria uma pergunta difícil para um simples humano resolver, mas Ele era Deus e homem. Ele, que já reconciliara justiça e misericórdia em sua encarnação, nesse momento, punha-as em prática ao abaixar-se e escrever alguma coisa no chão — foi a única vez na vida de Nosso Senhor em que Ele escreveu. O que escreveu ninguém sabe. O Evangelho apenas diz:

Jesus, porém, se inclinou para a frente e escrevia com o dedo na terra.

(São João 8,6)

Eles invocaram a lei de Moisés. E Ele também! De onde veio a lei de Moisés? Quem a escreveu? Com o dedo de quem? O livro do Êxodo responde:

Moisés desceu da montanha segurando nas mãos
as duas tábuas da lei, que estavam escritas dos dois lados,
sobre uma e outra face.

Eram obra de Deus, e a escritura nelas gravada era a escritura
de Deus.

(Êxodo 32, 15-16)

Eles O recordaram da lei! Ele, por sua vez, recordou-lhes que Ele escrevera a lei! O mesmo dedo, no sentido simbólico, que agora escrevia no piso de pedra do assoalho do templo, também escreveu nas tábuas de pedra no Monte Sinai! Tinham olhos para ver o doador da lei de Moisés diante deles? Estavam tão inclinados a enredá-Lo no discurso que ignoraram a escrita e continuaram lançando perguntas, certos de que O tinham pego.

Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes:
Quem de vós estiver sem pecado,
seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.
Inclinando-se novamente, escrevia na terra.
(São João 8,7-8)

Moisés escrevera na pedra sua lei de morte contra a falta de castidade. Nosso Senhor não destruiu a lei mosaica, mas a aperfeiçoou ao anunciar uma lei maior: ninguém, a não ser os puros, pode julgar! Estava convocando um novo júri somente o inocente pode condenar! Ponderou da lei à consciência, do julgamento dos homens ao julgamento de Deus. Os que têm culpa na alma devem se negar a julgar.

Um escudo velho e enferrujado, certa vez, clamou: “Ó sol, ilumina-me”; e o sol respondeu: “Primeiro, vá se polir!”. Essa mulher, portanto, deveria ser julgada por homens que eram culpados? Foi a primeira afirmação solene de que somente aquele que é sem pecado tem o direito de julgar. Se existe sobre a terra alguém realmente inocente, ver-se-á que sua misericórdia é mais poderosa que sua justiça. É verdade que um juiz na banca muitas vezes pode condenar um criminoso por um crime de que ele é culpado; mas em sua competência oficial age em nome de Deus, não em nome próprio. Esses acusadores autoproclamados não eram sujeitos aptos a defender ou executar a lei mosaica. Nosso Senhor pôs em uma frase o que já dissera no Sermão da Montanha.

Não julgueis, e não sereis julgados.
Porque do mesmo modo que julgardes,
sereis também vós julgados e,
com a medida com que tiverdes medido,
também vós sereis medidos.
Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão
e não vês a trave que está no teu?
Como ousas dizer a teu irmão:
Deixa-me tirar a palha do teu olho,
quando tens uma trave no teu?
Hipócrita! Tira primeiro a trave de teu olho

e assim verás para tirar a palha do olho do teu irmão.
(São Mateus 7,1-5)

Enquanto escrevia no chão, os escribas e os fariseus tinham pedras nas mãos prontas para executar o julgamento. A pessoa podia tomar a mão do que estava a seu lado, tirar-lhe a pedra, pesar a sua pedra e a outra na mão e ver qual era a mais pesada e devolver a mais leve, de modo que pudesse lançar a mais pesada na mulher. Alguns desses homens não compartilhavam do vício da mulher, mas tinham outros. Alguns eram isentos de certos vícios simplesmente por causa da existência de outros vícios. Assim como uma doença é curada por outra doença, do mesmo modo, um vício exclui o outro. O alcóolatra pode não ser um ladrão, embora muitas vezes seja um mentiroso; e o ladrão, como Judas Iscariotes, pode não necessariamente ser um adúltero, embora os filmes sempre retratem Judas dessa maneira. Há muitas pessoas que pecam por orgulho, por avareza, pela ânsia de poder e creem ser virtuosos só porque na sociedade moderna possuem uma nota de respeitabilidade. Os pecados respeitáveis são os mais odiosos, pois Nosso Senhor disse que tornam os homens “semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão” (São Mateus 23,27). Os pecados mais vis do pobre geram ônus públicos, tais como serviço social e prisões, e são vistos com desagrado; mas os pecados respeitáveis, tais como a corrupção nos altos cargos públicos, a deslealdade ao país, o ensino do mal nas universidades, são escusados, ignorados ou mesmo elogiados como virtudes.

Nosso Senhor sugeriu, aqui, que Ele mesmo considera os pecados tidos como respeitáveis mais odiosos do que os que a sociedade reprova. Nunca condenou aqueles aos quais a sociedade condenou, pois já tinham sido condenados. Entretanto, condenou aqueles que pecaram e que negaram ser pecadores.

Nesse momento, olhou para um de cada vez, a começar pelos mais idosos. Foi um daqueles olhares penetrantes que antecipam o juízo final.

Eles se foram retirando um por um, até o último,
a começar pelos mais idosos [...]

(São João 8,9)

Talvez, quanto mais idosos fossem, mais pecado tivessem. O Senhor não os condenou; antes, fez com que condenassem a si mesmos. Talvez Jesus tenha olhado para um dos anciãos e à consciência do homem tenha vindo a palavra “ladrão” — e o homem tenha deixado cair a pedra e partido. Um, ainda mais jovem, viu sua consciência acusá-lo de assassino, e partiu; partiram, um por um, até restar somente um jovem. Assim que Nosso Senhor olhou fixamente para esse último, poderia ter a consciência acusando-o de “adúltero”; deixou cair a pedra e partiu. Não restou ninguém!

No entanto, por que ele se inclinou e escreveu novamente? Já que recorreram à lei mosaica, ele, igualmente, poderia recorrer mais uma vez. Moisés quebrou as primeiras tábuas que o dedo de Deus gravara ao ver o povo adorando o bezerro de ouro. Então, Deus escreveu uma segunda tábua de pedra e ela foi levada para a arca da aliança, onde foi colocada sob o propiciatório e aspergida com sangue inocente. Esse seria o modo como a lei de Moisés levaria à perfeição pela aspersão do sangue — o sangue do cordeiro.

Ao defender a mulher, Cristo provou-Se amigo dos pecadores, mas somente dos que admitiam ser pecadores. Tinha de aproximar-se dos proscritos da sociedade para encontrar grandeza de coração e generosidade desmedida que, segundo Ele, constituíam a própria essência do amor. Embora fossem pecadores, o amor que tinham alçava-os acima da própria sensatez e da autossuficiência, que nunca se ajoelham em prece pedindo perdão. Ele veio para colocar uma prostituta acima de um fariseu, um ladrão penitente acima de um sumo sacerdote e um filho pródigo acima de um irmão exemplar. A todos os impostores e falsários que dizem que não poderiam unir-se à Igreja porque sua Igreja não era santa o bastante, Ele perguntaria: “Quão santa deve ser a Igreja antes que nela ingressem?”. Se a Igreja fosse tão santa quanto queriam que fosse, nunca lhes seria permitido ingressarem nela! Em qualquer outra religião sob o sol, em todas as religiões orientais, do budismo ao confucionismo, sempre deve existir uma purificação antes de a pessoa comungar com Deus. Entretanto, Nosso Senhor trouxe uma religião em que a admissão do pecado é a condição de se chegar a Ele. “Não são os homens de boa saúde que necessitam de médico, mas sim os enfermos” (São Lucas 5,31).

Olhou para a mulher, que estava de pé, só, e perguntou-lhe:

Mulher, onde estão os que te acusavam?
Ninguém te condenou?
(São João 8,10)

A lei mosaica requeria duas testemunhas de um crime antes de cumprir a sentença; tinham até de assistir à execução. Os ditos defensores da lei mosaica, todavia, já não estavam presentes para testemunhar. Notem, Nosso Senhor a chamou de “mulher”. Havia muitos outros nomes pelos quais Ele poderia tê-la chamado, mas Ele a fez representar todas as mulheres do mundo que tinham aspirações de purificação e de santidade em união com Ele. Havia um toque de ironia brincalhona na primeira pergunta: “Mulher, onde estão os que te acusavam?”. Estava a chamar atenção para o fato de que ela estava sozinha! Ele excluía os acusadores. Nessa solidão, perguntou:

Ninguém te condenou?

Ela respondeu:

Ninguém, Senhor.
(São João 8,11)

Se não havia ninguém para lançar uma pedra, Ele tampouco a lançaria. Ela, que chegou a Ele como juiz, encontrou Nele um salvador. Os acusadores chamavam-No de “Mestre”; ela O chamava não de “seu”, mas de “Senhor”, como se reconhecesse que estava na presença de alguém infinitamente superior a ela mesma. E a fé Nele foi justificada, pois, Ele voltou-se para ela e disse:

Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.
(São João 8,11)

Entretanto, por que Ele não a condenou? *Porque Ele seria condenado por ela.* A inocência não condena, porque a inocência sofreria por sua culpa. A

justiça seria salva, pois Ele pagaria a dívida pelos pecados dela; a misericórdia seria salva, pelos méritos de sua morte aplicados à sua alma. Justiça primeiro, misericórdia depois; primeiro a satisfação, depois o perdão. Nosso Senhor realmente era o único naquela multidão que tinha o direito de lançar uma pedra e realizar o julgamento porque era sem pecado. Por outro lado, não tornou o pecado leve, pois assumiu o seu peso. O perdão custa alguma coisa e o preço total seria pago no monte das três cruzes, onde a justiça seria satisfeita e a misericórdia, ampliada. Foi essa libertação da escravidão do pecado que Ele chamou pelo belo nome de liberdade.

Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres.
(São João 8,36)

O BOM PASTOR

Filósofos, cientistas e sábios com frequência reivindicam a superioridade de seus respectivos sistemas. Não é de surpreender, portanto — visto que assim Nosso Senhor como os fariseus eram mestres —, que houvesse uma disputa entre eles quanto às doutrinas. Mas Jesus, como sempre, recusou-se a se colocar no mesmo nível que os mestres humanos; reclamou singularidade como Mestre Divino. No entanto, foi além. Veio para sacrificar a Si mesmo em favor de Suas ovelhas, não para ser Mestre de Seus pupilos. Os fariseus e Jesus discutiram acerca de Suas doutrinas. De um lado, chamou a Si mesmo de Porta que dava acesso exclusivo ao Pai; o porteiro ou o cuidador do aprisco; chamou a Si mesmo também de Pastor ou guardador das ovelhas, e por fim Ele era o Cordeiro que viria a tornar-se vítima. Do outro lado, comparou os fariseus àqueles que não entram pela porta e que, portanto, buscavam roubar o rebanho; e a mercenários que correriam quando viessem os lobos; e, por fim, a lobos que devorariam as ovelhas.

A disputa surgiu depois que Nosso Bendito Senhor restaurou a visão a um cego de nascença. Os fariseus começaram a fazer uma investigação do milagre. Não havia dúvida de que o cego agora podia ver; os fariseus, no entanto, estavam tão convencidos de que isso não devia ser considerado milagre que procuraram os pais do garoto, que confirmaram que ele nascera cego. Já tinham o próprio juízo, de modo que nenhum fragmento de evidência podia mudar-lhes a opinião,

pois os judeus tinham ameaçado
expulsar da sinagoga todo aquele

que reconhecesse Jesus como o Cristo.
(São João 9,22)

O cego de nascença, portanto, foi o primeiro de uma longa lista de confessores que Nosso Senhor disse que seriam expulsos das sinagogas. Os fariseus, ao encontrarem aquele cego, disseram que Cristo não podia ter feito isso porque “Ele é um pecador”. Quando aquele que era cego ficou impaciente com as perguntas dos fariseus e com a recusa de aceitar as evidências dos sentidos, argumentou contra eles:

Se esse homem não fosse de Deus,
não poderia fazer nada.
(São João 9,33)

O pedinte era muito mais sábio em seu entendimento do milagre do que os fariseus, assim como José foi muito mais sábio do que os supostos sábios do Egito na interpretação do sonho de Faraó. O progresso no pensamento e na fé do homem cego foi semelhante àquele da mulher do poço. Primeiro, o cego disse a respeito Dele:

Aquele homem que se chama Jesus.
(São João 9,11)

Mais tarde, depois de ser ainda mais questionado, disse, como o fizera a mulher do poço:

É um profeta.
(São João 9,17)

Por fim, ele declarou que o Senhor devia ter vindo de Deus. Esse é geralmente o percurso daqueles que enfim chegam à verdade acerca de Cristo. Quando o homem curado confessou que Cristo era o Filho do Deus, os

fariseus excomungaram-no da sinagoga. Isso foi grave; pois privava o pedinte dos privilégios externos da comunidade do povo e o tornava objeto de escárnio. Tendo tomado conhecimento da excomunhão, Nosso Senhor, incansável até que encontrasse a ovelha perdida, procurou o homem condenado. Encontrando-o, perguntou-lhe:

Crês no Filho [de Deus]?²⁰
(São João 9,35)

E o pedinte respondeu:

Quem é ele, Senhor,
para que eu creia nele?
(São João 9,36)

Nosso Senhor respondeu da mesma maneira que o fez à mulher do poço:

Tu o vês, é o mesmo que fala contigo!
(São João 9,37)

Então o homem que fora cego prostrou-se diante do Senhor em adoração. Sua fé não era aquela que se confessa com os lábios, mas a que adora à Verdade Encarnada. Seu raciocínio foi simples e, ainda assim, sublime. Aquele que podia operar tal milagre devia ser de Deus. Então, se Ele era de Deus, Seu testemunho havia de ser verdadeiro.

Os fariseus tinham feito uma investigação completa do milagre; não havia dúvida entre as testemunhas; os pais e o homem mesmo reconheceram que um grande milagre havia sido feito: um milagre aos olhos, ao restaurar-lhes a visão, e um milagre à alma, ao dar-lhe a fé em Cristo. Como os fariseus rejeitavam a evidência, Nosso Senhor disse-lhes que eram líderes cegos e que, porque o tinham rejeitado, o juízo cairia sobre eles. Disse-lhes que tiveram uma chance

de ser iluminados por Ele mesmo, a Luz do Mundo. Sem essa iluminação, a cegueira podia ser uma calamidade; agora, no entanto, era um crime.

Tinham fechado a porta da sinagoga ao cego de nascença. Os fariseus imaginaram que assim o tinham afastado de toda comunicação com o Divino. Nosso Senhor, todavia, disse à multidão que, embora a porta da sinagoga estivesse fechada, outra porta se abria:

Eu sou a porta.
Se alguém entrar por mim será salvo;
tanto entrará como sairá
e encontrará pastagem.
(São João 10,9)

Jesus não disse que havia muitas portas, nem que pouco importava por que outra porta alguém buscasse uma vida superior; Ele não disse que era uma porta, mas A Porta. Havia uma única porta na arca em que Noé e sua família entraram para ser salvos do dilúvio; havia uma única porta no Tabernáculo ou no Santo dos Santos. Reclamou para Si o direito exclusivo de admissão ou rejeição no rebanho de Deus. Não disse que Seu ensino ou Seu exemplo eram a porta, mas que Ele, pessoalmente, era o único acesso à plenitude da vida divina. Ele é único e não divide a honra com “colegas”, nem mesmo com Moisés, e tampouco com Zoroastro, Confúcio, Maomé ou quem quer que seja:

Ninguém vem ao Pai senão por mim.
(São João 14,6)

Depois de dizer aos fariseus que não eram de fato mestres, mas líderes cegos, desconhecedores e mercenários, colocou-Se a Si mesmo em contraste com eles não apenas como o Único Mestre, mas como algo infinitamente maior. E não estava meramente dando ideias ou leis, estava dando vida.

Eu vim para que as ovelhas tenham vida
e para que a tenham em abundância.

(São João 10,10)

Os homens têm existência; o Senhor, no entanto, lhes daria vida; não a vida biológica ou física, mas divina. A natureza sugere, mas não pode dar essa vida mais abundante. Animais têm vida mais abundante que as plantas; o homem tem vida mais abundante que os animais. Disse ter vindo para dar uma vida que transcende o humano. Assim como o oxigênio não pode dar uma vida mais abundante à planta a menos que esta se renda a ele, assim também o homem não pode partilhar da Vida Divina a menos que Nosso Senhor se *renda* para dá-la.

Em seguida, o Senhor passou a demonstrar que deu essa vida não por Seu ensinamento, mas por Sua morte. Não era unicamente um Mestre, mas sobretudo um Salvador. Para ilustrar mais uma vez o propósito de Sua vinda, voltou ao Antigo Testamento. Nenhuma figura é empregada com mais frequência no Êxodo para descrever o Deus que conduz seu povo da servidão para a liberdade do que a de um pastor. Os profetas também falavam dos pastores que guardavam um rebanho em bons pastos como distintos dos falsos pastores. Deus é retratado por Isaías como Aquele que leva sua ovelha nos braços (Isaías 40,11), e por Ezequiel como um pastor que procura a ovelha perdida (Ezequiel 34,12). Zacarias deu o retrato mais triste de todos ao profetizar que o Messias-pastor seria ferido e as ovelhas dispersas (Zacarias 13,7). O mais conhecido é o Salmo 23, em que o Senhor é retratado conduzindo sua ovelha a pastos verdejantes.

O Senhor revelou a que custo esses pastos verdejantes são comprados. Ele não era o Bom Pastor porque provia fartura econômica, mas porque entregaria a própria vida em favor das ovelhas. Mais uma vez, a Cruz aparece sob o símbolo do pastor. O patriarca-pastor Jacó e o rei-pastor Davi tornam-se agora o salvador-pastor, do mesmo modo que o bastão torna-se um cajado; o cajado, um cetro; e o cetro, uma Cruz.

O Pai me ama,
porque dou a minha vida para a retomar.
Ninguém a tira de mim,
mas eu a dou de mim mesmo

e tenho o poder de a dar,
como tenho o poder de a reassumir.
(São João 10,17-18)

Sua morte não é nem acidental nem imprevista; tampouco Ele fala de Sua morte à parte de Sua glória; nem de entregar a vida sem tomá-la de volta. Nenhum homem comum poderia ter dito isso. A ajuda invisível do céu estava em Sua vocação. Aqui Nosso Senhor determinou que o amor do Pai tinha-O enviado à missão que Ele haveria de cumprir sobre a terra. Isso não significava o início do amor do Pai, como podia ser o início do amor de um pai por alguém que resgatasse o filho de um afogamento. Ele já era o Objeto Eterno de um Amor Eterno. Mas agora, em Sua natureza humana, dá um motivo adicional para esse amor: a prova de Seu amor ao morrer. Visto que não possuía pecado, a morte não tinha poder sobre Ele. Retomar Sua vida era parte do plano divino tanto quanto o era entregá-la. Os cordeiros sacrificiais oferecidos por séculos eram portadores do pecado por imputação, mas também eram pacientes inocentes levados em ignorância ao altar. O sacerdote da Antiga Lei impunha a mão sobre o cordeiro a fim de indicar que estava imputando pecados sobre aquele que seria sacrificado. Jesus, contudo, assumiu voluntariamente o pecado por causa da nova vida que concederia depois da Ressurreição. Quando disse que dá a vida pelas ovelhas, o Senhor não queria dizer apenas por causa delas, mas também no lugar delas. Depois da Ressurreição, quando deu a Pedro o triplo mandato de apascentar Seus cordeiros e ovelhas, Ele profetizou que Pedro teria de morrer pelo rebanho do Senhor, como de fato veio a fazer.

O Pai O amava, disse o Senhor, não apenas porque entregou a vida, pois os homens podem tornar-se vítimas de forças superiores. Se morresse sem retomar a vida, Sua função teria cessado depois do sacrifício; teria sido apenas uma linda memória. Mas o amor do Pai contemplava mais do que isso. Ele também havia de retomar a vida e continuar a exercer os direitos reais. Ao retomar a vida, ele seria capaz de continuar soberano em termos diferentes.

Essa ação dupla foi a ordem do Pai.

Tal é a ordem que recebi de meu Pai.

(São João 10,18)

Desse modo, enquanto a entrega e a retomada de Sua vida foi espontânea, foi também uma consequência de um compromisso e uma ordem recebida do Pai Celestial quando se fez homem. O Pai não queria que o Filho percesse, mas, ao contrário, que triunfasse no maior ato de amor possível. Mais tarde, durante a agonia no Jardim, confirmaria essa mistura de liberdade com ordem divina. Antes, ouviram-No dizer:

Pois desci do céu não para fazer a minha vontade,
mas a vontade daquele que me enviou.
(São João 6,38)

Assim, a discussão que começou com o tema da liderança de ensino terminou no tema do acréscimo de vida por meio da Redenção. O milagre de dar vista ao cego de nascença foi como todos os outros milagres Dele — apontavam para Sua obra de dar a vida em resgate da humanidade. Cada momento de Sua vida tinha em si a Cruz; Seu ensino só tinha valor por causa da Cruz. Sua exposição ativa à Cruz por amor era bem diferente de uma aceitação estoica quando ela de fato acontecesse. Entrou voluntariamente pelo portão do Calvário por causa da justiça. Paulo mais tarde contaria aos romanos as maravilhas desse amor do pastor por sua ovelha negra.

Com efeito, quando éramos ainda fracos,
Cristo a seu tempo morreu pelos ímpios.
Em rigor, a gente aceitaria morrer por um justo,
por um homem de bem,
quicá se consentiria em morrer.
(Romanos 5,6-7)

Nota

20 | Algumas versões trazem nesta passagem “filho do homem”, incluindo a tradução que adotamos como padrão das citações bíblicas. (N. T.)

O FILHO DO HOMEM

Não há título que Nosso Senhor tenha usado com mais frequência para descrever a Si mesmo que o de “Filho do Homem”. Ninguém jamais o chamou por esse título, mas Ele o utilizou para Si ao menos umas oitenta vezes. Não se chamava de “um filho do homem”, mas de “o Filho do Homem”. Sua existência, tanto a eterna quanto a temporal, está nisso. Na conversa com Nicodemos sugeriu que era Deus em forma de homem.

Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu,
o Filho do Homem que está no céu.
(São João 3,13)

Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo,
que lhe deu seu Filho único.
(São João 3,16)

Que o “Filho do Homem” se referia à natureza humana em união pessoal com a natureza divina está evidenciado no fato de que a primeira vez que Nosso Senhor fez referência a Si mesmo como “o Filho do Homem” foi ao ser reconhecido pelos discípulos como o Filho de Deus.

Cristo ingressou na existência humana em uma forma que não Lhe era natural como o Filho de Deus. Essa admissão da natureza humana era uma humilhação, um esvaziamento, um despojamento e uma *kenosis* de sua glória. A renúncia fundamental da glória divina criou uma condição física de vida que

O fez aparecer como um homem. O sofrimento e a morte eram as consequências lógicas dessa humilhação. Como Deus não poderia sofrer; como homem, poderia.

Ele sempre fez essa distinção entre Filho do Homem e Filho de Deus. Em uma ocasião, quando os inimigos buscavam matá-Lo, disse:

Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima.
Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo.
(São João 8,23)

Às vezes, o título de “Filho do Homem” é usado com referência à sua vinda no último dia para julgar todos os homens; outras vezes, refere-se à missão messiânica para instituir o Reino de Deus na terra e trazer o perdão dos pecados, mas, com mais frequência, refere-se à sua Paixão, morte e Ressurreição. Encoberta pelo título estava a missão como Salvador e a humilhação como Deus na fraqueza da carne humana. Assim como um rei podia tomar outro nome enquanto viajava incógnito, o filho de Deus, igualmente, tomou outro nome, “o Filho do Homem”, não para negar Sua divindade, mas, melhor, para afirmar a nova condição que assumira. Já que estava humilhando-Se e fazendo-Se obediente, até a morte na Cruz, o título de “Filho do Homem” representou a vergonha, o aviltamento e o pesar que é o destino humano. Era descritivo daquilo que Ele *se tornou*, em vez daquilo que ele é desde a eternidade. “O Filho do Homem” ou o “Homem das Dores” era, disse, também o objeto da profecia:

Como então está escrito acerca do Filho do homem
que deve padecer muito e ser desprezado?
(São Marcos 9,12)

Porque o nome indica não só humilhação, mas identificação com a humanidade pecadora, Ele *nunca usou o termo após ter redimido a humanidade e ressuscitado dos mortos*. Os lábios glorificados da “ressurreição e da vida” nunca

mais pronunciaram “o Filho do Homem”. Deixara para trás a unidade com a humanidade não redimida.

A humildade da presente condição que queria enfatizar torna-se evidente na Sua unidade com os infortúnios e misérias do homem. Se os homens não tinham lar, Ele não teria lar:

As raposas têm suas tocas e as aves do céu,
seus ninhos, mas o Filho do Homem
não tem onde repousar a cabeça.
(São Mateus 8,20)

Uma vez que a verdade que veio trazer ao mundo estava reservada aos que aceitaram Sua divindade e não era algo atrativo aos ouvintes, Ele nunca usou “o Filho do Homem” como a fonte dessa verdade. A verdade que trouxe era a verdade divina, derradeira e absoluta. Por isso, evitou usar o termo “Filho do Homem” em relação a Sua natureza divina, que era una com o Pai.

Mas conheço-o e guardo a sua palavra.
(São João 8,55)

Eu sou [...] a verdade.
(São João 14,6)

Em verdade, em verdade vos digo.
(São João 6,32)

Entretanto, quando se tratar de julgar o mundo, no fim dos tempos, de separar as ovelhas e os cabritos, de trazer a balança da virtude e do vício para cada alma, esse privilégio e autoridade foi Dele porque sofreu e redimiu a humanidade como “O Filho do Homem”. Porque foi obediente até a morte, seu Pai o exaltou como o juiz. Conhecendo o que havia no homem, como “Filho do Homem”, poderia julgar melhor a raça humana.

o Pai [...] lhe conferiu o poder de julgar,
porque é o Filho do Homem.
(São João 5,26-27)

Ainda que “o Filho do Homem” expressasse Sua relação com a humanidade, era muito diligente em destacar que era como o homem em todas as coisas, exceto no pecado. Desafiou os ouvintes a condená-Lo por pecado. No entanto, as consequências do pecado estavam todas Nele como “o Filho do Homem”. Daí a prece para afastar o cálice, o sofrimento da fome e da sede; a agonia e o suor de sangue; talvez, parecer mais velho do que realmente era; a condescendência em lavar os pés dos discípulos, a falta de ressentimento assim que os donos dos porcos rogaram-Lhe que partisse de seus arredores; o sofrimento diante das acusações falsas de bebedeira, gluttonia; a gentileza expressa ao esconder-Se quando os inimigos o teriam apedrejado e, sobretudo, a persistência da preocupação, da agonia, do medo, da dor, da angústia mental, da febre, da fome e da sede durante as horas de sua Paixão — todas essas coisas se deram para inspirar os homens a imitar o “Filho do Homem”. Nada humano era-Lhe estranho.

A família humana tem suas provações, então, Ele as santificou ao viver em uma família. O trabalho árduo realizado com o suor do rosto era a sina da humanidade; Ele, portanto, “o Filho do Homem” se tornou um carpinteiro. Não há uma única aflição humana resultante do pecado que recaia sobre o homem que tenha escapado dessa unidade com Ele.

Tomou as nossas enfermidades
e sobrecarregou-se dos nossos males.
(São Mateus 8,17)

Isaías profetizara essa incorporação com a fragilidade humana. Embora não existam provas no Evangelho de que Nosso Senhor alguma vez esteve doente, há muitos momentos em que Ele sentiu a doença como se fosse Dele, assim como sentiu o pecado como Seu. Por isso, ao realizar uma cura, ele, às vezes, “suspirava” ou “gemia” após levantar os olhos ao céu, a fonte de Seu poder. A enfermidade humana o tocava de modo muito profundo, pois a

surdez, a mudez, a lepra e a insanidade eram efeitos do pecado, não da pessoa afligida, mas da humanidade. Porque sua morte retiraria o pecado, que era a causa (ainda que a remoção final da doença e do erro não viessem até a ressurreição do justo), disse que era demasiado fácil para ele curar um como o outro.

Que é mais fácil dizer:
Teus pecados te são perdoados,
ou: Levanta-te e anda?
(São Mateus 9,5)

Suspirava porque era o Sumo Sacerdote tocado por todas as “mil pelejas naturais — herança do homem”.²¹ Lágrimas! Chorou três vezes porque a humanidade chora. Quando viu outros chorarem, tal como Maria na dor pela morte do irmão, sentiu o pesar como seu.

Ao vê-la chorar assim,
como também todos os judeus que a acompanhavam,
Jesus ficou intensamente comovido em espírito.
(São João 11,33)

Na morte e enterro de Lázaro, viu a longa procissão de pessoas de luto, do primeiro ao último, e o motivo daquilo tudo: como a morte veio ao mundo com pecado de Adão. Dentro de poucos dias sabia que Ele, como um segundo Adão ou o “Filho do Homem”, tomaria para Si “os pecados do mundo” e, portanto, daria à morte seu fim. Restaurar a saúde física para a humanidade custou-Lhe algo, assim como restaurar a saúde espiritual custou-Lhe a vida. Nesse primeiro momento, como Filho do Homem, sentia como se perdesse uma energia para a humanidade. Quando a mulher tocou a barra de sua veste, o Evangelho recorda que:

Jesus percebeu imediatamente que saíra dele uma força.
(São Marcos 5,30)

Assim, portanto, nenhum pecado ou doença o atingia por contágio. Ele as suportava como a mãe amorosa suporta a agonia do filho e a tomaria, se possível, sobre Si. Entretanto, uma mãe não tem o caráter representativo em sua família que o Cristo tinha na humanidade. Foi o novo Adão e poderia trazer o perdão e a vida para todos os homens, assim como o primeiro Adão deu a todos os homens o pecado e a morte.

Por fim, o título “o Filho do Homem” significava que Ele era representante não apenas dos judeus, não só dos samaritanos, mas de toda a humanidade. Sua relação com os seres humanos era semelhante à de Adão. A raça humana tinha duas cabeças: Adão e o novo Adão, o Cristo. O “Filho do Homem” não era um homem em particular, um homem pessoal, mas, antes, um padrão de homem, um homem universal. Foi na família humana que Deus escolheu ingressar, a expressão perfeita para descrever isto é *Homo factus est*. Foi feito homem e limitou-Se a compartilhar a natureza humana. Entrou na realidade da humanidade comum. Assumiu a natureza humana em Sua sagrada pessoa. Aristóteles disse que se os deuses se interessassem pelos assuntos humanos, esperaria que vissem com mais satisfação aquilo que é mais parecido com a própria natureza. Isso sugere certo grau de desdém pelo humano; conseqüentemente, os gregos diziam que as manifestações da divindade “eram demasiado belas para venerar e demasiado divinas para amar”. Entretanto, em Cristo o inverso é verdadeiro: “Ele veio para o que era seu” (São João 1,11). O santificador deve ser um com aqueles que santifica. A própria separação em atributos entre as duas partes torna necessário que de algum modo sejam um. Deve haver um ponto de contato, de um com o outro. Aquele que é como os irmãos terá mais poder sobre eles do que o que não lhes assemelha. Por isso, para ser um santificador, Nosso Senhor Santíssimo tinha de ser um homem como seus irmãos ímpios. Ele os santificaria ao reproduzir em sua vida o ideal perdido do atributo humano e ao trazer esse ideal para permanecer em suas mentes e corações.

O ideal tinha de ser um *homem* ideal, “ossos dos nossos ossos, carne da nossa carne” — “o Filho do Homem”. Tinha de ser, em humanidade, despido de todas as vantagens sociais até o nível da massa comum e apresentando aí o ideal de excelência em ambiente familiar. Assim, poderia ser um sumo sacerdote compassivo que poderia sentir pelos homens e ser o verdadeiro representante diante de Deus. Quanto mais próximo de seus eleitores, mais apto estava para o ofício. Ao ter compaixão do ignorante e do pecador,

adquiriu, pela própria experiência e consciência da enfermidade, a semelhança aos homens que sofrem.

Não poderia ser um Sumo Sacerdote para o homem, interceder pelo homem e pagar a dívida ao Pai a menos que fosse tirado *do meio* dos homens. O título “Filho do Homem” proclamou sua irmandade, mas os homens não podem ser irmãos a não ser que tenham um pai comum, e Deus não é pai a menos que tenha um filho. Acreditar na irmandade do homem sem a paternidade de Deus é fazer dos homens uma raça de bastardos.

Só a empatia, contudo, não explica completamente esse título de “Filho do Homem”. Não estava só desejoso, mas ávido — mesmo sob necessidade — de vir à condição deles. O amor empático trouxe-o dos céus à terra, e a associação no sofrimento se deu como questão de percurso. O amor é um princípio vicário. Uma mãe sofre pelo filho doente e com ele, assim como o patriota sofre por seu país. Não é de admirar que o Filho do Homem tenha visitado essa terra tenebrosa, pecadora e infeliz ao tornar-Se homem — a unidade de Cristo com os pecadores deveu-se ao amor! O amor sobrecarrega-se dos desejos, dos infortúnios, das perdas e até dos erros dos outros.

Sofreu porque amou. Entretanto, algo mais deve ser acrescentado. Não era o bastante para o homem amar o outro; se esse sofrimento tinha de ter algum valor, deveria ter algo a oferecer a Deus por nós e essa oferta deveria possuir certa qualidade necessária para ser eficaz. Deveria ser perfeita e eternamente válida. Ele, portanto, tinha de ser Deus e homem, de outro modo a reparação e a redenção do pecador não teria tido valor à vista de Deus. A empatia por si não seria o bastante para formar uma unidade entre Deus e o ímpio. Devia haver uma nomeação divina para o cargo. Em virtude do “dever” divino, Ele não era apenas um sacerdote, mas uma *vítima*. Removeu o pecado pelo sacrifício de si mesmo. Como sacerdote, era um representante da humanidade; como vítima, era o substituto da humanidade. Ofereceu-se como um sacrifício aceitável a Deus. É o exemplo perfeito de autoentrega e de lealdade à vontade divina, e Deus aceitou o sacrifício não de um homem, mas do “Filho do Homem” ou da raça humana representada por esse homem arquetípico ou modelar. Ao agir como portador do pecado não alterou de modo algum seu relacionamento com o Pai Celestial. Ainda que Cristo tenha sido, na verdade, o portador do pecado enquanto ainda estava na terra, era o portador do pecado por destino antes de vir ao mundo. Por isso as Escrituras o

chamam de o “cordeiro imolado” que veio antes da origem do mundo (Apocalipse 13,8).

Ninguém — nem os demônios, nem os inimigos, nem mesmo os apóstolos — jamais o chamou de “Filho do Homem”. Assim como “Filho de Deus” aplicado a Si tinha um significado único, a saber, o filho unigênito gerado do Pai Eterno, igualmente esse título, cunhado por Ele mesmo e aplicado somente a Si. Ninguém mais se apresentou como representante da raça humana. O “Filho de Deus” é um estranho à raça humana porque é o seu criador, mas “o Filho do Homem” foi um com a raça humana, exceto no pecado. Como homem, podia morrer. Morrer é uma humilhação; mas morrer por outrem é glorificação. Seu Pai, portanto, manifestou um amor singular por seu divino Filho ao permitir que como Filho do Homem experimentasse a morte pelos outros. A árvore genealógica de Seus ancestrais terrenos não era realmente importante; o que era importante era a árvore genealógica dos filhos de Deus que Ele plantou no Calvário.

Nota

21 | William Shakespeare, *Hamlet*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Abril, 1976, Ato III, cena I. (N. T.)

CÉSAR OU DEUS

Os homens falam mais sobre a riqueza quando estão pobres. Do mesmo modo, também falam mais de liberdade quando correm o risco de perdê-la ou quando estão escravizados. Por vezes, a liberdade identificou-se com a licenciosidade num extremo ou com a tirania no outro. Visto que Nosso Senhor nasceu numa terra subjugada e escravizada, era de esperar que alguns não desejassem outro tipo de liberdade que não a política, ou uma libertação que não do jugo do conquistador. Se o Senhor fosse um reformador ético, seria exatamente esta a liberdade que teria dado; mas, se fosse um Salvador, como de fato o era, então a liberdade espiritual era mais importante que a liberdade política.

No topo da montanha, Satanás ofereceu a Ele uma carreira política, mas fracassou. Era o político que havia de servir ao Divino, não o Divino ao político. Mais tarde, quando as massas tentaram proclamá-Lo rei, o Senhor fugiu para as montanhas. A ideia de libertação política, no entanto, era frequente no imaginário popular. Toda Israel estivera nas mãos dos romanos desde que Pompeu entrou na Cidade Santa, defendida por Aristóbulo, e levou cativo a ele e a milhares de outros. O país, então, tornou-se tributário de Roma. Quando se usava a palavra “liberdade”, quase sempre esta era compreendida em sentido político, como o fim da servidão a César.

Nosso Senhor, portanto, constantemente tinha de lidar com esse problema — seja porque esperavam que ele fosse um libertador político, seja porque sempre que falava de liberdade era mal interpretado como se falasse da libertação do jugo romano. Em três incidentes separados, ele esclareceu sua posição quanto ao assunto, sem deixar dúvidas a respeito do que considerava a verdadeira liberdade:

1. A libertação política de César não era primordial.
2. A verdadeira liberdade era espiritual e significava libertação do pecado.
3. Para conquistar essa liberdade para todos, judeus e gentios, haveria de entregar-se voluntariamente como expiação do pecado.

Os herodianos e os fariseus sustentavam visões opostas em relação a César. Os herodianos não eram uma seita ou uma escola religiosa, mas um partido político. Aparentemente, eram amigos de César e da autoridade romana; embora não fossem romanos, defendiam a Casa de Herodes como ocupante do trono judaico; isso fez deles amigos da Roma pagã e de César, com o próprio Herodes como vassalo de César. Desejando ver a Judeia enfim conduzida pelo cetro de um príncipe de linha herodiana, nesse ínterim, como companheiros de viagem, submetiam-se à autoridade romana pagã.

Outro partido era o dos fariseus, que estavam agora no auge de seu poder. Sendo puritanos quanto à lei e às tradições judaicas, recusavam-se a reconhecer qualquer autoridade de Roma; chegaram até mesmo, segundo [Flávio] Josefo, a tentar matar Herodes. Como nacionalistas, recusavam-se a reconhecer o domínio romano e esperavam que um dia os judeus, sob o Rei-Messias, regessem o mundo.

Ambos os grupos eram inimigos, não apenas porque os herodianos estavam ao lado de César e dispostos a pagar tributo ao conquistador, enquanto os fariseus desprezavam César e pagavam o tributo sob protesto, mas também porque os herodianos não estavam particularmente interessados em religião, ao passo que os fariseus professavam ser os modelos mais exemplares de devoção religiosa.

Um dia depois que Nosso Senhor curou um homem num sábado, os fariseus começaram a planejar, junto com membros do partido de Herodes, como livrar-se de Jesus. O simples fato de os fariseus terem tolerado até mesmo uma aliança temporária com os herodianos mostra a virulência do ódio dirigido a Nosso Bendito Senhor. O Evangelho sugere que essa nova conspiração pretendia entregar o Senhor à autoridade do governador romano ou também ao povo.

Puseram-se então a observá-lo e mandaram espiões
que se disfarçassem em homens de bem,
para armar-lhe ciladas e surpreendê-lo no que dizia,
a fim de o entregarem à autoridade e ao poder do governador.
(São Lucas 20,20)

Os herodianos não podiam postar-se diante de Nosso Senhor sem levantar suspeitas quanto a Suas motivações; tampouco os fariseus, sempre muito astutos, foram até Ele. Enviaram alguns de seus jovens eruditos, como se em sua simplicidade ingênua estivessem apenas buscando informação. Os fariseus deram a Nosso Bendito Senhor a impressão de que surgira uma discussão entre eles e os herodianos, como de fato teria sido muito natural. Desejavam resolver a questão recorrendo a Jesus como grande mestre. Começaram elogiando-o, pensando tolamente que Ele podia ser vencido por alguma adulação.

Mestre, sabemos que és verdadeiro
e ensinas o caminho de Deus em toda a verdade,
sem te preocupares com ninguém,
porque não olhas para a aparência dos homens.
(São Mateus 22,16)

E então vem a pergunta, uma verdadeira pergunta capciosa:

É permitido ou não pagar o imposto a César?
(São Mateus 22,17)

“Esse imposto que nós, fariseus, tanto detestamos, mas cuja legalidade os herodianos defendem, deve ou não deve ser pago? Quem de nós está certo — nós, os fariseus que o repudiamos, ou os herodianos que o justificam?”

Esperavam que Nosso Bendito Senhor respondesse ou “os herodianos” ou “os fariseus”. Se respondesse “Não, não é legítimo pagar tributo a César”, então os herodianos O teriam entregado às autoridades romanas, que por sua vez O

condenariam à morte por conspirar uma revolução. Se dissesse “Sim, é legítimo”, então desagradaria aos fariseus, que iriam diante do povo e diriam que Ele não era o messias, pois nenhum messias, ou libertador, ou salvador, consentiria que o povo entregasse o pescoço ao jugo do invasor. Se se recusasse a pagar o tributo, seria um rebelde; se concordasse em pagá-lo, seria inimigo do povo. Dizer “Não” faria dele um traidor de César; dizer “Sim” faria dele inimigo da nação, um inimigo da pátria. Em qualquer dos casos, pareceria que caiu numa armadilha. Os companheiros de viagem condená-Lo-iam por ser inimigo do grande líder, César; os semirreligiosos o danariam por ser um inimigo do país. A ardileza na pergunta foi intensificada pela fusão dos elementos religiosos e políticos na história antiga de Israel; mas agora os dois estavam separados. Como podia aplicar-se um padrão absoluto tanto a Deus quanto a César?

A essa pergunta apresentada com tanta malícia, Nosso Divino Senhor respondeu:

Por que me tentais, hipócritas?
(São Mateus 22,18)

Apesar do fato de eles terem começado com cortesia, Nosso Bendito Senhor podia ouvir o sibilo da serpente. Embora alardeassem que Jesus era destemido e imparcial, este os ofuscou as vistas com o clarão da palavra indignada “hipócritas”. E disse-lhes:

Mostrai-me a moeda com que se paga o imposto!
(São Mateus 22,19)

Nosso Senhor não tinha nenhuma. Providenciaram uma moeda e colocaram-na em Sua mão. De um lado, estava estampado o rosto do imperador, Tibério César; do outro lado da moeda estava estampado seu título — *Pontifex Maximus*. Grande silêncio deve ter sobrevindo à multidão no momento em que viram a moeda ali, nas mãos de Nosso Senhor. Não muitos dias depois, aquele que era o rei dos reis teria aquelas mesmas mãos perfuradas

pelos cravos sob as ordens dos representantes daquele homem para cuja efígie ele olhava. Nosso Senhor perguntou-lhes:

De quem é esta imagem
e esta inscrição?
(São Mateus 22,20)

Responderam:

De César.
(São Mateus 22,21)

Veio então a resposta de Jesus:

Dai, pois, a César o que é de César [...]
(São Mateus 22,21)

Nosso senhor não tomou partido, porque a questão básica não era Deus ou César, mas Deus e César. Aquela moeda usada nas transações comerciais cotidianas mostrava que eles já não eram independentes do ponto de vista político. Naquela esfera da vida mais baixa, a dívida para com o governo deveria ser quitada. Ele não fomentou aspirações de independência; não prometeu ajuda e libertação. Aliás, era o dever deles reconhecer o domínio presente de César, *imperante Tiberio*. A palavra grega usada no Evangelho para “devolver” ou “dar” implicava um dever moral tal como São Paulo disse mais tarde aos romanos, *imperante Nerone*:

Cada qual seja submisso às autoridades constituídas,
porque não há autoridade que não venha de Deus;
as que existem foram instituídas por Deus.
(Romanos 13,1)

Mas, a fim de remover a objeção de que o serviço ao governo isentava do serviço a Deus, Jesus acrescentou:

E a Deus o que é de Deus.
(São Mateus 22,21)

Mais uma vez, Jesus estava dizendo que Seu reino não era deste mundo; que a submissão a Ele não era incoerente com a submissão aos poderes seculares; que a liberdade política não é a única liberdade. Aos fariseus que odiavam César chegou a ordem: “Dai a César”; aos herodianos que tinham esquecido de Deus em seu amor a César chegou o princípio básico: “Dai a Deus”. Tendo o povo cumprido seu dever perante Deus, estariam agora na presente condição de ter de servir também a César. Ele viera sobretudo para restaurar os direitos de Deus. Como Jesus já lhes tinha dito antes, se buscassem em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, todas as demais coisas, incluindo a liberdade política, lhes seriam acrescentadas.

Aquela moeda trazia a imagem de César, mas que imagem traziam os questionadores? Era a imagem do próprio Deus? Era esta a imagem que Jesus pretendia restaurar. Por ora, a política podia permanecer como estava, pois ele não ergueu um dedo para mudar sua cunhagem. Mas daria a vida para fazê-los dar a Deus o que é de Deus.

A VERDADEIRA LIBERDADE

Essa questão da liberdade surgiu durante a segunda visita de Nosso Senhor a Jerusalém. Ele tinha acabado de discursar sobre a verdade como condição da liberdade, dizendo:

Conhecereis a verdade e a verdade vos livrará.
(São João 8,32)

Assim como na ordem mecânica um homem é mais livre para operar uma máquina quando sabe a verdade sobre ela, também, espiritualmente, é mais

livre um homem cuja mente é iluminada por aquele que disse “Eu sou a verdade”.

Os ouvintes ressentiram-se do que lhes parecia uma sugestão de que eram escravos.

Somos descendentes de Abraão
e jamais fomos escravos de alguém.
Como dizes tu: Sereis livres?
(São João 8,33)

Esta jactância orgulhosa era completamente infundada. Naquele exato momento, os romanos estavam coletando os impostos deles, como um povo conquistado. Sete vezes, conforme o livro dos Juízes, foram escravizados pelos canaanitas. Além disso, tinham esquecido os setenta anos na Babilônia? Estiveram sob o jugo dos filisteus, dos assírios e dos caldeus; e agora, dentro desta visão paupérrima, estava a guarnição romana, em seus bolsos estava o dinheiro romano e, em Jerusalém, estava Pilatos, o romano.

Nosso Senhor, no entanto, ignorava o pano de fundo político; tal sujeição podia ser suportada. A servidão da qual Ele falava, todavia, era a servidão do pecado. O desejo humano não pode ser atacado desde fora; só pode ser abandonado desde dentro, por uma decisão livre que, multiplicada, forja a cadeia do hábito:

Em verdade, em verdade vos digo:
todo homem que se entrega ao pecado é seu escravo.
Ora, o escravo não fica na casa para sempre.
(São João 8,34-35)

A própria liberdade que o pecador supostamente exercita em sua autoindulgência é só outra prova de que é regido por um tirano. Nosso Senhor contrastava agora um escravo e um filho, depois de acusar seus ouvintes de serem escravos do pecado. O escravo não vive na casa para sempre. O ano do jubileu era uma provisão contra essa perpetuidade; viria um tempo em que os

escravos haveriam de partir. Mas não é assim com um filho; ele está ligado à casa com laços que o tempo não pode destruir. Nosso Senhor comparou o escravo, que não pertence perpetuamente ao senhor, ao pecador-escravo, que de modo semelhante não pertence à casa do Pai Celestial. Nenhum pecador está em sua verdadeira casa enquanto está ligado a Satanás. No entanto, aquele que se postava no meio deles era o Filho desse Pai Celestial.

[...] mas o filho sim, fica para sempre.
(São João 8,35)

Ele, o Filho, veio entre aqueles que eram escravos do pecado para libertá-los, não politicamente, mas espiritualmente. Essa libertação restituiria os escravos do pecado à casa do Pai. Nenhum escravo precisa suportar para sempre a tirania do pecado, porque há Aquele que os redimirá do mal. Haverá libertação de uma casa para a outra. Para que soubessem que Ele era Aquele que levaria a efeito essa redenção, Jesus disse:

Se, portanto, o Filho vos libertar,
sereis verdadeiramente livres.
(São João 8,36)

O Filho não é outro senão aquele que fala, o próprio Cristo, e pode libertar os homens do pecado, precisamente porque vem do Pai. O próprio libertador deve ser livre; se Ele estivesse de algum modo escravizado pelo pecado, não poderia libertar. As portas da prisão do mal só podiam ser destrancadas do lado de fora e por aquele que não fosse um prisioneiro.

Não havia nada novo nesta proclamação de que Ele veio para emancipar do pecado e dar a seus seguidores a “gloriosa liberdade dos filhos de Deus”. Seu primeiro discurso público em sua cidade natal foi a mensagem da salvação.

O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu; e enviou-me para [...]
anunciar aos cativos a redenção,

[...] para pôr em liberdade os cativos.
(São Lucas 4,18)

Quando Jesus disse isso, tentaram matá-Lo empurrando-O de um despenhadeiro (São Lucas 4, 29); seus ouvintes não foram mais receptivos do que os ouvintes de Nazaré. O contraste que Ele fez entre os escravos do pecado e o Filho de Deus era demais para eles. Sabiam muito bem que as palavras de Jesus sobre a liberdade não poderiam aplicar-se a sua emancipação do poder romano. Não havia equívoco de que, para Ele, a única liberdade verdadeira era a libertação do pecado. Mas ainda assim não O aceitariam, e o Senhor disse-lhes a razão.

Mas eu, porque vos digo a verdade, não me credes.
Quem de vós me acusará de pecado?
Se vos falo a verdade, por que me não credes?
Quem é de Deus ouve as palavras de Deus,
e se vós não as ouvís é porque não sois de Deus.
(São João 8,45-47)

Geralmente, acredita-se num homem quando este fala a verdade; agora é a verdade que causa a descrença. A verdade pode ser odiada quando revela a falsidade interior. Embora o rejeitassem, Ele os desafiava a apontar uma mancha em seu caráter impecável. Até mesmo Judas, depois da traição, o chamaria de “inocente”. Ele ensinou os discípulos a orar “perdoai-nos as nossas ofensas”, mas nunca orou assim; antes, Ele perdoou as ofensas que sofreu dos outros. Se o pecado for escravidão, então a inocência é a perfeita liberdade. A liberdade não é, em essência, libertação de um jugo estrangeiro; é, na verdade, libertação do cativeiro do pecado. Jesus não era um mestre a discursar sobre a liberdade; era um libertador — e de uma servidão maior que a romana. “O Filho vos libertará”. Essa libertação, no entanto, custará algo, como explicado na discussão a seguir.

O PREÇO DA VERDADEIRA LIBERDADE

O tempo da visitação à Galileia estava perto do fim; Nosso Bendito Senhor evitava a atenção pública tanto quanto possível, e negou-se a Si mesmo para imprimir nos discípulos a lição da Cruz, que eles não compreenderam até o Pentecostes. Assim que chegaram a Cafarnaum, os cobradores de impostos do templo aproximaram-se de Pedro, fosse pela curiosidade hostil quanto aos impostos, fosse para poder ter uma acusação contra o mestre de Pedro, dizendo-lhe:

Teu mestre não paga a didracma?
(São Mateus 17,23)

O imposto do templo originalmente era arrecadado de cada pessoa como um resgate por sua alma, no sentido de um reconhecimento de que sua vida fora penhorada pelo pecado. O êxodo o arrecadava de todos os homens de vinte anos de idade a fim de custear o serviço do templo. O tributo era de meio siclo e equivalia a cerca de trinta centavos de dólar americano.

A pergunta acerca do pagamento do imposto do templo por Nosso Senhor não era simples. Ele declarara ser o Templo de Deus e exercera seus direitos divinos sobre o templo material ao purificá-lo dos cambistas e vendedores. Será que aquele que disse ser o Templo de Deus porque a divindade habitava em sua natureza humana pagaria agora o tributo do templo? Pagar o imposto do templo depois da clara afirmação na Festa dos Tabernáculos de que Ele era o Filho de Deus teria dado origem a alguns equívocos sérios. O ponto em questão não era a pobreza do Mestre; era se Aquele que era o Templo vivo de Deus subordinar-Se-ia ou não ao símbolo e sinal de Si mesmo.

Em resposta à pergunta do coletor de impostos, Pedro respondeu que Nosso Senhor pagou a taxa. Pedro não tinha se reunido com Nosso Senhor para saber se Ele tinha ou não pago a taxa. Depois de responder, entrou na casa. Antes que Pedro tivesse a chance de falar, Nosso Senhor dirigiu-se a ele, mostrando que estava bem informado acerca da conversa que ocorrera do lado de fora. Tudo estava nu e aberto a seus olhos; o segredo era impossível.

Que te parece, Simão?

Os reis da terra, de quem recebem os tributos ou os impostos?
De seus filhos ou dos estrangeiros?
(São Mateus 17,24)

Ele sabia que Pedro deu uma resposta afirmativa ao coletor de impostos. A pergunta implicava que Pedro perdera a visão, por um momento, da dignidade de seu Mestre, que era o Filho em sua própria casa, o Templo, e não um servo na casa de outrem. Foi mais ou menos a mesma ideia que Nosso Bendito Senhor enfatizou quando falou com os fariseus. Disse-lhes que eram escravos, não apenas de um poder político, mas do pecado, e ele estava interessado apenas em livrá-los dessa servidão do pecado. Ao que Pedro respondeu:

Dos estrangeiros.
Jesus replicou:
Os filhos, então, estão isentos.
(São Mateus 17,25)

Um rei não impõe um tributo sobre a própria família para manter o palácio em que vive. Então, visto que ele é Deus, havia de pagar o tributo de resgate *Aquele que dá a vida como resgate?* Visto que Ele é o Templo de Deus, deveria pagar um tributo pelo sacrifício, sendo Ele mesmo tanto o Templo quanto o Sacrifício? Ele, assim, põe-se fora do círculo dos homens pecadores. A liberdade que Ele dá é espiritual, não política.

Depois de ter afirmado que, como Rei dos Céus, estava isento dos tributos terrenos, voltou-Se para Pedro e disse:

Mas não convém escandalizá-los.
Vai ao mar, lança o anzol,
e ao primeiro peixe que pegares
abrirás a boca e encontrarás um estatere.
Toma-o e dá-o por mim e por ti.
(São Mateus 17,26)

O filho do rei está livre. Mas Aquele que é o Filho de Deus tornou-Se o Filho do Homem, compartilhando a pobreza, as provações, o trabalho e o desamparo dos homens. Mais tarde, submeter-se-ia à prisão, à coroa de espinhos e à Cruz. Por ora, como o Filho do Homem, não se assentará sobre sua dignidade como o Filho de Deus, nem alegará isenção de obrigações servis, mas voluntariamente consentirá em pagar um imposto para evitar escândalo. Não é sinal de grandeza sempre afirmar o direito de alguém, mas amiúde sofrer uma indignidade. Poderia haver escândalo se Ele mostrasse desrespeito pelo templo. Assim como submeteu-Se ao batismo de João para cumprir toda a justiça; assim como Sua mãe ofereceu os pombinhos, embora não necessitasse de purificação do nascimento de Jesus; assim também Ele submeter-se-ia ao imposto a fim de santificar os laços que o uniam à humanidade.

Na resposta, Ele se associou estreitamente a Pedro. Nem uma vez ao falar do Pai Celestial Ele falou da humanidade e de Si mesmo “Nosso Pai”. Pode parecer, à primeira vista, que Ele assim o fez na oração do “Pai nosso”, implicando assim que o homem e Ele eram o mesmo tipo de filho do Pai Celestial. Mas, na verdade, os apóstolos perguntaram-lhe como orar, e Ele disse-lhes que orassem “Pai Nosso”. Nosso Senhor sempre fez a distinção entre “Nosso Pai” e “Meu Pai”. Ele é Filho natural de Deus; os homens são filhos adotivos de Deus. De semelhante modo, Ele nunca associou nenhum ser humano consigo mesmo, com exceção de Pedro, como Ele faz aqui quando diz “Não convém escandalizá-los”.²² Aquele que fora chamado a pedra, aquele que seria chamado o pastor, e aquele que recebeu as chaves do reino do céu aqui estava associado mais intimamente com Cristo que qualquer outro ser humano.

Embora fosse isento do imposto, Jesus preparou-Se para pagá-lo; embora fosse livre de pecado, sofreu suas penas; embora fosse livre da necessidade da morte, aceitou-a; embora fosse livre da Cruz, abraçou-a. Assim como os coletores de impostos não Lhe tiraram à força o dinheiro, tampouco os soldados romanos ou o Sinédrio fixaram-no na Cruz sem seu consentimento. Já não haveria flagelo, pois ele pagaria o preço do resgate.

Pedro pagou o tributo, mas Nosso Senhor pagou com ele. Ambos participaram na submissão. Por essa razão, disse Nosso Senhor: “dá-o por mim e por ti”. Ele não diz “por nós”, porque havia a diferença infinita entre a Pessoa de Deus e a pessoa de Pedro. Nosso Senhor pagaria a dívida de resgate pelo

pecado, embora fosse isento. Pedro a pagaria, porque era devedor. Nosso Senhor o pagaria por humildade; Pedro o pagaria por dever.

O modo como o tributo foi pago pode ter sido uma lição para Pedro de que, mesmo submetendo-se às autoridades do templo, Jesus estava, ainda assim, mostrando-se o Senhor de toda a criação. Os apóstolos haviam ficado perplexos ao ver que ventos e mares obedeciam-no; agora, o que estava no mar obedecia também. Assim como a morte e glória sempre estiveram relacionadas em cada declaração de Jesus, agora a humilhação de pagar o tributo estava associada com sua supremacia real sobre a natureza e os peixes do mar. O dinheiro do tributo foi provido pelo milagre da onisciência e do senhorio sobre a criação, em que o peixe que Pedro pegou trazia no ventre um estatere, ou a exata quantia necessária para pagar o tributo do Senhor e de Pedro. As duas linhas da humilhação e da majestade estão, portanto, entrelaçadas, visto que estão em cada palavra de Jesus a respeito da Cruz e de sua glória. Nunca separadamente um do outro. Logo no início, o desamparo de um bebê num estábulo foi compensado pelo cântico dos anjos e pelo movimento de uma estrela que guiou os Magos a seus pés. Assim, também agora, quando o Filho de Deus era isento da lei eclesiástica, ainda assim pagou o tributo; mais tarde, isento da lei política, diria a Pilatos que sua autoridade como juiz vinha dele, não obstante aceitasse um falso julgamento.

Por séculos, desde aqueles primeiros quarenta anos no deserto, todo filho de Abraão teve de pagar o resgate de sua alma carente de redenção. Nenhum dinheiro de resgate será necessário, pois aquele que não tem pecado tomará sobre si o pecado. Disse ele a seus ouvintes: “Dai a César o que é de César”. Agora, portanto, Ele dá ao templo terreno as coisas que pertencem ao templo terreno. Isenção desses deveres não necessariamente tornam os homens livres. A primeira liberdade, que é a imunidade ao mal, será comprada por aquele que fez de Si mesmo um escravo. Como diz São Paulo:

Sendo ele de condição divina,
não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo,
assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos
homens.
E, sendo exteriormente reconhecido como homem,

humilhou-se ainda mais,
tornando-se obediente até a morte,
e morte de cruz.

Por isso Deus o exaltou soberanamente
e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes,
para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho
no céu, na terra e nos infernos.

E toda língua confesse,
para a glória de Deus Pai,
que Jesus Cristo é Senhor.
(Filipenses 2,6-11)

Nota

22 | Na tradução desta passagem na Bíblia de Jerusalém, lê-se: “Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol” (São Lucas 17,27). A associação para a qual o autor chama atenção é esta marcada pelo verbo no plural, abarcando Pedro e o próprio Jesus. (N. T.)

AINDA NÃO É CHEGADA A HORA

Quando Nosso Senhor declarou ser Ele mesmo o Filho de Deus e uno com o Pai dos Céus, os inimigos atentaram contra Sua vida. Quando disse aos apóstolos que deveria ser crucificado e ser o Filho do Homem sofredor, eles discutiram tanto com Ele como entre si pelo primeiro lugar no seu Reino.

Divindade e um salvador que sofre eram, ambos, abomináveis para os homens não regenerados; a divindade porque o homem, em segredo, quer ser seu próprio Deus; o sofrimento, porque o ego não compreende por que uma semente deve morrer antes de brotar em vida nova. O Filho de Deus se tornou pedra de tropeço quando Se humilhou ao nível humano, tomando sobre Si a forma e o hábito do homem. É difícil para a *intelligentzia* acreditar que a grandeza pode ser tão diminuta. Por outro lado, o Filho do Homem Se tornou um escândalo quando tomou para Si a fraqueza e, até mesmo, a culpa do homem e não usou o poder divino para escapar da Cruz.

Foram feitos vários ataques à Sua vida, a maioria durante uma das grandes festas, mas sempre após ter proclamado Sua divindade. O primeiro ataque foi em Nazaré. Todo homem tem a própria terra, o próprio lar e os próprios parentes. É entre esses que deveria ser amado e lembrado. No entanto, conforme Nosso Senhor adiantava-Se para a Cruz, a velocidade foi acelerada pela rejeição por Sua própria cidade natal.

NAZARÉ

Assim que as extensas sombras do sol de sexta-feira se aproximavam do pequeno vilarejo aninhado em meio aos montes, o soar da trombeta do mestre

da sinagoga proclamou o início do *Shabat*. Na manhã seguinte, Nosso Senhor Bendito foi à sinagoga, onde muitas vezes estivera quando criança e rapaz. Muito provavelmente, ao entrar na sinagoga dessa vez, as notícias dos milagres de Caná e do rio Jordão, em que os céus proclamaram Sua divindade, já tinham criado nas pessoas uma grande expectativa.

Jesus então, cheio da força do Espírito,
voltou para a Galileia.
E a sua fama divulgou-se por toda a região.
(São Lucas 4,14)

Na sinagoga, deram-Lhe o livro de Isaías. A profecia específica que leu falava do servo de Deus sofredor.

Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu;
e enviou-me para anunciar a boa-nova aos pobres,
para sarar os contritos de coração,
para anunciar aos cativos a redenção,
aos cegos a restauração da vista,
para pôr em liberdade os cativos,
para publicar o ano da graça do Senhor
(São Lucas 4,18-19)

Essa passagem era familiar aos judeus. Era uma profecia do Antigo Testamento a respeito da libertação dos judeus do cativeiro da Babilônia. Entretanto, Ele fez uma coisa nada usual: tomou esse texto elaborado no exílio, enrolou-o ao redor de Si. Trocou o significado do “pobre”, do “escravizado” e do “cego”. Os “pobres” eram os que não possuíam a graça e careciam de união com Deus; os “cegos” eram aqueles que ainda não tinham visto a Luz e os “escravizados” os que não tinham adquirido a verdadeira libertação do pecado. Ele, então, proclamou que todos esses concentravam-se Nele.

Sobretudo, declarou o jubileu. O código mosaico determinava que para cada cinquenta anos, um fosse de graça especial e restauração. Todos os débitos eram remidos; as heranças de família que tinham, pela pressão do tempo, sido vendidas retornassem aos antigos donos; aqueles que hipotecaram a autonomia fosse-lhes restaurada a liberdade. Era uma salvaguarda divina contra os monopólios e isso mantinha a vida familiar intacta. O ano jubilar foi para Ele um símbolo da própria aparição messiânica que proclamou porque fora ungido com o Espírito para fazê-lo. Haveria novas riquezas espirituais, uma nova luz espiritual, uma nova liberdade espiritual, todas centradas nele — o evangelista, o médico, o emancipador. Todos os que estavam na sinagoga fixaram os olhos Nele. Então, vieram as palavras alarmantes, explosivas:

Hoje se cumpriu este oráculo
que vós acabais de ouvir.
(São Lucas 4,21)

Sabia que esperavam por um rei político que expulsaria o domínio romano. Entretanto, proclamou a redenção do pecado, não da ditadura militar. Somente nesse sentido deveriam esperar se cumprir a profecia de Isaías.

Era compreensível que o povo de Nazaré, que vira Jesus crescer no meio deles, se surpreendesse ao ouvi-lo proclamar a Si mesmo como o ungido de Deus, de quem falou Isaías. Agora uma dupla alternativa apresentava-se diante deles: poderiam aceitá-Lo como o cumprimento da profecia ou poderiam rebelar-se. O privilégio de ser a cidade natal do tão esperado messias e daquele a quem o Pai celestial, no Jordão, proclamara como seu Divino Filho era demais para eles por conta da familiaridade. Eles perguntaram:

Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria [...]?
(São Marcos 6,3)

Acreditavam em Deus de determinada maneira, mas não em um Deus que se avizinhasse, entrasse em relações próximas com eles e usasse martelos nos mesmos estabelecimentos comerciais. O mesmo tipo de esnobismo que era

visto na afirmação de Natanael: “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?” (São João 1,46) agora se tornara um preconceito contra Ele na própria cidade e entre o próprio povo. Era, de fato, filho de um carpinteiro, mas também do carpinteiro que fez a terra e os céus. Porque Deus tomou sobre Si a natureza humana, e fora visto na pequenez de um vilarejo de artesãos, deixou de ganhar o respeito dos homens.

Nosso Senhor Santíssimo “admirava-se da desconfiança deles” (São Marcos 6,6). Duas vezes no Evangelho é dito que Ele ficou “maravilhado” e “admirado”: uma vez por conta da fé dos gentios; uma segunda vez por conta da falta de fé dos seus concidadãos. Do próprio povo, poderia ter contado com algum toque de empatia; alguma predisposição em dar as boas-vidas. Sua admiração foi a medida de sua dor, bem como do pecado deles, como ele lhes disse:

Um profeta só é desprezado na sua pátria,
entre os seus parentes e na sua própria casa.
(São Marcos 6,4)

Para dar abrigo às suas almas, pois a autoestima deles estava ferida, e se os seus não o receberam, ele buscava a salvação em outro lugar. Colocou-se na categoria dos profetas do Antigo Testamento, que não receberam, eles mesmos, melhor tratamento. Citou dois exemplos do Antigo Testamento. Ambos eram um prenúncio da direção que Seu evangelho estava por tomar, a saber, *abraçar os gentios*. Disse-lhes que havia muitas viúvas entre o povo de Israel nos dias de Elias, quando uma grande fome caiu sobre a terra e, quando os céus se fecharam por mais de três anos. No entanto, Elias não foi mandado para nenhum desses; foi enviado para uma viúva de Sarepta, na terra dos gentios. Ao tomar outro exemplo, contou que havia muitos leprosos na época de Elias, mas nenhum deles, exceto Naamã, o sírio, foi curado. A menção de Naamã foi, em particular, humilhante porque ele, primeiro, fora um infiel, mas depois acreditou. Já que ambos eram gentios, Jesus sugeriu que os benefícios e bênçãos do reino divino viriam em resposta à *fé*, e não em resposta à *raça*.

Deus, disse-lhes, não deve nada a homem algum. Suas misericórdias passam para outros povos se os seus lhe rejeitam. Os concidadãos foram

recordados de que foram suas expectativas terrenas de um reino político que os impediu de verificar a grande verdade de que o céus os visitara na pessoa de Jesus. A própria cidade natal se tornou o palco em que foi alardeada a salvação, não de um sangue, de uma nação, mas de todo o mundo. As pessoas estavam cheias de indignação, antes de mais nada porque Ele afirmara trazer a libertação do pecado como o santo ungido de Deus; em segundo lugar, por causa da advertência de que a salvação, que primordialmente era dos judeus, por rejeição, passaria a ser uma missão aos gentios. Os santos nem sempre são reconhecidos por aqueles que com eles convivem. Eles o expulsariam, pois lhes havia rejeitado e tornado, Ele mesmo, o Cristo. A violência do povo era a preparação para a Cruz.

Nazaré fica em meio aos montes. À curta distância dali, ao sudoeste, havia uma parede de pedra com cerca de 25 metros de altura em um declive de uns noventa metros até a planície de Esdrelon. É aí que a tradição diz ser o cenário onde tentaram expulsá-lo.

Ele, porém, passou por entre eles e retirou-se.
(São Lucas 4,30)

A hora de sua crucifixão ainda não chegara, mas os minutos estavam se passando em uma sucessão de violência sempre que Ele proclamava ser enviado por Deus e que era Deus.

BETESDA

Outro atentado à sua vida aconteceu após a cura do paralítico em Betesda. Nesse tanque em Jerusalém inúmeros doentes, tristonhos, macilentos e desamparados reuniam-se na esperança de cura. Um dos pobres era coxo havia 38 anos. Quando Nosso Senhor o viu, perguntou:

Queres ficar curado?
(São João 5,6)

Quando o homem, sem forças, expressou confiança em Seu poder, Nosso Senhor lhe disse:

Levanta-te, toma o teu leito e anda.
(São João 5,8)

Com a ordem, veio a outorga do poder. Sempre que o homem tenta fazer o que sabe ser a vontade do mestre, um poder equivalente ao seu dever lhe é dado. Santo Agostinho disse: “concede-nos o que tu pedes e manda o que for do teu agrado”. Logo que o homem foi curado, foi ao templo. Mais tarde, no mesmo dia, Nosso Senhor o encontrou lá, enquanto o homem curado contava a todos que fora Jesus quem o recuperara. O problema começou a formar-se porque aquele era o dia do *Shabat*. Quando os líderes do povo descobriram o homem que foi curado, disseram-lhe:

E sábado, não te é permitido carregar o teu leito.
(São João 5,10)

Então começou a surgir uma má vontade para com Jesus “porque fazia esses milagres no dia de sábado” (São João 5,16). Nosso Senhor curou homens em todos os dias, mas os sábados eram os grandes dias de graças em que seis milagres foram registrados: expulsou um espírito imundo (São Marcos 1,21-28); restaurou a mão seca de um homem (São Marcos 3,1-6); endireitou a mulher que andava curvada (São Lucas 13, 10-17); curou um homem hidrópico (São Lucas 14, 1-6) e abriu os olhos de um cego de nascença (São João 9,1-16).

Muitas respostas foram dadas aos líderes do povo acerca da cura aos sábados. Recordou os ensinamentos dos profetas de que as coisas sagradas eram de importância secundária comparadas aos benefícios do povo de Deus; depois, alegou a lei, para demonstrar que o sábado era secundário à obra do santuário. A sugestão era haver entre eles alguém maior que o santuário. Mais uma vez, disse que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. Em outra ocasião, perguntou:

Hipócritas!, disse-lhes o Senhor.
Não desamarra cada um de vós no sábado
o seu boi ou o seu jumento da manjedoura,
para os levar a beber?
(São Lucas 13,15)

No entanto, em vez de dar graças a Deus porque um homem doente fora curado ou rejubilado como a profetisa Ana porque olhara para a redenção de Israel, protestaram porque o homem estava carregando seu leito no sábado. Quando buscaram matá-Lo porque fizera isso no sábado. Ele lhes respondeu:

Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também.
(São João 5,17)

É verdade que Deus descansou a vida inteira de sua obra criativa, embora o sétimo dia não tenha sido necessário para sua recuperação. Entretanto, foi necessário para o homem repousar e santificar o sétimo dia, porque o trabalho cansa; e na presente dispensação o trabalho também é uma penalidade. O Salvador, contudo, disse que embora Deus tivesse repousado de sua obra criadora, não descansou de Seu trabalho providencial para suprir a necessidade de suas criaturas. Como disse São Crisóstomo:

Se alguém disser: “E como é a ‘obra’ do Pai, que descansou no sétimo dia de todas as Suas tarefas? Deixe-o aprender a maneira como ele trabalha. Qual é, então, a maneira de ele trabalhar? Cuida, mantém tudo o que foi criado. Portanto, quando vires o sol se erguendo e a lua percorrendo o seu curso, os lagos, as fontes, os rios e as chuvas, o curso da natureza nas sementes e em nossos próprios corpos e naqueles dos seres irracionais e tudo mais pelo qual este universo é formado, então, aprenda o incessante trabalho do Pai.”²³

Pensar em Deus como não operante no universo é insinuar que Ele não se interessa pelo universo. A evolução e o desdobramento natural das coisas não são autoexplicativos ou auto-operativos. Não estão à parte de Deus, nem a ele se opõem. Após a primeira criação, Deus não entrou em inação. Já que havia mal no mundo, o Espírito que pôs em movimento a matéria informe deveria agora começar a mover-se entre os homens.

O Mestre, todavia, estava a dizer mais do que isso, e aqueles que o ouviram, sabiam quem ele era. Estava a afirmar a filiação única e unidade com o Pai. Se o Pai, no momento, estava agindo no plano espiritual; Ele, igualmente. Se todas as coisas foram criadas “pelo poder do Verbo”, agora, “O Verbo se fez carne” (São João 1,14). Se o Pai serviu às necessidades de suas criaturas em um *Shabat*, então, também seria direito do Filho se ocupar de obras de misericórdia no *Shabat*. Assim, inequivocamente, afirmou a igualdade absoluta com o Pai. A obra do Pai e a Sua eram a mesma. O sentido profundo de Sua filiação divina vibrou por Sua natureza humana. Os líderes do povo aceitaram suas palavras como a afirmação da própria filiação divina e o evangelho diz que os líderes:

Com maior ardor, procuravam tirar-lhe a vida,
porque não somente violava o repouso do sábado,
mas afirmava ainda que Deus era seu Pai
e se fazia igual a Deus.
(São João 5,18)

A hostilidade aumentou em proporção direta à afirmação de Sua autoridade divina. Passaram por cima do milagre e, decididamente, fizeram complôs contra Sua vida. Ele estava à caminho da Cruz, não porque tinha faltas, mas por causa de Sua divindade e do propósito superior de sua vinda. Sua Cruz seria um testemunho contra a insensatez dos homens, como a Ressurreição seria um testemunho de sua divindade. Cronologicamente a cruz estava presente no fim de Sua vida; mas estava no princípio de Sua vida, do ponto de vista de sua intenção de oferecer-se como resgate pelos homens.

JERUSALÉM

Outro ataque à sua vida ocorreu em Jerusalém durante a festa dos Tabernáculos. Fora questionado a respeito de como sabia tantas coisas.

Este homem não fez estudos.
Donde lhe vem, pois,
este conhecimento das Escrituras?
(São João 7,15)

Não havia avaliação humana para seu conhecimento. A fonte secreta estava na relação única com a mente de Deus, que explicou da seguinte maneira:

A minha doutrina não é minha,
mas daquele que me enviou.
(São João 7,16)

Não havia como confundir o significado. Alegava ser Deus em forma de homem. A reação deles era física — outro atentado contra a vida de Jesus, e Ele, pacificamente, respondeu:

Por que procurais tirar-me a vida?
(São João 7,20)

Mais tarde, houve outra tentativa. A causa imediata do ressentimento foram as observações a respeito de Abraão. Os fariseus, porque Nosso Senhor falara de seu Pai, disseram-lhe que Abraão era o pai deles, assim se distinguiam dos pagãos, ao afirmar a linhagem com o fundador do povo judeu. Eram, de fato, filhos de Abraão e o elo, testemunhado na carne, pela circuncisão. Nosso Senhor não negava a afiliação com Abraão, mas afirmou outra afiliação na esfera espiritual: não pode existir verdadeiro relacionamento paternal onde há oposição na conduta.

Da parte do salvador, não havia desejo de minimizar Abraão. A memória de Abraão era tida em alta honra entre os judeus, devendo ser considerada por seus filhos aqui embaixo como a garantia para irem ao seio de Abraão. Não era apenas o pai da raça, era a fonte e o canal pelo qual a promessa do messias afluía para seu povo. A grande promessa também era feita a Abraão de que seria o instrumento de bênçãos para todo o mundo. Pareceu impossível de se cumprir quando ele era um ancião; entretanto, ele foi retirado de sua tenda e, sob o céu estrelado, ouviu que assim como havia inúmeras estrelas, igualmente, seria a sua descendência.

Foi ele quem, mais tarde, recebeu ordens de tirar a vida do filho Isaac, seu filho único, a quem estava ligada a promessa e a oferecê-lo em sacrifício no monte Moriá. A ordem era clara: estava prestes a finalizar o sacrifício quando seu filho foi poupado por Deus, e providenciado um cordeiro. Pode ter sido nesse dia que Abraão teve o primeiro vislumbre de um outro Filho, a vítima solícita, que seria oferecida ao Pai dos Céus pelos pecados do mundo e para a salvação. Como disse São João Crisóstomo “Viu a Cruz de Cristo quando, no madeiro, colocou seu filho e de boa vontade ofereceu Isaac”.

Quando os líderes alegaram que a linhagem espiritual deles tinha de vir de Deus, já que a descendência de Abraão era legítima, o Senhor respondeu que se a linhagem espiritual deles fosse de Deus, eles não estariam rejeitando sua mensagem e buscando assassiná-Lo, mas o reconheceriam e O amariam.

Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis,
porque eu saí de Deus.
É dele que eu provenho,
porque não vim de mim mesmo,
mas foi ele quem me enviou.
(São João 8,42)

E eles lhe perguntaram:

És acaso maior do que nosso pai Abraão?
(São João 8,53)

Não tens ainda cinquenta anos e viste Abraão!...
(São João 8,57)

Nosso Senhor respondeu:

Abraão, vosso pai, exultou
com o pensamento de ver o meu dia.
Viu-o e ficou cheio de alegria.[...]
Em verdade, em verdade vos digo:
antes que Abraão [viesse a existir], eu sou.
(São João 8,56.58)

Deu a entender que Abraão esperava com alegria ver o que Nosso Senhor chamava de “dia de minha vinda”. Notem que Ele não disse “de meu nascimento”. Quando eles o desafiaram de que ainda não tinha cinquenta anos, era para indicar não tanto sua idade, mas a impossibilidade física de ele nunca ter visto Abraão. A presunção era a de Jesus ser apenas um homem. Nosso Senhor agora usava a mesma palavra que fora usada por Deus no monte Sinai “Eu sou aquele que sou” (Êxodo 3,14). Ele não disse “antes que Abraão fosse, eu sou”, mas “antes que Abraão viesse a existir, eu sou”. Está atribuindo a si mesmo não uma simples prioridade acima de Abraão, mas uma existência desde toda a eternidade. Um momento antes, dissera que sua vida encarnada teve a mais entusiástica atenção de Abraão, ao olhar por sobre as orlas das eras para vislumbrar o cumprimento das promessas. Muito antes da época de Abraão, tinha prioridade de Ser, não ser criado, mas ser incriado, eterno e autoexistente, que não se move à maior perfeição porque já a possui. Houve uma época em que Abraão não existia, mas nunca houve época em que o Filho de Deus não existisse. Cristo não estava a reivindicar que viera à existência antes de Abraão, mas que absolutamente nunca viera à existência. Ele é o “eu sou” do antigo Israel, o “eu sou” sem passado ou futuro; o “eu sou” sem princípio nem fim, o grande e eterno “agora”.

Porque compreenderam que Ele estava a dizer que era Deus:

A essas palavras, pegaram então em pedras
para lhas atirar. Jesus, porém,
se ocultou e saiu do templo.
(São João 8,59)

As alternativas eram adorar ou lançar pedras, e escolheram a última. As pedras eram, provavelmente, aquelas que estavam espalhadas sobre o pátio, pois o templo ainda não estava terminado. Buscaram matá-lo antes, quando identificara-se com o Pai; agora buscavam apedrejá-lo porque disse que precedeu Abraão, e Abraão, em profecia, ansiava por ele, o que possuía a eterna existência de Deus.

Não é provável que o esconderijo a que São João se refere estivesse se interpondo entre Cristo e eles. O esconder-se era, antes, daqueles que não ouviam a sua verdade, simplesmente para tornar-se invisível aos que o buscavam. Certa vez, antes, fizera a mesma coisa ao mesmo povo. Ainda não era chegada a “hora”. Já que ninguém poderia tirar-Lhe a vida até que Ele mesmo a entregasse, retirou-se do caminho de seus inimigos. Foi no templo que tentaram apedrejá-Lo. Em relação ao apedrejamento do templo divino, viria o dia em que não restaria pedra sobre pedra no templo feito por mãos humanas.

NOVAMENTE JERUSALÉM

Mais tarde, visitou o último remanescente do templo antigo, que era conhecido como Pórtico de Salomão. Era a festa da Dedicção, a última grande festa antes da Páscoa. Foi instituída por Judas Macabeu para celebrar a purificação do templo depois de ter sido profanado pelos sírios. A festa durava oito dias. João, em seu evangelho, observou que era inverno, que poderia indicar não só a mudança de clima, mas também uma disposição de alma. Seus inimigos, como sempre, uniram-se ao seu redor, perguntando:

Até quando nos deixarás na incerteza?
Se tu és o Cristo, dize-nos claramente.
(São João 10,24)

Nosso Senhor proclamou abertamente sua “messianidade” e a confirmou com obras e milagres. A ideia que tinham de messias, contudo, não correspondia à ideia de Deus de um Messias. Buscavam por alguém que rompesse o jugo romano, libertasse o povo e lhes desse prosperidade material. Portanto, estavam ansiosos por saber se Ele iria purificar a cidade de Jerusalém e acabar com as cortes de soldados romanos, a autoridade romana, as moedas romanas e os juízes romanos tais como Pilatos. Judas Macabeu, cuja festa agora celebravam, não fizera isso? Se o templo fora purgado das profanações sírias, por que a cidade não seria purgada das profanações romanas? Se, por isso, Ele era um Messias político, que se proclamasse abertamente.

Ele prosseguiu afirmando que havia condições morais necessárias à compreensão de sua vinda messiânica. Operara milagres, mas os milagres não coagiam a vontade, não destruíam a liberdade de adesão. Agora, todavia, ele lhes deixaria saber de modo explícito e claro quem era o Messias:

Eu e o Pai somos um.
(São João 10,30)

porque eu disse: Sou o Filho de Deus.
(São João 10,36)

Em grego, a palavra “um” é neutra, o que significa não uma pessoa, mas uma substância, uma natureza. Seu Pai; ele, o Filho e o Espírito Santo eram um na natureza de Deus. Os líderes do povo estiveram a buscar por um Messias enviado para instituir seu reino, mas nos últimos séculos, com a diminuição da profecia, as esperanças degeneraram na busca por um libertador político. Não buscavam uma vivência íntima verdadeira de uma pessoa divina entre eles. Era-lhes claro que o Cristo, ou o Messias, era o Filho de Deus que partilhava da natureza do Pai, embora em Sua natureza humana, ou como o Filho do Homem, o Pai fosse maior do que ele. Agora reafirmava o que dissera sobre ser antes de Sua natureza humana ser formada; saíra do Pai para assumir a natureza humana; revestir-se dela. Ele, como pessoa divina, estava ciente de não existir mudança em Sua natureza divina. O que tivera um princípio fora

Sua natureza humana surgida como “o servo sofredor”. Quando, nesse momento, afirmou sua divindade, os judeus:

Pegaram pela segunda vez em pedras para o apedrejar.
(São João 10,31)

Ele lhes disse:

Tenho-vos mostrado muitas obras boas
da parte de meu Pai.
Por qual dessas obras me apedrejais?
(São João 10,32)

A resposta dos judeus foi não conceberem a humilhação de Deus na forma de homem. O mundo podia compreender um homem divinizando-se, mas não entendia um Deus tornando-se homem, conseqüentemente, disseram que o motivo para O apedrejar era:

Por uma blasfêmia, porque,
sendo homem, te fazes Deus.
(São João 10,33)

A resposta de Jesus foi: ainda que um simples homem não pudesse ser Deus, Deus podia se tornar homem, ainda permanecendo Deus.

Procuraram então prendê-lo,
mas ele se esquivou das suas mãos.
(São João 10,39)

A blasfêmia era punida por apedrejamento. No entanto, o pequeno cordão de homens ao seu redor, com pedras nas mãos, não poderia detê-Lo,

pois “ainda não é chegada a Hora”. Parecia fácil apanhá-Lo, e, mesmo assim, era difícil. Quando chegasse o momento, Ele se entregaria aos homens e todos eles cairiam para trás.

Nota

23 | São João Crisóstomo, Homilia 38 sobre São João 5,17. (N. T.)

A FLECHA MAIS PODEROSA NA ALJAVA DIVINA

Nosso Bendito Senhor nunca operou milagres por Si mesmo, mas como credenciais de sua pessoa. Eram sinais manifestos de que tinha uma missão especial para realizar a obra de Deus entre os homens. Até mesmo no antigo testamento houve milagres exigidos como sinal para confirmar a palavra de um profeta. Era uma marca de incredulidade em Acáz que ele não pedisse a Deus um sinal de confirmação da palavra do profeta. Mas o profeta, não obstante, deu-Lhe um sinal do messias, a saber, o nascimento virginal (Isaías 7,17).

Os milagres de Nosso Bendito Senhor moviam-se na esfera da redenção. Não eram meras manifestações de poder, mas um indício da libertação do homem de algo, isto é, do pecado. Por isso, na ordem moral, houve milagres de redenção da tirania dos demônios; na ordem física, a redenção de outras manifestações do pecado, tais como a febre, a paralisia, a lepra, a cegueira e a morte; a redenção da natureza no domínio dos mares e na subjugação dos ventos.

Sem incluir resumos dos milagres, que são numerosos, há vinte milagres mencionados em Mateus, vinte em Lucas, 18 em Marcos e sete em João. Ninguém pode dizer quantos milagres o Senhor operou, pois muitos deles são mencionados coletivamente, tais como “Curou doentes, cegos e aleijados”. As últimas palavras do Evangelho de João são:

Jesus fez ainda muitas outras coisas.
Se fossem escritas uma por uma,
penso que nem o mundo inteiro poderia conter
os livros que se deveriam escrever.

(São João 21,25)

Ele operou milagres para despertar a fé em Sua declaração de ser o Messias e o Filho de Deus.

[...] porque as obras que meu Pai me deu para executar
— essas mesmas obras que faço —
testemunham a meu respeito que o Pai me enviou.
(São João 5,36)

A recusa dos homens a aceitar a evidência indiscutível dos sentidos tornou sua incredulidade indesculpável.

Se eu não viesse e não lhes tivesse falado,
não teriam pecado;
mas agora não há desculpa para o seu pecado.
Aquele que me odeia, odeia também a meu Pai.
(São João 15,22-23)

Os milagres não são a cura para a incredulidade. Alguns não creriam nem mesmo se diariamente alguém fosse ressuscitado dos mortos. Não se podia realizar nenhum sinal que trouxesse plena convicção, pois a vontade pode recusar-se a reconhecer aquilo que o intelecto sabe ser verdade. Os fariseus admitiram:

Esse homem multiplica os milagres.
(São João 11,47)

Contudo, embora os milagres fossem admitidos, a Pessoa que os realizava era negada. Perto do fim da vida pública de Jesus, o levantamento estava completo.

Embora tivesse feito tantos milagres na presença deles,
não acreditavam nele.
(São João 12,37)

A incredulidade foi prevista séculos antes por Isaías. A profecia é apresentada na narrativa do Evangelho neste ponto, como outra prova de que Jesus era o Cristo. O texto de Isaías é mencionado seis vezes em todo o Novo Testamento e sempre em conexão com a falta de fé. Não é que o povo não acreditava para que a profecia se cumprisse, mas, antes, sua incredulidade é que era o cumprimento da profecia. A citação que João tomou de Isaías foi:

Assim se cumpria o oráculo do profeta Isaías:
Senhor, quem creu em nossa pregação?
E a quem foi revelado o braço do Senhor?
(São João 12,38)

Esse é o primeiro versículo do capítulo 53 de Isaías, que contém as profecias relacionadas ao sofrimento de Nosso Senhor. A presciência divina do que acontecerá não isenta de forma alguma os pecadores de sua responsabilidade; ademais, quando surge a culpa e a incredulidade se manifesta, podem-se analisar as causas. Aqueles que se recusam a ver perdem a capacidade de ver. Deus estava ratificando uma atitude que os homens assumiram por escolha própria. Profetizando o julgamento dos incrédulos, o Senhor advertiu:

Quem me despreza e não recebe as minhas palavras,
tem quem o julgue; a palavra que anunciei julgá-lo-á no último dia.
Em verdade, não falei por mim mesmo,
mas o Pai, que me enviou, ele mesmo me prescreveu
o que devo dizer e o que devo ensinar.
(São João 12,48-49)

Não haveria nada de arbitrário no juízo que Ele presidiria no Último Dia; as palavras gloriosas de graça seriam investidas de autoridade judicial. Essa profecia de como todos os homens seriam julgados por Sua atitude diante Dele devia-se ao fato de Ele ser enviado de Deus. Sua humanidade começou no tempo, e era de uma ordem e grau mais baixos que sua divindade, que Ele compartilhava com o Pai; daí, a rejeição Dele em sua natureza humana ser a rejeição do Pai que o enviou. Por ora, no entanto, Ele não veio para julgar, mas para salvar o mundo.

Embora não acreditassem Nele, como profetizara Isaías, Nosso Senhor tinha em Sua aljava uma flecha que convenceria os homens de que era de fato o Salvador.

E quando eu for levantado da terra,
atrairei todos os homens a mim.
(São João 12,32)

A Cruz teria tal apelo que atrairia todos os homens, não apenas aqueles a quem Jesus falava, pois seu reino havia de ser o próprio mundo. Sua morte cumpriria o que sua vida não foi capaz de cumprir, pois nela havia mais que heroísmo e devoção. O que atrairia não seria a rendição à morte, mas a revelação do coração do amor divino. O amor de Deus fez-se visível no sacrifício. No Calvário, ele se mostraria homem, ao morrer como qualquer outro; mas se mostraria divino ao morrer como nenhum outro homem. Vinte anos mais tarde, São Paulo repetiria: “Pregamos a Cristo, e este crucificado” (1 Coríntios 1,23). Só o divino pode conquistar o homem, e a manifestação mais sublime do amor divino é morrer por nossa culpa para que possamos viver. “Deus amou o mundo de tal maneira...” (São João 3,16). Essa atração a si dar-se-ia por meio dos encantos do amor.

A Cruz, que era o ponto focal de sua vinda, tornava-se agora um juízo do mal do mundo.

Agora é o juízo deste mundo;
agora será lançado fora o príncipe deste mundo.
(São João 12,31)

Um juiz sentencia um criminoso; a Cruz de Jesus sentencia o mundo. Contemplando em sua mente muito mais longe que os estreitos limites de um país que se estendia de Dã até Bersabeia, ele declarou mais uma vez que todos os homens serão julgados por sua atitude perante a Cruz — não apenas pelos pecados nela cravados, mas por causa do amor que o fez abraçá-la. O juízo final seria simplesmente a ratificação do julgamento a que todo homem há de submeter-se na Sexta-Feira Santa.

A Cruz dava fim à tolerância estendida ao “príncipe deste mundo”, ou Satanás, que exerceu domínio sobre o homem. A Cruz finalmente convenceria o homem do pecado, como a lei ou a ética jamais o fariam. Ela mostraria o que o pecado realmente é: a Crucifixão da Bondade Divina na carne; mas também mostraria aquele que perdoa o pecado, isto é, aquele que perdoa pecados, aquele que foi levantado aos céus para interceder pelos homens. O trono erigido pelos homens para Nosso Senhor mostraria a hostilidade e o reino do mal em seus corações; mas também mostraria que Ele não era da terra. Seu reinado seria de uma esfera celeste superior, onde atrairia seus súditos para si e tornar-se-ia “Senhor de tudo”. O que Nosso Senhor disse naquele dia — que o mal enfim seria vencido nele, por intermédio da Cruz — foi reiterado por São Paulo:

É ele que nos perdoou todos os pecados,
cancelando o documento escrito contra nós,
cujas prescrições nos condenavam.
Aboliu-o definitivamente, ao encravá-lo na cruz.
Espoliou os principados e potestades,
e os expôs ao ridículo, triunfando deles pela cruz.
(Colossenses 2,13-15)

Embora os homens não cressem nos milagres de Jesus, ele ainda tinha a flecha mais poderosa em sua aljava. Ela estava sendo levantada da terra. O levantamento era o Calvário, mas a atração de todos os homens a si confiava na Ressurreição e na Ascensão, pois decerto um Salvador morto não poderia atrair ninguém. A Cruz que o levantou sobre a terra, e a Ascensão que o ergueu aos céus, livrá-Lo-iam de todas as ataduras terrenas, carnis, nacionais, e capacita-

Lo-iam a exercer a soberania universal sobre o homem. Uma vez crucificado, Ele prometeu tornar-se um ímã de atração, trazendo todas as nações, e povos, e línguas para Si. Nunca disse que seus preceitos morais trariam os homens até Ele. Antes, isso aconteceria quando fosse violentamente erguido da terra, como se a terra que Ele criou e aqueles que estavam sobre ela não tivessem parte com Ele.

Visto que a mesma palavra, “levantado”, é usada para sua Ascensão, Ele implicou que, uma vez exaltado aos céus, não seriam apenas os judeus, mas gentios, ou “todos os homens” que Ele atrairia para si.

A atração da Cruz não seria sua ignomínia, que, sozinha, é vista na Sexta-Feira da Paixão, mas também seu amor e vitória, que são vistos na Páscoa e na Ascensão. Algumas religiões atraem pela força das armas; ele atrairia pela força do amor. A atração não seriam suas palavras, mas Ele mesmo. Era em torno de Sua pessoa que o ensino estava centrado; e não o Seu ensino em torno do qual Ele seria lembrado. “Ninguém tem maior amor que este” — este era o segredo de seu magnetismo. Como diz Blake:

*Wouldst thou love One Who did not die for thee?
And wouldst thou die for One Who did not die for thee?*

[Acaso amarias alguém que não morreu por ti?
E morrerias por alguém que não morreu por ti?]

Se ele tivesse vindo para algum outro propósito que não a Redenção do pecado, não seria o crucifixo, mas um retrato de Cristo no Monte como mestre que seria usado em honra dele. Se a Cruz não fosse enfim glória e triunfo, os homens teriam posto um véu sobre aquela hora ignominiosa para a qual Ele apontava. Se tivesse morrido numa cama, Ele poderia ser honrado, mas nunca como Salvador. Só a Cruz podia mostrar que Deus é plenamente santo e, portanto, odeia o pecado; a Cruz também mostrava que Deus é plenamente amoroso e, portanto, morreu pelos pecadores, como se fosse culpado.

Neste momento, a multidão fez-lhe uma pergunta esquisita:

Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre.
Como dizes tu: Importa que o Filho do Homem seja levantado?

Quem é esse Filho do Homem?

(São João 12,34)

Era estranho que aqueles que estavam familiarizados com o Antigo Testamento tivessem se escandalizado pelo fato de que o Messias haveria de morrer, pois decerto tinham lido isso em Isaías; eles também leram em Daniel que o Filho do Homem haveria de morrer violentamente. A objeção deles era que o Cristo, quando viesse, seria Aquele que haveria de permanecer para sempre; sendo assim, como ele podia morrer? Estava bem claro para eles que ser levantado significava morrer na Cruz; também estava claro que ele alegava ser o Cristo ou o Messias. Mas o que os escandalizava era Sua morte. Eles não conseguiam reconciliar um Messias glorioso com um sofredor, assim como Pedro não podia reconciliar um Cristo Divino com um Cristo crucificado. Estavam certos ao dizer que o Messias seria eterno, pois Gabriel anunciou à Virgem Bendita que Jesus reinaria “para sempre” sobre a casa de Jacó. Mas, por outro lado, em todo o Antigo Testamento corria a ideia de que Ele haveria de ser um sacrifício pelo pecado e um cordeiro levado ao matadouro.

Nosso Senhor respondeu-os rasgando o véu de Sua divindade e lembrando-os de aproveitar do fruto de sua redenção. Alguns mestres podem acender luzes na alma; outros podem ser apenas velas vacilantes; mas todos foram iluminados por Ele, pois chamou a Si mesmo uma vez mais de Luz do mundo. Essa luz já não permaneceria entre eles por muito tempo. Há apenas um sol para iluminar o mundo; se lançassem fora a única Luz do Mundo, então as trevas os encobririam. Cegueira espiritual é pior que cegueira física. Assim como a luz da razão é a perfeição da luz dos sentidos, também Ele chamou a Si mesmo de Luz, pela qual a própria razão é iluminada e aperfeiçoada. Aqueles que caminhariam em fé com Ele chamou de filhos da luz.

Ainda por pouco tempo a luz estará em vosso meio.

Andai enquanto tendes a luz,

para que as trevas não vos surpreendam;
e quem caminha nas trevas não sabe para onde vai.
Enquanto tendes a luz, crede na luz,
e assim vos tornareis filhos da luz.
(São João 12,35-36)

O motivo pelo qual Nosso Senhor não passou mais tempo corrigindo-lhes o escândalo em seu sacrifício foi que eles já se tinham escandalizado com as profecias do Antigo Testamento, com os milagres e com a obediência a Sua Palavra. Por ora, Ele tirou os olhos do Calvário e repousou-os sobre a consciência deles. Com piedade e ternura, convidou-os a examinarem-se a Si mesmo sob sua luz, enquanto caminhava entre eles. Este foi seu pronunciamento público final e de despedida, a saber, uma advertência quanto às trevas vindouras e um convite a aceitar não uma verdade, mas a Verdade.

Jesus disse essas coisas, retirou-se
e ocultou-se longe deles.
(São João 12,36)

Naquela noite de terça-feira da Semana Santa, ele deixou o templo. No dia seguinte:

[...] todo o povo ia de manhã cedo ter com ele, no templo,
para ouvi-lo.
(São Lucas 21,38)

Mas ele não apareceu. O sol estava prestes a eclipsar-se; era como fosse noite. A Hora estava às portas.

MAIS QUE UM MESTRE

Grandes mestres dão instrução a seus discípulos, mas algum mestre já fez de sua morte modelo para os discípulos? Isso é impossível porque nenhum mestre terreno pode antever a maneira como morrerá, nem a morte jamais foi o motivo por que veio ensinar. Sócrates, em toda sua sabedoria, nunca disse aos jovens filósofos de Atenas que bebessem cicuta porque morreria assim. Entretanto, Nosso Senhor fez de Sua Cruz a base da primeira instrução aos apóstolos. Foi por esse fato muitas vezes escapar, e por, no momento, escapar aos próprios apóstolos, que a verdadeira visão de Cristo é anuviada. Mesmo ao agir como mestre, fez a Cruz lançar sua sombra sobre os apóstolos. Os sofrimentos que teriam de suportar seriam idênticos aos que Ele suportaria. Fora chamado de Cordeiro de Deus, aquele que seria sacrificado pelos pecados do mundo, e já que eles se identificavam com Jesus, Ele os advertiu sobre a sina:

Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos.
(São Mateus 10,16)

Tinham de estar atentos às inconstâncias dos homens. Quando Jesus multiplicou os pães, as multidões imediatamente buscaram transformá-Lo em um rei econômico, em vez de tomar o milagre como um sinal de sua divindade. No início da vida pública, quando operou milagres, a pertença dos apóstolos era igualmente superficial. E João escreveu:

Mas Jesus mesmo não se fiava neles,
porque os conhecia a todos.
Ele não necessitava que alguém
desse testemunho de nenhum homem,
pois ele bem sabia o que havia no homem.
(São João 2,24-25)

Eles O aceitariam como um milagreiro pelo que viam, mas não como a luz de suas almas. O Senhor não se daria a credulidade alguma tendo por base, apenas, o espetacular. Por saber que a popularidade dele tornar-se-ia popularidade contrária em um período de cinco dias, disse aos apóstolos:

Cuidai-vos dos homens.
(São Mateus 10,17)

Como não tinha ilusão alguma a respeito do que lhe faria o mundo, da mesma maneira não guardava ilusão acerca daqueles que seriam intimamente relacionados consigo, como ramos de uma parreira. Nenhum sábio ou místico, nenhum Buda ou Confúcio jamais acreditou que seus ensinamentos despertariam tamanho antagonismo dos homens a ponto de ocasionar-lhe a morte violenta. Mais importante ainda, nenhum mestre humano jamais acreditou que seus discípulos sofreriam desígnio similar, somente por serem discípulos. A mediocridade nunca suscita tamanho ódio. Os animais, em geral, não destroem a própria espécie; nem o homem, nas relações cotidianas. Entretanto, o homem, por ser o meio áureo entre matéria e espírito, tem a capacidade, contudo, de destruir ambos; arranca as plantas pelas raízes e abate os animais que lhes são inferiores. Todavia, também pode odiar e até mesmo matar o que quer que esteja acima de si em dignidade. Se, por orgulho, considerar Deus como uma provocação, negar-Lo-á; e se Deus se tornar homem e, portanto, se fizer vulnerável, crucificá-Lo-á. No entanto, Nosso Senhor não hesitou em pintar a crucifixão microcósmica para seus seguidores, visto que pintou uma crucifixão macrocósmica para Si mesmo.

Ao que é do mundo o mundo nunca se opõe. Ao que é de Deus, o espírito do mundo opõe-se, maldiz, persegue e crucifica. O preço do resgate

que pagaria pela humanidade o levaria a dois tribunais de justiça distintos. No intervalo entre os julgamentos, seria flagelado. Igualmente, os apóstolos e todos os sucessores ao longo dos séculos não devem esperar nada melhor:

Eles vos levarão aos seus tribunais
e açoitar-vos-ão com varas nas suas sinagogas.
Sereis por minha causa levados diante dos governadores
e dos reis: servireis assim de testemunho para eles e para os
pagãos.
(São Mateus 10,17-18)

Os apóstolos ainda não tinham sido perseguidos, nem foram muito molestados antes da crucifixão e do Pentecostes. Contou-lhes, entretanto, o tipo de tratamento que, posteriormente, deveriam esperar dos homens. Mal os preparou para o que aconteceria a Ele, como poderiam de alguma maneira imaginar o que lhes aconteceria? Esse ódio do mundo, advertiu, seria disfarçado; seriam acusados em termos jurídicos, ou seja, arrastados diante de tribunais em julgamentos burlescos, acusados de “imperialismo” ou de “perverter a nação”. O instinto de justiça no coração humano é tão profundo que, mesmo em grandes atos de injustiça, os vilões usam um manto de justiça. Não tanto que intolerantes isolados os venham a perseguir; antes, os homens se organizariam juridicamente contra eles, seus discípulos, assim como fizeram com Cristo. Pelo subterfúgio e dissimulação dos tribunais se faria a justiça, a verdadeira motivação do ódio seria o mal em seus corações.

Ora, este é o julgamento: a luz veio ao mundo,
mas os homens amaram mais as trevas do que a luz,
pois as suas obras eram más.
Porquanto todo aquele que faz o mal odeia a luz
e não vem para a luz, para que as suas obras
não sejam reprovadas.
Mas aquele que pratica a verdade, vem para a luz.
Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus.
(São João 3,19-21)

Os homens do mundo não principiam com um ódio consciente à Luz, porque a verdade é tão inerente à mente quanto a luz à visão. Entretanto, quando a luz brilhou em suas almas e revelou-lhes os pecados, eles a odiaram assim como o ladrão de bancos odeia quando o holofote da polícia se volta para ele. A verdade que trazia, os homens reconheciam como pretensão de fidelidade, porque foram feitos para isso, mas uma vez que perverteram as próprias naturezas pelo mau comportamento, a verdade do Cristo confundiu a consciência deles e desprezaram-na. Todos os hábitos de vida, as desonestidades e as paixões mais vis foram inflamadas em violenta oposição à luz. Muitos homens doentes não vão à consulta médica por medo do médico dizer-lhes alguma coisa que não vão gostar. Jesus lhes disse, portanto, que não era um mestre a pedir a um discípulo que repita seus ensinamentos; era um salvador que, primeiro perturbava a consciência para, depois, purificá-la. No entanto, muitos nunca ultrapassaram o ódio ao perturbador. A luz não é uma dádiva, exceto para aqueles que são homens de boa vontade; suas vidas podem ser más, mas ao menos querem ser bons. Sua presença, disse Jesus, era uma ameaça à sensualidade, à avareza e à luxúria. Quando um homem vive em uma caverna escura por muitos anos, os olhos não suportam a luz do sol; da mesma maneira o homem que recusa a se arrepender, volta-se contra a misericórdia. Ninguém pode impedir o sol de brilhar, mas todos os homens podem cerrar as persianas e ocultá-lo.

Logo em seguida, Nosso Senhor lhes disse que, na perseguição contínua contra Ele, não ficassem preocupados em como responder aos perseguidores. Nada de declarações por escrito, nada de manuscritos preparados seriam necessários. Prometeu falar-lhes por intermédio de seu Espírito.

Quando fordes presos, não vos preocupeis
nem pela maneira com que haveis de falar,
nem pelo que haveis de dizer:
naquele momento ser-vos-á inspirado o que haveis de dizer.
Porque não sereis vós que falareis,
mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós.
(São Mateus 10,19-20)

Pressagiando, sem dizer como, que seria traído por um daqueles que lhes era próximo, deu-lhes uma visão aprimorada da cruz ao afirmar que os traidores estarão na própria casa, que irmãos trairão irmãos.

Sereis odiados de todos por causa de meu nome.
(São Mateus 10,22)

Os novilhos trazidos da arca para a terra dos filisteus foram oferecidos a Deus em sacrifício. Tal pareceria a recompensa por ser identificados com Cristo. Como disse São Paulo:

Porque a vós vos é dado não somente
crer em Cristo, mas ainda por ele sofrer.
(Filipenses 1,29)

Na vida de Cristo, contudo, nunca houve a “hora” do Calvário sem o “dia” da vitória, nem a derrota seria permanente:

Aquele que perseverar até o fim será salvo.
(São Mateus 10,22)

É pela vossa constância que alcançareis a vossa salvação.
(São Lucas 21,19)

O domínio de uma alma significa o senhorio impassível de si, que é o segredo da paz interior, diverso dos milhares de agitações que a torna temerosa, infeliz e desapontada. Somente quando a alma é dominada podemos desfrutar de alguma coisa. Nosso Senhor indicava, aqui, paciência na adversidade, provação e perseguição. Ao fim de três horas na Cruz, dominaria tanto a Sua alma que a devolveria ao Pai dos Céus.

Nesse ponto do discurso aos apóstolos, deixou claro que já que veio para morrer e não para viver, então, eles deveriam estar preparados para morrer, e

não para viver. Se o mundo deu-lhe uma cruz, então, deveriam também esperar uma cruz; se o mundo disse que era endemoninhado, deveriam esperar ser chamados de “demônios”.

O discípulo não é mais que o mestre,
o servidor não é mais que o patrão.
Basta ao discípulo ser tratado como seu mestre,
e ao servidor como seu patrão.
Se chamaram de Beelzebul ao pai de família,
quanto mais o farão às pessoas de sua casa!
(São Mateus 10,24-25)

No entanto, a capacidade de fazer mal nunca atingiria as almas dos apóstolos. Como Sua própria Ressurreição seria a prova disso, agora, deu-lhes a certeza antecipada. O corpo pode ser ferido sem o consentimento da alma, mas a alma não pode ser ferida sem o próprio consentimento. A única coisa a ser temida é perder, não a vida humana, mas a vida divina que é Deus.

Não temais aqueles que matam o corpo,
mas não podem matar a alma;
temei antes aquele que pode precipitar
a alma e o corpo na geena.
(São Mateus 10,28)

Havia uma justificativa para o mal que lhes fora feito; e todas as coisas ocultas seriam reveladas. A misericórdia de Deus que vela pelos pardais e conta os cabelos da cabeça tinha-lhes sob um olhar atento e providente. Advertiu-lhes que não fossem “discípulos secretos”, que deixassem de se expor ao perigo, nem que fossem exageradamente “progressistas” ao confessar sua divindade. Ao tornar-se mais audacioso enquanto ostentava a Cruz diante deles, voltou à analogia da espada. Não seria um pacifista externo; tampouco eles o seriam. Quando O proclamassem, evocariam a oposição e, assim, fariam com que todos os inimigos do bem desembainhassem suas espadas:

Portanto, quem der testemunho de mim diante dos homens,
também eu darei testemunho dele
diante de meu Pai que está nos céus.
Aquele, porém, que me negar diante dos homens,
também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus.
Não julgueis que vim trazer a paz à terra.
Vim trazer não a paz, mas a espada.
(São Mateus 10,32-34)

Existem dois tipos de espadas: as espadas que perfuram externamente e destroem e as espadas que perfuram por dentro e mortificam. Indicava que a própria vinda provocaria as espadas por parte dos inimigos. Tiago ouviu essas mesmas palavras acerca de uma espada e, mais tarde, as confirmaria, quando Herodes o assassinou com a espada, tornando-se o primeiro apóstolo a ser martirizado. Simone Weil parafraseou as palavras de Nosso Senhor de que aquele que toma a espada, perecerá pela espada ao dizer que “Ele, que tomou a cruz, perecerá pela espada” porque a cruz criará oposição.

A seguir, os apóstolos foram advertidos de que aqueles que o aceitassem seriam odiados pelos membros das próprias famílias. O evangelho fomentaria o conflito entre os que o aceitariam e os que o rejeitariam. A mãe não convertida detestaria a filha convertida, e o pai não convertido detestaria o filho convertido, de modo que os inimigos mais ferrenhos seriam os da própria casa. Entretanto, não deveriam pensar que tudo isso seria uma perda. Existe uma vida dupla: a física e a espiritual. Tertuliano observou que quando os romanos condenaram à morte os primeiros cristãos, a súplica pagã sempre era: “Salvai vossas vidas, não as desperdiçai”. Assim como Ele daria Sua vida para reconquistá-la mais tarde, da mesma maneira, eles as perderiam biologicamente, mas as salvariam espiritualmente. O que lhe foi sacrificado nunca foi perdido. Eles não compreendiam o que Jesus estava a dizer, mas resumiu-lhes de novo sua cruz e ressurreição:

Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á.
Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á.
(São Mateus 10,39)

Os apóstolos, com frequência, viam os romanos, que dominavam sua terra, crucificarem muitos de seu povo. As palavras de Nosso Senhor referiam-se ao costume dos criminosos carregarem sua cruz antes de serem crucificados. Que a Cruz era o incidente máximo em Sua vida, a razão primeira de Sua vinda está, mais uma vez, evidente ao convidar-lhes para crucifixão. É inimaginável que Ele os induziria a uma morte expiatória a menos que Ele mesmo a desejasse para Si como o cordeiro imolado desde o princípio do mundo. Mais tarde, Pedro e André compreenderiam o que Ele quisera dizer naquele dia, quando eles também foram crucificados.

Imediatamente após o Pentecostes, quando Cristo enviou Seu Espírito sobre os apóstolos, o significado pleno da crucifixão começou a despontar para Pedro e ele resumiu o que ouviu nas instruções antes do Calvário de Nosso Senhor:

Vós o matastes, crucificando-o por mãos de ímpios.
Mas Deus o ressuscitou, rompendo os grilhões da morte,
porque não era possível que ela o retivesse em seu poder.
(Atos dos Apóstolos 2,23-24)

A cruz não foi um acidente em Sua vida, e não o seria na vida de seus seguidores.

OS PAGÃOS E A CRUZ

Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para salvar todos os homens, todas as nações e todos os povos. Conquanto fosse este seu objetivo supremo, seu plano era, num primeiro momento, limitar o Evangelho aos judeus. Mais tarde sua missão tornou-se universal, a fim de abarcar também todo o mundo pagão.

Estes são os Doze que Jesus enviou em missão,
após lhes ter dado as seguintes instruções:
Não ireis ao meio dos gentios nem entrareis em Samaria;
ide antes às ovelhas que se perderam da casa de Israel.
(São Mateus 10,5-6)

A primeira orientação explícita aos apóstolos era evitar os pagãos. Hoje, os pagãos seriam conhecidos como as “missões estrangeiras”. Até mesmo os samaritanos estavam por ora excluídos, pois eram um povo híbrido de origem judaica e assíria. Essa instrução explícita ao povo de confinar-se a princípio à Casa de Israel foi sublinhada pelo fato de que Ele escolheu 12 deles, que, grosso modo, correspondiam às 12 tribos de Israel. A recordação persistente desta ordem fez com que Pedro hesitasse quando chegou a hora de batizar Cornélio, o centurião romano. Para esse ato, ele exigiu uma declaração explícita da parte do próprio Deus.

Apesar deste primeiro mandamento aos apóstolos, Nosso Senhor Bendito teve muitos contatos com pagãos; até operou milagres em favor deles. Ainda que não deem uma resposta completa à pergunta de quando Nosso Senhor começou a tornar universal a sua missão, esses milagres dão uma pista.

O primeiro dos três contatos que Nosso Senhor teve com pagãos, e, portanto, com as missões estrangeiras, foi com o centurião romano; o segundo, com a filha da mulher siro-fenícia; e o terceiro, com o jovem possuído por demônios nas terras de Gerasa. Havia muitos elementos comuns aos três milagres.

Os dois primeiros milagres foram realizados à distância. Provavelmente, o centurião era membro da guarnição romana fixada em Cafarnaum. Por nascimento, portanto, há de ter sido um pagão. É bem provável que, assim como o centurião Cornélio, a quem Pedro batizou, e como o eunuco na corte da rainha da Etiópia, ao menos sentimentalmente estivesse ligado à adoração a Iavé. Este oficial romano estivera no país tempo suficiente para saber que havia um grande muro de separação entre judeus e gentios. Isso explica o fato de que, quando seu servo ficou enfermo, à beira da morte, ele não abordou diretamente Nosso Senhor, mas

enviou-lhe alguns anciãos dos judeus,
rogando-lhe que o viesse curar.
(São Lucas 7,3)

Nosso Bendito Senhor deve ter mostrado alguma relutância em operar este milagre, pois Lucas diz que aqueles que intercediam

Rogavam-lhe encarecidamente.
(São Lucas 7,4)

Enquanto Nosso Senhor rumava em direção ao servo, o centurião enviou-lhe uma palavra por meio de mensageiros que não se incomodasse:

Não sou digno de que entres em minha casa.
(São Lucas 7,6)

Santo Agostinho diria mais tarde: “Considerando-se indigno de que Cristo entrasse em Sua casa, [o centurião] foi considerado digno de que Cristo entrasse-lhe no coração”.

O centurião pagão comparou o poder de Nosso Senhor Bendito à sua própria autoridade sobre os soldados. Ele mesmo era um sargento com uma centena de homens sob seu comando, que lhe cumpriam as ordens; e o Senhor era o verdadeiro César, ou rei, o comandante supremo da mais alta hierarquia, com anjos que lhe obedeciam às ordens. Com certeza, Ele não entraria na casa para realizar o milagre; o pagão sugeriu que ele desse uma ordem dali mesmo de onde estava. O milagre foi realizado, conforme o pedido do centurião, à distância. Refletindo sobre a fé deste pagão e antecipando a fé que viria de missões estrangeiras, o que contrastava com a presente missão doméstica, disse Nosso Senhor:

Em verdade vos digo: nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé.

(São Lucas 7,9)

O primeiro pagão que recebeu tal louvor de Nosso Senhor Divino por sua fé era um “daqueles filhos de Deus” esparsos no mundo, que haviam de ser trazidos à unidade por meio da Redenção.

O segundo milagre realizado por Nosso Senhor a um pagão foi a cura da filha da mulher siro-fenícia. A relutância em operar um milagre para o centurião estivera apenas implicada, mas aqui Ele se recusa explicitamente, talvez para extrair a fé da mulher. O milagre aconteceu na vizinhança de Tiro e Sidônia. São Crisóstomo e outros comentadores pensaram de fato que Nosso Senhor tinha ultrapassado as fronteiras do que mais tarde haveria de ser conhecido como território de missões estrangeiras. A mulher é descrita como vindo de Canaã e de descendência siro-fenícia. Ela estava, portanto, completamente separada dos judeus. Quando pediu uma bênção para a filha, a quem ela descreveu como “cruelmente atormentada por um demônio”, Nosso Senhor

[...] não lhe respondeu palavra alguma.

Seus discípulos vieram a ele e lhe disseram com insistência:
Despede-a, ela nos persegue com seus gritos.
(São Mateus 15,23)

Os apóstolos não estavam pedindo que um milagre fosse operado em favor da mulher; eles só queriam ser deixados em paz, sem ser incomodados, numa tranquilidade egoísta. Como ela prosseguiu com seu apelo e adoração, Nosso Bendito Senhor resolveu pôr a fé da mulher à prova, de uma forma aparentemente dura:

Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos.
(São Mateus 15,26)

Os filhos a quem Ele se referia eram, claro, os judeus. O termo “cachorrinhos” significava desprezo, e não era incomum que os judeus o aplicassem aos gentios.

Assim como o centurião romano suportou um aparente atraso, também essa mulher sofreu uma rejeição assombrosa:

Certamente, Senhor, replicou-lhe ela;
mas os cachorrinhos ao menos comem as migalhas
que caem da mesa de seus donos...
(São Mateus 15,27)

A mulher estava dizendo a Nosso Senhor: “Aceito esse título e a dignidade que vem com ele: pois até mesmo os carros são alimentados pelo Mestre; podem até não receber todo o banquete dado aos filhos de Israel, mas os cachorrinhos terão sua porção; e esta ainda virá da mesa do mestre”. Ela alegou que pertencia à casa do mestre, ainda que seu lugar fosse inferior. Segundo o próprio título que o Senhor lhe deu, ela não era um estrangeiro. E, ao aceitar este título, ela pôde reivindicar tudo que este trazia consigo.

Ela vencera pela fé, e o Mestre disse-lhe:

Ó mulher, grande é tua fé!
Seja-te feito como desejas.
(São Mateus 15,28)

Como José do Egito, que mostrou severidade a seus irmãos por breve tempo, o Salvador não prolongou seu aparente desdém; concedeu a cura da filha da mulher, mais uma vez à distância.

O terceiro contato com os pagãos ocorreu quando Nosso Senhor entrou na região dos gerasenos. Um homem possuído por um espírito imundo saiu do cemitério para encontrar-se com Ele. O presente cenário era a Decápolis, uma região predominantemente gentílica. Josefo sugeria enfaticamente que Gerasa era uma cidade grega. O próprio fato de que o povo ali fosse criador de porcos parecia indicar que não eram judeus. Não se pode admitir que fossem judeus que afrontavam a lei de Moisés.

Um simbolismo considerável pode ser vinculado ao fato de que, nesta terra pagã, Nosso Bendito Senhor enfrentou forças de oposição muito piores que aquelas que perturbavam as ondas, os ventos e os corpos dos homens. Havia aqui algo mais selvagem, mais temível que os elementos naturais, algo que podia trazer confusão, anarquia e arruinar o homem interior. Havia uma fé autêntica no centurião e na mulher siro-fenícia. Mas não havia nada neste jovem senão o domínio do diabo. Os outros dois pagãos falaram de seu coração em honra de Nosso Salvador. Aqui, entretanto, estava um espírito estranho, um espírito caído, que fez o jovem afirmar a divindade:

Por que te ocupas de mim, Jesus,
Filho do Deus Altíssimo?
Rogo-te, não me atormentes!
(São Lucas 8,28)

Quando o Salvador libertou o jovem dos espíritos malignos e permitiu que estes entrassem numa manada de porcos, o povo da cidade ordenou que Nosso Senhor saísse daquela região. O espírito do capitalismo, em sua forma mais perversa, fê-los sentir que a restauração de uma alma à amizade com Deus não era nada em comparação à perda de alguns porcos. Embora gesarenos

respeitados lhe mostrassem oposição, os samaritanos, que eram pecadores, queriam que o Senhor permanecesse com eles.

Esses três incidentes envolvendo missões estrangeiras foram exceções ao plano divino de que a salvação devia chegar primeiro aos judeus, e que ele devia limitar seu ensino, por ora, apenas às ovelhas perdidas de Israel.

Esses contatos esporádicos com pagãos não bastaram para estabelecer um princípio de evangelização mundial. De outro lado, não se pode supor que Nosso Bendito Senhor voltou-se aos gentios simplesmente porque seu próprio povo O rejeitou, como se o resto da humanidade fosse apenas um apêndice em Sua vida. Ele sempre soube que chegaria um momento em que Ele perderia tanto os líderes quanto as massas de Seu próprio povo. De fato, isso veio a acontecer após o milagre da multiplicação dos pães. Depois disso, Nosso Bendito Senhor não podia contar nem com um séquito de aristocratas nem com o de populares entre os judeus. Ainda assim, Ele continuou por algum tempo a concentrar Seu ensino em Seu próprio povo, excluindo as missões estrangeiras.

Nosso Senhor não usou nenhum de seus três contatos com os pagãos para dizer aos apóstolos que levassem o Evangelho além dos limites de Israel. No entanto, havia uma ligação clara e intrínseca entre os gentios e a razão de Sua vinda. É digno de nota o fato de que, naqueles momentos em que havia um forte indício e sugestão de Sua morte e redenção, havia também algum envolvimento com os gentios. Bem longe desses três contatos miraculosos, houve três outros momentos em que os pagãos estiveram estreitamente associados a Ele. Cada um desses momentos fazia alguma referência à Sua Paixão, morte e glorificação.

O primeiro desses momentos foi em Seu nascimento. Os pastores representavam a missão doméstica; os magos, as missões estrangeiras. Judeus e gentios estavam próximos da manjedoura; mas a vinda dos gentios coincidiu com o primeiro atentado contra Sua vida. A Nau Divina mal tinha sido lançada, e o rei Herodes quis afundá-la, ordenando o massacre de todos os meninos menores de dois anos. E foi aos gentios a quem Herodes questionou a respeito da profecia acerca da estrela de Belém. Desde já, a sombra da morte pairava sobre o menino Jesus.

O segundo momento da associação estreita com os gentios em sua vida foi quando, com a intercessão de Filipe e André, os gregos vieram vê-Lo. Nesta ocasião, Nosso Bendito Senhor não mencionou uma profecia das escrituras

judaicas (pois isso teria sido inútil ao gentio); Ele, ao contrário, apelou a uma lei da ordem natural, a lei da sementeira.

se o grão de trigo, caído na terra,
não morrer, fica só;
se morrer, produz muito fruto.
(São João 12,24)

Como os Reis Magos dos gentios descobriram a sabedoria na manjedoura, assim também os sábios das fileiras dos gentios aprendiam agora a lei do sacrifício: pela morte, uma nova vida brotaria. Quanto mais perto da Cruz Nosso Senhor chegava (e aqui Ele estava a apenas uma semana dela), mais perto Dele estavam os pagãos. Começavam agora a aparecer pela primeira vez em seu cortejo. Na ocasião desta visita dos herdeiros de Sócrates, Platão e Aristóteles, Nosso Bendito Senhor começou a falar de Sua glória:

É chegada a hora para
o Filho do Homem ser glorificado.
(São João 12,23)

O terceiro momento em que os gentios estiveram intimamente associados a Ele foi durante a crucifixão. Ele foi julgado na corte romana, e a mulher do governador romano intercedeu por Ele, pois ficara perturbada com um sonho. Simão de Cirene, que estava interessado em assistir a este homem caminhar para a morte, foi forçado a ajudá-Lo a carregar a cruz. Sabe-se que ao menos uma centena de soldados romanos estava presente na cena da crucifixão, pois um centurião comandava ao menos este número de soldados. Nunca houve tantos gentios e pagãos em torno do Senhor, como no momento de sua morte. Aguardando esse momento, depois que os milagres não bastaram para convencer os homens de sua divindade, ele dera a Cruz como argumento final. Agora que o Filho do Homem estava sendo levantado, ele começou a atrair para Si todos os homens. O Senhor deixou claro que eram “todos os homens”

que Ele atrairia, não apenas o povo de Judá e da Galileia. No exato momento em que falava sobre dar a vida, acrescentou:

Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco.
Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz [...]
(São João 10,16)

A morte de Cristo foi a realização do Reino de Deus para o mundo inteiro. Até o Calvário, os homens foram instruídos pela pregação. Depois do Calvário, seriam ensinados pela Ressurreição e Ascensão. O princípio da universalidade tornou-se definitivo. Foi a morte de Cristo que derrubou o muro de separação entre judeus e gentios a fim de revelar a missão universal do Messias, que fora obscuramente sugerida no Antigo Testamento. Faltava o Gólgota para universalizar a missão de Cristo. As missões estrangeiras foram fruto da Paixão e morte de Nosso Senhor Bendito. Não há maior prova disso do que o fato de que o mandato missionário não foi dado antes de Sua Ressurreição e Ascensão:

Ide, pois, e ensinai a todas as nações.
(São Mateus 28,19)

Agora os pagãos cairiam em si, não só os que tinham vivido antes da vinda do Senhor, mas aqueles que viveriam até sua glória final. E virá o dia em que:

Os ninivitas se levantarão com esta raça e a condenarão.
(São Mateus 12,41)

Os gentios que viveram nos dias de Salomão, e em particular da rainha de Sabá, apontariam um dedo acusador a Israel por não ter sido tão responsivo quanto os gentios à morte de Cristo.

A costa de Tiro e Sidônia, que produzira aquela mulher de fé, receberia um julgamento mais brando que Cafarnaum, que outrora embalara o Corpo do Pescador Divino:

No dia do juízo, haverá menor rigor para Tiro e para Sidônia
que para vós!
E tu, Cafarnaum, serás elevada até o céu?
Não! Serás atirada até o inferno!
(São Mateus 11,22)

Até mesmo Sodoma, que fora sinônimo de tudo que era mau, teria um juízo mais misericordioso que Israel, a quem a revelação estava inicialmente restrita.

Porque, se Sodoma tivesse visto os milagres
que foram feitos dentro dos teus muros,
subsistiria até este dia.
Por isso te digo: no dia do juízo,
haverá menor rigor para Sodoma do que para ti!
(São Mateus 11,23-24)

No futuro, todos os gentios seriam beneficiados por Sua morte e Ressurreição:

Quando o Filho do Homem voltar na sua glória
e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso.
Todas as nações se reunirão diante dele.
(São Mateus 25,31-32)

Se Nosso Senhor fosse apenas um pregador ou um mestre, jamais teria havido nenhuma missão estrangeira. A fé jamais teria sido propagada em todo o mundo. O Evangelho que os missionários levam não é um épico pertencente

a um povo particular, mas uma redenção tão ampla quanto a própria humanidade. Desde o Calvário, o missionário pertenceu a Cristo, não ao príncipe deste mundo. Outro rei assumia o domínio jurídico dos gentios. A principal distinção entre o Antigo e o Novo Testamento tinha que ver com sua abrangência. O primeiro estivera restrito quase exclusivamente a uma única nação, mas o sangue da Nova Aliança derramado no Calvário derrubou esse muro de separação entre os judeus e as outras nações.

O sacrifício de Cristo foi universal em três sentidos: tempo, espaço e poder. Quanto ao tempo, sua eficácia não se limitou a uma geração ou dispensação:

O Cordeiro imaculado e sem defeito algum,
aquele que foi predestinado antes da criação do mundo
e que nos últimos tempos foi manifestado por amor de vós.
(1 São Pedro 1,19-20)

Havia universalidade também no espaço, pois o efeito da morte de Cristo não ficou confinado a uma única nação:

Foste imolado e resgataste para Deus,
ao preço de teu sangue, homens de toda tribo, língua, povo e
raça.
(Apocalipse 5,9)

Por fim, havia universalidade em poder, pois não havia pecado que a redenção não pudesse apagar:

E o sangue de Jesus Cristo, seu Filho,
nos purifica de todo pecado.
(1 São João 1,7)

Foi na Cruz que Cristo tornou Sua missão mundial. Quanto mais próximos da cruz viverem os missionários, mais rápido cumprirão a missão em todas as nações.



*Fulton J.
Sheen*

VIDA DE
CRISTO

Volume

•II•

TRADUÇÃO

*Márcia Xavier de Brito
William Campos
da Cruz*

petra

A CRESCENTE OPOSIÇÃO

A oposição e o ódio dos fariseus, dos escribas e dos líderes do templo a Nosso Senhor cresceu de dentro para fora, como na maioria dos corações humanos. Primeiro, odiaram-No em seus próprios corações; depois, expressaram esse ódio aos discípulos; então, manifestaram seu ódio abertamente ao povo; e, por fim, o ódio concentrou-se no próprio Cristo.

A má disposição dos próprios corações manifestou-se quando um homem paralítico foi levado a Nosso Senhor em Cafarnaum. Em vez de realizar imediatamente o milagre, Nosso Senhor perdoou-lhe os pecados. Uma vez que a doença, a morte e o mal eram efeitos diretos do pecado, embora não necessariamente do pecado pessoal de qualquer indivíduo, foi primeiro à raiz da doença, a saber, o pecado, e perdoou-o:

Filho, perdoados te são os pecados.
(São Marcos 2,5)

Em vez de considerar o milagre como prova daquele que o operou, seus inimigos perguntaram:

Como pode este homem falar assim?
Ele blasfema.
Quem pode perdoar pecados senão Deus?
(São Marcos 2,7)

Não se enganaram ao concluir que Cristo agia como Deus. O Antigo Testamento dizia que tal poder pertencia a Deus. Verdade, somente Deus pode perdoar os pecados, mas Deus podia fazê-lo e estava fazendo naquele momento por intermédio de Sua natureza humana. Mais tarde, daria esse poder aos apóstolos e sucessores:

Àqueles a quem perdoardes os pecados,
ser-lhes-ão perdoados.
(São João 20,23)

Entretanto, os homens que exerciam essa autoridade ainda seriam apenas instrumentos humanos de Sua Divindade, assim como, de maneira maior, Sua natureza humana era instrumento de Sua Divindade. Ainda que os pensamentos dos fariseus permanecessem em suas cabeças, nenhum pensamento do homem é desconhecido por Deus.

Mas Jesus, penetrando logo com seu espírito seus íntimos pensamentos, disse-lhes:
“Por que pensais isto nos vossos corações?
Que é mais fácil dizer ao paralítico:
Os pecados te são perdoados, ou dizer:
Levanta-te, toma o teu leito e anda?
Ora, para que conheçais o poder concedido ao Filho do homem sobre a terra
(disse ao paralítico), eu te ordeno:
levanta-te, toma o teu leito e vai para casa.”
No mesmo instante, ele se levantou e,
tomando o leito, foi-se embora à vista de todos.
(São Marcos 2,8-12)

Na cabeça deles, Jesus era culpado por blasfêmia porque reivindicou o poder de Deus. A respeito de Sua autoridade para perdoar os pecados, deu-lhes prova sensível de que Sua alegação não era fictícia. Embora não pudessem

negar o que viram, não reconheceram Seu poder. A fé em Cristo aumentava entre o povo, mas diminuía entre fariseus, escribas e doutores da lei de todos os vilarejos da Galileia, da Judeia e em Jerusalém. Os milagres não são necessariamente uma cura para a descrença. Se a disposição é perversa, nenhuma prova do mundo convence, nem mesmo a ressurreição dos mortos.

Até aquele momento, os escribas e os outros apenas pensavam mal. O ódio então encontrara expressão em seus lábios contra os discípulos do Senhor. A ocasião se deu quando Jesus nomeou Mateus, o Publicano, como apóstolo. Um publicano era um judeu que traiu o próprio povo ao se tornar coletor de impostos para os romanos que ocupavam o país. O publicano deveria coletar na comunidade determinada soma em impostos, mas tudo que recebia acima desse montante guardava para si. Naturalmente, isso dava ensejo a muitos atos desonestos; como resultado, o publicano era um dos cidadãos mais desprezados da comunidade.

Quando Nosso Senhor viu o publicano à mesa recebendo os impostos, não prometeu nada a Mateus, simplesmente disse: “Segue-me”. Mateus o fez de imediato. Ele, que era tão pouco patriota, mais tarde escreveu o primeiro evangelho e se tornou o mais patriota dos cidadãos, voltando a contar, uma centena de vezes, as profecias da glória de Israel em ter gerado o salvador.

Nosso Senhor aceitou um convite para comer na casa de Mateus. Isso foi um grande escândalo para os fariseus e sua justiça rigorosa. Mas, quando viram que

numerosos publicanos e pecadores vieram
e sentaram-se com ele e seus discípulos.
(São Mateus 9,10)

perguntaram aos discípulos:

Por que come vosso mestre
com os publicanos e com os pecadores?
(São Mateus 9,11)

Jesus estava sendo reconhecido como Mestre e Mentor, mas agora arriscava sua reputação ao associar-se com os párias da sociedade. Se os leprosos se ajuntavam, a camaradagem com pecadores não era prova de que Ele também era um pecador?

Antes, lera os pensamentos; dessa vez, os discípulos decerto contaram-lhe a acusação dos fariseus, à qual respondeu que exatamente por ser diferente dos pecadores é que foi estar em seu meio. O formalismo rígido, expresso em sacrifícios externos, ignorava o verdadeiro sacrifício do eu que poderia salvar os pecadores. Vangloriavam-se de conhecer as Escrituras, então o Senhor deu aos fariseus uma referência de Oseias segundo a qual a misericórdia agrada mais a Deus que o formalismo:

Não são os que estão bem que precisam de médico,
mas sim os doentes.

Eu quero a misericórdia e não o sacrifício (Oseias 6,6).

Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

(São Mateus 9,12-13)

Mais uma vez disse que “viera” ao mundo, não que nascera. Sempre há a afirmação de que Ele não começou a existir no tempo, mas somente de que, como Deus, tornara-se algo que não era, a saber, um homem. E a razão de Sua vinda não foi escrever um novo código moral; veio fazer algo pelos pecadores. Aqueles que, como os fariseus, se recusavam a admitir que estavam doentes com o pecado não precisavam de Jesus como médico de almas. O cego que se recusava a admitir a existência da luz nunca poderia ser curado. Nosso Senhor não viera por simples adesão literal à lei cerimonial, entendida como “sacrifício”, mas para erguer os caídos. Como médico, Ele não podia fazer o bem àqueles que eram curiosos, ou que negavam a culpa ou a chamavam de Complexo de Édipo; veio apenas para carregar os pecados, e, por isso, somente os pecadores, e não os justos, tirariam proveito de Sua vinda.

O amor aos pecadores era uma coisa nova na terra. Se viesse para ser apenas um mestre, teria escrito Sua lei como fizera Lao-Tsé, e teria dito aos homens “aprendam e pratiquem”. Entretanto, uma vez que veio para ser um

salvador e dar a própria vida “como resgate”, convocou os homens a expiar o mal.

Não vim chamar à conversão os justos, mas sim os pecadores.
(São Lucas 5,32)

A oposição tornou-se mais aberta depois que Nosso Senhor curou o surdo endemoninhado. Ela deixou os círculos estreitos dos corações tenebrosos e dirigiu-se ao povo para agitá-los contra Jesus. As multidões que viram os milagres estavam cheias de admiração e diziam que nada parecido jamais fora visto em Israel. Isso levou os fariseus a iniciar a blasfêmia:

É pelo príncipe dos demônios que Ele expulsa os demônios.
(São Mateus 9,34)

Nosso Senhor respondeu à acusação ao demonstrar que expulsou Satanás pelo poder de Sua Divindade, empregando a analogia de uma casa cercada, ocupada por um homem forte. No entanto, alguém mais forte do que o homem entra e toma todas as armas, defesas e bens da casa. Nosso Senhor disse que, se ingressou no domínio do mal e tomou posse da casa, tal como o corpo de um possesso, estava manifestado, então, um grande poder contra Satanás, que nada mais era que o próprio Deus. Todavia, porque disseram que Jesus tinha um espírito imundo, eram culpados de um pecado imperdoável; punham-se além do perdão. Se envenenaram a fonte de água viva que por si só podia saciar a sede, então deviam morrer do veneno. Se blasfemam contra aquele de quem o perdão flui, há esperança de perdão? O surdo que nega ser surdo nunca ouvirá; os pecadores que negam a existência do pecado e, desse modo, o remédio contra o pecado, se põem, para sempre, à parte daquele que veio para redimir.

O estágio final do ataque foi direcionado a Nosso Senhor.

Atravessava Jesus os campos de trigo num dia de sábado.

Seus discípulos, tendo fome, começaram a arrancar as espigas para comê-las.

Vendo isto, os fariseus disseram-Lhe:

Eis que teus discípulos fazem o que é proibido no dia de sábado.

(São Mateus 12,1-2)

O Antigo Testamento não proibia arrancar espigas de milho do campo, mas fazer isso em um sábado, segundo os fariseus, representava um pecado duplo. Como dispõe o Talmude:

Caso a mulher role o trigo para remover as cascas, é considerado como peneiração; se esfregar as espigas de trigo, é considerado como debulha; se limpar as aderências laterais, peneira o fruto; se esmagar a espiga, tritura; se os lançar das mãos, joeira. [Jer. Shabat 10a]

O que scandalizou os fariseus não foi a violação da lei bíblica, mas a violação da lei rabínica. Ao ver o que acreditavam ser uma profanação do *Shabat*, atacaram abertamente Nosso Senhor por algo que os discípulos fizeram.

A resposta de Nosso Senhor foi tríplice: primeiro, apelou aos profetas, à Lei e então àquele que era maior que ambos, a saber, depois Ele mesmo. Nos casos que citou, as sutilezas cerimoniais foram preferidas a uma lei suprema. Nosso Senhor recorreu ao grande herói nacional, Davi, que comeu os pães da proposição proibidos a todos, salvo aos sacerdotes (1 Samuel 21,6). Se permitiram que Davi rompesse a proibição divina de uma mera questão cerimonial em favor de uma necessidade do corpo, por que não permitiam isso a Ele e a seus discípulos? Quando Davi fugia de Saul e estava faminto, Nosso Senhor disse que Davi:

entrou na casa de Deus e comeu os pães da proposição?

Ora, nem a ele nem àqueles que o acompanhavam

era permitido comer esses pães reservados só aos sacerdotes.
(São Mateus 12,4)

Os fariseus, por certo, admitiriam que o risco de vida suplanta a lei cerimonial, mas, além disso, Davi teve permissão de comer o pão não só porque estava faminto, mas porque alegou estar a serviço de alguém superior, e servir a alguém maior era mais importante do que Davi servir a um mestre terreno.

Nosso Senhor, então, respondeu de maneira mais direta à acusação de violar a lei do sábado. Aqueles que o acusaram de trabalhar no templo no *Shabat* prepararam sacrifícios, acenderam as lamparinas e, contudo, porque faziam parte do serviço do templo, não foram considerados violadores da lei do *Shabat*. Entretanto, ali, naquele sábado, em meio a um campo de milho, sem nenhuma pompa de glória, estava aquele que era maior que o templo.

Ora, eu vos declaro que aqui está quem é maior que o templo.
(São Mateus 12,6)

Essas palavras profundas eram blasfêmia para os fariseus, mas havia outra afirmação do que dissera quando purificou o templo pela primeira vez em Jerusalém, ao declarar que Seu corpo era o templo porque ali residia a divindade. Nele a divindade abrigava-se corporalmente, e, em nenhum outro lugar na terra, Deus poderia ser encontrado exceto escondido em Sua humanidade. Portanto, se os apóstolos infringiram os regulamentos cerimoniais, não tinham culpa, porque, sim, estavam a serviço do templo; mais ainda, a serviço do próprio Deus.

Ao todo, por sete vezes acusaram-no de descumprir o *Shabat*. Ele os desconcertou, certa vez, na sinagoga de Cafarnaum, após curar o homem com a mão ressequida, ao dizer:

Há alguém entre vós que, tendo uma única ovelha
e se esta cair num poço no dia de sábado,
não a irá procurar e retirar?

Não vale o homem muito mais que uma ovelha?
É permitido, pois, fazer o bem no dia de sábado.
(São Mateus 12,11-12)

Nesse momento a oposição se acirrou. De corações odiosos, passou às palavras de contenda com os discípulos e, então, às acusações blasfemas aos ouvidos do povo e, por fim, ao próprio Senhor. Não sendo capazes de respondê-Lo, após o milagre de Cafarnaum:

Os fariseus saíram dali e deliberaram sobre os meios de o matar.
(São Mateus 12,14)

Nosso Senhor afastou-se da agitação. Ainda não era a hora de julgá-los. Mateus, nesse momento, cita uma passagem de Isaías em que estava previsto o caráter manso de Cristo:

Não quebrará o caniço rachado,
nem apagará a mecha que ainda fumege,
até que faça triunfar a justiça.
Em seu nome as nações pagãs porão sua esperança (Isaías 42,1-4).
(São Mateus 12,20-21)

Não há nada mais débil que um caniço partido que, às vezes, é usado pelos pastores para entoar melodias; nem há nada mais frágil que a chama tremulante de uma vela; ainda assim, Ele não destruiria nenhuma dessas coisas, tão manso era Seu caráter. Não reprimiria a menor aspiração a ele dirigida, nem consideraria alma alguma sem finalidade. Uma chama fumegante não pode mais iluminar um cômodo, mas nenhuma alma jamais seria considerada um objeto ofensivo. O caniço rachado não pode produzir uma música doce, mas nenhuma alma há de ser descartada como inútil e sem esperança de responder às harmonias celestiais. O caniço rachado pode ser remendado, e a

chama fumegante pode ser reavivada por um poder e uma graça que lhes são exteriores.

O Evangelho não poderia ter escolhido, em meio a tal conflito, ódio e mordacidade, melhor momento para retratar a paciência, a gentileza e a mansidão de Jesus do que durante as investidas dos escribas e fariseus. Eram de partidos distintos, mas, porque encontraram um inimigo maior, uniram-se e vieram até Ele dessa vez, com modos pouco educados, e perguntaram:

Mestre, quiséramos ver-te fazer um milagre.
(São Mateus 12,38)

Os milagres de cura e outros semelhantes não bastavam, disseram. Desejavam algum sinal extraordinário dos céus. Ele respondeu:

Esta geração [infel] e perversa pede um sinal.
(São Mateus 12,39)

Algumas versões se referem a uma geração “adúltera”, porque o pecado do adultério era usado no sentido metafórico de infidelidade espiritual a Deus. Mais uma vez, afirmou a importância da conduta moral como essencial para ver a verdade. Contrastou a conduta prática e a fé no arrependimento de Nínive na prece de Jonas, e a fé e o zelo da rainha de Sabá ao ouvir a sabedoria de Salomão com a falta de arrependimento dos escribas e fariseus e a frieza de seus corações. Ainda que a visitante de Salomão fosse uma rainha, ela percorreu uma grande distância por nenhuma outra razão que não a busca de sabedoria. Portanto, ela podia vir em juízo contra os escribas e fariseus que desdenhosamente repeliam a verdade.

No dia do juízo, a rainha do Sul se levantará
com esta raça e a condenará,
porque veio das extremidades da terra
para ouvir a sabedoria de Salomão.
Ora, aqui está quem é mais do que Salomão.

(São Mateus 12,42)

Nosso Senhor aqui alegou superioridade a um grande profeta dos judeus, ouvido pelas nações dos gentios e que buscou informações dos confins da terra. Os fiéis gentios julgarão aqueles mesmos fariseus que O viram e mesmo assim rejeitaram o Evangelho. Entretanto, não somente os verdadeiros intelectuais do mundo se levantarão em juízo contra os que se recusam a aceitar Aquele que era maior que Salomão, mas também:

No dia do juízo, os ninivitas se levantarão
com esta raça e a condenarão,
porque fizeram penitência à voz de Jonas.
Ora, aqui está quem é mais do que Jonas.
(São Mateus 12,41)

Se os homens de Nínive, que eram pagãos, fizeram penitência com a pregação de Jonas, não deveriam os escribas e fariseus fazer penitência com a pregação daquele que era maior que Jonas? O povo de Nínive não teve o mesmo privilégio desses escribas e fariseus de falar com Deus em forma de homem; a rejeição Dele, portanto, era um presságio da vinda do juízo. Ao pedir-Lhe um sinal, demonstraram perversidade moral, pois não acreditariam nem se Ele fizesse o tipo de milagre que pediam. Queriam sinais não por convicção, mas para condená-lo.

Isso O levou ao único sinal que lhes daria; o sinal do profeta Jonas.

Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe,
assim o Filho do Homem ficará três dias
e três noites no seio da terra.
(São Mateus 12,40)

Mais uma vez a sombra da Cruz recaiu sobre os escribas e os fariseus. Em linguagem velada, Ele lhes disse que, no terceiro dia, ressurgiria. Seria tratado como Jonas o foi pelos marinheiros, com a diferença de que Jonas foi lançado

ao mar, e Ele seria lançado numa cova. Entretanto, assim como Jonas escapou das profundezas do mar, no terceiro dia, para cumprir sua missão de pregar a penitência, assim também Ele ressurgiria para cumprir a missão de enviar Seu Espírito para a cura do pecado e a proclamação do arrependimento. O milagre de Jonas foi um sinal de que ele era um profeta divinamente comissionado, e isso autenticou sua exortação dos ninivitas ao arrependimento; do mesmo modo, a ressurreição autenticaria a obra do Mestre. Aqueles que não aceitassem o sinal de humilhação e morte, e depois o de ressurreição e glória, não aceitariam nenhum outro sinal.

Ora, aqui está quem é mais do que Jonas.
(São Mateus 12,41)

Se os ninivitas se arrependeram com a pregação de Jonas, por que os escribas e os fariseus não se arrependeram diante Dele, a quem Jonas apontava? Pediram um sinal para condená-Lo; deu-lhes um sinal que os condenava. Queriam um sinal dos céus; deu-lhes um sinal das profundezas da terra. Queriam um sinal que provocasse maravilhas; deu-lhes um sinal para provocar arrependimento. Queriam um sinal somente para si; deu-lhes um sinal da terra dos gentios para a qual Seu Evangelho seria transmitido após a Ressurreição. Em Nazaré, quando seus concidadãos tentaram matá-Lo, deu-lhes dois exemplos do Antigo Testamento retirados dos gentios para demonstrar que Seu Evangelho lhes seria transmitido. Nessa controvérsia, Ele usou mais três exemplos dos gentios. No entanto, uma vez que “a salvação vem dos judeus”, como Ele lhes disse, deveriam rejeitá-Lo antes que os gentios recebessem Sua verdade e vida. Mais uma vez, a Cruz e a glória da Ressurreição foram postas diante deles como o motivo de Sua vinda dos céus à terra.

A RAPOSA E AS GALINHAS

A Cruz foi levantada mais uma vez pelos fariseus quando Nosso Bendito Senhor estava na Galileia, no território de Herodes. Os fariseus, que haviam tramado Sua morte, tentavam inquietar e perturbar o Mestre, dizendo:

Sai e vai-te daqui,
porque Herodes te quer matar.
(São Lucas 13,31)

Decerto os fariseus não estavam interessados na segurança de Nosso Senhor, e sim ansiosos para atraí-lo a Judeia, onde cairia de modo mais direto sob o poder deles e do Sinédrio. Com certeza a história não era simples invenção, pois, no começo da vida pública de Jesus, fariseus e herodianos tinham conspirado contra Ele. Ademais, a consciência de Herodes já estava pesada por causa do assassinato de João Batista. A presença do Mestre Divino, bem como Sua popularidade, perturbava muitíssimo Herodes. Os fariseus estavam dispostos a envolver-se na trama de Herodes para livrar seus domínios de Jesus; ao mesmo tempo, ganhava terreno o desejo de levá-lo a Jerusalém para precipitar-Lhe a morte.

Nosso Bendito Senhor não se deixou enganar pelo plano ardiloso nem pela cordialidade fingida dos fariseus. Dispensou-os logo com a seguinte resposta:

Ide dizer a essa raposa:

eis que expulso demônios
e faço curas hoje e amanhã;
e ao terceiro dia [sou consumado].
(São Lucas 13,32)

Israel, no Antigo Testamento, foi descrito como a vinha do Senhor; quem mais merecia o nome de espoliador da vinha senão a raposa que assassinou o precursor do Messias? Herodes, acrescentou o Senhor, não tinha de temer que Sua popularidade levasse à intriga ou à revolução. O trabalho de expulsar espíritos malignos de homens possuídos e fazer andar os paráliticos continuaria. Esses milagres inofensivos não seriam interrompidos até o momento de Sua morte e glorificação. “Hoje e amanhã” indicavam períodos curtos, como na passagem do profeta Oseias. Então viria a Crucifixão e, ao fim da Crucifixão, Ele diria que o propósito de Sua vinda estava consumado. Somente no fim do terceiro dia, e não antes disso, terminaria a trajetória. Ele sabia a hora de Sua morte, e sabia que a hora ainda não havia chegado. Fariseus, herodianos e saduceus, unidos em aliança iníqua, não teriam uma Vítima até que Jesus se entregasse a eles.

O Senhor reafirmou que tinha pleno controle da própria vida ao dizer que não morreria na Galileia, onde estava na ocasião, mas em Jerusalém:

Porque não é admissível que um profeta
morra fora de Jerusalém.
(São Lucas 13,33)

Não importava quanto Herodes tentasse matá-lo, Jesus não modificaria a “Hora” estabelecida pelo Pai. Pertencia a Jerusalém o monopólio do assassinato de profetas, e lá a Cruz seria erigida. Quanto à ameaça a Sua vida, Nosso Senhor tão somente a ignorou. Era na Cidade Santa, sob Pôncio Pilatos, que haveria de ser assassinado, e não nas províncias sob o poder de Herodes. O “hoje, amanhã e o terceiro dia” era o período exato de que Nosso Senhor precisava para viajar de Pereia, onde estava, até Jerusalém. Tampouco disse que “morreria”, mas, antes, que “seria consumado”. Uma vez na Cruz, em Jerusalém, Ele diria “está consumado”, unindo assim a Missão Divina do Pai

com o próprio desejo de pregar, expulsar demônios e então oferecer-se como sacrifício pelos pecados dos homens. A mesma expressão usada por Nosso Senhor acerca da consumação de Sua vida aparece duas vezes na Epístola aos Hebreus — uma vez aplicada aos sofrimentos do Senhor por levar os homens à salvação, e a outra:

E, sendo ele consumado,
veio a ser a causa da eterna salvação
para todos os que lhe obedecem.¹
(Hebreus 5,9)

A menção a Jerusalém lembrou-O não só da morte, mas também de Seu amor patriótico pela cidade.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas
e apedrejas os enviados de Deus,
quantas vezes quis ajuntar os teus filhos,
como a galinha abriga a sua ninhada debaixo das asas,
mas não o quiseste!
Eis que vos ficará deserta a vossa casa.
Digo-vos, porém, que não me vereis
até que venha o dia em que digais:
Bendito o que vem em nome do Senhor!
(São Lucas 13,34-35)

Nunca uma apóstrofe foi pronunciada por um patriarca a uma terra ou cidade com o mesmo amor que o Mestre mostrou pela cidade apontada como o lugar do Eterno, onde a glória de Deus havia de habitar e que viria a ser o veículo de revelação a todas as nações. A imaginação do Mestre voltou-se da raposa para as galinhas como exemplo de amor cívico. A figura das asas abertas para abrigar e aquecer era comum nos livros do Antigo Testamento e nos profetas, mas a tragédia estava na rejeição dos homens. Disse Deus: “Quisera”, e os homens responderam: “Não queremos”. A profecia acerca de Jerusalém

estaria cumprida literalmente dentro de uma geração. Quando Sócrates foi condenado à morte pelos juízes atenienses, o carrasco que lhe deu cicuta para beber chorou enquanto lhe entregava o copo. Nosso Senhor, sendo Deus, sabia de antemão que os governadores e juízes de Jerusalém o condenariam à morte, e chorou por eles. No caso de Sócrates, o carrasco chorou pelo executado; aqui, no entanto, é Aquele que há de ser executado que chora pelos carrascos. Eis a diferença entre um filósofo e Deus.

É tremendo o poder da liberdade: o homem sempre a tem dentro de si para aceitar ou rejeitar as asas da proteção e do abrigo divinos. Assim também o homem-Deus tinha-a em Si para oferecer espontaneamente a própria vida por Jerusalém e pelo mundo. Se fosse obrigado a sofrer, seria o peso da injustiça, e o Pai não aceitaria um sacrifício oferecido com relutância. Antes, Nosso Senhor chamara aqueles que estavam dispostos a ser pastoreados por Ele de Suas ovelhas; agora, chama-os de Sua ninhada. Aqui como alhures, a Cruz estava diante dele, mas seria um aperfeiçoamento, uma consumação, uma glória. Mais uma vez, o Senhor associou Cruz e Ressurreição; os dois nunca se separaram. Iria para a Cruz não como mártir, mas como Vencedor. Decerto os homens lhe poriam uma coroa de espinhos e o cravariam numa Cruz, mas tudo isso apenas no *nível humano*. Nada aconteceria antes da hora determinada por Deus. São Pedro, que estava com Nosso Senhor na ocasião, falaria mais tarde do ponto de vista divino da Crucifixão no sermão de Pentecostes:

depois de ter sido entregue,
segundo determinado desígnio e presciência de Deus,
vós o matastes,
crucificando-o por mãos de ímpios.
(Atos dos Apóstolos 2,23)

Jerusalém o rejeitaria na Sexta-Feira Santa depois de tê-Lo recebido no domingo anterior. Talvez a entrada triunfal fosse um símbolo de como Jerusalém O receberia posteriormente, no fim do mundo. O apóstolo que se descreve como aquele a quem Jesus amava deu esta interpretação da Segunda Vinda:

Ei-lo que vem com as nuvens.
Todos os olhos o verão,
mesmo aqueles que o traspassaram.
(Apocalipse 1,7)

A raposa e a galinha se encontraram. A raposa podia agora conspirar com os fariseus, como mais tarde conspiraria com Pilatos, para entregá-lo à morte. Mas o Senhor da História julga a todos conforme tenham devorado como a raposa ou reunido como a galinha. Aqueles que não se aninhassem sob as asas da galinha, advertiu Ele, seriam pegos pelas garras da águia devoradora romana.

Nota

1 | Citado aqui conforme a tradução Almeida Revista e Corrigida, por empregar exatamente o termo enfatizado pelo autor. (N. T.)

A RESSURREIÇÃO QUE PREPARA SUA MORTE

Muitos foram os atentados à vida de Cristo, em particular quando declarou ser o Filho de Deus. No entanto, sua morte foi formalmente decidida quando demonstrou poder sobre a morte ao ressuscitar Lázaro.

E desde aquele momento resolveram tirar-lhe a vida.
(São João 11,53)

Antes, muitas vezes falou primeiro de Sua morte e, depois, de Sua Ressurreição. Dessa vez, falou da ressurreição primeiro, enquanto os inimigos decidiam Sua morte. A tumba vazia de Lázaro instigou a decisão de dar-Lhe a cruz, mas Ele, em troca, desistiria da cruz por um túmulo vazio.

Essa não foi a primeira vez que falara da ressurreição. No início da vida pública, quando alimentou as multidões e apresentou-se como o Pão da Vida, disse que daria a outros a ressurreição:

Ora, esta é a vontade daquele que me enviou:
que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu,
mas que os ressuscite no último dia.
Esta é a vontade de meu Pai:
que todo aquele que vê o Filho e nele crê,
tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.
(São João 6,39-40)

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou,
não o atrair; e eu hei de ressuscitá-lo no último dia.
(São João 6,44)

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue
tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.
(São João 6, 54)

Essas palavras foram além das profecias da própria Ressurreição. Eram uma afirmação de que todos que acreditassem Nele e vivessem por Sua vida ressuscitada desfrutariam, por Seu poder, da ressurreição.

Anteriormente, trouxera dos mortos pelo menos duas outras pessoas. Uma foi a filha de Jairo; a outra, o filho da viúva de Naim. A primeira tinha acabado de morrer; o segundo já estava no caixão. Ainda assim, o caso mais surpreendente de todos foi o de Lázaro.

Nosso Senhor, naquele momento particular, estava pregando a leste do rio Jordão, em Perea. A certa distância estava a cidade de Betânia, que ficava cerca de três quilômetros fora de Jerusalém. Nessa cidade viviam duas irmãs, Marta e Maria, e Lázaro, irmão delas, de cuja hospitalidade Nosso Senhor sempre desfrutava. Quando Lázaro sentiu-se mal, Marta e Maria mandaram uma mensagem a Jesus, dizendo:

Senhor, aquele que tu amas está enfermo.
(São João 11,3)

As irmãs chamavam-No de “Senhor”, para indicar o reconhecimento de Sua divindade e autoridade. Também não punham a fonte do amor em Lázaro; ao contrário, a fonte estava no próprio Jesus. As irmãs apelaram para o Seu amor e deixaram a decisão de fazer o melhor para Cristo (Sua mãe, igualmente, o fizera na festa de casamento em Caná, onde apenas observou: “Eles não têm vinho”). Quando Nosso Senhor recebeu a mensagem, disse:

Esta enfermidade não causará a morte,

mas tem por finalidade a glória de Deus.
Por ela será glorificado o Filho de Deus.
(São João 11,4)

Deveria estar em sua mente, de uma só vez, tanto a morte de Lázaro como a Sua própria Ressurreição, pois mais tarde, quando foi a Betânia e ressuscitou Lázaro dos mortos, disse a Marta:

Não te disse eu: Se creres, verás a glória de Deus?
(São João 11,40)

Ele associa a honra e a glória a si mesmo, não como Messias, mas como Filho de Deus, aquele que está unido com o Pai. Quando Nosso Senhor disse que a doença de Lázaro não causaria morte, não queria dizer que Lázaro não morreria, mas, antes, que o fim e o propósito da morte eram Sua própria glorificação como Filho de Deus.

É muito provável que as irmãs tenham acreditado que, tão logo Nosso Senhor recebesse a mensagem, correria para ficar ao lado de Lázaro. Entretanto, ele ficou mais dois dias onde estava após receber a notícia. Se o último capítulo da morte de Lázaro não tivesse sido escrito, pareceria que faltara compaixão a Nosso Senhor Santíssimo. Acontece que esse foi um dos raros exemplos de morte, doença e infortúnio em que o último capítulo estava escrito e que os propósitos de Deus são vistos mesmo na Sua demora.

A distância que separava Nosso Senhor da casa de Lázaro era de cerca de um dia de viagem. Se, portanto, permaneceu ainda dois dias a mais em Pereia e se acrescentarmos mais um dia de jornada, ao todo teriam se passado quatro dias desde o recebimento da notícia. As delongas de Deus são misteriosas. O pesar, às vezes, é prolongado pelo mesmo motivo pelo qual é enviado. Deus pode abster-se, por um momento, de curar; não porque o Amor não ame, mas porque o Amor nunca deixa de amar e um bem maior virá da aflição. O relógio dos céus é diferente do nosso. O amor humano, impaciente com atrasos, nos insta à velocidade. A mesma morosidade ocorreu quando Ele estava a caminho da casa de Jairo, cuja filha trouxe de volta à vida. Ali, Nosso Senhor Bendito, em vez de apressar-se pelo caminho, usou um desses momentos preciosos para

curar uma mulher de um problema de sangramento, assim que ela tocou Suas vestes na multidão. As obras do mal, às vezes, são feitas apressadamente. Nosso Senhor disse a Judas para fazer “rápido” seu trabalho sujo.

Depois de dois dias, Nosso Senhor falou novamente sobre a família que amava. Ele não disse “Vamos ver Lázaro” ou “Vamos a Betânia”, mas, em vez disso, falou “Voltemos a Judeia”, cuja capital era Jerusalém, onde estava concentrada a oposição a Ele. Quando os discípulos ouviram isso, imaginaram, de imediato, as ameaças a Sua vida e os apedrejamentos em Jerusalém e disseram a respeito dos fariseus e líderes do povo:

Mestre, há pouco os judeus te queriam apedrejar, e voltas para lá?
(São João 11,8)

Nosso Senhor estava a testá-los. Poucas semanas antes, João dissera sobre os inimigos:

Procuraram então prendê-lo, mas ele se esquivou das suas mãos.
(São João 10,39)

Agora ele estava sugerindo aos apóstolos que voltassem ao centro da oposição. Sua hora se aproximava. Mas os apóstolos não conseguiam ver a prudência ou o senso comum em tal passo. Temiam pela própria segurança, bem como pela segurança do Mestre, embora não mencionassem estar com medo; ao contrário, falavam somente dos inimigos que ameaçavam apedrejá-Lo. A resposta que o Senhor lhes deu foi outra indicação da disposição divina de Sua vida e que nenhum homem poderia tirar Dele.

Não são 12 as horas do dia?
Quem caminha de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo.
Mas quem anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

(São João 11,9-10)

Como era seu costume, afirmava uma verdade simples com duplo sentido; um literal e outro, espiritual. O sentido literal era: existe a luz natural do dia. Por cerca de 12 horas o homem trabalha ou empreende uma jornada, e, durante essas horas do dia, o sol brilha em seu caminho. Se, porém, o homem viaja ou trabalha à noite, tropeça ou atrapalha-se no trabalho. O sentido espiritual estava no denominar-se Luz do Mundo. Assim como ninguém pode impedir o sol de brilhar durante as determinadas horas do dia, da mesma maneira, ninguém jamais pode reprimi-Lo ou pará-Lo em Sua missão. Muito embora fosse para a Judeia, nenhum mal recairia sobre Ele até que o permitisse. Enquanto a luz brilhasse sobre os apóstolos, nada teriam a temer, mesmo na cidade dos perseguidores. Passara essa mesma ideia ao responder a Herodes quando o chamou de raposa. Haveria um tempo em que ele permitiria que a luz do mundo fosse apagada, e isso ocorreria quando dissesse a Judas e a seus inimigos no Jardim das Oliveiras: “Esta é a vossa hora e do poder das trevas” (São Lucas 22,53). No entanto, até que permitisse, os inimigos nada poderiam fazer. O dia existe até a Paixão; a Paixão é a noite.

Enquanto for dia, cumpre-me terminar as obras daquele que me enviou.

Virá a noite, na qual já ninguém pode trabalhar.

Por isso, enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

(São João 9,4-5)

Ninguém poderia subtrair-lhe um único segundo das 12 horas de luz estabelecidas nas quais deveria pregar, assim como ninguém poderia apressar um segundo da hora das trevas quando fosse de encontro à morte. Quando finalmente anunciou que deveriam começar a jornada, Tomé, melancólico e pessimista, disse aos discípulos:

Vamos também nós, para morrermos com ele.

(São João 11,16)

Conhecendo a tremenda oposição que havia em Jerusalém, Tomé, naquele momento, sugeriu que todos poderiam morrer juntos na Cidade Santa. O que quer que se possa dizer de Tomé, devemos admitir que, antes de todos, reconheceu que a morte estava reservada a Nosso Senhor, embora tenha sido o último a reconhecer Sua Ressurreição. Se Nosso Senhor desejasse ser morto, Tomé estava disposto a ser morto com ele. Sempre que aparece no Evangelho, Tomé fica do lado negro. Ainda assim, se a única maneira de prosseguir com o Mestre era morrer com Ele, Tomé estava disposto a fazê-lo.

Quando Nosso Senhor chegou a Betânia, Lázaro já havia sido enterrado quatro dias antes. Betânia, por estar a menos de duas horas de Jerusalém e no raio de visão do templo, era o cenário de um grande fluxo de pessoas e, em especial, de inimigos, quando Sua vinda foi anunciada. Muitos consoladores também foram levar alento às pobres irmãs. Quando souberam da chegada de Jesus, Marta, a mais ativa, levantou-se e saiu para encontrá-lo, ao passo que Maria permaneceu na casa. Marta tinha alguma confiança no poder do Cristo, mas ainda era uma confiança muito limitada, pois disse-Lhe:

Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido!
(São João 11,21)

Quando Nosso Senhor disse que seu irmão levantaria novamente, Marta admitiu que ele o faria, na ressurreição geral dos mortos, no último dia. Era estranho que Marta não ouvisse ou recordasse o que Nosso Senhor havia falado antes no templo:

Porque vem a hora em que todos os que se acham
nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz.
(São João 5,28)

A fé que Marta expressou na ressurreição era a da maioria dos judeus, com exceção da dos saduceus. Assim como a mulher no poço sabia que o Messias viria e, no entanto, não sabia que Ele já falava com ela, Marta, igualmente, apesar de acreditar na ressurreição, não sabia que a ressurreição

estava diante dela. Assim como dissera à mulher do poço que era o Messias, agora Nosso Senhor disse a Marta:

Eu sou a ressurreição e a vida.
(São João 11,25)

Se Cristo tivesse dito “Eu sou a ressurreição”, sem prometer dar vida espiritual e eterna, haveria somente a promessa de reencarnação em sucessivos níveis de sofrimento. Se dissesse “Eu sou a vida”, sem dizer “Eu sou a ressurreição”, haveria apenas a promessa de nossos desgostos contínuos. Entretanto, ao combinar os dois, afirmou que Nele estava a vida que, ao morrer, eleva-se à perfeição. Portanto, a morte não era o fim, mas o prelúdio da ressurreição em novidade e plenitude de vida. Essa era a nova maneira de combinar a Cruz e a glória, que perpassou como antífona o salmo de Sua vida. No momento em que disse isso, andou em direção dos inimigos na Judeia. Nosso Senhor Santíssimo estava relutante em utilizar a palavra “morte”, que provava que toda a Sua vida estava contra isso. Empregou a mesma palavra a respeito da filha de Jairo, como fez com Lázaro, a saber, estavam “adormecidos”. Seria a mesma palavra que os seguidores de Cristo usariam a respeito de Estêvão, ao afirmarem que ele “dormiu”.

Quando Nosso Senhor perguntou a Marta se ela acreditava que quem quer que cresse Nele nunca morreria, ela respondeu:

Sim, Senhor. Eu creio que tu és o Cristo,
o Filho de Deus, aquele que devia vir ao mundo.
(São João 11,27)

A fé plena na encarnação preparou o milagre a seguir. Maria chega chorando à cena. Quando Nosso Senhor viu suas lágrimas e a dos seus amigos:

Jesus ficou intensamente comovido em espírito.
(São João 11,33)

Antes ativo que passivo, teve compaixão com a morte e o pesar, dois dos maiores efeitos do pecado. Teve fome porque a desejou; estava pesaroso porque o quis; morreria porque desejou. A longa procissão de enlutados através dos séculos, o efeito pavoroso da morte que estava prestes a tomar sobre Si, instigou-O a sorver o cálice da cruz. Não poderia ser um Sumo Sacerdote digno sem ter compaixão por nossas dores. Como era fraco em nossa fraqueza, pobre em nossa pobreza, da mesma maneira, era triste em nossa tristeza. Essa partilha, deliberadamente desejada, dos pesares daqueles que redimiria, o fez chorar. A palavra grega empregada indica lágrimas derramadas de maneira calma. Nosso Senhor é descrito a chorar nas Escrituras por três vezes. Uma vez por uma nação, quando chorou por Jerusalém; uma vez no Jardim de Getsêmani, quando chorou pelos pecados do mundo; e, nessa ocasião, por Lázaro, quando chorou pelo efeito do pecado que é a morte. Nenhuma das lágrimas foi por si mesmo, mas pela natureza humana que assumira. Em cada ocasião, seu coração humano pôde distinguir o fruto da raiz, os males que afetam o mundo de sua causa, que é o pecado. Era verdadeiramente “o Verbo feito Carne”.

Muitos ao redor do túmulo de Lázaro disseram:

Vede como ele o amava!
(São João 11,36)

Outros, todavia, que também choravam, pesarosos, mostraram suas garras ao perguntar:

Não podia ele, que abriu os olhos do cego de nascença,
fazer com que este não morresse?
(São João 11,37)

É evidente que havia uma crença vaga de que Ele era o Messias, por conta das outras maravilhas que operara. Na cruz também podiam admitir todos os milagres, salvo, aparentemente, não poder descer dela. Agora estavam dispostos a admitir todos os milagres, mas, certamente, se fosse o Messias, o Filho de

Deus, teria evitado a morte de Lázaro. Já que não o fez, logo, não era o Cristo. Ignorou as provocações quando chegou à tumba em que estava Lázaro. Sugeriu que a pedra fosse removida. Marta confirmou a morte certa de Lázaro ao dizer-lhe:

Senhor, já cheira mal,
pois há quatro dias que ele está aí...
(São João 11,39)

Ela advertiu Nosso Senhor de que a condição do morto era tal que abandonasse toda a esperança de ressurreição até o último dia. Quando, porém, a pedra foi removida em obediência à ordem de Nosso Senhor, Este voltou-se ao Pai Celestial em oração. A função da oração era que, por esse milagre, todos que o vissem pudessem acreditar que o Pai e Ele eram um e que o Pai O enviara ao mundo. Então:

exclamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!
(São João 11,43)

Lázaro saiu da tumba com a mortalha enrolada no corpo. As mãos amáveis das irmãs removeram o pano que cobria sua face, e ele, que estivera aprisionado pela morte, foi trazido à vida. Ali, ao sol brilhante do meio-dia, na presença de testemunhas hostis, um homem que estivera morto por quatro dias foi trazido à vida em um instante.

Assim como o sol incide sobre a lama e a endurece, e incide sobre a cera e a amolece, esse milagre de Nosso Senhor Santíssimo endureceu alguns para a incredulidade e amoleceu outros para a fé. Alguns creram: o efeito geral, no entanto, foi a decisão de executar Nosso Senhor. Muitos foram até os fariseus e relataram tudo o que Cristo fizera.

Os pontífices e os fariseus convocaram o conselho e disseram:
Que faremos? Esse homem multiplica os milagres.
Se o deixarmos proceder assim, todos crerão nele.

(São João 11,47-48)

Não havia dúvida sobre o fato da ressurreição; o problema era como evitar que Ele se tornasse popular em virtude de tal poder. Tinha demonstrado claramente por seus milagres que era o Cristo. No entanto, os milagres não são a cura para a incredulidade. Alguns não acreditariam nem mesmo se todo dia alguém se levantasse dos mortos. O raciocínio deles era curioso:

os romanos virão e arruinarão a nossa cidade e toda a nação.
(São João 11,48)

Alegavam que, se Ele continuasse a operar tais milagres e manifestar tal poder, as pessoas O aceitariam como rei. Isso, todavia, pensavam, despertaria o ódio dos romanos que ocupavam o país. O propósito deles era sacrificar Jesus para não serem sacrificados pelos romanos. Entretanto, o que temiam iria acontecer, como Nosso Senhor disse que aconteceria. Os romanos, sob o governo de Tito, destruíram a cidade, queimaram o templo e colocaram a nação em vergonhoso cativeiro.

Caifás, o sumo sacerdote, estava presente nesse conselho. Uma vez que outros se professavam perdidos a respeito do que fazer, o astuto Caifás repreendeu-lhes e ofereceu uma solução mais verdadeira do que suspeitava.

Vós não entendeis nada!
Nem considerais que vos convém que
morra um só homem pelo povo,
e que não pereça toda a nação.
(São João 11,49-50)

“Que Roma decida por Sua morte, não nós” foi seu argumento. “Não teremos culpa por matar alguém tão amado pelo povo, e os romanos serão os responsáveis”. Nosso Senhor se tornaria, assim, um grande bode expiatório para aplacar a autoridade romana. A crucifixão desse homem apaziguaria César e retiraria as suspeitas de que os judeus estavam revoltados com Roma.

Caifás quase não percebeu o significado de suas palavras, de que era conveniente que um homem morresse pela nação em vez de deixar que ela perecesse. Séculos antes, a motivação dos irmãos de José era má quando o lançaram no poço e o venderam como escravo, mas, não obstante, cumpriram os propósitos de Deus, pois José, posteriormente, disse aos irmãos:

Vossa intenção era de fazer-me mal,
mas Deus tirou daí um bem; era para fazer,
como acontece hoje, com que se conservasse
a vida a um grande povo.
(Gênesis 50,20)

Aqui também, do ponto de vista humano, havia o assassinato para fins políticos; do ponto de vista divino, Caifás, inconscientemente, afirmou que Cristo era uma oferta pelo povo judeu, por todos os povos. Sua morte seria vicária; sua vida seria um sacrifício por outrem. Acreditava-se que o sumo sacerdote, nos tempos antigos, tinha o dom da profecia; e o Evangelho menciona a asserção desse tratante como uma verdadeira profecia.

E ele não disse isso por si mesmo, mas,
como era o sumo sacerdote daquele ano,
profetizava que Jesus havia de morrer pela nação,
e não somente pela nação, mas também para que
fossem reconduzidos à unidade os filhos de Deus dispersos.
(São João 11,51-52)

Perto do crepúsculo de Sua vida, um saduceu indelicado que não acreditava na ressurreição afirmou que um anjo lhe anunciara o nascimento Dele, cujo nome era Jesus, isto é:

ele salvará o seu povo de seus pecados.
(São Mateus 1,21)

Caifás proclamou uma nova unidade, uma nova aliança que seria efetuada por Aquele que se daria em substituição por outros e, assim, os haveria de salvar. Nosso Senhor dissera que veio dar a vida em resgate da humanidade pecadora; Caifás também o dissera, sem perceber suas palavras. O bom pastor morreria para que houvesse “um só rebanho e um só pastor” (São João 10,16).

A ressurreição selou sua morte. Porque uma pedra fora retirada da tumba e um morto, chamado de volta à vida, as autoridades agora decretaram que uma pedra deveria ser colocada diante de Seu sepulcro.

E desde aquele momento resolveram tirar-lhe a vida.
(São João 11,53)

A MULHER QUE PRESSENTIU A MORTE DO SENHOR

A intuição de uma mulher pressentiu mais do que os apóstolos puderam compreender, embora a eles lhes fosse predito de maneira explícita a Paixão e morte do Senhor. A mulher era Maria Madalena, que havia sido pecadora. O momento, seis dias antes da Sexta-Feira Santa; o lugar, a casa de Simão — Simão, que fora leproso.

Reclinado à mesa, o Mestre conversava com os apóstolos e com os demais convivas: João e Tiago, que recentemente tinham buscado os primeiros lugares; Pedro, a rocha que compreenderia um Cristo divino, mas não um Cristo sofredor; Natanael, o novo Jacó, sem dolo, a quem se havia prometido que veria o Cristo como o mediador entre o céu e a terra; Judas, o tesoureiro dos fundos apostólicos; os outros apóstolos, que agiriam em unidade em poucos minutos; Lázaro, tão recentemente levantado dos mortos pelo poder Daquele que chamava a Si mesmo de “A Ressurreição”; Marta, ainda serva e dedicada; e Maria, a pecadora arrependida.

Quando a ceia se aproximava do fim, Maria passou por trás do assento do Salvador, levando consigo um vaso de bálsamo de nardo puro. Esse bálsamo era caro; Judas, que punha preço em tudo, avaliou-o em cerca de trezentos denários. O bálsamo era caro para Maria; contudo, não caro demais para o Filho de Deus. O vaso em que se carregava este extrato de mirra provavelmente era de alabastro, com um gargalo longo e fino. Maria quebrou o vaso para possibilitar um fluxo sem medida sobre a cabeça e os pés do Senhor. Em poucos dias, na Última Ceia, Ele partiria o pão como sinal de Seu Corpo, que seria partido na Cruz. Do “espírito quebrantado e contrito” de Maria, que

Deus nunca rejeita, veio esta outra coisa partida, numa prefiguração de Sua morte. Em Seu nascimento, os Sábios do Oriente trouxeram mirra para Sua morte e sepultamento; agora, no fim de Sua vida terrena, Maria trouxe mais uma vez mirra para Sua morte. Após ungir primeiro a cabeça e depois os pés do Senhor, ela secou estes últimos com os próprios cabelos.

Outrora Jacó vertera unguento sobre uma pedra, consagrando-a como altar de sacrifício a Deus. Agora, essa mulher vertia no novo Israel um bálsamo que O preparava para o sacrifício. Esse foi precisamente o modo como Nosso Senhor interpretou a ação dela; até mesmo o nome “Cristo” significava “o Ungido de Deus”, ou o Messias.

Então falou Judas Iscariotes, e todos os apóstolos estavam de acordo com seu julgamento:

Por que não se vendeu este bálsamo
por trezentos denários
e não se deu aos pobres?
(São João 12,5)

Essas são as primeiras palavras de Judas registradas nas Escrituras. Ele desviaria todos os pensamentos de Cristo para os pobres. Maria esvaziara o vaso de bálsamo, mas Judas teria enchido a bolsa com dinheiro. Os outros discípulos tinham pensamentos similares acerca da prioridade do econômico. Um “rei do pão” era mais importante que um “Rei Salvador”. Em sua indignação, perguntavam:

Para que este desperdício?
(São Mateus 26,8)

Com base no que sabiam de Nosso Senhor, pensavam que Ele teria preferido dar aos pobres, em vez de mostrar glória a Seu Corpo, que havia de ser partido para Redenção deles. A filantropia, ao menos no caso de Judas, era mero pretexto para a avareza. Considerou-se desperdício aquilo que foi gasto para honrar a Deus.

Nosso Divino Senhor imediatamente veio em defesa da mulher:

Deixa-a.
(São João 12,7)

Na verdade, era a Ele que os apóstolos estavam insultando; mas, em Sua humildade, censurou-os apenas pela atitude para com a mulher. Então, o que estava meio confuso na mente dela, a saber, a morte iminente do Senhor, Ele agora proclamava à luz do dia:

embalsamou-me antecipadamente o corpo para a sepultura.
(São Marcos 14,8)

Maria estava fazendo uma oferta ao Senhor como vítima pelos pecados do mundo. A efusão do bálsamo era uma antecipação do embalsamento de Seu Corpo. Pode ter sido inconsciente para Maria, como o fora inconsciente para os Reis Magos, que também anteciparam a morte do Senhor, mas Este tornou o inconsciente consciente. Seis dias antes de Sua morte, ela O ungiu para o sepultamento. Os apóstolos não eram capazes de enxergar a morte do Senhor, tantas vezes predita; mas essa mulher viu, enfim, a razão de Sua vinda — veio não para viver, mas para morrer e tornar a viver. E ela há de ter visto além de Sua morte — afinal não estava sentada com Lázaro, que fora trazido de volta à vida por meio Daquele que chamava a Si mesmo de “a Ressurreição e a Vida”?

Então, respondendo à objeção acerca dos pobres, disse Nosso Senhor:

Pois sempre tereis convosco os pobres, mas a mim nem sempre me tereis.
(São João 12,8)

As palavras “Deixa-a” estavam no singular e, portanto, dirigiam-se apenas a Judas; as demais palavras estavam no plural e, desse modo, advertiam todos os apóstolos. Para o Filho de Deus, em Seu papel de Filho do Homem

sofredor, restavam apenas mais seis dias. Os economicamente pobres sempre existiriam sobre a terra, e a oportunidade de servi-los sempre estaria presente. O que lhes fosse feito em nome do Senhor, Jesus contaria como feito a Si mesmo. Mas, dentro de uma semana, Deus em forma e hábito humanos terminaria uma breve estada antes de passar para a glória eterna à direita do Pai. Extinguir-se-iam, então, todas as chances de consolá-Lo, ouvi-Lo, tocá-Lo e vê-Lo. Tolerai, portanto, que essa mulher se una à Minha morte, pois não tornarei a morrer. Ser um com “a largura, altura e profundidade” de Minha Paixão excede em valor todo ato de caridade. Além disso, os que doam por amor da morte de Cristo e de Sua glória são aqueles que sempre dão aos pobres. No entanto, os que ignoram o Cristo Salvador, como o fez Judas, são aqueles que depois se mostram avaros de defender os pobres e que vendem o Mestre por trinta moedas de prata.

Ao feito da mulher foi dada honra perpétua pelo Senhor, que previu que o ato de Maria seria venerado para todo o sempre. Embora ela o tivesse feito para o sepultamento do Senhor, Ele usou o incidente para informar aos apóstolos que o Evangelho seria pregado no mundo inteiro, e a memória de Maria seria divulgada em toda parte.

Em verdade eu vos digo:
em toda parte onde for pregado este Evangelho
pelo mundo inteiro,
será contado em sua memória o que ela fez.
(São Mateus 26,13)

Como escreveu Crisóstomo:

Embora inúmeros reis, generais e as nobres façanhas daqueles cujos memoriais permanecem afundados no silêncio; embora aqueles que derrubaram cidades e cercaram-nas com muros, conquistaram troféus e escravizaram muitas nações não sejam conhecidos senão por ouvir dizer, e não pelo nome, apesar de terem proclamado estatutos e estabelecido leis; essa mulher, que havia sido prostituta e vertera seu bálsamo na casa de um

leproso na presença de uma dúzia de homens — essa mulher
todos os homens celebram mundo afora.

A ENTRADA EM JERUSALÉM

Era o mês de Nissan. O livro de Êxodo ordenava que nesse mês o cordeiro pascal fosse escolhido e quatro dias depois levado para o local do sacrifício. No Domingo de Ramos, o cordeiro era escolhido por aclamação popular em Jerusalém; e na Sexta-Feira Santa era sacrificado.

Nosso Senhor passou o último *Shabat* em Betânia com Lázaro e suas irmãs. Circulava, nesse momento, a notícia de que Ele chegaria a Jerusalém. Em preparação para Sua entrada, enviou dois discípulos para o vilarejo, onde fora dito que encontrariam um jumentinho amarrado, que nenhum homem montara. Deveriam desamarrá-lo e levá-lo ao Senhor.

Se alguém vos perguntar por que o soltais,
responder-lhe-eis assim: O Senhor precisa dele.
(São Lucas 19,31)

Talvez jamais tenha sido escrito paradoxo maior que este — de um lado, a soberania do Senhor e, de outro, sua “necessidade”. Essa combinação de divindade e dependência, de posse e pobreza, foi a consequência de o Verbo fazer-se carne. Na verdade, Ele, que era rico, fez-se pobre por nossa causa, para que pudéssemos ser ricos. Pegou emprestado de um pescador o barco do qual pregou; tomou emprestado pães de centeio e peixes de um menino para alimentar a multidão; pegou emprestado a tumba de onde ressurgiria; e, agora, pegou emprestado um burrico, no qual entraria em Jerusalém. Às vezes, Deus adquire antecipadamente e requisita as coisas do homem, como se lhe

recordasse que tudo é um dom Dele. Basta aos que O conhecem ouvir: “O Senhor necessita disso”.

Ao aproximar-se da cidade, “grande multidão” veio ao seu encontro; dentre eles estavam não só cidadãos, mas também os que tinham ido para as festividades e, é claro, os fariseus. As autoridades romanas também estavam em alerta durante as grandes festas para que não houvesse uma insurreição. Em todas as ocasiões anteriores, Nosso Senhor rejeitou o falso entusiasmo do povo, saiu dos holofotes da publicidade e evitou tudo o que mostrasse sinais de exibição. Em uma das vezes:

[...] ordenou aos seus discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Cristo.
(São Mateus 16,20)

Então, trouxe dos mortos a filha de Jairo:

Ordenou-lhes severamente que ninguém o soubesse.
(São Marcos 5,43)

Depois de revelar a glória de Sua divindade na Transfiguração:

proibiu-lhes Jesus que contassem a quem quer que fosse o que tinham visto, até que o Filho do homem houvesse ressurgido dos mortos.
(São Marcos 9,8)

Quando as multidões, depois do milagre dos pães, procuravam torná-Lo rei:

tornou a retirar-se sozinho para o monte.
(São João 6,15)

Quando Seus parentes Lhe pediram para ir a Jerusalém e Ele publicamente aturdiu o festival com milagres, disse:

O meu tempo ainda não chegou.
(São João 7,6)

No entanto, a entrada de Jerusalém era tão pública que mesmo os fariseus disseram:

Vede! Nada adiantamos! Reparai que todo mundo corre após ele!
(São João 12, 19)

Tudo isso se opunha ao Seu costume habitual. Antes, frustrava todos os entusiasmos; agora, Ele os estimulava. Por quê?

Porque sua “hora” tinha chegado. Agora era o momento de fazer a última afirmação pública do que reivindicava. Sabia que isso O levaria ao calvário, à ascensão e à instituição de Seu reino. Uma vez que reconhecesse o louvor deles, então havia somente duas opções à cidade: confessá-Lo, como fez Pedro, ou, do contrário, crucificá-Lo. Ou era Ele rei, ou não teriam outro rei senão César. A melhor ocasião para fazer sua última aparição pública não era a costa da Galileia, nem o alto das montanhas, mas a cidade real na Páscoa.

Chamou atenção para Seu reino de duas maneiras. Primeiro, pelo cumprimento de uma profecia familiar ao povo e, segundo, pelos tributos de divindade que aceitou.

Mateus afirma explicitamente que a procissão solene era o cumprimento da profecia feita por Zacarias anos antes:

Dizei à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti,
cheio de doçura, montado numa jumenta,
num jumentinho, filho da que leva o jugo (Zacarias 9,9)
(São Mateus 21,5)

A profecia veio de Deus por um profeta e, agora, o próprio Deus a cumpria. A profecia de Zacarias pretendia contrastar a majestade e a humildade do Salvador. Ao olharmos as antigas gravações das tabuletas da Assíria e da Babilônia, os murais do Egito, as tumbas dos persas e os arabescos das colunas romanas, ficamos tomados de espanto pela majestade de reis que cavalgam triunfantes em cavalos ou carruagens e, às vezes, sobre os corpos prostrados dos inimigos. Em contraste, eis aqui Aquele que vem triunfante sobre um jumento. Como Pilatos, se estivesse olhando do alto de sua fortaleza naquele domingo, deve ter se divertido com o espetáculo ridículo de um homem ser proclamado rei e, ainda assim, estar sentado em um animal que era o símbolo dos proscritos — um veículo apropriado para quem rumava às garras da morte! Se Ele tivesse entrado na cidade com pompa real ao modo dos conquistadores, teria fomentado a crença de que era um messias político. No entanto, a circunstância que escolheu validava Sua afirmação de que Seu reino não era deste mundo. Não há insinuação de que esse rei pobre fosse um rival de César.

A aclamação do povo foi outro reconhecimento de Sua divindade. Muitos tiraram as vestes e as esticaram diante Dele; outros cortaram ramos das oliveiras e palmas e pavimentaram a passagem. O Apocalipse fala de uma grande multidão diante do trono do cordeiro batendo palmas com entusiasmo. Aqui, as palmas, muitas vezes usadas ao longo de toda a história para indicar vitória, como quando Simão Macabeu entrou em Jerusalém, testemunharam a vitória do Cristo — ainda que antes de ser momentaneamente derrotado.

Então, utilizando os versos do grande Hillel que se referiam ao Messias, as multidões o seguiram, a bradar:

Bendito o rei que vem em nome do Senhor!
Paz no céu e glória no mais alto dos céus!
(São Lucas 19,38)

Ao admitir, naquele momento, que Ele era o enviado por Deus, praticamente repetiram a canção dos anjos de Belém, pois a paz que trazia era a reconciliação da terra e dos céus. Também repetiram a saudação dos Reis Magos na manjedoura — “o rei de Israel”.

Um novo canto foi incorporado enquanto bradavam:

Hosana ao filho de Davi!
Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!
Hosana no mais alto dos céus!
(São Mateus 21,9)

O rei de Israel!
(São João 12,13)

Era o príncipe prometido da linhagem de Davi, aquele que veio com a missão divina. Hosana era, originalmente, uma prece e agora uma saudação de boas-vindas a um rei salvador. Sem compreender totalmente por que Ele fora enviado nem o tipo de paz que traria, eles, não obstante, confessaram que era divino. Os únicos que não partilharam dessa aclamação foram os fariseus:

Neste momento, alguns fariseus
interpelaram a Jesus no meio da multidão:
Mestre, repreende os teus discípulos.
(São Lucas 19,39)

Era incomum que interpelassem a Nosso Senhor, já que estavam incomodados por Ele aceitar a homenagem das multidões. Com impressionante majestade, Nosso Senhor retorquiu:

Digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!
(São Lucas 19,40)

Se os homens se calassem, a própria natureza bradaria e proclamaria Sua divindade. As pedras são duras, mas, se gritassem, bem mais endurecidos não haveriam de estar os corações dos homens que não reconhecessem a misericórdia de Deus diante deles. Se os discípulos se calassem, os inimigos nada teriam a ganhar, pois as montanhas e os mares verbalizariam.

A entrada fora chamada de triunfal, mas Ele sabia bem que os “Hosanas” se transformariam em “Crucifica-o” e as palmas se tornariam lanças. Entre os gritos da multidão, ouviria os sussurros de Judas e as vozes iradas diante do palácio de Pilatos. O trono para o qual estava sendo aclamado era uma cruz, e Sua coroação real seria uma crucifixão. Muitas vestes sob Seus pés hoje, mas na sexta-feira lhe seriam negadas até mesmo as próprias vestes. Desde o início sabia o que havia no coração do homem, e nem por uma vez sugeriu que a redenção das almas dos homens seria efetuada por demonstrações vocais exageradas. Embora fosse rei, e ainda que nesse momento eles O admittissem como rei e senhor, sabia que a acolhida real que O esperava era o calvário.

Trazia lágrimas nos olhos, não por conta da cruz que o esperava, mas por causa dos infortúnios que pairavam sobre aqueles a quem Ele veio salvar e nada teriam Dele. Ao olhar por sobre a cidade:

Jesus contemplou Jerusalém e chorou sobre ela, dizendo:
Oh! Se também tu, ao menos neste dia que te é dado,
conhecesses o que te pode trazer a paz!...
Mas não, isso está oculto aos teus olhos
(São Lucas 19,41-42)

Viu com precisão histórica a queda das forças de Tito e, ainda assim, os olhos que viram o futuro tão claramente ficaram quase cegos pelas lágrimas. Falou de Si mesmo como disposto e capaz de ter evitado aquela sina ao ajuntar os culpados sob suas asas, como a galinha faz com os pintinhos, mas eles não o fariam. Como o maior patriota de todos os tempos, olhou além do próprio sofrimento e fixou o olhar sobre a cidade que rejeitou o Amor. Ver o mal e ser incapaz de remediá-lo por conta da perversidade humana é a maior das angústias. Ver a maldade e ser confundido pela rebelião do malfeitor é o bastante para partir o coração. Um pai fica consternado pela angústia quando vê o erro do filho. O que ocasionou as lágrimas nos olhos de Cristo foram os olhos que não viram e os ouvidos que não ouviram.

Na vida de cada indivíduo e na vida de cada nação existem três momentos: um tempo de visitaçao ou privilégio na forma de bênção de Deus; um tempo de rejeição em que o divino é esquecido; e um tempo de ruína ou

desastre. O juízo (ou desastre) é consequência das decisões humanas e prova que o mundo é guiado pela presença de Deus. Suas lágrimas pela cidade mostraram-No como Senhor da História, dando graça aos homens e, ainda assim, sem nunca destruir a liberdade deles de rejeitá-Lo. Entretanto, ao desobedecê-Lo, os homens se destroem; ao apunhalá-Lo, é o próprio coração que apunhalam; ao negá-Lo, é a própria cidade e nação que levam à ruína. Essa foi a mensagem das lágrimas enquanto o Rei caminhava para a Cruz.

A VISITA DOS GREGOS

Não somente aos judeus, mas também aos gentios Nosso Senhor revelou o propósito de Sua vinda, a saber, dar a vida por Suas ovelhas. Aos primeiros, revelou-se como o cumprimento das profecias acerca de Sua vinda. Os gentios, contudo, não tinham uma revelação como essa contida no Antigo Testamento; portanto, para eles o Senhor traçou uma analogia com a natureza que podiam de pronto compreender.

Isso se deu a menos de uma semana de Sua crucifixão. Ele já se mostrara como Ressurreição ao levantar Lázaro dos mortos; cumprira para Seu próprio povo uma profecia antiga a respeito de Sua entrada, humilde mas triunfal, em Jerusalém. Agora era hora de ensinar os gentios acerca da razão de Sua vinda. Os gentios aqui estavam representados pelos gregos, como mais tarde seriam representados pelo eunuco etíope que aderira à religião do Antigo Testamento e estava chegando a Jerusalém para os festejos. Como os gentios não se submetiam à circuncisão, o acesso ao santuário lhes estava vedado, mas era-lhes permitido que circulassem por um espaçoso pátio.

Os fariseus já haviam reclamado que “o mundo inteiro corria atrás Dele”. Como prova disso, os gregos, ou as outras ovelhas que não eram do aprisco, apresentaram-se ao Bom Pastor. Enquanto os inimigos planejavam matá-Lo, os gregos queriam vê-Lo. Em Seu nascimento, os Sábios do Oriente foram à manjedoura; agora, os gregos, que eram os Sábios do Ocidente, iam à Cruz. Tanto os magos do Oriente quanto os magos do Ocidente haviam de ver uma humilhação; no primeiro caso, Deus em forma de menino em Belém; no segundo caso, Deus em forma de criminoso na Cruz. Como sinal notório da compreensão de Sua divindade, apresentou aos magos a estrela; aos gregos, um

grão de trigo. Ainda há mais algumas semelhanças nas perguntas. Os gregos disseram a Filipe:

Senhor, quiséramos ver Jesus.
(São João 12,21)

Os Sábios do Oriente tinham perguntado:

Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?
(São Mateus 2,2)

Esses gregos viram a entrada triunfal em Jerusalém e devem ter sido edificados pelo porte nobre de Nosso Senhor. Talvez o que mais os atraiu tenha sido o fato de que Nosso Bendito Senhor purificara o templo e dissera que o Pai fizera dele “uma casa para todas as nações”. Esse conceito revolucionário deve ter inflamado profundamente o espírito de universalismo que era uma característica dos gregos. Quando André e Filipe levaram ao Senhor a notícia de que os gregos queriam vê-Lo, Jesus respondeu:

É chegada a hora para o Filho do Homem ser glorificado.
(São João 12,23)

Em Caná, Nosso Senhor dissera à mãe que Sua “hora” ainda não tinha chegado; durante Seu ministério público nenhum homem pôde tocá-Lo, porque Sua “hora ainda não tinha chegado”; mas aqui Ele anunciou, a poucos dias da morte, que chegara o momento de ser glorificado. A glorificação referia-se às mais baixas profundezas de Sua humilhação na Cruz, mas também se referia a Seu triunfo. Não disse que estava próxima a hora de Sua morte, mas a hora de ser glorificado. Ele uniu o Calvário e Seu triunfo, como o faria depois da Ressurreição, quando falou aos discípulos no caminho de Emaús:

Porventura não era necessário

que Cristo sofresse essas coisas
e assim entrasse na sua glória?
(São Lucas 24,26)

A Seus seguidores, a Cruz agora parecia a humilhação mais profunda; para Ele, era o peso de glória. Suas palavras aos gregos, contudo, também queriam dizer que os gentios haveriam de ser uma marca de Sua glorificação. O muro que separava judeus e gentios seria derrubado. Desde o início, o Senhor via os frutos da Cruz crescendo em terras pagãs.

A resposta que deu aos gregos era muito apropriada. O ideal deles não era a abnegação, mas a beleza, a força e a sabedoria. Desprezavam os extremos. Apolo era o exato oposto de Nosso Senhor, em quem Isaías profetizara que não haveria “beleza” enquanto pendia da Cruz.

Para tornar a lição da Redenção familiar aos gregos, o Senhor usou um exemplo da natureza:

Em verdade, em verdade vos digo:
se o grão de trigo, caído na terra,
não morrer, fica só;
se morrer, produz muito fruto.
(São João 12,24)

Amiúde ele usara parábolas sobre sementes e plantios, e chamara-se a Si mesmo de semente: “A Palavra é a semente”. Numa parábola, o Senhor comparou Sua missão a uma semente que caiu em variados tipos de solo, explicando as diferentes reações das almas à Graça. Agora revelava que Sua vida teria o ápice de sua influência por meio da morte. A natureza, disse Ele, foi marcada pela Cruz; a morte é a condição da vida nova. Os discípulos O teriam guardado como uma semente no celeiro de suas vidas estreitas. Todavia, se não morresse para gerar vida nova, Ele seria uma cabeça sem corpo, um pastor sem rebanho, um rei sem reino.

Há quem pergunte se os gregos, sabendo que Sua vida estava em perigo, não sugeriram que Ele fosse a Atenas a fim de ficar imune ao destino cruel que O aguardava. Jerusalém, devem ter advertido, pretendia matá-lo; Atenas havia

matado apenas um de seus grandes mestres, Sócrates, e desde então lamentava-se por isso. Em todo caso, Jesus lembrou-os de que não era simplesmente um Mestre; se fosse para estar entre eles, não seria para desempenhar o papel de Sócrates ou de Sólon. Sendo assim, Ele podia de fato salvar a própria vida; o propósito de Sua vinda, no entanto, era entregá-la.

A natureza humana, dizia Ele aos gregos, não alcança a grandeza por meio da poesia e da arte, mas sim passando pela morte. É provável que tenha falado do “grão de trigo” para sugerir que era Ele o Pão da Vida. A natureza é um livro de Deus, como o é o Antigo Testamento, embora não sobrenatural, como o é este último. O dedo de Deus, contudo, traçou a mesma lição em ambos. A semente se decompõe para virar planta. Aplicando a lei natural, Ele disse aos gregos que, se continuasse a viver, Sua vida teria sido impotente. Não veio para ser um moralista, mas um Salvador. Não veio para somar preceitos aos de Sócrates, mas para dar vida nova; como poderia a semente dar vida nova sem Calvário? Como disse Santo Agostinho: “Ele mesmo era o grão a ser morto e multiplicado; a ser morto pela incredulidade dos judeus; a ser multiplicado pela fé de todas as nações”.

A segunda lição seguiu-se imediatamente: deviam aplicar a si mesmos o exemplo da morte do Senhor.

Quem ama a sua vida, perdê-la-á;
mas quem odeia a sua vida neste mundo,
conservá-la-á para a vida eterna.
(São João 12,25)

Nenhum bem real é feito sem algum custo e sofrimento a quem o realiza. Assim como as impurezas legais mencionadas no Antigo Testamento, a purgação e a purificação são feitas com sangue. O ato de dar vazão aos próprios sentimentos ou de seguir cegamente os próprios instintos recebeu o golpe de misericórdia nesse diálogo com os gregos. O que a Cruz põe em prática é a autodisciplina e a mortificação do orgulho, da luxúria e da avareza; só assim, disse Ele, corações duros serão quebrantados e pessoas aflitas alcançarão a paz.

Os gregos tinham vindo ao Senhor dizendo: “Quiséramos ver Jesus”, provavelmente por causa da majestade e da beleza que tanto reverenciavam

como seguidores de Apolo. O Senhor, contudo, apontou Seu aspecto maltrapilho que ofereceria uma vez na Cruz e acrescentou que somente haveria beleza de alma na vida nova por intermédio da Cruz na vida deles.

Então parou por um momento quando Sua alma se perturbou com a iminência da Paixão, de ser “feito pecado”, de ser traído, crucificado e abandonado. Da profundidade do Sagrado Coração jorraram as seguintes palavras:

Presentemente, a minha alma está perturbada.

Mas que direi?...

Pai, salva-me desta hora...

Mas é exatamente para isso que vim a esta hora.

(São João 12,27)

São quase as mesmas palavras que Ele usou mais tarde no Jardim do Getsêmani — palavras inexplicáveis, exceto pelo fato de que Ele estava carregando o peso dos pecados do mundo. Era natural que Nosso Senhor passasse por uma luta, visto que era um homem perfeito. Mas não eram só os sofrimentos físicos que O perturbavam; Ele, assim como os estoicos, filósofos, homens e mulheres de todas as idades, podia ter estado calmo diante de grandes provações físicas. Todavia, Sua perturbação era menos dirigida à dor, e mais à consciência dos pecados do mundo que exigiam tais sofrimentos. Quanto mais amava aqueles de quem Ele era propiciação, tanto mais aumentava sua angústia, do mesmo modo que são as faltas dos amigos, mais que as dos inimigos, que mais perturbam o coração!

Decerto Ele não estava pedindo para ser salvo da Cruz, uma vez que repreendeu os apóstolos por tentarem dissuadi-Lo. Dois polos opostos estavam unidos Nele, separados apenas no discurso: o *desejo* de libertação e a *submissão* à vontade do Pai. Ao desnudar a própria alma, disse aos gregos que o sacrifício de Si mesmo não era fácil. Não tinham de ser fanáticos quanto a desejar morrer, pois a natureza não quer crucificar a si mesma; por outro lado, tampouco deveriam afastar os olhos da Cruz, tomados de pavor. Em seu próprio caso, agora como sempre, os momentos mais penosos convertiam-se nos mais jubilosos; nunca há cruz sem ressurreição; a “hora” em que o mal

exerce seu domínio transforma-se rapidamente no “dia” em que Deus é vencedor.

Suas palavras eram um tipo de solilóquio. A quem Ele se voltaria nesta hora? Não aos homens, pois são eles que precisam da salvação! “Só o Pai que me enviou nesta missão de resgate pode me sustentar e me libertar! Não pedirei que me liberte. Esta é a hora para a qual o tempo foi feito; para a qual Abel, Abraão e Moisés apontaram. É chegada a hora da provação à qual devo submeter-me”.

No exato momento em que falava da chegada desta hora a que devia submeter-se para a redenção dos homens

[...] veio do céu uma voz:
Já o glorifiquei
e tornarei a glorificá-lo.
(São João 12,28)

A voz do Pai viera ao Senhor em duas outras ocasiões em que Sua missão perante a Cruz era o principal: no batismo, quando apareceu como o Cordeiro de Deus a ser sacrificado pelo pecado; e na transfiguração, quando falou de sua morte a Moisés e Elias, enquanto banhado em glória radiante. Agora a Voz veio, não à margem do rio, nem no topo da montanha, mas acima do templo, a plenos ouvidos também dos representantes dos gentios. “Já o glorifiquei” podia referir-se à glorificação do Pai até o momento da morte de Jesus; “e tornarei a glorificá-lo” podia referir-se aos frutos após a Ressurreição e Ascensão. Possivelmente também, visto que Ele estava falando aos gentios no pátio do templo dos judeus, a primeira parte podia ter-se referido à revelação feita aos judeus; a segunda, aos gentios depois do Pentecostes.

Em cada uma dessas três manifestações, Nosso Senhor estava em oração ao Pai, e Seus sofrimentos estavam predominantemente diante Dele. Nesta ocasião, eram os efeitos de sua morte redentora que eram proclamados.

Essa voz não veio por mim,
mas sim por vossa causa.
Agora é o juízo deste mundo;

agora será lançado fora o príncipe deste mundo.
(São João 12,30-31)

O Pai falou para convencer os ouvintes de Jesus do propósito da missão Deste — não só para dar ao mundo outro código, mas para dar uma vida nova por intermédio da morte. Falou como se a Redenção do Senhor já estivesse consumada. A sentença ou o julgamento transmitido ao mundo era a Cruz. Todos os homens, disse Ele, hão de ser por ela julgados. Ou estarão *nela*, como convidava os gregos a subi-la, ou *sob* ela, como estavam aqueles que O crucificaram. A Cruz revelaria o estado moral do mundo. De um lado, mostraria a profundidade do mal pela Crucifixão do Filho de Deus; de outro, deixaria evidente a graça de Deus ao oferecer perdão a todos os que “tomem sua cruz dia após dia” e O sigam. Não Ele, mas o mundo, estava sendo julgado. Não Ele, mas Satanás, estava sendo lançado fora. Somente a Cruz importava; ensinosa, milagres, cumprimento de profecias — todas essas coisas estavam subordinadas à Sua missão na terra: ser como o grão de trigo que passa pelo inverno de um Calvário e então se torna o Pão da Vida. São Paulo, mais tarde, tomaria o tema da semente que morreu para viver e o descreveria aos coríntios:

Sim, ele morreu por todos,
a fim de que os que vivem já não vivam para si,
mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu.
Por isso, nós daqui em diante
a ninguém conhecemos de um modo humano.
Muito embora tenhamos considerado Cristo dessa maneira,
agora já não o julgamos assim.
(2 Coríntios 5,15-16)

O FILHO DO REI MARCADO PARA A MORTE

Na terça-feira da semana em que morreu, Nosso Senhor contou uma das últimas parábolas relacionadas às profecias do Antigo Testamento, indicando o que lhe aconteceria dentro de 72 horas. Os dirigentes do templo acabavam de questionar Nosso Senhor a respeito de Sua autoridade. A posição que tomavam era a de representantes e guardiões do povo; portanto, deveriam evitar que pessoas fossem enganadas. Nosso Senhor respondeu-lhes em parábola, demonstrando-lhes o tipo de guardiões e guias que eram.

Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe,
cavou nela um lagar, edificou uma torre,
(São Marcos 12,1)

Aquele que plantou a vinha foi o próprio Deus, como os ouvintes já sabiam pela leitura dos primeiros versos do capítulo 5 de Isaías. A cerca que ergueu ao redor era a que os separava das nações idólatras dos gentios e permitia que Deus cuidasse de Sua vinha frutífera — Israel — com cuidado especial. O lagar, escavado na rocha, guardava certa referência aos serviços e sacrifícios do templo. A torre, cujo propósito era vigiar e guardar a vinha, simbolizava a vigilância especial de Deus sobre seu povo.

[...] arrendou-a a vinhateiros e ausentou-se daquela terra.
(São Marcos 12,1)

Isso significava o compromisso de responsabilidade para com o próprio povo, tão resguardado do contágio pagão. Esse compromisso começou com Abraão, quando foi retirado da terra de Ur, e com Moisés, que deu a seu povo os mandamentos e as leis para adorar o Deus verdadeiro. Como disse Deus pelo profeta Jeremias:

Sem descanso, enviei-vos desde o princípio
os profetas, meus servos [...]
(Jeremias 35,15)

Daquele momento em diante, a vinha de Israel deveria ter dado a Deus frutos de fidelidade e amor proporcionais às bênçãos que receberam. Entretanto, quando o dono da vinha enviou sucessivamente três servos para ajuntar os frutos, eles foram maltratados pelos vinhateiros. O que esses mensageiros divinos, ou profetas, sofreram está descrito no capítulo 11 de Hebreus. Santo Estêvão, o primeiro mártir, descreveria depois a infidelidade do povo aos profetas.

A qual dos profetas não perseguiram os vossos pais?
Mataram os que prediziam a vinda do Justo,
do qual vós agora tendes sido traidores e homicidas.
(Atos dos Apóstolos 7,52)

No entanto, o amor de Deus não se cansou da crueldade dos vinhateiros. Houve novos chamados ao arrependimento após cada novo ato de violência.

Enviou outros servos em maior número que os primeiros,
e fizeram-lhes o mesmo.
(São Mateus 21,36)

Segundo Marcos, alguns foram golpeados na cabeça e tratados de maneira atroz; outros, mortos, o que indicou o auge da iniquidade. Essas são afirmações

gerais, mas, não obstante, poderiam se referir ao espancamento de Jeremias e à morte de Isaías.

Disse então o senhor da vinha: Que farei?
Mandarei meu filho amado; talvez o respeitem.
(São Lucas 20,13)

Deus é representado em solilóquio, como que para lançar seu amor em uma luz mais clara. O que mais ele poderia fazer por sua vinha além do que já fizera? O “talvez” não foi só uma dúvida de que seu Divino Filho seria aceito, mas também uma expectativa de que não seria. A história da relação de Deus com um povo foi contada em minutos.

Aqueles que ouviram Nosso Senhor compreenderam totalmente as muitas referências ao percurso dos profetas que foram enviados ao povo e tiveram a mensagem repudiada. Já O tinham ouvido afirmar ser o Filho de Deus. Sob o véu tênue da parábola, Ele respondia à pergunta, isto é, com que autoridade fez determinadas coisas. Nosso Senhor aqui não só reafirmou Sua relação pessoal com o Pai Celestial, mas também a superioridade infinita sobre os profetas e servos.

Então, ao revelar aos ouvintes o tipo de morte que haveria de sofrer por suas mãos, Ele prosseguiu:

Os lavradores, porém, vendo o filho, disseram uns aos outros:
Eis o herdeiro! Matemo-lo e teremos a sua herança!
Lançaram-lhe as mãos, conduziram-no para fora da vinha
e o assassinaram.
(São Mateus 21,38-39)

Os vinhateiros aqui são representados como conhecedores do Filho e herdeiros da vinha. Com clareza inconfundível, o Senhor revelou o destino tenebroso que sofreria nas mãos deles, de que seria “conduzido para fora da vinha”, ao Monte Calvário, fora de Jerusalém, e Ele era o último apelo do Pai ao mundo pecador. Não havia ilusão alguma a respeito da veneração que

receberia da humanidade. Recusa, injúrias e insultos seriam a saudação oferecida ao Filho do Pai Celestial.

Três dias depois de contar a história, ela se tornou verdade. Os mantenedores credenciados da vinha, como Anás e Caifás, lançaram-no para fora da cidade, numa colina que era um depósito de lixo, e O mataram. Como disse Santo Agostinho: “Mataram-No para que pudessem possuir e, porque O mataram, perderam”.

Posteriormente, Nosso Senhor disse que aqueles que mataram o Filho perderiam a herança. Ele, então, fez com que a mente dos ouvintes se voltasse às sagradas escrituras.

Mas Jesus, fixando o olhar neles, disse-lhes:
Que quer dizer então o que está escrito:
A pedra que os edificadores rejeitaram
tornou-se a pedra angular?
(São Lucas 20,17)

Essa era uma citação do Salmo 117 que lhes era muito familiar:

A pedra rejeitada pelos arquitetos tornou-se a pedra angular.
Isto foi obra do Senhor, é um prodígio aos nossos olhos.
(Salmo 117,22-23)

O Antigo Testamento continha muitas profecias a respeito de Nosso Senhor como uma pedra. Por cinco vezes Nosso Senhor fez proveito da parábola da vinha. Agora, depois de utilizar a imagem para indicar a crueldade para com o filho unigênito de Deus, enviado dos céus para garantir os direitos do Pai, Ele deixou Sua imagem completamente de lado e tomou a imagem da pedra angular. O Filho de Deus seria a pedra desprezada e rejeitada. Predisse, todavia, que seria a pedra que uniria e amalgamaria todas as coisas.

Nunca houve menção da tragédia sem a glória, de modo que aqui também os maus-tratos recebidos pelo Filho são compensados por Sua vitória suprema, por meio da qual, como pedra angular, une judeus e gentios em uma

casa santa. Assim, os artífices de Sua morte foram postos de lado pelo grande arquiteto. Mesmo a própria rejeição inconsciente Dele tornou-os inconscientes, instrumentos voluntários de Seu propósito. Aquele a quem recusaram Deus ergueria como rei. Sob a imagem da vinha, predisse a própria morte; sob a imagem da pedra angular, a Ressurreição. Falou da própria sina e destino como se já estivessem realizados e assinalou a futilidade de qualquer oposição a Ele, ainda que O matassem. Eram palavras excepcionais, vindas de um homem que disse que em três dias seria crucificado. E, ainda assim, revelam, em palavras claras, aquilo que vagamente sabiam em seus corações. Com uma rapidez dramática, que os pegou desprevenidos, antecipou o juízo que disse que viria a exercer sobre todos os homens e nações no último dia. No momento, deixou de ser o cordeiro de Deus e começou a ser o leão de Judá. Seus últimos dias findavam-se naquele momento; os dirigentes deveriam decidir agora se O receberiam ou O rejeitariam. Ele os advertiu de que, por tirarem-lhe a vida, Seu reino passaria aos gentios:

Por isso vos digo: ser-vos-á tirado o Reino de Deus,
e será dado a um povo que produzirá os frutos dele.
(São Mateus 21,41)

Prosseguindo com a analogia, tirada de Daniel, da pedra que foi esmagada para pulverizar os reinos da terra, vociferou:

Aquele que tropeçar nesta pedra, far-se-á em pedaços;
e aquele sobre quem ela cair será esmagado.
(São Mateus 21,44)

Há duas imagens: uma é a do homem tropeçando na pedra que está, passivamente, no chão. Nosso Senhor aqui aludia à rejeição que viria a sofrer durante o período de humilhação. A outra imagem é a da pedra ativamente considerada, como, por exemplo, ao cair de um penhasco. Com essa imagem, referia-se a Si mesmo como glorificado e esmagando toda oposição terrena. A primeira se referia a Israel no momento presente em que O rejeitou e o motivo

pelo qual Jerusalém, disse Ele, ficaria desolada. A outra se referia aos que O rejeitaram depois da Ressurreição gloriosa, da Ascensão e do avanço de Seu reino sobre a terra.

Todos os homens, afirmou, tinham algum contato com Ele. São livres para rejeitar Sua influência, mas a rejeição é a pedra que os esmaga. Ninguém pode permanecer indiferente, uma vez que O tenha encontrado. Ele permanece como o elemento perpétuo no caráter de todo ouvinte. Nenhum mestre no mundo jamais alegou que rejeitá-lo seria endurecer o coração e tornar o homem algo pior. Entretanto, eis Aquele que, três dias antes de partir para a morte, disse que Sua própria rejeição arruinaria o coração. Acreditando-se Nele ou não, ninguém é o mesmo depois disso. Cristo disse ser a rocha sobre a qual o homem erigiria as bases de sua vida ou a rocha que os esmagaria. Nunca os homens simplesmente passaram por Ele. É a presença permanente. Há quem pense que podem deixar Cristo passar sem ser recebido, mas Ele chamou isso de negligência fatal. Um esmagamento inevitável se seguiria não só à negligência ou à indiferença, mas também à oposição formal. Nenhum mestre que já viveu disse aos que o ouviam que rejeitar suas palavras significaria condenação. Mesmo aqueles que acreditam que Cristo era apenas um mestre hesitariam diante desse juízo acerca da recepção de Sua mensagem. Entretanto, por ser primeiro um salvador, a alternativa era compreensível. Rejeitar o salvador era rejeitar a salvação, como Nosso Senhor disse a respeito de Si na casa de Zaqueu. Os que Lhe questionavam a autoridade não tinham dúvidas quanto ao significado espiritual da parábola e da referência a eles mesmos. As motivações foram descobertas, o que somente exasperou ainda mais aqueles cujos desígnios eram maus. Quando o mal é trazido à luz, nem sempre há arrependimento; às vezes, torna-se ainda mais maléfico.

Naquela mesma hora os príncipes dos sacerdotes
e os escribas procuraram prendê-lo,
mas temeram o povo.
Tinham compreendido que se referia a eles
ao propor essa parábola.
(São Lucas 20,19)

Os bons se arrependem ao tomar conhecimento de seus pecados; os maus ficam irados quando descobertos. A ignorância não é a causa do mal, como sustentava Platão; tampouco a educação é a resposta para a remoção do mal. Esses homens tinham tanto intelecto quanto vontade; tanto conhecimento quanto intenção. A Verdade pode ser conhecida e odiada; a Bondade pode ser conhecida e crucificada. Aproximava-se a Hora e, por aquele momento, o temor do povo deteve os fariseus. Não se podia desencadear a violência contra Ele até que dissesse: “É chegada a hora”.

A ÚLTIMA CEIA

Algumas coisas na vida são lindas demais para se esquecer, mas também na morte pode haver algo lindo demais para ser esquecido. Daí o Memorial Day, nos Estados Unidos, um dia para lembrar os sacrifícios dos soldados pela preservação da liberdade de seu país. Liberdade não é uma herança, mas uma vida. Uma vez recebida, não segue existindo sem esforço, como uma pintura antiga. Assim como a vida deve ser nutrida, defendida e preservada, também a liberdade deve ser readquirida a cada geração. Soldados, todavia, não nascem para morrer; a morte no campo de batalha é uma interrupção de seu chamado à vida. No entanto, diferentemente dos demais, Nosso Bendito Senhor veio a este mundo para morrer. Até mesmo no nascimento, Sua mãe foi lembrada de que Ele veio para *morrer*. Nunca nenhuma mãe no mundo viu a morte estender com tanta avidez os braços a um recém-nascido.

Quando Jesus ainda era apenas um bebê, o velho Simeão, fitando o rosto daquele que retrocedeu a eternidade e fez-se jovem, disse que Ele estava destinado a ser “um sinal de contradição”, ou um sinal que despertaria a oposição daqueles que são deliberadamente imperfeitos. A mãe, ao ouvir a palavra “contradição”, quase podia ver os braços de Simeão desvanecerem-se e em seu lugar aparecerem os braços descarnados da cruz a envolvê-Lo na morte. Antes que Jesus completasse dois anos de vida, o rei Herodes enviou cavaleiros marchando como trovões, com espadas reluzentes como relâmpagos, numa tentativa de decapitar o bebê, enquanto ainda não era forte o bastante para suportar o peso de uma coroa!

Uma vez que Nosso Divino Senhor veio para morrer, era natural que houvesse um Memorial de Sua morte! Uma vez que era Deus, e também homem, e uma vez que nunca falou de Sua morte sem falar da Ressurreição,

não deveria Ele mesmo instituir o Memorial de Sua morte em vez de deixá-lo à memória casual dos homens? E foi exatamente isso que Ele fez na noite da Última Ceia. O Memorial Day não foi instituído por soldados que previram a própria morte, mas o Memorial do Senhor foi instituído, e isso é importante, não porque Ele morreria como um soldado e seria sepultado, mas porque voltaria a viver depois da Ressurreição. O Memorial seria o cumprimento da Lei e dos profetas; seria um memorial em que haveria um Cordeiro sacrificado, não para comemorar a liberdade política, mas a liberdade espiritual; acima de tudo, seria o Memorial de uma Nova Aliança.

Uma Aliança ou Testamento é um contrato, um acordo ou um pacto, e a Escritura refere-se a um pacto entre Deus e o homem. Na Última Ceia, Nosso Senhor falava do Novo Testamento, ou Nova Aliança, que é mais bem compreendida em relação à Antiga. A Aliança de Deus com Israel como nação foi feita por intermédio de Moisés. Foi selada com sangue, pois este era considerado um sinal da vida; compreendia-se que aqueles que misturam o sangue ou imergem as mãos no mesmo sangue tinham comunhão de espírito. Nas Alianças entre Deus e Israel, Deus prometia bênçãos se Israel permanecesse fiel. Entre as principais fases da Antiga Aliança estavam a de Abraão com o direito de primogenitura, a de Davi e a promessa do reinado, e a de Moisés, em que Deus mostrou poder e amor a Israel ao libertá-lo do Egito e prometer que Israel seria para Ele um reino de sacerdotes. Quando os hebreus estavam cativos no Egito, Moisés recebeu instruções para um novo rito.

Depois das pragas, Deus castigou os egípcios ainda mais, a fim de incitá-los a libertar Seu povo, ferindo os primogênitos de cada casa egípcia. Os israelitas haviam de salvar-se a si mesmos oferecendo um cordeiro e, depois de mergulhar hissopo no sangue, aspergindo com ele os umbrais das portas. O anjo de Deus, vendo o sangue, passaria de largo. O Cordeiro, portanto, era a Páscoa, ou a passagem do anjo destruidor: ou seja, uma “passagem” que garantia a segurança. Deus então ordenou sua continuação ano após ano.

Essa instituição do sacrifício do Cordeiro Pascal mencionada no Êxodo foi seguida pela realização da Aliança com Moisés em que Deus fez de Israel uma nação; era o nascimento dos israelitas como povo escolhido por Ele. A Aliança era concluída com diversos sacrifícios. Moisés ergueu um altar com 12 colunas. Tomando o sangue do sacrifício, derramou metade dele sobre o altar e a outra metade sobre as 12 tribos e sobre o povo com as seguintes palavras:

Eis, disse ele, o sangue da aliança que o Senhor fez convosco
[...]
(Êxodo 24,8)

Ao derramar o sangue no altar, que simbolizava Deus ou uma das partes da Aliança, e ao aspergir sangue sobre as 12 tribos e sobre o povo, que representavam a outra parte, ambos eram partícipes do mesmo sangue e entravam num tipo de união sacramental.

Essa Aliança ou Testamento com Israel tinha o propósito de ser aperfeiçoada por uma revelação mais completa da parte de Deus. Os profetas disseram mais tarde que o exílio dos israelitas era uma punição por terem quebrado a Aliança; no entanto, visto que foram restaurados à Antiga Aliança, assim haveria uma Nova Aliança ou Testamento que incluiria todas as nações. Por intermédio do profeta Jeremias, o Senhor falou ao povo:

Eis a aliança que, então,
farei com a casa de Israel — oráculo do Senhor:
Incutir-lhe-ei a minha lei;
gravá-la-ei em seu coração. [...]
(Jeremias 31,33)

A Última Ceia e a Crucifixão deram-se durante a Páscoa, quando o Filho Eterno do Pai mediou um Novo Testamento ou Aliança, assim como o Antigo Testamento ou Aliança fora mediado por Moisés. Da mesma forma que Moisés ratificou o Antigo Testamento com o sangue de animais, também Cristo agora ratificava o Novo Testamento com o próprio sangue, Ele, que é o verdadeiro Cordeiro Pascal.

Porque isto é meu sangue, o sangue da Nova Aliança [...]
(São Mateus 26,28)

Tendo chegado a hora de Sua exaltação, pois em menos de 24 horas Ele se renderia, Jesus reuniu os 12 apóstolos a seu redor. Em um ato sublime,

interpretou o significado de Sua morte e declarou que estava marcando o início do Novo Testamento ou Aliança ratificada por Sua morte sacrificial. Todo o sistema mosaico e pré-messiânico do sacrifício estava, assim, cumprido e concluído. Nenhum fogo criado desceu para devorar a vida que era oferecida ao Pai, como no Antigo Testamento, pois o fogo seria a glória de Sua Ressurreição e as chamas do Pentecostes.

Uma vez que a morte era a razão de Sua vinda, Ele instituía então para os discípulos e para a posteridade um ato memorial de Sua redenção, que prometera quando disse que era o Pão da Vida.

Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças,
partiu-o e deu-lho, dizendo:
Isto é o meu corpo, que é dado por vós; [...]
(São Lucas 22,19)

Não disse “Isso representa ou simboliza Meu Corpo”, mas “Isto é o meu corpo” — um corpo que seria partido na Paixão.

Então tomou o vinho nas mãos e disse:

Bebei dele todos, porque isto é meu sangue,
o sangue da Nova Aliança,
derramado por muitos homens
em remissão dos pecados.
(São Mateus 26,27-28)

Sua morte iminente, na tarde seguinte, foi posta diante deles de forma simbólica ou não sangrenta. Na Cruz, Ele morreria pela separação de Seu sangue e corpo. Daí não ter consagrado o pão e o vinho juntos, mas separados, para anunciar Sua morte pela separação do corpo e do sangue. Nesse ato, Nosso Senhor era o que seria na Cruz no dia seguinte: ao mesmo tempo, sacerdote e vítima. No Antigo Testamento e entre os pagãos, a vítima, por exemplo um bode ou uma ovelha, era separada pelo sacerdote que o oferecia. Nesta ação eucarística e na Cruz, Ele, o sacerdote, oferecia a Si mesmo;

portanto, era também a Vítima. Desste modo, cumprir-se-iam as palavras do profeta Malaquias:

Porque, do nascente ao poente,
meu nome é grande entre as nações
e em todo lugar se oferecem ao meu nome
o incenso, sacrifícios e oblações puras.
Sim, grande é o meu nome entre as nações
— diz o Senhor dos exércitos.
(Malaquias 1,11)

Em seguida veio o mandamento divino de prolongar o Memorial de Sua morte:

Fazei isto em memória de mim.
(São Lucas 22,19)

Repeti! Renovai! Estendei pelos séculos o sacrifício oferecido pelos pecados do mundo!

Por que Nosso Bendito Senhor usou pão e vinho como elementos desse memorial? Antes de tudo, porque não há outras duas substâncias na natureza que simbolizem melhor a união do que pão e vinho. Assim como o pão é feito de uma multiplicidade de grãos de trigo, e o vinho é feito de uma multiplicidade de uvas, os muitos que creem são um em Cristo. Em segundo lugar, não há outras duas substâncias na natureza que tenham de sofrer mais para tornar-se o que são senão o pão e o vinho. O trigo tem de passar pelos rigores do inverno, submeter-se ao calvário da moenda e então sujeitar-se à depuração do fogo antes de se tornar pão. As uvas, por sua vez, têm de submeter-se ao Getsêmani de uma prensa e têm sua vida esmagada por elas a fim de se tornarem vinho. Assim, de fato simbolizam a Paixão e os sofrimentos de Cristo, e a condição da Salvação, pois Nosso Senhor disse que, se não morrermos, não poderemos viver Nele. Uma terceira razão é que não há duas outras substâncias na natureza que tenham tanta tradição em alimentar o

homem quanto o pão e o vinho. Ao levarem esses elementos ao altar, os homens levam a si mesmos. Quando pão e vinho são tomados, transformam-se no corpo e no sangue do homem. Mas, quando o Senhor tomou o pão e o vinho, Ele os transformou Nele mesmo.

Todavia, pelo fato de o Memorial de Nosso Senhor não ter sido instituído pelos discípulos, mas por Ele mesmo, e porque Ele não podia ser vencido pela morte — ao contrário, tornaria a levantar-se dos mortos em novidade de vida —, Cristo desejava que, assim como Ele aguardava *ansiosamente* Sua morte redentora na Cruz, também os cristãos de todas as eras, até a consumação dos séculos, *rememorassem* a Cruz. A fim de que não reencenassem o Memorial sem zelo nem capricho, deu-lhes a ordem de lembrar e anunciar Sua morte redentora até que voltasse! O que pediu aos apóstolos foi que anunciassem no futuro o Memorial de Sua Paixão, morte e Ressurreição. Ele olhava para a frente, em direção à Cruz; os apóstolos olhavam, e continuam a olhar desde então na Missa, para trás, para Sua morte redentora. Assim, como disse São Paulo, “havia de proclamar a morte do Senhor até que Ele venha” julgar o mundo. O Senhor partiu o pão para anunciar que Seu próprio corpo humano seria partido e também para mostrar que era uma Vítima voluntária. Foi partido pela rendição voluntária antes que os executores o partissem pela crueldade voluntária.

Quando os apóstolos e a Igreja, mais tarde, repetissem o Memorial, o Cristo, que nasceu da Virgem Maria e padeceu sob Pôncio Pilatos, estaria glorificado nos céus. Naquela Quinta-Feira Santa, Nosso Senhor não lhes dera outro sacrifício que não Seu único Ato Redentor na Cruz; mas deu uma nova forma de presença. Não seria um novo sacrifício, pois há apenas um; deu uma nova presença de Seu sacrifício único. Na Última Ceia, Nosso Senhor agiu de maneira independente dos apóstolos ao apresentar o sacrifício sob as espécies do pão e do vinho. Depois da Ressurreição e Ascensão, e em obediência ao mandamento divino, Cristo ofereceria Seu sacrifício ao Pai Celestial por meio deles ou dependendo deles. Sempre que o sacrifício de Cristo é celebrado na Igreja, há uma aplicação a um novo momento no tempo e uma nova presença no espaço do único sacrifício do Cristo que está agora na glória. Em obediência a seu mandamento, os discípulos estariam representando de maneira não sangrenta aquilo que Ele apresentou ao Pai no sacrifício de sangue do Calvário.

Depois de transformar o pão em Seu Corpo e o vinho em Seu sangue:

partiu-o e deu-lho [...]
(São Marcos 14,22)

Por essa comunhão foram feitos um com Cristo, para serem oferecidos com Ele, Nele e por Ele. Todo amor almeja unidade. Assim como o ápice do amor na ordem humana é a unidade de marido e mulher na carne, também a unidade na ordem divina é a unidade da alma e Cristo na comunhão. Quando os apóstolos, e posteriormente a Igreja, obedecem às palavras de Nosso Senhor para renovar o Memorial e comer e beber Dele, o Corpo e o Sangue não seriam aqueles do Cristo físico então diante deles, mas aquele do Cristo glorificado no céu que continuamente intercede pelos pecadores. A salvação da Cruz, eterna e soberana, é assim aplicada e atualizada ao longo do tempo pelo Cristo celestial.

Quando Nosso Senhor, depois de ter transformado pão e vinho em seu Corpo e Sangue, disse aos apóstolos que comessem e bebessem, Ele estava fazendo à alma do homem o que a comida e a bebida fazem ao corpo. A menos que sejam sacrificados ao serem arrancados das raízes, os vegetais não podem alimentar ou comungar com o homem. O sacrifício do que é mais ínfimo deve preceder a comunhão com o que é mais elevado. Primeiro Sua morte foi misticamente representada; depois, seguiu-se a comunhão. O mais baixo se transforma no mais alto; os elementos químicos em vegetais; os vegetais em animais; elementos químicos, vegetais e animais em homem; e o homem em Cristo pela comunhão. Os seguidores de Buda não extraem força de sua vida, mas apenas de seus escritos. Os escritos do cristianismo não são tão importantes quanto a vida de Cristo, que, vivendo em glória, derrama sobre seus seguidores os benefícios de Seu sacrifício.

A única nota que insiste em soar ao longo de Sua vida foi a morte e a glória. Foi sobretudo por isso que Ele veio. Assim, na noite anterior à Sua morte, Ele deu aos apóstolos algo que, ao morrer, ninguém mais poderia dar: deu a Si mesmo. Só a sabedoria divina poderia ter concebido tal memorial! Humanos, entregues à própria sorte, poderiam ter estragado o drama de Sua Redenção. Com a morte do Senhor, poderiam ter feito duas coisas aquém do Caminho da Divindade. Poderiam ter considerado Sua morte redentora um drama apresentado uma vez na história, como o assassinato de Lincoln. Nesse caso, teria sido apenas um incidente, e não uma Redenção — o fim trágico de um homem, não a salvação da humanidade. Lamentavelmente, esse é o único

modo como muitos olham para a Cruz de Cristo, esquecendo-se da Ressurreição e da efusão dos méritos da Cruz no Ato Memorial que Ele instituiu e ordenou. Nesse caso, Sua morte seria apenas uma espécie de Memorial Day e nada mais.

Ou poderiam tê-la considerado um drama representado uma vez, mas que deve ser lembrado apenas por meio da meditação em seus detalhes. Nesse caso, voltariam e leriam os relatos dos críticos do drama que vivenciavam à época, a saber, Mateus, Marcos, Lucas e João. Essa seria apenas uma lembrança literária de Sua morte, assim como Platão registra a morte de Sócrates, e teria feito a morte de Nosso Senhor igual à morte de qualquer outro homem.

Nosso Senhor jamais disse a ninguém que escrevesse acerca de Sua Redenção; todavia, com efeito, disse aos apóstolos que a renovassem, aplicassem, celebrassem e estendessem pela obediência a Seus mandamentos dados na Última Ceia. Ele queria que o drama do Calvário fosse encenado não apenas uma vez, mas por todas as eras à sua própria escolha. Não queria que os homens fossem leitores da história da Redenção, mas atores dela, oferecendo seu corpo e sangue junto com o Dele na reencenação do Calvário, dizendo com Ele: “Este é meu corpo e este é meu sangue”; morrendo para a natureza inferior a fim de viver para a graça; dizendo que não se importam com a aparência nem com as espécies de suas vidas como, por exemplo, relacionamentos familiares, trabalho, afazeres, aparência física ou talentos, mas que seu intelecto, sua vontade e sua substância — tudo que verdadeiramente eram — transformar-se-iam em Cristo; que o Pai celestial, ao baixar os olhos sobre eles, os veria no Filho, veria o sacrifício deles amalgamado com o sacrifício de Cristo, as mortificações deles incorporadas à morte de Cristo, de modo que, enfim, pudessem participar de Sua glória.

O SERVO DOS SERVOS

Dentro do breve intervalo de cinco dias aconteceram duas das mais famosas abluções da história. No sábado anterior à Sexta-Feira Santa, uma Maria penitente ungiu os pés de Nosso Divino Salvador; na quinta-feira da semana seguinte, Ele lavou os pés dos discípulos. Sem mancha por ser o Salvador, seus pés foram ungidos com nardo fragrante, mas havia ainda tanta poeira mundana grudada nos pés dos discípulos que tiveram de ser lavados.

Antes da festa da Páscoa,
sabendo Jesus que chegara a sua hora
de passar deste mundo ao Pai [...].
(São João 13,1)

Sua mente voltou ao momento em que o Pai pôs todas as coisas em suas mãos e o Filho saiu Dele. A hora de retornar, contudo, havia chegado. A primeira parte de Seu ministério foi entre “os que não O receberam”; os momentos finais seriam com aqueles “que O receberam”, aos quais asseguraria que os amou “até o fim”.

A hora da partida é sempre uma hora de afeição ativa. Quando o marido deixa a mulher para sair em uma longa viagem, há mais atos ternos de devoção do que na presença contínua em casa. Muitas vezes Nosso Senhor Santíssimo se dirigira aos apóstolos com as palavras: “meus irmãos”, “minhas ovelhas”, “meus amigos”, “meus”, mas nessa hora Ele os chamou de “meus queridos”, como se sugerisse uma espécie de relacionamento mais afetuosos. Estava prestes a deixar o mundo, mas os apóstolos deveriam ficar, pregar Seu Evangelho e

instituir Sua Igreja. A afeição por eles era tamanha que nem todas as glórias do céu ao abrir-se para recebê-Lo poderiam, por um momento, perturbar o amor cálido e compassivo que sentia por eles.

Quanto mais próximo Ele ficava da Cruz, mais os apóstolos discutiam entre si.

Surgiu também entre eles uma discussão: qual deles seria o maior.

(São Lucas 22,24)

Na mesma hora em que lhes deixaria o memorial de seu amor, quando Seu coração afetuoso seria trespassado pela traição de Judas, os apóstolos demonstraram desdém pelo Seu sacrifício em uma disputa vã a respeito da precedência. Cristo olhou para a Cruz; eles debatiam como se isso não significasse renúncia. A ambição cegou-os a todas as Suas lições a respeito de domínio, pois pensavam que o homem era grande por exercer autoridade. Essa era a ideia de grandeza entre os gentios, a qual deveriam substituir pelo serviço ilimitado ao próximo.

E Jesus disse-lhes: Os reis dos pagãos dominam como senhores, e os que exercem sobre eles autoridade chamam-se benfeitores. Que não seja assim entre vós; mas o que entre vós é o maior, torne-se como o último; e o que governa seja como o servo.

Pois qual é o maior: o que está sentado à mesa ou o que serve? Não é aquele que está sentado à mesa?

Todavia, eu estou no meio de vós, como aquele que serve.

(São Lucas 22,25-27)

Nosso Senhor admitiu que, em certo sentido, Seus apóstolos eram reis; também não lhes negou o instinto pela aristocracia, mas o instinto deles deveria ser a nobreza da humildade; o maior tornando-se o menor. Levar essa lição para casa. Recordou-os da posição que Ele mesmo ocupava como Mestre e Senhor da mesa — e, contudo, alguém em que se tinham apagado todos os

traços de superioridade. Disse-lhes, muitas vezes, que não veio para ser servido, mas para servir. Carregar o fardo de outros e, especialmente, a culpa foi o motivo de se tornar “o servo sofredor” predito por Isaías. As palavras anteriores sobre fazerem-se servos, nesse momento, foram reforçadas por Ele pelo exemplo:

levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e,
pegando duma toalha, cingiu-se com ela.
Em seguida, deitou água numa bacia e
começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los
com a toalha com que estava cingido.
(São João 13,4-5)

A minúcia do relato de cada ação de Nosso Senhor é impressionante, visto que são mencionadas nada menos que sete ações distintas: levantar, depor as vestes, pegar a toalha, cingir-se com ela, deitar água na bacia, lavar os pés e enxugá-los com a toalha. Alguém poderia imaginar um rei terreno, antes de retornar de uma província distante, executando um serviço humilde a um de seus súditos, mas nunca se poderia dizer que ele estaria fazendo isso porque estava prestes a voltar para a capital. Entretanto, Nosso Bendito Senhor é descrito aqui a lavar os pés dos discípulos porque haveria de voltar para o Pai. Ensinou a humildade por preceito, “todo aquele que se exaltar será humilhado, e todo aquele que se humilhar será exaltado” (São Lucas 14,11); por parábolas, como na história do fariseu e do publicano; pelo exemplo, como ao tomar a criança em seus braços; e agora por condescendência.

A cena era um resumo da Encarnação. Levantando-se do banquete celestial em união íntima de natureza com o Pai, depôs as vestes de glória, cingiu sua divindade da toalha da natureza humana que recebeu de Maria; derramou a tina da regeneração que é seu sangue derramado na Cruz para redimir os homens e começou a lavar as almas de seus discípulos e seguidores pelos méritos de sua morte, Ressurreição e Ascensão. São Paulo exprimiu isso de maneira belíssima:

Sendo ele de condição divina,

não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,
mas aniquilou-se a si mesmo,
assumindo a condição de escravo
e assemelhando-se aos homens.
E, sendo exteriormente reconhecido como homem,
humilhou-se ainda mais,
tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.
(Filipenses 2,6-8)

Os discípulos ficam sem ação, perdidos em perplexidade muda. Quando a humildade vem do Deus-homem como na ocasião, é óbvio que será pela humildade que os homens retornarão a Deus. Cada um teria tirado os pés da bacia não fosse o amor que invadia seus corações. Essa obra de condescendência procedeu em silêncio, até que o Senhor chegasse a Pedro, que sentiu intensamente a inversão de valores.

Mas Pedro lhe disse: Senhor, queres lavar-me os pés!...
(São João 13,6)

Pedro tinha dificuldade com a humilhação que a cruz demandava. Quando Nosso Senhor, em Cesareia de Filipe, disse que iria a Jerusalém para ser crucificado, Pedro protestou diante da repugnância de tal humilhação. O mesmo estado de espírito aparece novamente. Pedro combinava, por um lado, o reconhecimento verdadeiro do magistério de Nosso Senhor Santíssimo e, por outro, a resolução de que a glória deveria ser alcançada sem sofrimento. A lição mais difícil que esse homem confiante tinha de aprender era ainda ter algo a aprender. Há momentos em que o homem pode deixar correr sobre o rosto lágrimas penitentes, e as lágrimas de Pedro jorrariam em poucas horas. No entanto, tais lágrimas só são derramadas quando o homem deixa Nosso Senhor lavá-lo e purificá-lo do pecado. Então, Jesus disse a Pedro:

O que faço não compreendes agora, mas compreendê-lo-ás em breve.

(São João 13,6)

Pedro não pôde compreender tal amor e condescendência até a plena humilhação na Cruz ser coroada por Sua Ressurreição e pelo dom de Seu Espírito. Antes, ele exproboou a cruz; nesse momento, censurou o exemplo de humilhação que levou Nosso Senhor à cruz. O esclarecimento de muitos mistérios pertence ao futuro; agora, conhecemos somente em parte. Um homem pode fazer e dizer muitas coisas confusas para a mente de uma criança, quanto mais o homem é confundido pelas ações do Deus Infinito! O homem humilde esperará, pois é o último ato que coroa a peça.

O divino Mestre não partilhou o conhecimento com Pedro e depois pediu que se submetesse. Pediu que se submetesse, com a promessa de que tudo seria esclarecido mais tarde. A luz se tornou mais clara assim que ele a seguiu. Se tivesse dado as costas a ela, as trevas teriam aumentado. O Mestre lavou os pés do discípulo, embora Pedro ainda protestasse, como a mãe lava o rosto do filho ainda que a criança reclame. A mãe não espera o filho entender o que ela faz, mas completa a tarefa por amor. A árvore não compreende a poda, nem a terra compreende o arado, nem Pedro compreendia o mistério dessa grande humilhação, uma vez que disse com veemência:

Jamais me lavarás os pés!...

Respondeu-lhe Jesus: Se eu não tos lavar,
não terás parte comigo.

(São João 13,8)

Nosso Senhor recordou a Pedro que a verdadeira humildade não deve objetar à Sua humilhação, mas, ao contrário, deve reconhecer a premência de libertar a humanidade do pecado. Por que se opor ao Filho de Deus lavar a sujeira externa dos pés quando Ele, que é Deus, já se humilhara para lavar a imundície das almas? Pedro ignorava a própria necessidade interna de redenção e tinha como pretexto reclamar a humilhação que era trivial, se comparada à encarnação. Era humilhação maior para o Verbo feito Carne cingir-se de uma toalha do que o fora ser envolto em faixas e posto em uma manjedoura?

Nosso Senhor prosseguiu a dizer para Pedro que a condição de comunhão, amizade e companheirismo com ele era ser lavado de maneira mais efetiva do que a lavagem dos pés. A recusa em aceitar a purificação divina é a exclusão da intimidade com Cristo. Não compreender que o amor divino significa sacrifício era apartar-se do Mestre. A ideia de não ter parte com Nosso Senhor o humilhou de maneira indescritível, por isso empenhou não só os pés, mas todo o seu ser ao Mestre:

Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.
(São João 13,9)

Não só os pés estavam sujos, mas até mesmo os atos de suas mãos e os pensamentos de sua cabeça precisavam ser purificados. Em vez de persuadir-se de que o pecado não tinha importância e que um senso de culpa era anormal, Pedro, diante da Inocência, praticamente, bradou: “Impuro! Impuro!”

Quando Nosso Senhor terminou de lavar os pés dos apóstolos, pôs suas vestes, sentou-se e ensinou-lhes a lição de que, se Ele, que era o Senhor e Mestre, renunciara a Si mesmo e até à própria vida, então, eles, que eram seus discípulos, deveriam fazer o mesmo.

Sabeis o que vos fiz?
Vós me chamais Mestre e Senhor,
e dizeis bem, porque eu o sou.
Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre,
vos lavei os pés,
também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros.
Dei-vos o exemplo para que,
como eu vos fiz, assim façais também vós.
Em verdade, em verdade vos digo:
o servo não é maior do que o seu Senhor,
nem o enviado é maior do que aquele que o enviou.
(São João 13,12-16)

Lavara os pés até mesmo de Judas! No entanto, embora cumprisse a tarefa de um escravo servil, ainda era “Mestre e Senhor”. Vez alguma, enquanto esteve na terra, os apóstolos referiram-se a ele como Jesus, embora fosse o nome dado pelo anjo significando “salvador”. Quando pediu por mais vocações para Sua missão, Ele lhes disse para orar ao “Senhor da messe” (São Mateus 9,38); quando pediu o burrico no domingo de Ramos, justificou o pedido ao dizer “O Senhor precisa dele” (São Lucas 19,31); quando planejou utilizar o cômodo superior, foi o “Senhor” que expressou essa necessidade (São Lucas 22,11-12). Os apóstolos também o chamavam de “Senhor”, como Pedro o fez ao afogar-se, como Tiago e João o fizeram quando buscaram destruir os samaritanos, assim como o fariam poucos minutos depois ao perguntar “Sou eu, Senhor?” (São Mateus 26,22). Na Páscoa diriam “O Senhor ressuscitou”. Tomé posteriormente o chamaria de “Senhor”; da mesma maneira o faria João ao reconhecer Nosso Senhor na praia.

Por outro lado, sempre que os evangelhos descrevem Nosso Senhor, referem-se a Ele como “Jesus”; por exemplo, “Jesus foi tentado pelo demônio” e “Jesus ensinou”. Os evangelhos, escritos por inspiração do Espírito Santo, utilizaram o nome que se tornou demasiado glorioso quando forjou a salvação e ascendeu aos céus. Daí em diante, Seu nome, com frequência, é referido como “o Santo Nome de Jesus”.

Por isso Deus o exaltou soberanamente
e lhe outorgou o nome
que está acima de todos os nomes,
para que ao nome de Jesus se dobre
todo joelho no céu, na terra e nos infernos.
E toda língua confesse,
para a glória de Deus Pai,
que Jesus Cristo é Senhor.
(Filipenses 2,9-11)

JUDAS

Um dia nasceu um bebê em Queriote. Os pais, ansiando pela promessa de um grande homem, chamaram-no de “Louvor”. Amigos e parentes trouxeram presentes em tributo à nova vida que nasceu no mundo. Não muito longe dali, outro bebê nasceu na vila de Belém. Pastores e Sábios levaram presentes a esta Criança cujo nome era “Salvador”. Muitos anos depois, o bebê de Belém encontrou o bebê de Queriote; Nosso Divino Senhor chamou Judas para ser apóstolo.

Era o único de Judá no grupo apostólico, enquanto todos os demais eram da Galileia. É bem provável que, por causa do talento para a administração comum entre os de sua região, Judas fosse naturalmente mais inclinado a ser o tesoureiro do grupo apostólico do que qualquer galileu. Usar um homem naquilo que ele faz de melhor é protegê-lo, se é que isso é possível, da apostasia e da insatisfação. Ao mesmo tempo, as tentações da vida muitas vezes vêm daquilo para o que se tem maior aptidão. Deve haver uma falha interna antes que haja uma externa. A única falha observada em Judas, ao menos no que diz respeito aos registros, era o pecado da avareza. Nele, esta era um tipo de pecado arraigado, pois, por causa dela, como de uma fonte suja, jorrava o pecado, de tão grande que era:

Seria melhor para esse homem que jamais tivesse nascido!
(São Mateus 26,24)

Uma leitura superficial da vida de Judas baseia o início da traição na noite da Última Ceia. Não é bem assim, pois o primeiro registro da traição encontra-

se quando Nosso Bendito Senhor anunciou-se a Si mesmo como o Pão da Vida. O início e o fim do ato de traição de Judas estavam associados ao Cristo como o Pão da Vida. O primeiro conhecimento da traição não está quando Nosso Senhor instituiu o Memorial de Sua morte na Última Ceia, mas quando a prometeu no início de Sua vida pública. Nesse incidente da vida divina que se tornava alimento dos homens, estava inserido o primeiro registro da traição de Judas.

Pois desde o princípio Jesus sabia
quais eram os que não criam
e quem o havia de trair.
(São João 6,64)

O ponteiro do relógio já apontava a hora de Sua morte; a partir daquele momento, Nosso Bendito Senhor suportou a presença daquele que o haveria de trair. O anúncio do Pão da Vida era o início do desencanto de Judas; era de outro tipo de Reino que Nosso Senhor estava falando, diferente daquele que Judas esperava. Essa insatisfação de Judas deve ter aumentado enormemente no dia seguinte, quando descobriu que Nosso Bendito Senhor recusou-se a tornar-se rei e fugiu sozinho para as montanhas.

No sexto dia antes da Crucifixão, foi oferecida uma grande ceia em Betânia em que Marta foi servida e Lázaro esteve à mesa com Ele. Maria, percebendo o futuro melhor do que qualquer outro convidado e o quanto Ele estava próximo da morte, ungiu-O em preparação para o sepultamento. Quando viu o bálsamo sendo derramado, Judas imediatamente pôs um preço nele. Era a semana de estabelecer preços, pois em poucos dias ele avaliaria a vida de Nosso Senhor em trinta moedas de prata. Agora, avaliou o bálsamo em mais ou menos o salário de trezentos dias de trabalho, pois naquela época a média por um dia de trabalho era de um denário. Escreve São João:

Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos,
aquele que o havia de trair, disse:
Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários
e não se deu aos pobres?

(São João 12,4-5)

Visto que a inveja é descrita como o tributo que a mediocridade paga ao gênio, muitos críticos podem ser descritos como homens fracassados. Judas era materialista demais para se preocupar com a beleza do ato. Não viu que algumas ofertas são tão sagradas que não se pode estimar-lhes o valor. De fato, era estreita a relação entre a cobiça e a traição contra Cristo. A última geralmente é a consequência da primeira. Judas sabia apenas que a traição ao Mestre estava próxima; Maria sabia que a morte do Mestre estava próxima. Vestindo a máscara da caridade, Judas fingiu irritar-se com o desperdício de um perfume tão precioso, mas João contou o motivo dessa declaração:

Dizia isso não porque ele se interessasse pelos pobres,
mas porque era ladrão e, tendo a bolsa,
furtava o que nela lançavam.

(São João 12,6)

Enquanto Maria, em sua devoção, oferecia de maneira inconsciente honra ao morto, Judas, em seu egoísmo, provocava-lhe de maneira consciente a morte propriamente dita. Grande contraste entre a bolsa com dinheiro de Judas e o frasco de alabastro de Maria; entre as trinta moedas de prata e os trezentos denários; entre a verdadeira liberalidade e o interesse hipócrita pelos pobres. Judas tornou-se porta-voz de todos aqueles que pelos séculos protestariam contra a ornamentação do culto cristão e sentiriam que, quando o melhor do ouro ou das joias fossem dadas ao Deus que as criou, havia alguma ofensa aos pobres — não porque estivessem interessados nos pobres, mas porque tinham inveja daquela riqueza. É bem possível que, se tivesse os trezentos denários, Judas não os daria aos pobres.

Nosso Senhor rumava para o túmulo. Não haveria chance de ungir Seu corpo físico novamente, mas haveria uma chance de servir aos pobres. Quando Nosso Bendito Senhor mais uma vez falou abertamente de Sua morte, dizendo que Maria O estava unguendo para o sacrifício, Judas sabia que, se tinha de tirar proveito de sua associação com Jesus, teria de fazê-lo logo. Num cataclismo, algo há de ser salvo.

Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes,
foi ter com os príncipes dos sacerdotes e perguntou-lhes:
Que quereis dar-me e eu vo-lo entregarei.
Ajustaram com ele trinta moedas de prata.
E desde aquele instante, procurava
uma ocasião favorável para entregar Jesus.
(São Mateus 26,14-16)

Oitocentos anos antes, Zacarias profetizara:

Dai-me o meu salário, se o julgais bem,
ou então retende-o!
Eles pagaram-me apenas trinta moedas
de prata pelo meu salário.
(Zacarias 11,12)

Era simbólico que Nosso Senhor fosse vendido em troca do dinheiro do templo destinado à compra das vítimas dos sacrifícios; mais simbólico ainda era que Aquele que assumiu a forma de Servo fosse vendido ao preço de um escravo.

Enfim, na celebração da Páscoa, depois de repreender as ambições dos discípulos e ensinar humildade lavando-lhes os pés, Nosso Bendito Senhor anunciou a traição. Assim como a primeira cena do drama — quando o Pão da Vida foi prometido — marcou o início da traição, assim também agora o Cenáculo e o partir do pão marcavam seu final.

Durante a ceia, disse:
Em verdade vos digo:
um de vós me há de trair.
Com profunda aflição,
cada um começou a perguntar:
Sou eu, Senhor?
(São Mateus 26,21-22)

Depois de lavar os pés dos apóstolos, sabendo que o traidor já estava entre eles, disse o Senhor:

Ora, vós estais puros,
mas nem todos!...
(São João 13,10)

Uma coisa era ser *escolhido* como apóstolo; outra era ser *eleito* para a Salvação por meio da conformidade a suas obrigações. Entretanto, para que os apóstolos soubessem que esta heresia, cisma ou queda em suas fileiras não era inesperada, o Senhor citou o Salmo 40, a fim de mostrar que se tratava do cumprimento da profecia:

Aquele que come o pão comigo
levantou contra mim o seu calcanhar (Salmo 40,10).
Desde já vo-lo digo, antes que aconteça,
para que, quando acontecer,
creiais e reconheçais quem sou eu.
(São João 13,18-19)

A referência era ao que Davi sofreu nas mãos de Aquitofel, cuja deslealdade é agora revelada como figura daquilo que o Filho Real de Davi sofreria. A parte mais desprezível do corpo, o calcanhar, em ambos os exemplos foi descrito como infligindo a ferida. No livro de Gênesis, profetizou-se que o calcanhar da Semente da Mulher esmagaria a cabeça da serpente, ou o diabo. Parecia agora que o diabo teria por ora sua vingança, usando o calcanhar para infligir a ferida na semente da mulher — o Senhor. Em outra ocasião, disse Nosso Senhor:

e os inimigos do homem serão
as pessoas de sua própria casa.
(São Mateus 10,36)

Somente alguém que sofreu tal traição dentro da própria casa pode ao menos entender a tristeza na alma do Salvador naquela noite. Todo bom exemplo, conselho, companheirismo e inspiração são inúteis para aqueles que desejam fazer o mal ou “vender-se” e tendem à destruição. Uma das expressões mais poderosas usadas nos lamentos de Nosso Senhor foi usada para descrever seu amor por Judas e a danação livremente escolhida por este:

Dito isso, Jesus ficou perturbado em seu espírito
e declarou abertamente:
Em verdade, em verdade vos digo:
um de vós me há de trair!...
(São João 13,21)

O “um de vós” era alguém cujos pés o Senhor lavara, alguém a quem Ele chamou para o ofício apostólico de espalhar Sua Igreja por todo o mundo após a vinda de Seu Espírito, alguém cuja presença Ele suportou com tanta paciência que nenhum dos demais apóstolos sabia de quem se tratava.

Os discípulos olhavam uns para os outros,
sem saber de quem falava.
(São João 13,22)

Judas deve ter sido bem esperto para ocultar sua torpeza e ganância do conhecimento dos 11. Nosso Senhor, por outro lado, deve ter tratado Judas com a mesma bondade amorosa dedicada aos demais, para manter oculto o pecado dele. Nada podia ter perturbado sua paz de alma mais do que saber que um deles desapontou o Príncipe da Paz.

Com profunda aflição,
cada um começou a perguntar:
Sou eu, Senhor?
(São Mateus 26,22)

Provavelmente, o único apóstolo que não perguntou “Sou eu?” foi João, pois naquele momento ele reclinava a cabeça sobre o peito de Nosso Divino Senhor. João sempre se orgulhou desse fato e descrevia a si mesmo como “aquele a quem Jesus amava”. Pedro também, entretanto, possivelmente partilhava de alguma dúvida quanto a ser ele o traidor, pois pediu a João que perguntasse a Nosso Senhor “Quem é?”. Quando perguntado, Nosso Senhor respondeu:

É aquele a quem eu der o pão embebido.
Em seguida, molhou o pão
e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.
(São João 13,26)

Em toda a primeira parte da ceia de Páscoa, tanto Nosso Senhor quanto Judas estiveram mergulhando as mãos na mesma travessa de vinho e frutos. O próprio fato de que Nosso Senhor escolheu o pão como símbolo da traição pode ter lembrado Judas do Pão prometido em Cafarnaum. Humanamente falando, era esperado que Nosso Senhor esbravejasse ao denunciar Judas, mas, ao contrário, numa última tentativa de salvá-lo, Jesus usou o pão da comunhão.

Respondeu ele:
Aquele que pôs comigo a mão no prato, esse me trairá.
O Filho do Homem vai, como dele está escrito.
Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído!
Seria melhor para esse homem que jamais tivesse nascido!
(São Mateus 26,23-24)

Na presença da Divindade, ninguém pode ter certeza da própria inocência, e todos perguntam: “Sou eu?”. Todo homem é um mistério para si mesmo, pois sabe que dentro de seu coração encontram-se, contidas e dormentes, serpentes que a qualquer momento podem picar o próximo com seu veneno, ou até mesmo a Deus. Um deles estava certo de ser o traidor, e, no

entanto, ninguém estava certo de não o ser. No caso de Judas, embora Nosso Senhor revelasse o conhecimento da traição, ainda havia a determinação de fazer o mal. Não obstante a revelação do conhecimento do crime e do fato de que seu mal foi revelado, ele não se envergonhava de consumá-lo em toda a sua feiura. Alguns homens viram as costas ao horror de seus pecados, quando estes são postos às claras diante deles. Podem até recuar de “suas loucuras desmedidas” quando tal conduta é descrita como luxúria e imoralidade. Mas neste caso Judas via sua deslealdade descrita em toda a sua deformidade e praticamente disse na linguagem de Nietzsche: “Mal, sê o meu bem”. Nosso Senhor deu um sinal a Judas. Em resposta à pergunta dos apóstolos — “Sou eu?” —, respondeu Jesus:

É aquele a quem eu der o pão embebido.
Em seguida, molhou o pão
e deu-o a Judas,
filho de Simão Iscariotes.
(São João 13,26)

Judas estava livre para fazer o mal, como o comprova o remorso que mostrou posteriormente. Assim também Cristo estava livre para fazer dessa traição a condição de Sua Cruz. Os homens maus parecem ir contra a economia de Deus e ser um fio errante na tapeçaria da vida, mas todas se encaixam de alguma maneira no Plano Divino. O vento impetuoso sopra de céus escuros, e em algum lugar há um veleiro para domá-lo e usá-lo a serviço do homem.

Quando Nosso Senhor disse

É aquele a quem eu der o pão embebido
Aquele que pôs comigo a mão no prato,

Ele estava, na verdade, fazendo um gesto de amizade. Oferecer um bocado parece ter sido um antigo costume grego e oriental. Sócrates disse que, em todos os casos, dar um bocado ao próximo à mesa era uma marca de favor.

Nosso Senhor manteve aberta a Judas a oportunidade de arrepender-se, como mais tarde o faria no Jardim do Getsêmani. Todavia, embora Nosso Senhor mantivesse a porta aberta, Judas não entraria. Ao contrário, entraria Satanás.

Logo que ele o engoliu,
Satanás entrou nele.
Jesus disse-lhe, então:
O que queres fazer, faze-o depressa.
(São João 13,27)

Satanás só pode possuir vítimas voluntárias. A marca da graça e da amizade estendida pela Vítima deveria ter levado Judas ao arrependimento. O pão deve ter queimado seus lábios, como as trinta moedas de prata mais tarde queimariam suas mãos. Poucos minutos antes, as mãos do Filho de Deus tinham lavado os pés de Judas; agora, as mesmas mãos divinas tocam os lábios dele com um pedaço de pão; em poucas horas, os lábios de Judas beijarão os lábios de Nosso Senhor no ato final de traição. O Mediador Divino, sabendo tudo que lhe sobreviria, deu a ordem a Judas para que abrisse a cortina da tragédia do Calvário. O que Judas estivesse para fazer, que o fizesse logo. O Cordeiro de Deus estava pronto para o sacrifício.

A graça divina não identificou o traidor, pois Nosso Senhor escondeu dos apóstolos o fato de que o traidor era Judas. O mundo que ama divulgar escândalos — mesmo aqueles que não são verdadeiros — é aqui virado de cabeça para baixo, no fato de que até o que era verdadeiro foi ocultado. Quando os outros viram Judas sair, supuseram que era por causa de uma missão de caridade.

Mas ninguém dos que estavam à mesa
soube por que motivo lho dissera.
Pois, como Judas tinha a bolsa,
pensavam alguns que Jesus lhe falava:
Compra aquilo de que temos necessidade para a festa.
Ou: Dá alguma coisa aos pobres.
(São João 13,28-29)

Judas, no entanto, em vez de sair para comprar, saíra para vender; não seria aos pobres que ele serviria, mas aos ricos responsáveis pelo tesouro do templo. Conquanto soubesse da má intenção de Judas, ainda assim Nosso Bendito Senhor agiu amavelmente, porque suportaria a ignomínia sozinho. Em muitos casos, Ele agiu como se os efeitos das ações dos outros Lhe fossem desconhecidos. Sabia que ressuscitaria Lázaro dos mortos, mesmo quando chorou. Sabia quem não cria Nele e quem o trairia, e isso não Lhe endureceu o Sagrado Coração. Judas rejeitou o último apelo, e a partir desse momento só houve desespero em seu coração.

Judas saiu, “e era noite” — uma descrição muito adequada para uma obra das trevas. Talvez fosse um alívio estar longe da Luz do Mundo. A natureza às vezes está em simpatia e às vezes em discordância com nossas alegrias e pesares. O céu é sombrio e nublado quando há melancolia. A natureza combinava-se às más obras de Judas, pois quando este saiu não encontrou o sol sorridente de Deus, mas sim a escuridão da noite de Estige. Também se faria noite tenebrosa ao meio-dia, no momento da Crucifixão de Nosso Senhor.

Logo que Judas saiu, Jesus disse:
Agora é glorificado o Filho do Homem,
e Deus é glorificado nele.
(São João 13,31)

Sua morte não seria um martírio, uma desgraça nem uma consequência inevitável da traição. Quando o Pai falou de Seu Filho Divino no batismo no Jordão, Nosso Senhor não disse que Ele mesmo era glorificado; nem no Monte da Transfiguração, quando os céus se abriram mais uma vez, Ele falou disso, mas nessa Hora — quando Sua Alma enfrentou o pranto, Seu Corpo, o flagelo, Seu espírito, uma caricatura de justiça, Sua vontade, uma perversão da bondade — Ele agradeceu ao Pai. O Pai seria glorificado por Sua morte redentora, e Ele seria glorificado pelo Pai na Ressurreição e na Ascensão.

A DESPEDIDA DO AMANTE DIVINO

As palavras do Mestre fluíram com mais liberdade, uma vez que o constrangimento do traidor fora removido. Ademais, a partida de Judas para sua missão de traição pôs a Cruz a uma distância mensurável de Nosso Senhor. Ele agora falava aos apóstolos como se sentisse as traves dela. Se Sua morte seria gloriosa, havia de ser porque por meio dela aconteceria algo que não fora feito por Suas palavras, pelos milagres e pela cura dos enfermos. Durante toda a vida tentara comunicar Seu amor à humanidade, mas até que Seu corpo se partisse, como um vaso de alabastro, o perfume de Seu amor não impregnara o universo. Ele também dissera que, na cruz, Deus, o Pai, era glorificado. Isso se deu porque o Pai não poupou o próprio Filho, mas ofereceu-O para salvar o homem. Deu um novo significado a Sua morte, a saber, de sua Cruz irradiaria a compaixão e o perdão de Deus.

Nesse momento, dirigia-se aos apóstolos de dois modos diferentes: como um pai moribundo aos filhos e como um Senhor moribundo aos servos.

Filhinhos meus, por um pouco apenas ainda estou convosco.
(São João 13,33)

Aqui, falava em termos de profunda intimidade com aqueles que se reuniam ao seu redor, respondendo a perguntas infantis, uma após a outra, porque eram como crianças na compreensão de seu sacrifício. Empregou a analogia simples de uma estrada que eles não podiam trilhar no momento:

para onde eu vou, vós não podeis ir.
(São João 13,33)

Quando vissem as nuvens de glória envolvendo-O na Ascensão aos céus, saberiam por que não poderiam ir logo com Ele. Depois O seguiriam, mas primeiro precisavam da aprendizagem do Calvário e do Pentecostes. O pouco que os apóstolos compreendiam a respeito de Sua vida foi revelado pela pergunta de Pedro:

Senhor, para onde vais?
(São João 13,36)

Mesmo na curiosidade, revelou-se a bela personalidade de Pedro, pois não podia suportar a separação de seu Mestre. Nosso Senhor lhe respondeu:

Para onde vou, não podes seguir-me agora,
mas seguir-me-ás mais tarde.
(São João 13,36)

Pedro ainda não estava preparado para a compreensão profunda da ressurreição. A hora do Salvador chegara, mas a de Pedro ainda não. Assim como no monte da Transfiguração Pedro teria a glória sem a morte, também agora teria a companhia do Mestre divino nos céus sem a cruz. Mais tarde, Pedro considerou a resposta de Nosso Senhor sobre segui-lo como uma reflexão acerca de sua coragem e fidelidade. Então, fez outro pedido, e declarou sua bravura:

Senhor, por que te não posso seguir agora?
Darei a minha vida por ti!
(São João 13,37)

O sentimento de Pedro, naquele segundo, era o de seguir seu Mestre, mas, quando a oportunidade se apresentasse, ele não estaria no Calvário. Ao perscrutar o coração de Pedro, Nosso Senhor previu o que aconteceria quando houvesse uma chance de segui-Lo.

Darás a tua vida por mim!...
Em verdade, em verdade te digo:
não cantará o galo até que me neges três vezes.
(São João 13,38)

A mente onipotente de Nosso Senhor retratou a queda daquele a quem chamara de “pedra”. No entanto, após a vinda de Seu Espírito, Pedro O seguiria. O significado disso está preservado em uma bela lenda, que retrata Pedro fugindo da perseguição de Nero em Roma. Pedro encontrou o Senhor na Via Appia e disse-Lhe: “Senhor, para onde vais?”. Nosso Senhor Bendito respondeu: “Vou a Roma ser crucificado novamente”. Pedro voltou a Roma e foi crucificado no local onde hoje está a Basílica de São Pedro. O Sagrado Coração, agora, olhava para além das horas tenebrosas, quando ele, apóstolos e sucessores seriam um com Ele em espírito. Se houve algum momento calculado para tirar o pensamento do futuro, foi esse terrível momento presente. Entretanto, já que havia falado da unidade entre os apóstolos consigo pela eucaristia, retomaria o tema com a imagem da videira e dos ramos. A unidade de que Ele falava não era do tipo que existia naquele momento, pois em uma hora todos O abandonariam e fugiriam. Antes, era a unidade que seria consumada por intermédio de Sua glorificação. A imagem da videira que empregou era muito familiar no Antigo Testamento. Israel era chamado de videira, a videira que fora tirada do Egito; Isaías falou de Deus como aquele que plantou a vinha escolhida; Jeremias e Oseias lamentaram e queixaram-se de que ela não produzia mais frutos. Assim como Nosso Senhor, em contraste com o maná que fora dado por Moisés, chamou a Si mesmo de “verdadeiro pão”; em contraste com as luzes brilhantes da festa dos Tabernáculos, denominou-Se “verdadeira luz”; em contraste com o templo construído por mãos humanas, denominou-Se “templo de Deus”; agora, em contraste com a videira de Israel, disse:

Eu sou a videira verdadeira,
e meu Pai é o agricultor.
(São João 15,1)

Essa unidade entre Ele e os seguidores do novo Israel seria como a unidade da vinha e dos ramos; a mesma seiva de graça que jorrava através dele jorraria neles:

Eu sou a videira; vós, os ramos.
Quem permanecer em mim e eu nele,
esse dá muito fruto;
porque sem mim nada podeis fazer.
(São João 15,5)

Separado Dele, nenhum homem é melhor que um ramo separado da videira, ressequido e morto. O ramo pode ter cachos, mas não os produz; só Cristo os produz. Ao encaminhar-se para a morte, disse que viveram e que viveriam Nele. Viu além da cruz e afirmou que a vitalidade e a energia viriam Dele, e o relacionamento entre eles seria orgânico, não mecânico. Viu aqueles que professavam ser unidos externamente a Ele, mas que, não obstante, internamente, seriam apartados; viu os que precisariam de mais purificação do Pai por meio da cruz, falando em termos de uma faca que poda e corta.

Todo ramo que não der fruto em mim, ele o cortará;
e podará todo o que der fruto, para que produza mais fruto.
(São João 15,1-2)

O ideal da nova comunidade é a santidade, Aquele que possui a faca é o Pai Celeste. O objeto da poda não é o castigo, mas a correção e a perfeição — salvo nos casos inúteis: esses são excomungados da vinha. Quando Nosso Senhor chamou os apóstolos pela primeira vez, recordou-lhes de que todos deveriam sofrer por Sua causa. Ao encaminhar-Se para a cruz, deu-lhes uma nova compreensão da mensagem anterior de que deveriam tomar a cruz

diariamente e segui-Lo. A unidade com Ele não viria apenas por conhecer seus ensinamentos, mas, principalmente, pelo cultivo do divino, por podar em si mesmos tudo o que não fosse divino:

Se alguém não permanecer em mim
será lançado fora, como o ramo.
Ele secará e não de ajuntá-lo
e lançá-lo ao fogo, e queimar-se-á.
(São João 15,6)

Um dos efeitos da autodisciplina para intensificar essa união entre eles e o próprio Cristo seria a alegria. A abnegação não traz tristeza, mas felicidade.

Disse-vos essas coisas
para que a minha alegria esteja em vós,
e a vossa alegria seja completa.
(São João 15,11)

Falou de alegria a poucas horas do beijo de Judas; mas a alegria que expressava não era na expectativa do sofrimento, mas, antes, a alegria da absoluta e completa submissão ao Pai em amor pela humanidade. Assim como há um tipo de alegria em dar um presente precioso a um amigo, da mesma maneira, há alegria em dar a vida pela humanidade. Aquela alegria do autossacrifício seria deles, se guardassem os mandamentos como mandamentos do Pai. Os infelizes apóstolos, que viam o sonho de um reino puramente terreno esvanecer-se, não podiam compreender suas palavras de alegria; só entenderiam mais tarde, quando o Espírito viesse sobre eles. Imediatamente após o Pentecostes, ao se postarem diante do mesmo conselho que condenou Cristo, seus corações estariam muito felizes porque, como ramos, foram podados para se tornarem um com a videira.

Eles saíram da sala do Grande Conselho,
cheios de alegria, por terem sido achados dignos

de sofrer afrontas pelo nome de Jesus.
(Atos dos Apóstolos 5,41)

Além da alegria, um segundo efeito da união com Ele seria o amor.

Este é o meu mandamento:
amai-vos uns aos outros, como eu vos amo.
Ninguém tem maior amor do que aquele
que dá a sua vida por seus amigos.
(São João 15,12-13)

Amor é a relação normal dos ramos entre si, pois todos estão enraizados na videira. Não haveria limites ao Seu amor. Certa vez, Pedro pôs um limite ao amor ao perguntar quantas vezes deveria perdoar. Seriam sete? Nosso Senhor disse-lhe setenta vezes sete, o que sugeria uma infinidade, e negou qualquer cálculo matemático. Não devem existir limites ao amor mútuo, pois todos devem perguntar-se: qual foi o limite do amor do Cristo? Não tinha limites, pois Ele veio para entregar a própria vida.

Aqui, mais uma vez, falou do propósito de Sua vinda, a saber, a redenção. A cruz é o principal. O caráter voluntário dela é enfatizado quando Ele disse que entregou a vida; ninguém Lhe tiraria isso. Seu amor seria como o calor do sol: os que estivessem mais próximos seriam aquecidos e felizes; os mais distantes ainda reconheceriam sua luz.

Somente ao morrer por outrem poderia demonstrar seu amor. Sua morte não seria como a morte de um homem por amor de outro, ou como a do soldado por seu país, pois o homem que salva o outro deve, por fim, morrer de algum modo. Ainda que grande o sacrifício, esse seria um pagamento prematuro de uma dívida que havia de ser paga. Entretanto, no caso de Nosso Senhor, Ele não precisava, de modo algum, morrer. Ninguém poderia tirar-Lhe a vida. Embora chamasse aqueles pelos quais morreu de “amigos”, a amizade era toda de Sua parte, e não da nossa, pois, como pecadores, somos inimigos. Paulo, mais tarde, expressou bem isso ao dizer que Ele morreu por nós enquanto éramos ainda pecadores (Romanos 5,8).

Os pecadores podem demonstrar amor uns pelos outros ao tomar para si uma punição merecida por alguém. Nosso Senhor, todavia, não só tomava para Si a punição, como também a culpa como se fosse Sua. Ademais, a morte que estava prestes a sofrer seria bem diferente da morte dos mártires por sua causa, já que esses tinham o exemplo da morte do Cristo e a expectativa da glória prometida. Entretanto, morrer em uma cruz sem um olhar de piedade, estar cercado de uma multidão que lhe fazia troça, e morrer sem ser obrigado a morrer — esse foi o auge do amor. Os apóstolos não podiam compreender tal profundidade de afeição, mas, posteriormente, compreenderiam. Pedro, que na ocasião nada entendia a respeito do amor sacrificial, mais tarde, ao ver suas ovelhas caminharem para a morte sob a perseguição dos romanos, lhes diria:

Com efeito, é coisa agradável a Deus sofrer contrariedades e padecer injustamente, por motivo de consciência para com Deus.

Que mérito teria alguém se suportasse pacientemente os açoites por ter praticado o mal?

Ao contrário, se é por ter feito o bem que sois maltratados, e se o suportardes pacientemente, isto é coisa agradável aos olhos de Deus.

Ora, é para isto que fostes chamados.

Também Cristo padeceu por vós, deixando-vos exemplo para que sigais os seus passos.

(1 São Pedro 2,19-21)

João também faria uma paráfrase do que ouviu naquela noite, ao inclinar-se sobre o coração de Cristo:

Nisto temos conhecido o amor:

(Jesus) deu sua vida por nós.

Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos.

(1 São João 3,16)

O ÓDIO DO MUNDO

Depois de terminar o discurso sobre a unidade existente entre Ele e os apóstolos, Nosso Senhor passou ao próximo assunto que logicamente se seguia, a saber, a separação daqueles que não partilhavam de Seu Espírito e de Sua vida. Referia-se não só à condição de oposição que existiria entre seus seguidores e o mundo imediatamente após Sua partida dele, mas, antes, a uma condição permanente e inevitável. O contraste era entre a grande massa de renegados e descrentes que se recusariam a aceitá-Lo e os que seriam unidos a Ele como ramos à videira. Não falou de um universo físico ou do cosmo, mas de um espírito, um *zeitgeist*, uma unidade das forças do mal contra as forças do bem. As bem-aventuranças puseram-No em oposição imediata ao mundo e, assim, prepararam-No para a Cruz. Agora Ele os advertia de que também teriam uma cruz, se realmente fossem Seus discípulos. Não ter cruz torna a pessoa suspeita de não possuir a marca indelével de ser um dos Seus:

Se o mundo vos odeia,
sabei que me odiou a mim antes que a vós.
Se fôsseis do mundo,
o mundo vos amaria como sendo seus.
Como, porém, não sois do mundo,
mas do mundo vos escolhi,
por isso o mundo vos odeia.
(São João 15,18-19)

Sete vezes durante esse discurso sobre o mundo, Ele empregou a palavra “ódio” — um testemunho solene da obstinação e hostilidade do mundo. O mundo ama o mundano; mas, para preservar seus códigos, práticas e modismos mentais, deve odiar o que não é deste mundo ou o divino. Fossem os apóstolos ou algum de Seus seguidores ingressarem em algum culto ao Sol ou seita oriental, será que seriam odiados? Não, porque o mundo conhece os seus. Fossem um com o Cristo, a seguir rigorosamente Seus mandamentos, seriam odiados? Sim, porque “do mundo vos escolhi”. Naquele momento, os apóstolos não podiam compreender esse ódio; mesmo depois da ressurreição

não foram molestados e puderam voltar às suas redes e barcos. Entretanto, uma vez que Ele subiu aos céus e enviou Seu Espírito, experimentaríamos toda a malignidade do ódio do mundo. Tiago, que ouviu essas palavras na Última Ceia, mais tarde as repetiria com conhecimento e experiência:

Adúlteros, não sabeis que o amor do mundo é abominado por Deus?

Todo aquele que quer ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.

(São Tiago 4,4)

João também recordaria seu povo de que o mundo era antagônico a Cristo.

Não ameis o mundo nem as coisas do mundo.

Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai.

(1 São João 2, 15)

Nosso Senhor, então, explicou-lhes que o mundo não os odiaria como O odiou, mas os odiaria *por causa* Dele. Nenhum servo pode ser maior que seu senhor. Seriam perseguidos por causa de Seu nome:

Mas vos farão tudo isso por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou.

(São João 15,21)

Nosso Senhor não deu esperanças de converter a todos no mundo; as multidões seriam mais conquistadas pelo espírito do mundo do que por Ele. Partilhar de Sua vida era partilhar de Seu destino. O mundo odiaria Seus seguidores, não por conta do mal em suas vidas, mas, precisamente, pela ausência do mal, ou melhor, por sua bondade. A bondade não gera ódio, mas dá oportunidade para a manifestação do ódio. Quanto mais santa e pura a

vida, mais atrairá a malignidade e o ódio. Só a mediocridade sobrevive. A inocência perfeita deve ser crucificada no mundo onde ainda existe o mal. Assim como o olho doente teme a luz, da mesma maneira, a consciência má teme a bondade que a reprova. O ódio do mundo não é inocente nem sem culpa:

Se eu não viesse e não lhes tivesse falado,
não teriam pecado;
mas agora não há desculpa para o seu pecado.
Aquele que me odeia, odeia também a meu Pai.
Se eu não tivesse feito entre eles obras,
como nenhum outro fez, não teriam pecado;
mas agora as viram e odiaram a mim e a meu Pai.
Mas foi para que se cumpra a palavra
que está escrita na sua lei:
Odiaram-me sem motivo (Salmo 34,19; 68,5).
(São João 15,22-25)

O ódio pelo Cristo revelou o ódio pelo Pai. O mal não tem capital próprio, é um parasita que repousa no bem. O ódio puro tira suas forças do contato com o bem; faz o inferno começar na terra, mas não o faz terminar aqui. Seu Evangelho, disse, iria, de certo modo, agravar o pecado dos homens por fazer-lhes rejeitá-Lo voluntariamente. Se houve pecado e mal ao longo da história; se houve Cains que mataram Abéis; gentios que perseguiram judeus; Saús que buscaram matar Davis, tudo isso era insignificante comparado ao que Nosso Senhor falava sobre o mal monstruoso que estava prestes a Lhe acontecer. Ensinara que havia graus de punição dispensados aos que estavam perdidos; agora, acrescentou que a gradação seria determinada pelo grau de luz contra o qual pecaram. Sua vinda trouxera ao mundo um novo padrão de medida. Haveria mais tolerância com Sodoma e Gomorra no dia do Juízo do que com Cafarnaum, pois esta se voltara contra o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Esse espírito de inimizade contra Ele não permaneceria somente enquanto visse ou enquanto os apóstolos vissem, mas enquanto durasse o tempo.

Quando Alexandre morreu, ninguém ergueu punhos cerrados diante de seu túmulo; o ódio ao tirano perece com o tirano. Ninguém odeia Buda; ele está morto. O ódio ao Cristo, contudo, permaneceria vivo, porque Ele vive — “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”. Ser advertido era ser precavido.

Virá a hora em que todo aquele que
vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus.
(São João 16,2)

De censuras maldizentes os homens passariam até mesmo a tirar a vida de Seus seguidores. E assim o faziam convencidos de que agiam religiosamente, como faziam os escribas e os fariseus, e também como Paulo o fez antes da conversão. O que previu para Seus seguidores veio a acontecer: Mateus sofreu o martírio pela espada na Etiópia; Marcos foi arrastado pelas ruas de Alexandria até a morte; Lucas foi enforcado em uma oliveira na Grécia; Pedro, crucificado em Roma de cabeça para baixo; Tiago foi decapitado em Jerusalém; Tiago Menor foi lançado do pináculo do templo e, ao chão, espancado até a morte; Filipe foi enforcado em um pilar na Frígia; Bartolomeu foi esfolado vivo; André foi atado a uma cruz e pregou aos perseguidores até a morte; Tomé teve o corpo perfurado; Judas Tadeu foi morto por flechas; Matias primeiro foi apedrejado e depois decapitado. É muito provável que no momento desses acontecimentos tenham recordado as palavras de Nosso Senhor na Última Ceia:

Disse-vos, porém, essas palavras para que,
quando chegar a hora, vos lembreis de que vo-lo anunciei.
(São João 16,4)

O conselho que dava aos apóstolos sobre a expectativa da cruz e das próprias vidas era uma prova de que a cruz era primordial para Si mesmo. Para os seguidores não prometeu nenhuma imunidade ao mal neste mundo, mas a vitória sobre o mal:

Referi-vos essas coisas para que tenhais a paz em mim.
No mundo haveis de ter aflições.
Coragem! Eu venci o mundo.
(São João 16,33)

Desfrutar a paz não era inconsistente com a duração da tribulação. A paz está na alma e vem da união com Cristo, ainda que o corpo possa sentir dor. Provações, tribulação, angústia e ansiedade são permitidos por aquele que dá a paz.

O ESPÍRITO

O próximo assunto que ocupou a atenção do Salvador na noite de sua agonia foi o Espírito Santo. O profeta Ezequiel há muito previra que um espírito novo seria dado ao mundo:

Dar-vos-ei um coração novo e
em vós porei um espírito novo;
tirar-vos-ei do peito o coração de pedra e
dar-vos-ei um coração de carne.
Dentro de vós meterei meu espírito,
fazendo com que obedeçais às minhas leis e
sigais e observeis os meus preceitos.
(Ezequiel 36,26-27)

O corpo de Adão foi feito quando Deus soprou-lhe o espírito de vida. O tabernáculo de Israel e o templo tiveram de ser construídos antes que a *Shekinah* e a glória de Deus viessem tomar posse deles; portanto, tinha de haver uma renovação dentro do homem como condição para o próprio Espírito de Deus nele habitar. Com a vinda de Cristo, começou a cumprir-se a profecia de Ezequiel. O Espírito exercera um papel muito importante na vida do Cristo. João Batista predissera duas coisas sobre Ele: primeiro, que era o cordeiro de Deus que tiraria os pecados do mundo e, a outra, que batizaria os

discípulos com o Espírito Santo e com fogo. O derramamento de sangue era para o pecador; o dom do Espírito era para os seguidores obedientes e amorosos. Quando Nosso Senhor foi batizado no rio Jordão, o Espírito Santo veio sobre Ele. Foi batizado no Espírito; *mas deveria sofrer antes de dar o Espírito aos outros*. Por isso que, na noite em que começou Sua paixão, falou mais profundamente do Espírito. Na conversa com a mulher no poço disse que chegaria o tempo em que os verdadeiros adoradores adorariam:

o Pai em espírito e verdade.
(São João 4,23)

Suas palavras “em Espírito” não significavam um contraste entre uma religião interna ou sentimental em comparação às observâncias exteriores, mas, sim, um contraste entre uma adoração inspirada pelo Espírito de Deus oposta a um espírito puramente natural. “Em verdade” não significa “sincera e honestamente”, mas, antes, em Cristo, que é o Verbo ou a Verdade de Deus. Mais tarde, quando Nosso Senhor Bendito prometeu dar Seu corpo e sangue sob a aparência de pão e vinho, sugeriu que deveria primeiro ascender aos céus antes de ser dado o Espírito.

Que será, quando virdes subir o Filho do Homem
para onde ele estava antes?..
O espírito é que vivifica, a carne de nada serve.
As palavras que vos tenho dito são espírito e vida.
(São João 6, 62-63)

Principiou por dizer-lhes que Sua morte aconteceria no dia seguinte; não O veriam mais com os olhos da carne. Ainda transcorreria mais um tempo, a saber, o intervalo entre a morte e a ressurreição quando O veriam, com os olhos do corpo, glorificado. Sua perda, assegurou-lhes, seria compensada por uma bênção maior que a sua presença na carne. Os apóstolos não conseguiam entender o que ele dizia a respeito do breve intervalo entre sua morte e Ressurreição, durante o qual seus olhos seriam turvados.

Ainda um pouco de tempo, e já me não vereis;
e depois mais um pouco de tempo, e me tornareis a ver,
porque vou para junto do Pai.
(São João 16,16)

Rebaixou-se à mentalidade dos apóstolos, pois a principal preocupação deles era o que Lhe aconteceria. No entanto, dentro de duas horas teriam uma compreensão melhor dessas palavras, pois nesse intervalo os apóstolos, momentaneamente, perderiam o Mestre de vista, depois de Sua prisão. Porque Nosso Senhor disse que iria para o Pai, os apóstolos estavam em extrema confusão, pois isso significava afastar-se deles. Disseram:

Não sabemos o que ele quer dizer.
(São João 16,18)

Jesus sabia que estavam ansiosos para questioná-lo mais a respeito desse ponto. O pesar e o assombro não eram apenas porque Ele dissera que estava prestes a deixá-los, mas também por conta da frustração de suas esperanças, pois vislumbravam a instituição de algum tipo de reino messiânico terreno. Ele lhes assegurara que, embora estivessem cabisbaixos pelo pesar, a hora seria breve, longa o bastante para Ele provar Seu poder sobre a morte e ir ao Pai. Quando passasse pela hora, eles ficariam tristes, ao passo que os inimigos ou o mundo se rejubilariam. O mundo acreditaria que Ele se fora para sempre. A dor dos escolhidos, entretanto, seria transitória, pois a cruz deve vir antes da coroa.

Em verdade, em verdade vos digo:
haveis de lamentar e chorar,
mas o mundo se há de alegrar.
E haveis de estar tristes,
mas a vossa tristeza se há de transformar em alegria.
(São João 16,20)

A passagem do pranto à alegria é simbolizada pela analogia das dores e alegrias da maternidade:

Quando a mulher está para dar à luz,
sofre porque veio a sua hora.
Mas, depois que deu à luz a criança,
já não se lembra da aflição,
por causa da alegria que sente
de haver nascido um homem no mundo.
Assim também vós:
sem dúvida, agora estais tristes,
mas hei de ver-vos outra vez,
e o vosso coração se alegrará
e ninguém vos tirará a vossa alegria.
(São João 16,21-22)

A Providência, de maneira sábia, ordenara que as dores da mãe fossem compensadas pela alegria do filho. Do mesmo modo, as aflições da cruz são precursoras das alegrias da ressurreição. Deve haver comunhão nos sofrimentos do Cristo antes que haja comunhão na Sua glória. No momento, tinham tristeza porque não mais O veriam na carne, mas a alegria deles viria por um despertar espiritual, e essa alegria teria um caráter permanente que o mundo não poderia tirar.

A natureza dessa alegria suprema que seria a deles foi explicada pelo Salvador em termos de um Consolador ou Paráclito que enviaria.

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito,
para que fique eternamente convosco.
É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber,
porque não o vê nem o conhece, mas vós o conhecereis,
porque permanecerá convosco e estará em vós.
Não vos deixarei órfãos. Voltarei a vós.
Ainda um pouco de tempo e o mundo já não me verá.
Vós, porém, me tornareis a ver, porque eu vivo e vós vivereis.

Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai,
e vós em mim e eu em vós.
(São João 14,16-20)

Haveria outro Consolador, ou outro “que fique eternamente convosco”. “Outro” não é uma diferença em qualidade, mas, sim, uma distinção de pessoas. Ele lhes fora o Consolador; estava ao lado deles; fora um com eles e na Sua presença ganharam força e coragem, mas o problema é que agora Ele iria embora e lhes prometera outro Consolador ou Advogado. Assim como Ele seria o advogado com Deus nos céus, da mesma maneira o Espírito que habitaria neles advogaria a causa de Deus na terra e deles seria o defensor. O segredo Divino que lhes confiou é que a perda lhes traria a bênção maior da vinda do Espírito. O Pai fizera uma revelação dupla de si mesmo: o Filho era sua imagem que caminhava entre os homens, recordando-lhes o original divino e modelo ao qual seriam restaurados. No Espírito, o Pai e o Filho enviariam um poder divino que neles residiria e faria de seus corpos templos.

Era melhor que Ele partisse, pois seu retorno ao Pai era a condição da vinda do Espírito. *Se permanecesse entre eles, teria sido apenas um exemplo a ser imitado; se os deixasse e enviasse o Espírito, seria uma vida autêntica a ser vivida.*

Entretanto, digo-vos a verdade:
convém a vós que eu vá!
Porque, se eu não for,
o Paráclito não virá a vós;
mas se eu for, vo-lo enviarei.
(São João 16,7)

O retorno de Sua natureza humana em glória aos céus era uma preliminar necessária à missão do Espírito. Sua ida não seria uma perda, mas um ganho. Assim como a queda do primeiro homem foi a queda de sua descendência, da mesma maneira, a Ascensão do Filho do Homem seria a ascensão de todos os que estivessem ligados a Ele. Sua morte expiatória era a condição para receber o Espírito de Deus. Se não partisse, ou seja, caso não morresse, nada seria feito; os judeus permaneceriam como estavam, os pagãos persistiriam na cegueira e

todos estariam sob o pecado e a morte. A presença corpórea tinha de ser removida para que a presença espiritual pudesse acontecer. Sua presença contínua sobre a terra significaria uma presença local; a descida do Espírito indicaria que Ele poderia estar no meio de todos os homens que se incorporassem a Ele.

A presença permanente do Espírito significaria mais do que a presença física entre eles. Desde que Nosso Senhor esteve com eles na terra, Sua influência não foi, nem de longe, interior; mas, quando enviasse o Espírito, a influência irradiaria de fora; aqueles que a possuísem teriam o Espírito de Jesus Cristo na terra.

Haveria uma dupla glorificação de si mesmo: uma por intermédio do Pai, e outra por intermédio do Espírito. Uma ocorreria nos céus; a outra, na terra. Por uma seria glorificado no próprio Deus e, por outra, é glorificado em todos os que Nele creem:

Ele me glorificará, porque receberá do que é meu,
e vo-lo anunciará.
Tudo o que o Pai possui é meu.
Por isso, disse: Há de receber do que é meu,
e vo-lo anunciará.
(São João 16,14-15)

Seria glorificado quando Sua natureza humana estivesse sentada à direita do Pai. Entretanto, Sua glória espiritual celeste não poderia ser verdadeiramente apreendida a menos que enviasse o Espírito revelador da glória de Cristo ao habitar e agir dentro deles. Embora conhecessem Cristo na carne, agora estavam seguros de que não mais O conheceriam.

A obediência foi descrita como condição necessária para a recepção do Espírito:

Se me amais, guardareis os meus mandamentos.
E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito,
para que fique eternamente convosco.
(São João 14,15-16)

O Espírito veio a Cristo no rio Jordão após trinta anos de obediência ao Pai Celestial, a José, o pai adotivo, e à mãe. Seu segundo ato de obediência foi aceitar o mandamento do Pai de suportar a Cruz em resposta ao “dever” divino. Só depois da obediência o Espírito seria dado aos apóstolos. Assim como enviou o Espírito por conta da obediência ao Pai, Deus habitou o templo de Jerusalém porque obedeceram suas instruções ao construí-lo. Nos dois últimos capítulos do livro do Êxodo, por 18 vezes foi empregada a expressão de que tudo foi feito conforme o Senhor ordenara. Assim, portanto, Nosso Senhor Bendito preparou-se para tornar os corpos humanos templos do Seu Santo Espírito e também estabeleceu as mesmas condições de que obedecessem Seus mandamentos.

O próprio Pedro falaria disso imediatamente após o Pentecostes:

Exaltado pela direita de Deus,
havendo recebido do Pai o Espírito Santo prometido,
derramou-o como vós vedes e ouvis.
(Atos dos Apóstolos 2,33)

Em seguida, explicou que o Espírito lhes ensinaria novas verdades ao recordar-lhes as antigas, recordaria as antigas verdades ao ensinar as novas. Cristo comunicara uma forma de verdade seminal, mas não a plenitude. Quando enviou seu Espírito, a memória seria refrescada de modo extraordinário e a convicção da verdade suplantaria até mesmo o conhecimento preparatório.

Mas o Paráclito, o Espírito Santo,
que o Pai enviará em meu nome,
ensinar-vos-á todas as coisas
e vos recordará tudo o que vos tenho dito.
(São João 14,26)

Assim como uma luz brilhou no Antigo Testamento pela vinda de Cristo, da mesma maneira uma luz brilhará na vida de Cristo pelo Espírito. A função

fortalecedora do Espírito, portanto, entrou em conexão imediata com a função iluminadora de Cristo como Mestre. Os que voltam à forma pura do Evangelho se esquecem de que o Mestre do Evangelho, o próprio Cristo, falou de progressão, de evolução, de desvendar sua verdade por intermédio dos apóstolos. Assim como o Filho deu a conhecer o Pai, da mesma maneira o Espírito daria a conhecer o Filho; assim como o Filho glorificou o Pai, o Espírito, igualmente, glorificaria a Cristo. Foi, de fato, somente após a Ressurreição e a descida do Espírito Santo que os apóstolos recordaram as palavras que Ele lhes dissera e, também, compreenderam plenamente o significado da Cruz e da Ressurreição.

Havia duas árvores no jardim do Paraíso: a árvore da vida divina e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Estava no plano de Deus que o homem permanecesse com Ele em comunhão com a árvore da vida que poderia comer e, portanto, viver para sempre. Satanás assegurou ao homem que o caminho da paz era por meio da árvore do conhecimento do bem e do mal. Entretanto, o homem esqueceu que o mal está nele, começa a tomar posse dele. Pelo caminho falso do conhecimento do bem e do mal, o homem foi levado à destruição. Agora, a árvore da vida é erigida no Calvário e novamente dada ao homem. A árvore da vida, assim, tornou-se não a árvore do conhecimento do bem e do mal, mas a árvore da própria verdade por intermédio do Espírito.

Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade,
ensinar-vos-á toda a verdade,
porque não falará por si mesmo,
mas dirá o que ouvir,
e anunciar-vos-á as coisas que virão.
(São João 16,13)

Disse que o Espírito da Verdade que vem do Pai e Dele mesmo faria a verdade entrar na alma de maneira tal que iria torná-la uma realidade. A verdade natural está na superfície da alma, mas a verdade divina se encontra nas profundezas. Para conhecer o Pai, devemos conhecer o Filho; para conhecer o Filho, devemos ter o Espírito, pois o Espírito revelará o Filho que disse:

Eu sou [...] a verdade.
(São João 14,6)

Se toda a humanidade precisasse de um mestre, o homem há muito teria sido santo, pois teve mestres desde os sábios hindus até este exato momento. No entanto, é necessário mais que o espírito humano para tornar o homem santo, ou para conhecer a verdade; requer o Espírito da Verdade. As verdades humanas somente podem ser conhecidas ao serem vividas, e as verdades divinas podem ser vividas ao vivermos no Espírito.

Em sua promessa do Espírito, Nosso Senhor afirmou quatro verdades a respeito de si mesmo. Primeiro, disse que tinha “saído do Pai”: em outras palavras, foi gerado desde toda a eternidade como o Verbo ou o Filho de Deus. Em seguida, disse: “vim ao mundo”, referindo-se à encarnação e revelação de sua divindade aos homens. Em terceiro lugar, “deixo o mundo”, que significa a rejeição que sofreu pelo mundo, os sofrimentos, a Paixão e a morte. Agora, disse aos apóstolos, “vou para o Pai”, referindo-se à Sua Ressurreição dos mortos, Sua Ascensão ao Pai e à glória, e a Descida de Seu Espírito. O efeito dessas verdades básicas sobre o mundo agora ele começaria a elaborar.

A TRIPLA MISSÃO DO ESPÍRITO

E, quando ele [o Paráclito] vier,
convencerá o mundo a respeito
do pecado, da justiça e do juízo.
(São João 16,8)

Essa é a descrição da tripla vitória que o Espírito Santo terá sobre o mundo por intermédio dos apóstolos — uma vitória que não é física, mas moral. De um lado, haveria a verdade divina, de outro, o falso espírito do mundo. A missão do Espírito seria a de convencer e provar ao mundo o erro em três áreas: a visão do mundo de pecado, a visão do mundo de justiça e a visão do mundo de juízo.

Convencerá o mundo a respeito do pecado,
que consiste em não crer em mim.
(São João 16,9)

A primeira convicção do Espírito, ou demonstração, seria a verdade de que o homem é pecador. O pecado nunca é totalmente compreendido em termos de uma violação da lei; o mal é revelado quando é visto o que faz a quem é amado. A incredulidade que gerou a crucifixão, portanto, tem o pecado em sua essência. O pecado, em plenitude, é a rejeição de Cristo. A via comum de ganhar os homens para a verdade é por algum apelo popular. Entretanto, o Espírito ganhará os homens para a verdade por convencê-los de sua pecaminosidade; ao fazê-lo, terá revelado o fato de Cristo ter sido, primeiro, um redentor ou salvador do pecado.

O ministério do Espírito condenaria o mundo de pecado a partir de outro ponto de vista, porque este se recusou a crer no Cristo. Pela incredulidade ou pela recusa em aceitar a libertação do pecado que Cristo trouxe, afirma-se o antagonismo ao divino. A própria incredulidade que os homens demonstram para com Ele revela onde está escondido o pecado. Nada, senão o Espírito, pode convencer o homem do pecado: a consciência não pode fazê-lo, pois, às vezes, pode ser abafada; a opinião pública não pode fazê-lo, pois, às vezes, justifica o pecado; mas o pecado mais grave de todos que o Espírito revelaria não seria a intemperança, a avareza ou a luxúria, mas a descrença em Cristo. É esse mesmo Espírito de Deus que torna o pecador não só consciente de seu estado, mas também o faz contrito e penitente quando aceita a redenção.

Rejeitar o redentor é preferir o mal ao bem. O crucifixo é uma autobiografia em que o homem pode ler a própria história, seja a própria salvação ou a própria condenação. Desde que o pecado passou a ser visto somente do ponto de vista psicológico, a Cruz de Cristo parece um exagero. A areia do deserto, o sangue de um animal ou a água podem muito bem purificar o homem. No entanto, uma vez que o pecado é visto à luz da Santidade Infinita, então somente a Cruz de Cristo pode igualar e satisfazer esse trágico horror.

A segunda acusação do Espírito relaciona-se com a justiça.

Ele o convencerá a respeito da justiça,
porque eu me vou para junto do meu Pai
e vós já não me vereis.
(São João 16,10)

À primeira vista, parece artificial ver como o Cristo poderia dizer que Sua Ascensão ao Pai não teria relação alguma com a retidão do coração. Entretanto, aqui, acrescentou algo ao que dissera sobre o pecado. Como o mundo, por vezes, vê o pecado somente como atos de transgressão e não de descrença, então, em muitas ocasiões vê justiça em atos de filantropia, mas não na justificação que o homem tem à direita do Pai por Cristo. Uma vez que Nosso Senhor ascenda aos céus, o Espírito demonstra como o mundo estava errado ao vê-lo como um criminoso e malfeitor. A Ascensão transforma todos os padrões de certo e errado do mundo. O fato de o Pai exaltá-lo à sua direita comprovaria que todas as acusações feitas a Ele eram falsas. O mundo foi injusto ao rejeitá-lo.

Uma vez que o homem esteja convencido da própria pecaminosidade, não pode estar convencido da própria justiça; uma vez convencido de que Cristo o salvou do pecado, então está convencido de que Cristo é a sua justiça. Entretanto, podemos falar de justiça para quem não é pecador. O fariseu diante do templo estava convencido da própria justiça; os líderes do templo que O condenaram à morte estavam convencidos da própria justiça. A Sexta-Feira Santa parece imputar o pecado ao Cristo e a justiça aos Seus juízes, mas o Pentecostes e a vinda do Espírito atribuiriam a justiça ao crucificado e o pecado aos juízes. Para aqueles que O rejeitaram, a justiça surgiria, um dia, como uma justiça terrível; para os pecadores que O aceitaram e aliaram-se à vida Dele, a justiça se mostraria misericórdia.

Ele o convencerá a respeito do juízo,
que consiste em que o príncipe deste mundo
já está julgado e condenado.
(São João 16,11)

A última das três convicções relaciona-se com o juízo. Quando o pecado e a justiça colidem, haverá o juízo em que o pecado será destruído. Quem está sendo julgado aqui é “o príncipe deste mundo” ou Satanás, o que governa este mundo. O julgamento do príncipe deste mundo foi realizado pela Cruz e Ressurreição, pois o mal nunca pode fazer nada mais poderoso do que matar a carne do Filho de Deus. Derrotado, nunca poderia ser novamente vitorioso. Adão e Eva, após o pecado, confrontaram-se com a justiça de Deus, e o julgamento foi a expulsão do Paraíso. No dilúvio, os pecados da humanidade foram confrontados com a santidade de Deus, e a inundação veio como juízo. Quando Israel saiu do Egito, o êxodo foi efetuado por um julgamento divino; portanto, quando é chegado o Espírito da Verdade, trará de volta para os corações e as mentes dos homens o juízo inerente à vida e à morte de Nosso Senhor e a vitória suprema sobre o mal. Pelos próprios olhos, o mundo não pode ser condenado, mas pode ser condenado aos olhos daqueles cuja visão foi purificada pela Cruz. O Espírito Santo revelaria aos homens a verdadeira natureza do grande drama que foi consumado na Cruz.

A ORAÇÃO DO SENHOR AO PAI

Um aviador, o comandante de um submarino ou um oficial no campo costumam enviar a seus superiores a mensagem lacônica: “missão cumprida”. Nosso Bendito Senhor tinha dito Sua última palavra ao mundo; operou milagres como sinal de Sua divindade; levou a cabo os negócios que o Pai lhe tinha dado para fazer. Era chegada a hora de dirigir ao Pai Celestial a oração sacerdotal de “missão cumprida”. Em literatura alguma se encontra a simplicidade e a profundidade, a grandeza e o fervor desta última oração. Ele ensinou aos homens como orar o “Pai Nosso”; agora, diria “Meu Pai”.

A oração estava baseada em sua consciência de mediador entre o Pai e a humanidade. Pela sétima vez, falou de Sua “Hora”, que invariavelmente aludia a Sua morte e glorificação.

Pai, é chegada a hora.
Glorifica teu Filho, para que teu Filho glorifique a ti;
e para que, pelo poder que lhe conferiste sobre toda criatura,
ele dê a vida eterna a todos aqueles que lhe entregaste.
Ora, a vida eterna consiste em que conheçam a ti,
um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste.
Eu te glorifiquei na terra.
Terminei a obra que me deste para fazer.
Agora, pois, Pai, glorifica-me junto de ti,
concedendo-me a glória que tive junto de ti,
antes que o mundo fosse criado.
(São João 17,1-5)

Durante a Última Ceia, Nosso Bendito Senhor usou a palavra “Pai” 45 vezes. Até então, o mundo conhecera o Ser Supremo apenas como Deus. Agora, Ele enfatizava que Deus é *Pai*, por causa de Sua atitude paternal e de intimidade para com os homens; também anunciou que agora Ele, o Filho Divino, concluíra Sua missão temporal na terra, e Sua humanidade estava pronta para receber a glória celestial. Quando o Verbo se fez carne, houve um rebaixamento, um esvaziamento e uma submissão. O que pedia não era a glória de Sua natureza divina, pois esta nunca se perdeu, mas, sim, a glorificação de algo que Ele não tinha antes de vir a este mundo, a saber, a glorificação da natureza humana recebida de Maria. Sua natureza humana tinha o direito à glória por causa da união com Ele mesmo. Em seguida, disse aos discípulos no caminho de Emaús:

Porventura não era necessário
que Cristo sofresse essas coisas
e assim entrasse na sua glória?
(São Lucas 24,26)

O Senhor definiu a vida eterna como conhecer o Pai e Seu Filho Divino, Jesus Cristo. Não bastava saber da existência de Deus conforme provada pela razão; essa, de fato, é a base da religião natural, mas a vida eterna vem tão somente do conhecimento de Jesus Cristo. O mais notável nessa afirmação de que Ele é a vida eterna é que ela foi pronunciada a 18 horas de Sua morte. O Pai, disse o Senhor, foi glorificado indiretamente em Seu sofrimento mortal. Isso aconteceu pelo cumprimento da missão do Pai de redimir a humanidade. Por toda a história, a mente do homem voltou-se para Deus, mas havia apenas conjecturas de qual era a vontade de Deus. Jesus disse aqui que tinha um plano antes de vir, e falou dele como concluído antes de ser crucificado, tal era Seu desejo de obedecer ao Pai. Nenhum jovem de 33 anos que já viveu podia dizer: “Recebi uma ordem de Deus e a cumpri”. Mas aqui estava a afirmação de que o último fio tinha sido traçado na tapeçaria da providência. Ele era o “Cordeiro de Deus imolado desde a fundação do mundo” pela vontade divina. Havia chegado, então, a “hora” ou o momento da execução daquela vontade. Com

ela, Ele pediu ao Pai que tomasse Sua natureza humana na glória da majestade preexistente da divindade.

A AUTORIDADE DOS APÓSTOLOS

A parte seguinte da oração falava da relação entre o Pai, o Filho e os apóstolos; tinha a ver com a autoridade destes.

Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste.
Eram teus e deste-mos e guardaram a tua palavra.
Agora eles reconheceram que todas as coisas que me deste
procedem de ti.
Porque eu lhes transmiti as palavras que tu me confiaste
e eles as receberam e reconheceram verdadeiramente que saí de
ti,
e creram que tu me enviaste.
Por eles é que eu rogo.
Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque
são teus.
(São João 17,6-9)

Deus não é só poder ou um vago Motor imóvel, como Aristóteles o concebia; é um Pai amorosíssimo que não é inteiramente conhecido e compreendido senão por Seu Filho. A seguir, Jesus descreveu os apóstolos em quem Sua Presença foi sentida: foram separados do mundo que estava tomado de incredulidade, mas eram propriedade do Pai. Todos aqueles que se tornaram Seus Seguidores, disse, são dádivas do Pai. Ele os manteve como o Pastor as ovelhas, ensinou-os como um mestre aos discípulos, curou-os como um médico os pacientes. O Pai mergulhou a mão todo-poderosa nessa massa pecaminosa da humanidade e separou dela homens do mundo; colocou-os então nos braços de Seu Divino Filho, que, por sua vez, deu-lhes poder de levar adiante Sua obra, falar em Seu Nome e aplicar os méritos de Sua Redenção.

Nosso Divino Senhor observa aqui a continuidade da missão — do Pai até Ele e Dele aos apóstolos. Qualquer outro corpo de homens que possa, em

cinquenta, cem ou quinhentos anos, ler algo que um dos evangelistas escreveu depois de Sua morte careceria daquele contato direto essencial para a comunicação do poder divino. Credo que o Pai enviara o Filho e que eles se sentaram com o Filho feito carne, podiam agora atestar o fato de que Ele os enviara. A Cruz haveria de estar sobre seus ombros como estava nos ombros do Senhor; Ele foi caluniado, e eles também seriam vilipendiados. Se partilhassem do espírito do mundo, e não do Espírito que o Senhor lhes daria, seriam amados pelo mundo.

Depois de pedir que os apóstolos permanecessem em amor, Nosso Senhor pediu ao Pai que fossem livrados do mal. Disse que estava deixando o mundo, mas que eles permaneceriam nele, embora o mundo os odiasse do mesmo modo como O crucificariam. Eles, e todos os que se uniriam a Ele por intermédio do corpo apostólico, haveriam de estar *no* mundo, mas não seriam *do* mundo. Nosso Senhor não pediu ao Pai que fossem poupados de doença, de escárnio ou de acusações falsas; pediu apenas que fossem preservados do pecado. Os ataques materiais exteriores deveriam ser enfrentados pela resistência espiritual interior. Uma vez que haviam de ser ridicularizados pelo mundo, o Senhor estava pedindo que resistissem por amor ao Seu nome. Não havia escapismo. O mundo diria: “Se aceitais a Cristo, então sois escapistas”. Mas Cristo disse que, se fugimos Dele, é que somos escapistas. Ele mesmo deu o golpe de misericórdia na acusação de que Sua religião era um escape. No monte das beatitudes, disse a seus seguidores que se considerassem felizes se fossem perseguidos; agora, dizia-lhes que tinham de ser coparticipantes do ódio que Ele mesmo sofria. A Cruz não é nenhum “escape”; é um fardo — “um jugo suave e um fardo leve” (São Mateus 11,30).

Viver em meio à contaminação do mundo e ao mesmo tempo imune a ela é algo impossível sem a graça. Agora, o pedido ao Pai era que os santificasse.

Não peço que os tires do mundo,
mas sim que os preserves do mal.
Eles não são do mundo,
como também eu não sou do mundo.
Santifica-os pela verdade.
A tua palavra é a verdade.
(São João 17,15-17)

No Antigo Testamento, aqueles que serviam a Deus tinham de ser santos.

Farás uma lâmina de ouro puro na qual gravarás,
como num sinete, Santidade a Javé.
Prendê-la-ás com uma fita de púrpura violeta na frente do
turbante.
Estará na frente de Aarão, que levará assim a carga das faltas
cometidas pelos israelitas,
na ocasião de algumas santas ofertas que possam apresentar:
estará continuamente na sua frente,
para que os israelitas sejam aceitos pelo Senhor.
(Êxodo 28,36-38)

A santidade, outrora evidenciada pela insígnia na frente sacerdotal, agora estaria no coração por meio do Espírito que Santifica. Não bastava que fossem santos; tinham de ser “santificados pela verdade”. Assim como a luz do sol purifica o corpo de doenças, assim também Sua verdade, disse Ele, santificava a alma e a preservava do mal.

A santidade há de ter um fundamento filosófico e teológico, a saber, a verdade divina; de outra sorte, é sentimentalismo e emocionalismo. Muitos diriam mais tarde: “Queremos religião, mas sem credos”. É como dizer que queremos cura, mas sem medicina; música, mas sem as suas regras; história, mas sem documentos. Religião é de fato uma vida, mas provém da verdade, e não pode dela se apartar. Diz-se que pouco importa em que você crê; tudo depende de como você age. Isso é uma tolice psicológica, pois o homem age com base em suas crenças. Nosso Senhor pôs a verdade ou a fé Nele em primeiro lugar; em seguida vêm a santificação e as boas obras. Aqui, no entanto, a verdade não era um ideal vago, mas uma pessoa. A verdade agora era amável, porque só uma pessoa é amável. A santidade se torna a resposta do coração à verdade divina e a sua graça ilimitada à humanidade. Então Nosso Senhor acrescentou que, como Ele fora enviado para cumprir os negócios do Pai, assim eles, santificados pelo Espírito de santidade, seriam enviados por toda a terra como Seus embaixadores.

Como tu me enviaste ao mundo,
também eu os enviei ao mundo.
(São João 17,18)

Quando o Verbo se fez carne, a natureza humana que estava unida a Ele foi santificada e consagrada a Deus. Agora, Ele pedia que aqueles que agiriam em seu nome fossem tão dedicados a Ele segundo suas respectivas naturezas assim como Ele se dedicara a Deus conforme a própria natureza. No dia seguinte, por causa deles, Ele se ofereceria na Cruz para comprar-lhes a dedicação à santidade. Mais eficaz do que as vítimas da Lei antiga com todas as suas sombras e figuras, o holocausto de Cristo providenciou-lhes uma santificação autêntica:

Santifico-me por eles para que também
eles sejam santificados pela verdade.
(São João 17,19)

Ele não reteve nada; tudo que era em Corpo, Sangue, Alma e Divindade sacrificou por eles em total rendição. Onde Seu Sangue, aquele do Cordeiro de Deus, fosse aspergido, ali estaria Seu Espírito e santificação. Ninguém O conduziria ao matadouro. Oferecer-se-ia “por causa deles”, a fim de ser-lhes a fonte da vida. Então, tanto aquele que santificava quanto os que foram santificados seriam um. Os pecados do mundo foram transferidos para Ele, e a Cruz foi o resultado; Sua santidade e santificação foram transferidas aos apóstolos e àqueles que, por meio deles, creriam no Senhor. São Paulo parafrasearia essa ideia em sua epístola aos coríntios.

Aquele que não conheceu o pecado,
Deus o fez pecado por nós,
para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus.
(2 Coríntios 5,21)

A ORAÇÃO PELOS FIÉIS

A terceira parte de Sua oração foi por aqueles que através dos séculos creriam nele por causa dos apóstolos:

Não rogo somente por eles,
mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim.
Para que todos sejam um, assim como tu, Pai,
estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós
e o mundo creia que tu me enviaste.
Dei-lhes a glória que me deste,
para que sejam um, como nós somos um:
eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade
e o mundo reconheça que me enviaste
e os amaste, como amaste a mim.
(São João 17,20-23)

As preocupações mais profundas de Seu Sagrado Coração abarcavam as dimensões do universo, assim o tempo como o espaço. Ele não teria unido apenas os apóstolos em amor Consigo, mas também faria de todas as almas crentes, por meio do ministério apostólico, um com Ele. A unidade com o Senhor não seria global e confusa, mas íntima e pessoal, pois Ele disse: “Chamo minhas ovelhas pelo nome”. Embora estivesse agora se dirigindo apenas a 11 homens, tinha em mente todos os milhões que mais tarde viriam a crer Nele por meio destes homens e de seus sucessores. O vínculo de unidade deve existir entre os crentes e o Senhor, com base naquela unidade mais elevada que há entre o Senhor e o Pai. Visto que o Pai e Ele são um no Espírito, em poucos minutos Ele lhes contaria que este Espírito haveria de vir sobre eles para fazer deles verdadeiramente um. Chamou a esse Espírito de “Espírito da verdade”, isto é, Seu Espírito. Assim como o corpo é um porque tem alma, assim também a humanidade deve ser uma quando tem o mesmo Espírito que faz do Pai e do Filho um no céu. A unidade que os crentes tinham de ter com Ele havia de ser intermediada pelos apóstolos. Então, concluiu essa parte da oração por santidade e unidade de Seu Corpo Místico com as seguintes palavras:

Pai, quero que, onde eu estou,
estejam comigo aqueles que me deste,
para que vejam a minha glória que me concedeste,
porque me amaste antes da criação do mundo.
Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci,
e estes sabem que tu me enviaste.
Manifestei-lhes o teu nome, e ainda hei de lho manifestar,
para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles.
(São João 17,24-26)

Aquele que agora disse que completara Sua obra terrena designou seus seguidores como uma comunidade, ou uma fraternidade. No início da oração, Ele tinha simplesmente invocado o Pai dizendo: “É por estes que oro”. Agora, torna-se mais categórico e expressa Sua vontade: “Este é meu desejo, Pai”. Reconheceu que essa unidade seria completa e perfeitamente alcançada apenas na glória e na eternidade. Todos os membros de Seu Corpo Místico um dia veriam essa glória quando estivessem com Ele; então seria revelada a glória que Ele tinha antes que “o verbo se fizesse carne e habitasse entre nós”, a glória que era Dele “antes da fundação do mundo”.

No Pai Nosso, que Ele ensinou aos homens, havia sete petições. No “Meu Pai”, também havia sete petições, e faziam referência aos apóstolos que eram o fundamento de Seu Reino na terra. Primeiro, sua união contínua com Ele; segundo, a alegria deles como resultado dessa união; terceiro, a proteção do mal; quarto, a santificação na verdade que é Ele mesmo; quinto, a unidade de uns com os outros; sexto, que enfim fossem um com Ele; e, sétimo, que percebessem Sua glória.

A AGONIA NO JARDIM

Registrada na história de Nosso Senhor há somente uma vez em que Ele cantou, e isso foi depois da Última Ceia quando partiu para a morte no Jardim do Getsêmani:

Terminado o canto dos Salmos,
saíram para o monte das Oliveiras.
(São Marcos 14,26)

Os cativos na Babilônia penduravam as harpas nos salgueiros, pois não podiam levar uma canção que provinha de seus corações para uma terra estrangeira. Um cordeiro dócil não abre a boca ao ser levado ao abate, mas o verdadeiro cordeiro de Deus cantou de alegria diante da perspectiva da redenção do mundo. Então, veio a grande advertência de que todos poderiam ter, Nele, a confiança abalada.

A “Hora”, sobre a qual muitas vezes falara, aproximava-se depressa; quando chegasse, ficariam scandalizados: se Ele era Deus, por que haveria de sofrer?

Esta noite serei para todos vós
uma ocasião de queda.
(São Mateus 26,31)

Aquele que seria a pedra angular da fé dos apóstolos nos dias seguintes nesse momento os advertia de que também seria a pedra de tropeço. Denominou-Se “o bom pastor” e, agora, era a hora de dar a vida por Suas ovelhas. Remontando a séculos de profecias, lhes citava, nesse momento, o que predissera Zacarias:

Fere o pastor, que as ovelhas sejam dispersas
(Zacarias 13,7)

Para ser um Salvador, Cristo deveria ser um sacrifício. Era isso o que os escandalizaria. Na verdade, uma hora depois, todos os apóstolos O abandonaram e partiram. No entanto, já que nunca falou de Sua Paixão sem predizer a Ressurreição, imediatamente acrescentou palavras que eles não compreendiam:

Mas, depois da minha Ressurreição,
eu vos precederei na Galileia.
(São Mateus 26,32)

Tal promessa nunca fora feita antes: um morto marcando um encontro com os amigos depois de três dias na sepultura. Embora a ovelha pudesse abandonar o pastor, o pastor encontraria a ovelha. Como Adão perdeu a herança da união com Deus em um jardim, da mesma maneira Nosso Senhor Bendito inaugurava a restauração em um jardim. O Éden e o Getsêmani foram os dois jardins em torno dos quais girou o destino da humanidade. No Éden, Adão pecou; no Getsêmani, Cristo tomou sobre Si os pecados da humanidade. No Éden, Adão escondeu-se de Deus; no Getsêmani, Cristo intercedeu junto ao Pai; no Éden, Deus procurou por Adão em seu pecado de rebelião; no Getsêmani, o novo Adão procurou o Pai, submeteu-Se e resignou-Se. No Éden, uma espada foi empunhada para evitar a entrada no jardim e, assim, a imortalização do mal; no Getsêmani, a espada seria posta na bainha.

O jardim chamava-se Getsêmani por conta da presença de uma prensa de azeitonas. Não foi a primeira vez que Nosso Senhor esteve nesse jardim.

Jesus ia frequentemente para lá com os seus discípulos.
(São João 18,2)

Além disso, muitas vezes passava as noites lá:

Durante o dia Jesus ensinava no templo e,
à tarde, saía para passar a noite
no monte chamado das Oliveiras.
(São Lucas 21,37)

Judas já tinha dado andamento a seu negócio escuso de traição. Oito dos apóstolos foram deixados perto da entrada do Getsêmani; os outros três, Pedro, Tiago e João, que foram os companheiros de Jesus quando Ele ressuscitou a filha de Jairo e quando Sua face resplandeceu como o sol no Monte da Transfiguração, foram com o Senhor para o jardim. É como se, naquela última luta no vale das sombras, Sua alma humana ansiasse pela presença daqueles que mais O amavam. Por parte dos apóstolos, estavam fortalecidos pelo escândalo de Sua morte, já que tinham visto a prefiguração de Sua glória na Transfiguração. Ao entrar no jardim, Ele lhes disse:

Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar.
(São Mateus 26,36)

Começando a ficar “consternado e angustiado”, disse aos três apóstolos:

Minha alma está triste até a morte.
Ficai aqui e vigiai comigo.
(São Mateus 26,38)

Isaías profetizara que recairia sobre Ele a iniquidade de todos. No cumprimento dessa profecia, experimentou a morte por todos os homens, suportando a culpa como se fosse própria. Dois elementos estavam

inseparavelmente unidos — carregar a culpa e obedecer sem pecado. Prostrado com a face por terra, nesse momento rezava ao Pai Celestial:

Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice!
Todavia não se faça o que eu quero,
mas sim o que tu queres.
(São Mateus 26,39)

Suas duas naturezas, a divina e a humana, estavam ambas encerradas nessa prece. Ele e o Pai eram um; não era o “Nosso Pai”, mas o “Meu Pai”. Inquebrantável era a consciência do amor do Pai, mas, por outro lado, Sua natureza humana recuou da morte como uma penalidade pelo pecado. A contração natural da alma humana diante da punição merecida pelo pecado era dominada pela submissão divina à vontade do Pai. O “não” ao cálice da Paixão era humano; o “sim” à vontade divina era a superação da relutância humana ao sofrimento por conta da redenção. Tomar o cálice amargo do sofrimento humano que expia o pecado e adoçá-lo com gotículas de “Deus assim o quer” é o sinal Daqule que sofreu em nome do homem e, ainda assim, Aquele cujo sofrimento tinha valor infinito, porque era Deus bem como homem.

Essa cena é envolta por um halo de mistério que nenhuma mente humana pode adequadamente penetrar. Podemos tentar adivinhar, de modo vago, o horror psicológico dos progressivos estágios de medo, ansiedade e pesar que O prostraram antes que um único golpe tivesse sido dado. Dizem que os soldados temem muito mais a morte antes da hora zero de um ataque do que no calor da batalha. A luta ativa tira o medo da morte que se faz presente quando a contemplamos sem agir. Entretanto, há algo mais profundo na antecipação tranquila da contenda vindoura que acresceu sofrimento mental a Nosso Senhor. É bem provável que a agonia no jardim tenha Lhe custado muito mais sofrimento que a dor física da crucifixão, e, talvez, tenha levado Sua alma a regiões muito mais sombrias que em qualquer outro momento da Paixão, com a possível exceção do momento na cruz em que bradou:

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?
(São Mateus 27,46)

Seus sofrimentos mentais eram muito diferentes dos sofrimentos de um simples homem, porque além de possuir inteligência humana, Ele também era dotado de inteligência divina. Ademais, tinha um organismo físico que era tão perfeito quanto pode ser um organismo humano; portanto, era muito mais sensível à dor que nossa natureza humana, que foi calejada por emoções brutas e por experiências malignas.

Essa agonia pode ser retratada de maneira débil ao percebermos que há diferentes graus de dor em vários níveis das criações. Os humanos muitas vezes exageram a dor dos animais ao pensar que estes sofrem como os humanos. O motivo por que não sofrem de maneira tão intensa quanto os humanos é que não têm intelecto. Cada pulsação de dor animal é separada e distinta e não está relacionada a nenhuma outra pulsação. No entanto, quando o homem sofre uma dor, volta ao passado de sua memória intelectual, acresce todas as dores anteriores e as faz recair sobre si, dizendo: “Esta é a terceira semana de agonia” ou “este é o sétimo ano em que sofro”. Ao resumir todos os golpes anteriores do martelo da dor, faz da centésima pancada algo misto em si, com a intensidade multiplicada pelos 99 golpes anteriores. Isso o animal não pode fazer. Por essa razão o homem sofre mais que as feras.

Além disso, a mente humana não só pode fazer o passado enfrentar o presente, como pode olhar adiante e fazer o futuro enfrentar o presente. O homem não somente pode dizer “sofri essa agonia por sete anos”, como também “as perspectivas são de que sofrerei por mais sete anos”. A mente humana alcança o futuro indefinido e traz para si toda essa agonia imaginada que, para isso, ainda está armazenada e a adiciona ao momento presente de dor. Por essa habilidade mental, não só de se lançar em um amontoado de sofrimentos contínuos do passado, como também de se postar sob a pilha de torturas futuras imaginadas, o homem pode sofrer muito mais que qualquer animal. O homem se impregna do que aconteceu e do que acontecerá. É por isso que, quando prestamos assistência ao doente, em geral, tentamos distraí-lo, interrompendo a continuidade de sua dor e fazendo-o relaxar a mente, o que torna menos provável que aumente a agonia.

Entretanto, no caso de Nosso Senhor, há duas diferenças que devem ser mencionadas. Primeiro, o que predominava em sua mente não era a dor física, mas a dor moral ou o pecado. Havia, de fato, o medo natural da morte que deveria ter por Sua natureza humana; mas não era esse medo vulgar que dominava Sua agonia. Era algo muito mais mortal que a morte. Era o fardo do

mistério do pecado do mundo que repousava em Seu coração. Segundo, em acréscimo ao Seu intelecto humano que se desenvolvera pela experiência, tinha o intelecto infinito de Deus que conhecia todas as coisas e via o passado e o futuro como presente.

Pobres humanos, tão acostumados ao pecado que não percebem seu horror. O inocente compreende o horror do pecado muito melhor que o pecador. A única coisa com a qual o homem nunca aprende nada por experiência é o pecado. Um pecador se torna infectado pelo pecado. Torna-se parte dele, de modo que pode até acreditar ser virtuoso, assim como os febris podem crer estar bem. Somente o virtuoso, que está fora da corrente do pecado, pode olhar para o mal como um médico olha para a doença, pode compreender o total horror do pecado.

O que Nosso Senhor contemplou em Sua agonia não foi somente o esbofetear dos soldados e o amarrar das mãos e dos pés a uma haste de contradição, mas, sim, o fardo terrível do pecado do mundo e o fato de o mundo estar prestes a desprezar Seu Pai ao rejeitá-Lo, o Filho Divino. O que é o mal senão a exaltação da vontade própria diante da vontade amorosa de Deus; o desejo de ser um deus para si mesmo; acusar Sua sabedoria de bobagem e Seu amor de desejo de ternura? Ele não retrocedeu do rijo leito da Cruz, mas do quinhão do mundo de construí-lo. Queria que o mundo deixasse de cometer o ato mais perverso de pecado perpetrado pelos filhos dos homens — matar a Bondade Suprema, a Verdade e o Amor.

Grandes personagens e grandes almas são como montanhas — atraem as tempestades. Sobre suas cabeças irrompem trovões; em volta dos topos expostos lampejam os raios e a aparente ira de Deus. Aqui, no momento, estava a alma mais solitária, mais triste que já viveu neste mundo, o próprio Senhor. Maior que todos os homens, ao redor de sua fronte pareciam castigar as próprias tormentas de iniquidade. Ali estava toda a história do mundo resumida em um átimo, o conflito da vontade de Deus e da vontade do homem.

Está além da capacidade humana perceber como Deus sentiu a oposição das vontades humanas. Talvez o mais próximo disso seja quando os pais sentem a estranheza do poder da vontade obstinada de seus filhos ao rechaçar e desprezar a advertência, o amor, a esperança ou o medo da punição. Uma capacidade demasiado forte que reside em um corpo tão diminuto e em uma mente tão infantil; ainda assim, esse é um quadro débil dos homens quando

pecam voluntariamente. O que é o pecado para a alma senão um princípio de sabedoria e uma fonte de felicidade apartados a realizar fins próprios como se não houvesse Deus? O anticristo nada mais é do que o pleno crescimento sem obstáculos da vontade própria.

Esse foi o momento em que Nosso Senhor Bendito, em obediência à vontade do Pai, tomou sobre si as iniquidades de todo o mundo e se tornou o portador do pecado. Sentiu toda a agonia e a tortura daqueles que negam a culpa ou o pecado com impunidade e não fazem penitência. Foi o prelúdio da terrível deserção que teve de suportar e que faria justiça ao Pai ao pagar o débito que nos era devido: ser tratado como um pecador. Foi castigado como pecador muito embora não houvesse pecado Nele — isso que Lhe causara agonia, a maior que o mundo já viu.

Assim como os sofredores olham para o passado e para o futuro, da mesma forma olhou o Redentor para o passado e para todos os pecados já cometidos; também olhou para o futuro, para todos os pecados que seriam cometidos até o Juízo Final. Não foram as pancadas de dor passadas que trouxe ao presente, mas, sim, cada ato mau deliberado e cada pensamento degradante oculto. Ali estava o pecado de Adão, quando, como o cabeça da humanidade, perdeu para todos os homens a herança da graça de Deus; ali estava Caim, escarlata, na mortalha do sangue de seu irmão; ali estavam as abominações de Sodoma e Gomorra; ali estava o esquecimento de seu próprio povo, que se prostrou diante de falsos deuses; ali estava a ignorância dos pagãos, que se rebelaram até contra a lei natural; todos os pecados ali estavam: os pecados cometidos no país que fizeram toda a natureza enrubescer; os pecados cometidos na cidade, na fétida atmosfera citadina pecaminosa; os pecados dos anciãos, que deveriam ter passado da idade de pecar; os pecados cometidos nas sombras, onde pensavam não penetrar os olhos de Deus; os pecados cometidos à luz, que faziam tremer até os perversos; pecados deveras horríveis para mencionar, pecados demasiado terríveis para nomear: Pecado! Pecado! Pecado!

Uma vez que Sua mente pura e sem pecado trouxe toda a iniquidade do passado para a alma como se Sua fosse, agora alcançava o futuro. Viu que Sua vinda ao mundo com o intento de salvar os homens intensificaria o ódio de alguns a Deus; viu as traições dos futuros Judas; os pecados de heresia que lacerariam o corpo místico de Cristo; os pecados dos comunistas, que não podiam forçar Deus a sair do céu, mas que expulsariam seus embaixadores da terra; viu o rompimento dos votos matrimoniais, as mentiras, as calúnias, os

adultérios, os assassinatos, as apostasias — todos esses crimes foram lançados em Suas mãos, como se os tivesse cometido. Desejos malignos foram postos em seu coração como se Ele mesmo os tivesse gerado. Mentiras e cismas jaziam em sua mente, como se Ele mesmo os tivesse concebido. As blasfêmias pareciam estar em Seus lábios, como se as tivesse proferido. De Norte a Sul, Leste a Oeste, o miasma nauseabundo dos pecados do mundo avançava em Sua direção como uma enxurrada; como um Sansão, recebeu e atraiu todo o pecado do mundo sobre Si como se fosse culpado, pagando a dívida em nosso nome, a fim de que pudéssemos, mais uma vez, ter acesso ao Pai. Estava, por assim dizer, preparando-Se mentalmente para o grande sacrifício, a lançar sobre Sua alma sem pecado os pecados de um mundo criminoso. Para a maioria dos homens, o fardo do pecado é tão natural quanto as roupas que vestem, mas, para Ele, o toque daquilo que os homens tomam tão facilmente para si era a mais certa agonia.

Entre os pecados do passado que arrastou para Sua alma como se Dele fossem e os pecados futuros que O fizeram ponderar a utilidade da morte — *Quae utilitas in sanguine meo* —, estava o horror do presente.

Encontrou os apóstolos adormecidos por três vezes. Homens preocupados com a luta contra os poderes das trevas não podiam dormir — mas esses homens adormeceram. Não é de espantar, então, com a culpa acumulada de todas as eras pendendo sobre Si como uma peste, que Sua natureza corpórea padecesse. Assim como um pai em agonia pagará a dívida de um filho rebelde, nesse momento sentia a culpa em tal grau que o sangue esvaiu de Seu corpo, sangue que verteu como contas carmesins por sobre as raízes das oliveiras do Getsêmani, gerando o primeiro rosário da redenção. Não foi a dor física que Lhe causou a agonia da alma; mas o completo pesar da rebelião contra Deus que gerava a dor corpórea. Há muito se observou que a resina que exsuda da árvore sem corte é sempre a melhor. Aqui, as melhores porções jorraram quando não havia açoitado, cravos nem feridas. Sem lancetar, mas por mera voluntariedade do sofrimento de Cristo, o sangue jorrou livremente.

O pecado está no sangue. Todo médico sabe disso; mesmo os transeuntes podem atestar. A embriaguez está nos olhos, no rosto inchado. A avareza está escrita nas mãos e nos lábios. A luxúria está escrita no olhar. Não há libertino, criminoso, fanático ou pervertido que não tenha esse ódio ou inveja inscritos em cada milímetro do corpo, em cada passagem e vicia do sangue e em cada célula do cérebro.

Já que o pecado está no sangue, este deve ser derramado. Como Nosso Senhor desejou que o derramamento do sangue de bodes e animais devesse prefigurar a própria expiação, da mesma maneira desejou mais ainda que os pecadores nunca mais derramassem sangue algum em guerras ou por ódio, mas tão somente invocassem Seu Precioso Sangue agora derramado em redenção. Já que todos os pecados precisam de expiação, o homem moderno, em vez de pedir o perdão no Sangue de Cristo, derrama o sangue dos próprios irmãos em guerras obscenas. Toda a vermelhidão da terra não cessará até que o homem em plena consciência de seus pecados comece a invocar para si, em paz e em perdão, o sangue redentor de Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Toda alma pode, ao menos vagamente, compreender a natureza da batalha que ocorreu à luz do luar no Jardim do Getsêmani. Todo coração sabe algo a esse respeito. Ninguém jamais chegou aos vinte anos — para não dizer aos quarenta, aos cinquenta, ou aos setenta anos de vida — sem refletir, com algum grau de seriedade, sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca e sem experimentar a tensão terrível causada pela alma em pecado. Erros e tolices não se apagam da memória; pílulas para dormir não os silenciam; psicanalistas não podem explicá-los. O brilho da juventude pode fazê-los desvanecer em contornos tênues, mas há tempos de silêncio — ao ficar doente, acamado, em noites insones, no mar aberto, em momentos de quietude, na inocência no rosto de uma criança —, quando esses pecados, como espectros ou fantasmas, ardem com inexorável fulgor em nossas consciências. Sua força pode não ser percebida em um momento de paixão, mas a consciência aguarda o momento e, em alguma hora, em algum lugar, terá de suportar sua força intransigente e ver nascer um temor na alma que a deve fazer voltar novamente a Deus. Ainda que possam ser terríveis as agonias e torturas de uma única alma, elas são apenas uma gota no oceano da culpa da humanidade que o Salvador sentiu como Sua no jardim.

Ao encontrar os apóstolos dormindo pela terceira vez, o salvador não perguntou de novo se podiam velar por uma hora com ele; mais terrível que qualquer reprimenda foi a autorização, digna de nota, para dormir:

Dormi agora e repousai!
Chegou a hora: o Filho do Homem
vai ser entregue nas mãos dos pecadores...

(São Mateus 26,45)

Os seguidores cansados foram autorizados a dormir até o último momento. Sua compaixão não era mais necessária; enquanto os amigos dormiam, os inimigos conspiravam. É possível que tenha havido um intervalo entre Ele os descobrir adormecidos e a chegada de Judas e os soldados. Nesse momento, podiam continuar a dormir. A “Hora” a que tinha ansiosamente aspirado era, agora, iminente. À distância, estava o ruído dos passos pesados dos soldados romanos, os passos irregulares e apressados da multidão e das autoridades do templo com um traidor à frente.

Levantai-vos, vamos!

Aquele que me trai está perto daqui.

(São Mateus 26,46)

O BEIJO PEÇONHENTO

A PRISÃO NO JARDIM

Aquele que havia libertado Lázaro das ataduras da morte submetia-se agora à morte. Judas conduziu um grupo de guardas dos chefes dos sacerdotes e fariseus, que empunhavam lanternas, archotes e armas. Judeus e gentios uniram-se na prisão de Cristo. Embora fosse lua cheia, Judas teve de dar aos soldados romanos um sinal para que conhecessem Nosso Senhor; o sinal foi um beijo. Antes, contudo, que os archotes procurassem a Luz do Mundo, o Bom Pastor foi ao encontro deles.

Judas estivera muitas vezes com Nosso Senhor naquele jardim, aonde o Mestre levava os discípulos para orar; portanto, ele sabia onde encontrá-Lo. Os maiores traidores são os criados na santa fraternidade de Cristo e de Sua Igreja. Só eles sabem onde encontrar Cristo depois do cair da noite.

São João, que estava no jardim naquela noite e presenciou toda a cena, disse que nada do que aconteceu pegou Nosso Senhor de surpresa:

Como Jesus soubesse tudo o que havia de lhe acontecer,
adiantou-se [...]
(São João 18,4)

Adão escondeu-se de Deus no Jardim do Éden; Deus agora procurava os filhos de Adão no Jardim do Getsêmani. Com plena consciência de todas as profecias do Antigo Testamento a Seu respeito como Cordeiro de Deus e como oferta voluntária pelo pecado, Ele adelantou-se em rendição. Dirigindo-se com

majestade imponente à multidão que se juntou com espadas e pedras nas mãos, desafiou-os a nomear Aquele a quem buscavam:

A quem buscais?

Responderam: A Jesus de Nazaré.

(São João 18,4-5)

Não disseram “A ti” ou “Tu és aquele que buscamos”. Era evidente que não O reconheceram nem mesmo sob a lua cheia. Foi por isso, também, que tinham combinado previamente com Judas um sinal pelo qual O conheceriam — o beijo. É curioso que aqueles que estão empenhados no mal não conseguem reconhecer a Divindade nem mesmo quando ela se põe bem diante deles. A Luz pode brilhar nas trevas, mas as trevas não a compreendem. É necessário mais que lanternas e lua cheia para perceber a Luz do Mundo. Como explicou São Paulo:

Se o nosso Evangelho ainda estiver encoberto,
está encoberto para aqueles que se perdem,
para os incrédulos, cujas inteligências o deus deste mundo
obcecou
a tal ponto que não percebem a luz do Evangelho,
onde resplandece a glória de Cristo, que é a imagem de Deus.
(2 Coríntios 4,3-4)

E então lhes disse: “Eu sou Jesus de Nazaré”. Sobreveio-lhes um terror paralisante, recuaram e caíram por terra. A humanidade dele nunca se separou da Divindade, assim como a Cruz nunca se separou da Ressurreição. Um momento antes, passara por grande agonia; agora, resplandecia a majestade de Sua Divindade. Noutra ocasião, os oficiais que foram prendê-lo acabaram presos pelas palavras Dele; os que seriam captores retrocederam, pois nenhum deles, como disse Jesus, tiraria Sua vida; Ele a entregaria por Si mesmo. Mil anos antes, o salmista previra esse incidente, que aconteceu figurativamente a Davi:

Quando os malvados me atacam
para me devorar vivo,
são eles, meus adversários e inimigos,
que resvalam e caem.
(Salmo 26,2)

Quando teve um vislumbre de Deus, Isaías disse que estava “perdido”; e Moisés não conseguiu olhar a face de Deus. E agora a Divindade, habitando um corpo humano prestes a ser entregue à morte, reluziu para lançar os soldados e a turba numa massa disforme. Nunca há humilhação sem sinal de glória. Quando se humilhou para pedir a uma mulher da rua um pouco de água, Ele prometeu dar água da vida; quando dormiu, exausto, num barco, despertou para ordenar ventos e mares. Agora, enquanto se entregava nas mãos dos homens, ali reluziu Sua glória. Ele podia ter fugido, com os soldados e Seus inimigos caídos por terra, mas esta era a “Hora” em que o Amor se fez cativo a fim de tornar o homem livre.

O autossacrifício não busca vingança. Judas e os outros não tinham poder para capturá-lo a menos que Ele livremente se entregasse em suas mãos. Ao dar poder aos inimigos para que se levantassem, Ele, como o Bom Pastor, tinha uma única preocupação — Suas ovelhas:

Se é, pois, a mim que buscais,
deixai ir estes.
(São João 18,8)

Ele havia de seguir sozinho rumo ao sacrifício. O Antigo Testamento ordenava que o sumo sacerdote estivesse sozinho quando da oferta do sacrifício:

Ninguém esteja na tenda de reunião
quando Aarão entrar para fazer a expiação
no santuário até que saia.
Fará assim a expiação por si mesmo,

pela sua família e por toda a assembleia de Israel.
(Levítico 16,17)

Esta era Sua hora, mas não a hora dos apóstolos. Mais tarde, eles sofreriam e morreriam em nome do Senhor, mas por ora não conseguiriam compreender a Redenção até que o Espírito os tivesse iluminado. Ele passaria pela prensa de vinho sozinho. Os apóstolos ainda não estavam em condições espirituais de morrer com Ele; dentro em pouco, todos o abandonariam. Ademais, não podiam sofrer por Cristo até que este primeiro sofresse por aqueles. Todo o propósito de Sua morte redentora, em certo sentido, era dizer a todos os homens “deixai ir estes”.

Ao adentrar o jardim, o Salvador pediu a Pedro, Tiago e João que “orassem e vigiassem”. Pedro agora decidira trocar a oração pela ação. Tomando uma das duas espadas que trazia consigo, feriu Malco, o servo do sumo sacerdote. Como espadachim, Pedro era um ótimo pescador, pois o melhor que conseguiu fazer, em seu intento desgovernado, foi cortar a orelha de Malco. Conquanto o zelo de Pedro fosse sincero, bem-intencionado e impulsivo, ainda assim estava equivocado na escolha dos meios. Nosso Bendito Senhor primeiro tocou a orelha do homem ferido e o curou; depois, voltando-se a Pedro, disse:

Enfia a tua espada na bainha!
Não hei de beber eu o cálice
que o Pai me deu?
(São João 18,11)

Aqui contrastamos a espada e o cálice; a espada vence pela violência, o cálice, pela submissão. Não a impaciência do violento, mas a paciência dos santos haveria de ser Seu modo de ganhar almas. Amiúde, referiu-Se a Sua Paixão e morte com a analogia de um “cálice”, como quando perguntou a Tiago e João se podiam beber do cálice de Sua Paixão. Agora, o Senhor fala do cálice não como vindo de Judas, nem do Sinédrio, nem dos judeus, nem de Pilatos ou de Herodes, mas do Pai Celestial. O cálice continha a vontade do Pai, segundo a qual, por amor aos homens, Jesus havia de oferecer a própria vida a fim de restaurar-lhes uma vez mais a filiação divina. Tampouco dizia que

pesava sobre Ele a sentença de ter de sofrer Sua Paixão, mas, antes, que Ele Mesmo, por amor, não podia agir de outro modo. “Não beberei deste cálice?” Ademais, aqueles que arbitrariamente e presunçosamente recorreram à violência, disse Nosso Senhor a Pedro, sofreriam dessa mesma violência. A vingança traz sua própria punição. Corpos podem ser conquistados com espadas desembainhadas, mas as mesmas espadas em geral se voltam contra aqueles que as empunham:

porque todos aqueles que usarem da espada,
pela espada morrerão.
(São Mateus 26,52)

Essa era a única lição humana comprovada pela história. Pedro ainda tinha de aprender que Aquele que parecia fraco era verdadeiramente Deus; que, se desejasse, podia invocar em Seu auxílio um exército maior que qualquer um que já se viu nesta terra:

Crês tu que não posso invocar meu Pai
e ele não me enviaria imediatamente
mais de 12 legiões de anjos?
(São Mateus 26,53)

Ele usou o termo romano “legião”. Fora preso pelo que se chamava uma coorte, ou a décima parte de uma legião (que continha cerca de seis mil homens). Se quisesse, podia ter chamado em sua ajuda 12 vezes seis mil para livrá-Lo de Seus inimigos. Se houvesse um apelo à força, a espadinha de Pedro seria reduzida à insignificância em comparação às hostes celestiais sob as ordens do grande Comandante. Mas a recusa a invocar os anjos não foi uma rendição involuntária ao destino, nem a submissão à dor a fim de ser purificado. Antes, foi uma abdicação tranquila de alguns de Seus direitos; uma abstinência voluntária do uso de uma força superior por causa dos outros, uma liberdade permanente com pleno poder de ir embora, e ainda assim uma submissão por amor à humanidade — eis um sacrifício fora do comum.

Voltando-se para a multidão sedenta de sangue, disse:

Saístes armados de espadas e porretes para prender-me,
como se eu fosse um malfeitor.

Entretanto, todos os dias estava eu sentado entre vós
ensinando no templo e não me prendestes.

Mas tudo isto aconteceu porque era necessário
que se cumprissem os oráculos dos profetas.

(São Mateus 26,55-56)

Mas o que haviam profetizado os profetas? Para citar apenas um, Isaías
previu como Ele seria contado entre os transgressores por Seus inimigos.

porque ele próprio deu sua vida,
e deixou-se colocar entre os criminosos,
tomando sobre si os pecados de muitos homens,
e intercedendo pelos culpados.

(Isaías 53,12)

Foi maltratado e resignou-se;
não abriu a boca, como um cordeiro
que se conduz ao matadouro,
e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.

(Ele não abriu a boca.)

(Isaías 53,7)

Olhando além de todas as causas secundárias, tais como Pilatos e Anás,
romanos e judeus, Nosso Senhor não via inimigos a serem combatidos pela
espada, mas um cálice oferecido pelo Pai. O Amor era o motivo e a origem do
sacrifício. Como Ele disse:

Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo,

que lhe deu seu Filho único,
para que todo o que nele crer não pereça,
mas tenha a vida eterna.
(São João 3,16)

O pecado exigia expiação ou reparação. Sendo homem, Ele podia agir em nome do homem; sendo Deus, Sua Redenção pelo pecado teria valor infinito. Sua natureza humana tornou-o suscetível à dor e à morte e, portanto, capaz de oferecer-se a si mesmo como sacrifício; no entanto, tinha de ser sem pecado, se não Ele mesmo careceria de Redenção. O Cordeiro usado no sacrifício tinha de ser “sem defeito”. O amor do Cordeiro tinha de ser voluntário; obrigar o Cordeiro de Deus a sofrer seria o ápice da injustiça. Daí a afirmação de poder no momento em que se entregou nas mãos deles. O que Deus permitia era tanto Sua vontade quanto Sua ordem. Nosso Senhor recusou-se a ver a mão de Seus inimigos em Sua morte, passando imediatamente à ideia do cálice que o Pai Lhe deu. Ele descansava nesse amor, embora o cálice fosse amargo, pois Dele haveria de vir o bem.

Ao entregar-Se nas mãos deles, cumpriu-se o que Nosso Senhor previu acerca dos apóstolos:

Então os discípulos o abandonaram e fugiram.
(São Mateus 26,56)

Pedro, que desembainhara a espada na defesa contra o cálice, fugiu. Mais tarde, acompanhava a cena a uma distância segura. João também seguia às escondidas por trás da turba, para aparecer depois na casa do sumo sacerdote. Judas, porém, permaneceu para ouvir a palavra “Hora”, que o Mestre havia pronunciado pela primeira vez em Caná:

mas esta é a vossa hora e do poder das trevas.
(São Lucas 22,53)

Muitas vezes, o Senhor disse a Seus inimigos e a Herodes que não podiam fazer nada com Ele até que Sua “Hora” tivesse chegado. Agora, anunciou-a; era a hora em que o mal podia apagar a Luz do Mundo. O mal tem sua hora; Deus tem Seu dia. Aquele que foi envolto em panos e posto numa manjedoura quando assumiu a natureza humana em Belém estava agora prestes a ser atado com cordas e posto numa Cruz. Noutra ocasião, quando Seus inimigos tentaram prendê-Lo, Ele os prendeu com a força de Suas palavras; agora Ele se sujeitava à prisão porque havia chegado a Hora. Os apóstolos, ouvindo o retinir das correntes e vendo o brilho das espadas, esqueceram-se de toda a glória do Messias, abandonaram-no e fugiram. O Sumo Sacerdote havia de oferecer o sacrifício sozinho.

O JULGAMENTO RELIGIOSO

Nosso Senhor Santíssimo tinha duas naturezas: divina e humana. Ambas estavam sendo julgadas, e por acusações totalmente diferentes. Assim se cumpria a profecia de Simeão de que Ele era um “alvo de contradições” (São Lucas 2,34). Os juízes não conseguiam concordar quanto a por que Ele deveria morrer; só concordavam que deveria morrer. Os juízes religiosos, Anás e Caifás, criam-No culpado por ser demasiado divino; os juízes políticos, Pilatos e Herodes, criam-No culpado por ser demasiado humano. Diante de um era muito espiritual; diante do outro, muito mundano; diante de um era muito celestial; diante do outro, muito terreno. Daquele dia em diante Sua Igreja também seria condenada com acusações contraditórias, da parte de alguns por ser divina demais, da parte de outros por ser humana demais. Condenado por acusações contraditórias, foi sentenciado ao símbolo de contradição que é a cruz.

Se Nosso Senhor tivesse sido apanhado no templo ou apedrejado nas muitas ocasiões em que os inimigos se prepararam para fazê-lo, as várias profecias a respeito do sacrifício indicado como Cordeiro de Deus não se teriam cumprido. Quando, antes, os fariseus disseram-Lhe que Herodes planejava matá-Lo, Nosso Senhor disse que não Se entregaria à morte na Galileia, mas em Jerusalém. Ademais, Ele lhes disse que nenhum homem podia tirar-Lhe a vida; Ele mesmo a daria.

Entretanto, no jardim, quando

os discípulos o abandonaram e fugiram
(São Mateus 26,56)

Ele disse aos sumos sacerdotes:

esta é a vossa hora e do poder das trevas.
(São Lucas 22,53)

Quis dizer que, quando ensinava publicamente, viajando pela Judeia e pela Galileia, ninguém nunca pôs as mãos Nele nem foram bem-sucedidos a lançar-Lhe do precipício em Nazaré. No entanto, o mal tinha sua hora, a hora de que tantas vezes falara. Nessa hora, Deus deu ao mal o poder de alcançar um triunfo momentâneo que, ao cego espiritual, pareceria ter chegado à vitória. As mãos dos perversos estão atadas até que Deus permita que operem e não podem controlar o golpe um momento após Deus ordená-los parar. Os poderes das trevas não podem tocar a propriedade de Jó nem sua pessoa até que Deus permita; nem podem evitar o retorno da prosperidade de Jó quando Deus a desejou. Assim também, nessa hora, as trevas teriam um poder que seria impotente na Ressurreição.

Os soldados O ataram e O levaram. Talvez um dos motivos de assim procederem tenha sido porque Judas dera ordens de que o amarrassem com força. Além disso, o tipo dos sofrimentos de Cristo foi predito em Isaac, quando Abraão, ao preparar-se para oferecer o filho a Deus como sacrifício, indicou tal contenção forçada:

e amarrou Isaac, seu filho [...]
(Gênesis 22,9)

Então, eles o levaram embora; Ele não foi conduzido ou arrastado por conta de Sua submissão voluntária. Como profetizou Isaías, Ele seria *levado* como um cordeiro ao abate. Como o novo Jeremias, o Homem de Dores foi acorrentado por Seu testemunho da verdade.

O trajeto escolhido foi ao longo do riacho de Cedron, depois atravessaram o “Portão das Ovelhas”, que ficava próximo ao templo e por onde passavam os animais para o sacrifício. Foi conduzido primeiro a Anás, que era sogro de Caifás, o sumo sacerdote daquele ano. Visto que os romanos estavam

exercendo autoridade no país, é provável que um sumo sacerdote fosse eleito todo ano; Anás, contudo, era realmente uma personalidade eminente na época, muito embora Caifás estivesse presidindo o Sinédrio naquele momento.

Uma vez que ambos eram os representantes do poder religioso, o primeiro julgamento foi baseado na religião. Anás tinha cinco filhos, e aprendemos de outra fonte que estes tinham tendas no templo e estavam entre os compradores e vendedores expulsos por Nosso Senhor quando Ele expurgou o templo. De Anás, Cristo foi levado a Caifás. A lei antiga ordenava que todo animal sacrificado pelos pecados do povo fosse conduzido diante do sacerdote. Assim, Cristo, o representante do sacerdócio do Espírito, é conduzido diante de Caifás, o representante do sacerdócio da carne. Foi esse mesmo Caifás quem disse:

Convém que um só homem morra em lugar do povo.
(São João 18,14)

Estava evidente, portanto, que ele e o Sinédrio tinham decidido a respeito da morte de Cristo antes de acontecer o julgamento. Julgamentos noturnos do Sinédrio eram ilegais, mas, no desejo insano de se livrar de Cristo, mesmo assim ele ocorreu. Ainda que não tivessem direito de realizar a execução capital, manteve, contudo, o poder de instituir os julgamentos. Ao começar:

O sumo sacerdote indagou de Jesus
acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.
(São João 18,19)

Visto que Caifás já havia determinado que Nosso Senhor deveria morrer, não tinha a intenção de aprender nada; ao contrário, buscava encontrar alguma desculpa para a injustiça planejada. As primeiras perguntas foram sobre a organização de Cristo e dos seguidores, a qual o Sinédrio temia como ameaça à própria posição, pois antes os fariseus tinham relatado:

Vede! Nada adiantamos!

Reparai que todo mundo corre após ele!
(São João 12,19)

O juiz não estava muito preocupado com os nomes dos seguidores de Cristo, bem como com o número; o propósito desse interrogatório era arrancar Dele uma resposta apropriada para a condenação. O questionamento a respeito de Sua doutrina tinha como objetivo descobrir se Ele era o cabeça de uma sociedade secreta ou se pregava alguma novidade ou heresia.

Nosso Senhor percebeu a astúcia por trás das perguntas e, com absoluto destemor nascido da inocência, respondeu que sua doutrina era conhecida do povo e aqueles que O ouviram poderiam dar testemunho. Não tinha nada oculto, nenhuma quinta coluna, nenhuma doutrina que fosse para poucos. Não havia segredo a respeito de Sua doutrina; todos a ouviram, pois Ele pregava em público.

Falei publicamente ao mundo.
Ensinei na sinagoga e no templo,
onde se reúnem os judeus,
e nada falei às ocultas.
Por que me perguntas?
Pergunta àqueles que ouviram o que lhes disse.
Estes sabem o que ensinei.
(São João 18,20-21)

Cristo falou ao *mundo*, bem como aos judeus. Não testemunharia em causa própria; todos sabiam o que Ele ensinou. Caifás apenas fingia ignorar aquilo que era de conhecimento geral. O Sinédrio já não havia excomungado qualquer um que acreditasse no Cristo? Em Sua humildade, Ele não pediu que os mudos, os coxos, os cegos e os leprosos fossem chamados, mas, antes, aqueles que o ouviram. As autoridades do templo há muito já haviam voltado as costas para o povo; agora Ele ordenou que convocassem aqueles a quem haviam desprezado. Contra esse isolamento aristocrático entre a função e o povo, Cristo pôs Sua doutrina e Seus seguidores. Foi o primeiro beneplácito cristão lançado acerca da opinião do homem das ruas. Assim, em resposta ao

duplo questionamento, Ele respondeu o primeiro ao apelar para o homem comum e, ao segundo, ao afirmar que o livro de Seu ensinamento nunca fora fechado, estava aberto a todos.

Quando Nosso Senhor respondeu dessa maneira, um dos guardas que estava próximo a Ele golpeou-O com a palma da mão e disse:

É assim que respondes ao sumo sacerdote?
(São João 18,22)

Foi a mão de Malco, aquele cuja orelha foi curada pelo Salvador havia uma hora ou menos? De qualquer modo, foi o primeiro golpe desferido ao corpo do Salvador — um golpe sem reprimenda dos juízes. Assim, Caifás e a corte realmente puseram o Cristo fora da esfera da lei. Para escapar ao conteúdo da mensagem, o soldado criticou a forma — uma reação comum à religião. Aqueles que não têm capacidade de criticar o Cristo recorrem à violência. Tornaram-No um fora da lei. Com total brandura, Nosso Senhor lhe respondeu:

Se falei mal, prova-o,
mas se falei bem, por que me bates?
(São João 18,23)

Com um sopro, Nosso Senhor poderia ter lançado o agressor na eternidade, mas já que tinha de ser ferido pelas transgressões dos homens e ofendido por suas iniquidades, aceitaria aquele primeiro golpe com paciência. Entretanto, ao mesmo tempo, ordenou o testemunho do homem contra Ele, se possível de modo que pudesse ter uma razão para a violência. Nosso Senhor certa vez disse que, quando golpeados, deveríamos dar a outra face. Ele o fez? Sim! Deu todo o corpo para ser crucificado.

Não conseguindo convencê-Lo a confessar Sua doutrina ou de Seus discípulos, agora esperavam conseguir pelo falso testemunho:

Enquanto isso, os príncipes dos sacerdotes

e todo o conselho procuravam um falso testemunho contra Jesus,
a fim de o levarem à morte.
Mas não o conseguiram,
embora se apresentassem muitas falsas testemunhas.
(São Mateus 26,59-60)

Nesse momento, ansiosos por condená-Lo à morte em vez de julgá-Lo com justiça, convocaram falsas testemunhas, que se contradiziam. Por fim, apresentaram-se duas testemunhas com declarações conflitantes. Uma delas O citava, dizendo:

Ouvimo-lo dizer: Eu destruirei este templo,
feito por mãos de homens,
e em três dias edificarei outro,
que não será feito por mãos de homens.
(São Marcos 14,58)

Essas palavras eram uma perversão daquilo que Nosso Senhor dissera no início do ministério público ao referir-se àquilo que agora começava a acontecer. Depois de expulsar os vendilhões do templo, os fariseus Lhe pediram um sinal de Sua autoridade. Nosso Senhor, ao referir-Se ao templo de Seu corpo, disse:

Destruí vós este templo, e eu o reerguerei em três dias.
(São João 2,19)

Agora as falsas testemunhas afirmavam que Jesus dissera que Ele destruiria o templo; mas o que realmente disse foi que eles O destruiriam e o templo seria o Seu corpo, que acabara de receber um golpe violento. O templo terreno receberia o golpe pelas mãos dos romanos, no governo de Tito. Ele não disse “Destruirei”, mas, antes, “Destruí vós”. Nem mesmo disse “Construirei outro”, mas “eu o reerguerei”, referindo-Se à Ressurreição. A distorção do que dissera,

não obstante, era um testemunho do propósito de Sua vinda e a instituição, nas mentes deles, de Sua Cruz e glória. Assim como o côncavo e o convexo em um círculo são feitos por uma mesma linha, da mesma maneira a maldade voluntária e o sofrimento voluntário estão unidos. Os propósitos divinos agora serão realizados como o foram em José, Sua prefiguração, que disse aos irmãos que o venderam que eram mal-intencionados, mas que daquilo Deus faria brotar o bem. Em Sua entrega nas mãos do mal, Judas entregou Nosso Senhor aos judeus, os judeus O entregaram aos gentios e os gentios O crucificaram. No entanto, no outro lado desse quadro, Nosso Senhor disse que o Pai entregara o Filho em resgate de muitos. Desse modo, as ações malignas, mas livres, dos homens são revogadas por Deus, que pode tornar a queda em uma *felix culpa*, uma “culpa feliz”.

O Verbo Encarnado estava sem palavras durante o falso testemunho. Caifás, irritado porque frustrado pelas contradições, exclamou:

Por Deus vivo, conjuro-te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus.

(São Mateus 26,63)

Caifás dirigiu-se a Nosso Senhor em sua função de sumo sacerdote ou ministro de Deus e colocou Cristo sob juramento para responder. Caifás não perguntou sobre a destruição do templo nem sobre seus discípulos. A pergunta foi: seria Ele o Cristo ou o Messias; seria Ele o Filho de Deus, revestido do poder divino, seria Ele o Verbo feito Carne? Seria Ele o verdadeiro Deus, que em tempos variados e de maneiras diversas falou-nos pelos profetas, nesses últimos dias falara por intermédio de Seu Filho (Hebreus 1,1-2)? És o Filho de Deus? Jesus abriu a boca e proferiu três palavras:

Eu o sou.

(São Marcos 14,62)

Com consciência sublime e dignidade majestática, Ele respondeu ser o Messias e o Filho do Deus Vivo. Havia uma alusão oculta ao nome pelo qual

Deus revelara-se a Moisés. Então, passando da natureza divina à natureza humana, acrescentou:

Além disso, eu vos declaro que
vereis doravante o Filho do Homem
sentar-se à direita do Todo-poderoso,
e voltar sobre as nuvens do céu.
(São Mateus 26,64)

Primeiro, afirmou Sua divindade, depois Sua humanidade; mas ambas com o pronome pessoal “Eu”. Na hora em que as maiores indignidades recaíram sobre Ele, deu testemunho de estar à direita do Pai, de onde viria no último dia. Entretanto, Se sentaria à direita do Pai e ascenderia aos céus; se tinha de haver uma segunda vinda, seria para colocar na balança a recepção das almas à Sua primeira vinda, “Sua existência humilde na terra”. Nosso Senhor também se referia ao Salmo 109, que previa a exaltação do Filho de Deus após a humilhação, quando poria os inimigos sob escabelo de Seus pés. Apesar da certa condenação que se apresentava, permitiu Sua glória refulgir entre a injustiça civil ao proclamar o Seu triunfo, Seu Reino e o fato de que julgaria o mundo. O salmista já tinha profetizado o que Ele disse, e Daniel, com maior clareza, havia predito:

Olhando sempre a visão noturna,
vi um ser, semelhante ao filho do homem,
vir sobre as nuvens do céu:
dirigiu-se para o lado do ancião,
diante de quem foi conduzido.
A ele foram dados império, glória e realeza,
e todos os povos, todas as nações
e os povos de todas as línguas serviram-no.
Seu domínio será eterno;
nunca cessará e o seu reino jamais será destruído.
(Daniel 7,13-14)

Anos depois desse julgamento, quando Estêvão foi martirizado e abatido sob o peso das pedras, viu o que Cristo nesse momento disse a Caifás:

Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e
o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus.
(Atos dos Apóstolos 7,56)

Irrompeu uma tempestade sobre Sua cabeça enquanto o Sinédrio O ouviu admitir a própria divindade. O relógio estava para bater às 12 horas; o primeiro julgamento terminou assim que o sumo sacerdote proferiu a decisão de que Ele era culpado por blasfêmia:

A estas palavras, o sumo sacerdote
rasgou suas vestes, exclamando:
Que necessidade temos ainda de testemunhas?
Acabastes de ouvir a blasfêmia!
(São Mateus 26,65)

Era costume que os hebreus rasgassem as vestes como manifestação de grande pesar e dor, assim como Jacó rasgou a veste ao receber notícias da morte de seu filho José, e como Davi rasgou as roupas ao ouvir sobre a morte de Saul. Ao rasgar as vestes, Caifás, na verdade, despia-se do sacerdócio, punha fim ao sacerdócio de Aarão, abrindo caminho para o sacerdócio de Melquisedec. As vestimentas do sacerdote foram laceradas e destruídas pelas mãos do próprio sumo sacerdote, mas o véu do templo seria rasgado pelas mãos de Deus. Caifás rasgou as vestes de baixo a cima, como de costume; Deus rasgou o véu de cima a baixo, pois nenhum homem tinha parte nisso. Caifás agora pergunta ao Sinédrio:

Que necessidade temos ainda de testemunhas?
Acabastes de ouvir a blasfêmia!
Qual o vosso parecer?
Eles responderam: Merece a morte!

(São Mateus 26,65-66)

A conclusão foi rapidamente alcançada; o prisioneiro havia blasfemado contra Deus. A própria vida deveria experimentar a morte. Sua morte, contudo, fora determinada exatamente porque proclamara Sua divindade eterna. Caifás, antes, dissera que seria útil um homem morrer antes que os romanos, mais do que nunca, tomassem a nação. Nesse momento, ele e o Sinédrio assumiram posição diversa; saindo do utilitário para o jurídico, argumentaram que Sua morte era necessária para preservar a unidade espiritual entre Deus e Seu povo. O Sinédrio livrou-se da responsabilidade pela acusação ao invocar Deus contra Deus.

Condenado como blasfemo, todas as coisas eram permitidas, pois Ele não tinha direitos.

Cuspiram-lhe então na face,
bateram-lhe com os punhos e deram-lhe tapas,
dizendo: Adivinha, ó Cristo: quem te bateu?
(São Mateus 26,67-68)

Cobriram-Lhe a face e, então, cerraram a luz do céu; ainda assim, ao cobrir Seus olhos, cegaram a si mesmos. O véu estava, na verdade, nos próprios corações, não nos olhos do Cristo. Aqueles que tinham tanto orgulho do templo terreno, agora, esbofeteavam o templo celeste, pois Nele habitava a plenitude da divindade (Colossenses 2,9). Utilizaram o título “Cristo” de maneira sarcástica; mas estavam mais certos do que imaginavam, visto que Ele era o Messias, o ungido de Deus.

Caifás obtivera o que queria, a saber, prender o Cristo por Suas palavras blasfemas, pois alegara ser, por natureza, o Filho de Deus. Questionava-se se Ele era ou não o Messias e o Filho de Deus, prenunciado pelos profetas. Era Cristo, o Profeta, portanto, Quem estava sendo julgado diante de Caifás; seria Cristo, o Rei, Quem seria julgado diante de Pilatos; e seria Cristo, o Sacerdote, quem seria renegado na Cruz ao oferecer a vida em sacrifício. Em cada momento, Seu ofício seria escarneado. Aqui, o escárnio foi dirigido a Cristo, o Profeta, em cumprimento à profecia de Isaías:

Aos que me feriam, apresentei as espáduas,
e as faces àqueles que me arrancavam a barba;
não desviei o rosto dos ultrajes e dos escarros.
(Isaías 50,6)

O julgamento religioso havia terminado. O Filho de Deus foi culpado de blasfêmia; a Ressurreição e a Vida foram sentenciadas ao túmulo; o Sumo Sacerdote eterno foi condenado “pelo sumo sacerdote daquele ano”. Nesse momento, o Sinédrio escarnecia Dele; a seguir seria o Império Romano e, depois, na Cruz, a junção dos dois. Nesse momento em que o Sinédrio O condenara culpado, seguiu os procedimentos para entregá-Lo a Pilatos, crendo que ele, que por si só tinha autoridade para levar Cristo à morte, o faria sem hesitar. A profecia de que Ele seria entregue aos gentios agora se cumprira. No entanto, assim como Judas trouxe para si a morte que preparara para o Cristo, Caifás, igualmente, ao decidir enviar o Cristo à morte por temor dos romanos, apenas preparou a destruição final da cidade de Jerusalém e do templo. Assim como o povo entregou Cristo aos romanos, eles foram, mais tarde, entregues ao poder de Roma.

AS NEGAÇÕES DE PEDRO

Quando Nosso Senhor foi preso, Pedro seguiu-O à distância; João estava com ele. Ambos foram à casa de Anás e Caifás, onde Nosso Senhor foi julgado. A casa do sumo sacerdote, onde se deu o julgamento, era, como muitas casas orientais, construída em torno de um pátio quadrangular, ao qual se adentrava por uma passagem da parte da frente da casa. Essa passagem ou arcada era um pórtico fechado para a rua por um portão pesado. O portão, na ocasião, era guardado por uma criada do sumo sacerdote. O interior do pátio ao qual a passagem levava era pavimentado com lajotas e a céu aberto. A noite estava fria, pois era início de abril. Pedro já tinha decepcionado o Senhor no jardim, quando dormiu; agora, tinha uma chance de reparar sua falta. Mas o perigo espreitava Pedro, em primeiro lugar por causa da autoconfiança exagerada na própria lealdade. Conquanto um profeta antigo tivesse dito que as ovelhas seriam dispersas, Pedro sentia que, porque lhe foram dadas as chaves do Reino do Céu, podia estar isento de tal colapso. Um segundo perigo era sua falha anterior, quando foi exortado a “vigiar e orar”. Não vigiou, pois caiu no sono; não orou, pois substituiu a espiritualidade pelo ativismo ao brandir a espada. Um terceiro perigo era que a distância física que ele guardava de Cristo fosse um símbolo da distância espiritual que os separava. Qualquer distância do sol da justiça é escuridão.

Quando entrou no pátio, Pedro começou a aquecer-se perto do fogo. À luz das chamas, a criada que lhe permitira entrar pôde ver melhor o seu rosto. Se o desafio à lealdade de Pedro viesse de uma espada ou de um homem, possivelmente ele teria sido mais forte; mas, impedido pelo orgulho, uma moça mostrou-se mais forte que o presunçoso Pedro. O plano de Cristo era vencer pelo sofrimento; o plano de Pedro era vencer pela resistência. Mas neste caso

havia uma oposição pouco óbvia. Pego desprevenido pela criada, fez a primeira negação. A criada disse-lhe:

Também tu estavas com Jesus, o Galileu.
(São Mateus 26,69)

A todos em volta do fogo, Pedro respondeu:

Não sei o que dizes.
(São Mateus 26,70)

Pedro começou a sentir-se incomodado com o que lhe parecia um holofote de chamas que lhe examinava a alma assim como o rosto; desse modo, afastou-se um pouco em direção ao pórtico. Ansioso para escapar de olhares inquiridores e línguas mexeriqueiras, sentiu-se mais seguro ao abrigo da escuridão do pórtico. A mesma criada, ou talvez outra, foi até ali, afirmando que ele estivera com Jesus de Nazaré; Pedro negou mais uma vez, agora fazendo um juramento:

Eu nem conheço tal homem.
(São Mateus 26,72)

Aquele que desembainhara a espada em defesa do Mestre poucas horas antes agora negava Aquele a quem tentara defender. Aquele que chamara seu Mestre de “Filho do Deus vivo” agora o chama de “homem”.

Passou mais algum tempo, e seu Salvador foi acusado de blasfêmia e entregue à brutalidade dos carrascos; Pedro, no entanto, ainda estava cercado. Embora fosse meia-noite, ou mais, a multidão provavelmente aumentava com as notícias do julgamento de Nosso Bendito Senhor. Entre aqueles que estavam por ali havia um parente de Malco, que se lembrou claramente de que Pedro cortara a orelha de seu familiar no jardim e que o Senhor a curou. Pedro, o tempo todo desejando esconder o nervosismo e fingir mais do que nunca que

não conhecia o homem, ficou evidentemente loquaz; e isso o entregou. Seu sotaque provinciano mostrou que era um galileu; era de conhecimento público que a maioria dos seguidores de Nosso Senhor provinham dessa região, desprovida do dialeto polido da Judeia e de Jerusalém. Havia certos sons guturais que os galileus não conseguiam pronunciar, e imediatamente um dos circunstantes disse:

Sim, tu és daqueles;
teu modo de falar te dá a conhecer.
(São Mateus 26,73)

Pedro fizera um juramento; e dessa vez:

Pedro então começou a fazer imprecações,
jurando que nem sequer conhecia tal homem.
(São Mateus 26,74)

Neste momento, Pedro estava enfurecido, então invocou o Deus Onipotente como testemunha de sua reiterada mentira. Há quem se pergunte se não houve um tipo de reversão a seus dias de pescador; talvez quando sua rede se embarçava no Mar da Galileia, ele perdesse as estribeiras e começasse a blasfemar. Em todo caso, agora ele jurava a fim de convencer os incrédulos.

Memórias do passado o atropelaram. O Senhor o chamara de “bem-aventurado” quando lhe dera as chaves do Reino do Céu e permitira que visse Sua glória na Transfiguração. Agora, na madrugada fria como a consciência da culpa instalada em sua alma, ouviu um som inesperado:

[...] cantou o galo.
(São Mateus 26,74)

Até a natureza protestou contra a negação de Cristo. Então, como o clarão de um raio, lembrou-se das palavras ditas por Jesus:

Antes que o galo cante,
negar-me-ás três vezes.
(São Mateus 26,75)

Neste momento, Nosso Bendito Senhor foi retirado da flagelação, com o rosto coberto de cusparadas:

Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro.
(São Lucas 22,61)

Ainda que estivesse vergonhosamente preso, os olhos do Mestre buscaram os olhos de Pedro com compaixão ilimitada. Não disse nada; só olhou. O olhar provavelmente refrescou a memória de Pedro e despertou-lhe o amor. Pedro podia negar o “homem”, mas Deus continuaria a amar o homem Pedro. O próprio fato de que o Senhor teve de se virar para olhar significava que Pedro voltara as costas ao Senhor. O cervo ferido estava buscando a mata fechada para sangrar sozinho, mas o Senhor veio arrancar a flecha do coração ferido de Pedro.

[Pedro] saiu dali e chorou amargamente.
(São Lucas 22,62)

Pedro agora estava tomado de arrependimento, assim como Judas, em poucas horas, estaria tomado de remorso. O pesar de Pedro foi causado pelo pensamento do pecado propriamente dito ou de ter ferido a Pessoa de Deus. O arrependimento não diz respeito às consequências; o remorso, no entanto, é inspirado sobretudo pelo temor das consequências. A mesma graça estendida àquele que O negou seria estendida àquele que O pregaria na Cruz e ao ladrão penitente que pediria perdão. Pedro de fato não negou que Cristo era o Filho de Deus; negou conhecer “o homem”, ou que fosse um de Seus discípulos. Mas decepcionou o Mestre. E, ainda assim, sabendo de tudo, o Filho de Deus fez de Pedro, que conheceu o pecado, e não João, a Rocha sobre a qual edificou Sua Igreja, a fim de que os pecadores e os fracos jamais caíssem em desespero.

O JULGAMENTO PERANTE PILATOS

O julgamento de Cristo, o Profeta, havia terminado; agora tinha início o julgamento de Cristo, o Rei. Os juízes religiosos acharam Nosso Senhor demasiado divino porque chamara a Si mesmo Deus; nesse momento, os juízes civis condená-Lo-iam por ser demasiado humano. Quando um tribunal superior ouve um caso apresentado por um tribunal inferior há continuidade nas acusações. Os juízes religiosos não tinham poder de vida e morte, visto que os romanos conquistaram o território. Era de se esperar, portanto, que, quando Nosso Senhor Bendito fosse levado diante do tribunal superior de Pilatos, a mesmíssima acusação Lhe seria feita, a saber, blasfêmia. A aprovação e a sentença de morte requeriam, contudo, o selo de Pilatos. Havia duas maneiras pelas quais o Sinédrio poderia obter isso: Pilatos aceitar o julgamento da corte religiosa ou iniciar um novo julgamento na corte civil dos conquistadores. O segundo foi o método escolhido, e isso foi bem sensato. O Sinédrio sabia muito bem que Pilatos riria deles, caso dissessem que Cristo era culpado de blasfêmia. Os judeus tinham o seu Deus, Pilatos tinha os seus deuses. Além disso, essa era uma acusação puramente religiosa, e Pilatos devolveria o caso ao tribunal judaico sem sentenciar Cristo à morte.

Para compreender a relação entre o conquistado e o conquistador, devemos dizer uma palavra a respeito de Pilatos e do ódio que os judeus tinham por ele. Sexto procurador romano da Judeia desde a conquista, Pilatos manteve seu posto por uns dez anos durante o reinado do Imperador Tibério. Sua conduta arbitrária e, por vezes, cruel acarretara repetidos levantes de judeus, reprimidos com medidas violentas. O povo de Jerusalém o desprezava não só porque era representante do imperador romano e não era da raça deles, mas também porque fez pintar retratos do imperador e os levou, à noite, para

serem expostos no templo. Pilatos ameaçava matar os judeus com espadas caso protestassem contra esse ato, mas os judeus ofereceram seus pescoços a Pilatos e reclamaram com Tibério. O resultado foi a remoção de tais representações. Foi Herodes Antipas quem levou a petição dos judeus a Tibério. Essa pode ser a razão do atrito que existia entre Pilatos e Herodes.

Outro motivo pelo qual Pilatos era odiado foi o confisco de alguns fundos do tesouro, que usou para construir um aqueduto. Alguns judeus da Galileia foram assassinados em um distúrbio durante a construção, e pode ter sido durante algum desses tumultos que Barrabás tenha sido preso como líder dos agitadores, além de ladrão. Pilatos tinha de ser muito cauteloso com seu posto em Roma, já que Roma, numa ocasião, deixara de apoiá-lo na ação contra os judeus.

Pela manhã, bem cedo, todos os membros do Sinédrio — dentre eles os sacerdotes, anciãos e escribas — decidiram levar Cristo a Pilatos e pedir Sua sentença de morte. Os sacerdotes estavam indignados com o que Ele dissera de si mesmo como o Cordeiro de Deus; os anciãos estavam ofendidos porque, em oposição ao tradicionalismo rígido, Ele afirmou que era o Verbo de Deus; os escribas O odiavam porque Ele se opôs à letra da Palavra e prometeu que o Espírito a iluminaria. Após terminar os planos para levá-Lo à morte:

Ligaram-no e o levaram ao governador Pilatos.
(São Mateus 27,2)

Diversas vezes Nosso Senhor foi atado, quando O capturaram pela primeira vez e quando O levaram ao tribunal de Anás e Caifás. Colocá-Lo em correntes para Pilatos ver daria a impressão de que Ele cometera um crime terrível. Levá-Lo a Pilatos foi um dos pontos de inflexão da Paixão, pois cumpriu a profecia que Nosso Senhor mencionara:

Ele será entregue aos pagãos.
Hão de escarnecer dele, ultrajá-lo, desprezá-lo;
bater-lhe-ão com varas e o farão morrer;
e ao terceiro dia ressurgirá.
(São Lucas 18,32-33)

O Sinédrio O levou porque rejeitaram a promessa de salvação que veio do Messias; agora cabia aos gentios decidir o que deveriam fazer; se rejeitariam o Rei como o Sinédrio rejeitara o Profeta. A grande muralha entre judeus e gentios, por fim, foi derrubada, já que ambos O condenaram à morte. Como escreveu São Paulo:

ele que de dois povos fez um só,
destruindo o muro de inimizade que os separava,
abolindo na própria carne a lei,
os preceitos e as prescrições [...].
(Efésios 2,14)

Assim, a responsabilidade por Sua morte não podia ser posta sobre qualquer povo, mas sobre toda a humanidade:

o mundo inteiro seja reconhecido culpado diante de Deus.
(Romanos 3,19)

O Sinédrio — que tinha escrúpulos de utilizar o dinheiro de Judas que comprara sangue — também tinha escrúpulos de entrar na casa de um gentio, nesse caso, de Pilatos. Ao levar o prisioneiro divino a Pilatos, havia uma coisa que as consciências sensíveis dos membros do Sinédrio temiam — a impureza. Pilatos era um gentio; entrar em seu pretório os macularia de tal modo que não poderiam celebrar a Páscoa. Tinham de se manter puros para derramar o sangue inocente do cordeiro pascal. Por isso preferiram derramar o sangue inocente do Cordeiro de Deus em vez de cruzar a soleira do gentio. Certa vez, Nosso Senhor chamara os fariseus de “sepulcros caiados”, porque, como as tumbas pintadas de branco, estavam limpos por fora, mas, no interior, cheios de ossadas de homens mortos. O julgamento agora se cumprira em contaminação pavorosa com a carne incircuncisa enquanto viviam com os corações não circuncidados. Havia outros escrúpulos também; se entrassem em uma casa em que todo o fermento não tivesse sido removido, não poderiam participar da Páscoa.

Quando os funcionários do Sinédrio chegaram ao pretório (ou a casa do governador), Pilatos saiu para encontrá-los, pois sabia que se considerariam impuros se forçados a entrar. Seguindo a tradição romana de respeito à lei, declarou que não daria a sentença a menos que as provas demonstrassem que o acusado era culpado. Então, perguntou ao Sinédrio:

Que acusação trazeis contra este homem?
(São João 18,29)

Para conquistar a boa vontade de Pilatos, convidaram-no a confiar no juízo que já haviam pronunciado. Ademais, asseguraram-lhe que, por certo, não fariam nada contra um inocente:

Se este não fosse malfeitor, não o teríamos entregue a ti.
(São João 18,30)

Nada foi dito a respeito da blasfêmia. Sabiam que a acusação seria inútil diante de um gentio, um conquistador, aquele que desprezavam; assim, utilizaram o termo geral “malfeitor”. E aqui estavam mais certos do que imaginavam, pois Cristo era, de fato, um malfeitor, ou aquele que “portava os pecados de muitos”.

Pilatos, sabendo que a posição deles diante de Roma não era a de proteger sua autoridade e sem querer lidar com o caso, disse-lhes que O julgassem segundo a própria lei. Entretanto, responderam que não tinham poder de enviar homem algum à morte — o que, de fato, era verdade, já que esse poder pertencia a Roma. Além disso, não ousavam mandar à morte quem quer que fosse no dia festivo em que sacrificavam o cordeiro pascal.

Nesse momento fizeram três acusações a Nosso Senhor para forçar Pilatos a ouvir o caso:

Temos encontrado este homem
excitando o povo à revolta,
proibindo pagar imposto ao imperador

e dizendo-se Messias e rei.
(São Lucas 23,2)

Ainda sem mencionar a blasfêmia, a acusação agora era sedição; Cristo não era patriota, Ele era demasiado mundano; era demasiado político. Ele era anti-César, anti-Roma. Em suma, era um enganador que induzia o povo a seguir outra direção que a ditada por Roma. Em segundo lugar, impelia as pessoas a não pagar os tributos ao rei ou a César. Em terceiro lugar, punha-se como um rei rival a Pilatos — o que era um abuso de majestade. Os romanos, diziam, deveriam estar vigilantes a esse arrivista político. Falaram até de “lealdade de nosso povo” a Roma, ao passo que seus corações realmente menosprezavam Pilatos e Roma.

Cada palavra era uma mentira. Se Cristo fosse um líder da insubordinação ou se tivesse qualquer sinal de insurreição relacionado com Seu nome, Pilatos teria ouvido algo a esse respeito. Igualmente o teria ouvido e desconfiado Herodes, mas nunca ouvira a menor reclamação Dele antes. Quanto à acusação de ter deixado de pagar tributo a César, há pouco tempo, quando tentaram apanhá-Lo nessa armadilha no templo, Ele dissera ao povo “dai a César o que é de César”. A terceira acusação — de que era rei — não foi a de que Se fizera rei dos judeus, mas, antes, de que Ele era um rei que desafiava César. Isso também era uma mentira, porque, quando as pessoas buscaram torná-Lo essa espécie de rei, Ele partiu sozinho para as montanhas.

Pilatos desconfiou da sinceridade deles, porque sabia quanto os judeus odiavam a ele e a César. Entretanto, uma acusação o preocupava um pouco. Seria o prisioneiro que estava diante dele um rei? Pilatos convocou Nosso Senhor a entrar na casa. Uma vez no salão dos julgamentos, Pilatos perguntou:

És tu o rei dos judeus?
(São João 18,33)

A acusação não era apenas de ser rei. Pilatos sabia que se Cristo estivesse se designando como um rei antagonista aos romanos, os gentios estariam ali para testemunhar contra Ele. Então, perguntou se Ele era o rei dos judeus. Nosso Senhor, em resposta à pergunta, penetrou na consciência de Pilatos;

perguntou-lhe se estava dizendo aquilo porque suas suspeitas surgiram pela falsa acusação dos inimigos. Pilatos esperava uma resposta direta. Nosso Senhor, nesse momento, tornou clara a distinção que tinha de ser feita entre a realeza política e a religiosa; a realeza política, que era o único interesse que Pilatos tinha naquele caso, o Mestre rejeitou; a realeza religiosa, que significava Ele ser o Messias, Nosso Senhor admitiu. Para o cético Pilatos, Nosso Senhor Santíssimo tinha de tornar claro que Seu Reino não era um reino terreno obtido pelo poder militar; mas, em vez disso, um reino espiritual a ser instituído na verdade. Só teria súditos morais, não políticos. Reinaria nos corações, não nos exércitos.

O meu Reino não é deste mundo.
Se o meu Reino fosse deste mundo,
os meus súditos certamente teriam pelejado
para que eu não fosse entregue aos judeus.
Mas o meu Reino não é deste mundo.
(São João 18,36)

A preocupação de Pilatos a respeito de uma provocação ao poderio romano estava, no momento, atenuada. O Reino de Cristo não era deste mundo, portanto, Ele não era como Judas, o Galileu, filho de Ezequias, que liderara uma rebelião contra Roma, poucas décadas antes, ao incitar o povo a não pagar impostos. Pilatos deve ter ouvido na noite anterior, quando Pedro argumentara com a espada, que Nosso Senhor repreendera o portador da arma e curara o homem ferido. Se o Reino Dele fosse deste mundo, Nosso Senhor argumentara, precisaria do auxílio de exércitos de homens, mas um reino celeste bastava-se, pois Seu poder provinha do alto. Seu reino estava no mundo, mas não era do mundo.

A atitude quieta e digna Daquele que estava diante de Pilatos, tão impotente, amarrado com cordas — a face marcada pelo espancamento depois do primeiro julgamento, a afirmação de que Seu Reino não era deste mundo, de que Ele tinha servos que não usam espada, de que instituiria um reino sem batalhas —, tudo isso intrigou Pilatos, que modificou a pergunta. Da primeira vez, Pilatos perguntou “És tu o rei dos judeus?”; agora, perguntou:

És, portanto, rei?
(São João 18,37)

O julgamento religioso centrou-se no Cristo Profeta, o Messias, o Filho de Deus. O julgamento civil revolveu em torno da realeza. É de estranhar como os gentios estavam associados ao Cristo sob o título real! Os Magos na natividade perguntaram onde o rei havia nascido; foi o édito imperial de César que cumpriu a profecia de Miqueias de que Ele nasceria em Belém.

Pilatos, satisfeito por Cristo não ser um antagonista político, pasmo, espicçou um pouco mais fundo o mistério de sua pretensão real. Nosso Senhor, já tendo confessado Seu estado real, reconheceu a inferência que Pilatos esboçou com um pouco de desdém e respondeu:

Sim, eu sou rei.
É para dar testemunho da verdade
que nasci e vim ao mundo.
Todo o que é da verdade ouve a minha voz.
(São João 18,37)

Durante toda a vida de Nosso Senhor, Ele falou de Si mesmo como o que veio a este mundo; essa foi a única vez em que falou de ter nascido. Nascer de uma mulher é um fato, vir ao mundo é outro. Entretanto, Ele imediatamente fez seguir essa referência de Seu nascimento humano com a reafirmação de que tinha vindo a este mundo. Quando disse que nasceu, reconhecia Sua origem temporal como Filho do Homem; quando disse que veio a este mundo, afirmou Sua divindade. Ademais, Ele, que veio dos céus, veio dar testemunho, o que significa morrer pela verdade. Ele estabeleceu a condição moral da descoberta da verdade e afirmou que não era apenas uma jornada intelectual; o que descobriu, em parte, aprofundou o comportamento moral. Nesse sentido, certa vez Nosso Senhor disse que Suas ovelhas conheciam Sua voz. É evidente que Pilatos captou a ideia de que a conduta moral tinha alguma relação com a descoberta da verdade; portanto, recorreu ao pragmatismo e ao utilitarismo, ao perguntar com escárnio:

Que é a verdade?...
(São João 18,38)

Então, voltou as costas à verdade — melhor, não a ela, mas a Ele, que era a verdade. Ainda restou ver que a tolerância à verdade e ao erro em um golpe de inteligência leva à intolerância e à perseguição: “O que é a verdade?”, quando escarnecida, é seguida de uma segunda ironia, “O que é a justiça?”. Uma mente indulgente, quando isso significa indiferença ao certo e ao errado, termina, por fim, em ódio ao correto. Ele, tão tolerante ao erro a ponto de negar a Verdade Absoluta, era aquele que crucificaria a Verdade. Foi o juiz religioso quem o desafiou: “conjuro-te”; mas o juiz secular perguntou “O que é a verdade?”. Aquele que estava nas vestes do sumo sacerdote recorreu a Deus para repudiar as coisas que são de Deus; o que trajava a toga romana professava apenas ceticismo e dúvida.

Quando Nosso Senhor disse que todos os que eram da verdade ouviriam Sua voz, anunciou a lei segundo a qual a verdade assimila tudo o que lhe é próprio. Admitira a mesma ideia a Nicodemos:

Porquanto todo aquele que faz o mal odeia a luz
e não vem para a luz,
para que as suas obras não sejam reprovadas.
Mas aquele que pratica a verdade, vem para a luz.
Torna-se assim claro que as suas obras são feitas em Deus.
(São João 3,20-21)

Se, portanto, o impulso para a verdade estava em Pilatos, ele saberia que a própria verdade estava diante dele; se esse impulso não estivesse nele, sentenciaria Cristo à morte.

Pilatos era um daqueles que acreditava que a verdade não era objetiva, mas subjetiva; que cada homem determinava para si o que era verdadeiro. É erro frequente dos homens práticos, tais como ele, ver a busca pela verdade objetiva como uma teorização inútil. O ceticismo não é uma posição intelectual; é uma posição moral, no sentido de ser determinado nem tanto pela razão, mas pelo modo como a pessoa age e se comporta. O desejo de

Pilatos de salvar Jesus se devia a uma espécie de liberalismo que combinava descrença na Verdade Absoluta a uma falta de vontade um tanto benevolente de perturbar tais sonhadores e suas superstições. Pilatos perguntou “O que é a verdade?” para a única pessoa em todo o mundo que lhe poderia responder plenamente.

Nesse momento, Pilatos dava início à primeira das várias tentativas de resgatar Cristo, tais como a declaração de Sua inocência, a escolha entre prisioneiros, a flagelação, o apelo à compaixão, a mudança de juízes. Pilatos não compreendeu como alguém poderia morrer pela verdade e, naturalmente, não podia compreender como a própria Verdade poderia morrer pelos que erraram. Após voltar as costas para o *Lógos Encarnado*, apresentou às pessoas do lado de fora sua convicção de que o prisioneiro diante dele era inocente.

Não acho nele crime algum.
(São João 18,38)

Se não havia Nele falta, Pilatos deveria libertá-Lo. Ao ouvir a declaração do governador de Roma de que o prisioneiro era inocente, os membros do Sinédrio ficaram mais violentos ao acusá-Lo de rebelde e revolucionário:

Ele revoluciona o povo ensinando por toda a Judeia,
a começar da Galileia até aqui.
(São Lucas 23,5)

O interesse supremo de Pilatos era a paz no Estado; por isso o interesse supremo do Sinédrio era provar que Cristo era um perturbador da paz. Logo que Pilatos ouviu a palavra “galileu”, viu um modo de fugir do julgamento de Cristo... Como o Sinédrio mudara a acusação de blasfêmia para sedição, então Pilatos transferiria a jurisdição do julgamento para aquele que detinha o poder na Galileia.

Herodes, por razão da Páscoa, estava no momento em Jerusalém. Ainda que ele e Herodes fossem inimigos, Pilatos, mesmo assim, estava ansioso para passar a ele a responsabilidade de absolver ou condenar Cristo.

O JULGAMENTO PERANTE HERODES

Esse Herodes era Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, que assassinara todas as crianças do sexo masculino com menos de dois anos em Belém. A família de Herodes era indumeia, ou seja, descendentes de Esaú, o pai de Edom. Foi a descendência de Esaú que pareceu levar adiante a inimizade com descendência de Jacó. Herodes Antipas era tio de Herodes Agripa, que, mais tarde, assassinou o apóstolo Tiago e assassinaria Pedro, se este não tivesse sido libertado milagrosamente da prisão. Herodes era um homem sensual, mundano; matara João Batista porque este o havia censurado por divorciar-se da mulher e viver com a esposa do próprio irmão. Herodes tinha uma consciência inquieta, não porque assassinara o precursor do Cristo, mas porque sua superstição o fizera acreditar que João Batista ressuscitara e estava assombrando sua alma.

Quando Nosso Senhor foi levado diante de Herodes:

Herodes alegrou-se muito em ver Jesus,
pois de longo tempo desejava vê-lo,
por ter ouvido falar dele muitas coisas,
e esperava presenciar algum milagre operado por ele.
(São Lucas 23,8)

O Salvador que nunca havia operado um milagre em proveito próprio certamente não o faria para libertar-se. No entanto, o tetrarca frívolo, que via o prisioneiro como uma audiência veria um malabarista, ansiava por um breve momento de mágica. Como saduceu, ele não acreditava em vida futura e, como um homem dedicado à licenciosidade, identificava religião com mágica. Herodes era o tipo de homem que tinha curiosidade acerca da religião, estudava, lia e, às vezes, a conhecia bem, mas mantinha todos os vícios. É por isso que fez muitas perguntas a Nosso Senhor. Embora os escribas e os sumos sacerdotes tenham se juntado a Herodes ao incitar Nosso Senhor, Ele recusou-se a falar com Herodes. Só teria aumentado a culpa do leviano moral. A tentação de aceitar todos os reinos do mundo ao fazer concessões à cruz apresentava-se, mais uma vez, ao Salvador. Pilatos poderia ter ganhado — e

Herodes também, com uma palavra —, mas Ele recusou-se a falar. Advertira a respeito da pregação para os insinceros no Sermão da Montanha:

Não lanceis aos cães as coisas santas,
não atireis aos porcos as vossas pérolas,
para que não as calquem com os seus pés,
e, voltando-se contra vós, vos despedacem.
(São Mateus 7,6)

A religião não deve ser dada a todos, mas somente àqueles que são “da verdade”. Muito embora Herodes estivesse feliz ao ver Nosso Senhor, sua alegria não surgiu por motivos nobres de arrependimento. Por isso, o Cristo, que falou ao ladrão penitente, a Madalena e a Judas, não falaria ao rei galileu, pois a consciência de Herodes estava morta. Ele estava muito familiarizado com a religião. Queria milagres, não como motivos para crer, mas para deleitar a curiosidade. Sua alma estava tão cega por atrativos, incluindo até mesmo o de João Batista, que mais um atrativo só teria aprofundado sua culpa. Não foi a alma pedindo salvação que Herodes ofereceu ao Senhor, mas somente o ânimo dado a interesses. Dessa maneira, o Senhor da palavra não deu uma só palavra ao mundano. O Livro de Provérbios expressa muito bem a atitude divina perante Herodes:

Então me chamarão, mas não responderei;
procurar-me-ão, mas não atenderei.
Porque detestam a ciência
sem lhe antepor o temor do Senhor.
(Provérbios 1,28-29)

O silêncio de Nosso Senhor irritou tanto Herodes que seu orgulho insultado transformou-se em escárnio e zombaria:

Herodes, com a sua guarda, tratou-o com desprezo,
escarneceu dele, mandou revesti-lo

de uma túnica branca e reenviou-o a Pilatos.
(São Lucas 23,11)

A voz que ordenara que a cabeça de João Batista fosse dada à filha de Herodíades agora ordenava que as vestes alvas da humilhação envolvessem os ombros do prisioneiro. A túnica que Lhe foi dada provavelmente era uma túnica branca, em escárnio, por alegar ser rei. Todos os candidatos a cargos públicos em Roma usavam a *toga candida* ou a túnica branca, de onde provém a palavra “candidato”. Assim, Herodes insinuou que o pretense rei era merecedor de desprezo, embora a túnica fosse branca, sem querer, uma declaração de inocência.

Esse é o modo de agir do mundo para os que têm pequenos ódios a esconder por conta de um ódio maior. O nazismo e o comunismo se uniram por conta de um ódio comum a Deus; assim fizeram Pilatos e Herodes:

Naquele mesmo dia, Pilatos e Herodes fizeram as pazes,
pois antes eram inimigos um do outro.
(São Lucas 23,12)

Farisaísmo e saduceísmo, que eram inimigos, uniram-se na crucifixão. A Cruz de Cristo uniu os amigos — isso é óbvio; mas a Cruz também uniu os inimigos. Os mundanos sempre descartam os ódios menores diante do ódio ao divino. É uma boa piada, esse prisioneiro coberto do próprio sangue, odiado por Seu próprio povo, afirmando ser rei. Herodes podia contar que Pilatos veria o humor disso. Quando Pilatos e ele, juntos, rissem a esse respeito, não seriam mais inimigos — mesmo quando o alvo do humor fosse Deus. A única vez em que o riso é maléfico é ao voltar-se contra Aquele que o criou. Podemos pensar se, assim como Herodes enviou o Prisioneiro Divino de volta a Pilatos para ser condenado, ele recordou que o Senhor dissera que morreria em Jerusalém, e não na Galileia. Depois da Ascensão e da vinda do Espírito Santo, quando Pedro e João seriam levados diante dos juízes por pregar Cristo e Cristo crucificado, aqueles que lhes acompanhavam enviaram a primeira prece da Igreja cristã. Nessa prece, esses dois juízes seriam mencionados em conjunto, de

modo que judeus e gentios por todo o mundo que partilharam de Sua condenação partilharam ou partilhariam Sua redenção.

Pois na verdade se uniram nesta cidade
contra o vosso santo servo Jesus, que ungistes,
Herodes e Pôncio Pilatos com as nações e com o povo de Israel,
para executarem o que a vossa mão
e o vosso conselho predeterminaram que se fizesse.
Agora, pois, Senhor, olhai para as suas ameaças
e concedei aos vossos servos que
com todo o desassombro anunciem a vossa palavra.
(Atos dos Apóstolos 4,27-29)

NO RODAPÉ DA LISTA

Nesse ínterim, o que aconteceu a Judas? Só Judas sabia onde encontrar Nosso Senhor depois do ocaso. Os soldados não sabiam e, portanto, tinham de receber um sinal. Cristo foi entregue a mãos inimigas por um dos seus. Nem sempre o maior dano é causado pelos inimigos, mas por aqueles que foram criados em Sua associação sagrada. São as falhas dos de dentro que dão oportunidade aos inimigos que ainda estão fora. Os inimigos farão o trabalho sanguinário da Crucifixão, mas aqueles que tiveram fé e a perderam e estão aflitos para salvar a própria consciência destruindo a raiz da moralidade cometem o maior mal.

O ódio de Judas contra Nosso Bendito Senhor se devia ao contraste entre seu pecado e a virtude do Divino Mestre. Em *Otelo*, Iago diz sobre Cássio: “Ele tem na vida uma beleza cotidiana que me deixa horroroso”. O desgosto de Judas consigo mesmo foi descarregado Naquele que o fazia sentir-se incomodado por Sua Bondade. O ódio à Divindade nem sempre resulta da incredulidade, mas com muita frequência é o efeito da anticredulidade. A consciência, Cristo e o dom da fé deixam os homens maus incomodados com o pecado. Sentem que, se pudessem expulsar Cristo da terra, seriam livres de “inibições morais”. Esquecem-se de que são a própria natureza e a consciência que os fazem sentir-se assim. Incapazes de expulsar Deus dos céus, gostariam de expulsar Seus embaixadores da terra. Numa esfera menor, é por isso que muitos homens escarnecem da virtude — porque ela torna o vício desconfortável. Um semblante inocente é um julgamento. Judas era mais zeloso na causa dos inimigos do que o foi na causa de Nosso Senhor. Quando deixam a Cristo, os homens procuram redimir a própria reputação indo aos extremos.

A traição se deu com um beijo. Quando a perversidade quer destruir a virtude e quando o homem quer crucificar o Filho de Deus, sente-se a necessidade de prefaciar a obra do mal com alguma marca de afeição. Judas louvaria e negaria a Divindade com os mesmos lábios. Somente uma palavra voltou em resposta daquele beijo: “amigo”. Foi a última vez que Nosso Senhor falou a Judas. Até esse momento, ele não era um traidor, mas um amigo. Tivera direito ao novilho cevado,² mas rejeitou-o.

Judas, o traidor,
vendo-o então condenado, tomado de remorsos,
foi devolver aos príncipes dos sacerdotes
e aos anciãos as trinta moedas de prata,
dizendo-lhes: Pequei, entregando o sangue de um justo.
(São Mateus 27,3)

Embora em inglês tenhamos tanto Pedro quanto Judas “arrepentidos”, as palavras gregas usadas no original são diferentes para Judas e Pedro. A palavra usada em relação a Judas significa apenas uma mudança de sentimento, um lamento pelas consequências, um desejo de desfazer o que foi feito. Esse tipo de “arrepentimento” não pede perdão, pois até os demônios no inferno se arrependem das consequências de seu pecado de orgulho. A razão para essa traição a Cristo agora parecia claramente má e desprezível; o Messias político a quem ele esperava agora parecia inconcebível. Antes de um pecado ser cometido, o diabo trata-o como algo irrelevante; depois de cometido, o diabo torna-se um acusador, levando o culpado ao desespero e incitando-o a cometer crimes ainda piores. Evidentemente, o diabo “deixou-o por algum tempo”, o que deu a Judas tempo de lamentar sua ação e devolver o dinheiro. Todavia, mais tarde, o diabo voltou a lançá-lo em desespero.

A condenação de Nosso Senhor causou um efeito duplo: um sobre Judas, outro sobre o chefe dos sacerdotes do Sinédrio. Em Judas, produziu o cativo de culpa pela agonia da consciência. As trinta moedas de prata na bolsa tornaram-se pesadas demais para ele; correu ao templo, sacou o dinheiro da bolsa e jogou-o no chão do Lugar Santo. Desfazer-se da própria recompensa da

traição era um sinal de que não estava nem um pouco mais rico com o que ganhou e infinitamente mais pobre por causa do modo como o tinha ganhado.

Ninguém jamais negou a Cristo ou vendeu-O em troca de um prazer passageiro ou de uma recompensa momentânea sem perceber que se desfazia Dele a um preço infinitamente irrisório em comparação a Seu verdadeiro valor. Judas parecia estar tirando grande vantagem quando fez a barganha. Depois, levou o dinheiro de volta ao templo e jogou as moedas de prata no chão, que caíram tilintando e rolando, porque já não queria mais aquilo por que barganhara. Tinha enganado a si mesmo. Os frutos do pecado nunca compensam a perda da graça. O dinheiro não servia para nada senão para comprar um campo de sangue.

Aqueles que a ele estavam associados no crime agora tentavam eximir-se da responsabilidade do ato conjunto. Uma das punições da cumplicidade no pecado é a recriminação mútua; sempre que se juntam para praticar o mal contra um homem bom, as pessoas acabam brigando entre si. Entretanto, no caso de Judas, encontramos o oposto da conduta usual do mau-caráter. Quanto maior o erro, maior é a relutância a admitir que foi algo injustificado. Homens maus, para parecerem inocentes, acumulam acusações de culpa sobre aqueles contra quem agiram. Se houvesse algo que teria justificado o pecado de Judas, ele decerto teria se apegado a isso e exagerado, a fim de encobrir sua perfídia e vergonha. Mas o próprio Judas declarou Nosso Senhor inocente. Aquele que outrora reclamara do desperdício do precioso bálsamo de Maria agora desperdiçava suas trinta moedas de prata, desfazendo-se delas. O dinheiro não podia ser dado aos pobres? Judas já não pensava neles. O dinheiro fica no templo, onde Judas o jogou. O chefe dos sacerdotes repudiava tanto a esse dinheiro quanto a Judas, seu instrumento miserável. Ele tentou jogar a responsabilidade sobre o Sinédrio; eles a jogaram de volta na sua cara. Sem confessar de modo algum a Divindade do Mestre, ele, no entanto, condenou-se a si mesmo. Assim como Caim perguntou “Sou eu guardador do meu irmão?”, eles desdenhavam do próprio cúmplice.

O dinheiro, contudo, não podia permanecer no chão do templo, e assim o chefe dos sacerdotes juntou-o, dizendo:

Não é permitido lançá-lo no tesouro sagrado,
porque se trata de preço de sangue.

Depois de haverem deliberado,
compraram com aquela soma o campo do Oleiro,
para que ali se fizesse um cemitério de estrangeiros.
Esta é a razão por que aquele terreno é chamado,
ainda hoje, Campo de Sangue.
(São Mateus 27,6-8)

Os parceiros de conspiração de Judas estavam dispostos a discutir sobre o dinheiro, mas não acerca do homem inocente. Devem ter se regozijado com a confissão de Judas, mas descartaram-no como uma ferramenta inútil. Ele já não era mais desejado; tampouco o era o dinheiro, de modo que foi usado para comprar um campo de sangue.

Judas estava arrependido diante de si mesmo, mas não diante do Senhor. Estava desgostoso dos efeitos do pecado, mas não com o pecado. Tudo pode ser perdoado, exceto a recusa do perdão, assim como a vida pode perdoar tudo, menos a aceitação da morte. Seu remorso era apenas autodepreciação; e autodepreciação é suicídio. Odiar a si mesmo é o início do crime. Só é saudável quando associado ao amor a Deus. Arrepende-se diante de si mesmo não basta. A consciência fala mais baixo quando tem de falar mais alto. É uma lâmpada que às vezes se apaga nas trevas.

Quando um homem odeia a si mesmo pelo que fez e não se arrepende diante de Deus, às vezes ele pode bater no peito como que para apagar o pecado. Há um mundo de diferença entre bater no peito de repúdio de si e bater nele com o *mea culpa* com que alguém pede perdão. Às vezes, a autodepreciação pode tornar-se intensa a ponto de afetar a vida de um homem, e assim levá-lo ao suicídio. Embora a morte seja uma das penas do pecado original e algo universalmente pavoroso, ainda assim há quem corra a seus braços. Judas teve um alerta de consciência antes de pecar, mas a consciência torturada seguiu-se a ele e foi tão grande que não conseguiu suportar. Desceu pelo vale do Cédron — aquele vale com todas as suas associações sinistras. Em meio a rochas irregulares e entre árvores retorcidas e mirradas, estava tão desgostoso consigo que se esvaziaria de si. Tudo a seu redor parecia dizer-lhe que este era seu destino e seu fim. Nada parecia mais medonho a seus olhos do que a cúpula dourada do templo, que o lembrava do Templo de Deus que ele vendera; cada árvore parecia o madeiro ao qual ele sentenciara o sangue

inocente; cada galho era um dedo acusador; o próprio monte em que estava tinha vista para o Calvário, onde Aquele a quem ele sentenciara à morte uniria céu e terra; mas ele agora os separaria tanto quanto estava a seu alcance. Lançando uma corda sobre o galho de uma árvore, enforcou-se, e explodiram-lhe as entranhas. Deus pode ser vendido, mas não pode ser comprado. Judas vendeu-O, mas seus colaboradores iníquos não O puderam comprar, pois Ele estava presente de novo em glória ressurreta na Páscoa.

Pode-se traçar um paralelo interessante entre Pedro e Judas. Há algumas semelhanças e também diferenças enormes. Primeiro, Nosso Senhor chamou-os ambos de “diabo”. Chamou Pedro de “Satanás” quando este O repreendeu por dizer que seria crucificado; chamou Judas de diabo quando prometeu o Pão da Vida. Segundo, advertiu a ambos de que cairiam. Pedro disse que, mesmo que os outros negassem o Mestre, ele não o faria. Em seguida, foi avisado de que, naquela mesma noite, antes que o galo cantasse, O negaria três vezes. Judas, por sua vez, foi advertido quando Jesus ofereceu-lhe o pão embebido; e também lhe foi dito, em resposta a sua pergunta, que ele era o traidor. Terceiro, ambos negaram Nosso Senhor: Pedro às criadas durante a noite do julgamento; Judas, no jardim, quando entregou Nosso Senhor aos soldados. Quarto, Nosso Senhor tentou salvar a ambos: a Pedro, com um olhar; a Judas, ao dirigir-se a ele como “amigo”. Quinto, ambos se arrependeram: Pedro saiu e chorou amargamente; Judas arrependeu-se, devolvendo as moedas de prata e afirmando a inocência de Nosso Senhor.

Por que, então, um está no topo da lista, e o outro no rodapé? Porque Pedro arrependeu-se diante do Senhor, e Judas, perante a si mesmo. A diferença era tão vasta quanto a teorreferência e a autorreferência: tão vasta quanto a diferença entre uma Cruz e um divã psicanalítico. Judas disse que “traíra sangue inocente”, mas nunca desejou ser banhado por este sangue. Pedro sabia que tinha pecado e buscou redenção; Judas sabia que tinha cometido um equívoco e buscou um escape — o primeiro de uma longa fileira de escapistas da Cruz. O perdão divino pressupõe a liberdade humana, mas nunca a destrói. Há quem se pergunte se Judas, quando estava sob a árvore que lhe traria a morte, olhou em volta, para a árvore que podia lhe trazer vida. A respeito dessa diferença entre arrepender-se diante do Senhor e arrepender-se diante de si mesmo, como Pedro e Judas, respectivamente, São Paulo comentaria mais tarde com as seguintes palavras:

De fato, a tristeza segundo Deus produz
um arrependimento salutar de que ninguém se arrepende,
enquanto a tristeza do mundo produz a morte.
(2 Coríntios 7,10)

A tragédia da vida de Judas é que ele podia ter sido São Judas.

Nota

2 | Alusão à parábola do Filho Pródigo, em que o pai recebe de volta o filho perdido e ordena que matem o “novilho cevado”, para celebrar a reconciliação. Ver São Lucas 15,23. (N. T.)

O SEGUNDO JULGAMENTO PERANTE PILATOS

Pilatos viu a multidão, e Nosso Senhor no meio dela, retornando do julgamento de Herodes e aproximando-se do palácio. É muito difícil lavar as mãos por Cristo. Obrigado a resumir o caso diante do povo, Pilatos voltou à primeira acusação de que Ele havia pervertido o povo e proclamou:

Apresentastes-me este homem como agitador do povo,
mas, interrogando-o eu diante de vós,
não o achei culpado de nenhum dos crimes de que o acusais.
Nem tampouco Herodes, pois no-lo devolveu.
Portanto, ele nada fez que mereça a morte.
(São Lucas 23,14-15)

Parecia que ambos os juízes estavam convencidos de que, independentemente do relato circulado, o prisioneiro não tinha culpa. Por uma segunda vez, Ele foi declarado inocente. Pilatos, sabendo que os judeus O tinham entregado por inveja, buscou outro meio para deixar de condená-Lo. O Sinédrio, na verdade, ofereceu uma desculpa ao recordá-lo de que na Páscoa havia o costume de libertar um prisioneiro. Naquele momento, há tempos na cadeia, estava um prisioneiro “notável”, Barrabás. Esse homem era um líder clandestino judaico contra os romanos. Foi posto na cadeia por insubordinação e assassinato ao liderar uma revolução contra Roma.

Pilatos era muito inteligente; buscou confundir a questão ao escolher um prisioneiro que era culpado da mesmíssima acusação que apresentaram contra o Cristo, a saber, insubordinação contra César. Em poucos minutos, duas

figuras se postaram diante da multidão no piso de mármore alvo do pretório. Pilatos estava sentado em uma plataforma suspensa rodeado pela guarda imperial. Barrabás, de um lado, pestanejava ao ver a luz do sol, que não tinha havia meses. Do outro lado estava Cristo. Dois homens acusados de revolução. Barrabás apelou às queixas nacionais, Cristo apelou à consciência. Soaram as trombetas. A ordem foi restaurada. Pilatos deu um passo adiante e dirigiu-se à multidão:

Qual quereis que eu vos solte:
Barrabás ou Jesus, que se chama Cristo?
(São Mateus 27,17)

A pergunta de Pilatos tinha todo o ar de democracia e de livre eleição, mas era uma réplica barata. Ponderemos sua pergunta. Consideremos primeiro as pessoas a quem ele se dirigiu e, em seguida, a questão em si. As próprias pessoas não estavam inclinadas a mandar Nosso Senhor à morte. Por esse motivo, alguns demagogos:

persuadiram o povo que pedisse a libertação de Barrabás e fizesse morrer Jesus.
(São Mateus 27,20)

Há sempre uma rale, um grupo de nânicos, negligentes e insensatos, dispostos a ficar à mercê desse tipo de retórica, chamada de “rameira das artes”. As pessoas podem ser enganadas por falsos líderes; os mesmos que gritam “hosana” no domingo podem gritar “crucifica-O” na sexta-feira.

O que aconteceu na manhã da Sexta-Feira Santa foi que, mediante a ação de propagandistas, o povo se tornou massa. A democracia com consciência se torna “massocracia” com poder. Quando uma democracia perde o senso moral, imediatamente pode, pelo voto, afastar-se da democracia. Quando Pilatos perguntou

Qual quereis que eu vos solte?

(São Mateus 27,17)

estava realizando uma eleição democrática justa. Pressupunha que um voto significasse o direito de escolha entre a inocência e a culpa, a bondade e a maldade, entre o certo e o errado.

Em resposta à pergunta de Pilatos, a massa bradou:

Barrabás.

(São Mateus 27,22)

Pilatos quase não podia acreditar no que ouvia; Barrabás também não acreditava! Estava para ser libertado? Pela primeira vez, tomava consciência de que agora podia prosseguir com sua revolta. Voltou seu rosto emproado, abrasado, para o Nazareno. Pretendia medir o rival da cabeça aos pés, mas não ousou mais erguer o olhar. Havia algo em Seus olhos que perscrutavam a alma, como se o Nazareno estivesse realmente penalizado por que ele fora libertado.

Todo o povo gritou a uma voz:

À morte com este, e solta-nos Barrabás.

(São Lucas 23,18)

Pilatos falou-lhes outra vez:

E que quereis que eu faça daquele a quem chamais o rei dos judeus?

(São Marcos 15,12)

Pilatos, porém, querendo soltar Jesus, falou-lhes de novo, mas eles vociferavam: Crucifica-o! Crucifica-o!

(São Lucas 23,20-21)

Pela terceira vez, Pilatos ainda interveio: Mas que mal fez ele, então?

Não achei nele nada que mereça a morte; irei, portanto,
castigá-lo e,
depois, o soltarei.
Mas eles instavam, reclamando em altas vozes que fosse
crucificado,
e os seus clamores recrudesciam.
Pilatos pronunciou então a sentença que lhes satisfazia o
desejo.
Soltou-lhes aquele que eles reclamavam
e que havia sido lançado ao cárcere por causa do homicídio e
da revolta,
e entregou Jesus à vontade deles.
(São Lucas 23,22-25)

A maioria nem sempre está certa. A maioria está certa no campo do relativo, mas não no do absoluto. A maioria é um teste legítimo desde que o voto se baseie na consciência, e não na propaganda. A verdade não é vitoriosa quando somente os números se tornam decisivos. Os números por si podem eleger uma rainha da beleza, mas não a justiça. A beleza é uma questão de estética, mas a justiça não tem estética. O certo é certo ainda que ninguém esteja certo, e o errado ainda é errado mesmo que todos estejam errados. A primeira eleição da história do cristianismo estava errada!

Barrabás foi libertado por causa do Cristo, embora fosse uma liberdade política. Entretanto, isso foi um símbolo de que por Sua morte os homens seriam libertados. Ocorreu no período da Páscoa, quando o cordeiro foi substituído pelo povo e posto à morte em expiação dos pecados. O Salvador deveria sofrer e o pecador, ser libertado. O Livro do Êxodo proclamara que o pecador estava para ser redimido por um cordeiro, mas o Cordeiro não poderia ser redimido. O Salvador não poderia ser libertado, mas o pecador poderia.

Pilatos, ainda aflito para não condenar o Cristo, numa estranha mudança de opinião, disse:

Por isso, soltá-lo-ei depois de o castigar.
(São Lucas 23,16)

A flagelação era sempre infligida pelos romanos antes da crucifixão, mas esse castigo não era tal forma de punir. Como Lísias, mais tarde, não hesitou em flagelar Paulo sem ter uma ofensa comprovada, Pilatos, igualmente, infligiu uma punição na esperança de comover o povo. Naturalmente, isso não era surpresa para Nosso Senhor, que previra ser flagelado e crucificado. Até então Pilatos fizera três tentativas de libertar Nosso Senhor; uma ao declará-Lo inocente, outra, ao libertar um prisioneiro na Páscoa e a última ao flagelá-Lo.

A FLAGELAÇÃO

Pilatos tentou encontrar um equilíbrio entre satisfazer o Sinédrio e a própria consciência. No entanto, Pilatos estava errado ao pensar que o derramamento de sangue acalmaria seus ânimos e os enterneceria. Tais transigências diante da justiça raramente alcançam os fins. Se culpado, Pilatos deveria tê-Lo condenado à morte; se inocente, deveria tê-Lo libertado.

Nosso Senhor olhava adiante para dar Sua vida como resgate pelo pecado; descrevera-Se como possuidor de um batismo por meio do qual Ele seria batizado. João deu-Lhe um batismo de água, mas os soldados romanos agora Lhe davam Seu batismo de sangue. Depois de abrir a carne sacra com fendas violentas, vestiram-No com uma túnica púrpura que aderiu ao corpo ensanguentado. Em seguida, entrelaçaram uma coroa de espinhos, que colocaram em Sua cabeça. Como os soldados amaldiçoaram quando um dos espinhos espetou seus dedos, mas como zombaram quando a coroa de espinhos foi posta em Sua frente! Então, escarneceram Dele e puseram um caniço em Suas mãos após espancar Sua cabeça. Ajoelharam-se diante dele em adoração fingida. Como profetizara Isaías:

Em verdade, ele tomou sobre si nossas enfermidades
e carregou os nossos sofrimentos;
e nós o reputávamos como um castigado,
ferido por Deus e humilhado.
Mas ele foi castigado por nossos crimes,
e esmagado por nossas iniquidades;
o castigo que nos salva pesou sobre ele;

fomos curados graças às suas chagas.
(Isaías 53,4-5)

Depois da flagelação, Pilatos conduziu o Cristo ensanguentado diante da multidão e disse:

Eis que vo-lo trago fora, para que saibais que
não acho nele nenhum motivo de acusação [...]
Eis o homem!
(São João 19,4-5)

“Vede a espécie de homem que estais a acusar. Contemplai-o, não está ornado de arminho, não traz nenhuma coroa senão espinhos, nenhuma outra marca de realeza senão o sangue rubro e nenhum outro sinal de autoridade senão uma vara. Estai certos de que nunca mais assumirá o título de rei que Lhe custou tão caro. Esperei encontrar um lampejo de humanidade em vós, e foi por isso que me rendi a vossos desejos.”

No entanto, os líderes do povo O viram e bradaram:

Crucifica-o! Crucifica-o!

Pilatos disse:

Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não acho nele culpa alguma.

O povo respondeu:

Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer,
porque se declarou Filho de Deus.
(São João 19,6-7)

Pilatos disse que Ele era um “homem”; eles disseram “o Filho de Deus”. Pilatos declarou que Ele era inocente perante a lei romana. Eles responderam que Ele era culpado perante a lei judaica. Quando Pilatos os ouviu chamando-O de “Filho de Deus”

Estas palavras impressionaram Pilatos.
(São João 19,8)

A superstição anda lado a lado com o ceticismo. Herodes não acreditava na ressurreição, não obstante, ao ouvir que Nosso Senhor pregava em seu território, pensou que Cristo fosse João Batista que ressuscitara dos mortos. Pilatos não acreditava que Ele fosse o Filho de Deus; não obstante, questionou-se a respeito desse Ser estranho diante de si que não dizia uma só palavra em defesa própria. Profundamente abalado e temeroso de que provavelmente Cristo fosse algum mensageiro dos deuses, Pilatos O chamou para dentro do pretório e Lhe disse:

De onde és tu?
(São João 19,9)

Pilatos não perguntou “Quem és?” ou “És o Filho de Deus?”, mas “De onde és tu?”. A origem galileia do Senhor não Lhe interessava, pois já tinha enviado Cristo como galileu para Herodes. Percebeu que Ele era algo mais que um homem. Se fosse realmente dos céus não poderia crucificá-Lo, portanto, perguntou de maneira privada por Sua verdadeira origem. Pilatos já havia feito seis perguntas. Haveria ainda uma só por perguntar.

No entanto, Jesus recusou-se a responder à pergunta. Pilatos já havia dado as costas à verdade. Cinco vezes durante o julgamento Nosso Senhor manteve-Se em silêncio misterioso: diante do sumo sacerdote, do Sinédrio, de Herodes e duas vezes diante de Pilatos. O silêncio poderia significar que carregava os pecados do mundo e nada tinha a dizer em defesa própria. Quando falou, era como um pastor; ao calar-Se, era como uma “ovelha”, como profetizado por Isaías:

Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca,
como um cordeiro que se conduz ao matadouro,
e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.
(Ele não abriu a boca.)
(Isaías 53,7)

Pilatos tratara Cristo como objeto de especulação, pois não aproveitou a verdade diante de si. Para tais homens, não existe resposta dos céus. Nas profundezas de sua mente, Pilatos chegara à convicção de inocência, mas não agiu segundo ela. Portanto, Pilatos não merecia resposta e não recebeu resposta alguma. Perdeu o direito de qualquer outra revelação do Prisioneiro. Toda alma tem o dia da visitação, e Pilatos teve o seu.

CLÁUDIA

Pode ter sido nesse momento que Cláudia, a mulher de Pilatos, enviou uma mensagem ao marido.

Cláudia era a filha mais nova de Júlia, filha de César Augusto. Júlia fora casada três vezes, a última com Tibério. Por conta da vida dissoluta, Júlia foi exilada quando concebeu Cláudia de um nobre romano. Quando Cláudia tinha 13 anos, Júlia a enviou para ser criada por Tibério. Aos 16, Pôncio Pilatos, ele mesmo de origem baixa, conheceu Cláudia e pediu a Tibério para casar-se com ela. Assim, Pilatos casou-se com a família do imperador, o que lhe assegurou o futuro político. Por força do casamento, Pilatos foi feito procurador da Judeia.

Os governadores romanos eram proibidos de levar as mulheres para as províncias. A maioria dos políticos estava feliz com isso, mas não Pilatos. O amor rompeu com a austera lei romana. Após Pilatos estar em Jerusalém por seis anos, mandou buscar Cláudia, que estava muito impaciente para encarar uma vida longe da capital do mundo, entre povos desconhecidos e estrangeiros.

É razoável concluir que Cláudia deve ter ouvido falar de Jesus, talvez por meio da serva judia que preparava o banho ou dos mordomos que traziam notícias a respeito Dele. Podia, na verdade, tê-Lo visto, pois a Fortaleza de

Antônia, onde vivia, era perto do Templo de Jerusalém, e Jesus estava sempre lá.

Pode ter ouvido Sua mensagem e, já que “Nenhum homem falou como este homem”, sua alma estava abalada. O próprio contraste entre Ele e Suas ideias e o mundo que ela conhecia e os pensamentos que ela tinha aprofundava Seus encantos. Como as mulheres de Jerusalém que viam Cláudia a observar através do postigo, que tentavam captar o brilho das pedras preciosas em suas mãos ou a marca de orgulho nas feições patricias, podiam imaginar como eram profundos seus pensamentos, como era intenso seu pesar e profunda sua ânsia?

Havia uma submissão quase prussiana à lei entre os romanos. A nenhuma mulher era permitido interferir nos processos jurídicos, nem mesmo para dar uma sugestão a respeito de tais procedimentos. O que fez a entrada em cena de Cláudia mais memorável foi ela ter enviado uma mensagem ao marido, Pôncio Pilatos, no mesmo dia em que ele decidiria o caso mais importante de sua carreira e o único pelo qual seria lembrado — o julgamento de Nosso Senhor.

Enviar uma mensagem a um juiz enquanto estivesse no tribunal era uma ofensa sujeita a punição, e somente o horror do que ela viu que seria feito a moveu a fazê-lo.

Enquanto estava sentado no tribunal,
sua mulher lhe mandou dizer:
Nada façam a esse justo.
Fui hoje atormentada por um sonho que lhe diz respeito.
(São Mateus 27,19)

Enquanto as mulheres de Israel estavam silentes, essa mulher pagã testemunhou a inocência de Jesus e pediu ao marido que lidasse com Ele de modo correto.

A mensagem de Cláudia é um resumo de tudo o que o cristianismo faria para a feminilidade pagã. Ela é a única mulher romana nos Evangelhos e é uma mulher de alta estirpe. Seu sonho resumiu os sonhos e anseios do mundo pagão, a esperança antiga por um homem justo — um Salvador.

O que era o sonho, não o sabemos, mas uma autora moderna, Gertrud von Le Fort, conjecturou a esse respeito. Na manhã da Sexta-Feira Santa, ao

acordar, Cláudia pareceu ouvir vozes nas catacumbas dizendo: “padeceu sob Pôncio Pilatos”; então, depois, os templos romanos se transformaram em igrejas: “padeceu sob Pôncio Pilatos”; depois, uníssonas como o bramido do mar, as vozes se multiplicaram e entoaram nas igrejas que se erguiam como pináculos no céu: “padeceu sob Pôncio Pilatos”. Entretanto, qualquer que tenha sido o sonho, a mulher intuitiva estava correta, o homem prático estava errado. Pilatos, ao ver que o Prisioneiro ainda estava silente, ficou cheio de raiva, pois se acostumara a ver o acusado rastejar de temor diante dele.

Tu não me respondes?
Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar?
(São João 19,10)

Pilatos mencionou seu poder de libertar ou condenar. No entanto, se o Prisioneiro diante dele fosse inocente, Pilatos não tinha poder de crucificá-Lo; se fosse culpado, não tinha poder de libertá-Lo. O juiz é julgado, Nosso Senhor imediatamente falou, recordando Pilatos de que qualquer autoridade jurídica que tinha não provinha de César, mas de Deus. Pilatos se gabara da arbitrariedade de seu poder, mas Cristo referiu-Se a um poder que é delegado ao homem.

Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado.
(São João 19,11)

O poder do qual Pilatos se vangloriava era “dado”. Saiba ou não um governador, um rei ou um regente, todo poder terreno deriva do alto. “Por mim reinam os reis” (Provérbios 8,15), diz o Livro dos Provérbios. Entretanto, Nosso Senhor logo atribuiu maior pecado tanto a Judas quanto ao sumo sacerdote.

Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior.
(São João 19,11)

Pilatos, o Gentio, não sabia que seu poder vinha de Deus, mas Caifás sabia; da mesma maneira Judas o sabia. Esse conhecimento superior os tornou mais culpados que o romano. Pilatos pecou por ignorância; Caifás pecou contra o conhecimento, assim como Judas.

A CONDENAÇÃO

Essa repreensão ousada a Pilatos, recordando-o da dependência de Deus e acusando-o de um pecado menor, ainda que não menos real, perturbou os esforços de “libertá-Lo”. Pilatos saiu para encontrar-se com a multidão e reafirmar a inocência do Prisioneiro. A turba, contudo, já tinha pronta uma resposta inteligente:

Se o soltares, não és amigo do imperador,
porque todo o que se faz rei
se declara contra o imperador.
(São João 19,12)

Pilatos estava apavorado! Caso libertasse o Prisioneiro, seria feita uma queixa para o imperador, já suspeito, de que ele era culpado de conspiração e traição. Se assim o fosse, perderia tanto a governança quanto a cabeça. Era muito estranho que a multidão que menosprezava César pelos massacres, por todo o mal que lhes fizera e por prostituir o templo, agora proclamasse que não tinham outro rei senão César. Ao proclamar César como rei, renunciavam à ideia de um Messias e faziam-se vassalos do império, preparando-se, assim, para que os exércitos romanos engolissem Jerusalém em uma geração. Os terrores de Tibério pareciam mais reais a Pilatos que a negação da justiça ao Cristo. No final, contudo, aqueles que temem mais aos homens que a Deus perdem aquilo que esperavam que os homens preservassem. Pilatos, mais tarde, foi deposto pelo imperador romano por uma queixa dos judeus — outro exemplo dos homens punidos pelos mesmos instrumentos em que confiaram. Quando Pilatos ouviu a ameaça de informar César acerca de sua parcialidade para com um homem a quem acusaram de ser inimigo de César, Pilatos sentou no trono

da justiça. Apontando para o Prisioneiro coberto de sangue ressequido, coroadado de espinhos e de capa escarlate, disse ao povo:

Eis o vosso rei!
Mas eles clamavam:
Fora com ele! Fora com ele! Crucifica-o!
(São João 19, 14-15)

Pilatos perguntou:

Hei de crucificar o vosso rei?

E os sumos sacerdotes responderam:

Não temos outro rei senão César!
(São João 19,15)

E o rei levou em conta a palavra deles! Assim como outrora, nos dias de Samuel, rejeitaram o governo de Deus para ter um rei que Deus lhes deu com ira, assim também agora, ao rejeitar a realeza de Cristo, seriam atrelados à terra sob a realeza de César. Quando um criminoso era condenado à morte, era costume romano pegar uma vara longa, quebrá-la em duas partes e lançá-la aos pés do prisioneiro. Pilatos seguiu esse costume, e nos pedaços partidos do assoalho de mármore formou-se a figura de uma cruz.

Ibis ad crucem (Padecerás na cruz) era o édito romano, seguido pela ordem: *I, Lector, expedi crucem* (Vai, Leitor, prepara a cruz).

Entregou-o então a eles para que fosse crucificado.
(São João 19,16)

Na entrega do Prisioneiro para a crucifixão, Pilatos nunca poderia ter alegado ser impotente; um momento antes tinha se vangloriado de seu poder de condenar e libertar. Tampouco poderia desculpar-se com base na falta de coragem de opor-se aos que desejavam a morte de Cristo, pois pouco tempo depois, quando pediram que o sobredito na cruz fosse mudado, provou como podia ser obstinado. Pilatos fazia um papel duplo. Não desejava ofender aqueles a quem governava para que não fosse denunciado a César, mas também não desejava condenar sangue inocente.

A culpa pela crucifixão não deve ser atribuída a nenhuma nação, raça, povo ou indivíduo. O pecado foi a causa da crucifixão, e toda a humanidade herdou a infecção do pecado. Judeus e gentios partilharam a culpa, porém o mais importante é o Pai Celestial também tê-Lo libertado da morte, e ambos, judeus e gentios, partilham os frutos da redenção:

Aquele que não poupou seu próprio Filho,
mas que por todos nós o entregou.
(Romanos 8,32)

Pilatos, então:

Fez com que lhe trouxessem água,
lavou as mãos diante do povo e disse:
Sou inocente do sangue deste homem.
Isto é lá convosco!
(São Mateus 27,24)

Pilatos, por certo, não tinha consciência do rito misterioso ordenado por Moisés. As pessoas que viram Pilatos declarar-se inocente devem ter pensado nisso. Moisés ordenara:

Então todos os anciãos da cidade encontrada mais próxima do cadáver
lavarão suas mãos sobre a novilha cuja nuca quebraram no vale,

e dirão estas palavras:

Nossas mãos não derramaram este sangue, nem o viram os nossos olhos.

Ó Senhor, perdoai o vosso povo de Israel que resgatasses.

Não lhe imputeis o sangue inocente.

Assim será o homicídio expiado por eles.

E desse modo tirarás do meio de ti o sangue inocente, e farás o que é reto aos olhos do Senhor.

(Deuteronômio 21,6-9)

Nesse momento, o papel foi revertido. Foi Pilatos que se declarou inocente; foram os seguidores de Moisés que fizeram o oposto. A cerimônia prefigurava ser feito inocente pelo sangue, que era a maneira de o Cristo morrer. Pilatos, no entanto, buscou a inocência na água assim como Maomé a buscou na areia. Edmund Spenser, na sua obra *Fairy Queene*, descreveu Pilatos como aquele que passou o restante da vida a lavar continuamente as mãos. Lady Macbeth fez isso, mas, como a água não podia lavar o coração de Pilatos, assim lamentou-se lady Macbeth:

Todo o oceano do potente Netuno

poderia de tanto sangue a mão deixar-me limpa? Não...

(*Macbeth*, Ato 2, Cena II)

Embora o governador covarde tenha simbolicamente purgado a responsabilidade de sua perversão de justiça, na história soou o lamento: “Padeceu sob Pôncio Pilatos”.

Judas confessou que traíra “sangue inocente”; Pilatos repetidamente “não encontrou Nele culpa”, nem Herodes; Cláudia Procula O considerava um “homem justo”; o ladrão na cruz, mais tarde, diria que Ele não fizera mal algum; e o centurião, por fim, proclamaria:

Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!

(São Mateus 27,54)

Entretanto, no momento em que Pilatos declarou-se inocente de Seu sangue, o povo bradou:

Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!
(São Mateus 27,25)

Aquele sangue poderia recair sobre eles para destruí-los, mas ainda era o sangue da Redenção. Ainda que tenham atrelado uma maldição a si mesmos, Aquele a quem crucificaram não ratificara a sentença deles. No final se arrependerão. Antes do fim, há sempre os remanescentes que serão salvos. Mesmo nessa ocasião, não havia uma só mulher mencionada entre eles a desejar Sua morte. Então, também entre eles nessa hora havia almas nobres como José de Arimateia, Nicodemos, o mordomo da casa de Herodes e, em poucos anos, Paulo. Naquele momento, contudo, quando foi entregue pela terra, depois de ter sido entregue pelo céu para ser crucificado, seguiu-se outro escárnio:

tiraram-lhe a púrpura, deram-lhe de novo as vestes
e conduziram-no fora para o crucificar.
(São Marcos 15,20)

Nada foi dito sobre tirar-Lhe a coroa de espinhos, embora tenham-No despido das vestes em que fora escarnecido e ridicularizado como um falso rei. Puseram-Lhe os próprios trajes, o que provavelmente incluía as roupas externas e internas, bem como a túnica sem costura pela qual os soldados, mais tarde, lançariam a sorte. Seguiria com as próprias vestes e seria identificado como Aquele que pregara para Seu povo e andara entre eles como o Messias.

Conduziram-no fora para o crucificar.
(São Marcos 15,20)

Foi conduzido para fora da cidade, que era o costume em todas as execuções. O Levítico ordenara que os blasfemos fossem conduzidos à morte fora da cidade. Estêvão, ao ser apedrejado como o primeiro mártir, antes foi conduzido para fora da cidade. A lei também ordenava que o bode expiatório, sobre o qual as mãos do sacerdote eram impostas como se imputasse os pecados do povo, devia ser levado para fora da cidade para indicar que os pecados do povo eram retirados. A Epístola aos Hebreus descreveu esse simbolismo:

Porque, quando o sumo sacerdote levava ao santuário o sangue dos animais imolados para a expiação do pecado, os corpos desses animais eram inteiramente consumidos fora da entrada. Por esta razão, Jesus, querendo purificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora das portas.
(Hebreus 13,11-12)

Agora desejavam que Ele morresse, mas o que Ele era e o que eles odiavam nunca morreria.

Levaram então consigo Jesus. Ele próprio carregava a sua cruz para fora da cidade, em direção ao lugar chamado Calvário, em hebraico Gólgota.
(São João 19,17)

A CRUCIFIXÃO

A procissão da Cruz normalmente era precedida por uma trombeta a abrir o caminho; então, seguia-se um arauto que anunciava o nome do criminoso levado à execução. Às vezes, o nome do criminoso e o motivo da condenação eram escritos numa placa e pendurados em seu pescoço. Duas testemunhas do concílio que sentenciou o condenado à morte também tinham de acompanhar o cortejo. Um centurião montado num cavalo, junto com um considerável destacamento de soldados, fazia parte da procissão. Havia também os dois ladrões que seriam crucificados com Nosso Senhor. Ele carregava todo o peso da Cruz em Seus ombros, que já tinham sofrido a flagelação.

No domingo anterior, Ele havia sido proclamado “Rei”; naquela manhã, as pessoas gritavam: “Nenhum rei, senão César.” A Jerusalém que O saudou era agora a Jerusalém que O repudiava. Desde que os sacerdotes do templo O julgaram maldito, exilaram-No de Jerusalém. Essa era a lei do Levítico, segundo a qual a oferta pelo pecado devia ser levada para fora dos portões da cidade ou do campo.

“Serão levados para fora do acampamento
o touro e o bode oferecidos em sacrifício pelo pecado,
cujo sangue terá sido levado ao santuário
para aí fazer-se a expiação;
queimar-se-ão no fogo o seu couro,
a sua carne e os seus excrementos.
(Levítico 16,27)

Cristo, a oferta definitiva pelo pecado, é levado como bode expiatório para fora da cidade. São Paulo sugere que a partir daquele momento a cidade perdeu sua pretensão de grandeza e foi substituída pela Jerusalém celestial.

Por esta razão, Jesus, querendo purificar
o povo pelo seu próprio sangue,
padeceu fora das portas.
Saíamos, pois, a ele fora da entrada,
levando a sua ignomínia.
Aliás, não temos aqui cidade permanente,
mas vamos em busca da futura.
(Hebreus 13,12-14)

Isaías previra que “o governo está sobre seus ombros” (Isaías 9,6); agora ficava claro que a Cruz era Seu governo ou lei da vida. Ele dissera que quem quisesse ser Seu discípulo deveria tomar a cruz e segui-Lo.

Temendo que a flagelação prolongada, a perda de sangue e a coroa de espinhos O levassem à morte antes da Crucifixão, Seus inimigos obrigaram um estrangeiro, Simão de Cirene, a ajudá-Lo a carregar a cruz. Cirene era uma cidade na costa norte da África. A nacionalidade de Simão, todavia, é incerta. Pode ter sido judeu, a julgar pelo nome, ou um gentio; pode ser até que fosse um negro africano, a julgar pelo lugar de nascimento e pelo fato de que foi “forçado” a ajudar Nosso Senhor a carregar a cruz. Foi a primeira vez que o Salvador lançou Sua Cruz sobre alguém; a Simão pertence o privilégio de ser o primeiro a compartilhar a Cruz de Cristo.

Passava por ali certo homem de Cirene,
chamado Simão, que vinha do campo,
pai de Alexandre e de Rufo,
e obrigaram-no a que lhe levasse a cruz.
(São Marcos 15,21)

Simão não se encarregou dessa tarefa voluntariamente, pois a palavra grega usada no Evangelho foi adotada do persa e significa o emprego compulsório de animais para a entrega de correspondência no Império Persa. Simão provavelmente era um dos milhares de curiosos interessados em ver um homem caminhar para a morte e estava à beira da estrada até que o braço longo da lei Romana o forçou a participar da ignomínia da Cruz. À primeira vista, relutante por causa da coerção, ele, no entanto, deve ter encontrado, como Nosso Senhor dissera que seus discípulos encontrariam, “o jugo suave e o fardo leve”. De outro modo, seus dois filhos não teriam sido mencionados por Paulo como pilares da Igreja.

Nosso Senhor, durante a vida pública, ensinou a bondade como resposta à injúria:

Se alguém vem obrigar-te
a andar mil passos com ele,
anda dois mil.
(São Mateus 5,41)

É possível que Simão nunca tenha ouvido essas palavras; mas palavras eram desnecessárias enquanto ele seguia a Palavra.

Ao longo do caminho por que a procissão passava, encontravam-se também muitas mulheres. Havia muitos exemplos de homens que decepcionaram na Crucifixão, como os apóstolos que dormiram no jardim, Judas que O traiu, as cortes judaica e gentia que O condenaram, mas não há registro de uma só mulher que tenha pedido Sua morte. Uma mulher pagã intercedera por Sua vida diante de Pilatos. Aos pés da Cruz, haveria quatro mulheres, mas só um apóstolo. Durante a última semana do Senhor, as crianças gritaram “Hosana”, os homens bradaram “Crucifica!”, mas as mulheres “choraram”. Às mulheres que choravam, disse o Senhor:

Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim,
mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos.
Porque virão dias em que se dirá:
Felizes as estéreis, os ventres que não geraram

e os peitos que não amamentaram!
Então dirão aos montes: Caí sobre nós!
E aos outeiros: Cobri-nos!
Porque, se eles fazem isto ao lenho verde,
que acontecerá ao seco?
(São Lucas 23,28-31)

Nosso Senhor aludia às palavras que já tinha dito acerca da destruição iminente de Jerusalém:

Virão sobre ti dias em que os teus inimigos
te cercarão de trincheiras,
te sitiarão e te apertarão de todos os lados;
destruir-te-ão a ti e a teus filhos
que estiverem dentro de ti,
e não deixarão em ti pedra sobre pedra,
porque não conhecestes o tempo em que foste visitada.
(São Lucas 19,43-44)

Assim como no jardim o Senhor dissera aos soldados que o levassem e deixassem os apóstolos em paz, também disse às mulheres que não chorassem por Ele, pois era inocente, mas que chorassem pela destruição de Jerusalém, que era um símbolo da destruição do mundo no fim dos tempos. Na verdade, quando veio a destruição de Jerusalém, Josefo registrou que o povo de Jerusalém se escondia em cavernas e rochas das montanhas.

Essa foi a primeira vez desde o interrogatório diante de Pilatos que Nosso Senhor quebrou o silêncio. Era o sermão da Paixão do Salvador ou, antes, a primeira parte dele; a segunda parte consistia das Sete Últimas Palavras da Cruz.

Se houve algum momento em que Nosso Senhor pode ter se preocupado com as próprias dores e tomado as lágrimas dos outros como consolo para o próprio luto, esse foi o momento a caminho do Calvário, e ainda assim pediu às mulheres que não derramassem lágrimas por Ele. Aquele que chorou em Betânia e cujo sangue agora gotejava na estrada de Jerusalém pediu-lhes que

não chorassem por Ele, pois Sua morte era uma necessidade desejada — livremente desejada por Ele, mas uma necessidade para os homens. Ademais, uma vez que prometera enxugar toda lágrima, lágrimas por Ele eram desnecessárias.

A árvore verde era Ele mesmo; a árvore seca era o mundo. Ele era a verdejante árvore da vida transferida do Éden; a árvore seca era primeiro Jerusalém, e depois o mundo não convertido. Sua advertência significava que, se os romanos tratavam dessa forma Aquele que era inocente, como tratariam Jerusalém, que O condenara à morte? Se Ele foi ferido por causa das transgressões dos outros, como, no juízo final, seria punida a culpa por suas próprias iniquidades? Quando há fogo na floresta, a árvore verde com seiva e umidade se escurece; já as árvores velhas e secas, inteiramente podres, vão queimar! Se Aquele que não tinha pecado sofreu, quanto mais sofrerão aqueles que estão podres com o pecado!

Pedro, que não foi mencionado nessa cena, mas que viveu intimamente com o Salvador, mais tarde tomou o mesmo tema e escreveu:

E, se o justo se salva com dificuldade,
que será do ímpio e do pecador?
Assim também aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus
encomendem as suas almas ao Criador fiel,
praticando o bem.
(1 São Pedro 4,18-19)

Nenhuma lágrima de Dalila afastaria esse Sansão de sua obra hoje; nenhum lamento superficial das mulheres de Jerusalém O enfraqueceria no propósito determinado do sacrifício; o dote de lágrimas não podia fazer delas as noivas de Seu coração. Se Ele fosse apenas um homem bom indo em direção à morte, então deixaria que abrissem a fonte de lágrimas; mas, como Ele era um sacerdote indo ao sacrifício, então só as deixaria chorar se não se aproveitassem dos frutos desse mesmo sacrifício. Assim como purgaria a morte ao levantar-Se do sepulcro, também agora purgou as lágrimas de lamento, ao mostrar que só o pecado merecia lágrimas. As mulheres choravam por Ele como um homem bom, mas Ele não teria essas lágrimas no leito de morte. Ao rejeitar esse luto, o

Senhor mostrou que não era um homem bom enviado à morte, mas um Deus-homem salvando pecadores.

Oculto em Suas palavras estava o apelo por fidelidade para impedir a destruição de Jerusalém; seu destino estava nas mãos das mulheres, se tão somente se arrependessem. Nesta, como em muitas outras ocasiões, o Senhor levou Seus ouvintes a olhar para o estado de suas almas. Ele desviou a atenção de Si mesmo, que não tinha pecado, para aqueles que necessitavam da Redenção. Quando o jovem disse a Nosso Senhor que queria ser Seu discípulo, Nosso Senhor disse-lhe que não tinha onde repousar a cabeça. A condição da alma daquele jovem era adequada a tal pobreza? Quando Pedro disse que morreria pelo Senhor, este contou ao apóstolo o quanto sua alma era débil; agora dizia às mulheres que não desperdiçassem o pranto; que olhassem para a própria alma, para seus filhos, para a cidade. Ele não precisava de lágrimas; elas, sim, precisavam.

O lugar designado para a Crucifixão era o Gólgota, ou o “Lugar da Caveira”. Diz a lenda que foi ali que se deu o sepultamento de Adão. Representações da Crucifixão muitas vezes mostram um crânio aos pés da Cruz, para indicar que o novo Adão estava morrendo pelo velho Adão. Mas, decerto, era um lugar onde ossos de mortos eram jogados depois da execução. Uma vez no monte, os executores despiram-No de Suas vestes, abrindo novas feridas em Seu Corpo Santo. Ao todo, houve sete diferentes derramamentos de sangue: a circuncisão, a agonia no jardim, a flagelação, a coroa de espinhos, o caminho da Cruz, e agora os dois que se seguem — a Crucifixão e a perfuração do Sagrado Coração. A Cruz estava preparada, e sobre ela puseram uma inscrição feita por Pilatos em hebraico, latim e grego, que dizia:

Jesus de Nazaré, rei dos judeus.
(São João 19,19)

Sua morte, e também Sua Realeza, foram proclamados em nome dessas três cidades do mundo: Jerusalém, Roma e Atenas; no idioma do Bom, do Verdadeiro e do Belo; nas línguas de Sião, do Fórum e da Acrópole. Pediriam a Pilatos que mudasse o que tinha escrito, mas ele se recusaria: “O que escrevi, escrevi”. Sua Realeza permaneceu proclamada, embora, no momento, a Cruz

fosse Seu trono; Seu sangue, a púrpura real; os cravos, o Seu cetro; a coroa de espinho, Sua diadema. A verdade manifestou-se mesmo quando os homens a ridicularizavam.

Ser despido de Suas vestes queria dizer que já não era possível identificá-Lo pela roupa. Em Sua nudez, tornou-se o Homem Universal. Exilado da cidade, abandonou agora tanto a nação quanto a vida. O Sagrado Coração já não estava confinado entre fronteiras. O cravo rude transpassou aquela mão da qual fluía a graça do mundo, e a primeira pancada do martelo foi ouvida em silêncio. Martelada após martelada, o som logo ecoou pelos muros da cidade. Maria e João taparam os ouvidos; o eco soava com outra pancada. Os pés foram fixados, os mesmos que buscavam a ovelha perdida entre os espinhos. Cada detalhe da profecia estava sendo cumprido. Mil anos antes, Davi viu o papel que o martelo e os cravos representariam com respeito ao Messias, quando os carpinteiros entregaram à morte Aquele que fora o carpinteiro do universo.

Cercam-me touros numerosos, rodeiam-me touros de Basá;
contra mim eles abrem suas fauces, como o leão que rugir e
arrebata. Derramo-me como água, todos os meus ossos se
desconjuntam; meu coração tornou-se como cera, e derrete-se
nas minhas entranhas. Minha garganta está seca qual barro
cozido, pega-se no paladar a minha língua: vós me reduzistes
ao pó da morte. Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me
um bando de malfeitores. Traspassaram minhas mãos e meus
pés: poderia contar todos os meus ossos. Eles me olham e me
observam com alegria [...]

(Salmo 21,13-18)

Isaías previra que, em Sua morte, o Messias estaria relacionado a criminosos e malfeitores. Sendo vítima vicária pelos pecados, Ele não era tido com mais estima do que a escória da terra. Como profetizou Isaías:

Foi maltratado e resignou-se;
não abriu a boca,

como um cordeiro que se conduz ao matadouro,
e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador.
[...] O Justo, meu Servo, justificará muitos homens,
e tomará sobre si suas iniquidades.
[...] ele próprio deu sua vida,
e deixou-se colocar entre os criminosos,
tomando sobre si os pecados de muitos homens,
e intercedendo pelos culpados.
(Isaías 53,7-12)

Porque a crucifixão era o mais excruciante dos tormentos, era costume oferecer ao condenado uma medida para diminuir a sensibilidade à dor. Provavelmente, as mulheres de Jerusalém levavam consigo tal poção. Em todo caso, os soldados

deram-lhe de beber vinho misturado com mirra,
mas ele não o aceitou.
(São Marcos 15,23)

Quando Lhe levaram aos lábios, Nosso Senhor, sabendo que era um sedativo, recusou-se a sorver. Embora Seu corpo, já exausto, bradasse por água, Ele não beberia aquilo que embotaria seu papel de mediador. No nascimento, Sua mãe recebeu mirra de presente e aceitou-a como um sinal de sua morte redentora. Em sua morte, Ele recusaria a mirra, que entorpeceria a razão de Sua vinda. Ele disse a Pedro na noite anterior que beberia do cálice que o Pai Lhe dera. Mas, para beber aquele cálice de Redenção, não deveria beber o cálice que lhe separaria Corpo e Espírito.

Nosso Senhor ocupou muitos púlpitos durante a vida pública, tais como o barco de Pedro lançado ao mar, o topo da montanha, as ruas de Tiro e Sidom, o templo, a estrada junto ao cemitério e um salão de banquetes. Mas todos perdem importância em comparação ao púlpito em que Ele estava agora — o púlpito da Cruz. Esta foi lentamente erguida do chão, balançou nos ares por um momento, rasgando e dilacerando Sua Carne Santa; então, de repente, com um golpe seco que pareceu abalar até mesmo aos infernos, foi fincada no

buraco preparado para ela. Nosso Senhor subiu em Seu púlpito pela última vez.

Como todo orador, observava do alto Sua audiência. Ao longe, em Jerusalém, Ele podia ver a abóboda dourada do templo, refletindo os raios do sol, prestes a esconder sua face, envergonhado. Aqui e ali, nas paredes do templo, Ele podia captar um vislumbre daqueles que estavam forçando os olhos para ver Aquele a quem as trevas não conheciam. Ao lado da multidão estavam seguidores tímidos, prontos para fugir em caso de perigo; ali também estavam os executores preparando-se para lançar sortes por Sua túnica (São João 19,24). Perto da Cruz estava o único apóstolo presente, João, cujo rosto tinha um aspecto como que moldado pelo amor; Madalena também estava lá, como uma flor pisoteada, uma criatura ferida. Mas, acima de todos — Deus tenha piedade dela! —, estava Sua própria mãe. Maria, Madalena, João; inocência, penitência e sacerdócio; os três tipos de almas que para todo o sempre seriam encontradas aos pés da Cruz de Cristo.

AS SETE PALAVRAS DO ALTO DA CRUZ

Nosso Senhor falou sete vezes do alto da Cruz. Essas são chamadas de as sete últimas palavras. Nas Escrituras só há registro das palavras derradeiras de três outros: Israel, Moisés e Estêvão. O motivo, talvez, é que nenhum outro é considerado tão significativo e representativo como esses três. Israel foi o primeiro dos israelitas; Moisés, o primeiro da dispensação legal; Estêvão, o primeiro mártir cristão. As palavras derradeiras de cada um deles dão início a algo sublime na história das relações de Deus com os homens. Nem mesmo as últimas palavras de Pedro, de Paulo ou de João foram um legado humano, pois nenhum espírito jamais guiou a pena para revelar os segredos de seus lábios moribundos. E, ainda assim, o coração humano sempre anseia por ouvir a disposição de espírito de alguém naquele momento muito comum e ainda mais misterioso chamado morte.

Por bondade, Nosso Senhor Bendito deixou Suas reflexões sobre a morte, pois Ele — mais que Israel, que Moisés e que Estêvão — representava toda a humanidade. Nessa hora sublime Ele chamou todos os filhos ao púlpito da cruz e cada palavra que lhes disse foi dita com a intenção de publicação eterna e consolação imortal. Nunca houve um pregador como o Cristo moribundo; nunca houve congregação como a que se reuniu ao redor do púlpito da cruz; nunca houve sermão como as últimas sete PALAVRAS.

A PRIMEIRA PALAVRA

Os executores esperavam que Ele gritasse, pois todos os pregados ao lenho da cruz o fizeram anteriormente. Sêneca escreveu que aqueles que eram

crucificados amaldiçoavam o dia em que nasceram, os executores, as mães e até mesmo cuspiam nos que para eles olhavam. Cícero recordou que, às vezes, era necessário cortar a língua dos que eram crucificados para que cessassem suas terríveis blasfêmias. Por isso os carrascos esperavam uma palavra, mas não o tipo de palavra que ouviram. Os escribas e os fariseus esperavam por Sua reação e estavam bem certos de que Ele, que pregara o “amor pelos inimigos” e “fazer o bem aos que nos odeiam”, naquele momento esqueceria o Evangelho diante dos que perfuravam Seus pés e mãos. Pressentiam que as dores excruciantes e agonizantes dissipariam os ventos de quaisquer resoluções que Ele pudesse ter tomado para manter as aparências. Todos esperavam um grito, mas ninguém, exceto os três aos pés da cruz, esperava a proclamação que ouviram. Como algumas árvores fragrantas que banham de perfume o próprio machado que as corta, o imenso Coração na Árvore do Amor derramou de Seu interior mais uma oração do que um grito — uma prece simples, doce e humilde de graça e perdão:

Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem.
(São Lucas 23,34)

Perdoar quem? Perdoar os inimigos? O soldado da corte de Caifás que o golpeou com um punho couraçado? Pilatos, o político, que condenou Deus para manter a amizade com César? Herodes, que vestiu a Sabedoria com os trajes de um tolo? Os soldados, que penduraram o Rei dos reis em um madeiro entre o céu e a terra? Perdoá-los? Perdoá-los por quê? Porque sabem o que fazem? Não, porque não sabem o que fazem. Se soubessem e ainda assim continuassem a fazê-lo; se soubessem que crime terrível estavam cometendo ao sentenciar a Vida à morte; se soubessem que perversão da justiça era preferir Barrabás a Cristo; se soubessem a crueldade que era tomar os pés que cruzaram os montes eternos e pregá-los ao lenho de uma árvore; se soubessem o que estavam a fazer e ainda assim continuassem a fazê-lo, negligenciando o fato de que o próprio sangue que derramavam era capaz de redimi-los, nunca seriam salvos! Ao contrário, seriam condenados! Foi apenas a ignorância do enorme pecado que os pôs no âmbito de ouvir aquele som que vinha da cruz. Não é a ciência que salva: é a ignorância!

Homens moribundos proclamam a própria inocência ou condenam os juízes que os sentenciaram à morte, ou, ainda, pedem o perdão dos pecados. No entanto, a Perfeita Inocência não pediu perdão; como mediador entre Deus e o homem, Ele ampliou o perdão. Como Sumo Sacerdote que ofereceu a Si mesmo em sacrifício, pugnou pelos pecadores. Em certo sentido, as palavras de perdão foram duas vezes proferidas: uma no Éden, quando Deus prometeu a redenção por intermédio da “descendência de uma mulher” que esmagaria a serpente do mal; e agora, quando Deus, como Servo Sofredor, cumpria a promessa. Tão imenso foi o Amor Divino manifestado nessa primeira palavra do alto da Cruz que seus ecos foram ouvidos por toda a história, tais como em Estêvão, ao pedir que o Senhor não culpasse pelo pecado aqueles que o apedrejaram, e em Paulo, que escreveu:

não houve quem me assistisse;
todos me desampararam!
(Que isto não seja imputado.)
(2 Timóteo 4,16)

As preces de Estêvão e Paulo, todavia, não eram como a Dele, em que o perdão era identificado com Seu sacrifício. Ao ser, Ele mesmo, Sacerdote e Vítima, era elevado como sacerdote e prostrado como vítima. Desse modo, Ele intercedeu e ofereceu-Se pelo culpado. O sangue de Abel clamou pela ira de Deus para vingar o assassinato de Caim; o novo sangue de Abel derramado por irmãos invejosos da raça de Caim foi alçado para suspender a ira e implorar por perdão.

A SEGUNDA PALAVRA

O Juízo Final foi prefigurado no Calvário: o Juiz estava no centro, e as duas divisões da humanidade, uma de cada lado: os salvos e os condenados, as ovelhas e os cabritos. Quando viesse em glória para julgar todos os homens, a cruz, então, também estaria com Ele, mas como uma medalha de honra, e não como opróbrio.

Os dois ladrões crucificados ao Seu lado, de início, blasfemaram e amaldiçoaram. O sofrimento não necessariamente torna os homens melhores; pode torná-los insensíveis e ferir a alma, a menos que os homens sejam purificados ao ver seu valor redentor. O sofrimento sem espiritualidade pode causar degeneração ao homem. O ladrão à esquerda, por certo, não ficou melhor por causa da dor; pediu para ser descido da cruz. No entanto, o ladrão da direita, evidentemente movido pela prece sacerdotal de intercessão, pediu para ser arrebatado. Ao reprimir o confrade ladrão por sua blasfêmia, disse:

Nem sequer temes a Deus, tu que sofres no mesmo suplício?
Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes,
mas este não fez mal algum.
(São Lucas 23,40-41)

Em seguida, lançando-se na misericórdia divina, pediu por perdão.

Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino!
(São Lucas 23,42)

Um moribundo pediu a um agonizante por vida eterna; um homem sem posses suplicou a um pobre por um Reino; um ladrão às portas da morte pediu para morrer como um ladrão e roubar o Paraíso. Poderíamos ter pensado em um santo a ser a primeira alma comprada no Calvário pelas moedas rubras da redenção, mas, no plano divino, um ladrão foi o séquito do Rei dos reis no Paraíso. Se Nosso Senhor tivesse vindo como mero mestre, o ladrão nunca teria pedido por perdão. Entretanto, já que seu pedido tocou a razão de Sua vinda à terra, a saber, salvar as almas, o ladrão ouviu a resposta imediata:

Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso.
(São Lucas 23,43)

Foi a última prece do ladrão, talvez até a primeira. Ele bateu uma vez, buscou uma vez, pediu uma vez, arriscou tudo e conseguiu tudo. Quando até os discípulos estavam duvidosos e somente um deles estava presente na Cruz, o ladrão O tinha e O reconhecia como Salvador. Se Barrabás tivesse ido à execução, como haveria de desejar não ter sido libertado e poder ouvir as palavras do sumo sacerdote compassivo. Praticamente todo o Corpo de Cristo foi preso por pregos ou torturado por chicotes e espinhos, exceto Seu coração e Sua língua — e esses declararam o perdão naquele mesmo dia. No entanto, quem pode perdoar os pecados senão Deus? E quem pode prometer o Paraíso a não ser Ele que, por natureza, é eterno no Paraíso?

A TERCEIRA PALAVRA

A terceira mensagem de Nosso Senhor do alto da Cruz continha exatamente a mesma palavra que empregou ao dirigir-se à Sua mãe na festa das bodas de Caná. Quando ela, pelo bem do anfitrião constrangido, fez a súplica singela de que não havia mais vinho, Ele respondeu: “Mulher, que tenho eu e tu com isso? Ainda não chegou a minha hora” (São João 2,4). Nosso Senhor sempre usou a palavra “hora” em relação a Sua Paixão e Morte.

Em nosso modo de dizer, Nosso Senhor falava à Sua mãe bendita em Caná: “Mãezinha querida, percebes que estás a pedir que Eu proclame Minha divindade — que apareça diante do mundo como o Filho de Deus e prove Minha divindade por obras e milagres? No momento em que fizer isso, darei início ao caminho real para a Cruz. Quando não for mais conhecido como o filho do carpinteiro, mas como Filho de Deus, esse será Meu primeiro passo em direção ao Calvário. Minha hora ainda não chegou, mas gostarias que a antecipasse? É da tua vontade que Eu vá para a Cruz? Caso seja, teu relacionamento Comigo mudará. És agora Minha mãe. És conhecida em todos os cantos de nosso vilarejo como a mãe de Jesus. Se, contudo, Eu surgir agora como Salvador dos homens e começar a obra da redenção, teu papel também mudará. Uma vez que Me ocupe da salvação da humanidade, não serás apenas Minha mãe, mas serás também a mãe de todos os que Eu redimir. Sou o Cabeça da humanidade; tão logo salve o corpo da humanidade, tu, que és a mãe do Cabeça, tornar-te-ás também a mãe de Meu Corpo Místico ou a Igreja. Serás, então, a mãe universal, a nova Eva, assim como sou Eu o novo Adão.

“Para indicar-te o papel que terás na Redenção, conceder-te-ei o título de maternidade universal. Chamo-te Mulher. Foi a ti que Me referi ao dizer a Satanás que poria inimizade entre ele e a mulher, entre seu bando do mal e tua descendência, que sou Eu. Neste momento, concedo-te o grandioso título de mulher. E te dignificarei novamente com ele quando chegar a minha hora e for desfraldado sobre a cruz como uma águia ferida. Estamos juntos nessa obra de Redenção. O que é teu é Meu. Deste momento em diante não seremos apenas Maria e Jesus, somos agora o novo Adão e a nova Eva, a principiar uma nova humanidade, a transformar a água do pecado em vinho da vida. Ao tomar ciência de tudo isso, mãezinha querida, é da tua vontade que antecipe a Cruz e vá ao Calvário?”.

Nosso Senhor apresentava a Maria não só a opção de pedir ou não por um milagre, mas sim perguntava se ela O enviaria à Sua morte. Deixara bem claro que o mundo não toleraria Sua divindade, e caso transformasse água em vinho, algum dia o vinho se transformaria em sangue.

Passaram-se três anos. Nosso Senhor Santíssimo olhava, agora, do alto da Cruz para as duas criaturas mais amadas que tivera na terra — João e Sua bem-aventurada mãe. Tomou o refrão de Caná e endereçou-Se à Nossa Mãe Bendita com o mesmo título que lhe concedeu naquela festa de casamento. Chamou-a de “mulher”. Foi a segunda anunciação. Com um mover dos olhos pulverosos e da fronte coroada por espinhos, fitou-a ardentemente, a ela que condescendeu a enviá-Lo à Cruz e que agora se postava aos Seus pés como uma colaboradora em Sua Redenção, e disse: “Mulher, eis aí teu filho” (São João 19,26). Ele não o chamou de João; fazer isso significaria endereçar-se a ele como o filho de Zebedeu e de mais ninguém. Entretanto, anônimo, João representava toda a humanidade. Ao discípulo muito amado, disse: “Eis aí tua mãe” (São João 19,27).

Eis aqui a resposta, depois de todos aqueles anos, às palavras misteriosas do Evangelho da Encarnação que relatava que Nossa Mãe Bendita teria seu “primogênito” em uma manjedoura. Queria indicar que Nossa Mãe Santíssima teria outros filhos? Por certo que sim, mas não segundo a carne. Nosso Divino Senhor e Salvador Jesus Cristo era o Filho Único de Nossa Senhora pela carne. Entretanto, Nossa Senhora teve outros filhos, não segundo a carne, mas segundo o espírito!

Há dois grandes períodos na relação de Jesus e Maria; o primeiro vai do berço a Caná e o segundo, de Caná até a Cruz. No primeiro, ela era a mãe de

Jesus; no segundo, passou a ser a mãe de todos a quem Jesus redimiu — em outras palavras, passou a ser a mãe dos homens. De Belém a Caná, Maria teve Jesus como uma mãe tem um filho; até mesmo o chamava familiarmente de “filho”, aos 12 anos, como se fosse seu modo habitual de dirigir-se a Ele. Nosso Senhor esteve com ela durante aqueles trinta anos, fugindo em seus braços para o Egito, vivendo em Nazaré e estando sujeito a ela. Ele era dela e ela era Dele, e até aquele exato momento em que se encaminhavam para as bodas, seu nome foi mencionado primeiro: “e achava-se ali a mãe de Jesus” (São João 2,1).

No entanto, de Caná em diante, há um afastamento crescente, que Maria ajudou a ocasionar. Um ano após aquele episódio, como mãe dedicada, ela O seguiu nas pregações. Nosso Senhor foi noticiado de que Sua mãe O procurava. Nosso Senhor, aparentemente despreocupado, voltou-se à multidão e perguntou:

Quem é minha mãe [...]?
(São Mateus 12,48)

Dessa maneira revelou o grande mistério cristão de que o relacionamento não depende da carne e do sangue, mas da união com a natureza divina por intermédio da graça:

Todo aquele que faz a vontade
de meu Pai que está nos céus,
esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.
(São Mateus 12,50)

O mistério chegou ao fim no Calvário. Aí ela tornou-se nossa mãe, no momento em que perdeu seu Filho Divino. O que parecia um alheamento da afeição era, em verdade, um aprofundamento da afeição. Nenhum amor jamais alcança um nível superior sem a morte de um nível inferior. Maria morreu para o amor de Jesus em Caná e recuperou Jesus no Calvário com o Corpo Místico que Ele redimiu. Foi, por um momento, uma troca inferior, abrir mão do Filho Divino para ganhar os seres humanos, mas, na realidade, não ganhou a

humanidade sem Ele. No dia em que foi a Ele ao pregar, começou a fundir a maternidade divina em uma nova maternidade de todos os homens; no Calvário, Ele a fez amar os homens como Ele os amava.

Era um novo amor, ou, talvez, o mesmo amor ampliado a uma área mais extensa da humanidade. Não era, contudo, sem pesar. Custou algo a Maria ter os homens como filhos. Ela pôde dar Jesus à luz, jubilosa, em um estábulo, mas somente pôde dar à luz os cristãos no Calvário, em dores de parto grandes o bastante para torná-la a rainha dos mártires. O *Fiat* que pronunciou ao tornar-se a mãe de Deus agora se tornou outro *Fiat*, como a Criação na imensidão daquilo que ela gerou. Foi também um *Fiat* que ampliou tanto as afeições como as dores. A amargura da maldição de Eva — de que a mulher geraria filhos com dores — nesse momento se cumpria, e não pelo abrir de um útero, mas por um coração transpassado, como predissera Simeão. Foi a maior de todas as honras ser a mãe de Cristo; mas também foi uma grande honra ser a mãe de todos os cristãos. Não havia lugar na estalagem naquele primeiro nascimento, mas, no segundo, Maria teve todo o mundo. Recordemos que, quando Nosso Senhor falou a João, não se referiu a ele como João, visto que teria sido apenas o filho de Zebedeu. Em João toda a humanidade foi recomendada a Maria, que se tornou a mãe dos homens, não por uma metáfora ou figura de linguagem, mas pelas dores do parto. Não foi mera solicitude sentimental que fez Nosso Senhor dar João à Sua mãe, pois a mãe de João estava presente na Cruz. Ele não precisava de outra mãe do ponto de vista humano. A importância das palavras era espiritual e se cumpriu no dia de Pentecostes, quando o Corpo Místico de Cristo se tornou visível e operante. Maria, como a mãe da humanidade redimida e regenerada, estava no meio dos apóstolos.

A QUARTA PALAVRA

De meio-dia às três da tarde, uma escuridão sobrenatural recaiu sobre a terra, pois a natureza, em compreensão amiga com o Criador, recusou-se a lançar luz sobre o crime de deicídio. A humanidade, ao condenar a Luz do Mundo, perdera agora o símbolo cósmico dessa luz, o sol. Em Belém, quando Ele nasceu, à meia-noite, o céu subitamente encheu-se de luz; no Calvário, quando

ingressou na ignomínia de Sua crucifixão ao meio-dia, o firmamento abandonou a luz. Séculos antes, dissera o profeta Amós:

Acontecerá naquele dia [...]
que farei o sol se pôr ao meio-dia,
e encherei a terra de trevas em pleno dia.
(Amós 8,9)

Nosso Senhor Bendito entrou na segunda fase de Seu sofrimento. A catástrofe de ser pregado na Cruz foi seguida pela paixão de ser crucificado. Onde não podia fluir livremente, o sangue coagulou; a febre consumiu Seu corpo; os espinhos que eram a maldição da terra estavam naquele momento cobertos de sangue derramado como uma calamidade do pecado. Uma quietude sobrenatural, que é um tanto normal nas trevas, agora se tornava atemorizante na escuridão anormal do meio do dia. Quando Judas veio com o bando para prendê-Lo no Jardim das Oliveiras, Nosso Senhor lhe disse que era a Sua hora e do “poder das trevas”. Essas trevas, no entanto, não significavam que os homens estavam extinguindo a Luz que iluminou cada homem que veio a este mundo, mas também que Ele estava negando a Si mesmo, no momento, a luz e a consolação de Sua divindade. O sofrimento passara do corpo para a mente e a alma, enquanto clamava em alta voz:

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?
(São Mateus 27,46)

Durante essa parte da crucifixão, Nosso Senhor Santíssimo repetia o Salmo de Davi que profeticamente referia-se a Ele, embora escrito mil anos antes.

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?
[...] Eu, porém, sou um verme, não sou homem,
o opróbrio de todos e a abjeção da plebe.

Todos os que me veem zombam de mim; dizem, meneando a cabeça:

Esperou no Senhor, pois que ele o livre, que o salve, se o ama.
[...]

Cercam-me touros numerosos, rodeiam-me touros de Basá;
contra mim eles abrem suas fauces, como o leão que ruga e
arrebata.

Derramo-me como água, todos os meus ossos se
desconjuntam;

meu coração tornou-se como cera, e derrete-se nas minhas
entranhas.

Minha garganta está seca qual barro cozido, pega-se no paladar
a minha língua:

vós me reduzistes ao pó da morte.

Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me um bando de
malfeitores.

Traspassaram minhas mãos e meus pés: poderia contar todos os
meus ossos.

Eles me olham e me observam com alegria [...].

(Salmo 21,2; 7-9; 13-19)

O traço indicativo dos sofrimentos de Nosso Senhor que é revelado nesse salmo foi sua desolação e solidão. O Filho Divino chamou o Pai de “Meu Deus” — em contraste com a prece que ensinou aos homens a dizer “Pai Nosso que estais nos céus”. Não foi Sua natureza humana que foi apartada de Sua natureza divina; isso era impossível. Em vez disso, assim como a luz do sol e o calor podem ficar escondidos no pé da montanha por nuvens intervenientes, ainda que o pico esteja banhado pela luz do sol, da mesma maneira, ao tomar sobre Si os pecados do mundo, Ele desejou uma espécie de afastamento da face do Pai e de toda a consolação divina. O pecado tem efeitos físicos e Ele os sentiu ao ter as mãos e os pés perfurados; o pecado tem efeitos mentais que Ele externou no Jardim do Getsêmani; o pecado também tem efeitos espirituais, tais como um senso de abandono, de separação de Deus, de solidão. Esse momento em especial, em que o principal efeito do pecado é a solidão, Ele desejou tomar sobre Si.

O homem rejeitou Deus; agora, portanto, Ele desejou sentir essa rejeição. O homem virou as costas para Deus; agora Ele, que era Deus em união pessoal com a natureza humana, desejou sentir naquela natureza humana a tristeza abominável como se Ele fosse culpado. A terra já O abandonara ao erguer sobre si uma Cruz; o céu O abandonara ao velar-se em escuridão e, ainda assim, pendendo entre ambos, uniu-Se aos dois. Naquele clamor estavam todos os sentimentos dos corações humanos que expressam uma nostalgia divina: a solidão do ateu, do cético, do pessimista, dos pecadores que odeiam a si mesmos por detestar a virtude e de todos os que não amam nada além da carne, pois viver sem amor é o inferno. Foi, portanto, sustentado pelos cravos que Se pôs no limiar do inferno em nome de todos os pecadores. Ao ingressar na penalidade extrema do pecado, que é a separação de Deus, era apropriado que Seus olhos se enchessem de trevas e Sua alma, de solidão.

Em cada uma das outras palavras, Ele agiu como mediador divino: na primeira palavra, rogou pelo perdão dos pecadores em geral; na segunda palavra, anteviu Seu papel último no fim do mundo quando separará o bom do mau; na terceira palavra, Ele foi o mediador a designar uma maternidade espiritual para a humanidade redimida. Agora, na quarta palavra, agiu como mediador para a humanidade pecadora. Deus e Ele, por um momento, ficaram um diante do outro. O Antigo Testamento profetizara que Aquele que pendesse do madeiro seria maldito; as trevas deram expressão a essa maldição abrasadora que Ele removeria ao suportá-la e ao triunfar na Ressurreição. Um dos primeiros grandes dons de Deus foi o dom da luz, que Ele mesmo afirmara fazer brilhar sobre os justos e os perversos. Como mediador e advogado do vácuo e das trevas dos corações pecadores, contudo, negaria a Si mesmo esse dom primitivo da luz.

A história do relacionamento de Deus com o homem começa no Antigo Testamento, quando foi feita a luz, e a história terá fim no juízo final, quando o sol e a lua serão obscurecidos, as estrelas perderão o brilho e todo o firmamento se cobrirá de trevas. Nesse meio-dia em particular, Ele esteve entre a luz que foi criada e a escuridão suprema, onde o mal será condenado. Sentiu em Si as tensões da história: a luz veio às trevas, mas as trevas não compreenderam a luz. Assim como um agonizante vê toda a vida em resumo, da mesma maneira, nesse momento Ele via a história recapitulada em Si mesmo, quando as trevas do pecado tiveram seu momento de triunfo. O bode expiatório, sobre o qual os sacerdotes da Lei Antiga impunham as mãos e

enviavam para o deserto, comprovou-se Naquele que desceu aos portões do inferno. O mal rompe qualquer laço que una o homem a Deus, impondo barreiras a todas as veredas que se abrem para Ele e cerrando todos os aquedutos que possam fortalecer o homem a ir ao encontro de Deus. Sentia agora como se Ele mesmo tivesse cerrado o cordão que unia a vida humana à divina. A agonia física da crucifixão não era quase nada em comparação a essa agonia mental que tomou para Si. Os filhos podem fazer cruces, mas somente o pecado pode criar trevas d'alma.

O brado de Cristo foi o do desamparo que sentiu ao se colocar no lugar do pecador, mas não foi de desespero. A alma desesperada nunca clama a Deus. Assim como as fortes pontadas de fome não são sentidas pelo moribundo completamente exaurido, mas pelo homem que luta pela vida com as últimas forças, assim também o abandono foi sentido não só pelo ímpio e pelo profano, mas pelo mais santo dos homens, o Senhor na Cruz. A maior agonia mental do mundo e a causa de muitas desordens psíquicas está na mente, alma e coração dos que não têm Deus. Tal vazio nunca teria consolação, caso Ele não sentisse tudo isso como Seu. Desse ponto em diante, nenhum ateu jamais poderá dizer na sua solidão que Ele não sabia como seria viver sem Deus! Esse vácuo de humanidade obtido pelo pecado, embora Ele tenha sentido como Seu, não obstante proferido em alto brado, o foi não para indicar desespero, mas, sim, esperança de que o sol volte a surgir mais uma vez e disperse a escuridão.

A QUINTA PALAVRA

Nesse instante se chegou a um ponto do discurso das sete últimas palavras do alto da Cruz que pareciam indicar que Nosso Senhor Bendito falava de Si mesmo, ao passo que nalgumas das palavras anteriores tenha falado para outros. Os fatos, entretanto, não são tão simples. Na verdade, é certo que a perda de sangue pelo sofrimento, a posição nada natural do Corpo, com extrema tensão nas mãos e pés, os músculos estirados, as feridas expostas ao ar livre, a dor de cabeça por conta da coroa de espinhos, a dilatação dos vasos sanguíneos, a inflamação crescente — tudo poderia ter produzido a sede física. Não é de surpreender que tenha sentido sede; o que causa espanto é Ele ter dito isso. Ele, que lançou as estrelas nas órbitas e os planetas no espaço; Ele,

que circunscreveu o acesso do mar; Ele, que fez jorrar água da pedra que Moisés bateu; Ele, que fez todos os mares, rios e fontes; Ele, que disse à mulher da Samaria “quem beber dessa água que eu lhe der não terá mais sede” (São João 4,14), deixa escapar dos lábios o mais breve dos sete clamores da Cruz:

Tenho sede.
(São João 19,28)

Quando foi crucificado, recusou-Se a tomar uma mistura que Lhe foi oferecida; agora pedia avidamente por algo para beber. Existe, todavia, uma diferença considerável entre as duas bebidas: a primeira era mirra e se tratava de uma bebida entorpecente para repelir a dor, e por isso Ele a recusou para que os sentidos não fossem embotados. A bebida que naquele momento foi-Lhe dada era vinagre ou o vinho avinagrado dos soldados.

Havia ali um vaso cheio de vinagre.
Os soldados encheram de vinagre uma esponja e,
fixando-a numa vara de hissopo, chegaram-lhe à boca.
(São João 19,29)

Ele, que transformara água em vinho em Caná, poderia ter empregado os mesmos recursos infinitos para satisfazer a própria sede, a não ser pelo fato de que nunca realizava um milagre em proveito próprio. No entanto, por que pediu uma bebida? Não foi só por necessidade, embora tenha sido grande. A verdadeira razão para o pedido era o cumprimento das profecias:

Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado,
para se cumprir plenamente a Escritura, disse: Tenho sede.
(São João 19,28)

Tudo o que o Antigo Testamento profetizara a respeito Dele tinha de ser cumprido até a última vírgula. Nas Escrituras, Davi predissera Sua sede

durante a Paixão:

Minha garganta está seca qual barro cozido,
pega-se no paladar a minha língua: [...]
(Salmo 21,16)

Esperiei em vão quem tivesse compaixão de mim,
quem me consolasse, e não encontrei.
Puseram fel no meu alimento,
na minha sede deram-me vinagre para beber.
(Salmo 68,21-22)

Assim, os soldados, embora tivessem dado vinagre para Dele zombar, o que é explicitamente afirmado, mesmo assim cumpriram as Escrituras. O vinagre foi-Lhe dado em um ramo de hissopo, uma planta que crescia a uma altura de uns 45 centímetros.³ O hissopo também foi mergulhado no sangue do Cordeiro Pascal; foi usado para aspergir as vergas e os mourões das portas dos judeus no Egito para que escapassem do anjo vingador; foi mergulhado no sangue do pássaro ao purificar o leproso; o próprio Davi, depois de pecar, foi quem disse que seria purificado com hissopo e limpo.

Aquilo que, por último, toma conta da vida dos homens era posto em primeiro lugar na Sua vida, pois Ele veio para sofrer e morrer. No entanto, não desistiria da vida até que cumprisse os detalhes da Escritura para que os homens pudessem saber que Ele, o Cristo, o Filho de Deus, era quem morria na Cruz. Estava a retirar das Escrituras a ideia de que o Messias da promessa não deveria aceitar a morte como um desígnio, mas levá-la a cabo como um feito. A exaustão não era para matá-Lo, o esgotamento não era por sede. Como Sumo Sacerdote e Mediador, foram as profecias a Seu respeito que incitaram o clamor de sede. Na verdade, os rabinos judeus já haviam aplicado essa profecia a Ele; afirma a Midrash: “Vem e mergulha tua porção no vinagre — isso é dito do Messias — de Sua Paixão e tormentos, como está escrito no profeta Isaías: ‘Foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades’”.

Já que os soldados debochadamente deram vinagre a Nosso Senhor na ponta da vara de hissopo, é provável que pretendessem ridicularizar um dos

ritos sagrados judaicos. Quando o sangue do cordeiro foi aspergido com o hissopo, a purificação por intermédio de um símbolo agora era cumprida, assim que o hissopo tocou o sangue do Cristo. São Paulo, ao abordar essa ideia, escreve:

sem levar consigo o sangue de carneiros ou novilhos,
mas com seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no
santuário,
adquirindo-nos uma redenção eterna.
Pois se o sangue de carneiros e de touros e a cinza de uma vaca,
com que se aspergem os impuros,
santificam e purificam pelo menos os corpos,
quanto mais o sangue de Cristo,
que pelo Espírito eterno se ofereceu como vítima sem mácula a
Deus,
purificará a nossa consciência das obras mortas
para o serviço do Deus vivo?
(Hebreus 9,12-14)

As pessoas presentes aos pés da Cruz que conheciam muito bem as profecias do Antigo Testamento receberam outra prova de que Ele era o Messias sofredor. Sua quarta palavra, que expressava o sofrimento da alma, e a quinta palavra, que expressava os sofrimentos do corpo, ambos foram preditos. A sede era o símbolo do caráter insatisfatório do pecado; os prazeres da carne comprados ao preço do júbilo do espírito, assim como beber água salobra. O homem rico, na parábola, ficou sedento e implorou ao pai Abraão que pedisse a Lázaro para molhar sua língua com uma gota d'água. Completar a expiação do pecado requereria do Redentor que agora sentisse a sede até dos perdidos antes que o estivessem. Entretanto, para os salvos, também, havia sede — uma ânsia por almas. Alguns homens têm paixão por dinheiro; outros, por fama. A paixão Dele era por almas! “Dê-Me de beber” queria dizer “Dê-me teu coração”. A tragédia do amor divino pela humanidade é que em Sua sede os homens Lhe deram vinagre e fel.

A SEXTA PALAVRA

Desde toda a eternidade, Deus desejou tornar o homem à imagem de seu Filho Divino. Ao aperfeiçoar e alcançar tal semelhança em Adão, colocou-o no Jardim do Éden, belo como só Deus sabe tornar belo um jardim. De certo modo misterioso, a revolta de Lúcifer ecoou na terra, e a imagem de Deus no homem turvou-se. O Pai Celestial desejava agora, em sua Misericórdia Divina, restaurar o homem à glória primitiva, para que o homem decaído pudesse conhecer a bela imagem a que estava destinado a se conformar. Deus enviou seu Filho Divino à terra não só para perdoar o pecado, mas para satisfazer a justiça por meio do sofrimento.

Na bela economia divina da Redenção, as mesmas três coisas que cooperaram na expulsão do homem do Paraíso foram partilhadas na Redenção. Para o desobediente Adão, havia um novo Adão obediente; para a orgulhosa Eva, havia a nova Eva humilde, a Virgem Maria; para a árvore do Jardim, havia agora o madeiro da Cruz. Retomando o plano divino e tendo provado o vinagre que cumpriu a profecia, pronunciou nesse momento o que, no original, possui uma só palavra:

Tudo está consumado.
(São João 19,30)

Não foi uma elocução de ação de graças de que Seu sofrimento se findara, embora a humilhação do Filho do Homem houvesse, nesse momento, terminado. Em vez disso, foi a afirmação de que Sua vida, do momento do nascimento ao momento da morte, tinha cumprido fielmente o que o Pai Celestial Lhe havia ordenado.

Por três vezes Deus usou a mesma palavra na história: primeiro no Gênesis, para descrever o encerramento ou término da Criação; a segunda no Apocalipse, quando toda a criação seria extinta e surgiria um novo céu e uma nova terra. Entre esses dois extremos de início e de fim perfeitos, existiu o elo do sexto pronunciamento do alto da Cruz. Nosso Divino Senhor, no estado de maior humilhação, vendo completadas todas as profecias, todos os prenúncios

realizados e feitas todas as coisas necessárias à Redenção do homem, exprimiu um grito de contentamento: “Tudo está consumado”.

A vida do Espírito agora poderia começar a obra de santificação, pois a obra de Redenção estava completada. Na criação, no sétimo dia, depois de rematados os céus e a terra, Deus descansou de todo o trabalho que fizera; nessa altura, o Salvador na Cruz, ao ter ensinado como Mestre, governado como Rei e santificado como Sacerdote, podia entrar em repouso. Não haveria um segundo Salvador; nenhuma nova via de salvação; nenhum outro nome sob os céus pelo qual o homem havia de ser salvo. Levantou-se um novo Davi para destruir o Golias do mal, não com cinco pedras, mas com cinco chagas — cicatrizes horrendas nas mãos, pés e na lateral do corpo; e a batalha foi travada não com a armadura a reluzir sob o sol do meio-dia, mas com a carne dilacerada de modo que os ossos pudessem ser enumerados. O Artista dera o último retoque na obra de arte e, com a alegria dos fortes, enunciou a canção de triunfo de que Sua obra estava completa.

Não existiu um único modelo, da pomba ao templo, que não fosse cumprido por Ele. Cristo, uno com o Pai Eterno na obra da criação, aperfeiçoara a Redenção. Não há profecia histórica — de Abraão, que ofereceu o filho, a Jonas, que esteve na barriga da baleia por três dias — que Nele não tenha sido cumprida. A profecia de Zacarias de que deveria entrar humilde montado num burrico em Jerusalém; a profecia de Davi de que deveria ser traído por um dos próprios familiares; a profecia de Zacarias de que deveria ser vendido por trinta moedas de prata e que esse preço, depois, seria usado para comprar um campo de sangue; a profecia de Isaías de que seria tratado de maneira bárbara, flagelado e enviado à morte; a profecia de Isaías de que seria crucificado entre dois malfeitores e que oraria pelos inimigos; as profecias de Davi de que Lhe dariam vinagre para beber e repartiriam Suas vestes entre eles, de que seria um profeta como Moisés, um sacerdote como Melquisedec, um Cordeiro a ser abatido, um bode expiatório enviado para fora da cidade, que seria mais sábio que Salomão, mais majestoso que Davi e que deveria ser Aquele a quem Abraão e Moisés contemplavam na profecia — todos esses maravilhosos hieróglifos teriam sido deixados sem explicação, não fosse o Filho de Deus encarnado em Sua Cruz voltar o olhar para todas as ovelhas, cabritos e bois que foram oferecidos em sacrifício e dizer: “Tudo está consumado”.

Não foi depois de pregar o belo sermão na montanha que Ele disse que Sua obra estava consumada. Não foi para ensinar que Ele veio; foi, como disse,

para dar a Sua vida em resgate de muitos. No caminho para Jerusalém, dissera aos apóstolos que seria entregue aos gentios, seria escarnecido e cuspidado, seria flagelado e enviado à morte; no jardim, quando Pedro ergueu a espada, Cristo perguntou se Ele não deveria beber do cálice que o Pai do céu Lhe dera. Aos 12 anos, quando falou pela primeira vez na Escritura, disse que deveria tratar dos assuntos do Pai. Agora, a obra que o Pai Lhe dera para realizar estava terminada. O Pai enviara o Filho na aparência da carne pecadora e, por intermédio do Espírito Eterno, Ele foi concebido no ventre de Maria. Tudo isso veio a acontecer para que Ele pudesse sofrer na Cruz. Desse modo, a reparação englobou toda a Trindade. O que foi efetuado foi a Redenção, como o próprio Pedro diria após receber o Espírito e compreender o significado da Cruz.

Porque vós sabeis que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro,
que tendes sido resgatados da vossa vã maneira de viver,
recebida por tradição de vossos pais, mas pelo precioso sangue de Cristo,
o Cordeiro imaculado e sem defeito algum.
(1 São Pedro 1,18-19)

A SÉTIMA PALAVRA

Uma das penalidades impostas ao homem como resultado do pecado original foi morrer corporalmente. Após o exílio do Jardim do Éden, Adão tropeçou na forma flácida de seu filho Abel. Falou com ele, mas Abel não respondeu. A cabeça estava erguida, mas caía para trás, mole; os olhos estavam frios, vidrados. Então, Adão recordou que a morte foi o preço do pecado. Foi a primeira morte do mundo. Agora, o novo Abel, o Cristo, assassinado pela raça de Caim, preparou-Se para regressar ao lar. A sexta palavra dirigia-se à terra; a sétima, a Deus. A sexta foi um adeus ao tempo; a sétima, o início de Sua glória. O filho pródigo retornava ao lar; deixara a casa do Pai 33 anos antes e partira para um país estrangeiro neste mundo. Ali começou a despender Sua substância, os tesouros divinos de poder e sabedoria; na hora última, Sua

substância de Carne e Sangue fora consumida entre os pecadores. Nada mais havia para que se alimentassem, exceto a carcaça, os escárnios e o acre da ingratidão humana. Como agora voltara a Si e preparara-Se para tomar o caminho de volta à casa do Pai, como O fez, deixou escapar de seus lábios numa prece perfeita:

Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.
(São Lucas 23,46)

Essas palavras não foram pronunciadas em um murmúrio exaurido como fazem os homens quando dão o último suspiro. Já havia dito que ninguém tiraria Sua vida, mas que Ele mesmo a entregaria. A morte não pôs a mão no Seu ombro e O chamou para partir; Ele partiu para ir de encontro à morte. Para demonstrar que não morreria de exaustão, mas por um ato de vontade, foi dito de Suas últimas palavras:

lançou um grande brado.
(São Mateus 27,50)

É o único exemplo na história de um Moribundo que continua Vivo. Suas palavras de despedida eram uma citação dos Salmos de Davi:

Em vossas mãos entrego meu espírito;
livrai-me, ó Senhor, Deus fiel.
Detestais os que adoram ídolos vãos.
Eu, porém, confio no Senhor.
Exultarei e me alegrarei pela vossa compaixão,
porque olhastes para minha miséria e
ajudastes minha alma angustiada.
(Salmo 30,6-8)

Não cantava um cântico de morte para Si; antes, proclamava a marcha progressiva para a vida Divina. Não se refugiava em Deus porque devia morrer; antes, Sua morte era um serviço ao homem e o cumprimento da vontade do Pai. É difícil para o homem que pensa na morte como a crise mais terrível de sua vida compreender a alegria que inspirou essas palavras do Cristo agonizante. O homem pensa que a morte decide seu estado futuro; ao contrário, é a vida que o faz. Algumas das escolhas que fez, as oportunidades que estiveram em suas mãos, as graças que aceitou ou desperdiçou são o que decide seu futuro. O perigo de viver é maior que o perigo de morrer. Assim, agora, foi o modo como Ele viveu, a saber, para resgatar os homens, que determinou a alegria de Sua morte e de Sua união com o Pai Celestial. Assim como alguns planetas somente após um longo período completam as órbitas, como se quisessem saudar Aquele que os colocou nessa rota, igualmente, o Verbo Encarnado, ao completar Sua missão terrena, retornava novamente ao Pai Celestial que O enviara para a obra da Redenção.

Ao pronunciar essas palavras, veio, das colinas opostas de Jerusalém, o som de milhares de cordeiros que estavam a ser sacrificados do lado de fora do pátio do templo para que o sangue fosse oferecido diante do Senhor Deus no altar e a carne pudesse ser comida pelo povo. Se existe alguma verdade no ensinamento dos rabinos de que foi naquele mesmo dia que Caim matou Abel, de que Deus fez a aliança com Abraão, de que Isaac foi levado à montanha para o sacrifício, de que Melquisedec ofereceu pão e vinho a Abraão, de que Esaú vendeu sua primogenitura a Jacó, não sabemos. Entretanto, nesse dia o Cordeiro de Deus foi morto e todas as profecias, cumpridas. A obra da Redenção se findara. Houve a ruptura de um coração em um raptó de amor; o Filho do Homem vergou a cabeça e decidiu morrer.

Nota

3 | Hissopo é uma palavra de origem hebraica para uma herbácea nativa da Europa Meridional e do Oriente Médio, provavelmente a manjerona. De hastes delgadas e finas, possui nas extremidades grandes espigas de pequenas flores. (N. T.)

SETE PALAVRAS À CRUZ

Da Cruz, Nosso Senhor pronunciou sete palavras; mas houve também sete palavras dirigidas a Nosso Senhor na Cruz.

A PRIMEIRA PALAVRA À CRUZ

Há pessoas que nunca permanecem perto da cruz tempo suficiente para absorver a graça que flui do Crucificado. São conhecidos como transeuntes, “os que passavam”.

Os que passavam o injuriavam,
sacudiam a cabeça e diziam:
Tu, que destróis o templo e o reconstróis em três dias,
salva-te a ti mesmo!
Se és o Filho de Deus, desce da cruz!
(São Mateus 27,39-40)

Mal o Senhor foi posto na Cruz, pediram-lhe que descesse. “Desce da Cruz” é o pedido mais característico de um mundo não regenerado diante da negação de si, da abnegação: uma religião sem Cruz. Como o Filho de Deus estava orando pelos executores, “Pai, perdoa-os”, escarneceram Dele: “Se és o Filho de Deus”. Se Jesus tivesse obedecido à provocação “Desce”, em quem creriam? Como o Amor pode ser Amor se não custa nada ao Amante? Se Cristo tivesse descido, teria havido a cruz, mas não o crucifixo. A Cruz é contradição;

a Crucifixão é a solução da contradição de vida e morte ao mostrar a morte como condição de uma vida superior.

Os transeuntes, sem vergonha alguma, reviveram no julgamento a velha acusação de que Ele destruiria o templo de Jerusalém e então ergueria outro em três dias, conquanto soubessem que o Senhor falava do Templo de Seu Corpo. Essa afirmação os incomodava tanto que a repetiriam até quando Estevão, o primeiro mártir, foi apedrejado. Contudo, o escárnio é um ingrediente do cálice do sofrimento; como os discípulos obteriam força em julgamentos similares se o Mestre não tivesse suportado tudo com paciência? A crueldade dos lábios que zombam é parte da herança do pecado tanto quanto a crueldade das mãos que fixam os cravos. No alto do monte da tentação, Satanás usou a mesma técnica quando pediu ao Senhor que transformasse as pedras em pães. Era indecente que o Filho de Deus tivesse fome! Agora, era indecente que o Filho de Deus sofresse.

Por que os transeuntes não tiveram paciência de esperar os “três dias” que estavam indicados em suas provocações? Céticos sempre querem milagres como a descida da Cruz, mas nunca o milagre maior do perdão.

A SEGUNDA PALAVRA À CRUZ

No mundo só há lugar para o ordinário; nunca para o muito bom nem para o muito mau. Os bons são uma repreensão aos medíocres; os maus, uma perturbação. Por isso, no Calvário, a Bondade é crucificada entre dois ladrões. Esta é a Sua posição verdadeira: entre os desvalidos e rejeitados. Ele é o homem certo no lugar certo. Aquele que disse que viria como um ladrão de noite está entre ladrões; o Médico está entre leprosos; o Redentor está em meio aos não redimidos.

O bom ladrão, tocado por Cristo, dizia agora ao Salvador na cruz:

Jesus, lembra-te de mim,
quando tiveres entrado no teu Reino!
(São Lucas 23,42)

Essa foi a única palavra dita à Cruz que não era uma reprimenda. Enquanto os transeuntes estavam julgando a Divindade de Nosso Senhor com base na libertação da dor, o bom ladrão estava pedindo libertação do pecado. O crente não pede provas; nem havia uma condição: “Se és o Filho de Deus”. Suas palavras indicavam que decerto Aquele que podia conduzi-lo ao Reino podia aplacar sua dor e afrouxar os cravos, se assim quisesse.

O comportamento de todos em torno da Cruz era a negação da própria fé que o bom ladrão manifestou; ele acreditou quando os demais mostraram incredulidade. O ladrão penitente chamou-O “Senhor” ou Aquele que tem o direito de governar; atribuiu-Lhe um Reino que certamente não era deste mundo, pois Ele não tinha sinal externo de realeza. Vítima e Senhor eram para o bom ladrão termos compatíveis. Um ladrão moribundo entendeu isso antes dos apóstolos. Essa é a única conversão no leito de morte mencionada nos Evangelhos, mas foi precedida pela Cruz do sofrimento. O bom ladrão pediu para ser lembrado. Mas, por que ser lembrado, senão porque o perdão que Cristo ofereceu a Seus executores podia ser oferecido também a ele? Tampouco houve uma palavra de censura ou repreensão ao ladrão, pois seu coração já estava dilacerado e partido. Essa foi a única palavra dita à Cruz que recebeu uma resposta, e foi a promessa do Paraíso ao ladrão naquele mesmo dia.

A TERCEIRA PALAVRA À CRUZ

A terceira palavra à cruz veio do ladrão à esquerda:

Se és o Cristo,
salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós!
(São Lucas 23,39)

O típico homem egoísta que nunca está consciente de ter praticado o mal pergunta: “Por que Deus fez isso comigo?”. Julga o poder salvador de Deus com base na liberação de julgamentos. O ladrão à esquerda foi o primeiro comunista. Muito antes de Marx, ele dizia: “Religião é o ópio do povo. Se não pode aliviar o sofrimento, para que ela serve?”. Uma religião que pensa nas almas quando os homens estão morrendo, que os faz olhar para Deus no

momento em que as cortes estão infligindo injustiça, que fala de Paraíso ou “torta no céu” quando as barrigas estão vazias e os corpos, tomados de dor, que discursa sobre perdão quando excluídos da sociedade, dois ladrões e um carpinteiro da região, estão morrendo num patíbulo — tal religião é “o ópio do povo”.

A única salvação que o ladrão à esquerda podia compreender não era espiritual ou moral, mas física: “Salva-te a ti mesmo e a nós!”. “Salvar o quê? Nossas almas? Não! O homem não tem alma! Salva nossos corpos! De que serve a religião se não para parar a dor? Desce da cruz! Resgata uma classe social! Ou o cristianismo é um evangelho social ou é uma droga”. Tal era seu clamor.

Os homens podem estar em circunstâncias idênticas e reagir de modos totalmente diferentes. Ambos os ladrões eram semelhantes na depravação do coração, mas cada um reagiu de maneira diferente ao homem que estava entre eles. Nenhum instrumento externo, nenhum bom exemplo, em si e por si, basta para converter alguém se não houver transformação do coração. Esse ladrão certamente era judeu, pois baseou a aceitação do Messias ou Cristo tão somente em Seu poder de tirá-lo da cruz. Imagine, no entanto, que Cristo de fato lhes tivesse retirado os cravos, secado as fontes nas mãos e pés, restaurando-lhes o vigor da vida. Será que o restante da vida dele teria sido uma demonstração de fé em Cristo — ou uma continuação de sua vida como ladrão? Se Nosso Senhor fosse só um homem com uma reputação a zelar, Ele teria de mostrar Seu poder a todo momento e em todo lugar; mas, sendo Deus, que conhece os segredos de todo coração, Ele se manteve em silêncio. Deus nunca responde à oração do homem meramente para mostrar Seu poder.

A QUARTA PALAVRA À CRUZ

Essa palavra veio da *intelligentsia* da época, o chefe dos sacerdotes, escribas e fariseus.

Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo!
Se é rei de Israel,
desça agora da cruz e nós creemos nele!

Confiou em Deus, Deus o livre agora,
se o ama, porque ele disse:
Eu sou o Filho de Deus!
(São Mateus 27,42-43)

A *intelligentsia* sempre conhece uma religião o bastante para distorcê-la, conseqüentemente toma cada um dos três títulos que Cristo reivindicara para si — “Salvador”, “Rei de Israel” e “Filho de Deus” — e faz troça deles.

“Salvador”: Assim Ele foi chamado pelos samaritanos. Agora, eles admitiriam que salvara aos outros, provavelmente a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Podiam permitir-se admitir agora, pois o próprio Salvador estava em necessidade de salvação. “Salvou outros e não pode salvar-se a Si mesmo”. O milagre conclusivo para eles ainda estava faltando.

Claro, Ele não podia salvar a Si mesmo! A chuva não pode se salvar, se tem de fazer o verde florescer. O sol não pode se salvar, se tem de iluminar o mundo; o soldado não pode se salvar, se tem de salvar seu país. E Cristo não pode salvar-se, se tem de salvar Suas criaturas.

“Rei de Israel”: Ele recebeu esse título da multidão depois de tê-la alimentado e fugido para as montanhas sozinho. Repetiram novamente no Domingo de Ramos, quando estenderam ramos sob Seus pés. Agora, o título era empregado em tom zombeteiro: “Se é rei de Israel, desça da cruz”.

Todos os reis da terra têm de sentar-se em tronos de ouro? Imagine que o Rei de Israel decida governar de uma Cruz, não ser Rei de seus corpos pelo poder, mas de seus corações pelo amor. A própria literatura judaica sugeria a ideia de um Rei que alcançaria a glória por meio da humilhação. Que tolice, então, zombar de um Rei porque recusou descer do trono. E se Ele tivesse descido, seriam os primeiros a dizer, como o fizeram antes, que Ele agiu pelo poder de Belzebu.

Forças irreligiosas têm seus feriados em momentos de grande catástrofe. Em tempos de Guerra, perguntam: “Onde está teu Deus agora?”. Por que, em tempos difíceis, é sempre Deus que é posto à prova, e não o homem? Por que na guerra o juiz e o réu têm de trocar de lugar quando o homem pergunta: “Por que Deus não para a guerra?”?

Foi esse tipo de zombaria que o Cristo teve de ouvir! Eles não sabiam que já estavam perdidos. Pensavam que Ele estava. Por isso, eles, os verdadeiros

condenados, zombavam Daquele que criam estar condenado. O inferno estava triunfando no humano! De fato, essa era a hora do poder dos demônios do inferno.

Disseram que creriam se Ele descesse. Mas não creram quando O viram levantar Lázaro dos mortos. Tampouco creriam quando Ele se levantasse dos mortos. Proibiriam, então, que os apóstolos pregassem a Ressurreição que sabiam ser um fato. Ninguém que descesse da cruz teria conquistado os homens. Descer é humano; pender é divino!

A QUINTA PALAVRA À CRUZ

Quando houve trevas sobre a terra, Nosso Senhor fez ressoar um brado que desencadeou a quinta palavra à Cruz:

Elói, Elói, lammá sabactáni?
(São Marcos 15,35)

que quer dizer:

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

Ao ouvir isso, alguns dos que estavam ali disseram:

Ele chama por Elias! [...]
Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo.
(São Marcos 15,35-36)

Não é certo se havia ou não uma distorção intencional do clamor do Senhor para que tomassem Elói por Elias. Mas decerto havia escárnio, pois era uma crença dos judeus, profetizada por Malaquias, que Elias havia de vir antes que o Senhor viesse. Suas palavras significavam que Ele certamente não podia ser o Senhor, pois Elias ainda não tinha vindo. Assim, fizeram o

autoproclamado Messias parecer como se invocasse um homem que tinha de preceder Sua vinda. Na verdade, Elias viera em espírito na pessoa de João Batista. Antes que João nascesse, o anjo apareceu a Zacarias, seu pai, dizendo que o filho que lhe havia de nascer:

[...] converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante de Deus com o espírito e poder de Elias [...]
(São Lucas 1,16-17)

Que o espírito de Elias repousava sobre João era evidente, pois o primeiro sermão que o Batista pregou foi “Arrependei-vos”. Foi assim que Malaquias profetizara que o precursor do Senhor O anunciaria. Ademais, as vestes e o estilo de vida de João indicavam sua estreita semelhança com o grande tesbita. O Senhor estava na Cruz; Elias *viera* em espírito. Os escarnecedores sem dúvida se lembravam da referência de Nosso Senhor a Elias durante sua vida pública. Ele estava contando aos mensageiros de João que a recepção de qualquer verdade que Ele ensinava dependia da vontade de cada um. Daí o fato de aceitar João com Elias significar aceitar o arrependimento que João havia de despertar em suas almas:

E, se quereis compreender,
é ele o Elias que devia voltar.
(São Mateus 11,14)

Se a consciência deles estivesse correta, disse-lhes, teriam aceitado João no espírito de Elias. Passaram-se dois anos, e suas consciências foram reveladas quando Cristo pedia na Cruz. Haviam rejeitado João por seu ascetismo e abnegação; agora rejeitavam Jesus por pender na Cruz. Assim como o povo esperava um Elias diferente como Seu precursor, também esperavam um Cristo diferente. O grito para a cruz, da parte daqueles que não entendiam uma palavra, era típico de muitos que pensam que a religião sempre significa algo diferente daquilo que realmente é. Durante toda a Crucifixão, o único motivo unificador era: “Desce da cruz”. Satanás não queria que Ele fosse fixado ali,

Pedro ficou escandalizado no exato momento em que ela foi mencionada. Nem mesmo aqueles que criam que Cristo era uma pessoa humana queriam Sua Cruz. O mundo sempre está à espera de Elias para tirá-lo de lá. *O Cristo não crucificado é o desejo do mundo.* A recusa a descer sempre será a reprovação daqueles que querem um Cristo fraco com mãos brancas e sem chagas.

A SEXTA PALAVRA À CRUZ

A sexta palavra à Cruz veio dos soldados:

Do mesmo modo zombavam dele os soldados.
Aproximavam-se dele, ofereciam-lhe vinagre e diziam:
Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.
(São Lucas 23,36-37)

Esses homens não eram judeus, nem cidadãos da Israel ocupada; eram orgulhosos legionários de Roma. Por que, então, referiam-se ao Senhor, zombando, como o Rei dos Judeus? Porque, segundo o espírito do paganismo, pensavam que todos os deuses eram deuses nacionais. A Babilônia tinha seus deuses; os medos e os persas também tinham os seus; os gregos, da mesma forma; e assim também os romanos tinham seus próprios deuses. A conclusão era que, de todos os deuses nacionais, nenhum parecia mais pobre e fraco que o Deus de Israel, que não podia salvar a Si mesmo do madeiro. É provável, também, que a zombaria dos soldados fosse inspirada pela inscrição na Cruz nas três línguas, em que se lia:

Jesus de Nazaré, rei dos judeus.
(São João 19,19)

Outros Lhe tinham pedido que descesse da Cruz ou salvasse a Si mesmo, mas os soldados, assim como o ladrão à esquerda, desafiaram-No a “salvar-Se a si mesmo”. Eles também estavam interessados na salvação, mas apenas física,

não espiritual. Havia latente certo orgulho com quão bem tinham feito seu trabalho de execução, pois Ele não podia desprender-se da Cruz.

Os soldados já tinham lançado sortes por sua túnica sem costura. Caifás havia rasgado as vestes sacerdotais, mas a túnica do Sumo Sacerdote na cruz não foi rasgada. Deixou para os profanadores militares Sua túnica sem costura e a crença de que Ele não podia salvar-Se a Si mesmo. Estariam a postos no sepulcro na manhã da Páscoa para ver quanto estavam errados e por que Ele não salvaria a Si mesmo.

Esses soldados pertenciam a um império em que um general que sacrificava milhares de soldados em troca de glória temporal era tido em alta conta; mas zombavam do capitão da salvação que pessoalmente morreu para que outros pudessem viver. Essa é uma das poucas passagens do Novo Testamento em que se fala de soldados de maneira desfavorável. Poucos deles viram que Sua recusa a Se salvar não era fraqueza, mas obediência à lei do sacrifício. A vida deles levava-os ao compromisso com o dever de morrer, se necessário, para salvar a pátria. Mas não conseguiram compreender o mesmo sacrifício erguido acima do plano militar. Só podiam ver os acontecimentos em sucessão; mas Ele ordenara tudo desde o princípio. Ele veio para “dar a vida em resgate de muitos”. Se em obediência à ordem deles o Senhor tivesse salvado a Si mesmo, os homens teriam sido deixados sem salvação.

A SÉTIMA PALAVRA À CRUZ

Quando Cristo foi crucificado, o sol escondeu sua luz; quando Ele morreu, a terra foi abalada em luto. Naquele terremoto, as rochas se partiram, túmulos se abriram, e muitos corpos dos santos que dormiam se levantaram e saíram das tumbas e apareceram a muitos na Cidade Santa. Se a terra deu sinais de reconhecimento quando Deus estava libertando Seu povo da escravidão no Egito ao separar as águas do mar, com tanto mais razão agora ela manifestava reconhecer como o Senhor libertou o homem da servidão do pecado. Ainda que o coração do povo não pudesse se partir, as pedras podiam.

O centurião, encarregado dos soldados, percebendo o terremoto e relembrando o modo como o homem na cruz central tinha morrido, começou a refletir. Então esse sargento do Exército romano deu um testemunho, não no

reino dos sonhos, como o fizera Cláudia, a outra pagã, mas com a expressão de um homem honesto e sensato:

Este homem era realmente o Filho de Deus.
(São Marcos 15,39)

O Cristo que fora completamente abandonado pelos discípulos, exceto um, aos pés da Cruz; que não ouviu nem sequer uma voz em Sua defesa, exceto a de uma mulher; e que não teve ninguém que se apresentasse corajosamente para reconhecê-Lo — Ele é enfim reconhecido em Sua morte por um soldado com as marcas de batalha que havia comandado e presidido a execução. Sem dúvida o centurião já tinha crucificado muitos antes, mas sentiu que havia algo misterioso neste Sofredor, que orava por Seus inimigos e era tão forte no último suspiro, como prova de que Ele era Mestre da vida que estava entregando. Vendo toda a natureza tornar-se animada e expressiva, sua mente viu a refutação das calúnias tolas e a inocência do homem justo; sim, e mais, proclamou Sua divindade.

A Cruz estava começando a frutificar: um ladrão judeu havia pedido e recebido a salvação; agora um soldado de César prostrava-se em adoração ao Divino Sofredor. Aquela estranha combinação que estava por toda parte na vida pública de Nosso Senhor está agora manifesta na Cruz: humilhação e poder. Enquanto outros O condenaram por blasfêmia, o centurião O adorou como o Filho de Deus.

O VÉU DO TEMPLO SE RASGOU

Nosso Senhor Santíssimo chamara Seu Corpo de Templo por causa da plenitude da divindade que Nele habitava. O templo terreno de Jerusalém era apenas um símbolo Dele mesmo. Nesse templo de pedra havia três grandes divisões. Além do pátio de entrada, havia um lugar chamado “Santo” e, além dele, um lugar ainda mais secreto, chamado de “Santo dos Santos”. O pátio era separado do local sagrado por um véu, e um grande véu também dividia o local sagrado do Santo dos Santos.

No exato momento em que Nosso Senhor desejou Sua morte:

E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo.

(São Mateus 27,51)

O próprio fato de se rasgar de alto a baixo era para indicar que não foi feito pela mão do homem, mas pela mão milagrosa do próprio Deus, que ordenara que, enquanto perdurasse a antiga lei, o véu deveria pender diante do Santo dos Santos. Agora, Ele decretou que deveria ser rasgado em Sua morte. Aquilo que havia muito era sagrado nesse momento permanecia aberto e manifesto diante dos olhos, descoberto como qualquer coisa comum e ordinária, ao passo que, diante deles, no Calvário, quando o soldado transpassou-Lhe o coração, foi revelado um novo Santo dos Santos que continha a arca do Novo Testamento e os tesouros de Deus. A morte de Cristo foi a desconsagração do templo terreno, pois Ele ergueria um novo templo em três dias. Somente um homem, uma vez por ano, podia entrar no Santo dos

Santos; agora que o véu estava rasgado, aquele que separava o sagrado do povo e que separava os judeus dos gentios, ambos poderiam acessar o novo templo, Cristo, o Senhor.

Há uma relação intrínseca entre o soldado perfurando o Coração de Cristo na Cruz, que expeliu sangue e água, e a dilaceração do véu do templo. Dois véus foram rasgados: o véu púrpura do templo, que pôs fim à antiga lei, e o outro, o véu de Sua carne, que abriu o Santo dos Santos do amor divino tabernaculizado entre nós. Nos dois casos, o que era sagrado tornou-se manifesto; um deles, o Santo dos Santos, que era apenas uma representação; e o outro, o verdadeiro Santo dos Santos, Seu Sagrado Coração, que abriu aos pecadores o acesso a Deus. O véu do antigo templo indicava que o céu estava fechado a todos até que o Sumo Sacerdote, enviado pelo Pai, rasgasse o véu e abrisse as portas a todos. São Paulo contou como os antigos sumos sacerdotes, somente uma vez por ano, e não sem uma oferta de sangue pelas próprias faltas e pelas faltas de seu povo, tinham autorização para entrar no Santo dos Santos. A Epístola aos Hebreus explica esse mistério:

Com o que significava o Espírito Santo que o caminho do Santo dos Santos ainda não estava livre, enquanto subsistisse o primeiro tabernáculo[...].
Porém, já veio Cristo, Sumo Sacerdote dos bens vindouros. E através de um tabernáculo mais excelente e mais perfeito, não construído por mãos humanas (isto é, não deste mundo), sem levar consigo o sangue de carneiros ou novilhos, mas com seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no santuário, adquirindo-nos uma redenção eterna.
(Hebreus 9,8; 11-12)

Então, ao comparar o véu da carne e o véu do templo, a Epístola acrescenta:

Por esse motivo, irmãos, temos ampla confiança

de poder entrar no santuário eterno,
em virtude do sangue de Jesus,
pelo caminho novo e vivo que nos abriu através do véu,
isto é, o caminho de seu próprio corpo.
(Hebreus 10,19-20)

Mil anos antes, Davi, ansioso pelo Messias, escreveu:

Não vos comprazeis em nenhum sacrifício,
em nenhuma oferenda, mas me abristes os ouvidos:
não desejais holocausto nem vítima de expiação.
Então eu disse: Eis que eu venho.
No rolo do livro está escrito de mim:
fazer vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada,
porque vossa lei está no íntimo de meu coração.
Anunciei a justiça na grande assembleia,
não cerrei os meus lábios, Senhor, bem o sabeis.
Não escondi vossa justiça no coração.
(Salmo 39,7-10)

Enquanto o salmista olhava para os sacrifícios dos animais mortos, as ofertas incineradas para alcançar o favor divino e as oferendas do pecado para reparar o erro, sua mente conservava-se nelas apenas para deixá-las de lado, pois sabia muito bem que esses touros, bodes e ovelhas sacrificados não poderiam realmente afetar o relacionamento do homem com Deus. Vislumbrava um dia futuro em que Deus teria Sua divindade entesourada em um corpo humano, como num templo, e viria com um único propósito, isto é, entregar a própria vida segundo a vontade divina. Davi proclamou que a Encarnação Divina seria a perfeição dos sacrifícios e do sacerdócio da lei judaica. A imagem se cumprira como um Cordeiro sem mácula que Se ofereceu ao Pai dos céus. A antiga promessa feita a Israel no Egito ainda era verdadeira e poderia ser reivindicada, em sentido mais elevado, por todos que invocassem o Sangue derramado do alto da Cruz:

vendo o sangue, passarei adiante,
e não sereis atingidos pelo flagelo destruidor,
quando eu ferir o Egito.
(Êxodo 12,13)

O sacerdócio da casa de Levi agora estava destituído. A ordem de Melquisedec se tornou a lei na casa de Levi. E o sinal de “entrada proibida” colocado diante do Santo dos Santos no templo terreno foi removido. Quando Cristo veio ao mundo para dar cumprimento à ordem de Melquisedec, a casa de Levi negou-Lhe as boas-vindas. Na verdade, Levi exigira dízimos Dele poucas semanas antes de Sua morte, ao exigir os tributos do templo. No entanto, quando o véu do templo se rasgou, o sacerdócio de Melquisedec foi revelado e, com ele, o verdadeiro Santo dos Santos, a verdadeira Arca da Nova Aliança e o verdadeiro Pão da Vida — o Cristo, o Filho do Deus Vivo.

A PERFURAÇÃO DE SEU LADO

Quando Nosso Salvador deu o último suspiro, os ossos dos ladrões foram triturados para certificar-se da morte deles. A lei ordenava que o corpo de alguém crucificado, e portanto amaldiçoado por Deus, não permanecesse na cruz durante a noite. Além disso, com a proximidade do Sábado da semana da Páscoa, era urgente aos seguidores da Lei matar os ladrões e sepultar todos os que fossem crucificados. Havia de cumprir-se, no entanto, uma profecia acerca do Messias. O cumprimento deu-se quando:

um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e,
imediatamente, saiu sangue e água.
(São João 19,34)

O avarento divino economizara algumas preciosas gotas de Seu Sangue para derramá-las depois de ter entregado o espírito, a fim de mostrar que Seu amor era mais forte que a morte. Sangue e água jorraram; Sangue, o preço da Redenção e o símbolo da Eucaristia; água, o símbolo da regeneração e do batismo. São João, que testemunhou a cena do soldado a perfurar o Coração de Cristo, escreveu mais tarde:

Ei-lo, Jesus Cristo,
aquele que veio pela água e pelo sangue;
não só pela água, mas pela água e pelo sangue.
(1 Epístola de São João 5,6)

Havia algo mais que um fenômeno natural aqui, visto que João deu-lhe um significado misterioso e sacramental. A água estava no início do ministério de Nosso Senhor, quando foi batizado; o sangue estava no fim deste ministério, quando Ele ofereceu-Se como oblação imaculada. Ambos tornaram-se o fundamento da fé, pois no batismo o Pai declarou-O Seu Filho, e a Ressurreição testificou ainda uma vez Sua Divindade.

O mensageiro do Pai foi perfurado com a mensagem de amor escrita em Seu Próprio Coração. O golpe da lança foi a última profanação sofrida pelo Bom Pastor de Deus. Embora tenha sido poupado da brutalidade de ter as pernas quebradas, ainda assim houve algum propósito divino misterioso na abertura do Sagrado Coração de Deus. João, que recostara a cabeça em Seu peito na noite da Última Ceia, convenientemente registrou a abertura do coração. No dilúvio, Noé fez uma porta na lateral da arca, pela qual os animais entraram, a fim de que pudessem escapar da enchente; agora, uma nova porta se abria no coração de Deus, no qual os homens poderiam encontrar refúgio da enchente de pecado. Quando Adão dormiu, Eva foi tirada de seu lado e chamada de mãe dos viventes. Agora, quando o segundo Adão reclinava a cabeça e dormia na Cruz sob a figura do sangue e da água, saiu de seu lado sua noiva, a Igreja. O coração aberto cumpriu Suas palavras:

Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo;
tanto entrará como sairá e encontrará pastagem.
(São João 10,9)

Santo Agostinho e outros escritores cristãos primitivos escreveram que Longino, o soldado que abriu os tesouros do Sagrado Coração do Senhor, foi curado de cegueira; mais tarde, Longino morreu como bispo e mártir da Igreja, sendo celebrada sua memória no dia cinco de março. Quando João viu o ato, sua mente voltou-se para a profecia de Zacarias, seis séculos antes:

Olharão para aquele que transpassaram.
(São João 19,37)

Não é que o pranto venha primeiro e então olhamos para a Cruz; antes, o pesar pelos pecados surge da visão da Cruz. Todas as desculpas são postas de lado quando a vilania do pecado é mais dolorosamente revelada. Mas a seta do pecado que fere e crucifica traz o bálsamo do perdão que cura. Pedro viu o Mestre e então chorou com amargura. Assim como aqueles que olharam para a serpente de bronze foram curados da picada venenosa, agora a figura torna-se realidade, e os que olham para Aquele que Se fez semelhante aos pecadores mas não era um deles são curados do pecado.

Todos devem olhar, quer gostem, quer não. O Cristo perfurado continua exaltado na encruzilhada do mundo. Alguns olham e são levados ao arrependimento; outros olham e vão embora, com remorso, mas não arrependidos, como aquela multidão no Calvário, que “voltou para casa batendo no peito” (São Lucas 23,48). Bater no peito, neste caso, era um sinal de impenitência; era a recusa de olhar para Aquele a Quem tinham traspassado. O *mea culpa* é o bater no peito que salva.

Embora os executores perfurassem a lateral de Seu corpo, não quebraram nenhum dos ossos do Senhor, como estava profetizado. O Êxodo dissera que o Cordeiro Pascal não teria nenhum de seus ossos quebrado. Este cordeiro era apenas um tipo do cumprimento literal do Cordeiro de Deus:

Assim se cumpriu a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado.
(São João 19,36)

Cumpriu-se essa profecia apesar de Seus inimigos, que procuravam o contrário. Assim como o corpo físico de Cristo tinha, exteriormente, feridas, pisaduras e cicatrizes, mesmo interiormente a estrutura permanecendo intacta, assim também parece haver um prenúncio de que, embora Seu Corpo Místico, a Igreja, tenha suas feridas morais e cicatrizes de escândalos e deslealdades, contudo, nenhum osso de Seu corpo jamais será quebrado.

OS AMIGOS NOTURNOS DE JESUS

O Corpo do Salvador pendia frouxo da Cruz — não era propriedade de ninguém, mas pertencia especialmente à mãe. Ninguém no mundo, salvo Maria, poderia pronunciar Suas palavras na Última Ceia, embora ela não fosse sacerdotisa. Já que ninguém, a não ser a Mãe Santíssima, Lhe dera corpo e sangue, sendo coberta pelo Espírito Santo, só ela poderia dizer: “Este é o meu corpo; este é o meu sangue”. Só ela Lhe deu aquilo mediante o que fez-se a obra da redenção; só ela O tornou possível; só ela O fez o Novo Adão. Não houve contrapartida humana; somente o Espírito de Amor.

Maria O reclamava como pertencente a ela por meio do serviço de dois homens ricos. Um deles era Nicodemos, o discípulo secreto que fazia aparições noturnas. Nicodemos era um doutor da lei e era visto como um mestre em Israel. Desde o princípio, sabia que Nosso Salvador era um mestre vindo dos céus, contudo, para preservar sua autoridade e não se expor ao ódio dos compatriotas, sempre apareceu na escuridão. O outro, José de Arimateia, deu-Lhe um sepulcro novo. Este fora a Pilatos pedir o Corpo de Nosso Senhor, e Pilatos o entregou a ele. A riqueza, a casta e a posição desses homens eram notórias; um ouviu o Crucificado falar sobre ser “elevado”; o outro veio da terra da lamentação, o local da tumba de Raquel. Isaías séculos antes predissera que Nosso Senhor seria “rico na morte”; agora era entregue ao homem rico, José de Arimateia.

Esses dois homens, com uns poucos seguidores devotos, prepararam-se para descer Nosso Senhor, para remover os cravos e a coroa de espinhos. Somente os olhos da fé podiam ver as marcas da realeza ao baixar a figura cujo Sangue havia coagulado. No entanto, com um amor que rompia todas as amarras do cálculo, esses dois discípulos recém-chegados e secretos tentaram

demonstrar lealdade. É provável que, quando removido da Cruz, o Cristo morto tenha sido colocado nos braços de Sua Mãe Santíssima. Para uma mãe, o filho nunca cresce. Deve ter parecido, por um momento, que Belém retornara, pois era um bebê em seu abraço. No entanto, tudo mudara. Não estava mais alvo como viera do Pai; estava escarlate ao vir das mãos dos homens.

Nicodemos e José ungiram o Corpo com quilos de mirra e ervas aromáticas e enfaixaram-No em linho puro. O embalsamamento elaborado sugere que esses discípulos secretos, eles mesmos apóstolos, não estavam esperando a Ressurreição. Fisicamente, estavam atentos a Ele; espiritualmente, ainda não sabiam quem Ele era. A preocupação com o enterro era um sinal do amor que Lhe dedicavam, não da fé Nele como a Ressurreição e a Vida.

No lugar em que ele foi crucificado havia um jardim.
(São João 19,41)

A palavra “jardim” aludia ao Éden e à queda do Homem, como também sugeria, pelas flores na primavera, a Ressurreição dos mortos. Naquele jardim havia um sepulcro onde “ninguém ainda havia sido depositado”. Nascido de um ventre virgem, Ele foi enterrado em uma tumba virgem, como disse Crashaw: “E um José, a ambos, se lhes comprometeu”. Nada parecia mais repulsivo que ter uma crucifixão em um jardim, e ainda assim haveria uma compensação, pois no jardim seria a Ressurreição. Nascido na gruta de um estranho, enterrado na sepultura de um estranho, tanto a morte quanto o nascimento humanos eram estranhos à Sua divindade. O sepulcro de um estranho também, porque já que o pecado Lhe era estranho, igualmente o era a morte. Ao morrer por outrem, foi posto na cova de um outro. Seu túmulo foi emprestado, pois Ele o devolveria na Páscoa, assim como devolveu o jumento que montou no Domingo de Ramos e o cenáculo da parte de cima da casa que usou na Última Ceia. Enterrar é plantar. Paulo, posteriormente, extrairia do fato de Ele ter sido enterrado em um jardim a lei segundo a qual, se somos plantados à semelhança de Sua morte, devemos ressuscitar com Ele na glória de Sua Ressurreição.

A FERIDA MAIS GRAVE DA TERRA — O TÚMULO VAZIO

Na história do mundo, somente um túmulo já teve uma pedra rolada diante de si e um soldado a postos para guardá-lo a fim de evitar que um homem morto ressurgisse: esse era o túmulo do Cristo na noite da Sexta-Feira chamada Santa. Que espetáculo poderia ser mais ridículo que soldados armados de olho em um cadáver? Entretanto, lá estavam as sentinelas para que o morto não andasse, o silêncio não falasse e o coração transpassado não palpitasse de vida. Disseram que Ele estava morto, eles sabiam que estava morto; diziam que Ele não ressuscitaria novamente e, ainda assim, O vigiavam! Abertamente chamaram-No de enganador, no entanto, a quem Ele ainda enganaria? Será que Ele, que os “enganou” fazendo crer que ganharam a batalha, Ele mesmo ganhou a guerra para a vida, a verdade e o amor? Recordaram que Ele chamou Seu corpo de Templo e que em três dias depois que o destruíssem, Ele o reconstruiria. Lembraram que Ele Se comparara a Jonas e disse que, assim como Jonas esteve no ventre da baleia por três dias, Ele igualmente estaria no ventre da terra por três dias e então ressurgiria. Depois de três dias Abraão recebeu de volta o filho Isaac, que fora oferecido em sacrifício; por três dias o Egito esteve em uma escuridão que não era natural; no terceiro dia Deus desceu no Monte Sinai. Nesse momento, mais uma vez, havia preocupação a respeito do terceiro dia. Na alvorada de sábado, portanto, os sumos sacerdotes e os fariseus romperam o *Sabbath* e apresentaram-se a Pilatos, dizendo:

Senhor, nós nos lembramos de que aquele impostor disse, enquanto vivia: Depois de três dias ressuscitarei.

Ordena, pois, que seu sepulcro seja guardado até o terceiro dia.
Os seus discípulos poderiam vir roubar o corpo e dizer ao povo:
Ressuscitou dos mortos.
E esta última impostura seria pior que a primeira.
(São Mateus 27,63-64)

O pedido deles por uma guarda até o “terceiro dia” referia-se mais às palavras de Cristo sobre Sua Ressurreição do que ao medo de que os apóstolos roubassem o corpo e o erguessem, como se vivo, para simular a ressurreição. No entanto, Pilatos não estava disposto a ver esse grupo, pois eles foram o motivo de ter condenado o sangue inocente. Fizera a própria investigação de que Cristo estava morto; não se submeteria ao absurdo de usar os exércitos de César para vigiar um judeu morto. Pilatos lhes disse:

Tendes uma guarda.
Ide e guardai-o como o entendeis.
(São Mateus 27,65)

A guarda era para evitar a violência; o selo era para evitar a fraude. Devia haver um selo, e os inimigos o lacrarão. Devia haver uma guarda, e os inimigos a manteriam. Os certificados de morte e ressurreição deviam ser assinados pelos próprios inimigos. Os gentios foram convencidos pela natureza de que Cristo estava morto; os judeus foram convencidos pela lei de que Ele estava morto.

Foram, pois, e asseguraram o sepulcro,
selando a pedra e colocando guardas.
(São Mateus 27,66)

O Rei repousava no local com Sua guarda. O fato mais surpreendente acerca desse espetáculo de vigilância de um morto era que os inimigos de Cristo esperavam a ressurreição, mas Seus amigos, não. Os crentes eram

céticos; os descrentes, crédulos. Seus seguidores precisavam e exigiam provas antes de ficarem convencidos. Nos três grandes atos do drama da Ressurreição, havia uma nota de tristeza e incredulidade. O primeiro ato foi o de Madalena, chorosa, que foi cedo ao túmulo com ervas aromáticas, não para saudar o Salvador Ressuscitado, mas para ungir o corpo morto.

MADALENA NO SEPULCRO

Na escuridão da aurora de Domingo, foram vistas várias mulheres se aproximando do túmulo. O próprio fato de as mulheres levarem as ervas aromáticas provava que elas não esperavam a Ressurreição. Parecia estranho que fosse esse o caso após muitas referências de Nosso Senhor à Sua morte e Ressurreição. É evidente, no entanto, que os discípulos, bem como as mulheres, sempre que Ele profetizava Sua paixão, pareciam recordar mais da morte que da Ressurreição. Nunca lhes ocorreu que fosse uma coisa possível; era estranho ao pensamento deles. Quando a pedra foi rolada na entrada do sepulcro, não só o Cristo foi enterrado, mas também todas as esperanças deles. O único pensamento que as mulheres tinham era ungir o corpo do Cristo morto — um ato nascido do desespero e, até então, de um amor descrente. Duas delas, ao menos, haviam testemunhado o enterro, por isso sua grande preocupação era o ato prático:

Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro?
(São Marcos 16,3)

Esse foi o grito dos corações de pouca fé. Homens fortes fecharam a entrada do sepulcro ao colocar uma pedra enorme diante dela; a preocupação das mulheres era como remover a barreira para que pudessem realizar a incumbência de misericórdia. Os homens não deveriam chegar à tumba até que fossem convocados — tampouco acreditavam. Entretanto, as mulheres, só por conta do pesar que buscavam consolar, foram embalsamar o morto. Nada é mais anti-histórico que dizer que as mulheres pias estavam esperando que o Cristo ressuscitasse dos mortos. A Ressurreição era algo que nunca esperaram. A mentalidade deles não permitia que tais expectativas florescessem.

No entanto, ao se aproximarem, encontraram a pedra removida. Antes da chegada, houve um grande tremor de terra e um anjo do Senhor, que descera dos céus, rolara a pedra e sentara-se nela:

Resplandecia como relâmpago e
suas vestes eram brancas como a neve.
Vendo isto, os guardas pensaram
que morreriam de pavor.
(São Mateus 28,3-4)

Quando as mulheres se aproximaram viram que a pedra, imensa como era, já fora rolada. Entretanto, não chegaram imediatamente à conclusão de que Seu Corpo havia ressuscitado. Concluíram que alguém havia removido o corpo. Em vez do corpo morto do Mestre, viram um anjo, cuja face brilhava como um relâmpago e as vestes eram brancas como a neve, e este lhes disse:

Não tenhais medo.
Buscais Jesus de Nazaré, que foi crucificado.
Ele ressuscitou, já não está aqui.
Eis o lugar onde o depositaram.
Mas ide, dizei a seus discípulos
e a Pedro que ele vos precede na Galileia.
Lá o vereis como vos disse.
(São Marcos 16,6-7)

Para um anjo, a Ressurreição não seria um mistério, mas Sua morte seria. Para o homem, Sua morte não era um mistério, mas Sua Ressurreição o seria. O que era natural para o anjo, portanto, foi, nesse momento, o assunto do anúncio. O anjo era um guardador maior do que aqueles que os inimigos tinham colocado diante do túmulo do Salvador, um soldado maior do que os que Pilatos nomeara.

As palavras do anjo foram o primeiro Evangelho proclamado após a Ressurreição e retomou a Sua paixão, pois a ele o anjo referiu-se como “Jesus

de Nazaré, que foi crucificado”. Essas palavras traziam o nome de Sua humanidade, a humildade do lugar que habitara e a ignomínia de Sua morte; em todos os três, humildade, ignomínia e vergonha são comparados à Sua Ressurreição dos mortos. Belém, Nazaré e Jerusalém tornam-se marcos identificadores da Ressurreição.

As palavras do anjo, “Eis o lugar onde O depositaram”, confirmaram a realidade de Sua morte e o cumprimento das antigas profecias. Os túmulos trazem a inscrição: *Hic jacet*, ou “Aqui jaz”. Em seguida, o nome do morto e, talvez, algum elogio ao finado. Todavia, em contraste, o anjo não escreveu, mas expressou um epitáfio diferente: “Já não está aqui”. Pediu às mulheres que contemplassem onde tinham posto o corpo de Nosso Senhor, como se o túmulo vazio fosse prova o bastante do fato da Ressurreição. A uma virgem foi anunciado o nascimento do Filho de Deus; a uma mulher imoral foi anunciada Sua Ressurreição.

Os que viram o túmulo vazio foram instados a ir até Pedro, que tentara Nosso Senhor uma vez a fugir da Cruz e três vezes O negara. O pecado e a negação não abafam o Amor Divino. Embora seja paradoxal, quanto maior o pecado, menor a fé; e, ainda assim, quanto maior o arrependimento pelo pecado, maior a fé. Foi para a ovelha perdida e ofegante no deserto que Ele veio; foi para os publicanos e as prostitutas; era aos Pedros que O negavam e aos Paulos que O perseguiram que as súplicas de amor mais persuasivas eram enviadas. Ao homem que fora chamado de Pedra e que tentara o Cristo a não tomar a cruz, o anjo, agora, enviava pelas mulheres a mensagem “Ide, dizei a Pedro”.

A mesma proeminência individualizadora dada a Pedro na vida pública continuou na Ressurreição. Entretanto, embora Pedro fosse mencionado aqui com os apóstolos dos quais era o cabeça, o Senhor apareceu para ele sozinho, antes de revelar-se a Si mesmo para os discípulos de Emaús. Isso ficou evidente pelo fato de, mais tarde, os discípulos dizerem que Ele apareceu a Pedro. A boa-nova da redenção foi dada, assim, a uma mulher decadente e a um apóstolo que O negara, mas ambos tinham se arrependido.

Maria Madalena, que, no escuro, andou à frente das companheiras, notou que a pedra já fora rolada para o lado, de modo que a entrada do túmulo estava aberta. Um olhar rápido revelou que a tumba estava vazia. O primeiro pensamento dela foi o dos apóstolos Pedro e João, para os quais correu, agitada. Segundo a lei mosaica o testemunho de uma mulher era inaceitável.

Maria, contudo, não lhes deu notícias de ressurreição; não esperava por isso. Pressupôs que Ele ainda estivesse sob o poder da morte, como disse a Pedro e João:

Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram!
(São João 20,2)

De todos os discípulos e seguidores, havia apenas cinco que o “guardavam”: três mulheres e dois homens, assim como os cinco da parábola que aguardavam a vinda do noivo. Nenhum deles suspeitava da Ressurreição.

Agitados, Pedro e João correram para o sepulcro, deixando Maria para trás. João era, dos dois, o melhor corredor e chegou primeiro. Quando Pedro o alcançou, ambos entraram no sepulcro, onde viram os panos de linho ao redor, bem como o véu que tinham colocado sobre a cabeça de Jesus, mas este não estava com os panos de linho, estava dobrado. O que ocorrera ali fora feito de maneira decente e ordenada, não por um ladrão nem mesmo um amigo. O corpo desaparecera do túmulo; os panos que o envolviam foram encontrados convolutos. Se os discípulos tivessem roubado o corpo, não teriam na pressa o desembrulhado e deixado os panos de linho. Cristo ressuscitara pelo Seu poder divino. Pedro e João

ainda não haviam entendido a Escritura,
segundo a qual Jesus devia ressuscitar dentre os mortos.
(São João 20,9)

Tinham os fatos e as provas da Ressurreição, mas ainda não tinham compreendido o pleno significado. O Senhor agora começou a primeira das 11 aparições registradas entre a Ressurreição e Ascensão: às vezes para Seus apóstolos, outras vezes para quinhentos irmãos, em algumas outras vezes para as mulheres. A primeira aparição foi para Maria Madalena, que voltou ao sepulcro depois de Tiago e João partirem. A ideia da Ressurreição também não parecia entrar em sua mente, embora ela mesma tenha se erguido de uma tumba selada pelos sete demônios do pecado. Ao encontrar o túmulo vazio, ela

irrompeu novamente em uma fonte de lágrimas. Com os olhos baixos, enquanto o brilho do nascer do sol nas primeiras horas da manhã espalhava-se pela relva coberta de orvalho, percebeu vagamente alguém perto dela que perguntou:

Mulher, por que choras?
(São João 20,13)

Chorava por aquilo que estava perdido, mas Sua pergunta espantou o infortúnio das lágrimas ao fazê-la parar de chorar. Ela disse:

Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.
(São João 20,13)

Não houve pavor ao ver os anjos, pois o mundo em chamas não a teria comovido, tamanho o pesar que dominava sua alma. Quando ela disse isso, voltou-se e viu Jesus de pé; não sabia que era Ele. Pensou ser o jardineiro — o jardineiro de José de Arimateia. Ao acreditar que esse homem pudesse saber onde Aquele que estava perdido poderia ser encontrado, Maria Madalena caiu de joelhos e perguntou:

Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar.
(São João 20,15)

Pobre Madalena! Desgastada pela Sexta-Feira Santa, esgotada no Sábado Santo, com a vida resumida a uma sombra e com as forças por um fio, ela O “iria buscar”. Por três vezes ela falou Dele sem dizer o nome. A força do amor era tal que supunha ninguém compreender.

Maria!
(São João 20,16)

A voz foi mais alarmante que o estrondo de um trovão. Certa vez ouvira Jesus dizer que chamava Suas ovelhas pelo nome. E agora para Aquele que individualizara todo o pecado, o pesar e as lágrimas do mundo e marcara cada alma com um amor pessoal, particular e discriminado, ela se voltou, e ao ver as lívidas marcas rubras nos Seus pés e mãos, pronunciou apenas uma palavra:

Rabôni!
(São João 20,16)

(Que em hebraico significa “mestre”). Cristo pronunciara “Maria!” e todo o céu estava contido ali. Foi a única palavra que pronunciou, e toda a terra nela estava. Após a meia-noite mental, houve esse deslumbre; após horas desesperanças, essa esperança; após a busca, a descoberta; após a perda, esse achado. Madalena estava preparada apenas para derramar lágrimas reverenciais sobre o túmulo; não estava preparada para vê-Lo a caminhar no raiar da aurora.

Somente a pureza e a ausência de pecado poderiam dar as boas-vindas a este mundo ao Santíssimo Filho de Deus; por isso, Maria Imaculada O encontrou na porta da entrada da cidade de Belém. Somente um pecador arrependido, no entanto, que tivesse ressurgido do túmulo do pecado para a novidade da vida em Deus poderia compreender de maneira apropriada o triunfo sobre o pecado. Em honra da feminilidade para sempre se deve dizer: uma mulher esteve mais perto da Cruz na Sexta-Feira Santa e foi a primeira no túmulo na manhã de Páscoa.

Maria estava sempre a Seus pés. Lá estava quando O ungiu para o sepultamento; estava aos pés da Cruz; agora, feliz ao ver o Mestre, lançou-se a Seus pés para abraçá-los. Ele, contudo, disse-lhe com um gesto impeditivo:

Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai.
(São João 20,17)

Os ternos gestos de afeto foram dirigidos a Ele mais como Filho do Homem que como Filho de Deus. Por isso Ele ordenou que ela não O tocasse.

São Paulo daria aos coríntios e aos colossenses a mesma lição:

Nós daqui em diante a ninguém conhecemos de um modo humano.

Muito embora tenhamos considerado Cristo dessa maneira, agora já não o julgamos assim.

(2 Coríntios 5,16)

Afeiçoai-vos às coisas lá de cima,
e não às da terra.

Porque estais mortos e a vossa vida
está escondida com Cristo em Deus.

(Colossenses 3,2)

As lágrimas delas, insinuou, seriam enxugadas não porque ela O tinha visto novamente, mas porque Ele era o Senhor do Céu. Quando ascendesse à direita do Pai, que significava o poder do Pai, quando enviasse o Espírito da Verdade, que seria o novo confortador e Sua presença interior no meio deles, então, de fato, ela verdadeiramente O teria, Aquele por quem ansiava — o Cristo glorificado e ressuscitado. Essa foi a primeira pista, após Sua Ressurreição, do novo relacionamento que teria com os homens, sobre o qual falou de modo tão fluente na noite da Última Ceia. Teria de dar a mesma lição a seus discípulos, que estavam demasiado preocupados com Sua forma humana, ao dizer-lhes que era oportuno que partisse. Madalena desejou estar com Ele como estivera antes da crucifixão, esquecendo que esta foi suportada para a glória e para que Ele enviasse o Seu Espírito.

Embora Madalena estivesse submissa à proibição de Nosso Salvador, não obstante estava destinada a sentir a extrema felicidade de portar as notícias de Sua Ressurreição. Os homens compreenderam o significado do túmulo vazio, mas não a relação com a Redenção e a vitória sobre o pecado e o mal. Ela estava prestes a quebrar a caixa de alabastro de Sua Ressurreição, de modo que o perfume pudesse inundar o mundo. Disse o Senhor a ela:

Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai,
mas vai a meus irmãos e dize-lhes:
Subo para meu Pai e vosso Pai,
meu Deus e vosso Deus.
(São João 20,17)

Essa foi a primeira vez que chamou os apóstolos de “meus irmãos”. Antes que o homem pudesse ser filho adotivo de Deus, tinha de ser redimido da inimizade com Deus.

Em verdade, em verdade vos digo:
se o grão de trigo, caído na terra, não morrer,
fica só; se morrer, produz muito fruto.
(São João 12,24)

Tomou a crucifixão para multiplicar a filiação para outros filhos de Deus. No entanto, havia uma ampla diferença entre Ele mesmo como Filho natural e os seres humanos, que por intermédio de Seu Espírito tornaram-se filhos adotivos. Por isso, como sempre, Ele fez uma distinção rígida entre “Meu Pai” e “Vosso Pai”. Nunca em Sua vida disse “Nosso Pai” como se o relacionamento fosse o mesmo entre Ele e os homens; Sua relação com o Pai era única e incomunicável. A Filiação era Sua natureza, somente pela graça e adoção os homens eram filhos de Deus:

Aquele para quem e por quem todas as coisas existem,
desejando conduzir à glória numerosos filhos,
deliberou elevar à perfeição, pelo sofrimento,
o autor da salvação deles, para que santificador
e santificados formem um só todo.
Por isso, (Jesus) não hesita em chamá-los seus irmãos.
(Hebreus 2,10-11)

Nem mesmo Ele disse a Maria para informar aos apóstolos que Ele havia ressuscitado e que ascenderia aos céus. A Ressurreição estava sugerida na Ascensão, que ainda ocorreria quarenta dias adiante. Seu objetivo não era apenas enfatizar que Ele, que morrera, agora vivia, mas que esse era o início de um Reino espiritual que se tornaria visível e unificado quando Ele enviasse o Seu Espírito.

De maneira obediente, Maria Madalena correu aos discípulos que estavam “pesarosos e chorosos”. Ela lhes disse que vira o Senhor e as palavras que Ele lhe dissera. Qual a recepção que essas notícias tiveram? Novamente, ceticismo, dúvida e descrença. Os apóstolos O ouviram falar em imagens, símbolos, parábolas e o discurso direto de Sua Ressurreição que ocorreria após a morte, mas:

Quando souberam que Jesus vivia e
que ela o tinha visto, não quiseram acreditar.
(São Marcos 16,11)

Eva acreditou na serpente, mas os discípulos não acreditaram no Filho de Deus. Quanto a Maria Madalena e às outras mulheres que podiam relatar a respeito de Sua Ressurreição:

Mas essas notícias pareciam-lhes como um delírio,
e não lhes deram crédito.
(São Lucas 24,11)

Era um prenúncio de como o mundo receberia as notícias da Redenção. Maria Madalena e as outras mulheres, primeiro, não acreditaram na Ressurreição; tiveram de ser convencidas. Nem mesmo os apóstolos acreditaram. A resposta deles foi “Conheceis as mulheres! Sempre imaginando coisas”. Muito antes do advento da psicologia científica, as pessoas temiam os truques que a mente lhes pregava. A incredulidade moderna diante do extraordinário não é nada comparado ao ceticismo que imediatamente saudou as primeiras notícias da Ressurreição. O que o ceticismo moderno diz acerca da

história da Ressurreição os próprios discípulos foram os primeiros a dizer, a saber, uma história inútil. Como os agnósticos originais do cristianismo, os apóstolos concordaram em rechaçar toda a história como um delírio. Algo muito extraordinário deveria acontecer e alguma prova muito concreta deveria ser apresentada para todos os duvidosos, antes de vencerem a relutância em acreditar.

O ceticismo deles foi ainda mais difícil de superar que o ceticismo moderno, porque o deles partiu de uma esperança que aparentemente fora frustrada no Calvário; isso era muito mais difícil de curar que o ceticismo moderno, que é sem esperança. Nada poderia estar mais distante da verdade que dizer que os seguidores de Nosso Senhor Bendito estavam à espera da Ressurreição e, portanto, prontos a acreditar nela ou a consolarem-se por uma perda que parecia irreparável. Nenhum agnóstico escreveu coisa alguma a respeito da Ressurreição que Pedro e os outros apóstolos já não tivessem em mente. Quando Maomé morreu, Omar partiu pressuroso de sua tenda, espada em punho, e afirmou que mataria qualquer um que dissesse que o profeta morrera. No caso do Cristo, havia uma presteza em acreditar em Sua morte, senão uma relutância de acreditar que Ele vivia. Mas talvez porque lhes fosse permitido duvidar, de modo que os fiéis nos séculos adiante nunca pudessem fazê-lo.

OS GUARDAS E O SUBORNO

Depois que as mulheres foram notificar os apóstolos, os guardas que estiveram a postos na tumba e que foram testemunhas da Ressurreição foram à cidade de Jerusalém e disseram aos sumos sacerdotes tudo o que ocorrera. Os sumos sacerdotes imediatamente convocaram uma reunião do Sinédrio com o propósito expresso de subornar os guardas.

Reuniram-se estes em conselho com os anciãos.

Deram aos soldados uma importante soma de dinheiro, ordenando-lhes:

Vós direis que seus discípulos vieram retirá-lo à noite, enquanto dormíeis.

Se o governador vier a sabê-lo,
nós o acalmaremos e vos tiraremos de dificuldades. Os soldados
receberam o dinheiro e seguiram suas instruções.
E esta versão é ainda hoje espalhada entre os judeus.
(São Mateus 28,12-15)

A “importante soma em dinheiro” contrastava muitíssimo com as escassas trinta moedas de prata que Judas recebera. O Sinédrio não negava a ressurreição; de fato, tinham o próprio testemunho imparcial de sua verdade. E, ao mesmo tempo, o testemunho que adquiriram dos gentios por intermédio de Pilatos. Até deram o dinheiro do templo aos soldados romanos que desprezavam, pois encontraram um ódio maior. O dinheiro que Judas devolvera, não tocariam nele porque era “dinheiro de sangue”. Entretanto, agora teriam de comprar uma mentira para escapar do sangue purificador do Cordeiro.

O suborno aos guardas era realmente uma maneira estúpida de fugir do fato da Ressurreição. Em primeiro lugar, havia o problema do que seria feito com o Seu corpo depois que os discípulos o tivessem. Tudo que os inimigos de Nosso Senhor tinham de fazer para desmentir a Ressurreição seria mostrar o Corpo. Sem levar em conta o fato de ser improvável que uma guarda inteira de soldados romanos tivesse dormido em serviço, era absurdo dizer que tudo ocorrera enquanto dormiam. Os soldados foram aconselhados a declarar que estavam adormecidos; e ainda assim estavam despertos a ponto de ver os ladrões e saber que eram os discípulos. Se todos os soldados estivessem adormecidos, nunca poderiam ter descoberto os ladrões; se uns tantos deles estivessem acordados, teriam evitado o roubo. É igualmente improvável que poucos discípulos tímidos tivessem tentado roubar o corpo do Mestre de uma tumba lacrada por uma pedra, selada oficialmente e guardada por soldados sem despertar os guardas adormecidos. O arranjo ordenado da mortalha e dos panos funerários davam mais uma prova de que o corpo não fora removido por Seus discípulos.

A remoção secreta do corpo, no que dizia respeito aos discípulos, era despropositada, e nenhum deles jamais pensou nisso. Naquele momento, a vida do Mestre era um malogro e uma derrota. O crime dos que subornavam certamente era maior do que o crime dos que recebiam o suborno, pois o

conselho era educado e religioso; os soldados eram incultos e simples. A Ressurreição de Cristo foi proclamada oficialmente às autoridades civis; o Sinédrio acreditou na Ressurreição antes dos apóstolos. Comprara o beijo de Judas; agora, esperavam comprar o silêncio dos guardas.

CORAÇÕES PARTIDOS E O PARTIR DO PÃO

Naquele mesmo Domingo de Páscoa, Nosso Senhor Santíssimo fez outra aparição para dois discípulos que estavam a caminho de um vilarejo chamado Emaús, que ficava próximo de Jerusalém. Não havia muito, as esperanças deles estiveram ardentes, mas as trevas da Sexta-Feira Santa e o sepultamento na tumba lhes fizeram perder a alegria. Nenhum assunto estava mais na mente dos homens naquele dia em especial senão a pessoa de Cristo. Enquanto conversavam com tristeza e com os corações inquietos sobre os incidentes terríveis dos últimos dois dias, um estranho se aproximou. Os olhos dos apóstolos, no entanto, estavam tão cegos que não reconheceram que era o Salvador Ressuscitado; pensaram que fosse um viajante comum. No desenrolar da história ficou claro que o que os cegava era a incredulidade; caso esperassem vê-Lo, poderiam tê-Lo reconhecido. Porque estavam interessados Nele, Cristo concedeu Sua Presença; porque duvidaram de Sua Ressurreição, Cristo ocultou a alegria e o conhecimento de Sua Presença. Agora que Seu Corpo estava glorificado, o que os homens viam Dele dependia da boa vontade do Cristo para revelar-se e também da disposição dos próprios corações dos homens. Embora não reconhecessem Nosso Senhor, mesmo assim os discípulos estavam prontos para iniciar uma conversa com o estranho a respeito Dele. Após escutar a longa conversa, o estranho perguntou:

De que estais falando pelo caminho,
e por que estais tristes?
(São Lucas 24,17)

Obviamente, o motivo da tristeza dos discípulos era a perda. Tinham estado com Jesus, tinham-No visto ser preso, insultado, crucificado, morto e sepultado. O pesar aflige o coração da mulher quando ela perde o amado, mas

os homens, em geral, ficam mentalmente perplexos diante de uma situação semelhante. O pesar deles era o pesar de uma carreira destruída.

O Salvador, com infinita sabedoria, não começou falando “sei que estais tristes”. Sua técnica, em vez disso, era fazê-los expressar a tristeza; um coração pesaroso tem melhor consolação ao se expressar. Se o pesar deles tivesse boca e falasse, Ele teria um ouvido e revelar-se-ia. Se não quisessem nada mais que demonstrar suas feridas, Ele lhes derramaria o bálsamo de Sua cura.

Um dos dois, cujo nome era Cleófas, foi o primeiro a falar. Expressou espanto diante da ignorância do estranho que, aparentemente, não estava familiarizado com os acontecimentos dos últimos dias.

És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém
que não sabe o que nela aconteceu estes dias?
(São Lucas 24,18)

O Senhor Ressuscitado perguntou:

Que foi?
(São Lucas 24,19)

O estranho chamou a atenção deles para os *fatos* . Aparentemente não tinham se aprofundado o bastante nos fatos para chegar a conclusões apropriadas. A cura para o pesar que sentiam estava nas próprias coisas que os perturbavam, vê-las na relação correta. Assim como perguntou a mulher no poço, fez uma pergunta não para obter uma informação, mas para aprofundar o conhecimento Dele mesmo. Então, não só Cleófas, mas também seu companheiro, contaram-Lhe o que havia ocorrido. Disseram:

A respeito de Jesus de Nazaré...
Era um profeta poderoso em obras e palavras,
diante de Deus e de todo o povo.
Os nossos sumos sacerdotes e os nossos magistrados
o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

Nós esperávamos que fosse ele quem havia de restaurar Israel e agora,
além de tudo isto, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam.

É verdade que algumas mulheres dentre nós nos alarmaram.
Elas foram ao sepulcro, antes do nascer do sol;
e não tendo achado o seu corpo, voltaram,
dizendo que tiveram uma visão de anjos,
os quais asseguravam que está vivo.

Alguns dos nossos foram ao sepulcro
e acharam assim como as mulheres tinham dito,
mas a ele mesmo não viram.

(São Lucas 24,19-24)

Esses homens esperavam grandes coisas, mas Deus, disseram, os desapontara. O homem faz um mapa e traça as esperanças de que Deus de algum modo as ratifique; o desapontamento muitas vezes se deve à trivialidade das esperanças humanas. Os esboços iniciais agora tinham de ser rasgados — não porque eram demasiado grandiosos, mas porque, aos olhos de Deus, eram demasiado pequenos. A mão que quebrou a taça dos desejos mesquinhos ofereceu um cálice mais rico. Pensavam que tinham encontrado o Redentor antes de Ele ser crucificado, mas, na verdade, descobriram um Redentor *crucificado*. Esperavam por um salvador de Israel, mas não esperavam por um que fosse igualmente Salvador dos gentios. Deviam tê-Lo ouvido falar, em muitas ocasiões, que Ele seria crucificado e resurgiria novamente, mas não podiam encaixar a catástrofe na ideia de um Mestre. Podiam acreditar Nele como Mestre, como um messias político, como um reformador ético, como um salvador do país, um libertador dos romanos, mas não podiam acreditar na tolice da cruz; nem tinham a fé do ladrão que pendeu da cruz. Por isso, recusaram-se a considerar o indício que as mulheres relataram. Não estavam certos de que as mulheres tinham avistado anjos. Possivelmente era apenas uma aparição. Ademais, era o terceiro dia que findava, e Ele não fora visto. Entretanto, o tempo todo caminhavam e conversavam com Ele.

Parece haver um duplo propósito na aparição de Nosso Senhor após a Ressurreição: primeiro, seria mostrar que Aquele que morreu ressuscitara;

segundo, embora tivesse o mesmo corpo, este agora estava glorificado e não era sujeito a restrições físicas. Mais tarde, faria refeição com os discípulos para provar o primeiro ponto; nesse momento, assim como proibiu que Maria Madalena O tocasse, enfatizou Seu estado ressuscitado.

Com esses discípulos, assim como com todos os apóstolos, não existia predisposição a aceitar a Ressurreição. A prova dela tinha de abrir passagem diante da dúvida e das recusas mais obstinadas da natureza humana. Estavam entre as últimas pessoas no mundo a dar crédito a tal história. Poderíamos até dizer que estavam decididos a se sentir miseráveis, recusando-se a investigar a possibilidade verídica da história. Ao resistir tanto aos indícios dados pelas mulheres e à confirmação daqueles que foram verificar a história, a palavra final é que não tinham visto o Senhor.

Então, o Salvador Ressuscitado lhes disse:

Ó gente sem inteligência! Como sois tardos de coração
para credes em tudo o que anunciaram os profetas!
Porventura não era necessário que Cristo sofresse
essas coisas e assim entrasse na sua glória?
(São Lucas 24,25-26)

Foram acusados de tolice e de ter o coração indolente, pois, se tivessem parado e analisado o que os profetas disseram a respeito do Messias — que seria levado como um cordeiro para o abate —, teriam tido a crença confirmada. A credulidade para com os homens e a incredulidade para com Deus é a marca dos corações embrutecidos; a prontidão em acreditar no especulativo e a vagareza em acreditar na prática é o sinal dos corações morosos. A essa altura, surgiram as palavras-chave da jornada. Anteriormente, Nosso Senhor Bendito dissera que era o bom pastor, que disporia de Sua vida para a redenção de muitos; agora, em Sua glória, proclamou uma lei moral que, como consequência de Seus sofrimentos, os homens seriam elevados do estado de pecado para a companhia de Deus.

A Cruz era a condição da glória. O Salvador Ressuscitado falou da necessidade moral fundada na verdade de que tudo o que Lhe acontecera fora predito. O que lhes parecia ofensa, escândalo, derrota e renúncia ao inevitável

era, na verdade, um momento tenebroso antevisto, planejado e preanunciado. Ainda que a Cruz lhes parecesse incompatível com Sua glória, para Ele era o caminho indicado até ela. E, caso conhecessem o que as Escrituras disseram acerca do Messias, teriam acreditado na Cruz.

E começando por Moisés, percorrendo todos os profetas,
explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras.
(São Lucas 24, 27)

Demonstrou-lhes todos os tipos, todos os rituais e todos os cerimoniais que se cumpriram Nele. Citando Isaías, mostrou o modo de Sua morte e crucifixação e as últimas palavras ditas da Cruz; citando Daniel, como Ele se tornaria a montanha que preencheria a terra; citando o Gênesis, como a progênie de uma mulher esmagaria a serpente do mal nos corações humanos; citando Moisés, como seria a serpente de bronze erguida para curar os homens maus e como o Seu lado seria a rocha de onde bateriam e brotariam as águas da regeneração; citando Isaías, como Ele seria Emanuel ou “Deus conosco”; citando Miqueias, como Ele nasceria em Belém; e citando muitos outros escritos deu-lhes a chave para o mistério da vida de Deus entre os homens e o propósito de Sua vinda.

Por fim, chegaram a Emaús. Ele fez parecer como se estivesse prestes a continuar sua jornada pela mesma estrada, assim como certa vez, antes, quando uma tormenta estava a alcançar o lago, Ele fez parecer que passaria pelo barco dos apóstolos. Os dois discípulos Lhe imploraram, entretanto, que ficasse com eles. Aqueles que têm bons pensamentos a respeito de Deus durante o dia não se renderão com presteza ao cair da noite. Aprenderam muito, mas sabiam que não tinham aprendido tudo. Ainda não O tinham reconhecido, mas havia uma luz Naquele que prometia levá-los à plena revelação e dissipar a tristeza. Ele aceitou o convite para ser um hóspede, mas imediatamente agiu como anfitrião, pois

estando sentado conjuntamente à mesa,
ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho.
Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram...

mas ele desapareceu.
(São Lucas 24, 30-31)

Tomar o pão, parti-lo e dar a eles não era um ato de cortesia, pois isso assemelhava-se muito à Última Ceia, na qual ordenara aos apóstolos a repetição do ato como memorial de Sua morte, ao partir o pão que era Seu corpo e distribuí-lo. Imediatamente, ao receber o Pão Sacramental que foi partido, os olhos da alma foram abertos. Assim como os olhos de Adão e Eva foram abertos para ver a vergonha depois de ter comido do fruto proibido do conhecimento do bem e do mal, da mesma maneira, nesse momento, os olhos dos discípulos foram abertos para discernir o Corpo de Cristo. A cena encontra paralelo com a Última Ceia: em ambas houve uma ação de graças; em ambas houve o partir do pão e, em ambas, a partilha do pão com os discípulos. Com a doação do pão veio um conhecimento que conferiu maior clareza do que todas as outras instruções. O partir do pão os introduziu na experiência do Cristo glorificado. Então, Ele sumiu de vista. Ao se voltarem, um ao outro, refletiram:

Não se nos abrasava o coração, quando
ele nos falava pelo caminho
e nos explicava as Escrituras?
(São Lucas 24,32)

Sua influência sobre os discípulos foi afetiva e intelectual: afetiva, no sentido de fazer seus corações arderem de amor, e intelectual, visto que lhes conferiu um entendimento das centenas de presságios de Sua vinda. A humanidade está naturalmente disposta a acreditar que qualquer coisa seja impressionante e bastante poderosa para dominar a imaginação. Ainda assim, esse incidente no caminho para Emaús revelou que as verdades mais potentes muitas vezes surgem nos lugares comuns e nos acidentes triviais da vida, tais como em um encontro com um companheiro de viagem em uma estrada. Cristo ocultou sua presença na estrada mais comum da vida. O conhecimento Dele veio ao caminharem com Ele; e o conhecimento era da glória que veio por intermédio da derrota. Em Sua vida glorificada, assim como em Sua vida

pública, a cruz e a glória caminharam juntas. Não só os ensinamentos foram lembrados; também os Seus sofrimentos e como foram oportunos para Sua exaltação.

Os discípulos retornaram de imediato e voltaram a Jerusalém. Assim como a mulher no poço, em seu entusiasmo, deixou a jarra d'água no poço, os discípulos igualmente esqueceram o propósito de sua viagem a Emaús e voltaram para a Cidade Santa. Ali encontraram os 11 apóstolos reunidos e, com eles, outros seguidores e discípulos. Contaram tudo que acontecera no caminho e como O reconheceram no partir do pão.

AS PORTAS ESTÃO FECHADAS

Os dois discípulos, ao voltar a Jerusalém, encontraram os apóstolos em graus variados de incredulidade. É provável que Tomé estivesse com os apóstolos no início da noite, mas saiu mais cedo. Os discípulos de Emaús viram a Ressurreição primeiro com os olhos da mente e depois com os olhos do corpo. Os apóstolos a viam primeiro com os olhos do corpo e, depois, com os olhos da mente.

O local em que os discípulos estavam reunidos naquela noite do Domingo de Páscoa era o salão no andar de cima onde Nosso Senhor deu aos 12 a Eucaristia, havia apenas 72 horas. Acrescido às dúvidas dos discípulos estava o medo que os impeliu a fechar as portas e aferrolhá-las, para que os representantes do Sinédrio não entrassem para prendê-los sob a acusação falsa de terem roubado o corpo. Havia também o pavor de que o povo pudesse irromper, como sempre fazia, na casa daqueles que não eram populares. Ainda que as portas estivessem cerradas, de repente, no meio deles aparece o Senhor Ressuscitado, saudando-os com as palavras:

A paz esteja convosco!
(São Lucas 24,36)

Pedi às mulheres no sepulcro, imersas em sofrimento, que se rejubilassem; mas agora, ao ter trazido a paz pelo Sangue da Cruz, veio em Pessoa concedê-la. A paz é o fruto da justiça. Somente quando a injustiça do pecado contra Deus se paga é que pode haver a afirmação da verdadeira paz. A paz é a tranquilidade da ordem, não só a tranquilidade; para os ladrões pode

existir tranquilidade em possuir os frutos do roubo. A paz também encerra a ordem, a subordinação do corpo à alma, dos sentidos à razão e da criatura ao Criador. Isaías disse que não haveria paz para os maus porque eles estão em inimizade consigo mesmos, uns com os outros e com Deus.

Agora o Cristo Ressuscitado se punha no meio deles como o novo Melquisedec, o Príncipe da Paz. Três vezes depois de Sua Ressurreição, Ele deu a bênção solene da paz. A primeira foi enquanto os apóstolos estavam aterrorizados e amedrontados; a segunda, depois que Ele deu a prova de Sua Ressurreição; e a terceira, uma semana depois, quando Tomé estava entre eles.

Os apóstolos acreditavam, num primeiro momento, que tinham visto um Espírito; apesar das palavras das mulheres, do testemunho dos discípulos de Emaús, do sepulcro vazio, da visão angélica e da narrativa de Pedro de sua entrevista com o Ressuscitado. Sua presença, admitiam para si mesmos, não poderia ser explicada de nenhuma maneira natural, já que as portas estavam trancadas. Ao reprová-los pela incredulidade, como fez com os discípulos de Emaús, Ele lhes disse:

Por que estais perturbados,
e por que essas dúvidas nos vossos corações?
(São Lucas 24,38)

Mostrou-lhes as mãos e os pés que foram transpassados pelos cravos na Cruz; depois, mostrou-lhes a lateral do corpo, que fora aberta com a lança, e disse-lhes:

Apalpai e vede:
um espírito não tem carne nem ossos,
como vedes que tenho.
(São Lucas 24,39)

É provável que os apóstolos incrédulos tenham de verdade tocado o Corpo de Cristo; isso pode explicar por que Tomé, posteriormente, exigiu tal sinal; não seria inferior aos outros. João, que se debruçara sobre Seu peito na

noite da Última Ceia, estava particularmente interessado na lateral do corpo ou no coração. Nunca esqueceu aquela cena tocante, pois, mais tarde, escreveu:

O que era desde o princípio, o que temos ouvido,
o que temos visto com os nossos olhos,
o que temos contemplado e as nossas mãos têm apalpado
no tocante ao Verbo da vida.
(1 São João 1,1)

João também se recordaria disso ao escrever seu Apocalipse, em que descreveu a humanidade sagrada do Senhor entronizada e adorada no céu:

Um Cordeiro de pé, como que imolado.
(Apocalipse 5,6)

Portanto, Ele seria reconhecido como o Crucificado, ainda que agora em glória, Príncipe e Senhor. Não que as feridas cruéis ali estivessem para ser uma lembrança da crueldade dos homens, mas, antes, de que a Redenção fora forjada em dor e pesar. Se as cicatrizes tivessem sido removidas, os homens poderiam esquecer que houve um sacrifício e que Ele era tanto Sacerdote quanto Vítima. Seu argumento era que o Corpo que lhes apresentava era o mesmo que nascera da Virgem Maria, fora pregado na Cruz e posto em um sepulcro por José de Arimateia. No entanto, tinha propriedades que não possuía antes.

Pedro, Tiago e João viram-No transfigurado quando Suas vestes estavam mais alvas que a neve, mas o restante dos discípulos só O vira como o Homem de Dores. Esse foi o primeiro olhar que deram ao Senhor ressuscitado e glorioso. As marcas dos cravos, o lado lancetado, eram cicatrizes inconfundíveis de uma batalha contra o pecado e o mal. Assim como muitos soldados olham para as feridas que adquiriram em batalhas não como uma desfiguração, mas como um troféu de honra, Ele, igualmente, portava as feridas para provar que o amor era mais forte que a morte. Depois da Ascensão, essas cicatrizes seriam como bocas oratoriais de intercessão diante do Pai Celestial; cicatrizes que

portaria no último dia para julgar os vivos e os mortos. Em uma antiga lenda dizem que Satanás apareceu a um santo e disse: “Eu sou o Cristo”. O santo o confundiu ao perguntá-lo: “Onde estão as marcas dos cravos?”.

Se os homens fossem deixados ao bel-prazer para formar a própria concepção do Cristo Ressuscitado, nunca o teriam representado com os sinais remanescentes de Seu opróbrio e Sua agonia na terra. Caso tivesse ressuscitado sem nenhum memorial da Sua Paixão, os homens poderiam ter duvidado Dele com o passar do tempo. Não podia haver dúvida quanto ao propósito sacrificial de Sua vinda, Ele lhes deu não só o Memorial de Sua morte na noite da Última Ceia, pedindo que fosse perpetuado enquanto perdurasse o tempo, mas também comportava em Sua Pessoa, como Jesus Cristo, o “mesmo ontem, hoje e para sempre”, o Memorial de Sua Redenção. Entretanto, os apóstolos estavam convencidos?

Mas, vacilando eles ainda
e estando transportados de alegria, perguntou:
Tendes aqui alguma coisa para comer?
(São Lucas 24,41)

Assim, colocaram diante Dele um pedaço de carne e um favo de mel. Tomou-os e comeu na presença deles, e mandou que partilhassem de Sua refeição. Não era um fantasma o que viam. Até certo ponto, acreditaram na Ressurreição, e essa crença lhes deu alegria; mas a alegria era tão grande que quase não podiam acreditar. De início estavam muito assustados para crer; depois estavam muito alegres para crer. No entanto, Nosso Senhor não descansaria até que lhes tivesse saciado completamente os sentidos. Comer com eles era a prova mais forte de Sua Ressurreição. Depois de ressuscitar a filha de Jairo, pediu que lhe fosse dado o que comer; depois da ressurreição de Lázaro, este comeu com Ele; agora, depois da própria Ressurreição, Ele comeu com os apóstolos. Dessa maneira os convenceria de que era o mesmo Corpo vivo que viram, tocaram e sentiram, mas era, ao mesmo tempo, um Corpo que estava glorificado. Não tinha as feridas como sinal de fraqueza, mas como cicatrizes gloriosas de vitória. Esse Corpo glorificado comia, não como as plantas extraem nutrientes da terra por necessidade, mas assim como o sol as impregna

de energia. Ele dera algumas indicações de como seria a Sua natureza glorificada na Transfiguração, quando Moisés e Elias Lhe falaram sobre Sua morte. Aquela era uma promessa e um penhor que a corrupção imporia à incorrupção, que o mortal imporia à imortalidade e a morte seria tragada em vida.

Após ter provado aos discípulos que ressuscitara ao mostrar-lhes as mãos, os pés e o lado e ao comer diante deles, ofereceu-lhes uma segunda saudação de paz ao dizer:

A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou,
assim também eu vos envio a vós.
Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes:
Recebei o Espírito Santo.
(São João 20,21-22)

A primeira saudação de paz foi quando estavam atemorizados; agora que estavam cheios da alegria de acreditar, a segunda saudação de paz referia-se ao mundo. Sua preocupação não era com o mundo de Sua vida pública, mas com todo o mundo que redimira. Poucas horas antes de ir para a morte suplicara ao Pai:

Como tu me enviaste ao mundo,
também eu os enviei ao mundo.
(São João 17,18)

Prosseguindo com a ideia, Ele disse estar rezando não só por aqueles que seriam seus representantes na terra, mas por todos, por toda a história, que viessem a crer Nele.

Não rogo somente por eles,
mas também por aqueles que por sua palavra
hão de crer em mim.
(São João 17,20)

Assim, na noite da Última Ceia, antes de ir de encontro à morte, preocupava-se com Sua missão no mundo após a crucifixão — uma missão em um mundo que o rejeitara. Nesse momento, após a Ressurreição, reiterou aos Seus apóstolos a mesma ideia das 12 pedras da fundação dessa cidade de Deus. No Antigo Testamento o sumo sacerdote punha pedras nas vestes que usava por cima do peito; agora, o Sumo Sacerdote encravou pedras vivas em Seu coração. Sua missão e a deles era uma só. Como Cristo foi enviado e por meio do sofrimento ingressou na glória, igualmente agora Ele lhes transmitiu Sua parte da Cruz e, depois disso, Sua glória.

Nosso Senhor não disse “Como Meu Pai Me enviou, também vos enviarei”, porque há duas palavras gregas totalmente diferentes utilizadas no original para “enviar”. A primeira palavra foi usada para descrever tanto a missão de Nosso Senhor vindo do Pai quanto a missão do Espírito Santo; a segunda palavra, em vez disso, significava uma delegação; referia-se à autoridade de Cristo como um embaixador. Cristo veio do seio eterno do Pai em Sua encarnação; dessa maneira, os apóstolos, agora, teriam de partir dele. Assim como Nosso Senhor insistiu na diferença entre “Meu Pai” e “Vosso Pai”, nesse momento enfatizava a diferença entre as respectivas missões. Cristo foi enviado para tornar manifesto o Pai porque era um em natureza com o Pai; os apóstolos, que eram as pedras fundamentais do Reino, deveriam manifestar o filho. Enquanto o Senhor falava essas palavras, os apóstolos podiam ver as gloriosas cicatrizes em Seu corpo ressuscitado. Ao imprimi-las nas mentes dos apóstolos, eles compreenderam que assim como o Pai O enviara para sofrer a fim de salvar a humanidade, também o Filho os enviava para sofrer perseguição. Assim como o amor do Pai estava Nele, igualmente o amor do Pai e Dele estaria nos apóstolos. A autoridade subjacente à missão apostólica era irresistível, pois suas raízes estavam em analogia com o Pai ao enviar seu Filho e o Filho os enviando. Não é de admirar que Ele lhes dissesse que quem quer que rejeitasse um de Seus apóstolos O rejeitaria. Embora Tomé não estivesse lá, mesmo assim, ele partilharia dos dons, e até mesmo São Paulo os partilhou.

Então, Nosso Senhor soprou sobre eles ao conferir algum poder do Espírito Santo. Quando o amor é profundo, sempre cala a fala ou as palavras; o amor de Deus é tão profundo que pode ser humanamente expresso por um suspiro ou um sopro. Nessa hora, em que os apóstolos aprenderam a balbuciar o alfabeto da Redenção, o Senhor soprou sobre eles como símbolo e penhor do que haveria de vir. Nada era senão a nuvem que precede a chuva abundante;

melhor ainda, foi um sopro da influência do Espírito e um presságio do vento pressuroso do Pentecostes. Assim como soprara sobre Adão o fôlego de uma vida natural, nesse momento Ele soprou sobre os apóstolos o fundamento de Sua Igreja, o fôlego da vida espiritual. Assim como o homem se torna a imagem de Deus em virtude da alma que nele foi soprada, da mesma maneira, agora, eles se tornavam a imagem do Cristo, no instante em que se encheram do poder do Espírito neles insuflado. A palavra grega utilizada para expressar Seu sopro sobre os apóstolos não é empregada em nenhum outro lugar do Novo Testamento, mas é a mesma palavra que os tradutores gregos do hebraico utilizaram para descrever o sopro de Deus na alma vivente em Adão. Desse modo, há uma nova criação como o primeiro fruto da Redenção.

Ao soprar sobre eles, Ele lhes deu o Espírito Santo, que não mais os tornava servos, mas filhos. Por três vezes o Espírito Santo é mencionado com algum sinal externo; como uma pomba no batismo de Cristo, pressagiando Sua inocência e a Filiação Divina; como línguas de fogo no dia de Pentecostes, como sinal do poder do Espírito de converter o mundo; e como o sopro do Cristo Ressuscitado com todo o poder regenerativo. Assim como o Senhor fez lama para ungir os olhos do cego, demonstrando que Ele era o Criador do homem, da mesma maneira, ao soprar o Espírito sobre os apóstolos, Ele demonstrou que era o regenerador da vida do barro que decaiu.

Quando Nosso Senhor estava na Festa dos Tabernáculos, observando a água que brotava da piscina, disse que se qualquer homem acreditasse Nele, faria brotar fontes de água viva que emanariam de Seu interior. As Escrituras acrescentam:

Dizia isso, referindo-se ao Espírito que
haviam de receber os que cressem nele,
pois ainda não fora dado o Espírito,
visto que Jesus ainda não tinha sido glorificado.
(São João 7,39)

Naquela festividade comemorativa, afirmou que primeiro Ele teria de morrer e passar à glória, antes que o Espírito Santo pudesse vir. Suas palavras, nesse momento, sugeriam que Ele já estava em estado de glória, pois estava

concedendo o Espírito. Nessa ocasião, associava os apóstolos à vida de Sua Ressurreição; no Pentecostes, os associaria à Sua Ascensão.

Posteriormente, conferir-lhes-ia o poder de perdoar pecados. Havia mesmo de se fazer uma distinção entre os pecados que os apóstolos perdoariam e os que não poderiam perdoar. É evidente que a maneira como distinguiriam os dois dependeria de ouvi-los. Disse Jesus:

Àqueles a quem perdoardes os pecados,
ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes,
ser-lhes-ão retidos.
(São João 20,23)

Assim como o sacerdote judaico declarava quem estava e quem não estava purificado entre os leprosos, Cristo, do mesmo modo, conferiu o poder de perdoar e de reter o perdão dos pecadores. Somente Deus pode perdoar os pecados; mas Deus, em forma de homem, perdoou os pecados de Madalena, do ladrão penitente, do cobrador de impostos desonesto e de outros. A mesma lei da Encarnação agora seria mantida; Deus continuaria a perdoar os pecados por intermédio do homem. Os ministros designados seriam os instrumentos de Seu perdão, assim como a própria natureza humana era o instrumento de Sua divindade ao adquirir o perdão. Essas palavras solenes do Salvador Ressuscitado indicavam que os pecados seriam perdoados pelo poder judicial autorizado a examinar o estado de uma alma e conferir ou recusar o perdão, conforme o caso. Daquele dia em diante, o remédio para o pecado humano e para a culpa era fazer humilde confissão a alguém com autoridade para perdoar. Ser humilde, de joelhos, confessar àquele a quem Cristo deu o poder de perdoar (em vez de prostrar-se num divã para ouvir a culpa explicada), foi uma das maiores alegrias dadas à alma humana oprimida.

DEDOS, MÃOS E PREGOS

A primeira aparição de Nosso Senhor no Cenáculo foi apenas a dez dos apóstolos; Tomé não estava presente. Ele não estava com os apóstolos, mas o Evangelho pressupõe que ele deveria ter estado com eles antes. A razão dessa ausência é desconhecida, mas provavelmente foi por causa de sua incredulidade. Em três passagens diferentes do Evangelho, Tomé sempre é retratado como o que vê o lado escuro das coisas, tanto com relação ao presente quanto com ao futuro. Quando chegaram a Nosso Senhor as notícias acerca da morte de Lázaro, Tomé queria ir e morrer com ele. Depois, quando Nosso Senhor Bendito disse que voltaria ao Pai e prepararia lugar para os apóstolos, a resposta sombria de Tomé era que ele não sabia aonde o Senhor estava indo, tampouco ele mesmo sabia o caminho.

Imediatamente depois que os demais apóstolos se convenceram da Ressurreição e da glória de Nosso Divino Salvador, levaram a Tomé tais novidades. Tomé não disse que se recusava a crer, mas que era incapaz de crer até que tivesse uma prova empírica da Ressurreição, a despeito do testemunho deles, segundo o qual o Senhor tinha Ressuscitado. Ele enumerou as condições dessa fé:

Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos,
e não puser o meu dedo no lugar dos pregos,
e não introduzir a minha mão no seu lado,
não acreditarei!
(São João 20,25)

A disparidade entre aqueles que creem e aqueles que não estão preparados para a crença podia ser vista na recepção que os dez tiveram quando falaram a Tomé sobre a Ressurreição. Sua recusa a confiar no testemunho de dez companheiros confiáveis, que tinham visto o Cristo Ressurreto com os próprios olhos, provou o quanto é cético o sombrio. No entanto, seu ceticismo não é o ceticismo frívolo da indiferença ou da hostilidade à verdade; ele queria o conhecimento para então ter a fé. Era diferente do sábio aos próprios olhos, que quer o conhecimento contra a fé. Em certo sentido, sua atitude era a do teólogo científico que promove o conhecimento e a inteligência depois de ter acabado com toda dúvida.

Esta é a única passagem das Escrituras Sagradas em que a palavra “pregos” é usada num contexto relacionado a Nosso Salvador, e que remete às palavras do Salmista: “Perfuraram minhas mãos e meus pés” (Salmo 22,16).

As dúvidas de Tomé surgiam, em sua maioria, de seu desânimo e da influência depressiva da tristeza e do isolamento, pois era um homem à parte de seus companheiros. Às vezes um homem que perde um encontro perde muito. Se os minutos do primeiro encontro fossem escritos, eles teriam contido as trágicas palavras do Evangelho: “Tomé não estava lá” (São João 20,24). O domingo estava começando a se tornar o Dia do Senhor; pois, após oito dias, os apóstolos estavam mais uma vez reunidos no cenáculo, e Tomé estava com eles.

As portas ainda estavam sendo fechadas, o Salvador Ressurreto postou-Se entre eles e, pela terceira vez, saudou:

A paz esteja convosco!
(São João 20,19)

Logo depois de falar de paz, Nosso Divino Salvador passou a falar sobre em que se fundamentava a paz, a saber, Sua morte e Ressurreição. Não havia o menor sinal de crítica em Nosso Senhor, como não haveria o menor sinal de crítica com Pedro numa aparição posterior às margens do Mar da Galileia. Tomé pedira uma prova com base nos sentidos ou faculdades que pertencem ao reino animal, e uma prova dos sentidos lhe seria dada. Nosso Senhor disse a Tomé:

Introduz aqui o teu dedo,
e vê as minhas mãos.
Põe a tua mão no meu lado.
Não sejas incrédulo, mas homem de fé.
(São João 20,27)

O Mestre dissera certa vez que uma geração perversa e adúltera pede um sinal, e nenhum sinal lhe seria dado senão o do profeta Jonas. Esse era precisamente o sinal dado a Tomé. O Senhor sabia das palavras de ceticismo que Tomé havia dito anteriormente aos demais apóstolos — outra prova de Sua Onisciência. A ferida em Seu lado deve ter sido muito grande, visto que Ele pediu a Tomé que pusesse a mão nela; e também as feridas em Sua mão devem ter sido grandes, pois Tomé foi convidado a colocar o dedo no lugar do cravo. As dúvidas de Tomé não duraram mais que as dos outros, e seu ceticismo extraordinário é uma prova a mais da realidade da Ressurreição.

Havia todas as razões para supor que Tomé fez o que fora convidado a fazer, assim como havia toda razão para supor que os dez apóstolos tinham feito exatamente a mesma coisa na primeira noite da Páscoa. As palavras de repreensão de Nosso Senhor a Tomé — a não mais duvidar — também continham uma exortação a crer e a livrar-se de sua tristeza, que era o pecado que o assediava.

Paulo não foi desobediente à visão celestial; tampouco o foi Tomé. O cético foi tão convencido por uma prova positiva que se tornou adorador. Prostrando-se de joelhos, disse ao Salvador Ressurreto:

Meu Senhor e meu Deus!
(São João 20,28)

Numa declaração ardente, Tomé reuniu todas as dúvidas de uma humanidade deprimida para curá-las pelas implicações da exclamação: “Meu Senhor e meu Deus”. Era um reconhecimento de que o Emanuel de Isaías estava diante dele. Ele, que foi o último a crer, foi o primeiro a fazer plena confissão da Divindade do Salvador Ressurreto. Contudo, desde que ela veio de uma evidência de carne e sangue, não foi seguida pela bênção conferida a

Pedro quando este reconheceu que Ele era o Filho do Deus Vivo. O Salvador Ressurreto disse a Tomé:

Creste, porque me viste.
Felizes aqueles que creem sem ter visto!
(São João 20,29)

Há quem não creia ainda que veja, como o Faraó; há quem só creia quando vê. Acima de ambos os tipos, o Senhor Deus colocou aqueles que não viram e creram. Noé fora advertido por Deus de coisas que ainda não tinham sucedido; ele creu e preparou a arca. Abraão saiu de sua terra sem saber aonde ia, mas ainda confiando no Deus que prometera — que ele seria o pai de uma descendência mais numerosa que os grãos de areia da praia. Se Tomé tivesse crido pelo testemunho de seus colegas discípulos, sua fé em Cristo teria sido maior; pois ouvira muitas vezes seu Senhor dizer que seria crucificado e se ergueria novamente. Ele também sabia pelas Escrituras que a Crucifixão era o cumprimento de uma profecia, mas queria o testemunho adicional dos sentidos.

Tomé pensou estar fazendo a coisa certa ao exigir toda evidência de uma prova sensível; mas o que seria das gerações futuras se a mesma evidência fosse exigida por eles? Os futuros crentes, sugeria o Senhor, hão de aceitar o fato da Ressurreição pelo testemunho daqueles que estiveram com Ele. Nosso Senhor retratou assim a fé dos crentes depois da era apostólica, quando não haveria ninguém que o viu, mas a fé deles teria fundamento, porque os próprios apóstolos tinham visto o Cristo Ressurreto. Viram que o fiel pode ser capaz de agir assim sem ver, crendo no testemunho deles. Os apóstolos foram homens privilegiados, não só porque viram Nosso Senhor e creram; foram ainda mais privilegiados quando compreenderam plenamente o mistério da Redenção e nele assim viveram — e até chegaram a ser decapitados por causa da realidade da Ressurreição. Alguma gratidão sempre deve ser creditada a Tomé, que tocou a Cristo como homem, mas creu Nele como Deus.

O AMOR COMO CONDIÇÃO DE AUTORIDADE

De depois dos acontecimentos da semana da Páscoa em Jerusalém, os apóstolos, mais uma vez, retornaram aos antigos lugares favoritos e para seus lares, em especial, para o Mar da Galileia, com muitas ternas lembranças. Foi durante uma pesca que o Senhor os chamara de “pescadores de homens”. A Galileia seria agora o cenário do último milagre de Nosso Senhor, assim como foi o cenário do primeiro, quando transformou água em vinho. Na primeira ocasião “não havia vinho”; nessa última, “não havia peixe”. Em ambas, o Senhor pronunciou uma ordem: em Caná, encher as talhas; na Galileia, lançar as redes ao mar. Ambos resultaram em um farto suprimento. Caná teve seis talhas de vinho, com o melhor vinho servido por último; a Galileia teve as redes cheias de peixe.

Os apóstolos no mar nessa ocasião eram Simão Pedro, que, como sempre, era mencionado em primeiro lugar; depois dele, entretanto, é mencionado Tomé, que, então, depois de confessar que Cristo era Senhor e Deus, permaneceu próximo àquele que fora chamado a ser o chefe dos apóstolos. Natanael de Caná na Galileia também estava lá; da mesma maneira estava Tiago, João e dois outros discípulos. Vale notar que João, que outrora tivera um barco próprio, agora estava no barco de Pedro, que assumindo a liderança e inspirando os outros, disse:

Vou pescar. Responderam-lhe eles:
Também nós vamos contigo.
(São João 21,3)

Embora tivessem trabalhado toda a noite, nada conseguiram. Quando chegou a alvorada, viram Nosso Senhor na margem, mas não sabiam que era Ele. Essa foi a terceira vez que Se aproximou deles como um desconhecido para desacanhá-los. Apesar de estarem bem perto da margem para se referirem a Ele, assim como os discípulos de Emaús, não discerniram Sua pessoa nem reconheceram Sua voz, tão encoberto estava o Corpo Ressuscitado em glória. Estava na margem e os apóstolos, no mar. Nosso Senhor falou-lhes:

Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?

Não, responderam-lhe.

Disse-lhes ele:

Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis.

(São João 21,5-6)

Os apóstolos devem ter se lembrado de uma ordem como essa quando Nosso Senhor lhes disse para baixar as redes para um carregamento, não especificando se do lado direito ou do esquerdo. Na ocasião, Nosso Senhor estava no barco; agora estava na margem. Os lançamentos da vida tinham terminado. Imediatamente, em obediência à ordem divina, foram tão bem-sucedidos na pescaria que se viram incapazes de puxar as redes por conta da infinidade de peixes. No primeiro milagre da pescaria durante a vida pública, as redes se romperam; Pedro, atemorizado pelo milagre, pediu a Nosso Senhor para apartar-se Dele, porque era um pecador. A própria abundância da misericórdia do Senhor fê-lo sentir sua insignificância. No entanto, nessa pesca miraculosa foram fortalecidos, pois, imediatamente, João disse a Pedro:

É o Senhor!

(São João 21,7)

Tanto Pedro como João permaneceram fiéis a suas personalidades. Assim como João foi o primeiro a chegar ao sepulcro vazio na manhã de Páscoa, do mesmo modo Pedro foi o primeiro a entrar. Assim como João foi o primeiro a acreditar que Cristo ressuscitou, do mesmo modo Pedro foi o primeiro a

cumprimentar o Cristo ressuscitado. Assim como João foi o primeiro a ver, do barco, o Senhor, do mesmo modo Pedro foi o primeiro a correr em direção ao Senhor, mergulhando no mar para ser o primeiro a Seus pés. Nu, como estava no barco, lançou um manto sobre Si, esqueceu o conforto pessoal, abandonou a companhia humana e ansiosamente nadou centenas de metros até o Mestre. João tinha maior discernimento espiritual, Pedro era mais rápido na ação. Foi João quem se debruçou sobre o peito do Mestre na noite da Última Ceia; também foi ele quem estava mais perto da Cruz e a quem o Salvador recomendou Sua mãe; agora, portanto, ele foi o primeiro a reconhecer o Salvador Ressuscitado na margem. Uma vez, quando Nosso Salvador andava sobre as ondas em direção ao barco, Pedro não podia esperar o Mestre vir até ele, ao pedir-Lhe que andasse sobre as águas. Agora, nadara até a margem, após envolver-se de reverência para com Seu Salvador.

Os outros seis permaneceram no barco. Quando chegaram à margem, viram o fogo, os peixes nas brasas e pão, que o Salvador compassivo preparara para eles. O Filho de Deus estava a preparar uma refeição para Seus pobres pescadores; isso deve ter lhes recordado os pães e os peixes que Ele multiplicara quando anunciou a Si mesmo como o Pão da Vida. Após terem arrastado as redes até a margem e contarem os 153 peixes que tinham capturado, estavam todos bem convencidos de que Aquele era o Senhor. Os apóstolos compreenderam que, como Ele os chamara de pescadores de homens, essa grande pesca, igualmente, simbolizava os fiéis que, por fim, seriam levados à barca de Pedro.

No começo de Sua vida pública, às margens do rio Jordão, Cristo lhes fora apontado como o “Cordeiro de Deus”; agora que estava prestes a deixá-los, o Senhor aplicou esse título àqueles que viriam a cer Nele. Aquele que chamou a si mesmo de o Bom Pastor dava, nesse momento, a outros, a capacidade de ser pastores. A cena seguinte ocorreu após o jantar. Como deu a Eucaristia depois da ceia e o poder de perdoar os pecados após comer com eles, agora, igualmente, depois de partir o pão e o peixe, voltou-se para aquele que O negou três vezes e pediu uma afirmação tripla de amor. A confissão do amor deve preceder a outorga da autoridade; autoridade sem amor é tirania.

Simão, filho de João,
amas-me mais do que estes?

(São João 21,15)

A pergunta era “Tu Me amas com aquele amor verdadeiramente sobrenatural, a marca de um pastor-chefe?”. Pedro, certa vez, pressupôs a grandeza de Seu amor, dizendo ao Mestre na noite da Última Ceia que muito embora todos os outros ficassem ofendidos e se escandalizassem com Ele, ainda assim não O negaria. Pedro era, nesse momento, chamado de Simão, filho de Jonas — Simão era seu nome original. Nosso Senhor, assim, recordou Pedro de seu passado como homem natural, mas, principalmente, de sua queda ou negação. Vivera pela natureza em vez de viver pela graça. O título também tinha outro significado — deveria lembrar a Pedro sua gloriosa confissão quando Nosso Senhor lhe disse: “Feliz és, Simão, filho de Jonas” (São Mateus 16,17) e o tornou a Rocha sobre a qual Ele construiria Sua Igreja. Em resposta à questão sobre o amor, Pedro disse:

Sim, Senhor, tu sabes que te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

(São João 21,15)

Pedro não reivindicava mais superioridade afetiva alguma diante dos outros seguidores de Nosso Senhor, pois os outros seis apóstolos o rodeavam. No grego original, a palavra que Nosso Senhor Bendito empregou para amor não era a mesma que Pedro utilizou na resposta. A palavra que Pedro empregou sugeria uma emoção um tanto natural. Faltava a ele o significado pleno das palavras de Nosso Senhor acerca da maior espécie de amor. Pedro, em autodesconfiança, nada mais afirmou senão um amor natural. Ao tornar o amor a condição do serviço a Ele, o Salvador Ressuscitado nesse momento disse a Pedro: “Apascenta os meus cordeiros”. O homem que mais profundamente caiu e aprendeu de maneira mais plena as próprias fraquezas era, por certo, o mais bem qualificado para fortalecer o fraco e alimentar os cordeiros.

Repetir três vezes foi a nomeação de Pedro como o vigário de Cristo na terra. A negação de Pedro não mudara o decreto divino que o tornava a rocha

da Igreja, pois Nosso Senhor Santíssimo continuou a fazer a segunda e a terceira perguntas:

Perguntou-lhe outra vez:

Simão, filho de João, amas-me?

Respondeu-lhe:

Sim, Senhor, tu sabes que te amo.

Disse-lhe Jesus:

Apascenta os meus cordeiros.

Perguntou-lhe pela terceira vez:

Simão, filho de João, amas-me?

Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez:

Amas-me?, e respondeu-lhe:

Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.

(São João 21,16-17)

A palavra original grega empregada por Nosso Senhor na segunda pergunta sugeria um amor sobrenatural, mas Pedro utilizou a mesma palavra anterior que significava um amor natural. Na terceira pergunta Nosso Senhor usou a mesma palavra empregada por Pedro para amor pela primeira vez, a saber, a palavra que significava somente uma afeição natural. Foi como se o Mestre Divino estivesse corrigindo as próprias palavras para encontrar a mais conveniente a Pedro e sua personalidade. Talvez tenha sido a adoção da própria palavra de Pedro na terceira pergunta que o feriu e o fez sofrer mais.

Em resposta à terceira pergunta, Pedro ignorou a afirmação do amor, mas admitiu onisciência ao Senhor. No grego original, a palavra que Pedro empregou quando disse que Nosso Senhor sabia de todas as coisas sugeria um conhecimento por visão divina. Quando Pedro disse que o Senhor sabia que ele O amava, a palavra grega utilizada denotava apenas o conhecimento por observação direta. Como Pedro foi passo a passo ladeira abaixo na humilhação, passo a passo Nosso Senhor o seguiu com a certeza da obra para a qual ele estava destinado.

Nosso Senhor disse de Si mesmo: “Eu sou a Porta”. A Pedro Ele tinha dado as chaves e a função de porteiro. A função do Salvador como o pastor visível do rebanho visível estava chegando ao fim. Transferiu-a antes do afastamento de Sua presença visível para o trono dos céus, onde seria o cabeça invisível e o pastor.

O pescador da Galileia foi promovido à liderança e ao primado da Igreja. Ele era o primeiro entre todos os apóstolos em todas as listas apostólicas. Não só era sempre nomeado em primeiro lugar, mas também havia precedência na ação; foi o primeiro a testemunhar a divindade de Nosso Senhor e o primeiro dos apóstolos a testemunhar a Ressurreição de Cristo dos mortos. Assim como Paulo mesmo disse, o Senhor foi visto primeiro por Pedro; Pedro foi o primeiro após a Missão do Espírito no Pentecostes a pregar o Evangelho aos homens. Foi o primeiro na Igreja infante a desafiar a ira dos perseguidores, o primeiro entre os 12 a dar as boas-vindas aos gentios que acreditaram na Igreja e o primeiro a respeito do qual foi predito sofrer martírio por causa do Cristo.

Durante a vida pública, quando disse que Pedro era a pedra sobre a qual construiria Sua Igreja, Nosso Senhor Bendito profetizou que seria crucificado e ressurgiria novamente. Na ocasião, Pedro O tentou a afastar-se da cruz. Em reparação por essa tentação que Nosso Senhor chamou de satânica, Ele, agora, ao conferir plenos poderes a Pedro para governar Seus cordeiros e ovelhas, profetizou que o próprio Pedro morreria na cruz. Quase disse a Pedro: “Terás uma cruz como aquela em que Me pregaram, e da qual ter-me-ias impedido de adentrar em Minha glória. Agora debes aprender o que realmente significa amar. Meu amor é um vestíbulo da morte. Por que te amei, eles Me mataram; por teu amor por mim, matar-te-ão. Certa vez disse que o Bom Pastor daria a vida por Suas ovelhas; agora és Meu pastor em Meu lugar; portanto, receberás por tuas obras a mesma recompensa que recebi — traves de cruz, quatro cravos e, depois, a vida eterna”.

Em verdade, em verdade te digo:
quando eras mais moço, cingias-te e andavas aonde querias.
Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos,
e outro te cingirá e te levará para onde não queres.
(São João 21,18)

Embora fosse impulsivo e obstinado na juventude, ainda assim, na idade provecta, Pedro glorificaria seu Mestre por uma morte na cruz. Do Pentecostes em diante, Pedro foi levado para onde não queria. Foi obrigado a deixar a Cidade Santa, onde o cárcere e a espada o aguardavam. Depois, foi conduzido por Seu Mestre divino para Samaria e para a casa do gentio, Cornélio, e então foi levado a Roma, a nova Babilônia, onde foi fortificado pelos estrangeiros da diáspora que Paulo incorporara; foi levado à cruz e morreu com uma morte de martírio na colina do Vaticano. Foi crucificado por solicitação própria de cabeça para baixo, por considerar-se indigno de morrer como o Mestre. Visto que era a rocha, era conveniente que ele mesmo fosse posto em terra como um fundamento inabalável da Igreja.

Assim, o homem que sempre tentava o Senhor a afastar-se da cruz foi o primeiro dos apóstolos a tomá-la. A cruz que abraçou contribuiu para a glória de Seu Salvador mais que todo o zelo e toda a impetuosidade da juventude. Quando não compreendeu que a cruz significava redenção do pecado, Pedro pôs a própria morte diante da morte do Mestre, ao dizer que, embora todos os outros tivessem falhado em defendê-lo, ele não o faria. Nesse momento, Pedro viu que era somente à luz da Cruz do Calvário que a cruz que abraçaria tinha propósito e significado. Perto do fim da vida, Pedro veria a cruz diante de si e escreveria:

Porque sei que em breve terei que deixá-lo,
assim como nosso Senhor Jesus Cristo me fez conhecer.
Mas cuidarei para que, ainda depois do meu falecimento,
possais conservar sempre a lembrança dessas coisas.
Na realidade, não é baseando-nos em hábeis fábulas
imaginadas
que nós vos temos feito conhecer
o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo,
mas por termos visto a sua majestade com nossos próprios
olhos.
(2 São Pedro 1,14-16)

O MANDATO DIVINO

Muitas das aparições do Salvador Ressurreto foram repentinas e assombrosamente inesperadas; mas houve uma previamente marcada antes que Ele entrasse em agonia. Disse o Senhor aos apóstolos que iria à Galileia adiante deles (São Mateus 26,32). Depois da Ressurreição, o primeiro anjo e então o próprio Senhor fez o mesmo compromisso, que assumiu importância extraordinária. O lugar exato da Galileia não foi registrado, e pouco importa saber se foi no Monte das Bem-Aventuranças ou no Monte Tabor. Tampouco se sabe quantas pessoas estavam presentes além dos apóstolos, mas afirma-se claramente que os 11 estavam lá, indicando a perda de um dos membros do colégio apostólico que ficaria com um posto vago até o Pentecostes. No Antigo Testamento, Deus marcava encontros nas montanhas. O Monte Moriá foi o lugar do encontro com Abraão; o Monte Horebe, o lugar do encontro com Moisés. Os apóstolos compareceram a este encontro na montanha a que o Salvador Ressurreto os tinha chamado:

Quando o viram, adoraram-no.
(São Mateus 28,17)

Disse-lhes o Senhor:

Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.
(São Mateus 28,18)

Quando disse que todo o poder Lhe foi dado nos céus e na terra, Ele não o disse como Filho de Deus, pois este já Lhe pertencia por natureza. Antes, era um poder que Ele merecera por Sua Paixão e Morte e que fora profetizado por Daniel, que teve uma visão profética do Filho do Homem como portador de glória e domínio eternos (Daniel 7,14). O poder que Lhe foi dado fora previsto em Gênesis, a saber, que Aquele que era a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Os reinos da terra que Satanás Lhe prometeu se fosse um salvador político agora eram declarados propriedade do Senhor. Sua autoridade estendia-se por toda a terra, e todas as almas foram compradas por Seu Sangue. Esta autoridade como o Filho do Homem não se estendia apenas sobre a terra, mas também sobre o céu. Suas Palavras combinavam a Ressurreição e a Ascensão; assim como a Ressurreição deu-Lhe poder sobre a terra, ao vencer o pecado e a morte, assim também a Ascensão lhe dá poder no céu para agir como mediador entre Deus e o homem.

A declaração seguinte de Cristo era um corolário da primeira. Se toda autoridade Lhe foi dada no céu e na terra, então Ele tinha o direito de delegar essa autoridade a quem Lhe aprouvesse. Era importante que a autoridade que Ele delegou fosse dada àqueles que eram seus contemporâneos, a fim de que pudesse transmiti-la. Um cabo elétrico que está a oitocentos ou a mais de três mil quilômetros de distância de um gerador não pode transmitir corrente. Qualquer autoridade, para agir em nome de Cristo, há de ser dada pelo próprio Cristo e então transmitida através dos séculos por aqueles que a receberam sem mediação.

Enquanto esteve sobre a terra, o Senhor exerceu o triplo ofício de Sacerdote, Profeta ou Mestre, e Rei. Enquanto se preparava para deixá-los para voltar ao céu de onde veio, Ele comissionou esse triplo ofício aos apóstolos: o ofício sacerdotal, ao convidá-los a renovar o Memorial de Sua morte e ao conferir-lhes o poder de perdoar pecados; o ofício profético ou didático, ao prometer enviar-lhes o Espírito da Verdade, que os faria lembrar de todas as coisas que Ele ensinou e os faria perseverar unidos na fé; e o ofício régio, ao dar-lhes um Reino (assim como o Pai Lhe dera um Reino), sobre o qual exerceriam o poder de ligar e desligar. Sem deixar dúvidas de que o propósito de Sua vinda era prolongar Seu Sacerdócio, Sua Verdade e Seu Reinado, Ele enviou os apóstolos ao mundo:

Ide, pois, e ensinai a todas as nações;
batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi.
(São Mateus 28,19-20)

Se essa comissão fosse dada apenas para o tempo dos apóstolos, é evidente que seria impossível que fossem a todas as nações. O dinamismo ou corrente que foi passada aos apóstolos sob a liderança de Pedro havia de continuar até a Segunda Vinda de Cristo. Não havia nenhuma dúvida quanto à autoridade e à obra da Igreja quando o Mestre deixasse a terra. Chegou o dia da Propagação da Fé. Os apóstolos e seus sucessores já não haviam de se considerar mestres apenas em Israel; de agora em diante, o mundo inteiro era deles. Tampouco haviam de simplesmente ensinar; pois Aquele que lhes deu a comissão não era só um mestre. Tinham de fazer discípulos de todas as nações; e o discipulado pressupunha a rendição do coração e da vontade ao Mestre Divino. O poder da Cruz redentora seria vão a menos que Seus servos o usassem para incorporar outras naturezas humanas Nele mesmo. Assim como Maria deu-Lhe uma natureza humana que foi glorificada em Sua Pessoa, também os homens haviam de render sua natureza humana a Ele, morrendo como Ele morreu, a fim de que pudessem entrar na glória.

Essa incorporação a Si Mesmo havia de ser iniciada pelo batismo, como Ele disse a Nicodemos. A menos que nasça da água e do Espírito Santo, o homem não pode entrar no Reino de Deus. Assim como nascer da carne gera a carne do homem, nascer do Espírito o faria participante de Sua natureza divina. O batismo tinha de ser administrado não “nos nomes” das três pessoas da Santíssima Trindade, visto que implicaria três deuses, mas, antes, tinha de dar-se em *nome* do Pai, do Filho e do Espírito Santo, porque as Três Pessoas são um, tendo a natureza de Deus. Uma analogia mais perfeita é que nossa vida, nosso conhecimento e nosso amor estão arraigados a nossa natureza humana; assim também o Poder do Pai, a Sabedoria do Filho e o Amor do Espírito Santo são um na natureza de Deus. Assim como três ângulos de um triângulo não formam três triângulos, mas um só; como gelo, água e vapor são manifestações diferentes de uma natureza, H²O, assim infinitamente além de qualquer comparação finita, o Poder, a Sabedoria e o Amor não são senão um só Deus.

Essa autoridade que Ele lhes deu e que havia de se estender por toda a terra ainda pode ter deixado na mente dos apóstolos uma dúvida quanto a Sua Presença com eles. Essa dúvida é imediatamente desfeita quando Ele asseverou a Sua Igreja:

Eis que estou convosco todos os dias,
até o fim do mundo.
(São Mateus 28,20)

A promessa não tinha limite; duraria até o fim do mundo. Deus tinha dito a Abraão que estaria com ele; a Moisés e Arão foi dito que Ele estaria em sua boca; a Josué e Moisés foi prometido que Deus estaria com eles; e a Salomão garantiu-se que Deus estaria com ele na construção de Sua casa. A Jeremias, quando alegou ignorância, foi assegurado que Deus poria palavras em sua boca. Mas, nesses casos, a Presença Divina durou apenas a vida terrena das pessoas a quem foi prometida. Nenhuma limitação da Presença e da Proteção divinas desse tipo foi mencionada no caso dos apóstolos. “As portas do inferno não prevalecerão contra Minha Igreja”, disse o Senhor a Pedro. A confirmação dessa promessa veio mais uma vez nas seguintes palavras: “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.

A ÚLTIMA APARIÇÃO EM JERUSALÉM

Antes de expirar os quarenta dias, os apóstolos voltaram mais uma vez a Jerusalém, onde o Cristo Ressuscitado lhes aparecera anteriormente. Ali, Ele deixou claro que Sua companhia no meio deles era passado; Sua influência agora seria no céu. No entanto, antes de partir, reiterou a importância da profecia e da história. Ninguém antes foi preanunciado, mas Ele o fora, e quanto mais buscassem no Antigo Testamento, mais compreenderiam. Daquele momento em diante, a Igreja deveria sacar do tesouro da Lei, dos profetas e de todos os Salmos que se referiam a Ele.

Era necessário que se cumprisse tudo
o que de mim está escrito na Lei de Moisés,
nos profetas e nos Salmos.
Abriu-lhes então o espírito,
para que compreendessem as Escrituras.
(São Lucas 24,44-45)

Uma nova luz fez todas as coisas parecerem diferentes daquilo que havia antes; à luz da ressurreição, pareciam diferentes do que eram na escuridão anterior. É preciso mais que a luz do sol para ler Moisés, os profetas e os salmos: também é necessária certa iluminação interior, que é inseparável da boa vontade e do amor. Várias vezes Nosso Senhor contou a própria autobiografia e, em cada momento, sem exceção, referiu-se à reparação que faria entre Deus e o homem. Agora, resumiu Sua vida pela última vez, repetindo que o Antigo Testamento se referiu a Ele como o Servo Sofredor, mas Vencedor.

Assim é que está escrito,
e assim era necessário que Cristo padecesse,
mas que ressurgisse dos mortos ao terceiro dia.
(São Lucas 24,46)

Não era pelo sermão do Monte que Ele seria lembrado, mas por Sua Cruz. Não haveria Evangelho se não houvesse Cruz; e a morte na Cruz teria sido inútil para retirar a culpa do homem se Ele não tivesse ressuscitado dos mortos. O Senhor disse que se obrigou a sofrer porque tinha de mostrar o mal do pecado, e o mal se torna manifesto em plenitude na crucifixão do bem. Nunca tombou sobre a terra uma escuridão mais densa do que aquela que recaiu sobre Ele no Calvário. Em todas as outras batalhas, em geral, existe um acinzentado ou uma mistura de bem e mal em ambos os lados; na crucifixão, no entanto, havia o preto de um lado e o branco do outro. O mal nunca seria mais forte do que foi naquele dia em especial; pois a pior coisa que o mal pode fazer não é bombardear as cidades, matar crianças e promover guerras. A pior coisa que o mal pode fazer é matar o bem. Derrotado nisso, nunca poderia ser novamente vitorioso.

A bondade diante do mal deve sofrer, pois, quando o amor encontra o pecado, será crucificado. Um Deus que expõe Seu Sagrado Coração como demonstração pública de Seu amor, como o fez Nosso Senhor quando se tornou homem, deveria estar preparado para tê-lo bicado por galhas.⁴ Entretanto, ao mesmo tempo, a bondade utilizou aquele mesmo sofrimento como condição de vencer o mal. O bem arrebatou toda a raiva, ira e ódio e implorou “perdão”; tomou a vida e ofereceu-a por outro. Conseqüentemente, para Ele, era oportuno sofrer para ingressar na glória. O mal, vencido de armadura completa e no instante do ápice monumental, poderia, no futuro, vencer algumas batalhas, mas nunca ganharia a guerra.

Não haveria qualquer esperança para um mundo ferido se esta fosse oferecida por um Confúcio, um Buda, ou mesmo por um Cristo que tivesse ensinado a bondade e depois se decompusse numa tumba. Asas quebradas não podem ser curadas pelo humanismo, que é a irmandade sem lágrimas; ou por um Cristo gentil que não tem outra fonte de conhecimento diversa de qualquer outro mestre e que, no fim, como eles, não pode romper os grilhões

da morte, nem provar que a verdade esmagada na terra pode ressurgir novamente.

Esse resumo que Nosso Senhor ofereceu de Sua vida lançou o desafio aos homens e O colocou fora da história. Que certeza existiria de que o mal não triunfaria sobre o bem? Suponhamos que Ele fosse apenas um homem bom ou o maior moralista que o mundo já viu. Então que certeza existiria para a vitória da virtude? Qual inspiração para o sacrifício? Se Ele, que veio à terra para ensinar a dignidade da alma humana, que podia desafiar um mundo pecador a condená-Lo pelo pecado, que no momento da morte podia perdoar os inimigos, não tinha outro desenlace e destino senão restar pendurado em um madeiro ordinário com criminosos e ladrões comuns para promover um espetáculo público de barbárie e sadismo, aí, então, todos os homens desesperadamente perguntariam: “Se é isso o que acontece com um homem bom, por que alguém deveria levar uma vida honesta?”. Nesse caso, a maior de todas as injustiças ficaria sem reparação e a mais nobre de todas as vidas se esvairia sem justificativa. Quaisquer que sejam os elogios que possamos fazer aos Seus ensinamentos, à Sua paciência sob os golpes, à Sua humildade diante das multidões — eles não O tornam o Senhor da morte e da vida; ao contrário, tornam vãs tais virtudes, pois não têm recompensa.

Ao dizer que Ele tinha de sofrer, Cristo glorificou Seu Pai. Admiremos o quanto quisermos a santidade, mas o que pensar de um Deus que olha para o espetáculo da Inocência caminhando para o patíbulo e não remove os cravos, dando, no lugar, um cetro? Ou o que pensar de um Deus que não envia um anjo para arrebatá-la coroa de espinhos e pôr no lugar uma guirlanda? Será Deus um partícipe ao dizer que a vida mais nobre que já andou por esta terra é impotente perante os atos malignos dos homens? O que a humanidade deve pensar sobre a natureza humana, se a flor alva de uma vida sem mácula é esmagada sob as botinas rústicas dos executores romanos e, então, destinada a definhar como as flores maceradas? Não exalaria maior odor pestilento por conta da doçura primeva e nos faria odiar não só o Deus que não se importou com a verdade e o amor, mas até mesmo nossos semelhantes, por serem partícipes de Sua morte? Se esse é o fim da bondade, então, por que, afinal, ser bom? Se isso é o que acontece à justiça, deixemos que reine a anarquia!

No entanto, Nosso Senhor tomou o pior que o mundo tinha a oferecer e, assim, pelo poder de Deus, elevou-se acima disso; se Ele, o desarmado, podia fazer a guerra sem arma alguma senão a bondade e o perdão, de modo que a

morte era ganho e aqueles que O mataram, perdedores, então, quem não deveria ter esperança? Quem se desesperaria diante de qualquer vitória momentânea do mal? Quem deveria deixar de confiar ao ver andar nas trevas o Senhor Ressuscitado com as cicatrizes gloriosas nas mãos, nos pés e no lado? A lei que Ele deu era clara: a vida é uma luta, a não ser que exista uma Cruz em nossas vidas, nunca haverá um sepulcro vazio; a não ser que exista uma coroa de espinhos em nossas vidas, nunca haverá o halo de luz; a não ser que exista uma Sexta-Feira Santa, nunca haverá um Domingo de Páscoa. Quando Ele disse “Venci o mundo”, não queria dizer que Seus discípulos ficariam imunes dos lamentos, das dores, do pesar e da crucifixão. Ele não deu uma paz que prometia banir a contenda, pois Deus detesta a paz daqueles que estão destinados à guerra. Se o Pai Celestial não poupou o próprio filho, Ele, o Filho Celestial, não pouparia Seus discípulos. O que a ressurreição oferecia não era a imunidade ao mal no mundo físico, mas a imunidade do pecado na alma.

O Divino Salvador nunca disse aos apóstolos “Seja bom e não sofrerá”, mas afirmou: “Neste mundo tereis tribulações” (São João 16,33). Ele também lhes disse que não temessem aqueles que matam o corpo, mas, antes, que temessem quem pode matar a alma (São Mateus 10,28). Agora disse aos apóstolos que Sua vida era um modelo para todos os seus seguidores; que eram encorajados a assumir o pior que a vida tinha a oferecer com coragem e serenidade. Afirmou que todos os sofrimentos eram como a sombra de “Sua mão estendida, acariciando-os”. Não era como um talismã para prometer defesa das provações; ao contrário, como um capitão, ingressou na batalha para inspirar os homens a transfigurar algumas das maiores dores da vida em maior proveito da vida espiritual. Foi a Cruz de Cristo que elevou as questões da vida; foi a Ressurreição que as respondeu. Não o Cristo feminizado, mas o viril, é o que desfralda no próprio corpo o testemunho da vitória diante de um mundo mau — a flâmula estriada das chagas da Salvação. Como descreveu o poeta Edward Shillito: “Nenhum falso deus, isento de dor e pesar, pode consolar-nos nesses dias”.

JESUS DAS CHAGAS

Se nunca buscamos, buscamos-Te neste instante

Teus olhos, incandescentes, rasgam as trevas, nossos únicos
astros
Devemos ver os espinhos de Tua fronte
Devemos tê-Lo, ó Jesus das Chagas

Os Céus nos amedrontam; demasiado calmos
Em todo o universo não temos assento
Nossas feridas nos afligem; onde está o bálsamo?
Senhor Jesus, por Tuas Chagas, clamamos Tua graça.

Se, quando em portas cerradas, Tu Te aproximas
Revela apenas aquelas mãos, aquele Teu lado
Hoje sabemos o que são feridas, não as tememos
Mostra-nos Tuas Chagas, conhecemos o contrassinal.

Os outros deuses eram fortes; mas Tu ficaste fraco;
Tiranzaram, mas Tu encontraste, por acaso, um trono;
Todavia, às nossas feridas, somente as Chagas de Deus podem
falar,
E nenhum deus tem feridas, mas apenas Tu.⁵
Edward Shillito (1872-1948)

Notas

4 | O autor faz referência à fala de Iago na peça *Otelo*, de William Shakespeare (Ato I, cena I), em que se utiliza a expressão inglesa “*to wear my heart upon my sleeve*”, oriunda do antigo costume medieval do cavaleiro amarrar a fita com as cores da amada no braço ao lutar como maneira de demonstrar afeição. (N. T.)

5 | No original: *If we have never sought, we seek Thee now;/ Thine eyes burn through the dark, our only stars;/ We must have sight of thorn-pricks on Thy brow,/ We must have Thee, O Jesus of the Scars.*

The heavens frighten us; they are too calm;/ In all the universe we have no place./ Our wounds are hurting us; where is the balm?/ Lord Jesus, by Thy Scars, we claim Thy grace.

If, when the doors are shut, Thou drawest near,/ Only reveal those hands, that side of Thine;/ We know to-day what wounds are, have no fear,/ Show us Thy Scars, we know the countersign.

The other gods were strong; but Thou wast weak;/ They rode, but Thou didst stumble to a throne;/ But to our wounds only God's wounds can speak,/ And not a god has wounds, but Thou alone.

James Dalton Morrison (ed.), *Masterpiece of Religious Verse*. Harper & Brothers: Nova York. (N. T.)

PENITÊNCIA

De depois de ter narrado a própria autobiografia, Cristo escreveu a biografia de todos aqueles a quem redimiou; os frutos da Cruz agora devem aplicar-se a todos os povos e nações:

E que em seu nome se pregasse a penitência
e a remissão dos pecados a todas as nações,
começando por Jerusalém.
Vós sois as testemunhas de tudo isso.
(São Lucas 24,47-48)

O primeiro sermão que Cristo pregou foi sobre o tema do arrependimento:

Desde então, Jesus começou a pregar:
Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo.
(São Mateus 4,17)

O primeiro sermão de Pedro foi sobre o arrependimento; o primeiro sermão de Paulo foi sobre o arrependimento; o último sermão que Cristo pregou antes de ascender ao céu tinha o mesmo tema do primeiro. O arrependimento tinha de ser o fardo da doutrina do Novo Testamento. O arrependimento, assim, está ligado ao cumprimento de profecias antigas, mas,

acima de tudo, à aplicação da vitória da Redenção sobre o Calvário. Pedro, que ouviu essa mensagem, em breve também a estaria pregando:

Dele todos os profetas dão testemunho,
anunciando que todos os que nele creem recebem
o perdão dos pecados por meio de seu nome.
(Atos dos Apóstolos 10,43)

Arrependimento implica afastar-se do pecado e voltar-se para Deus. As quatro primeiras Beatitudes que Ele pregou foram uma descrição dessa mudança de coração interna e radical, a saber, a pobreza ou humildade de espírito, o choro pelo pecado, a mansidão, a fome e sede por amor a Deus. Na parábola do Filho Pródigo, Nosso Senhor traçara um quadro da alma penitente que “entrou em si”, como se o pecado o tivesse externalizado, e então voltou humildemente à casa do pai. Os anjos do céu, disse Ele, regozijam-se mais por um pecador que se arrepende que por 99 justos que não precisam de arrependimento; disse o Senhor que o publicano, nos fundos do templo, lamentando os próprios pecados, voltou para casa justificado. Agora, no discurso de despedida antes da Ascensão, chamou o mundo ao arrependimento.

Essa pregação do arrependimento tinha de começar em Jerusalém, pois a Salvação dirigia-se primeiro aos judeus. Naquela cidade, o grande Sacrifício foi oferecido pelos pecados do mundo; foi ali que o sacerdócio foi vagamente prefigurado com suas prerrogativas e oráculos. Foi ali que a profecia anunciou o Príncipe de Israel; e foi ali que Isaías disse:

Porque de Sião deve sair a lei,
e de Jerusalém, a palavra do Senhor.
(Isaías 2,3)

A ordem divina de começar a pregar a Redenção em Jerusalém foi uma marca de Sua grande compaixão; pois Ele estava direcionando os Apóstolos a irem àqueles que falsamente O tinham acusado e disse-lhes que era Advogado

deles; que intercederia por eles desde o alto; e, enfim, lhes garantia que, embora o tivessem flagelado, por suas Chagas, eles seriam sarados.

Tendo concluído sua autobiografia, Nosso Senhor lembrou-os mais uma vez do Espírito que prometera na noite da Última Ceia e cumprira, em parte, quando soprou sobre eles e deu-lhes o poder de perdoar pecados.

Eu vos mandarei o Prometido de meu Pai;
entretanto, permanecei na cidade,
até que sejais revestidos da força do alto.
(São Lucas 24,49)

Assim, Ele prometeu um aumento do Espírito além do que fora soprado sobre eles; de fato, seria um “poder do alto”. Contudo, para recebê-lo, deveriam esperar dez dias após a Ascensão. Esse poder seria maior do que o que foi dado a Moisés para conduzir Israel; maior do que o que foi dado a Josué para vencer os inimigos; maior que o que foi dado aos reis e profetas; e os capacitaria para proclamar a Redenção. Os apóstolos não compreenderam a natureza do poder; pois, para eles, significava um tipo de restauração de Israel:

Senhor, é porventura agora
que ides instaurar o reino de Israel?
(Atos dos Apóstolos 1,6)

Eles ainda estavam pensando nos velhos termos de um messias político e em fazer de Jerusalém o que César fizera de Roma. Mas Ele advertiu que não lhes competia saber tempos ou épocas; a fé num futuro brilhante não havia de instigar uma curiosidade presunçosa. Em todas as coisas eles haviam de esperar em Deus. O presente é o objeto exclusivo do dever apostólico; quanto ao futuro, alguns colherão onde não semearam.

Teriam poder, mas não o poder de restaurar Israel; seria um poder sobre almas vivas para canalizar o perdão e a graça armazenadas no reservatório do Calvário.

Mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força;
e sereis minhas testemunhas em Jerusalém,
em toda a Judeia e Samaria e até os confins do mundo.
(Atos dos Apóstolos 1,8)

Queriam um reino terreno; o Senhor falou de um reino espiritual. Queriam um retorno dos velhos tempos; o Senhor falou-lhes que seriam “testemunhas” de algo novo. E testemunhar significa ser mártir. O poder de Seu Espírito era compatível com a fraqueza humana. Eles podiam ser humanamente fracos como Paulo era em sua pregação, mas cheio de poder, por causa do Espírito. Estavam unidos pela ideia de uma nação: Israel; o Senhor incluiu o mundo inteiro em Sua visão.

O novo poder seria uma dádiva; não seria gerado desde dentro pela autoconfiança, por uma crença subjetiva de que alguém tinha influência sobre os outros ou por um truque psicológico de acreditar em si mesmo. Avivamentos organizados com base em propaganda atrairiam multidões, mas esses truques não poderiam produzir mais efeitos espirituais do que podiam produzir trovões e relâmpagos. Nesse momento solene em que Cristo está prestes a transferir o próprio mundo aos Seus 11, Ele voltou ao assunto da Última Ceia: o Espírito Santo. Assim como começou Sua vida pública com a descida do Espírito Santo, também eles haveriam de começar sua missão no mundo. O Espírito veio a Ele depois de Sua obediência à mãe e ao pai adotivo em Nazaré; assim o Espírito viria a eles depois da obediência a permanecerem em Jerusalém reunidos em oração. Quando esse poder viesse, eles seriam testemunhas não só de Seus milagres, de Suas profecias ou de Seus mandamentos morais, mas de sua Pessoa. Como no Monte das Bem-Aventuranças, Ele reafirmou que não há doutrina à parte de Sua Pessoa. Já não se pode escolher acreditar em Suas palavras acerca dos lírios e desacreditar de Suas palavras sobre o inferno, nem acreditar em Seu Corpo e não em Seu Sangue. Com a afirmação de que o cristianismo é o próprio Cristo, Ele preparou-se para ascender ao Pai.

A ASCENSÃO

Naqueles quarenta dias após Sua Ressurreição, Nosso Senhor Divino estava preparando os apóstolos para suportar a perda de Sua presença por meio do Consolador que estava por vir.

E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão,
com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias
e falando das coisas do Reino de Deus.
(Atos dos Apóstolos 1,3)

Não foi um período em que dispensou dons, mas, antes, um período em que deu as leis e preparou a estrutura de Seu Corpo Místico, a Igreja. Moisés jejuara por dias antes de dar as Leis; Elias jejuara quarenta dias antes da restauração da Lei; e, agora, por quarenta dias o Salvador Ressuscitado fixou os pilares de Sua Igreja e a nova Lei do Evangelho. No entanto, os quarenta dias estavam por acabar, e os apóstolos foram convidados a esperar até o quinquagésimo dia — o dia do jubileu.

Cristo os conduziu até Betânia, que deveria ser o cenário do último adeus; não na Galileia, mas em Jerusalém, onde sofrera, seria o local de Seu retorno para a casa do Pai Celestial. Completado o Seu sacrifício, prestes a ascender ao trono dos céus, ergueu as mãos com as marcas dos cravos para o alto. Esse gesto seria uma das últimas lembranças que os apóstolos teriam, exceto uma. As mãos foram, primeiro, erguidas aos céus e depois abaixadas para o chão como se baixassem as bênçãos sobre os homens. As mãos perfuradas concedem melhor as bênçãos. No Livro do Levítico, após a leitura da promessa profética

do Messias, vem a bênção do Sumo Sacerdote; igualmente, também, após demonstrar que todas as profecias se cumpriram Nele, preparou-se para ingressar no Santuário sagrado. As mãos que seguraram o cetro da autoridade no céu e na terra agora davam a bênção final:

Enquanto os abençoava, separou-se deles e foi arrebatado ao céu.

(São Lucas 24,51)

Depois que o Senhor Jesus lhes falou,
foi levado ao céu e está sentado à direita de Deus.

(São Marcos 16,19)

Depois de o terem adorado,
voltaram para Jerusalém com grande júbilo.

E permaneciam no templo,
louvando e bendizendo a Deus.

(São Lucas 24,52-53)

Se Cristo tivesse permanecido na terra, a visão teria substituído a fé. Nos céus, não haveria fé, porque Seus seguidores teriam a visão; não haveria esperança, porque teriam o gozo, mas haveria o amor pelo amor que duraria para sempre! Sua despedida da terra combinou a Cruz e a Coroa que regeu até o mais ínfimo detalhe de Sua vida. A ascensão ocorreu no Monte das Oliveiras, em cujo sopé está Betânia. Levou os apóstolos através da Betânia, o que significava passar pelo Getsêmani e no exato local em que chorou sobre Jerusalém! Não foi de um trono, mas de uma montanha elevada acima do jardim com as oliveiras tingidas por Seu sangue rubro que ofereceu a manifestação final de Seu poder divino! Seu coração não foi amargurado pela Cruz, pois a Ascensão era o fruto de Sua crucifixão. Como disse, era conveniente que sofresse para entrar em Sua glória.

Na Ascensão, o Salvador não pôs de lado as vestes da carne com as quais fora revestido; pois Sua natureza humana seria o padrão da glória futura de

outras naturezas humanas que se incorporariam a Ele ao partilhar Sua vida. Intrínseca e profunda era a relação entre Sua Encarnação e Ascensão. A Encarnação ou a admissão da natureza humana tornou possível para Ele sofrer e redimir. A Ascensão exaltou à glória aquela mesma natureza humana que foi humilhada à morte.

A coroação na terra, em vez da Ascensão aos céus, teria confinado à terra as ideias humanas a respeito Dele. No entanto, a Ascensão faria com que mentes e corações humanos ascendessem acima da terra. Em relação a Si mesmo, era conveniente que a natureza humana que assumiu como instrumento para ensinar, governar e santificar devesse partilhar a glória assim como partilhou o opróbrio. Era muito difícil acreditar que Ele, Homem de Dores e íntimo do pesar, era o Filho amado em quem o Pai se aprazia. Era difícil acreditar que Ele, que não desceu da Cruz, poderia ascender aos céus ou que a glória momentânea que brilhou sobre Ele no monte da Transfiguração era um bem permanente. A Ascensão afastou as dúvidas ao introduzir Sua natureza humana em comunhão íntima e eterna com Deus.

A natureza humana que Ele assumiu foi ridicularizada como profeta quando O vendaram e pediram que dissesse quem O golpearia; foi ridicularizado como rei quando puseram Nele vestes falsas de realeza e Lhe deram um caniço como cetro; por fim, foi ridicularizado como sacerdote quando O desafiaram, a Ele, que se oferecia como vítima, a descer da Cruz. Por intermédio da Ascensão, Seu triplo ofício de Mestre, Rei e Sacerdote foi justificado. No entanto, a justificação seria completada quando Ele viesse em justiça como Juiz dos homens na natureza humana que tomou dos homens. Nenhum réu de juízo pode reclamar que Deus não conhece as provações a que os homens estão sujeitos. Sua própria aparência como o Filho do Homem comprovaria que Ele lutara as mesmas batalhas como homem e suportara as mesmas tentações como qualquer um que enfrente o tribunal de justiça. Seu julgamento imediatamente encontraria eco nos corações.

Outro motivo para a Ascensão foi que Ele podia advogar junto ao Pai com a natureza humana comum ao restante dos homens. Podia agora, por assim dizer, mostrar as cicatrizes de Sua glória não só como troféus da vitória, mas também como símbolos de intercessão. Na noite em que foi para o jardim, rezou como se já estivesse à direita do Pai em Sua morada celestial; pronunciou uma prece que não era de quem estava para morrer, mas de um redentor inflamado:

Manifestei-lhes o teu nome,
e ainda hei de lho manifestar,
para que o amor com que me amaste
esteja neles, e eu neles.
(São João 17,26)

Embora nos céus, não seria somente um advogado dos homens junto ao Pai, mas também enviaria o Espírito Santo como advogado do homem junto Dele. O Cristo à direita do Pai representaria a humanidade diante do trono do Pai; o Espírito Santo, ao permanecer com os fiéis, representaria neles o Cristo que foi estar junto ao Pai. Na Ascensão, Cristo levou nossas necessidades ao Pai; graças ao Espírito, Cristo, o Redentor, seria levado aos corações de todos os que Nele viessem a crer.

A Ascensão daria a Cristo o direito de interceder com grande poder pelos mortais:

Temos, portanto, um grande Sumo Sacerdote
que penetrou nos céus, Jesus, Filho de Deus.
Conservemos firme a nossa fé.
(Hebreus 4,14)

CRISTO ASSUME UM NOVO CORPO

Dez dias após a Ascensão, os apóstolos estavam reunidos, esperando o Espírito que lhes ensinaria e revelaria tudo que Nosso Bendito Senhor lhes havia ensinado. Durante a vida pública, o Senhor lhes disse que assumiria um novo corpo. Não seria físico, como aquele que recebeu de Maria. Esse Corpo está agora glorificado à destra do Pai. Tampouco seria um corpo moral, como um clube social que deriva sua unidade da vontade dos homens. Antes, Seu novo Corpo social estaria ligado a Ele mediante o Espírito Celestial que havia de ser enviado sobre a terra. Ele falou de Seu novo Corpo algumas vezes como um Reino, embora São Paulo falasse dele como um Corpo que os gentios podiam compreender prontamente. Contou aos apóstolos a natureza desse novo Corpo. Teria sete características principais.

1. Disse-lhes que, para ser membro de Seu novo Corpo, os homens teriam de nascer nele. Mas não seria mediante um nascimento humano, pois este cria filhos de Adão; para ser membro de Seu novo Corpo é necessário nascer de novo pelo Espírito nas águas do batismo, que gera filhos adotivos de Deus.

2. A unidade entre o novo Corpo e Ele não se daria mediante a cantoria de hinos a Ele, nem de chás sociais em Seu nome, nem na audição de transmissões de rádio, mas pelo compartilhar de Sua vida:

Assim também vós:
não podeis tampouco dar fruto,
se não permanecerdes em mim.
Eu sou a videira;
vós, os ramos.

(São João 15,4-5)

3. Seu novo Corpo seria como todas as coisas vivas, pequeno no início — até mesmo, conforme Ele disse, “como um grão de mostarda” —, mas cresceria da simplicidade para a complexidade até a consumação dos séculos. Nas palavras Dele:

Pois a terra por si mesma produz,
primeiro a planta, depois a espiga e,
por último, o grão abundante na espiga.
(São Marcos 4,28)

4. Uma casa se expande de fora para dentro, pela adição de tijolo por tijolo; organizações humanas crescem pela adição de homem a homem, isto é, da circunferência para o centro. Seu Corpo, disse Ele, seria formado de dentro para fora, como um embrião vivo se forma no corpo humano. Assim como Ele recebeu vida do Pai, os fiéis receberiam vida Dele. Como Ele mesmo disse:

Para que todos sejam um,
assim como tu, Pai,
estás em mim e eu em ti,
(São João 17,21)

5. Nosso Senhor disse que teria um só Corpo. Seria uma monstruosidade espiritual que tivesse muitos corpos ou uma dúzia de cabeças. Para mantê-lo uno, teria um pastor, a quem Ele ordenou que alimentasse Seus cordeiros e ovelhas.

Haverá um só rebanho e um só pastor.
(São João 10,16)

6. Disse que Seu novo Corpo não se manifestaria diante dos homens até o dia de Pentecostes, quando enviaria o Espírito da Verdade.

Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós.
(São João 16,7)

O que quer que começasse, portanto, até mesmo 24 horas depois do Pentecostes ou 24 horas antes seria uma organização; podia ter o espírito humano, mas não teria o Espírito Divino.

7. A observação mais interessante que Ele fez acerca de Seu Corpo foi que este seria odiado pelo mundo, assim como Ele o foi. O mundo ama qualquer coisa mundana. O que é divino, no entanto, o mundo odeia.

Como, porém, não sois do mundo,
mas do mundo vos escolhi,
por isso o mundo vos odeia.
(São João 15,19)

O núcleo desse novo Corpo Místico eram os apóstolos. Eles seriam a matéria bruta sobre a qual Ele enviaria Seu Espírito para animá-los em Seu Ser Prolongado. Eles o representariam quando partisse. O privilégio de evangelizar o mundo lhes estava reservado. Esse novo Corpo, do qual eram o embrião, seria Seu Ser póstumo, e Sua Personalidade prolongada pelos séculos.

Até que Nosso Senhor enviasse o Espírito sobre eles cinquenta dias após a Ressurreição, os apóstolos estavam como elementos num laboratório de química. A ciência conhece até 100% dos elementos químicos que entram na constituição de um corpo humano, mas ela não pode gerar um corpo humano por sua incapacidade de prover o princípio unificador, a alma. Os apóstolos não podiam dar vida à Igreja Divina mais dos que os elementos químicos podem gerar uma vida humana. Eles precisavam do Espírito Divino do Deus invisível para unificar sua natureza humana visível.

Consequentemente, dez dias após a Ascensão, o Salvador Glorificado no Céu enviou sobre eles Seu Espírito, não em forma de um livro, mas como

língua de fogo vivo. Como células num corpo formam uma nova vida humana quando Deus sopra uma alma no embrião, assim também os apóstolos apareceram como o Corpo visível de Cristo quando o Espírito Santo veio para torná-los um. Esse Corpo Místico ou a Igreja é chamado na tradição e na Escritura de “Cristo total” ou “a plenitude de Cristo”.

O novo Corpo de Cristo apareceu publicamente diante dos homens. Como o Filho de Deus assumiu em si a natureza humana do ventre de Maria, envolto pelo Espírito Santo, também no Pentecostes Ele tomou um Corpo Místico do ventre da humanidade, envolto pelo Espírito Santo. Exatamente como Ele outrora ensinou, governou e santificou mediante Sua natureza humana, agora continuaria a ensinar, governar e santificar mediante outras naturezas humanas unidas a Seu Corpo ou Igreja.

Como esse corpo não é físico como um homem, nem moral como um clube de *bridge*, mas celestial e espiritual porque o Espírito o fez um, é chamado de Corpo Místico. Da mesma forma que o corpo humano é formado por milhões e milhões de células e ainda assim é um porque vivificado por uma alma, presidida por uma cabeça visível e governada por uma mente invisível, também esse Corpo de Cristo, embora formado por milhões e milhões de pessoas que são incorporadas a Ele pelo batismo, é um porque vivificado pelo Espírito Santo de Deus e presidido por uma cabeça visível e governada por uma Mente invisível ou Cabeça Que é o Cristo Ressurreto.

O Corpo Místico é um prolongamento do Ser de Cristo. São Paulo chegou a compreender essa verdade. Talvez jamais tenha vivido alguém que odiou a Cristo mais que Saulo. Os primeiros membros do Corpo Místico de Cristo oraram para que Deus enviasse alguém para refutar Saulo. Deus ouviu a oração deles — e enviou Paulo para responder a Saulo. Um dia, o perseguidor, respirando ódio, seguia em direção a Damasco para prender os membros do Corpo Místico de Cristo ali e trazê-los de volta a Jerusalém. A ocasião se deu apenas alguns anos após a Ascensão de Nosso Salvador Divino, e Nosso Senhor estava agora glorificado no céu. De repente, brilhou uma grande luz sobre Saulo, e este caiu por terra. Despertado por uma Voz semelhante à rebentação do mar, ele ouviu:

Saulo, Saulo, por que me persegues?
(Atos dos Apóstolos 9,4)

A insignificância ousou perguntar o nome da Onipotência:

Quem és, Senhor?

E a Voz respondeu:

Eu sou Jesus, a quem tu persegues.
(Atos dos Apóstolos 9,5)

Como era possível que Saulo estivesse perseguindo Nosso Senhor que estava glorificado no céu? Por que a Voz do Céu havia de dizer “Saulo, Saulo, por que Me persegues?”?

Se alguém pisa no pé, a cabeça não se queixaria porque é parte do corpo? Nosso Senhor estava agora dizendo que, ao atacar Seu Corpo, Paulo estava O atacando. Quando o Corpo de Cristo era perseguido, era Cristo, a Cabeça Invisível que se erguia para falar e protestar. O Corpo Místico de Cristo, portanto, não permanece entre Ele e um indivíduo mais do que Seu corpo físico permaneceu entre Madalena e Seu perdão, ou Sua mão permaneceu entre os pequeninos e Sua bênção. Foi por meio de Seu Corpo humano que Ele veio aos homens em Sua vida individual; é por meio de Seu Corpo Místico ou Sua Igreja que Ele vem aos homens em sua vida mística corporativa.

Cristo está vivo agora! Está ensinando agora, governando agora, santificando agora — como o fez na Judeia e na Galileia. Seu Corpo Místico, ou a Igreja, já existia durante o Império Romano antes de qualquer um dos Evangelhos ter sido escrito. Foi o Novo Testamento que veio da Igreja, não a Igreja que veio do Novo Testamento. Esse corpo tinha quatro marcas distintivas de vida: tinha *unidade*, porque vivificada por uma Alma, um Espírito, o dom de Pentecostes. Assim como unidade na doutrina e autoridade são a força centrípeta que mantém a vida da Igreja una, a *catolicidade* é a força centrífuga que a capacita a expandir e absorver a humanidade redimida sem distinção de raça ou cor. A terceira nota da igreja é a *santidade*, o que quer dizer que ela permanece na condição que a mantém saudável, pura e livre da doença da heresia e do cisma. A santidade não está em cada membro, mas no todo da

Igreja. E porque o Espírito Santo é a alma da Igreja, esta pode ser o instrumento Divino para a santificação das almas. A luz do sol não é poluída porque seus raios passam por uma janela suja; nem os sacramentos perdem seu poder de santificar porque os instrumentos humanos desses sacramentos podem estar manchados. Por fim, há a obra da *apostolicidade*. Na biologia, *Omne vivum ex vivo*, ou “Toda vida vem da vida”. Assim também o Corpo Místico de Cristo é apostólico, porque historicamente tem suas raízes em Cristo e não num homem separado Dele por séculos. É por isso que a Igreja nascente teve de encontrar um sucessor de Judas que fosse testemunha da Ressurreição e companheiro dos Apóstolos.

Convém que destes homens
que têm estado em nossa companhia
todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós,
a começar do batismo de João
até o dia em que do nosso meio foi arrebatado,
um deles se torne conosco testemunha de sua Ressurreição.
(Atos dos Apóstolos 1,21-22)

Assim, o Cristo que se esvaziou a Si mesmo na Encarnação agora tinha Sua “plenitude” no Pentecostes. A *kenosis* ou humilhação é uma faceta de Seu Ser; o *pleroma* ou a continuação de Sua vida em Sua Noiva, Esposa, Corpo Místico ou Igreja é a outra. Assim como o esvaziamento da luz e do calor do sol clama pelo preenchimento da terra com sua energia radiante, também o curso descendente de Seu amor encontra a perfeição naquilo que São Paulo chama de Sua “plenitude” — a Igreja.

Muitos pensam que teriam crido Nele se tivessem vivido em Seus dias. Mas, na verdade, não teria havido nenhuma grande vantagem. Aqueles que não O veem como o Divino vivendo em Seu Corpo Místico hoje também não O teriam visto como o Divino vivendo em seu corpo físico. Se há escândalos em algumas células de Seu Corpo Místico, também havia escândalos em Seu corpo físico; ambos apresentam uma aparência humana que, em momentos de fraqueza ou crucifixão, exigem força moral para ver a Divindade. Nos dias da Galileia, era necessária a fé apoiada por motivos de credibilidade para acreditar

no Reino que Ele veio estabelecer, ou Seu Corpo Místico mediante o qual Ele santificaria os homens por Seu Espírito, depois da Crucifixão. Nesses dias, é necessária uma fé apoiada pelos mesmos motivos de credibilidade para acreditar na Cabeça, ou o Cristo invisível, governando, ensinando e santificando mediante Sua cabeça visível e Seu Corpo, a Igreja. Em todo caso, é necessária uma elevação. Para redimir os homens, Nosso Senhor disse a Nicodemos que Ele tinha de ser “levantado” no madeiro; para santificar os homens no Espírito, Ele tinha de ser “levantado” aos céus na Ascensão.

Cristo, portanto, ainda caminha sobre a terra, agora em Seu Corpo Místico, como outrora com Seu corpo físico. O Evangelho era a pré-história da Igreja, assim como a Igreja é a pós-história do Evangelho. Ele ainda é rejeitado na hospedaria, como o foi em Belém; novos Herodes com nomes soviéticos e chineses O perseguem com a espada; outros Satanases aparecem para tentá-Lo a pegar os atalhos da popularidade que o afastam da Cruz e da mortificação; Domingos de Ramos de grande triunfo chegaram a Ele, mas são prelúdios da Sexta-feira da Paixão; novas acusações (e geralmente de pessoas religiosas, como outrora) são levantadas contra Ele — que Ele é inimigo de César, é antipatriota e perverteria uma nação; pelo lado de fora, é apedrejado; pelo lado de dentro, é atacado por falsos irmãos; não faltam nem os Judas, chamados a ser apóstolos e prontos a traí-Lo e entregá-Lo ao inimigo; alguns dos discípulos que se vangloriavam de Seu nome já não caminham com Ele, porque — como os predecessores — consideram Seu ensino, particularmente sobre o Pão da Vida, muito “duro”.

No entanto, uma vez que nunca há morte sem Ressurreição, Seu Corpo Místico terá, no correr da história, milhares de mortes e milhares de ressurreições. Os sinos sempre dobrarão por Sua execução, mas a execução será eternamente adiada. Num dia final, em Seu Corpo Místico, virá a perseguição universal, quando Ele seguirá para a morte como antes, “padecendo sob Pôncio Pilatos”, sofrendo sob o poder onipotente do Estado. Mas, no fim, tudo que foi previsto de Abraão e Jerusalém virá a suceder em sua perfeição espiritual, quando Ele será glorificado em Seu Corpo Místico assim como foi glorificado em Seu corpo físico. Conforme o descreve São João apóstolo:

Vem, e mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro.
Levou-me em espírito a um grande e alto monte

e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém,
que descia do céu, de junto de Deus, revestida da glória de
Deus.

Assemelhava-se seu esplendor a uma pedra muito preciosa,
tal como o jaspe cristalino.

Tinha grande e alta muralha com 12 portas,
guardadas por 12 anjos.

Nas portas estavam gravados os nomes das 12 tribos dos filhos
de Israel.

Ao oriente havia três portas, ao setentrião três portas,
ao sul três portas e ao ocidente três portas.

A muralha da cidade tinha 12 fundamentos
com os nomes dos 12 apóstolos do Cordeiro.

Não vi nela, porém, templo algum,
porque o Senhor Deus Dominador é o seu templo,
assim como o Cordeiro.

A cidade não necessita de sol nem de lua para iluminar,
porque a glória de Deus a ilumina,
e a sua luz é o Cordeiro.

As nações andarão à sua luz,
e os reis da terra levar-lhe-ão a sua opulência.

As suas portas não se fecharão diariamente,
pois não haverá noite.

Levar-lhe-ão a opulência e a honra das nações.

Aquele que atesta estas coisas diz: Sim!

Eu venho depressa! Amém.

Vem, Senhor Jesus!

A graça do Senhor Jesus esteja com todos.

(Apocalipse 21,19-14.22-26; 22,20-21)

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITOR RESPONSÁVEL

Hugo Langone

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Luana Luz de Freitas

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Juliana Pitanga

Laís Curvão

REVISÃO

Laís Curvão

Raquel Rimas

DIAGRAMAÇÃO

Elza Ramos

CAPA

Victor Burton

PRODUÇÃO DO EBOOK

Ranna Studio



SÃO JOSÉ

O homem simples que aceitou a missão
de ser pai do filho de Deus



petra

São José

, Editora Petra
9788582780626
80 páginas

[Compre agora e leia](#)

COLEÇÃO SANTOS DA NOSSA VIDA Um dos santos com maior número de devotos no Brasil, São José não diz uma só palavra na Bíblia. Toda a sua vida transcorreu no mais absoluto silêncio. No entanto, a ele foi confiada uma missão muitíssimo especial: cuidar de Maria e de Jesus. Foi ele quem ensinou o Menino a andar, a trabalhar, a rezar. Neste livro, você encontrará detalhes sobre a vida deste querido santo e reflexões acerca do muito que José pode nos mostrar sobre o amor, a humildade e a fé.

[Compre agora e leia](#)

Pe. REGINALDO
MANZOTTI



*Em 20 anos
de sacerdócio,
milhões de
pessoas já foram
abençoadas*

Encontros

*Jesus quer encontrar
você para curar* frustração,
angústia, tristeza, medo,
cegueira espiritual, vazio interior,
baixa autoestima e decepção

Encontros

Manzotti, Pe. Reginaldo

9788582780459

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que a samaritana, Mateus, Maria Madalena, Pedro, Paulo, Nicodemos, Zaqueu e os discípulos de Emaús têm em comum? A resposta é fácil: todos vivenciaram um encontro com Jesus Cristo que transformou suas vidas para sempre. Em Encontros, livro que encerra a trilogia Sinais do sagrado, Pe. Reginaldo Manzotti reúne essas personagens bíblicas para nos recordar que Cristo também quer fazer conosco o que um dia fez com elas: restaurar por completo nossa vida interior, não deixando nada ali que não seja amor, confiança, alegria e perdão. Nestas páginas, o leitor brasileiro volta a encontrar as palavras simples, profundas e misericordiosas deste padre que se tornou referência de evangelização no Brasil. Por suas mãos, descobriremos os caminhos que a fé nos oferece para superarmos as frustrações, as angústias, a tristeza, o medo, a cegueira espiritual, o vazio interior, a baixa autoestima e as decepções da vida. Encontros é um daqueles livros que nos oferecem a incomparável oportunidade de entregarmos nossas fraquezas ao Senhor e sermos profundamente renovados.

[Compre agora e leia](#)



**O MAIOR
FILOSOFO
QUE JA
EXISTIU**

AS RESPOSTAS
DE CRISTO AS
PERGUNTAS MAIS
IMPORTANTES DE
NOSSAS VIDAS

**PETER
KREEFT**

petra

Jesus, o maior filósofo que já existiu

Kreeft, Peter

9788582780435

152 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sabemos que Jesus dividiu a história entre a.C. e b.C., que anunciou a salvação a judeus e gentios, que inspirou seus discípulos a se espalharem pelo mundo, que comoveu corações endurecidos por meio de uma mensagem repleta de amor e misericórdia. Por isso, falar dele como um filósofo pode parecer estranho. Em Jesus, o maior filósofo que já existiu, Peter Kreeft nos faz perceber que a figura mais importante da humanidade não somente contribuiu para a filosofia, mas também realizou a maior revolução já vista na história do pensamento, dando-nos respostas seguras às questões mais importantes de nossas vidas.

[Compre agora e leia](#)

Venha, seja Minha luz

*Organização e
comentários de Brian
Kolodiejchuk*

*Os escritos
privados da
santa de Calcutá*

petra

Santa Teresa de Calcutá

Venha, Seja Minha Luz

de Calcutá, Teresa

9788582780251

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

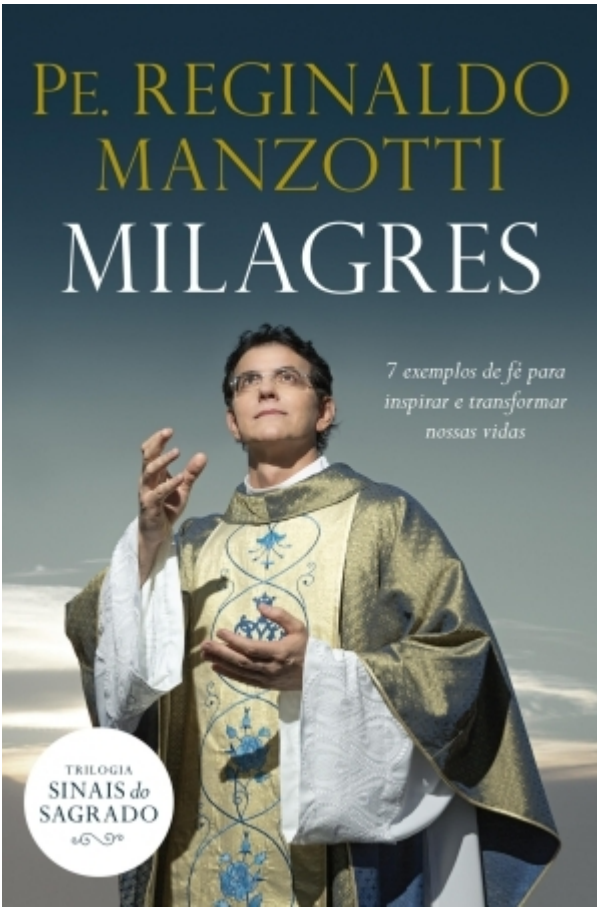
Este livro revelador é, antes de mais nada, um profundo mergulho na alma de uma das mulheres mais importantes de nossa era. Apresentando-nos as cartas e anotações íntimas que Madre Teresa de Calcutá enviou a seus diretores espirituais e conselheiros, suas páginas expõem detalhes impressionantes e muito pouco conhecidos desta santa que dedicou sua vida inteira aos pobres e necessitados: seus diálogos milagrosos com Jesus, um voto privado que mudou sua vida por completo, sua angustiante aridez espiritual e, sobretudo, sua inflexível vontade de agradar a Deus.

[Compre agora e leia](#)

PE. REGINALDO MANZOTTI MILAGRES

*7 exemplos de fé para
inspirar e transformar
nossas vidas*

TRILOGIA
SINAIS do
SAGRADO



Milagres

Manzotti, Pe. Reginaldo

9788522030002

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos livros mais lidos do País - lista da revista Veja (edição 201422) Este é o novo livro do padre Reginaldo Manzotti. Milagres apresenta uma seleção cuidadosa feita diretamente pelo padre a partir das Sagradas Escrituras: são sete milagres de Jesus que podem mudar nossas vidas. Como? Conhecendo, compreendendo e agindo. Na correria do dia a dia, estamos desatentos aos sinais enviados pelo Criador. Eles existem, com certeza, embora nem sempre sejam tão palpáveis quanto os milagres realizados por Jesus. Porém, são sinais igualmente transformadores. O primeiro passo para adotarmos uma nova atitude é doutrinar o olhar para aprender a enxergar as manifestações divinas. Eis a missão desta que é a primeira obra da trilogia Sinais do Sagrado. Mais do que folhear as páginas para obter informações, o que o autor propõe a você é uma consulta atenta e sem pressa. Não no tempo dos ponteiros do relógio, mas no da alma sedenta por sabedoria. Faça deste livro um momento de encontro com Deus e com a sua própria essência renovada por meio da Palavra divina. Se preferir, você pode ler um trecho a cada dia. Sozinho ou em grupo. Trata-se de uma proposta de leitura que alimenta a fé e fortalece a união com Deus.

[Compre agora e leia](#)